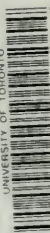


UNIVERSITY OF TORONTO



3 1761 01798423 8

CORRESPONDÊNCIA DIPLOMÁTICA

DE

FRANCISCO DE SOUSA COUTINHO

DURANTE A SUA EMBaixADA
EM HOLANDA

Academia das Ciências de Lisboa

CORRESPONDÊNCIA DIPLOMÁTICA

DE

FRANCISCO DE SOUSA COUTINHO

DURANTE A SUA EMBAIXADA
EM HOLANDA

PUBLICADA POR

Edgar Prestage

Socio efectivo da Rial Sociedade historica de Inglaterra,
sócio correspondente da Rial Academia da Historia de Madrid e da Academia das Sciências
de Lisboa

E

Pedro de Azevedo

Socio efectivo da Academia das Sciências de Lisbon

VOLUME I

1643-1646

ELECTRONIC VERSION
AVAILABLE

NO. P:R08022
WTL-0005A



COIMBRA

IMPRESA DA UNIVERSIDADE

1920

DF
654
S6A4
1920
V.1
610435
4.7.55



FREDERIC HENRIK
PRINCE VAN ORANGE.

geboren 28 Februari 1584 gestorven 14 Maart 1627.

PREFÁCIO

A correspondência oficial de Francisco de Sousa Coutinho, no tempo em que foi embaixador português em Holanda, começa em 14 de Julho de 1643, dia de sua primeira audiência dos Estados, e vai até os fins de 1650. A parte que se publica neste volume abrange os anos de 1643 a 1646 e consiste no seguinte:

1) Cartas dele ao Rei e ao Secretário de Estado Pedro Vieira da Silva, sucessor do infeliz Francisco de Lucena, que existem no copiadór intitulado « Livro das Cartas de S. Mag.^{de} que se lhe escrevem de Hollanda » no Arquivo Nacional da Torre do Tombo, códice 1:341 da colecção « Conselho Geral do Santo Officio ».

2) Cartas dele ao Conde da Vidigueira, embaixador em Paris, que existem originaes no códice 2:666 (1) do núcleo geral da Biblioteca Nacional de Lisboa.

Há também algumas cartas dirigidas ao Dr. António Moniz de Carvalho (Residente em Paris depois da saída do Conde), cujas cópias se encontram no referido códice 2:666 e no códice CVI-2-7 da Biblioteca de Évora.

O Conde era uma espécie de diplomata em chefe, encarregado de orientar e coordenar os trabalhos dos outros representantes de Portugal

(1) Depois de encadernado este volume no século XVII (?) cortaram-lhe algumas folhas, entre elas 135 e 136 e 319 a 323.

no estrangeiro, os quais tinham ordem de manter com elle correspondência regular.

3) *Cartas do Rei* (1) a Sousa Coutinho: das poucas que chegaram até nós, todas cópias, o paradeiro indica-se em seguida a cada uma.

Transcrevemos todas as cartas na ortografia original, mas desdobramos as abreviaturas e melhoramos a pontuação; também, para poupar repetição inútil, riscamos as palavras de cumprimento no principio e fim, assim como as assinaturas.

Todas as cartas de Sousa Coutinho foram escritas da Haia.

Omitimos as cartas e os memoriais dirigidos pelo embaixador aos Estados Gerais, que hão de entrar num livro que o Sr. Conde de Torar tem em preparação e que constitue um quadro elementar das relações diplomáticas e políticas entre Portugal e Holanda, suplemento à grande obra do Visconde de Santarém.

Para não avolumar mais este livro, deixamos as cartas dirigidas pelo Conde da Vidigueira a Sousa Coutinho para serem impressas pelo futuro publicador da correspondência do Conde.

No Apêndice reem alguns documentos elucidativos, aos quais se faz referência na Introdução; o paradeiro deles se indica em seguida a cada um.

Aproveitamos a ocasião para agradecer aos copistas Srs. Isidoro Fernandes e Álvaro Valdeç, ambos da Torre do Tombo, a maneira conscienciosa com que fizeram as transcrições. A impressão das cartas de Sousa Coutinho ao Conde da Vidigueira urgia, porque as margens de muitas dellas estão bastante deterioradas, devido ao cansaço do papel, e ao péssimo estado da encadernação; já hoje são ilegíveis várias palavras e com mais manuseio hão de perder-se linhas inteiras. Sirva isto de explicação de nós termos feito uma edição completa das cartas, em que entram algumas de somenos importância e com repetições, porque às vezes Sousa Coutinho diz por outras palavras ao Conde o que já tinha referido ao Rei.

(1) Na linguagem diplomática estas chamam-se « despachos »; as cartas do embaixador são « officios ».

O retrato de Frederico Henrique, Príncipe de Orange, é reproduzido das « Mémoires » do mesmo publicadas em Amsterdam em 1733, sendo gravador dele o artista célebre Bernardo Picart. Procurámos, sem resultado, um retrato de Sousa Coutinho, não se sabendo até se êle chegou a ser pintado.

E. P.

P. de A.

INTRODUÇÃO

Em seguida à Revolução de 1 de Dezembro de 1640, havia em Portugal a ambição de recuperar aquela grande parte do imperio ultramarino no Brasil, na costa de África e no Oriente, de que as Companhias holandesas das Indias Orientais e Ocidentais se tinham apoderado no tempo dos Filipes.

Os portugueses diziam que nunca haviam tido desavenças com Holanda, tendo sido arrastados para a guerra por Castela, e que agora que êles se tinham libertado do jugo estranho, o reatamento das relações amigáveis entre Portugal e Holanda que apeteciam, devia trazer consigo a restituição por esta potência àquela das conquistas.

Para a realização dêste empenho o govêrno de Lisboa estava pronto a dar o equivalente em dinheiro, e mandou Tristão de Mendonça Furtado a Haia na primavera de 1641 a fim de negociar uma trégua de dez anos com os Estados, dentro do qual prazo a questão podia ser liquidada.

O Embaixador não foi autorizado a oferecer uma paz immediata, porque dada a pretensão portuguesa a que já me referi, e os interesses de Holanda em sentido contrário, seria a negociação difficil e longa e o tempo urgia. Para a guerra com Castela que se antevia próxima, era preciso obter tanto o reconhecimento da independência nacional por França, inimigo principal da Casa de Áustria, como o apoio moral e material dêste país e de seus aliados, e entre estes sobretudo de Holanda. Para chegar a êste efeito necessitava-se em primeiro lugar de fazer cessar as hostilidades, porque Portugal

não tinha forças para poder ficar em guerra ao mesmo tempo com Holanda e Castela; e além disso era em Holanda que se podiam obter melhor e mais barato que em outra parte navios, engenheiros, armas e munições que em Portugal faltavam.

Tristão de Mendonça cedo se convenceu de que as Companhias holandesas nunca largariam as praças que tinham ganho com tanto dispêndio de sangue e dinheiro e que lhes davam lucros avultados, tendo de desistir da sua proposta neste sentido, de maneira que pelo mal redigido tratado que se assinou com os Estados em 12 de Junho de 1641 foi mantido o *status quo* territorial. Elle tinha alvitraço como alternativa que as duas nações se unissem para atacar as Índias de Castela e que Portugal cedesse a sua parte no ganho em troca das capitánias do Brasil holandès, mas só conseguiu uma cláusula que dizia que os tais ganhos fôsem repartidos igualmente e que os artigos do tratado pudessem ser modificados de comum acôrdo, o que era evidente. Os holandeses consentiram nesta declaração sem valor para suavizar a recusa da matéria principal.

As Companhias desejavam, ou a paz immediata que as teria habilitado a gozar das suas conquistas em sossêgo, ou a continuação da guerra, que lhes daria a occasião de as estender; por isso fizeram o possível para contrariar a conclusão da trégua, que não concluiu nada e só lhes dava prejuizos. Não puderam conseguir os seus intentos porque os geraes interêsses do Estado aconselhavam que o tratado se fizesse (1), mas à cautela que êste viesse atiar-lhe as mãos, a Companhia Ocidental suggestionou ataques à cidade de Loanda, à ilha de S. Tomé e ao Maranhão, que caíram em seu poder nos meses de Agosto a Novembro de 1641. Estes actos de hostilidade causaram vivo ressentimento em Portugal e na primavera de 1642 o Dr. Francisco de Andrade Leitão, um dos embaixadores de D. João IV em Inglaterra, foi mandado a Haia em missão extraordinária para reclamar a restituição das ditas terras; mas embora a tomada delas contrariasse a proclamação dos Estados publicada em Fevereiro de 1641 pela qual se ordenava aos seus subditos que não guerreassem os portuguezes, não foi infracção ao tratado de trégua, que não tinha entrado em vigor à data das ditas expedições.

(1) Convinha aos Estados que Portugal se juntasse aos outros inimigos de Castela, convinha-lhes de mais a mais ter relações com Portugal por causa do comércio do sal de Setúbal; ao mesmo tempo o Cardeal Richelieu insistia com elles para que fizessem um acôrdo com Portugal.

Por isso os protestos e os papéis eloquentes e eruditos que Francisco de Andrade multiplicava, não surtiram efeito.

É possível que o Príncipe de Orange e as autoridades governativas dos Estados quisessem agir lealmente para com Portugal, embora estivessem interessados nas Companhias, mas estas tinham os seus privilégios e gozavam de grande influência, de modo que durante toda a embaixada de Sousa Coutinho, como veremos, um estado de guerra intermitente existia entre Holanda e Portugal no ultramar, enquanto havia paz na Europa.

O tratado de 12 de Junho de 1641 foi mal recebido em Portugal por vários motivos e sobretudo depois da perda de Loanda, por ser Angola o mercado que fornecia os engenhos de açúcar do Brasil com os escravos necessários; e a defesa redigida pelo Dr. António de Sousa Tavares, secretário de Tristão de Mendonça, não salvou a obra deles da reprovação geral (1). Embora pelo artigo 35 do tratado D. João IV fôsse obrigado a ratificá-lo dentro de três meses, o Rei, em seu prejuizo, só o fez em 18 de Novembro e o acto de ratificação não chegou a Haia antes de Fevereiro de 1642: demais a mais não se cumpriu o artigo 8 pelo qual o governo português devia dentro de oito meses mandar um representante a Holanda a fim de negociar a paz definitiva. É provável que estas demoras proviessem em parte do descontentamento para com o tratado, em parte da indolência peninsular. Contudo em Maio de 1643 D. João IV resolveu enviar um embaixador ordinário a Holanda para tratar da paz e de outros assuntos, por Francisco de Andrade ter sido nomeado um dos plenipotenciários de Portugal ao Congresso de Munster.

Para esta, a mais difícil de todas as embaixadas, foi escolhido Francisco de Sousa Coutinho, filho de Gonçalo Vaz Coutinho e sobrinho do escritor Frei Luis de Sousa (2), o único diplomata profissional no reino, porque os outros fidalgos e os letrados que assistiam como ministros nas Côrtes estrangeiras nos primeiros anos da Restauração não tinham experiência nenhuma de tais negócios. Sousa Coutinho entrou para o serviço da Casa de Bragança em 1623 e quando D. João IV era só Duque, serviu de agente dele junto da

(1) Um estudo meu sobre a embaixada de Tristão de Mendonça esta-se publicando no *Instituto de Coimbra*.

(2) O meu amigo o Sr. Marquês do Funchal gentilmente redigiu e ofereceu-me a árvore genealógica da família distintíssima dos Sousa Coutinhos, amabilidade que muito agradeço.

Côrte de Madrid, tendo concluído o casamento de seu amo com D. Luísa de Gusmão em 1632: em 1641 foi como embaixador a Dinamarca e Suecia. Em ambos os cargos deu boa conta de si, porque além do seu « amor entranhavel » (1) à pessoa do soberano, de quem tinha sido amigo toda a vida, Sousa Coutinho possuía qualidades que o recomendavam para diplomata, sabia tratar os homens, era valente, ajuizado, pertinaz e astuto, como ilheu, oriundo de S. Miguel. Tinha bom coração, e embora do seu natural impulsivo e um pouco áspero, sabia conter-se quando os interesses do Rei e da Patria estavam em jôgo; e a-pesar-de não ser erudito, sabia latim, era lido nos tratados de politica e com cinqüenta anos de idade aprendeu o francês em Holanda. Retrata-o admiravelmente o meu amigo J. Lúcio de Azevedo na *Historia de Antonio Vieira*: « foi uma das mais interessantes personalidades da Restauração, e à luz dos documentos realiza bem o tipo de português antigo, brusco de modos, solto no falar, impetuoso, valente, chalaceador e astuto. Com o Rei, a quem servira desde que era ainda Duque de Bragança, tinha liberdades de criado velho, certo de lhas não tomarem a mal; discutia as ordens, desobedecia, ralhava, escrevia com rude franqueza, a queixar-se, a dar conselhos, a repreender. » (*op. cit.*, vol. 1, pág. 131).

Segundo as suas *Instrucções* (2) foi incumbido de versar três assuntos principais: 1) conseguir os bons officios dos Estados para que Portugal fôsse incluído em qualquer tratado de paz que se fizesse com Castela em Munster e para que os plenipotenciários portugueses, os Drs. Francisco de Andrade e Luiz Pereira, fôsem admitidos ao Congresso; 2) negociar uma paz perpétua com Holanda; 3) obter a devolução das praças tomadas pelos holandeses antes e depois da aclamação de D. João IV.

Para a inclusão de Portugal na paz geral, Sousa Coutinho foi autorizado a oferecer ao Príncipe de Orange, e aos que melhor podessem servir para êste efeito, 200.000 cruzados, e para conseguir o auxilio do Príncipe na terceira pretensão, podia dispender 400.000 cruzados. Se os holandeses se recusassem a restituir as praças da Índia, como era de esperar, visto os lucros enormes que estas lhes

(1) Disso há muitas provas nesta correspondência. Vide por exemplo a carta de 8 de janeiro de 1644.

(2) Vide a *Instrução secreta* (pág. 1) e a carta de 21 de Setembro de 1643 (pág. 50). A *Instrução ostensiva* sumiu-se.

davam, foi-lhe recomendado concentrar os seus esforços na recuperação das do Brasil e oferecer por elas à Companhia Ocidental dois milhões de cruzados.

Saindo de Lisboa em 24 de Maio e chegando a Holanda nos princípios de Julho foi bem recebido pelo Príncipe de Orange e pelos Estados (1), e para mais lhes captar o agrado êle não perdia a ocasião de lhes lembrar que o seu bisavô era holandês, natural da vila de Dort. As suas dificuldades a princípio foram domésticas, porque Francisco de Andrade era homem vaidoso e ciumento, não gostando de ter colega, e procurava esquivar-se à jornada de Munster, receoso da sua segurança pessoal (2).

Sobre esta ida fez-se em 6 de Julho em Amsterdam uma junta dos embaixadores portugueses nos países do norte, e a instâncias de Francisco de Andrade foi acordado que se representasse ao Conde da Vidigueira que no caso que os representantes de Portugal não fôsem admitidos oficialmente ao Congresso, êles não deviam passar para lá no séquito dos embaixadores das potências aliadas, porque isso seria contrário à dignidade do país, e demais a mais os exporia a ser presos e mortos pelos Imperialistas, amigos de Castela. Parece contudo que o govêrno de Lisboa achou conveniente que os seus plenipotenciários assistissem ao Congresso, embora para lá

(1) Chamo a atenção dos leitores para o fragmento das suas *Memórias* (pág. 373), que a ser dele revela notável vocação literária, tanto na escolha da matéria como no estilo; ao passo que as cartas são prolixas, cheias de repetições, com períodos compridíssimos e dum estilo envolvido.

As informações que Sousa Coutinho dá no referido fragmento são bem interessantes. Sobre êste assunto e outros que se ligam com êle, vide Louis Batifol *Le charge d'Ambassadeur au dix-septieme siècle* na *Revue d'histoire diplomatique*, 1911, pag. 339, o livro clássico e exaustivo de Wicquefort, *L'Ambassadeur et ses fonctions* (Colônia, 1690) e o excelente e erudito compêndio de D. P. Heatley, *Diplomacy and the study of International Relations* (Oxford, 1919).

(2) Da correspondência inédita de Francisco de Andrade com o Marquês de Cascais, que se conserva na Biblioteca Nacional, vê-se que a relutância do primeiro tinha certo fundamento. Os plenipotenciários de França com as suas representações aumentavam o seu medo natural, e êle soube que os suecos tinham aconselhado ao Dr. Rodrigo Botelho a não ir a Osnaburgo sem escolta, porque os Imperialistas planeavam prendê-lo; porisso não admira que Francisco de Andrade pedisse que os plenipotenciários franceses estendessem a êle a protecção que prometeram dar ao Dr. Luis Pereira. O seu empenho em ser tratado como plenipotenciário, que Sousa Coutinho attribuia a vaidade, provinha, segundo êle próprio diz, do muito que prezava a honra do Rei e do país. Parece contudo que os seus colegas estrangeiros não gostavam dele, por haver-lhe reconhecido o «amor pouco arriçado e muito vão» (pág. 172 e cf. pág. 168-9) e Sousa Coutinho prégava a boa doutrina quando assegurou a Francisco de Andrade que o Rei fazia menos conta das pessoas de seus embaixadores que da mais pequena praça de Portugal (pág. 173).

passassem incógnitos, mas custou a Sousa Coutinho muitos meses de trabalho para resolver a Francisco de Andrade a acatar as instruções régias neste sentido, e a obter dos Estados que os seus embaixadores o levassem como iam levar o Dr. Luís Pereira os embaixadores de França. Além disso, mesmo antes de chegar a Munster, estes dois representantes de Portugal já estavam desavindos, e lá viviam mal um com o outro.

Não só nos negócios de Munster, mas em todas as matérias em litígio entre Portugal e Holanda, Sousa Coutinho cedo se convenceu de que a razão de estado dos holandeses era toda fundada em dilações. Isto provinha em parte da própria constituição das Províncias Unidas (1). Na assembleia dos Estados as questões não se resolviam por maioria de votos, mas era preciso que todos os deputados concordassem para resolver qualquer assunto; recusando qualquer Estado o seu consentimento, ficava o negócio desfeito. Por isso Sousa Coutinho previa como mandou dizer ao Rei que a embaixada ia ser longa (2).

Também viu que França e Holanda haviam de ajudar Portugal nas suas pretensões sómente quando a isso os impelia o seu próprio proveito; e sobretudo esta última potência, que antes queria que Portugal rompesse a trégua. Parecia até que a sua insistência em manter o bloqueio da barra de Goa tinha por fim obrigar os portugueses a dar tal passo. O embaixador confiava mais no tempo para resolver as questões pendentes que nos favores de tais amigos (3) e pensava bem que as suas negociações teriam maiores probabilidades de exito se as armas portuguesas ganhassem uma vitória estrondosa contra os castelhanos; isto daria o prestígio de que o reino restaurado necessitava e faria impressão lá fora. Com este critério êle teimava em aconselhar para Lisboa a guerra ofensiva, e ambicionava ver qualquer feito de armas importante como seria a tomada de Badajoz, que contribuiria muito para a inclusão de Portugal na paz geral que se negociava no Congresso.

Logo em Agosto de 1643 êle começou a negociar com os Estados

(1) O célebre embaixador inglês Sir Guilherme Temple deu-lhes a alcunha de *Provincias Desunidas*.

(2) Naquele tempo uma embaixada ordinária durava em geral três anos.

(3) Ao mesmo tempo Sousa Coutinho não deixava de reconhecer e agradecer publicamente os bons officios prestados em várias ocasiões à causa portugueza e a êle próprio por M. de la Thuillierie e M. Brasset, respectivamente embaixador e encarregado de negócios de França na Haia.

sobre a devolução das praças tomadas depois da aclamação, ponto que necessariamente tinha de preceder o da paz. Responderam-lhe que se isto estivesse em suas mãos, teriam anuído, mas que dependia das Companhias e que portanto uma solução rápida não era possível; que o termo da Companhia Oriental acabava em Janeiro de 1644 e o da Ocidental em 1645, e que se elas não conseguissem a prorrogação, o govêrno podia agir livremente. Esta desculpa, que tinha certo fundamento, serviu depois para protelar a resolução das questões em litígio.

Quando Sousa Coutinho soube em Novembro do ataque feito pelos holandeses ao arraial português em Angola em 17 de Maio e da prisão do governador Pedro Cesar de Menezes, mal pôde conter a sua indignação, e quiz sair logo de Holanda, mas passado o primeiro impulso, mostrou-se prudente. Não aconselhou ao Rei a guerra descoberta, mas só que esta se fizesse pelos mesmos meios que os holandeses usavam; alvitrou que se não fizessem restituição, êle fôsse mandado retirar, ou na alternativa que informasse os Estados que tinha recebido ordem de partir dentro do praso de um a dois meses; caso não nomeassem embaixador para Portugal (1).

Em 23 de Novembro chegaram a Haia os plenipotenciários franceses ao Congresso, de Avaux e Servient, e no seu séquito viajava incógnito o Dr. Luis Pereira. Sousa Coutinho logo obteve deles que apoiassem a sua reclamação para o *status quo ante* em Angola e nutriu esperanças de o conseguir, porque o Príncipe de Orange e alguns dos Estados deram razão às suas queixas. Posteriormente chegou à conclusão de que a questão só se solucionasse em Munster, mas consolava-se da demora com a idea que se os holandeses largassem aquele reino como previa, não podiam sustentar o seu dominio no Brasil, e como a Companhia Ocidental tinha padecido grandes perdas, a porta ficava aberta para o resgate das capitánias por dinheiro, outro ponto das suas *Instrucções*.

Mais de uma vez contudo êle profetizou que se havia de fazer a paz com Castela primeiro que com Holanda e os acontecimentos quasi que vieram a dar-lhe razão: a guerra de vinte e oito anos

(1) Apesar de D. João IV ter mandado nada menos de quatro embaixadores à Holanda, este país só tinha um consul em Lisboa, o que não era de estranhar pois so em França e Inglaterra é que mantinha ministros permanentes. Wicquefort, *L'Ambassadeur et ses fonctions*, pág. 15.

com o reino vizinho acabou em 1668 e foi só em 1661 que se assinou a paz definitiva com os Estados.

O ano de 1644 abriu-se bem para os negócios que o embaixador tinha de tratar: as dúvidas de Francisco de Andrade em ir ao Congresso tinham-se desvanecido, os Estados pareciam dispostos a facilitar a sua viagem e a apoiar a inclusão de Portugal na paz geral, visto que os delegados franceses traziam instruções neste sentido. Assim o primeiro dos tres pontos em que se resumiam as suas instruções, estava em caminho de resolução.

Havia muito tempo que êle andava preocupado com a representação portuguesa no Congresso, a data de cuja abertura continuava a ser incerta; e vendo que Francisco de Andrade e Luís Pereira, pela diferença de feitio, não se davam bem, achando que se lhes devia dar superior, indicou ao Rei para êste cargo o Marquês de Cascais, que tinha ido a Paris dar os pesames da morte de Luís XIII. Na alternativa recomendou a nomeação do Conde da Vidigueira, que não quiz ir, e de D. Luís de Portugal, que também apontou para embaixador junto à Santa Sé e ulteriormente para seu sucessor na Haia. Quanto ao carácter e talento do neto do Prior do Crato, Sousa Coutinho enganou-se redondamente; êste descendente dos antigos Reis vão valia mais que o avô, quer dizer, não valia nada (1).

Pedia constantemente ao Rei que o tirasse de Holanda, dando-lhe licença a ir para sua casa ou para o seu govêrno da Ilha Terceira, ou no caso do Conde da Vidigueira deixar a embaixada de Paris, êle antes queria aquele posto que ficar entre herejes. Teve nuitos dissabores na Haia, além dos provenientes do trato dos habitantes da terra; sem recursos próprios dependia dos ordenados que sempre se lhe pagavam com atrazo (2), a vida era cara, e para poupar o tesouro êle próprio chegou a fiscalisar o fogão da cozinha. Na Côrte havia os que o criticavam e malsinavam junto ao Rei (3); demais a mais o govêrno de Lisboa, com indolência peninsular, ou não lhe respondia às cartas ou respondia tarde, de maneira que as suas negociações ficavam prejudicadas. Contudo, como servidor lealíssimo que era, abandonava-se nas mãos do Rei, declarando-se pronto para tudo; *Non recuso laborem* é o seu texto, apesar

(1) Vide o livro de Camilo Castelo Branco sôbre D. Luís.

(2) Vide por ex. a carta a pág. 194.

(3) Vide por ex. pág. 214.

da fraqueza da vista, que torna a sua letra difficilima de entender, e dos seus achaques provenientes do clima e da velhice, «ia contando sôbre os cincoenta» (pág. 311).

Se não era homem novo, trabalhava como se o fôsse, como testemunha a sua correspondência, e não perdia a occasião de esclarecer a opinião pública, compondo relações e mandando-as imprimir em holandês sôbre os direitos de Portugal, e as vitórias ganhas ao inimigo. Vivia só para o seu cargo, raras vezes saindo de casa, a não ser para negócio: «vim ser Cartuxo à Holanda». Era muito religioso, e mantinha a capela com todo o decôro, acolhendo lá os católicos perseguidos, tendo para êles sermões na língua da terra, não recuando perante os protestos do Calvinismo dominante (pág. 239).

Em Janeiro de 1644 êle tornou a reclamar com insistência aos Estados que mandassem repôr as cousas de Angola no estado antigo, castigando os autores do atentado contra o governador e dando cartas para lá e para a Índia a ordenar a observância da trégua. Em 18 de Fevereiro pôde informar de que os Estados prometiam satisfazer as suas reclamações, e que tinham submetido às assembleias das Províncias uma proposta para se mandar embaixador a Portugal. O tempo da Companhia Oriental já tinha expirado e ainda não se tinham prorogado os seus privilégios; as Províncias queriam ter parte nos seus lucros, a quo a Companhia se opunha, pedindo a prorrogação do seu prazo sem condições, mas o embaixador trabalhou para que isto não se concedesse sem ela se compôr com Portugal.

Pelo mesmo tempo tinham surgido novas difficuldades quanto à ida de Francisco de Andrade a Munster, levantadas pelos franceses e holandeses, e reforçadas pela pouca vontade que êste tinha de se expôr aos perigos da viagem e ao abatimento da sua autoridade. Os holandeses diziam-se incapazes de segurarem sua pessoa no caso dum atentado, e foi preciso que Sousa Coutinho pedisse para Paris instruções para os franceses applicarem a Francisco de Andrade a protecção que concediam a Luis Pereira. Afinal pela carta de 7 de Março vê-se que o medroso plenipotenciário estava satisfeito e que se resolvia a partir pela Páscoa.

Nos meados dêste mês d'Avaux saiu a caminho do Congresso sem levar Luis Pereira, que se queixou com fúria a Sousa Coutinho. Êste aconselhou-o a seguir na esteira do francês, mesmo sem malas e criados, e sendo isto impossivel, que se juntasse a Servient, que

ainda estava na Haia e que por ser gotoso não podia andar depressa. Comentando o caso escreve êle: « Luis Pereira nos envergonha aqui com cem mil tacanharias », e depois de referir os pormenores acrescenta: « e estes são os embaixadores que vão para conciliar os animos dos Príncipes e dos povos, que não entrão em estalagem em que não tenham dívidas » (1).

Tendo o Conde da Vidigueira aventado que o Rei de França fôsse convidado para árbitro entre Portugal e Holanda, Sousa Coutinho em carta de 28 de Março reprova a proposta por inoportuna. No seu entender os holandeses não viriam nela, e teria o efeito de demorar a composição a que os Estados estavam dispostos, agora que acabadas as Companhias tinham as mãos livres. O embaixador nutria confiança no Príncipe de Orange que lhe prometera que se havia de dar satisfação a Portugal; e da sua audiência dos Estados a 5 de Abril trouxe a impressão que as praças tomadas depois da aclamação seriam devolvidas; S. Tomé e Maranhão sem condições, mas quanto a Angola os holandeses queriam ficar com sua parte do comércio e resgate dos negros, por serem estes necessários aos engenhos de assúcar no Brasil. Na carta de 25 de Abril Sousa Coutinho informa que as acções da Companhia Ocidental estão descendo e que o seu advogado parece disposto a chegar a um acôrdo; para ajudar a composição diz ter dado ao Secretário Muts (2) de presente 20.000 cruzados (3).

Quanto à Índia o mais que se podia esperar era a paz, guardando-se a tregoa celebrada em 1641, o que tornaria possível outra vez o comércio entre êste país e Portugal. Mas isto seria contrário aos interesses da Companhia Oriental, que com o intuito, como parece, de evitar qualquer acôrdo, reclamava agora as terras de canela vizinhas à sua fortaleza de Galle em Ceilão (único ponto na ilha que possuía), sabendo que os portugueses, que estavam de posse delas, não as haviam de dar de presente (4).

(1) Mas veja-se o que diz a respeito dêste e dos outros embaixadores portugueses do tempo a pág. 220.

(2) É assim que Sousa Coutinho escreve o nome. Em Avenel, o publicador da correspondência de Mazarini, encontramos as formas Mus, Musch e Muz.

(3) Os nossos antepassados não tinham horror à venalidade. Wicquefort, autoridade sôbre o officio de embaixador, ensina que êste pode subornar impunemente os ministros da côrte em que assiste. *Memoires*, pág. 220 (Haia, 1677).

(4) É de importância capital a correspondência trocada entre D. João IV e o Vice-Rei da Índia que se encontra nos *Livros das Monções* na Torre do Tombo. Os livros n.º 48 a

No Oriente os holandeses não tinham cessado os actos de hostilidade, como se vê das cartas de André Salema que publico no Apêndice, e em 17 de Maio Sousa Coutinho annunciou que ia fazer aos Estados um protesto formal a êste respeito.

Antes de partir para o Congresso, Francisco de Andrade fez um mau serviço ao pais e ao seu colega, pois apesar de se ter despedido dos Estados em 13 de Maio, tornou a solicitar particularmente a resposta sôbre a devolução das praças, que Sousa Coutinho tinha de propósito mandado reter, por não querer sofrer uma afronta. Entendeu êle e concordaram o Conde da Vidigueira e Luis Pereira, que seria mais fácil seguir uma demanda em que não houvesse sentença, que depois de a haver em contrário.

A resposta veio e foi que Angola, o Maranhão e S. Tomé tinham sido tomados em tempo hábil e que portanto a empresa era de boa guerra. « Tal foi o remate de sua embaixada e tal fica agora o princípio da minha, com circunstância tão grande para vencer », comenta amargamente Sousa Coutinho. Este viu-se embaraçado, e em carta de 3 de Julho expoz ao Rei as dúvidas resultantes da teimosia de Francisco de Andrade, e pediu ordens sôbre se devia logo entrar no segundo ponto das suas instruções, que era tratar da paz. O Conde da Vidigueira acudiu ao seu colega e obteve do Cardeal Mazarini que escrevesse aos Estados e Principe de Orange em favor das reclamações portuguezas e que ordenasse a Brasset,

51 abrangem o período de 1640 a 1644 e versam os assuntos sôbre que recaíram as negociações de Sousa Coutinho. Contem êles toda a documentação da missão de Pedro Boreel, das reclamações holandesas sôbre o territorio de Galle e da recusa da publicação da trégua em Ceilão e Gôa. O Vice-Rei afirma (liv. 48, fl. 151 v.º) que Boreel, quando estava em Galle, « vio que a sua gente não sahia dos muros por o nosso arrayal lhe impedir e ser senhor das terras », e acrescenta (fl. 152) « V. Mag.^{de} não tem na India cousa que se iguala á ilha de Ceilão e se deve ariscar todo o mais do Estado por não terem os olandezes parte nella » . . . « fazem estes requerimentos como homens de poder superior e que não admitem razão ». O Vice-Rei attribuia tudo ao governador de Batavia Van Diemen, que tinha informado a Companhia que possuia muitas terras em Ceilão, o que era falso: « he homem terrível e de grandes traças e invenções, de mais de ser absoluto, sem ter respeito a ninguem: está riquissimo ».

Referindo a morte de Boreel opina o Vice-Rei ser « provavel que estará no Inferno donde lhe terá pesado do muito que contra nos illuminou (*sic*) e do modo com que se ouve na materia da tregoa » (fl. 267). Vide também as fls. 149 e 187.

No livro 50 a fl. 181 vem o protesto e justificação originaes de Van Diemen sôbre as pazes e compare-se a fl. 234.

O livro 51 include a correspondência entre Boreel e D. Filipe Mascarenhas, capitão geral de Ceilão, assim como os documentos que se referem às negociações do enviado holandês quando esteve em Gôa.

encarregado de negocios de França na Haia, que apoiasse os interesses de D. João IV como se fôsem de Luís XIV: ao mesmo tempo o secretário da embaixada Francisco Dourado preparava um memorial para ser entregue aos Estados por Brasset, em que se pedia a observância da tregoa. A nova da vitória de Montijo e da recuperação de Tanger tinham feito grande impressão em Holanda, e esperava Sousa Coutinho que estes sucessos e a nomeação do Marquês de Rouillac para embaixador francês em Lisboa auxiliassem as suas pretensões; e aproveitando-se da ocasião êle entregou nos princípios de Agôsto dois memoriais aos Estados, pedindo satisfação no negócio de Angola e cartas para a Índia, para que os subditos da Companhia guardassem a tregua. A volta do Conde de Nassau do Brasil, deixando a colónia pobre de recursos, assim como a brusca descida das acções da Companhia Ocidental, levou-lhe a crer que se poderia chegar a um acôrdo para a compra das capitánias, e em 12 de Setembro informou o Conde da Vidigueira de ter pedido aos Estados a comparência dos directores a fim de se entender com êles a êste respeito.

A desmedida extenção de muitas de suas cartas provêm de êle se fazer gazeteiro dos acontecimentos da política europeia (1) e de repetir os boatos que lhe vinham contar. Em 28 de Agosto informou que D. Luís de Portugal lhe viera dizer que o Rei de Polónia fora feito mediador do Congresso em lugar do Rei de Dinamarca, e bordou considerações largas sôbre esta mudança e sôbre a conveniência de se mandar embaixador àquele reino, indigitando D. Luís para o cargo. Sousa Coutinho estava empenhado em obter para êste Príncipe auxílios pecuniários, que D. João IV varias vezes prometeu remeter, mas que nunca chegaram.

Tendo recebido noticia duma nova agressão dos holandeses em S. Tomé, o embaixador queixou-se aos Estados com o resultado do costume; « as palavras com que respondem são de mel, mas as bras nunca chegão » (pág. 197).

Por carta de 3o de Setembro recebeu do Rei ordem para reclamar ⁽¹⁾ contra os actos hostis da Companhia Oriental, devendo reque-
⁽²⁾ rir e mandassem desimpedir a barra de Goa, bloqueada por uma
respondêr. quadra, que restituíssem as conquistas feitas em Ceilão e
⁽³⁾ O: sôbre o offi
côrte em :

⁽⁴⁾ Devido à consideração do espaço limito-me nesta introdução aos negocios de da Índia; para os outros remeto os leitores ao Índice.

parassem com a guerra. Apesar da trégua, nunca os holandeses «nem no mar nem na terra fizeram maior guerra a este Reino que no tempo presente» (pág. 198). Em 3 de Outubro o embaixador escreveu ao Conde da Vidigueira que os Estados tinham adiado a resposta, e que entretanto a Companhia Oriental preparava uma armada com 3600 homens para continuar as hostilidades e que a Ocidental seguia na sua esteira. Os holandeses estavam prontos a fazer paz, mas a seu modo, e ainda assim Sousa Coutinho achava que convinha aceitá-la, «já que não há amigos que fação caso do muito que Portugal lhes monta a seus interesses», referência a França.

Enquanto Portugal com a guerra divertia Castela em proveito de todos os aliados, os holandeses faziam uma diversão a Portugal, como se fôsse para dar fôrças a Castela e consentindo França (pág. 199).

Nos principios de Outubro Sousa Coutinho conseguiu uma resposta dos Estados: não quizeram dar as cartas para a Índia sem se averiguar primeiro se a fortaleza de Gallé tinha ou não território. Foi mais um pretexto para demora, e o embaixador recorreu ao Conde para obter que o govêrno francês recomendasse «as cousas de Portugal» aos Estados a fim de se guardar a trégua. A Companhia Oriental ambicionava ter parte no comércio da canela, principal riqueza de Ceilão, e alegava que como possuidora de Gallé tinha direito aos campos entre a fortaleza e Colombo, fundamentando-se no artigo 12 do Tratado de 12 de Junho de 1641 (1).

(1) O artigo 12 é como se segue, na versão portuguesa:

«Qualquer subdito de huma e outra parte será deixado estar e ficará em posse de seus bens, assim como for achado nelles ao tempo da manifestação das treguas e suspensão de todo acto de hostilidade, e os campos e termos que estiverem entre os fins das fortalezas de huma e outra parte (os quais necessariamente se hão de haver por proprios e acqueridos ao senhor que delles fór) ficarão com a mesma divisão, comprehendendo-se nelles as familias e nações que lhes tocarem e determinados pelo modo sobredito os ditos termos e divisão, constará á nação Portuguesa por huma parte e aos subditos destas Provincias por outra, quais lugares, commodidades e termos dos campos ha de conhecer cada hum e defender como seus».

Os portugueses alegavam que este artigo e o anterior se se referiam às fortalezas tomadas aos castelhanos no Brasil, o que contestavam os holandeses. Se estes tinham razão, parece que por este artigo elles podiam realmente pedir territorio para Galle, por serem senhores da fortaleza, embora fôsse absurdo que pelo facto de ter conquistado um pequeno porttal, tivessem o direito à metade das terras ricas de toda a ilha. Disto vê-se como foi mal redigido o tratado de 12 de Junho de 1641: «perdoe Deos a quem o fez», comenta Sousa Coutinho

É interessante saber que as tréguas feitas no tempo do Conde de Linhares entre inglé-

Respondeu Sousa Coutinho que Gallé nunca tivera jurisdição própria, e que nunca consentiria em que se tirasse em tempo de pazes aos portuguezes os campos que os holandeses não tinham podido tomar na guerra. Quando êle falou em árbitro, os Estados negaram-se a aceitá-lo por suspeitarem que havia entre França e Portugal aliança estreita (pág. 216) e porque a isto se opunha a Companhia: o mais que conseguiu por então foi que as suas razões se transmitissem aos directores para responderem (pág. 203).

Se o Cardeal Mazarini pedisse aos Estados em nome do seu Rei que acomodassem os negócios entre Portugal e as Companhias, decerto se faria mais; até então as recomendações neste sentido dos representantes franceses não tinham surtido efeito por serem dirigidas sómente ao presidente de semana e não aos Estados em junta.

Os Estados desejavam a paz, mas as Companhias não queriam restituir o que tinham tomado a Portugal (pág. 205), e como o governo de Lisboa não se contentava com menos do que a devolução de tudo o que depois da aclamação fora tomado, era quasi impossivel chegar a acôrdo. Os Estados afirmavam a Sousa Coutinho que quando se tratasse de prorogar os privilégios das Companhias, êles podiam fazer o que quizessem e dar-lhe contentamento, e parece que esta boa disposição foi motivada pelo receio da armada que D. João IV mandára aparelhar para Angola; mas esta empresa não se realizou, por ter desembarcado a gente da frota para combater na batalha de Montijo, e Francisco de Andrade dar o passo falso a que já me referi, de maneira que as cousas voltáram à antiga ou até pior. Agora, segundo diz a carta de 24 de Outubro, os Estados não chegariam a mais que fazer cessar a hostilidade na Índia, e o que prometiam na ocasião dos novos privilégios das Companhias reservavam para a paz, não admitindo árbitro, e persistiam em querer território em Ceilão. Tendo as Companhias experimentado os danos que recebiam com a trégua, para não guardá-la, buscaram o pretexto do território de Gallé (pág. 207) e zombavam das razões de Sousa Coutinho, confiadas nas próprias fôrças (1).

ses e portuguezes no Oriente se guardavam: vide a carta do Vice-Rei a António de Sousa de Macedo datada de 18 de Novembro de 1643. *Livro das Monções* n.º 50, fl. 102.

(1) «Quando ha armas, que com ellas se toma o que lhes não dão de grado e que he maxima sua ter territorio onde tem fortaleza: esta potencia absoluta não se vence com boas razões, se não com outro poder igual ou com muita paciencia» (pág. 216).

Concluía portanto o embaixador que não se poderia acordar senão fôr por terceira pessoa, « porque nós valemo-nos da justiça e elles do poder ».

Em Novembro o Conde da Vidigueira propôs ao Cardeal Mazarini que o Rei de França mandasse um embaixador extraordinário a Haia para ser mediador entre Portugal e os Estados, pois estes não aceitavam árbitro, e sôbre esta proposta temos os reparos de Sousa Coutinho e do Rei: o primeiro temia a despesa, visto que o embaixador iria á custa de Portugal e desconfiava da acção francesa; o segundo, embora quizesse antes árbitro que mediador, aprovava, mas receando que o individuo escolhido se deixasse subornar pelos holandeses, recomendou que fôsse de inteira confiança, e que se fixassem de ante mão os gastos a que o tesouro português teria de acudir (pág. 217 e 385).

Com a nova da tomada pelos holandeses da fortaleza de Negumbo em Ceilão, que lhe chegou êsse mês, Sousa Coutinho duvidava mais da composição, mas voltou a ter esperanças com a chegada em 25 de Janeiro de 1645 do Conde d'Estrades, enviado pelo Cardeal a tirar desavenças sôbre etiqueta entre França e Holanda. Em seguida a duas representações do embaixador francês, os Estados responderam que os negócios de Portugal estavam em boa altura, porque dos três meios que apontára Sousa Coutinho haviam escolhido um; mas no mesmo dia responderam a êle por escrito dizendo que a Companhia não aceitava nenhum dos três, mas que apontava um quarto tão justificado que não aceitariam outro, e era êle que se dividissem amigavelmente as terras entre Gallé e Colombo e que os frutos daquela parte que tocava à Companhia fôsem cobrados por seus ministros e retidos até se sentenciar a causa principal. Não admira que Sousa Coutinho comentasse esta proposta severamente: « affirmo a V. Ex.^{cia} em toda a verdade que por menos mal tivera estar em Argel com huma braga que em Hollanda embaixador, adonde nem ha fé, nem justiça, nem verdade » (pág. 246).

Não obstante esta attitude dos holandeses, Sousa Coutinho mostrava ter animo e paciência raros, mandando duas memórias por semana com o fim de obter as cartas para a Índia, sendo apoiado pelo Conde de Estrades, que falava diáriamente no assunto nas suas conferências com os membros do govêrno. Em 20 de Fevereiro o presidente da junta dos commissários propôs a Sousa Coutinho a

eleição dum árbitro, visto que não podiam chegar a um acôrdo, mas como êles tinham sempre rejeitado a proposta quando feita por êle, era evidentemente mais um pretexto para demora, a fim de que os navios partissem sem as cartas e a guerra continuasse. No dia 27 a Companhia alvitrou uma nova divisão das terras entre Gallé e Colombo, contentando-se agora com metade do que antes exigia, mas como pedia aos portuguezes caução sôbre o que era deles (1), Sousa Coutinho recusou o seu consentimento.

Havia mais de um mês que o Principe lhe negava licença de o ver com achaque de gota, «se já o não fazia de corrido, como alguma vez disse que se envergonhava de falar aos embaixadores de Portugal, porque não tinha que lhes responder à sua muita justiça» (pág. 255).

Para provar a boa vontade de chegar a um acôrdo, Sousa Coutinho ofereceu à Companhia entregar-lhe mais canela que as terras em litigio produziam, a que acrescentou cem quintais para ultimar o negocio; ao mesmo tempo o Conde de Estrades apertava os Estados com lhes dizer que eram causa de que D. João IV não desse armada naval a França, pretexto inventado por Sousa Coutinho e abraçado pelo embaixador francês.

Afinal o almejado acôrdo veio a ter conclusão com a extinção dos privilégios da Companhia Oriental, como Sousa Coutinho annunciou em carta de 13 de Março. Às bases foram: 1) cessação das hostilidades na Índia; 2) entrega pelos portuguezes da canela em Gallé até se decidir a causa principal; 3) os do forte de Gallé não teriam mais terra que a que possuam ao tempo que chegou a publicação da trégua; 4) as prezas feitas na terra e no mar depois desta data seriam restituídas. Sousa Coutinho estava cheio de júbilo com o milagre; «he este negocio da cessação das hostilidades na India maior do que se pode imaginar e que temi muito conceder-se-me tão barato, porque a consequência que disso nos resulta para interesses e a perda para esta gente he tão certa como o tempo mostrará» (pág. 260).

Mas saiu mau profeta, por acreditar que os holandeses guardassem desta vez a fê jurada! Mal adivinhava que em poucos anos haveriam de cair nas mãos deles todas as praças portuguezas em Ceilão.

(1) Os portuguezes as tinham perdido e tornado a conquistá-las e estavam de posse delas quando chegou a publicação da trégua (pág. 258).

Mesmo antes da assinatura do acôrdo começaram as cavilações, porque quando o embaixador recebeu o borrão do contrato, viu lá um artigo novo pelo qual se dava aos do forte de Gallé acesso e regresso às terras da contenda: êle recusou aceitá-lo e depois de largas instâncias foi tirado, e em lugar dele introduziu-se a cláusula que em caso que na Índia tivessem acordado as autoridades locais das duas nações, fôsse válido o contracto lá feito no que tocava a Ceilão e restituições. Sousa Coutinho anuiu, por achar a cláusula fantástica, no que se enganou e foi enganado pela Companhia, como veremos.

O tratado provisional foi assinado aos 27 de Março e o seu autor recebeu em seguida os parabens do Conde da Vidigueira. D. João IV também aprovou e mandou ratificá-lo (embora apontasse os inconvenientes de dar a canela em Ceilão) e mandou agradecer ao Cardeal Mazarini e ao Conde de Estrades o que nisso trabalharam (pág. 392).

Isto foi nos fins de Abril. Um mês mais tarde o Rei escreveu ao Conde da Vidigueira em sentido contrário, dizendo que o tratado fora feito de tal forma que Ceilão ficava em perigo (1) e acrescentou: « de maneira que me meteu êsse homem (Sousa Coutinho) em hum grande roído e pos Ceilão em tal aperto, que ha de ser forçado do dinheiro que tinha destinado para esta campanha (contra Castela) tirar o que baste para socorrer aquelle Reino; e cuidando França que eu estava em paz nas conquistas e que forrava a despeza que me custava a guerra dellas, me acho com novos gastos e com novos empenhos » (pág. 392). Esta carta, se por um lado reflete a corrente hostile que se tinha formado em Lisboa a respeito do tratado, de que o seu autor se queixa amargamente nas suas cartas, pode ter outra explicação. Não convinha ao govêrno português que França se aproveitasse do auxilio que prestára para a conclusão do tratado para exigir esforços e socorros contra o inimigo comum que o reino não podia dar.

Numa carta extensa dirigida em 13 de Junho ao Secretário de Estado, Sousa Coutinho defendeu-se a si e ao tratado da critica que de ambos se fazia em Lisboa. Sem olhar às vantagens obtidas, nem às difficuldades vencidas, reparavam os ministros na entrega

(1) Esta carta régia exprimia o juizo do govêrno e não a opinião pessoal de D. João IV, que estava só em campo na defêsa do tratado feito pelo seu amigo (pág. 327).

da canela e no consentimento dado aos holandeses para ficar em Ceilão. Quanto a êste, observou o embaixador, o remédio sempre estava na mão, que o romper uma guerra era fácil, assim o fôra continuá-la. Os conselheiros de Estado não pesavam bem, nem a fraqueza de Portugal, nem o poder dos Estados (1), mas foi com esta consideração que Sousa Coutinho se persuadiu ter feito bom negócio (2). Alcançou-se tudo o que se lhe tinha ordenado, restituição das praças e naus tomadas, comércio livre e a barra de Goa desimpedida, mas quando esperava graças, só recebeu calúnias.

É verdade que André Salema tinha aconselhado que a canela fôsse entregue em Goa e que aos holandeses não fôsse permitido ficar em Ceilão, mas o védor da fazenda da India acrescentou: «inda que se não possa dar alcance ao negócio nesta conformidade, porque se não ponha este Estado em contingencia de se perder de todo, se deve concluir com menos prejuizo que fôr possível, pois de males forçados se deve abraçar o menor» (pág. 384). É de presumir que os conselheiros de D. João IV se esquecessem destas palavras, que encerram a justificação do acto de Sousa Coutinho.

Nos meados de Maio, por intermédio do Conde da Vidigueira, veio a primeira notícia da revolta de Pernambuco. Sousa Coutinho ficou assustado: «temo que nos sirva de lançar a perder toda nossa negociação, assi a que está feita, como a que se espera; e não podia vir peor nova de presente que esta». Neste momento êle estava tratando da nomeação dos árbitros que deviam determinar a controvérsia sôbre as terras em Ceilão e ia entrar na questão das reclamações a fazer à Companhia Ocidental sôbre S. Tomé e Angola; ora para conduzir a bom termo estes negócios, era indispensável conservar a boa vontade dos Estados, que de todo faltaria se houvesse qualquer agressão da parte dos portugueses no Brazil.

(1) «Esta gente está muito poderosa. Os Estados tem suas 80 naos de guerra, a Companhia Oriental 70, com as que trazem naquelles mares, com as que vão e vem; a Ocidental, com estar com a canela na mão inda tem boa quantidade dellas, e emfim ha nos portos destes Estados, entre grandes e piquenas, 140 embarcações de gavia, e ha mercador que só por si pode lançar ao mar huma armada muito poderosa» (pág. 286). Ulteriormente observa: «la no Reyno entendem as rezões de Estado, mas aqui as da mercancia e negociação dos interesses communs e com isto todas as mais que são de conveniencia para qualquer negocio, e como a experiencia se colhe da continuação, faltando esta, não pode ser muita a que se não exercita» (pág. 291).

(2) «he lingoagem commua aqui desde o Principe athé o menor mercador da bolsa, que se não se effectuára este tratado, que só bastavão dous annos para ser senhores de toda a India» (pág. 296). Vejam-se o *Compendio dos incidentes da India* e as cartas de André Salema (pág. 377, 383 e 386).

Um mês mais tarde chegou outra notícia desagradável, que se confirmou com pormenores em Agôsto; os portugueses na Índia tinham feito um acôrdo com os holandeses pelo qual lhes davam metade da canela de Ceilão entre as fortalezas das duas partes. O segundo tratado provisional era muito mais prejudicial que aquele negociado por Sousa Coutinho (1), e além disso, em virtude da cláusula inserta no dele à última hora, o seu trabalho de meses ficou inutilizado. É de crer que os Estados soubessem que os seus na Índia tinham feito ou iam fazer um acôrdo, visto que a data dêste era de 10 de Novembro de 1644 e foi por isso que incluíram a dita cláusula no tratado assinado na Haia aos 27 de Março de 1645. Só Sousa Coutinho não teve a mínima idea da espada de Damocles suspensa sôbre a sua cabeça.

Os males sempre vem juntos. Nos meados de Agôsto o embaixador recebeu uma carta bastante curta do Rei ordenando-lhe parar com todos os negócios da embaixada; parecia-lhe que era a demissão: «tenho por sem duvida que S. Magestade mandará successor a este lugar, e quando se experimenta o que obrão huns e outros que virão e os fructos do tratado, então será o desengano mais certo» (pág. 302). Além disso o secretário foi mandado ir a Osnaburgo, deixando só Sousa Coutinho que se limitou a comentar com tristeza: «eu não me atrevo a fazer cousa alguma, porque nem acertarei já com nada, nem as ordens falão comigo nem carta de fora parte me fala neste particular, e assim não tenho que replicar, nem que fazer, mais que desejar todos os bons acertos ao que toca ao serviço de S. Magestade»; foi nobre a attitude, como era de esperar dêste homem digno, dêste lealissimo servidor do Rei e da pátria; e não merece menos louvor o escrupulo que mostrou em aceitar dos Estados o costumado presente de despedida, sôbre que mandou consultar seu amigo e confidente o Conde da Vidigueira. É que êle não sabia ser interesseiro.

Nos princípios de Setembro chegaram a Haia por navios de Pernambuco os pormenores do levantamento dos colonos do Brasil contra os holandeses, que publicaram ser dele sabedor D. João IV, e o povo de Amsterdam fez «bravuras». Sousa Coutinho ficou sem notícias do seu govêrno, mas julgou que não fôsse obra ordenada pelo Rei, porque neste caso «taláram-se os campos, e não

(1) Como se vê pelo confronto e vejam-se pág. 305-307.

ficára engenho em pé e canas que não ardessem » (pág. 308). Neste sentido êle fez representações aos Estados. Passou-se todo o mês de Setembro e entrou o de Outubro, e êle sem instruções nenhuma de Lisboa, numa situação bastante desagradável e até humilhante. A Companhia Ocidental estava pedindo aos Estados socorro de armas, gente e dinheiro, e tratando de amotinar o povo contra a casa do embaixador, com dizer que os levantados executaram grandes crueldades contra os holandeses. « Perdoe Deus a quem fez acordar o cão que dormia; cahio lhe á Companhia a sopa no mel, hia-se consumindo, os Estados ensurdeciam a seus lamentos, e agora ouvem-nos e remedeão-nos; a paz bastava só para os consumir, e nenhum remedio ha já hoje senão faze-la e tratar logo della com as melhores condições que se poder » (pág. 315).

Por êste tempo aconteceu a prisão na Haia de Gaspar Dias Ferreira (homem rico e suspeito de judeu que voltára do Brasil com o Conde Maurício) com quem o Marquês de Montalvão se tinha entendido para os efeitos dum movimento contra os holandeses. Poucos dias antes da prisão, Gaspar Dias tinha declarado a Sousa Coutinho estar persuadido que o negócio de Pernambuco se intentára por ordem régia, e o embaixador agora estava com receio do resultado do exame dos seus papeis e tentou sem exito havê-los á mão. Ainda tardáram as cartas de Lisboa, e Sousa Coutinho não podia adiantar um passo nas negociações, nem sabia mesmo o destino reservado a êle próprio. Parece que nunca houve idéas de o mandar recolher ao reino, e em 18 de Novembro o Rei mandou-lhe uma carta extensa de António Teles da Silva, governador do Brasil, datada de 15 de Outubro, contando os acontecimentos de lá sob o ponto de vista português, e sobretudo a batalha de Tamaracê, em que o almirante holandês Lichthardt destruiu em 6 de Setembro uma esquadra portuguesa comandada por Jerónimo Serrão de Paiva. Esta carta era acompanhada de ordens ao embaixador para procurar ajustar com os Estados a compra das capitánias. Mas estas ordens chegaram tarde, porquanto vieram directamente de Pernambuco notícias da vitória ganha pelos colonos no Monte das Tabocas e que estes se tinham assenhoreado de vários fortes; os da Companhia Ocidental queixavam-se de que as tropas que o governador da Baía enviára com pretexto de medear eram as que lhes tinham feito a guerra; espalhavam que um general holandês fôra preso, mandado à Baía e lá esquarterado, e bramavam pelas

ruas, tumultuando o povo contra o embaixador e sua casa: todos tinham por certo de que D. João IV era sabedor do levantamento e que o fomentára. A carta régia chegou a Haia nos fins de Novembro e Sousa Coutinho levou os papeis aos Estados, propondo-lhes razões para justificar os sucessos de Pernambuco e escusar o facto do governador ter mandado lá tropas. Na resposta disseram que não tomariam deliberação sem obter plenária informação do negócio, mas o embaixador soube por particulares que êles não queriam desculpar o acto do governador, alegando que com pretexto de mediação êle se quiz fazer senhor das terras e praças holandesas, e que assim o provavam os papeis tomados a Serrão de Paiva; que os colonos se revoltaram com promessas mandadas fazer pelo Rei, e que os soldados que António Teles mandou, vieram ajudar aos levantados; que a fortaleza do Cabo de S.^{to} Agostinho fora comprada ao capitão flamengo, que passou a servir no exercito portuguez com posto de coronel. Soube também Sousa Coutinho que as Provincias tinham dado 500.000 florins à Companhia Ocidental para ajuda do socorro que tencionava mandar, enquanto a Provincia de Holanda com a de Zeelanda tinham oferecido gente e navios de guerra à sua custa, sem esperar a resolução das Provincias todas (pág. 322, 323). Além disso, havia boatos de rompimento geral com Portugal, no que o embaixador não acreditava, porque os mercadores holandeses tiravam grandes lucros do commercio do sal de Setúbal, e porque França com certeza não havia de consentir tal diversão contra Rei amigo.

O que não sofria dúvida era que os Estados haviam de continuar as hostilidades de novo, assim no mar como na India e no Brasil, desculpando-se com as Companhias, como ate então fizeram.

Sousa Coutinho tornou a insistir pela necessidade de fazer a paz para que se empregassem todas as fôrças contra Castela: «isto grito e digo a S. Mag.^{de} mas os meus brados são poucos» (pág. 334).

Neste momento difficil, além do perigo que corria a sua vida, de que mal fazia caso, êle estava desprovido de recursos: «ha muitos tempos que nos não chegão ordenados, e aqui com este soccesso não ha mercador que queira dar dinheiro» (pág. 335).

Tinha combinado mudar de residência, mas o dono da que alugara, faltou-lhe com a palavra, mandando dizer que não queria que lhe queimassem as suas casas, estando o embaixador dentro delas (pág. 344).

Na comprida e interessante carta de 11 de Dezembro ao Rei, Sousa Coutinho dá mais pormenores sôbre as queixas e atitude dos Estados, que pretendiam que D. João IV lhes restituísse os fortes tomados pelos colonos, que mandasse castigar os culpados, que não socorresse os levantados e que entregasse o capitão que vendera a fortaleza do Cabo de S.^{to} Agostinho (pág. 338). Ali o embaixador aponta as respostas que se poderiam dar a estas reclamações, fazendo notar a difficuldade da situação, que servia admiravelmente os desígnios das Companhias, interessadas no rompimento com Portugal. Mas nem tudo era negro; se os levantados se pudessem manter, ficando de posse dos fortes tomados, e se fôsem socorridos à socapa, a Companhia Ocidental talvez se visse obrigada a fazer um acôrdo, concedendo aos colonos as suas antigas regalias e liberdades, e restituindo Angola e S. Tomé (pág. 342).

Se por outro lado os levantados se não atreverem a sustentar o que fizeram, seria grande êrro exporem-se a ficar mais perdidos do que estavam. « Quanto mais considero este negocio, menos o alcanço... se S. Mag.^{de} estivesse em paz com Castela, ... então não avia que temer, mas agora qualquer embaraço he de infinito prejuizo » (pág. 345).

Afinal parecia que o socorro prestado à Companhia pelos Estados não passaria de 3.000 homens, e o secretário Brasset protestou ao Príncipe de Orange não consentir que neste número fôsem incluídos os soldados pagos com dinheiro francês. Recorreu-se aos voluntários, mas poucos se ofereciam a ir combater no Brazil, mas não obstante, vendo que os Estados tinham tomado o negócio à sua conta, Sousa Coutinho estava inquieto, e empenhava-se na mediação da França, que a seu pedido Brasset propoz aos Estados. Isto foi nos meados de Janeiro de 1646. « O que devemos procurar he buscar todos os caminhos para que cheguemos á composição » e com êste fim o embaixador pediu de Paris ordens a Brasset para que êste apertasse pela anuência imediata por parte dos Estados à mediação. Êle tinha medo que no caso contrário viessem peores notícias do Brasil, e que os Estados tomassem qualquer deliberação hostil que tornasse impossível o concerto. Já os navios mandados ao socorro de Pernambuco levavam licença para fazer presa nas embarcações dos levantados e nas dos que lhes davam ajuda, licença que certamente seria estendida pelos que a haviam de executar, e que por isso motivou um protesto da parte de Sousa Coutinho.

Por todo Janeiro assim os holandeses como o embaixador aguardavam as notícias do Brasil, por se ter espalhado o boato de que os colonos já estavam senhores de Pernambuco. No intermédio este ia sempre insistindo na mediação, mas os Estados não acabavam de se resolver, por desejar que França fizesse a proposta por escrito, a que Brasset se escusou, com receio duma repulsa que compromettesse a dignidade de seu amo. O embaixador convenceu-se afinal que tudo pendia dos acontecimentos da colónia: « muito importaria serem as novas tais que elles se desenganem » (pág. 358).

Passados poucos dias, soube-se por um navio da Companhia Ocidental, chegado de Pernambuco a Inglaterra, que os progressos dos levantados estavam longe de ser tão grandes como se tinham inventado. Não tinham obrado nada contra o Recife, embora estivessem na varzea, onde tinham feito um forte, e as suas tentativas contra a Ilha de Itamaracá e a Parahiba haviam saído infructíferas; a sua única conquista fora a do forte do Rio de S. Francisco. Nesta ocasião espalhou a Companhia que o seu general do mar tomára quatro caravelas que levavam socorro aos colonos, onde se acharam cartas régias mandando ao governador da Baía continuar a campanha, facto que Sousa Coutinho negou, afirmando de mais a mais que as caravelas eram navios mercantes que iam de Portugal com mercadorias para a Baía e Rio de Janeiro.

Tendo o Conde da Vidigueira retirado para o Reino, deixando o Dr. António Moniz de Carvalho como residente em Paris, Sousa Coutinho passou a cartear-se com êle desde 19 de Fevereiro. Infelizmente poucas destas cartas chegaram até nós, e por falta dum coprador de cartas para o Rei no ano de 1646, não sabemos quasi nada dos negócios diplomáticos conduzidos por êle no ano em que teve lugar a missão secreta do Padre António Vieira à Holanda.

Tanto o embaixador como o residente francês Brasset iam continuando a insistir com os Estados pela mediação de França e pelo acôrdo entre Portugal e a Companhia Ocidental, mas a resposta era sempre que se tornava necessário repôr as cousas do Brasil no antigo estado, a que acudiu Sousa Coutinho com dizer que o Rei não mandava nos levantados. Os Estados recusavam-se a restringir as ordens que davam aos seus navios, dizendo que não tinham mandado fazer presas nos navios portuguezes, mas sómente contra os levantados e a quem lhes desse favor. A verdade é que a Com-

panhia tinha esperanças de recuperar tudo o que perdera, enquanto Sousa Coutinho não desconfiava de poder chegar a um acôrdo em que os holandeses, reconhecendo a impossibilidade de vencer a revolta por fôrça, fariam concessões.

O embaixador disse ao Dr. António Moniz que estimava a vinda do P.^o António Vieira, mas aconselhava que não se alterasse o caminho que levavam os negócios, e aproveitava a ocasião para render homenagem aos esforços de Brasset e ao talento de M. de la Thuillerie, que agora voltára para a embaixada de Holanda. Posteriormente escrevendo em particular ao Conde da Vidigueira, já de caminho para Portugal, aludia a ter-lhe sido mandado por pedagogo o Padre e profetizava o fracasso da missão: « se fora tam bem ouvido nesta corte como na nossa, pudéramos esperar milagres, mas receio que não faça nenhum ». Ao que parece, Vieira foi mandado pelo seu amigo D. João IV a Paris e Haia um pouco a fim de fiscalizar o Conde da Vidigueira e Sousa Coutinho, embora o motivo aparente da viagem fôsse o de coadjuvá-los (1).

A mesma carta de 5 de Março que acabo de citar noticiou a chegada de M. de Estrades e de dois plenipotenciários dos Estados ao Congresso, assim como os boatos de uma paz entre França e Castela, com outras quimeras. « Como até agora foi contra nós, andava o povo cruel e não pode ser mais que chegarem a esquecer-se de nós e dizer mal dos franceses » (pág. 366); rebates da mudança de política que se ia operando em Holanda e que em 1648 levou os Estados a pactuar com o inimigo secular, abandonando a aliança francesa (2).

Em meados de Abril veio de Lisboa a ratificação régia do Tratado da Índia, e Sousa Coutinho foi aos Estados pedir que puzessem em arbítrio a questão do território de Gallé. Chegou na mesma ocasião a resposta de D. João IV ao govêrno holandês, datada de 16 de Março, em que o Rei informava ter ordenado a Antonio Teles da Silva que mandasse recolher a tropa que enviára a Pernambuco e que declarasse maus vassallos Henrique Dias e Camarão, cabos dos revoltados; para maior prova de sua boa vontade de guardar

(1) Vide o estudo do meu amigo J. Lúcio de Azevedo no *Boletim da Academia*, vol. IX, pág. 405.

(2) O afastamento dos Estados da aliança francesa com os motivos que o produziram, entre os quais o primeiro foi o medo do poder crescente de França, vem claramente exposto por Waddington no livro *La République des Provinces-Unies*, vol. 2, Paris, 1897.

a trégua, D. João acrescentou ter nomeado um ministro para ir a Pernambuco fazer recolher a gente que lá andava, castigar os culpados e restituir o que tivesse chegado ao poder dos portugueses (pág. 399, 400).

Com a de 16 de Abril acabam as cartas de Sousa Coutinho neste volume. Em seguida veio o Padre Vieira e voltou a Portugal. Parece que o fim da missão era auxiliar Sousa Coutinho a negociar a paz, a comprar o que restava aos holandezes no Brasil e a obter do govêrno francês o envio dum mediador para estes efeitos. Dos passos que deu nos três meses de estada na Haia (Abril a Julho), nada sabemos por falta de documentos, senão que falhou o intento. Se isto se deu por êle não ter fundos necessários, o fracasso foi feliz, porque pouco a pouco os colonos iam estendendo as suas conquistas, até que puzeram cêrco à cidade de Pernambuco.

Tendo recebido o relatório do Jesuita, o Rei a 13 de Setembro dirigiu-se a Sousa Coutinho dando-lhe elogios pelo seu trabalho, e aprovando as suas advertencias, anuncia-lhe que tencionava remeter dinheiro para a compra de Pernambuco e de alguns dos Estados: acrescentando que ia mandar fazer diligências em França para que esta potência entrasse na mediação com todo calor e na Junta de Munster com os representantes de Holanda. Também ia mandar o dinheiro da multa que Gaspar Dias Ferreira tinha sido condenado a pagar, recomendando que lhe fôsse entregue com tal cautela que os holandeses nada soubessem (1). Depois de referir-se à tomada pelos levantados das fortalezas da Ilha de Itamaracá, D. João IV observou: «por minha parte se tem feito as diligencias de que se vos tem avisado para fazer cessar aquella guerra e para dar aos ministros da Companhia ali e nesse lugar toda a justificação» (pág. 370).

Os holandeses tinham feito e faziam um jogo desleal com Portugal no Maranhão, na África e no Oriente (2) e o govêrno de

(1) Depois da capitulação de Pernambuco foi feita mercê a êste homem duma tença de 80000 e para seu filho do hábito de Cristo com promessa de uma comenda de 100000 pelos seus serviços em Pernambuco, insinuando-se astutamente no animo do Conde de Nassau, conseguindo benefícios para os portugueses, e vindo a ser encarcerado pelos holandeses durante 4 anos. Também recebeu o foro de fidalgo. *Portarias do Reino*, livro III, fl. 84 v.º, no Arquivo Nacional.

(2) As contendas dos portugueses e holandeses no Oriente são descritas por W. van Geer no livro *De opkomst van het Nederlandsch gezag over Ceylon* (Leiden, 1895), que não cheguei a ver.

D. João IV, embora não conste da correspondência deste volume, imitava-os, auxiliando pelas armas e pelas vias diplomáticas os levantados de Pernambuco (1).

Nos volumes a seguir, assistiremos ao desenvolvimento da política, a que Sousa Coutinho se dedicava com grande persistência e habilidade, a qual lhe mereceu a admiração dos estrangeiros e que foi coroado de bom exito para o seu país.

E. P.

(1) Os holandeses vingaram-se do levantamento de Pernambuco, abandonando a causa portuguesa em Munster e negociando com Castela a partilha das praças pertencentes a Portugal no ultramar.

CARTAS

Instrução Secreta dada a Sousa Coutinho por El-Rei

1643, Maio 5. Lisboa

Francisco de Sousa Coutinho amigo. Demays da Instrução publica de que haveis de uzar na embaixada de Holanda a que vos envio, me pareceu mandarvos dar esta secreta, para vos advirtir com a particularidade que aquella não sófre, o que de mais se ofrece dizervos acerca do bom expediente dos negocios que hades tratar. Ainda que espero do Principe de Orange se empenhe tão eficazmente a favor dos bons efeitos de vossa embaixada que pudera escusar toda a outra deligencia, me pareceu conveniente dispolo tambem, com lhe mandar fazer alguma oferta de joyas, drogas, ou regálos destes meus Reynos, para o caso que se consiga o fim de minha pretensão sobre a restituição das praças, pello que vos mando que entre os meyo conque solicitares sua assistência e intervenção com os Estados, procurareis tambem introduzir este, buscando occasião acomodada e conveniente para se fazer com toda a deçença, e então lhe podereis oferecer de minha parte, efetuandose a restituição das praças occupadas, té quatro centos mil crusados em joyas, ou outras drogas deste Reino e suas conquistas, quouis elle mais quizer, ou dinheiro, se vos parecer que elle aceitará este como melhor droga, e que o pagamento se fará a todo seu contentamento e satisfação.

E porque este meyo costuma de hordinario ser de grande efeito, hireis tambem advirtido, para que entre as mais deligenças conque procurares que eu fique incluído na paz, tentareis a de oferecer, ou ao mesmo Principe, ou ás pesoas que julgardes poderão servir mais para este efeito, té quantia de duzentos mil cruzados, com a mesma cautella e advertença, porque não aconteça que em lugar de adiantar el intento o pejoremos, ofendendo com a indeçença da oferta, e para este caso levais duas firmas em branco minhas, debaixo das quais segurareis a satisfação e cumprimento ao prometido, que podereis, quanto a esta segunda parte dos duzentos mil cruzados, acrescentar o que parecer necessario para se conseguir o intento a que se ordena esta oferta, tendo sempre contudo á estreitesa enque se acha ineu patrimonio particular atençaõ.

Se acontecer que a reposta sobre este particular da restituição das praças

se dificulte em resão de se tratar, não só das do Brasil, senão também das da Índia Oriental, hireis advirtido que posto que na preposta faleis em humas e outras, chegado á pratica de conveniência, tratareis só das do Brasil, com tal cautela que se os Estados não advirtirem (1) a proposta na parte que respeita ás da Índia, vos acomodareis a isso com a dissimulação e protestos necessarios, que bastem para lhe fazer entender que a pretenção a seu respeito fica em seu vigor, e vindes em se não tratar por hora dellas só em resão a se facilitar a resolução das do Brasil, porque o contrato de humas e outras as não embarça; e se acaso admitirem pratica de todas, então, valendovos do mesmo fundamento, direis que para que o acordo se possa encaminhar com mais facilidade, convirá dividir os tratados, resolvendo primeiro no que toca ao Brasil e ajustado elle, se tratar do outro, pondo sempre grande tento em lhe fazer entender que o cuidado he igual a respeito de humas e outras, salvo no caso em que vos parecer que se conseguirá mais facilmente a parte que respeita ás do Brasil, se elles se persuadirem que hão de ficar com as da Índia, porque então vos haveis com a destresa que convenha para esforçar esta sua presuação, não vos declarando comtudo.

Dado caso que movida pratica de conveniencias e satisfação que se hade dar aos da Companhia Occidental pella restituição das praças do Brasil, se achem dificuldades em se ajustar o computo das despesas que se fiserão na conquista e avanços que se conseguirão della, e pareça que para se tomar resolução he necessario reduzir a satisfação a quantia certa, podereis prometer dois milhões de crusados, pagos na forma do que vai provido acerca deste ponto na Instrução publica; advirtindo que se vos não aceitarem esta oferta, nem por isso vos desabrireis do contratado, antes retendo sempre a pratica da restituição, vos hireis entretendo na melhora do resgate, até que tenhais lugar de me avisar da quantia que vos pedem, e eu vos mandar responder o que mais convenha a meu serviço.

Chegado o negocio da restituição a termos que se ofreça tratar das seguranças que se hão de dar ao comprimento do capitulado, me avisareis, para eu mandar pedir a El Rey Christianissimo queira segurar aos Estados o inteiro cumprimento do que capitulares com elles sobre esta materia; mas porque estas não são necessarias da minha parte mais que para o caso em que os Estados asentem em mandar logo fazer com efeito restituição das praças, hireis advirtido que elles me hão de dar a mesma segurança da authoridade del Rey Christianissimo em todo o outro caso, porque como a entrega da contia que lhe[s] mando ofreçer se hade faser em prazos, se elles não quizerem restituir, senão despois de se verem entregues, ou de tudo, ou daquella parte que parecer conveniente, será então necessario que me de[m] a mesma segurança a estarem pello capitulado, logo que se mostrar[em] satisfeito[s] por minha parte. E porque he muito importante que a restituição se consiga com a mayor brevidade possivel, procurareis muito capitular, no caso enque não queirão entregar logo, que ao menos entregarão tanto que

(1) Provavelmente *admittirem* no original. *Advirtirem* deve ser erro do copista.

receberem a metade da quantia enque se acordar o resgate. = Luis Teixeira de Carvalho a fez em Lisboa a 5 de Mayo de 1643. Pero Vieira da Silva a fiz escrever. Rey.

Bibliotheca de Evora, Codice $\frac{CVI}{2-3}$ fl. 17 v. (copia).

**Oração feita aos Estados nos 14. de Julho na primeira audiência
que teve o embaixador Francisco de Sousa Coutinho**

1643

Pouco mais de dous annos ha, altos e muy poderosos Sn.^{tes} Estados, que a sacra e real Mag.^{de} de El Rey meu S.^{or} foi restituído á coroa, que por todos os titulos de direyto devino e humano lhe pertencia, e que o poder violento de Castella lhe tinha tiranicamente usurpado, e sou eu o quarto embaxador (1) que em seu nome se presenta a V. A.; (2) claro e manifesto sinal do muito que estima vossa boa amisade e aliança, pois tantas e tão amigaveis demonstraões faz e tem feito por ella. Porem por mais que faça, nunca poderá chegar ao muito que dezeja, que como a S. Mag.^{de} lhe coube por herança o Reyno, assy herdou tambem o amor e benevolencia para com estas Provincias Unidas, como legitimo descendente daquelles grandes e nunca dignamente louvados os S.^{tes} Reys D. Manoel e D. João 3.^o e D. Sebastião. que tão inviolavelmente com ellas a guardarão sempre; assy que podeis estar certos que no mesmo lugar lhe ha de ficar a conservação desta fee, que a de seus proprios Reynos.

E não haja quem cuide que se com a reciproca correspondencia se arreigão mais as vontades. poderá haver diminuição com a falta della: quem muito ama, ainda nos descuidos acha insentivos pera mais amar, e descobre desculpas, quando as considera necessarias: pagua-sse S. Mag.^{de} mais do amor (como esençeal) que tem em V. A. por certo para com elle e para com seu Reyno, que das ceremonias que julga por accidentes. Verdade seja que ocasiões ha em que ellas são igualmente necessarias: mas os Reys sempre ficão fora destes escrupulos, os vassallos não, que he diferente a sua razão d'estado: discorrem materialmente só por aquillo que vem, e como trazem o entendimento na vista, as mais vezes se enganão. Considerão haver S. Mag.^{de} não duplicado huma só vez embaixadores a V. A., mas duas; conhecem lhe o animo promptissimo para tudo aquillo que convier, não só a augmento dos Estados, senão ainda ás cousas particulares do seu gosto, e parece lhes que por não terem visto as mesmas demonstraões, que pode o amor não ser igual; mas desculpemo-los, se errão, porque tambem são culpas de quem ama. O tim a que caninhamos todos, convem que seja o

(1) Os outros foram Tristão de Mendonça Furtado, Frei Diniz de Lencastre e o Dr. Francisco de Andrade Leitão.

(2) Frederico Henrique, Principe de Orange.

mesmo, e com isso importará menos que os caminhos sejam diferentes; nada que a nós nos esteja mal, vos poderá a vós estar bem; vossa grandeza confiamos em Deos que ha de crescer com a conservação da nossa, [e] com o conservar-se ella, poderá facilitar muito vossa assistencia, e nem huma nem outra faltará, enquanto durar estreito o vinculo de nossa amizade e alliança. Juntos, não haverá poder que nos contraste, devididos, huns e outros ficaremos menos seguros, ou pelo menos com mayores cuidados. Fora delles está El Rey meu S.^{or}, porque lhe são muy presentes as rezões e conveniencias que ambas as partes tem para ser eterna esta união; nem lhes fez a S. Mag.^{de} duvidar della chegarse a tratar da paz geral sem se lhe fazer a saber, que assegurado no primeiro, está certo que ou ella se não effectuará, ou V. A. não virá nella sem ficar incluído o Reyno de Portugal, assy pelo que vos mereçe, como porque havendo-sse de tratar de tantas restituções, nenhuma ha mais justificada que esta.

O inimigo comum foi hontem o arbitrio (sic) d'Europa, hoje está a arbitrio nosso, se soubermos, ou quizermos aproveitar-nos do tempo; está seu poder na mayer miseria que nunca se pode imaginar, falto de gente, pobre de dinheiro, e o que mais he, de conselho, (meios que Deos toma quando os pecados de huma monarquia chegam a obrigar a sua divina Mag.^{de} á ruina della). Chegou a de Hespanha a igualar-sse com as mayores que houve no mundo, a passa-las na duração, tudo por ventura para que o castigo fosse mayor, como de ordinario são os que se dilatão.

Que errados são os juizes dos homens! Entenderão os mayores polyticos de Hespanha, e ainda os de fora della, que consistiria sua mayor grandeza e perpetuidade na extenção de tantos reynos, e foi sua ruina, e prenostico della, cada hum dos que lhe acrescia. Já ao poeta lhe pareceo que o mayor inimigo do Imperio Romano fora sua mesma grandeza, («in se magna ruunt» diz elle). Não quis Hespanha acabar por este caminho, ou não quis Deos, que he o mais certo, senão que fosse pelo mesmo de adquirir e perder, e que fossem os executores da divina justiça aquelles mesmos executados pela injustiça Castelhana; menos estabilidade permetia ella, que o violento nunca dura muito; que justos titulos lhe acharemos para tantos Reynos; já pode ser que o de Castella não seria justificado. Quem ignora a iniquidade com que El Rei D. Fernando, chamado por anthonomazia «o Catholico» despojou ao pobre Rey D. Fradique do Reyno de Napoles, entrando suas armas nelle com pretexto de lhe valer contra as de Luis 12.^o de França, e que consertado depois com elle na igual divisão das terras (1), se ficou com segunda iniquidade com humas e outras, faltando a hum na obrigação do sangue e a ambos no sagrado da palavra? O Reyno de Navara, diga França e diga o mundo o direito com que o retem ha tantos annos! O Estado de Milão, vivo está a quem pertence por direito descendente dos s.^{tes} delle. Dizey vos, altos e poderosos Estados, quem vos obrigou a sacudir o jugo Castelhana, que se bem

(1) O tratado neste sentido entre França e Castella foi ratificado em 11 de Novembro de 1500.

forão estas Provincias erança sua, as tiranias usadas nella justamente a fizerão alhea: porque não ha ley divina nem humana que obrigue aos vassallos a soffrelas. Condicionalmente se sogeitirão as gentes aos Reys, com que ficirão iguaes as obrigações. Inda oje estais lamentando as lastimosas tragedias que no sangue de vossos avos representou a crueldade Castelhana! Que praça ha em todas estas Provincias que se não visse regada delle? Calo outras miserias mayores, que na memoria dos honrrados he forsa que estejam presentes, quando ao mundo todo forão manifestas e notorias. Consideray o serenissimo Eleytor Palatino, Rey de Boemia (1), que viveo e morreo despojado da erança de seus avos, a serenissima Raynha sua mulher e os principes seus filhos perigrinando. Voltay agora os olhos ao Reyno de Portugal, á grandeza em que vossos passados ho conhecerão, e á miseria em que os que estais presentes o vistes. Não houve genero de tirania (por espaço de sessenta anos) que se não executace nelle. Deixo-as por sabidas de todos, e por não trazer a memoria magoas de que já o braço poderoso de Deos foi servido livrar-nos, dando-nos Rey natural, legitimo descendente dos Reys delle e immediato successor de sua coroa, em que nem ainda duvida a malicia Castelhana. Porem o hodio tem nella primeiro lugar que a justiça; como tem já convertido em sangue proprio o que foi suor alheo, não imaginou nunca que chegasse tempo em que delle se lhe tomassem contas tão estreitas; quer oje da injustiça que conhece fazer justiça que nunca conheceo, arostrando aos meios da paz de que sempre na Europa foi perturbadora; mas virá nella para respirar dos apertos em que se vé; rompe-la-ha tanto que se vir com forças; cobra-las-ha tanto que as suas frotas navegarem seguras; cobrando-as, estas Provincias e aquella Coroa são objectos de seu odio; ten-nos por rebeldes, e acha que até no sagrado da feé real pode haver execução. Quem nas prosperidades a não guardou nunca, como se poderá esperar que a que prometer, cercado de miserias, guardará, huma vez sahido dellas.

Responder-se-me-há que para com vosco correm rezões muito diferentes, e que em tempo que as couzas de Hespanha estavam em mais prospero estado, vos guardarão inviolavelmente huma Tregoa que com elle assentastes, sendo as condições quais vós quizestes. Assy o confesso, mas se a Tregoa ou paz lhe está bem, agora pergunto porque antes della acabada não tratarão de a prorrogar, senão que no mesmo instante que se acabou o tempo, tornárão logo a tomar as armas, o que farão todas as vezes que lhes parecer que poderão melhorar de partido. A soberba dificultosamente a vence o conhecimento proprio, porque he couza muito distinta da prudencia, e o que elles por sy não hão de fazer, nunca conviria que nos os obrigassemos a que o fizessem; que se toda a boa disciplina militar está ditando que se não ha de pelejar com o inimigo quando elle quer, senão quando nos está bem, porque rezão não seguiremos a mesma regra para a paz; mormente que entendo que nos tem escolhido Deos por instrumentos de sua vingança, e que com nossas mãos quer castigar suas offensas, e parece que será sahir da vontade divina

(1) Frederico V.

escolher outros meios, se nos hão de desviar deste fim. O tempo he o mais arezoado que poderamos dezejar; acabemos de huma vez com esta idra; não lhe deixemos cabeça que possa brotar outras; fiquem de huma vez quebrantadas suas forças; busquen-nos sem o reboço do zello, e quando puramente se confessar necessitado («arma tenenti omnia dat qui justa negat»). Para o esperar assy, temos metido no coração de Hespanha as victoriosas armas do Christianissimo, que se bem oje justamente magoados com a imtempestiva morte daquelle Rey, grandes (sic.) por todos os titulos, vemos todavia que depois della seguem o mesmo intento, e as segue a mesma fortuna. Estes poderosos Estados, conserva-los-ha (grandes e poderosos) a guerra, pois a guerra os faz grandes e formidaveis. El Rey meu s.^{or} prevenido para entrar neste verão em pessoa nas fronteiras de Castella; se o não fez até gora, não o poderá culpar quem considerar o miseravel estado em que achou o Reyno, exaustado de dinheiro, sem hum mosquete, sem huma pessa de artilheria; e se com gente de muito valor, de pouca experiencia; o rio sem huma embarcação. Tudo está em pouco mais de dous annos prevenido, senão de todo o necessario, ao menos do conveniente; e quem lhes parecer que se tem feito pouco, ou de todo ignorava nossas faltas, ou olha nossas couzas com pouca affeição. Por ventura que neste pouco tenha o meu Rey corrido tanto nos bons sucessos de Catalunha, como as mesmas armas francezas.

Quarenta mil homens occupão as fronteiras de Portugal e Castella, que se havião de haver opposto a seu poder, [e] o dinheiro do nosso Reyno, lá se havia de passar, que ainda que não he muito, hé o que bastará a tirar a commua queixa que de nós fazem as nações estrangeiras que nos assistem. Se as pagas se lhe fizerão por mãos de nossos pagadores e não pela de seus officiaes, cujos superiores, se ouvirão os soldados, e não a quem os governa, estou bem certo que lha não ajudarião; mayormente que inda quando fora justificada, rezão seria dar quebras a hum Reyno que começou a levantar cabeça, quando já estava para espirar, e sem mais ajudas que as proprias? Ponde, Sn.^{res}, os olhos em vós mesmos (setenta annos atras) e conferindo vosso poder naquelle tempo com o nosso, neste achareis que o que por nós se tem obrado, tem mais de poder devino que de forças nossas. Não temos perdido hum palmo de terra, em nenhum recontro deixamos de ficar aventejados, e havendo sido o nosso intento restituirmos o Reyno a cujo era e conservalo nelle, já nos não damos por contentes, antes nós procuramos pagar no alheo das perdas do tempo da indevida occupação, o que felicemente se poderá conseguir, junto vosso poder ao nosso, ou pela união, ou pela diversão.

A paz geral inda duvido que esteja bem a todos, mas a particular a todos será danoza, e bastará pelo menos para o ser contra a reputação, perigar hum só dos confederados; mas a vós Sn.^{res} em nenhum dos cazos volo hei de approvar. Que se hão de fazer essa immencidade de naos com que povoais os mares e amedorentaes as terras, no ossio da paz? Em que haveis de occupar vossos valerosos capitães e soldados, que com tantas victorias vos tem feito gloriosos no mundo todo? Não pode o trato conservar o que as

armas adquirirão; sejamos nós mesmos os Portuguezes na India a prova desta verdade. Emquanto durou nos Viso Reys e capitães que a elle passarão o valor e brio para anteporem a honrra aos intereções da fazenda, não perdendo esta, fizerão seu nome eterno; como tratarão só daquella (1), em huma e outra tiverão grandes quebras. Mas porque El Rey meu S.^{or} não he seu intento preturbar huma paz universal, antes ajudala, pois está tida por bem comum, seguro na fé que lhe havia empenhado o Christianissimo, e seguro tambem na que tem por certa em V. A., cujo exemplo espera que sigão os mais confederados seus, e tendo por couza impraticavel, pelo que a todos convem, admitir-se tratado sem que S. Mag.^{de} e seus Reinos fiquem incluídos nelle; tem todavia por muy conveniente á authoridade Real que com os convocados á Dieta de Alemanha passe tambem plenipotenciario seu, como de Rey soberano e S.^{or} absoluto, ponto em que espera que V. A. lhe assista com todas suas forças. A cauza he commua, nem eu duvido que por tal a deixeis de julgar, e seria faltar, não só a nós, senão a vós mesmos consentir que em huma Dieta convocada só a fim da quietação dos mais dos Principes de Europa, não entrasse o de Portugal, quando dos danos que do contrario se nos seguissem, vos havia de caber tanta parte. Mas não he esta a rezão mais forçosa, senão que poderá dizer o mundo, que foi tão pouco firme [a] amizade que comnosco contrahistes, que pode ter quebra tão grande na occazião em que mais a havemos mister. Para procurar e solicitar que assi não seja, me elegeo S. Mag.^{de} embaxador a V. A. Não quero dever lhe a eleição por asertada, por authorizada sy, pois me manda tratar a V. A. os negocios de mais importancia, e a provincia de que me corpe pelas veas muita parte do sangue que nellas tenho; á villa de Doort devo hum de meos avos, e quando esta parte, de que tanto me honrrro, me não ajude para achar em vós o que pretendo, bastará para que no que me tocar a mim, possa acertar no serviço de quem me escolheo.

Para o mesmo effeito manda S. Mag.^{de} novos embaxadores aos amigos e confederados, que assistidos por vós, conseguiremos todos o fim que dezejamos. Folgai, Sn.^{res}, de ajudar hum Reino em que sempre achastes amigavel correspondencia; fasey estimação de hum Rey que como amigo vos busca, para vos dar parte na gloria de seus augmentos. Verdades vos venho propor, não fantezias quimericas. Não vos hey de ostentar grandezas, se bem pudera, a respeito do passado, sem alimentar miserias, pois que pela misericordia de Deos estão remediadas e prevenidas, inda para os casos mais desesperados que se possão dar. que não sera esta a vez primeira que sós com o mesmo inimigo e pela mesma cauza com prosperos successos contendamos.

El Rey de Portugal meu S.^{or} he legitimo Rey daquelle Reyno, por sangue, por successão e por aclamação. Convem que não só os amigos o conheçais por esse, mas que façais de sorte que os inimigos o conheção tambem. Dever-vos-hemos tanto como a nossos mesmos naturaes; deixareis ao Rey e ao Reyno com novas obrigações e vós S.^{res} não ficareis livres dellas, pois vos

(1) *Ali.ís* desta.

damos parte igual com nosco na memoria dos seculos vindouros, que se não poderá falar na mais glorioza acção que no mundo houve, sem que se diga que se os portuguezes restituirão a coroa a cuja era, vos tiverão por companheiros para lhe ajudardes a assegurar. Assy o espero, assy o confio.

Torre do Tombo, *Conselho Geral do Santo Officio*, codice 1387. *Livro da Embaxada aos Estados Geraes das Provincias Unidas feita por Francisco de Sousa Coutinho*, fls. 7 a 9 v.º (1).

Sousa Coutinho a El Rei

1643 Julho 14 (2)

Em Amsterdam, de donde deixey escrito a V. Magestade (3), me detive mais dias do que quizera, por cauza de huma febre que me deu no dia que desembarquei, e durou hums oito ou nove, bastante para ser doença, se o medo de climas estranhos me não fizera remediala com bom regimento. Nesta Corte entrei em sesta feira, dez deste, ás sinco da tarde, que foi a hora que os Estados me sinalarão. Fez-se-me o recebimento ordinario de me esperar meia legoa dous delles, e me trouxerão acompanhado de couza de vinte coches, disculpando-sse me pelo caminho da pouca gente que levavão e encontravamos, por estar toda, ou a mais principal, em campanha na armada do Principe, e faltarem tambem da terra as Prinçezas, sua molher e nora. Agasalharão me na caza que costumão, que he a mesma em que está o embaixador Francisco de Andrada, depois que se lhe queimou a en que vevia; fizerão me o gasto até hontem por todo dia, que foi em que dei a embaxada, e por conferencia que tivemos antes della se assentou que por hora se não tratasse mais que de plenipotenciario, ou de impedir o tratado da paz sem que V. Magestade fosse admittido a elle. Para isto lhe fiz aos Estados huma larga oração, e inda que he fiar muito de my, a mando a V. Magestade. Aos Estados me affirmão que pareceo bem; seria por que a não entenderão, se bem lhe referi em portuguez, e depois se lhe leo em framengo. Pedirão me que em ambas as lingoas lha deçem por escrito, e inda acrescentarão que como a sua não tinha a elegancia da nossa, estimarião vella na latina; em todas tres se está fazendo. Se eu me deixára persuadir facilmente pelo que me dizem, e os da minha familia ouvem pela terra, pudera dizer a V. Magestade que se fez aqui estimação de minha vinda e de minha pessoa, mas quero cuidar que são isto entradas de hospede, se bem he verdade que com hum visavo holandez que tenho, ha muitos que dizem que bem se me deita de ver no

(1) Uma copia desta oração existe na *Collecção de S. Vicente*, vol. xxii, fl. 145.

(2) Comparam-se as informações desta carta com as que se encontram no fragmento duma carta de Sousa Coutinho sobre a sua jornada de Hollanda no *Appendice*.

(3) Falta no copiadador esta carta, que comtudo deve tratar da conferencia havida em Amsterdam aos 5 de Julho entre Sousa Coutinho, Andrade Leitão e Botelho de Moraes. Transcrevo no *Appendice* o accordo desta conferencia e a carta que os embaixadores enviaram com elle ao Conde da Vidigueira.

rosto que não sou todo portuguez. O que posso afirmar só a V. Magestade, he que tiverão os Estados gosto particular do que neste ponto toquei na oração, mas com tudo isso pesso a V. Magestade com a confiança de criado cazeiro que estas miudezas não saião a publico, porque haverá quem cuide que me deixo enganar com ellas, e que poderei fazer o mesmo nas de mayor importancia. Quer V. Magestade que lhe diga tudo, e assy o faço. Pedi logo commissarios, assy pera este negocio, como pera os mais que trazia que tratar, e depois de darem as graças a V. Magestade pela mercê e honrra que lhes fizera (são palavras suas) em me mandar rezedir a esta Corte, me derão a my as boas vindas e que logo mos nomearião, e suposto que hei de dizer tudo, não só porque V. Magestade mo ordena assy, e nem pela obrigação do offiço, se não ainda pelas particulares que devo ao pão de Villa Viçosa, direy o que tenho entendido, tornando a pedir a V. Magestade que esta carta não passe do secretario Pedro Vieyra.

O embaxador Francisco de Andrada me fez mercê de me hir ver a Amsterdam; e a Rodrigo Botelho e a my nos diçe rezolutamente que não havia de passar a Muster (sic) na forma que V. Magestade ordenava, em ordem ao que se fez o papel que todos tres assinamos, e deve de hir neste mesmo navio (1), porque acha que não convem, nem á authoridade de V. Magestade, nem á sua, depois de duas embaxadas extraordinarias (2), deser tantos furos como o hir no sequito da de Holanda. Da-lhe motivo tambem para levar ao cabo este pensamento, vir nesta parte diferente a minha *Instrucção* da sua, porque nella lhe diz V. Magestade que dezenganado de que não se podendo conseguir o intento de plenipotensario, havendo primeiro os passaportes necessarios, passasse á Dieta na segunda fôrma, e na minha, inda que V. Magestade me ordena que inste no primeiro ponto, não dá tantas largas para o segundo como o elle quer, e sem embargo de que as suas rezões são forçosas, e de que eu entendo que passando os nossos embaxadores como familiares dos outros, sem passaportes de plenipotensarios, poderão obrar pouco a respeito de que os de França e Olanda hão de seguir as instrucções que levarem daquelle Reyno e destas Prouincias, assy que he força nelle e nellas se há de fazer: os mandatos dos Reys não admittem intrepetações, porque são *stricti juris*. Prosequirei com os preseitos da minha *Instrucção* e creio que não hirá contra isso Francisco de Andrada, môrmente que se não poderá escuzar de hir na forma que fôr Luis Pereira, que esperamos fassa por aqui seu camiuh, porque este fazem os embaxadores de França, assy que não posso affirmativamente dizer o que fará Francisco de Andrada; só digo que o tem tão desvanecido as excelencias que diz Rodrigo Botelho que lhe cortou o coração este pobre homem e que não está capaz de viver em Lisboa, e he tanto, que não aguardou cá ver minha cortezia, mas logo de cara a cara me propôs que me havia de preçeder nos lugares, como de embaxador extraordinario a ordinario, e não se contenta com

(1) Vem no *Appendice*.

(2) Inglaterra e Hollanda.

que isto haja de ser nos autos publicos da embaxada, se não que ainda na sua mesma caza, e no seu mesmo coche, quer ter o melhor lugar, no que eu não virey; no outro sy, porque me puderão ter por tão neceo em consentir o segundo como em não estar pelo primeiro; e inda que tambem aquelle pudera regatear, porque offerecendo-sse-me já lá esta dificuldade e perguntando ao secretario Pedro Vieira como neste particular me havia de haver, me respondeo que nos trataríamos como dous amigos, eu comtudo estou pelo que as leys dos embaxadores dispoem, e estarey pelas da urbanidade, em que eu cuido que o companheyro não virá: mas esteja V. Magestade certo que nos não dezaviremos de maneira que sahia a rua, porque com tirar a occazião, tiraremos as duvidas, para o que tenho já mandado fazer coche e comprar cavalos; mas não he esta a dificuldade mayor, que eu per todas passára, acertando por my o serviço de V. Magestade, se houvesse de adiantar, mas creio que será muito pelo contrario o tempo que assestiremos juntos, pelas contrariedades que lhe acho a este pouco em que nos comunicámos. Em Amsterdam me diçe logo tinha as couzas cá tão dispostas no tocante ás restituições, que por oras esperava a boa rezolução della, (mas creio que entendendo que Maranhão e S. Thomé estarão restituídas pelas armas); logo me diçe que a minha vinda forá a persuações suas (digo a embaxada, não a pessoa), a tratar da paz que estes Estados muito dezejão: depois aqui lhe parece poderey atrazar os negócios que trata e os que venho a tratar, e dá a entender que huns e outros poderia acabar melhor só que acompanhado, pelas notícias que tem delles, e em que está já tão adiante, e que eu venho a começar de novo. O que posso recear he que dous venhamos a ser menos que hum, e entendo que hum sobeja. Digo isto, porque sendo cazo que elle não haja de passar a Mustel (*sic*), seria conveniente que hum de nós fosse para o Reino, e o qual houvesse de ser, se servisse V. Magestade de o mandar assym quando venhão (*sic*) a reposta destas cartas, escolhendo V. Magestade o que mais a seu serviço convier. Não darei eu voto, mas dar-me-ha V. Magestade licença para as rezões que correm per huma e outra parte. Francisco de Andrada ha hum anno e meio que assiste nesta embaxada, conhece todos os como que ha de tratar, e provavelmente lhe terá alcançado os humores, como primeira obrigação de embaxador. Entendo que inda que a V. Magestade diga o contrario, lhe não pezará de continuar mais tempo. Eu senhor tudo pelo contrario, inda que poderei vir a ter as notícias necessarias, passará primeiro algum tempo, e não convem perder nenhum. O gosto de estar não he mais que emquanto cuidar que poderei servir a V. Magestade, que fora dahy, nenhum outro teria mayor, que servir a V. Magestade onde o pudesse ver todas as horas. A fazenda Real terá mais gasto comigo que com elle, respeito que não posso gastar outra, porque a não tenho; minha caza, alem de me ter com cuidado, tambem he cargo para a mesma fazenda, que com tantas jornadas durão ainda os empenhos da minha; o que suposto, ordenará V. Magestade o que mais seu serviço fôr, advertindo que a assistencia daqui não pode deixar de ser larga, se se houver de chegar com o negocio do Brazil até á ultima mão (como

convem): assy que rezolvendosse V. Magestade a que seja eu o que haja de ficar, será conveniente, não só para a fazenda, senão ainda para o serviço de V. Magestade, mandar eu vir minha caza, que poderei ter comodidade para o fazer sem dispendio nenhum de V. Magestade, e com o decoro que convem, porque não acabão de se persuadir os Estados que venho para rezedir, tendo mulher, vir sem ella, e não ha nenhum delles que mo não preguntasse, porque todos nos días que me ospedárão repartidamente me assistirão ao jantar e sea, e com lhes dizer que a não trouxera logo, por não saber os estilos da terra, e que mandaria por ella, se satisfizerão, pois todos os embaxadores assistentes tem aqui as suas, môrmente que se seguirá daqui môr comodidade ás mesmas fazendas, que será poder eu, acabada a embaxada (sendo V. Magestade servido), hir me em direitura ao meu governo; porem isto no cazo que as minhas propostas sejam bem recebidas, e já quando venha a reposta de V. Magestade, o teremos sabido, e assy tambem se passa ou não a Mustar (*sic*) meu companheiro. Elle deve avizar a V. Magestade com mais circumstancias da materia, como das mais que da terra terá noticia, que a mym ate gora me falta. Duvida tambem meu companheiro no dar o presente da Rainha minha senhora á Princeza de Orange, e diz que inda elle foi o que persuadiu que se mandasse: hera em tempo que não havia os sihmes que me afirma ha oje entre o Principe e os Estados, e que não sabe se nos faremos tambem com elles sospeitosos, e eu nisto não posso votar. Ainda tempo me fica para cuidar, por que marido e mulher estão abzentes, a ambos trato de mandar visitar e saber delles quando querem que em nome de V. Magestade o va fazer.

A Raynha de Boemia (1) me mandou visitar logo por hum gentil homem seu, e ao houtro dia o Príncipe seu filho. Dom Luis (2) me vio hontem, que me pareceo mui gentil pessoa. Diçe-me que o Principe de Polonia, Cazi-miro, hera passado a Roma, para dahy hir contra nós governar as armas de Castella, mas que nos não desse muito cuidado, porque tem mais de authoridade que valor e suficiencia para elles.

Achey-me com grandes differenças em que nas embaxadas de Dinamarca e Suecia, há destes Estados, porque demanda mais authoridade que as outras, a respeito da concorrência de mais embaxadores; e suposto que a que trago de familia lhe pareceo aqui a meu irmão mais velho demaziado, todavia para a de portas a dentro me acho com muitas faltas, a que não poderá suprir nem o ordenado de V. Magestade, nem a minha fazenda. Algumas vou remedeando, mas outras me será impossivel, como são ornar a minha cabella, e fazer hum docel. Huma couza, e outra escuzo, se houver de ficar o companheiro, mas rezolvendo que seja eu, ou por elle passar á Dieta, ou vindosse para o Reino, me são prezizamente necessarias, e ambas poderia V. Magestade fazer me mercê de me prover com ellas, sem chegar a dispendio nenhum, senão servindosse de me mandar hum ou dous ornamentos de frontal e cazu-

(1) Isabel Stuart, viuva de Frederico V, e filha de Jayme I de Inglaterra.

(2) D. Luiz de Portugal, neto do Prior de Crato.

lha (*sic*), daquelles que da Capela Rial se costumão dar, quando já estão velhos, a igrejas particulares mal providas que os pedem, e hum docel dos ordinarios que V. Magestade possa escuzar dos muitos que ha na Caza de Bargança e na Real, já sem serviço, que poderei restituir quando embora torne, inda que então espero que me faça V. Magestade tanta mercê que tambem lá possa uzar delle. Aqui o tem o embaixador de França, e inda que o meu companheiro o não tem, e eu entrei sem elle, sempre virá a tempo, e parecerá cortezia mui de pençado pelo quando ficar só. Bem entendi eu lá que me havia de ser necessaria, e o diçe ao secretario Pedro Vieira, e elle me diçe que o diçesse a V. Magestade, e fujo tanto de parecer importuno, antes me quiz faltar no neçessario que parecer sobejo no que entendi que podia escuzar, o que oje entendo que não pode ser; e se isto fora só authorityde minha, facilmente dispensára com ella, mas como o he de V. Magestade, convem que ou V. Magestade acuda, ou me tire o escrupulo de estar sem elle.

Os Príncipes de Orange, elle está na campanha e ella (1) em hum lugar, distantes ambos a caminho de tres ou quatro dias. Trato de os mandar visitar, em quanto não vou eu saber do Principe, se está em parte onde me possa dar dia para o ver, diligencia uzada, sem a qual não posso hir. Mandei dar passagem, inda quando estava em Amsterdam, a alguns soldados portuguezes que aly achei de varias partes; cá os soccorri por conta da fazenda de V. Magestade, nos gastos que havião feito no tempo que se detiverão por falta de lhes darem passagem. Oje me entrarão pela porta outros quatro, fugidos do exercito de Flandes, a que faço o mesmo. Será caminho a que com pouca diligencia lhes tiremos todos os que nelles servem, que emfim tem alguma experiencia e são nossos naturaes, para o que convem termos para isto dinheiro prompto, porque cada dia virão. Para os gastos da passagem, hirá letra de Lopo Ramires sobre o thezoureiro mór: sirvasse V. Magestade de lhe ordenar que a asseite e pague, porque fico eu obrigado a pagar, em cazo que lá se não faça, e o tal Lopo Ramirez não he tão dizentereçado como seu irmão Duarte Nunez da Costa (2), de quem oje recebi cartas com copias de outras de Italia que tem remettido a V. Magestade, e queixasse me de não haver em materias tão importantes recebido reposta de V. Magestade, sendo merecedor de toda a mercê que V. Magestade lhe fizer; e convem termo lo propicio para as faltas que reço que nos faça seu irmão, como já faz nas letras de Francisco de Andrada e Rodrigo Botelho, e me pudera haver feito o mesmo, deixando me como espargo no monte, se me não adiantára com as minhas; o que tudo se poderá remedear, fazendosse avizo ao secretario, que será em grande utilidade da fazenda Real, e dos embaixadores de V. Magestade que por cá assistimos.

De D. Francisco de Mello (3), sabemos aqui que há de permittir Deos

(1) Emilia de Solmes.

(2) Consul de Portugal em Hamburgo.

(3) Conde de Assumar, general, de familia portuguesa ao serviço de Hespanha, governador de Flandres e vencido na batalha de Rocroy.

que pague os agravos feitos ao pão que comeo da Caza de Bargaça, por-que começa a perder a opinião com que estava em Flandes. Queixão-se já os naturaes da batalha de que os mais tiverão que servir, com tantas mortes e prizões como nella houve. e dizem me que ajuntão tambem que as pagas faltão, e que elle se fica com ellas. Deos he justo; nunca esperou para castigar engratidões para o outro mundo, senão neste, donde quer que se souberão as culpas, se saibão tambem os castigos.

Dou os parabens a V. Magestade de estar aclamado e reconhecido na China: assy espero ver a V. Magestade emperador da Asia, e que o que começou por hum Reyno, ha de acabar em hum imperio muito dilatado; assi o confio em Nosso Senhor, que guarde V. Magestade, com a vida e prosperos successos que seus vassallos havemos mister, e eu como criado particularmente dezejo.

Torre do Tombo, *Conselho Geral do Santo Officio*, codice 1341. *Livro das Cartas de S. Mag.^{de} que se lhe escrevem de Holanda*, fl. 1 (copia).

Sousa Coutinho ao Secretario de Estado, Pedro Vieira da Silva

1643 — Julho 14

Inda que deixey escrito a V. M. em Amsterdam, e que nas de S. Magestade digo o que daqui se me offerece, tenha V. M. paçiencia para se não enfadar com cartas minhas, posto que não sejam precizamente necessarias, porque para my serão sempre; porque sem embargo que as occupações de V. M. são iguaes, senão mayores ás de S. Magestade, lembreçe V. M. que tomou por sua conta persuadir-me a que vieçe, e o pouco que para isso houve mister, para que assy se lembre tambem de ser meu procurador naquella parte que me toca a my, em que a mercê de S. Magestade me he necessaria; e não convem que eu importune, certo em que V. M. o fará, e em que tambem não haverá necessidade de o ser, pelo que meu animo mereçe ao serviço do Rei e o de V. M. O que agora peço vem a ser *conditio sine qua non*, e a que eu não posso acudir até que S. Magestade, ou se sirva de o fazer, ou me tire o escrupulo com que fico, e no particular que olha a minha caza. Entendo que, havendo de assistir aqui, he o que mais convem ao serviço de S. Magestade, assy para a disposição dos negocios, como para as comodidades da fazenda. Duvidasse aqui muyto se venho para resedir, por me verem sem mulher, tendo a aqui todos os embaixadores, e vendoçe passar para Alemanha com a sua desde Veneza o embaixador daquella Senhoria. Consta me que se desejava aqui embaixador ordinario, e que estão satisfeitos de que viesse pessoa de que S. Magestade faça caso, como arguem de ser criado antigo e esta já 3.^a embaixada, e eu o quarto embaixador, e cuidão que escolhido. Quererá Deos que possa desempenhar, me da oppinião que lá e cá se tem de mi, e procurarei obrar de maneira que os erros de que ninguem se livrou sejam puramente de homem; e havendosse

de chegar ao cabo com o negocio do Brazil, força será que leve muito tempo, e será para mi impossivel, já na idade em que estou, passar as discomodidades (*sic*) de paizes tão estranhos, sem haver quem me alivie dos cuidados domesticos, que são os que mais me embaração; aliviar-se-hão os gastos, que a fazenda Real ha de fazer lá com minha caza, por lhe não liaver ficado sufficiente provimento, e este, junto ao de cá, poderá ajudar a não importunar a S. Magestade com hum e outro; e para mi me importará mais ordenado que tem destribuido pela mão de minha mulher, inda acrescentando mais bocas que com as que oje tenho, passando pelas mãos de meus criados; mas ambos se poderão escuzar, sendo S. Magestade servido a que não sendo possivel passar á Dieta o Doutor Francisco de Andrada, ficar assistindo a estas embaxadas e ordenar me a que eu me recolha, que tambem poderá ser haver no Reyno couza em que eu possa ser de proveito ao serviço de S. Magestade, sem o cuidado continuo que me dá huma molher estrangeira só e sem parentes que lhe assistão; e quando os cuidados de S. Magestade são taes que lhe não consentirão attender a estas miudezas, muito bem he que estou eu cançando a V. M. com couzas que são puramente sogeitas á minha disposição, e quando a execução dellas não ha de depender de gastos reaes, mas faço por dar satisfação das cauzas que tenho para mandar vir minha mulher, no cazo que os negocios tomem assento, de maneira que entenda que se poderão concluir ou dilatar, e huma couza e outra entendo que será.

Com esta envio as novas que aqui me chegarão, e as de Madrid são originaes, vindas ao filho de Duarte Nunez: com elle e com seu pay peço muito a V. M. haja a correspondencia que merecem seus effeitos, que a não serem judeos, não sei eu com que S. Magestade poderia pagar o que se lhes deve. Guarde nosso Senhor a V. M. muitos anos. Advirto a V. M. que inda que vão cartas para S. Magestade com sobre escrito para se darem em sua mão Real, não he minha tenção emcobrilas a V. M., mas declarar sómente que não saião a publico, que V. M. he confessor eceituado da regra geral. Esquecia-me dizer a V. M. como os Estados me dão cazas por embaxador ordinario, cujo aluguel inportara 300⁰⁰, que são aqui mais caras que em Madrid. Veja V.M. que fora de mi sem esta ajuda, com tal contra-pezo.

Torre do Tombo. Cod. 1341, fl. 3. v. (copia).

Sousa Coutinho a El-Rei

1643, Julho 19

Ontem recebeo o embaxador Francisco de Andrada cartas de V. Magestade por Duarte Guterez(1), e com sahir desse porto dezaseis dias depois

(1) Interprete e traductor da embaixada. Vid. cartas de 15 e 23 de novembro de 1643, infra.

de minha partida, não tive carta de V. Magestade, mas pelas suas festejamos juntos o bom successo de Salvaterra (1), de que dou a V. Magestade os parabens e de cá lhe beijo a mão por elle: se a este se seguirem outros, bem creio que obrarão nestes Estados mais que a negociação de dous embaxadores, porque nenhuma couza os embaraça tanto como as duvidas em que vivem, e parecer-lhes que se pudera haver feito mais; antes que mo pudessem dizer, lho satisfiz, como V. Magestade verá e assy tambem as outras queixas falças com que os velhacos que de lá se vem os informão. O mesmo im particular lhes procurei dar a entender, mas não me tenho por tão bom orador como Demostenes para crer que os deixei persuadidos, mas confio em Deos que a eloquencia que faltar na minha lingua, suprirão o valor das armas de V. Magestade.

A Princeza de Orange de repente se espera oje aqui por ella; amanhã a vizitarei, e ao outro dia, Deos querendo, sahirei na volta de Flandes a buscar o Principe: porem vejo-me embaraçado no modo com que hei de negociar, porque para propor a segunda forma em que ha de hir meu companheiro, acho grandes contrariedades nelle; assy o verá V. Magestade na carta que elle escreve, que me comonicou, e não acaba de o persuadir a que hontem recebo de V. Magestade, na qual, sem embargo das rezões que ja sobre a mesma materia havia dado, lhe ordena V. Magestade que vá. Persuado-me que não ha preço que o obrigue a rezolver, porque inda faltão os nomeados de Geldria, e não ha tempo sinalado para a partida. Creio comtudo que com a chegada aqui do embaxador Luis Pereira (2), será obrigado a seguir seu exemplo, não obstante que se lhe faz muito costa arriba diminuir na authority, e parece-lhe que faz o seu negocio não se haver consentido em França que Luis Pereira desse embaxador, e que pudesse hir com mayor disimulação, cauza tambem de que se quer valer pela publicidade ou noticia que ha de seu officio e pessoa nestes paizes: pega logo das seguranças com que V. Magestade he servido que passe, e estas reço que as não tenha nunca a seu modo, nem se contente quando lhas dem na forma que virão as de França. Eu sei poucos textos para o persuadir, nem sei outro para lhe alegar huma vez e outra, senão que os mandatos dos Reis são *stricti juris*, e que somos obrigados a crer que inda que as rezões que se nos representam são forçosas, que V. Magestade deve ter outras mayores para o que nos ordena; mas tenho por sem duvida, que chegada a occasião, inda que a carne he fraca, o espirito he promptissimo para o serviço de V. Magestade.

Tambem no tocante á segunda proposta da minha embaxada, que respeita ás materias do Brazil, se considerão aqui difficuldades, se houver á letra de executar as ordens de V. Magestade, porque me manda que na primeira audiença, não havendo couza que o encontre, passando da primeira proposta,

(2) Vila fronteira a Monção sobre o rio Minho, saqueada e queimada pelo Conde de Castelmelhor.

(1) O Dr Luiz Pereira de Castro, embaxador ao Congresso de Munster.

entre logo a tratar da segunda, de que se infere querer V. Magestade que não haja intremissão de tempo entre huma e outra: e entendem os que estão ao pé da obra, que será danar a todas não fazer muita separação nellas, e que convem que entendão estes Estados que ao que se derige a minha embaxada he sómente a impedir a paz com Castella, e a assentar a de Portugal com elles, em cujas condições se meterá por huma dellas Pernambuco, porque se entenderem que esta he o fim principal a que venho, que poderei não ser tão bem recebido. Este ponto se considerará com madureça, e seguirei o que assentarmos que mais convem ao serviço de V. Magestade, que ouvi dizer sempre aos bons estadistas que não estava o ponto em negociar de preça, senão em negociar bem, quando humia couza e outra se não pode conseguir. He bem verdade que será hir contra o meu genio, mas he força violenta-lo, quem vem a tratar com os vagares desta gente: mas quem dice embaxada ordinaria, logo dice tempo largo, salvo dando me V. Magestade ponto fixo para até donde hei de esperar, sem me dar por desenganado, porque claramente o não hey de ser nunca, e como dice a V. Magestade na que lhe escrevi de Amsterdam, pode acontecer que valha mais huma galharda rezolução que tanto contemporizar: tem isto tambem seus perigos, que huma vez dito, não ha tornar atras, senão muito rogado. V. Magestade será servido de o mandar considerar, e de mandar ordem, ou para executar a instrucção á letra, ou para me governar conforme nos parecer que o negocio fôr dando de sy, que nem quisera arrisca-lo com a preça, nem assegura-lo com os vagares, fora-dos termos em que V. Magestade se servir de mo mandar executar.

Vi que dezia V. Magestade, por huma carta sua a Francisco de Andrada, em cazo que este anno não mandassem armada os Estados a Portugal, obrasse de maneira que a que está sobre Dumquerque, que não levantaç dali. O primeiro tenho já por impossivel neste anno, e o segundo por totalmente escuzado falar-se-lhes nelle, porque virão a alegar serviços a V. Magestade pelo que he meramente comodidade sua, e não ser assy, poucas náos suas mercantis escaparão; e he tanto que me dizem até no inverno o hão de continuar, e quando o tempo os obrigue a levantar ferro, tomarão hum porto de Inglaterra, como os mesmos Dumquerquezes fazem, para tornarem em milho-rando; e he tanto isto assy de que o fazem pelo que somente diz (1) importa, que essas fragatas que por lá andão, as deixarão sahir, porque entenderão que hão para Castella, e que não infestarião estes mares de cá, o que se ha de procurar no anno que vem com elles que o não consintão, e então quando o fação, se lhes deverá alguma cousa mais.

O successo de Dom Francisco de Mello ao çerto foi, que entrando em Gante, lhe trouxe o Magistrado as chaves do lugar como he costume, as quaes se resgatão com hum serviço de dinheiro, que se faz aos governadores: não se contentou este da quantia, quis mais, e reteve as chaves: levantou-se o lugar e com nome de traidor o apertarão, de maneira que foi neces-

(1) Erro de copia por *lhes*.

sario acudiram os do governo com gente e pregõis aquietar o tumulto, e tem se por sem duvida que não continuará no posto, e que pagará o que deve a V. Magestade. Gonçalo Mendes Mergulhão me encomendou muito em sua ultima vontade que eu mandaçe matar este mancebo; em parte lhe tenho satisfeito, pois succedeo este cazo tanto que pos os pés nestes paizes.

Mando letra sobre o thizoureiro mór dos gastos que fiz com os soldados que com esta não remetto ao Reino: digo dos custos da navegação, que os soccorros lhe fiz cá por conta de V. Magestade, do dinheiro que trouxe para gastos secretos, e porque os desta qualidade hão de hir continuando, em sabendo os nossos Portuguezes que estão em Flandez que acharão aqui passagem, todos me hão de vir buscar, porque vivem violentados e mal pagos, e assy convirá muito haver sempre dinheiro prompto para os soccorrer e encaminhar. Servir-sse-ha V. Magestade de mandar prevenir para este cazo, porque o que trouxe he pouco, e fora estes hay outros muitos, a que não posso suprir dos meus ordenados, porque os gastos são grandissimos, e a me não achar com algum tempo corrido, pudera me ver em afronta, e nem pudera suprir o pouco que tenho feito, sem me valer da fazenda de V. Magestade, que o coche que tenho mandado fazer me custa duzentos e sincoenta mil rs, sinco cavalos 200⁰⁰, huma armação me paça de 400⁰⁰, cadeiras que tambem fiz e outras miudezas sobrepujão ja o vencido, de que V. Magestade deitará de ver que não he este officio para homens tão pobres como eu, e que hajão de depender em tudo da fazenda Real, porque he força que não a tendo propria, caião em grandes faltas; porque ha cazos que huns succedem sem se buscarem e outros convem que se busquem, como são banquetes e presentes, e de faltarem afrontaçe o embaxador miseravel, e o Rei não fica bem servido, nem livre de culpa, por haver elegido pessoa que em couzas tão ordinarias caia em faltas tão conhecidas, e em tudo as poderá haver, não sendo V. Magestade servido que em couzas semelhantes me poça eu valer do extraordinario: sendo o tambem de ordenar que o provimento seja pontual, e não por mão de Lopo Ramirez, por me não ariscar ao que succede nas letras dos embaxadores Francisco de Andrada e Rodrigo Botelho, advertindo que o provimento que trouxe acaba em 15 de novembro. Não acho papeis nenhuns por estes lugares que mandar a V. Magestade por via de Lopo Ramirez. Procurei saber de Anvers os que la havia; vierão me os rois que com esta remeto; delles poderá V. Magestade escolher os que fôr servido e faremos com que venhão logo.

Torre do Tombo, codice 1341, fl. 4 (copia).

Sousa Coutinho a Pedro Vieira da Silva

1643 — Julho 21

Sem embargo de que nestas náos tenho sido prelixo com cartas para S. Magestade, e haver já escrito a V. M., soube que não erão partidas, e pareceu me fazer esta de novo para dar companhia a huma que acabo de receber de Duarte Nunez da Costa que me parece que he a melhor informação que posso fazer de seus requerimentos tão justos e de tão devida correspondencia, que julgo por sobeja toda a interseção; mas faço a por não faltar ao que me pede, das obrigações em que não só lhe está S. Magestade, mas o Reyno todo, em cujo conhecimento sei eu que está V. M. muy presente.

Sirvasse V. M. de fazer neste particular, não pelo que a Duarte Nunes da Costa se deve, senão pelo que devemos ao serviço de S. Magestade e ao bem de Sua Alteza.

Quazi em todas as que se darão com esta, aviso a S. Magestade do que me tem parecido aserca da passagem de meu companheiro a Dieta. Hontem tivemos hũa cessão larga sobre a materia, e inda me não atrevo a julgar sobre sua rezolução; porem no que não ha duvida he que elle se não deu por satisfeito de lhe vir ajudante ou successor. E certo que em huma e outra cousa lhe acio rezão; na primeira, porque hum só basta aqui; e na segunda, que parecendo-lhe que tinha os negocios tocantes a sua embaxada em besperas de boa rezolução, entende que não só venho a estrovar-lha, senão ainda a ganhar-lhe as graças, e inda que tacitamente lhe alcancei em chegando a mesma queixa, claramente m'a fez agora. Pareceu-me dar disto conta a V. M. por que comunicando a S. Magestade, se siga o que mais convier a seu Real serviço. Para my não são necessarias satisfações; a minha mira está só posta no melhor servir a S. Magestade; não seja a minha assistencia aqui cauza de maior dilação nos negocios, inda que espero que o não seja para o ruim successo delles; comtudo entro quazi a tratar materia prima para mym, e fazer-me senhor della ha de levar algum tempo. Em Francisco de Andrada corre não só a experiencia destes, se não a de outros muitos, em que está versado, alem de que não me (1) pezará de dar a ultima mão aos que principiou, e dezejo eu tanto vellos bem succedidos que me fica escrupulo do se terão comigo o mesmo successo, a que se ajunta haverem de ser largos e a ser neçessario, inda quando estes não houvera, assistir aqui embaixador authorizado emquanto durar a Dieta, que se tem por certo que inda será mais tempo que os tres annos que promete qualquer embaxada ordinaria. É para mym de grande descomodo e quazi impossivel me será tão larga assistencia, tanto pelo dezejo de acertar, como pelo cuidado de minha caza, que o pouco que lhe ficou, e o muito a que S. Magestade tem que acudir, atrazarão muito estes soccorros, e só com o mudar para lá, o

(1) Erro de copia por *lhe* (?).

poderia eu remediar, e não de outra qualquer maneira: o que suposto, se eu posso dar parecer, dissera que por todas estas razões fora o Dr. Francisco de Andrada o que ficara continuando, com o que satisfazia S. Magestade ao dezejo de ambos, mandando-lhe a elle ordem para embaxador ordinario e a mym qualquer outra corada, com que satisfazer aos Estados, porque não julgassem a variedade destas mudanças, se bem o ficar elle o não pareceria. Com a reposta espero resolução, e do que devo fazer, e como quem está ao pé da obra, digo que quem diçe embaxada ordinaria, diçe pelo menos 3 annos, que os negocios são de qualidade que levarão muito tempo, e que requerem embaixador e não residente, porque tanto negocea muitas vezes a authoridade como a agencia; e concorrendo ambas estas partes no embaxador Francisco de Andrada, parece que seria contra o serviço de S. Magestade que elle não continuasse aqui, como até gora, porque o zello he grandissimo e a diligencia igual a elle, e de mym não posso prometter mais que zello: assy que peço muito a V. M. commonique a S. Magestade, para que escolha com o parecer de V. M. o melhor, que eu nam recuzo *laborem*, mas he me necessario, como já diçe, ter quem pelo menos me alivie os de caza e gaste como proprio o meu dinheiro: advertindo que não tendo reposta expreça. ou indo Francisco de Andrada á Dieta, entenderei que S. Magestade ordena a minha assistencia, e que conforme a isso, tratarei de dispor de minha caza: está em hum monte, e com as descommodidades que elle tras consigo, não sendo para mym as menores haverem vindo por duas vezes naos do Reyno, sem eu ter novas della, por falta de noticia que lá seria.

Torre do Tombo. Cod. 1341, fl. 5 v. (copia).

Sousa Coutinho ao Conde da Vidigueira

1643 — Julho 21.

Se eu me não conheçera melhor do que V. Ex.^{cia} me conhece, facilmente me persuadiria que escolhido por S. Magestade, que Deos guarde, e approvado por V. Ex.^{cia}, poderia acertar nas obrigações em que este lugar me poem: mas como ella he grande, e a suffiçencia pouca, reço que não basta o amor do Rey e da patria para me dar a que dezejo, e a que me he neçessaria, com gente em que os intereçes tem primeiro lugar que toda a boa e devida correspondencia, e em tempo que hos nossos proprios erros as procurão e querem sanear. Muyto tempo ha que antevendo eu estas difficuldades, procurey eximir-me de tamanha carga; mas como S. Magestade me diçe que azeitala convinha a seu serviço, não me deixou liberdade para mais replicas: correrão por sua conta minhas faltas, e pela minha procurar que não sejam tantas como o negocio e minhas poucas forças estão promettendo; mas já estamos donde não ha fazer pé atraz, e donde ajudado do zello e advertencias de V. Ex.^{cia} e seguindo os paços do senhor embaxador Francisco de Andrada Leitão, chegarei athé donde puder. Nestes Estados, segundo tenho

entendido, se dezejava embaixador ordinario, e segundo me dizem, não se discontentarão do que lhes veio. Eu me tenho introduzido natural seu: fui achar hum vizavô olandez, natural da villa de Dort, e o que até gora se tem discuberto delle, mais ajuda que desfaz em minha pessoa, se havermos de crer pelas premiças. Poderá vir a montar isto pelo menos boa acolhida: mostrarão-me que o tem estimado, e tanto que da parte daquella cidade me visitou hum magistrado, pedindo-me que fosse a ella, donde me querião receber como patricio seu. Farey por aly o caminho para a armada do Principe d'Orange, para donde parto depois de amanhã, e será a cauza de V. Ex.^{cia} não ter carta minha no correo que vem, como o foi de haver esta tardado tanto vir a de V. Ex.^{cia} por Amsterdam. Nos 14 deste tive audiencia, e dey minha embaxada, não tratando nella de outra couza que de impedir a paz com Castella, sem que S. Magestade fosse admittido a ella. Fiz-lhes huma larga oração, que foi bem ouvida, mas como não sou Demostenes, não posso esperar que os deixasse persuadidos. Para este negocio, e para os mais que trazia que tratar, pedi commissarios, e para a forma em que nelles hey de proseguir, tomarei o parecer de V. Ex.^{cia}, sem o qual não executarey couza alguma, por que a *Instrucção* que trago fas-se no Reyno esgavaratando os dentes, e ca achamos as couzas em altura tão diferente, que se a houvermos de executar ao pé da letra, perderemos o tempo, e arriscaremos o negocio; e porventura que cuidem alguns dos que nos governão que o alargalo he querer alargar o officio, e assy quizera eu não proçeder nelle sem o parecer de todos aquelles que me podem dar, particularmente de V. Ex.^a, que sempre seguirey por mais açertada.

Por hum papel que em Amsterdam se fez, e eu persuadido a companheiros assiney, terá V. Ex.^{cia} entendido as difficuldades que acha o embaixador Francisco de Andrada para passar á junta de Muster, que cada dia se lhe representão mayores; e vejo-o mais inclinado a não hir que a hir, sem embargo que S. Magestade, ouvindo ja suas razões sobre o mesmo ponto, lhe ordena de novo por carta de 12 do passado, que não obstante ellas, siga os embaixadores destas Provinças. O que fará, não sey, porem entendo que não terá desculpa com o exemplo do Doutor Luis Pereira de Castro. Suas rezões não deixão de ter força, mas os preceitos dos Reys sempre a tem mayor. Tornou a replicar, parecendo-lhe que haverá tempo para esperar reposta. V. Ex.^{cia} poderá fazer com elle a diligencia que lhe parecer, não se dando por entendido que sabe de mym suas repugnâncias, de que não he a menor, (sofra-me V. Ex.^{cia}), huma graça parecer-lhe que ficará distituido das excellencias; e se V. Ex.^{cia} ouvira sobre esta materia Rodrigo Botelho, tivera muito de que rir, que me diçe a primeira vez que se virão que lhe cortara o coração este pobre homem, e que não está capaz de viver em Lisboa. Não lhe falto eu em lhe ajudar o vento, dando-lhe todas as precedências das leys entre embaixador extraordinario e ordinario, que elle não aguardou de minha cortezia, e fez mayor meu merecimento, dando-lhe por certo o que houvera de ser devação. Com huma e outra couza me tem V. Ex.^{cia} aqui muy certo a seu serviço, e dar-me nella muitas occaziões, será aliviar os enfados da missão.

V. Ex.^{cia} me ganhou por mão na emcomenda que me faz de Duarte Nunez da Costa, e de seu filho, por que a mesma houvera eu feito com o antigo conhecimento que tenho destes homens, asy pela obrigação geral que lhe tem o Reyno, como pela particular que eu lhe tenho, e asy afeito com muy boa vontade a recomendação feita por V. Ex.^{cia}, e eu por my a faço tambem, para que juntos lhe procuremos a satisfação.

(*Autographo*). Faça-me V. Ex.^{cia} mercê que esta carta não passe a 3.º, e se passar, seja so ao Doutor Antonio Muniz (1), com que depois se quey-me. Dou a V. Ex.^{cia} os parabens do bom successo do senhor Conde de Castelmilhior (2) e espero dallo de outros muitos.

Biblioteca Nacional de Lisboa, codice 2:666 do nucleo antigo,
Correspondencia de Francisco de Sousa Coutinho, fl. 254.

Sousa Coutinho a El-Rei

1643 — Agosto 1

Tenho por estas mesmas naos (que inda me dizem que não são partidas) escrito a V. Magestade tres cartas, a ultima no dia de antes que partiçe para o campo, e faço esta no dia depois de voltado delle. Achei o Principe nas Felipinas, que he huma praça no paiz de Flandez, a primeira que perdeo o infante Cardeal (3) e no seu primeiro anno. A distancia de huma legoa deste forte, e a tiro de canhão do de Saxo de Gante (4), está o exercito atrincheirado e fortificado, na fórma que V. Magestade poderá ver na planta que aqui vai: não me pareço que tinha tanta gente como elles querem que o seja, que a poem em 16:000 infantes e 4:000 cavalos; e sem embargo de que eu não sou muito pratico nestas contas, inda que o sitio que occupão tem mais de legoa de circuito, os quarteis occupão pouca terra: porem he a que basta para ter Dom Francisco de Mello occupado em lhe estar a mira, dezemparrando com isso a Thionville, que se tem por çerto que o françeiz a levará. O Principe colheo huma carta que Dom Francisco escrevia ao Emperador, em que com grandes instancias lhe pedia soccorreçe aquella praça com dez mil homens, que doutra maneira seria impossivel salvara; e como tambem o socorro he impossivel pelo aperto em que o Sueco tem posto o Imperio, não ha duvida que o françeiz sahira com a sua. Eu diçe a V. Magestade em outra carta que Thionville ficava na Borgonha: não quero dizer que foi erro de pena, senão de pouca noticia, porque he do Duquado de Luçen-

(1) Secretario da embaixada do Conde da Vidigueira.

(2) Talvez se refira á tomada de Salvaterra.

(3) Fernando, irmão do Rei Philippe IV e governador de Flandres.

(4) Sas de Gand, praça tomada a 7 de setembro de 1644 pelo Principe de Orange. Ha uma planta della a pag. 321 das *Mémoires de Frederic Henri Prince d'Orange*, Amsterdam, 1733. Tanto Sas de Gand como Philippina pertencem agora á provincia de Zelandia.

burgo (1), e praça de grandissima importancia, e de mayores consequencias, se a guerra não houver de parar; de sorte que o exercito olandez e francez, inda que tão distantes, até gora se lhe não conhece outro fim, e se entende que sem mais effeito que este se recolherá o Príncipe. Eu o achei (se o coração diz com a boca) muito servidor de V. Magestade: mandou-me esperar por seu filho meia legoa ao caminho, e logo que cheguei a caza que me tinham preparado, me veio vizitar, e despedido tornou dentro de brevissimo espaço a buscar-me para jantar com elle, e na meza me deo a cabeceira, e sempre o melhor lugar. Depois á tarde lhe dei a carta de V. Magestade, e propuz o negocio a que vinha, em que não só da parte de V. Magestade lhe pedia assistencia, senão como a amigo grande conselho para o modo com que nelle se havia de proceder. Discorreu-se largo na materia, e depois das cortezias geraes, vindo ao ponto, tem por sem duvida que estes Estados e elle não poderão faltar nunca ao que convier ao serviço de V. Magestade e ao bem de seu Reyno; nem terião duvida fazer o mesmo que França no tocante á Dieta de Mustar; porem que elle não seria nunca de parecer que a pessoa que daqui houvesse de hir na companhia de seus plenipotenciarios fosse o embaxador Francisco de Andrada Leitão, que como tão conhecido pelas duas embaxadas de Inglaterra e Olanda, era impossivel o disimular-se, risco que se não considerava em Luis Pereira, pois em França não havia exercitado officio nenhum, mórmente havendo naquelle Reino rezões muito superiores ás dos Estados para se guardar mais respeito ao assistido delle que aos delles, e que sendo isto assy, não converia hir de França pessoa privada, e de Olanda huma tão conhecida, e a parte onde he força que o seja de muitos. O que suposto, mandará V. Magestade considerar este particular, e dispor nelle como fôr servido, advertindo que deste mesmo parecer do Príncipe são todos os com que aqui se trata; mas em huma mesma couza convem todos, que he esperar-çe os embaxadores de França, que juntos com elles se poderão rezolver melhor; e parecendo-lhe a V. Magestade que estas rezões fazem força para não hir o embaxador Francisco de Andrada, disera eu que poderia vir outra pessoa inferior aos dous que vão por França e Sueçia, que nas materias pudesse ter voto, e fazer o officio de secretario, e que V. Magestade devia, ou em hum cazo ou em outro, declarar precedencia expreça nos adjuntos, por que reço na falta della, senão desgostos, embaraços. Para haver de vir pessoa, não se lhe represente a V. Magestade que faltará tempo, que a Dieta não corre com a preça que lá cuidavamos, que de Castella não são ainda partidos os embaxadores; os de França tambem se cuida que não estão tão apreçados como dizem, e os daqui, como estão mais vizinhos, não hirão senão depois de juntos todos, e assy o dizem. Na paz ou tregoa duvidão muito os que sem intereçe particular discorrem; as Companhias a tem por danoza, e a mesma lingoajem corre em alguns dos Estados, se bem he verdade que estes mudárão della de poucos dias pera cá, porque considerão grandes avanços na mercancia: não sei se entre si o praticão da

(5) É sobre o rio Mosella.

mesma maneira. Nós o entendemos bem e verdadeiramente que querem que nos persuadamos a que sem depender delles não poderemos viver, e nos querem persuadir que lhe será a V. Magestade melhor o ficar fora da Tregoa, e que elles ficando livres poderão fazer grandes assistencias a V. Magestade: que neste caso o fizerão, não duvido, mas nós também trabalhamos por lhe dar a entender que não he isto o em que mais nos podemos assegurar. Diçe-me também o Príncipe que tratar aqui de plenipotenciario he tratar de materia imfortuosa, porque se para elles lhe houve França os passaportes, que parte podem ter(?) para os alcansarem para nós, que este ponto deve ficar sómente para a mesma Dieta, donde se os embaxadores de França insistirem em que V. Magestade seja admittido, os de cá farão o mesmo. Assy o escreverei ao Conde da Vidigueira, porem persuadimo-nos a que França e Olanda nos hão de querer mais dependentes seus que iguaes com elles na Tregoa, porque alem de lhes parecer que fora della conseguem este intento, não querem que El Rey de Castella fique livre por todas as partes, porque a julgão por pouco segura sua amizade. O certo he que ou a Tregoa se não fará, pelas grandissimas difficuldades que tem, ou que tardará tanto a concluzão della que nos dem tempo bastante em que as armas de V. Magestade possam adquirir tal reputação que facilitem todas as difficuldades. Já em outra digo a V. Magestade que entendo que não só para os negocios que tratamos convem aqui embaxador para tempo largo, por que elles são vagarozos, senão que quando estes não houvera, durante a Dieta convinha assistencia. O mesmo torno a dizer, mas que também não convem dous, e passando Francisco de Andrade a Mustar, descidida está a cauza; mas vindo V. Magestade pelas rezões referidas em mandar outra pessoa, escolherá V. Magestade dos dous o que fôr servido, inda que se fôr escolhida. certo he que não sou eu para escolhido; porem huma vez e outra repitto que nom recuzo *laborem*, mas sou também obrigado a dizer a V. Magestade que diferentemente concluirá os negocios quem os criou que quem entre de novo a tratar delles, concorrendo em my para haver de ficar, as circumstancias que já em outras tenho dito a V. Magestade, e em Francisco de Andrade experiencia e sciencia muitas ventagens.

Considerando bem a *Instrucção* que trouxe em conferencia dos embaxadores Francisco de Andrada e Rodrigo Botelho, assentámos que por ora não convinha tratar de outra couza mais que o tocante á Dieta, e que seria perder, ou pelo menos embaraçar tudo, chegar a tratar materias do Brazil, em cuja Companhia he o Príncipe mais intereçado que todos os que nella entrão, e que o caminho direito para se chegar a este ponto he vir a elle por tranzena quando se tratar da paz perpetua, de que as restituções se proporão para fundamento della.

Lembro a V. Magestade outra vez, porque o tempo corre, a pontualidade do meu provimento, advertindo os grandissimos intereços de Manuel Gracia Franco, de que V. Magestade leva antes a parte do dano que paga, e nos no que padecemos, em ter cá pouco mais que huma pataca pelo cruzado que lá se dá.

Aqui nos tem alvoraçado a nova que conformemente derão dous mestres que sahirão de Setuval em 22 do passado de haverem visto nomenarias (1) e salvas de artilharia, e que vindo já á villa, e preguntando a cauza, lhes diceirão que erão a liberdade do senhor Infante (2). O dezejo a faz incrível, mas o poder de Deus muito facil. Se elle fôr servido de nos conceder este bem, direi a V. Magestade o que São Pedro a Christo: *jube me venire ad te sub per* (sic) *aquas*.

Torre do Tombo, codice 1341, fl. 6 (copia).

Sousa Coutinho a El-Rei

1643 — Agosto, 1

Depois de ter escrito a V. Magestade a que vay com esta, falámos com o delegado de França, com quem se havia feito diligencia para se poder alcanzar a forma em que o Christianissimo queria tratar os particulares de V. Magestade. Mostrou-nos huma carta assinada pelo novo Rey (3), e em hum capítulo della dezia: «os negocios de meus aliados e amigos se tratarão na Dieta com o mesmo calor que os meus proprios, porque esta he minha vontade». Folguei de ver este termo, que parece conforme ás promeças que se tem feito ao Conde Almirante (4), e inda que, como digo na outra, entendo que assy França como Olanda dezejarão por suas conveniências que dependamos delles, tambem creio que não ficão de má condição, inda quando entremos na paz, respeito do comercio livre de Portugal e de ficar Castela com esta força menos, e he lingoajem do prolegado e a mesma achei no embaxador (que assiste no campo) que a Rainha de França he may de El-Rey, inda que irmã do de Castella.

O licenciado Feliciano Dourado, secretario destas embaxadas, me tem parecido em huma parte melhor que as informações que lá tinha delle, por que ainda lhe achacam que o latim não sabia, falando-o e escrevendo-o muito bem e com mui boas intelligencias dos negocios que aqui se tratão, mas na outra he mais mancebo na idade e nos costumes do que se requiere no cargo que se exercita, materia em que o embaxador Francisco de Andrada Leitão tem delle justas queixas, e sem embargo que na materia da fidelidade não se lhe haja descuberto couza que possa danar, tem amizade estreita com hum varão polaco que assiste em Amsterdam, com quem se escreve todos os dias e cobra e manda as cartas com demaziada cautela: este polaco he o homem das maiores intelligencias que se conhece, tanto que se sospeita que naturalmente as não pode ter, e alguns cuidão que he espia nestes Estados, por que

(1) luminarias.

(2) D. Duarte.

(3) Luiz XIV.

(4) Conde da Vidigueira.

servio muitos annos a Caza de Austria, e elle diz que queixoso se retirou, e mostra grandes dezejos de hir servir a V. Magestade. Francisco de Andrada procurou com apertadissimas diligencias por ver se podia entender o trato destes dous homens com alguma clareza para o avizar a V. Magestade, porque sem ella não quis fazer mal ao secretario: comtudo como em my correm outras rezões diferentes dos mais, não só para avizar a V. Magestade dos cazos, senão ainda das imaginações e dos sonhos, me pareço que devia dar conta disto a V. Magestade. Poderá ser que sejam sonhos e imaginações, mas não quero ficar com este escrupulo de V. Magestade lhe ficar disto algum: advirto tambem que Feliciano Dourado e Duarte Guterres são huma mesma couza, e que ambos sentirão igualmente o que se fizer a qualquer delles, e he tanto isto assy, que dando eu caza de portas a dentro a Duarte Guterres, e a minha meza, a aseitou sómente emquanto a [não] toma fôra, e me dizem que o secretario faz o mesmo, tendo as mesmas commodidades em caza de Francisco de Andrada. Não me desculpo de occupar a V. Magestade o tempo com estas miudezas, porque sei que he V. Magestade servido que de todas lhe dê conta neste ponto. Reço uma carta de Rodrigo Botelho em que me diz que escreva a V. Magestade, que elle o faz tambem intrecedendo por este mesmo barão polaco, que vem a ser *lupus in fabula*: se por outras vias mo obrigar a que lhe dê carta para V. Magestade, saiba que he o contheudo nesta.

Torre do Tombo, códice 1341, fol. 7 (cópia).

Sousa Continho ao Conde da Vidigueira

1643 — Agosto 3

Voltado do campo do Principe d'Orange, achey juntos neste lugar os embaxadores Francisco de Andrada Leytão e Rodrigo Botelho, e huma carta de V. Ex.^{cia} em resposta da que elles e eu assinamos, de que ja dey satisfação a V. Ex.^{cia}, e sem embargo de que as rezões que meu companheiro alega por sua parte me parecem forçozas, lhe procuro persuadir que todas desfaz o preceito do Rey, e creio que por todas ellas romperá para obedecer; comtudo fazendo diligencia com o Principe na forma que S. Magestade me mandou, e depois de se discorrer largamente na materia, se lhe representarão difficuldades grandez para haver de ser Francisco de Andrada a pessoa que houvesse de hir com os embaxadores destes Estados, e que não havendo duvida de que elles farião quanto em sy fosse pelo serviço de S. Magestade e bem de seus Reynos, hera força que não faltassem naquillo que vinha França, mas que ordenando-sse lá que Luis Pereira não deçe embaxada, para que mais como particular pudesse passar a Junta, que hera inconveniente grande hir daqui pessoa tão conhecida por duas embaxadas, e a parte onde de muitos o havia de ser, e que elle não daria tal conselho. Esta mesma lingoagem anda aqui nos Estados, e ainda mais aper-

tada, porque dizem que se ariscão, assy elles, como os que com elles forem, a lhes não guardar Castella o respeito que guardará a França; porem isto se vencerá facilmente, que creio que nos querem encarecer a cura: e a rezão que elles dão para não hir Francisco de Andrada, he a que a my me obriga mais a dezeja-lo, porque quizera qualquer embarço entre huns e outros embaxadores, para com isso os rezolver mais, quando vão tratar de pazes; contudo dizer o Príncipe que será contra seu conselho me obrigou a reparar nisso, e aviza-lo a S. Magestade por carta que hontem lhe escrevy, mas como receo que as naos sejam partidas, porque tiverão hontem bom vento, hav[endo] lá embarcação, seria conveniente que V. Ex.^{cia} o avizasse. Diz mais... (1) cia que viesse outra pessoa em que não concorrecem estas qualidades, e... viemos assentar que se esperaçe pelos embaxadores de França, e que aqui se assentaria o que mais conviesse. Eu lhe affirmo a V. Ex.^{cia} como quem co[n]hece] o humor dos tres que se hão de ajuntar em Mustar, que quizera muito que houves[se mu] dança em hum delles, porque seria fazer o que aqui nos aconselhão, e obviar duvi[da]s], que infalivelmente haverá entre elles, pela igualdade com que todos vão, e que em lugar do daqui, fosse quem tendo voto pudesse fazer tambem o officio de secretario. Nesta mesma forma o digo a S. Magestade, e que tratar aqui de plenipotensiarario he tempo perdido, porque he ponto que só na mesma Dieta terá lugar, e prometem-nos aqui que querendo-o mesmo França, a procurarão nella com todo o empenho. O zello de V. Ex.^{cia} não ha mister recomendações, nem advertir-lhe que huns e outros embaxadores não farão mais daquillo que por suas *Instrucções* levarem, e eu entendo que os de lá e os de cá não hão de fazer tanto que nos possamos aquíetar, porque nos querem dependentes seus, e nos procurão persuadir que ficamos melhor fora da Tregoa, porque livres elles da guerra de portas adentro, nos poderão assistir com soccorros tão grandez, e nos venhamos a fazer mayores com a guerra que com a paz, a que elles se mostrão oje inclinados, o que não estavam poucos dias ha, mas tambem creio que he pela mesma rezão de que sempre o roguemos, porque os dizentereçados, e os que melhor discorrem, tem por impossivel a paz, ou tregoa, e por certa a ruina de Olanda, se a fizerem.

Tenho já nomeados commissarios para os negocios que venho a tratar: do que fôr obrando, hirey dando sempre conta a V. Ex.^{cia}, que atégora não ha de quê.

Bibliotheca Nacional, codice 2666, fol, 293,

(1) Os pontos indicam a falta de letras e palavras por ter sido rasgada a pagina.

Sousa Coutinho a El-Rei

1643 — Agosto 9

Por culpa dos marinheiros, ficou a nao do Fialho no Porto, havendo sahido as de sua companhia, e sem embargo que por elle mesmo tenho escrito a V. Magestade outras duas, no primeiro deste escrevo esta, que como não temos para esse Reyno correos cada oito dias, como ha para os outros, faço conta que os dias que as náos se detem he obrigação aproveitar o tempo, môrmente quando sempre ha materias sobre que avizar. Já diçe a V. Magestade como me havião nomeado commissarios, mas he a rezão de estado desta gente tão fundada em dilações, que inda me não mandarão os nomes das pessoas. Com tudo isso vou vizitando e fazendo diligencia com todos os Estados, e inda que os mais varião nos meos, todos quazi vem a hum mesmo fim de assistirem a V. Magestade, huns declarando-sse que a sua quietação consiste na guerra, outros dificultando a paz, outros mostrando que lhes convem, que são os de Provincia de Olanda, como mais intereçados no commercio, pelas commodidades que para isso tem, outros que se não fará sem V. Magestade ser incluído nella, a que todos se inclinão, inda que com alguma differença no modo. Se França estiver do mesmo bordo, pouca duvida terá o negocio, mas tem-na estes Estados muyt grande nella, e não pouco da sua verdade, por que havendo me dito o seu embaxador, quando fui ao exercito, que o de Castela pedira licença para entrar em Pariz, e dar o pezame à Raynha, se lhe negára, e vizitando eu antontem o secretario dos Estados (1), me diçe que tudo era pelo contrario, e que sem embargo de que seu embaxador havia feito diligencias e protestos de que não convinha admitir-se o de Castella, se havia admetido. Aqui ha grandes siumes e reços de que ja de Paris saião avindos francezes e castelhanos, se bem poderá acontecer que o dezejar o contrario lhes faça temer o que lhes não está bem, que outros o duvidão muyto, a respeito que os mayores intereços ha entre aquellas duas coroas: mas chegando o secretario a falar neste ponto mais individualmente, me diçe que se França ficasse em guerra, ficarião elles, e se fizesse paz, farião o que melhor lhes estivesse, por que o certo he que as Companhias e todas as mais Provincias fóra da de Olanda achão que a guerra he só a que lhes convem, e este seu modo aqui de governar não he pelos mais votos; convem que todos venhão no mesmo, e hum só que seja do contrario basta para embaraçar o negocio e para o desfazer, se persuadido pelos outros se não redus. Em fim a materia tem tantas dificuldades que se o Imperio, França e Castella não serrão os olhos a saltar milhares de barãos, tenho a paz e inda a tregoa por quazi impossivel, mas quando se facilitem, passará primeiro tanto tempo que baste para V. Magestade pôr o Reyno em tal defenção que tenhamos pouco que temer;

(1) Muts.

e estou certo e assy o devem de estar todos, ou lhes faltará a fee, que qualquer meio que se seguir, inda quando pareça para nós o mais danozo, toma Deus para mostrar que a cauza he só sua, posto que faltem os humanos, quanto mais que não hão estes de faltar, se as armas de V. Magestade tiverem hum successo grande, que já oje com o de Salvaterra; e com se hir acrescentando o poder do mar, tem nossas couzas melhorado muito na reputação, e são estes tão affeiçoados á sua nasção, que bastará para esperarem muito de nós, vendo só contentes os seus que lá andão no serviço de V. Magestade, couza que eu muito encomendo a V. Magestade, pelo muito que importa.

O Principe Palatino (1) me veo visitar hum destes dias, tão pouco esquecido daquelle negocio que eu propus a V. Magestade antes de me vir, que muy particularmente me falou nelle, e fiquei eu espantado, por não dizer corrido, de se lhe não haver dado a elle nem a sua mãy a reposta que assentamos Antonio Paes (2) e eu e V. Magestade approvou, mas eu o satisfiz de maneira que não só se deo por contente, mas dezejezo que a pratica se continuasse, se de prezente as révoltas de Inglaterra a não impedirão; mas não a deixaremos, nem apertaremos, até ver em que parão as couzas. Elle tem passaportes para mandar á Dieta de Mustar embaxadores: a necessidade lhos fez aceitar na forma que vem, mas não está contente delles, que lhe chamão Principe Palatino e não Eleytor, que heira o que queria, mas creio (e elle tambem assy o crê) que de huma ou outra maneira importarião pouco, porque o Duque de Baviera (3) não quer assistir na Dieta, nem por sy, nem por seus embaxadores, e pede ao Principe por lhe largar as terras que tem de seu estado 13 milhões, couza tão impossivel de se lhe dar como delle largar sem elles, e pela impossibilidade desta restituição e de outras, digo eu que só a fechar os olhos e saltar tais baranços se effectuará a tregoa, môrmente quando Sueçia (cujas armas vão florentissimas) tem muyto mayores restituições que fazer que as do Palatinado.

A lingoagem que acho tambem nos Estados prometem assistencia larga nesta embaxada, porque falando-lhes na restituição das praças occupadas despois da aclamação de V. Magestade, respondem mostrando grandes dezejos de dar gosto a V. Magestade, que se isto fora couza soniente dos Estados, que ja o houverão feito, mas que sendo de comonidades, não se pode fazer com a préça e com o effeito que dezeja; que a Companhia Oriental se acaba em janeiro e a Occidental no anno de quarenta e sinco, e que acabadas ficão elles senhores e com mão de poderem obrar sós por sy, se as não prorrogarem. Bem nos podíamos prometter melhor successo, mas receo que tudo são largas; se bem he verdade que algumas Provincias há que dificultão a prorrogação, porque querem entrar nas Companhias, o que os já entrados não consentem, mas podem se vir a conçertar, se he certo que entendem os Estados o negocio como alguns me dizem, que quando em-

(1) Carlos Luis.

(2) António Paes Viegas.

(3) Maximiliano.

caminho e pratica a persuadilos que lhes convem acabar as Companhias, porque será mais razão que em huma republica em que o governo he comum que os intereçes o sejam tão bem e não particulares, respondem que tem entendido que a não ser assy, se não poderão conservar, pela distancia das conquistas. Na da India não haverá nunca que tratar, que os proveitos são grandísimos; no Brazil não no tenho por impossivel. porque atégora o proveito não he nenhum e as perdas mayores que as que lá entendiamos: julgavamo-las de 25 por 100 e são outro tanto mais, respeito que as auções se compravão no primeiro tempo a 30 por 100 aos que tinham parte naquella Companhia, e agora andão por 80 e por 70, e cuido que ainda por menos. Ando-lhe fazendo huma conta de quanto ao todo importa a quantidade com que tem intrado os interessados, para ver se nos será mais facil comprar aos particulares que ao comum, mas para se conseguir de huma ou de outra maneira, convem mandar V. Magestade considerar que fianças ou seguranças lhes havemos de dar. Cuidava eu em huma, e me parecia pouco difficultoza para nós e de satisfação para elles, e he poder-lhes V. Magestade deixar no mesmo Brazil huma ou duas praças, ou mais ou menos, conforme o pudessemos concertar, cujos prezidios fossem seus e a paga dellas de V. Magestade, porque me parece que nunca hão de querer Reys por fiadores, e homens de negocio não sey se os acharemos, e com este modo que aponto se pode considerar segurança para ambas as partes. V. Magestade o mandará ver e responder-me. O que suposto, olhada por todas as partes, a minha assistência promette tempo largo, e inda que o animo esté promptíssimo para tudo o que convier ao serviço de V. Magestade, até deixar a vida nelle, considero razões de conveniência (1) assy para o bem do negocio, como para os interesses da fazenda, que eu não tenho para a poder gastar no luzimento que convem, e a de V. Magestade tem tanto a que acudir, que como eu não posso depender mais que della, reço que possa vir a exprimentar muitas faltas, que a terra he carissima, o que só poderá crer quem o vê. Olhar para o sol custa dinheiro e muito dinheiro, e afirmo a V. Magestade que inda que entendi sempre o muito que se havia mister, se entendêra o quanto, pedira muito a V. Magestade fora servido de me não encarregar desta missão; e se não aconteçera ordenar V. Magestade que os selarios me começassem a correr desde o dia que fui nomeado, hera força dar muito má conta do dinheiro, por que enfim vim a pôr caza desde a panella até a armação, e com não ter o terço do que me he necessario, corre-me de ver o que tenho gastado, e de me ser força estreitar-me quando convem fazer larguezas, que he o primeiro capitulo das embaxadas, e he impossivel dos impossiveis que 300⁰⁰⁰ me cheguem ao cabo do mez. Falo com V. Magestade como quando era seu veador em Villa Viçosa, de cujas lições aproveitando-me aqui, até no fogo da cozinha se he muito ou pouco reparo, mas com huma diferença grande, que lá era vertude e cá abominação, e inda que seja chegar a miudezas, perdoará V. Magestade dizer-lhe que gasta só o

(1) Palavra entrelinhada ininteligivel.

fogo de huma chaminé seis vinteis cada dia, e que o inverno gastará muitos, respeito de que se não pode viver sem fogo em todas as cazas, desde a minha até a do lacaio. O desejo de servir a V. Magestade bem he grandissimo: se V. Magestade entende que minha pessoa tem a sufficiencia que para isto basta, entenda tambem V. Magestade que esta que a não podem dar os Reys, mas que podem dar fazenda com que se possão aproveitar della; e assy duas couzas convem se houver de assistir, que he pôr-me V. Magestade na igualdade do embaxador de França e mandar eu vir minha mulher, como tenho ordenado, que com isso V. Magestade ficará milhor servido e eu mais quieto, e mais autorizado, couza que muito convem, e passando a fazenda pelas mãos de quem lhe doy, e não pela dos criados, cujo fim he só destrui-lla e desgostar ao dono della; mas huma couza e outra se remediará, servindo-sse V. Magestade de que o embaxador Francisco de Andrada, pelas razões que na outra digo, não passe á Dieta, e fique aqui continuando com os negocios para que veio, e com os meos para que tem grande zello e experiencia, adquerida em anno e meo, e o que mais he o dezeja-lo, e do contrario se siguirão desculpas a ambos, quando as couzas não tenham tão prospero fim como dezejamos; porem, Senhor, V. Magestade o disporá na milhor forma, que Deos me he testemunho, que servir a V. Magestade dezintereçadamente e asserter em seu Real serviço he só o que dezejo, como V. Magestade terá entendido de tantas experiencias. Peço muito a V. Magestade se sirva de me mandar responder a este particular com toda a miudeza com que eu a proponho, e de maneira que não só fique eu devendo a V. Magestade o augmento na autoridade, senão ainda na quietação, e huma couza e outra estou certo que mereço e hei de mereçer milhor a V. Magestade.

Esta carta e outra semelhante seja V. Magestade servido de que não fiquem na secrataria, porque se não cuide destas facilidades que temo mais das que me dá amizade que V. Mag.^{de} me fez, e da com que foi servido tratar me sempre.

Do papel que vay com esta não tive nunca noticia: achei-o na mão do secretario da embaxada, de que o fiz treslador. Dou fé que o original está em hum papel tão roto e amarello do tempo que parece mais antigo de que o mesmo cometa sobre que ajuiza. Mando o treslado a V. Magestade por me parecer notavel e conforme no que diz da morte do grão Duque, com hum pronostico que este anno aqui sahio, em que falando nas guerras de Italia, dis que morrerá nella hum senhor muito grande.

O presente de doçes e agoas mandey à Princeza de Orange, que fez delle grandissima estimação. O mesmo detremino fazer da alcatifa e doçel, sem embargo do que digo em huma das passadas, e não se lhe tem dado até gora, por se não haverem acabado de bordar as armas no doçel, o que está feito no fim deste mez, em que se lhe dará.

Sousa Coutinho ao Conde da Vidigueira

1643 — Agosto 11

Com a de V. Ex.^{cia} de 11 do corrente se me tirarão todas as duvidas com que os varios pareceres me tinham metido sobre a ida do embaxador Francisco de Andrada a Mustar, inda que para me aquietar bastara só o parecer de V. Ex.^{cia}, quando não houvera ordem expressa de S. Magestade. Todavia como o Principe d'Orange e alguns destes Estados com quem pratiquei o negocio erão de contrario parecer, quando convinha que fossem do nosso, me fez reparar e escrever a V. Ex.^{cia} na forma que foi pelo correo passado; porem cessa oje tudo com a rezolução de Luis Pereira de Castro, e rezões de V. Ex.^{cia} e suas, e asy que não ha que ignovar em nada, senão executar o assento que está tomado, e eu tenho para my que meu companheiro esta ja entregue a por-sse nas mãos de Deos, porque dispois que recebemos as ultimas de V. Ex.^{cia}, só naquelle dia me preguntou por meu parecer, e respondendo-lhe eu que não havia ja para onde appellar, parou com as difficuldadez, se bem não deixo de cuidar que pode esperar alguma escapula na conferença que aqui fizermos com os embaxadores que vem de França, para onde se remetem o embaxador e rezidente que aqui assistem, e os mesmos Estados: porem se o negocio vem no secreto tam bem encaminhado como no publico, pouca duvida pode ficar de que hajão de sahir daqui huns e outros, e terá S. Magestade e o Reyno muito que dever a V. Ex.^{cia} em haver remediado hum negocio que tive sempre por mais perdido que o de Olanda; e boa testemunha será o Doutor Antonio Moniz de quanto chorey a paz que se assentou com essa coroa (1), que prover a Deos que nem a ella nem a estas Proviñcias houverão vindo embaxadores, porque huma e outras nos houverão de offerecer mais do que nós agora lhe pedimos, mas *de praeteritis nec est consilium nec potentia*; o que convem he continuar V. Ex.^{cia} no que tam bem encaminhado leva, e poder eu emitir a V. Ex.^{cia}, que com isso e com vermos quanto Deos tem tomado á sua conta os acertos de Portugal, espero que nos hão de danar pouco os erros passados. V. Ex.^{cia} me ordena que procure impedir a tregoa de trez annos que se pratica, e a my me parece que quanto por menos tempo fôr, será mais facil o entrarmos nella, e que Castella, no estado em que se acha, por ventura que com isso folgue de coenestar o admitir-nos isto. Procure V. Ex.^{cia} persuadir aos senhores que lá governão, que o mesmo faço eu aos de cá, mas se eu hey de dizer o que entendo, reço que mayor contradicção havemos de achar em França que em Castella, e muito mayor em Olanda. Se ahy nos querem dependentes seus, tem aqui mayor rezão para o desejarem, e ainda para o procurarem, que não sey se se darão de todo

(1) Referencia ao Tratado de 1 de junho de 1641 entre Portugal e França. Sobre o manejo das negociações, criticado por Sousa Coutinho, vide a introdução á *Relação da Embaixada* de Franco Barreto (ed. da Academia).

por seguros nas nossas conquistas, ociosas as armas de Portugal, porque terão por infalível que as mesmas razões que obrigarem a entrarmos em huma tregoa breve, serão argumento depois para huma larga, ou para huma paz perpetua; mas o que he certo que Olanda fará o que fizer França com nosco. He verdade de que no que toca a paz ou tregoa sua, falão indifferentemente, e creio mais inclinados estão á guerra, se não he a Provincia de Olanda, por ser a contribuição que para elle faz igual ou mayor a de todas as outras Provincias juntas, e praticão grandes intereções na paz. Bem he verdade que me diçe hum destes dias o secretario de estado que se França ficar em guerra, que ficarão elles, e que se fizer paz, farão o que melhor lhes estiver, porque estão ciosos e receosos que França e Castella se avenhão em segredo; porem a couza tem tantos montes de difficuldades, que só o fechar os olhos a caza de Austria poderá saltar a immensidade de barancos que tem diante. Deos encaminhe os meos, para que o fim seja o que mais nos convier, que eu confiado estou que de qualquer delles ha S. Magestade de tirar a conservação de seus Reynos.

Faço saber a V. Ex.^{cia} que he tão meu amigo Duarte Nunez da Costa, que veyo de Amburgo a Olanda só por me ver. Está em Amsterdam e espero aqui oje até manhão: por elle mostrar-lhe-hey as cartas de V. Ex.^{cia} e as recommendaçois que me faz de sua pessoa, que he ella certo muito merecedora de que todos os vassallos de ElRey nosso senhor lhe assistamos com as veras que V. Ex.^{cia} o faz, e de que S. Magestade tambem o honrre, e lhe faça muita mercê.

Por via de Inglaterra, em carta de 24 de junho, soubemos o muito sentimento que fez Portugal pela morte do Christianissimo, e que o povo se affligio com ella demaziadamente. Convem que V. Ex.^{cia} (e eu de cá farey o mesmo), não só a S. Magestade, senão aos particulares, escreva V. Ex.^{cia} com cartas que possam sahir a publico, que os negoçios em todos os Reynos amigos estão tão bem asombrados, que não ha de haver couza que nos possa preturbar.

Depois da audiência que tive dos Estados, tenho entendido que se fala em mandar embaxador a Portugal, que inda que o não trazia por instrucção, foi o primeiro ponto da minha pratica, nem pedindo-o, nem queixando-me da falta, mas mostrando que o povo reparava nisto, escrupulo que não chegava aos Reys; e agora que V. Ex.^{cia} mo ordena, folgo mais de haver feito este reparo, e dou-me por obrigado a mandar a V. Ex.^{cia} no que vem o papel que repety, que foi em portugues, e não em latim, assy porque me faltava o Doutor Antonio Moniz, como porque para se romperem as leys dos embaxadores, mudando a lingua, só por huma moça tão fermosa como a Rainha da Suecia tinha lugar (1).

(1) A Rainha Christina. Na sua embaixada à Suecia, Sousa Coutinho serviu-se do latim nos discursos e negociações, como declara o Dr. Antonio Moniz de Carvalho que o acompanhou como secretario e redigiu a *Memoria da jornada e successos que ouve nas duas Embaxadas que Sua Magestade que Deos guarde mandou aos Reynos da Suecia e Dinamarca* (Lisboa, 1642).

(*Autographo*). Mandey recolher a carta, que no passado disse a V. Ex.^{cia} que escrevia a S. Magestade e com dizer o parecer dos outros, digo que convem seguir-se o de V. Ex.^{cia}

Bibliotheca Nacional, códice 2666, fol. 297.

Sousa Coutinho ao Conde da Vidigueira

1643 — Agosto, 17

Não tive neste correo carta de V. Ex.^{cia}, e como o embaxador Francisco de Andrada está em Amsterdam, remeteu-se-lhe lá a que de V. Ex.^{cia} vinha para elle; e assy não tenho novas de V. Ex.^{cia} nem de negocio, sendo assy que as cousas estão em estado que as dezejo ter todas as horas: de cá tão pouco as posso dar, porque sem a vinda desses embaxadores se não tomará rezolução, nem haverá duvida a que sigão aqui a que dahi vier.

Aqui tenho a Duarte Nunez da Costa, e inda que o conseito que delle havia formado hera grande, não podia chegar com muito ao que nelle acho. V. Ex.^{cia} lhe deve toda a mercê que lhe faz, assy pela afeição geral do Reyno, como pela particular que tem a V. Ex.^{cia}. Communicou-me os particulares do Pesinho (1), e vy as suas cartas, e confesso a V. Ex.^{cia} que fazem em my grande impreção, que como fui sempre grande bandarista de a Casa de Bargaça, creio todas as couzas que podem ser em augmento della. Aquelle homem não pede nada, e supondo que me dizem que V. Ex.^{cia} está certificado que he pessoa de testa, estou arrebrandando pelo hir buscar, e certo que quaze estava para dizer a V. Ex.^{cia} que hera materia esta para a emprender o Dr. Antonio Moniz, por que sem embargo de que vejo que S. Magestade manda vir o Taquete (2), por ventura que seja pelas informações que elle mesmo dá, e pelas que deve de dar tambem o Magalhães, e ambos tem rezão para julgar a couza por fantastica, pois não tem mais noticia que a da primeira proposta, que hera huma maquina sem fundamento, que parece inventada por aquelle homem afim de deslumbrar o outro, e mostra-sse isto bem pelas ultimas cartas. Bem poderá ser que venha a não ser nada, mas que se perderia em o ensaugar? pois com pouco dinheiro e com menos tempo se podia fazer; que me não posso persuadir que nos queira enganar quem nos não pede nada, e poder-se-hia seguir grande serviço a S. Magestade, achando-sse parte do que elle insignúa, e quando não, com ficar *in silencio*, hera só pouco dinheiro que se perdia e levava, visto mais quem fizesse esta jornada. Muito se inclinava a isto mesmo Duarte Nunez, mas não se atreveo nunca a propo-lo.

(1) Talvez João Picini, mercador de Veneza, que se tinha offerecido para libertar o Infante D. Duarte.

(2) Pseudonimo de Frei Fernando de la Houe, encarregado de procurar o libertamento do Infante.

Eu o tenho feito. Ao parecer de V. Ex.^{cia} me remeto, como farei em tudo o mais.

(*Autographo*). Mando o papel a V. Ex.^{cia} que promety no pasa[do]; leva os menores erros emmendados que a serem... dos o meu s.^{to} corria risco. V. Ex.^{cia} os passe e dis...

Bibliotheca Nacional, códice 2666, fl. 296.

Sousa Coutinho a Antonio Paes Viegas (1)

1643 — Agosto, 19

Não quero ter a V. M. ociozo, ou para milhor dizer, não o quero eu estar sem obrigar a V. M. a que me mande novas suas, e a me dar licença para que eu as procure com tal concerto que quando os achaques não derem lugar a correspondencia, que por João Nogueira me diga V. M. o em que posso servir nestes paizes, de donde não avizei a V. M. logo da chegada, porque fiz escrupulo de lhe tomar o tempo, não havendo negoçio que obriggasse a isso, mas os de cá correm tão de vagar, ou seja rezão de estado desta gente, ou natureza sua, que tardará muito em escrever, se houvera de esperar reposta sua. Nesta corte entrey nos 11 do passado, e tive audiencia nos 14. em que dei minha embaxada, e se V. M. quizer ver a forma della, a S. Magestade a mandey, acha-la-ha em mão do secretario Pedro Vieyra. Nomearão-se-me commissarios para os particulares della, com quem em particular vou fazendo diligencia e todos acho bem dispostos, se depois juntos em cabido não forem de outro parecer. Ategora não tivemos conferencia, porque se espera pelos embaxadores de França, que juntos todos se fará a primeira, porque pareceo não envolver com o negocio da paz nenhum outro, porque seria discompor tudo; porem estamos de bom animo, e se França faz o que promete, estes Estados não faltarão, e poder-nos-hemos prometter segurança em todas as materias, e muito mais se as armas de S. Magestade obrarem neste tempo com algum successo bom, porque delle depende tudo, e estão estas nações todas com os olhos nisso, e he necessario que se acabem de persuadir que temos mãos para os castelhanos, e que nos podemos conservar, contra a opinião que todos tinhamo formado de que só começão a deçer-sse, mas convem que acabem. A paz se tem por dificultosa e quazi por impossivel, e para se fazer, convem que a Caza de Austria a faça, fechando os olhos á reputação, ou que França perca o que tem ganhado, que tenho por mais difficulতো que o primeiro, mórmente havendo-sse-lhe agora entregado Thionville, e affirmando muitas pessoas que a Rainha, sem embargo de ser irmã do de Castella, dezeja muito fazer seu filho Rey de Flandes, que

(1) Secretario de D. João IV emquanto Duque de Bragança, influiu muito para que este aceitasse a corôa. Além de hábil ministro, era, na frase de D. Francisco Manuel, «deligente investigador dos principios de Portugal». Morreu em 1650.

fica mais facilitada com a preza desta praça, que he de grande consideração, por ser perto do Duquado de Lucenburg e ficar todo exposto a invadir-se, e a obrigar a Castella pelo menos a ter sempre nelle dez ou doze mil homens para o deffender. Entregou-sse aos 10, destes sahirão 8 centos soldados com balas em boca e dous canhões. As armas françezas vão florentissimas em toda a parte, e não menos as suecas no Imperio. Tudo Deos vay dispondo para conservação e gloria de Portugal.

O embaxador Francisco de Andrada grandes duvidas e repugnanças teve para a ida de Mustar. Oje está de todo lhano nellas e passará infalivelmente com os prenipotensarios destes Estados, o que considerado por my com a necessidade que ha de que durante a Dieta não pode aqui faltar embaxador, (que fora melhor ser de mais sufficiência que a minha) me rezolvi a mandar vir minha mulher, se he que hei de continuar. Muitas razões tive para o fazer, de que a principal he livrar-me de dous cuidados, ambos muito grandes e ambos muito molestos, como são hum o das incomodidades que ella lá padecerá, e outra os domesticos que aqui tenho, e o que se me perde por falta de haver a quem doa bastante o sustentar as bocas que se me acrescentão. Mando meu cunhado com alguns criados que trouxe, para que com os que lá ficarão a venhão acompanhando, e não se reparou aqui pouco em eu vir sem ella, e não se persuadem a que venho a residir, porque não ha embaxador ordinario que não traga sua familia.

Aqui se me falou por parte de hum homem de negocio que rezide nessa cidade para se fazer hum dano grande a Castella, de que rezultará hum beneficio grande a Portugal. Querençe-lhe mandar daqui muita quantidade de quartos, e a seu risco se offereçe a meter em Castella, dando S. Magestade faculdade para isso e tirar della prata e fazendas. Esta foi a mayor guerra que Olanda lhe fez em tempos passados. Crescerão as rendas nas aliandegas com a entrada das fazendas, e na sahida dos quartos se lhe pode pôr tambem algum direito, como não seja grande, a respeito de que o he o perigo; elle dará esta a V. M. e dará suas rezões e V. M. suas duvidas. Seja V. M. servido de o houvir, que não he só este o alvitre que de cá hei de dar; outros me ficão, de que darei conta a V. M. pelo tempo adiante, que se os meteremos no Conselho da Fazenda, ou nas occupações do secretario Pedro Vieira, poderá ser dilatarençe, e perderençe com isso negocios de grande importancia.

Torre do Tombo, códice 1341, fl. 9 v. (cópia).

Sousa Coutinho a Pedro Vieira da Silva

1643—Agosto, 23

Despois de haver escrito a V. M. largamente por esta mesma nao, me entrãõ ontem pela porta tres soldados portuguezes, que depois de cativoiro largo de Argel, derão nas mãos dos dunquerquezes, adonde achãõ

boa passagem, conforme se vê de seus passaportes. Entre os papeis que me entregárão, vinhão essas duas cartas, que remeto a V. M., de hum portuguez que serve aly em Dunquerque, e tem mulher e parentes nessa cidade. Inda que as novas que tenho d'elle, e o que se collige das cartas parece hum pouco xalratão, contudo em nome da mulher lhe hey de escrever, e mostrando que se quer hir para elle, preguntar-lhe o estado das couzas de lá. Inda bastantemente estamos informados dellas pelos successos, havendo-sse entregado ao francez com só 29 dias de sitio Thionvilli, que se tem a juizo de todos pela praça mais forte de Europa. Dom Francisco de Mello vay continuando as desgraças. Agora depois desta entrega, sobre se lhe negar dinheiro no condado de Namur, quiz prender a hum pensionario; levantou-se a terra contra elle, e lhe quizerão pagar na mesma moeda.

Visitey hontem o embaxador de França que veio do exercito, e serti-quei-me de que tinha a carta da Rainha para os Estados, como o Conde Almirante me havia escrito, sobre a assistençia que deve fazer ao embaxador Francisco de Andrada para a Dieta; porem o de França moderando o parecer do Príncipe de Orange de que não convinha passar como particular homem tão conhecido, lhe parece que se póde consiliar este teixto, ficando mais respeitada a authoridade Real e a do ministro, assistindo em hum lugar destes Estados vezinho ao de Mustar, de donde se poderá conseguir o mesmo effeito, e nisto me parece a my que virão todos de melhor vontade. A resolução fica a achegada aqui dos plenipotensiaris, que dizem não tardarão, inda que com as cartas de hontem tivemos avizo que partião, mas não que herão partidos. Tanto que chegarem, juntos com elles os meus commissarios, teremos a primeira conferencia, em particular. Estão informados e ao que parece bem afeitos, e creio que me poço obrigar a que farão tudo o que fizer França, mas tambem creio que o que fizerem huns e outros não será por nossos olhos bellos, porem eu com os mais me inclino a que a paz tem tantas difficuldades que parece impossivel. Faça Deos o que mais nos convier, como tem feito até qui.

Torre do Tombo, códice 1341, fl. 10 (cópia).

Sousa Coutinho ao Conde da Vidigueira

1643 — Agosto, 24

Arriscado estive a me achar neste correo sem carta de V. Ex.^{cia}, como no passado, com a auzença de meu companheiro, que todavia está em Amsterdam, de donde me mandou oje a de V. Ex.^{cia} de 15 do corrente, e conforme colijo nella, entendo que me não soube explicar bem nas que escrevy a V. Ex.^{cia} em 10 do mesmo, porque me diz V. Ex.^{cia} que sempre he melhor entráremos na tregoa que esperar os soccorros dessa Coroa, e destes Estados. Nunca duvidey que de que assy o he; porem respondendo ao que V. Ex.^{cia} me encomendou de que procurasse impedir a tregoa de tres annos de

que se tratava, respondy, se me não engano, que tinha por mais facil haver-mos de entrar nella quanto o tempo fosse mais curto, e que por ventura folgaria Castella por este meio poder cognestar o sermos admitidos, o que não haverá duvida, se França obrar como promette, porque estas daqui não farão mais nem menos que o que ella quizer. O embaxador, que estava no campo, veio aqui esta semana, e visitando-o me diçe que tinha a carta da Raynha para os Estados de que nellas não havia achado plenaria informação. Inda me poem difficuldades a a haver de entrar em Mustar hum homem como particular e conhecido por embaxador, e que lhe parece pouco decorozo á authoridade Real de El Rey nosso senhor, mas que suposto que elle he o que ha de paçar, lhe parecia mais conveniente que ficasse em outro lugar vezinho ao da Dieta, de donde com mais authoridade poderia conseguir o mesmo intento; e venho a cuidar que são isto mais traças olandezas que amores nossos, porque não sei se teme poderem por este caminho obrigaren-çe a algum rompimento em deffenção de seus patrocinados: com tudo a resolução deixamos para a chegada do Dr. Luis Pereira e de seus acompanhados, e para ella tenho remettido a primeira conferença com elles e com os seus commissarios, com quem até gora não tenho feito mais diligencia que hi-los dispondo por todas as vias e modos que posso e sey, e se podemos conjecturar de bens exteriores, mostrão-se-nos bem affectos [e] meu companheiro a executar tudo o que se resolver, e a tenção sempre devia ser a mesma, e quando muito se estenderia a saber-sse vender mais cara, que enfim he letrado.

Diga-me V. Ex.^{cia} por me fazer mercê o que parece lá aos politicos aserca desta paz, em que por cá se considerão grandissimas difficuldades ou impossibilidades, e parece que a não facilitará muito a preza de Thionvily, pois he porta franca para todo o paiz de Lucenburg, e que pelo menos que o francez não intente outros progressos, obrigará ao castelhano a ter aly hum exercito de 10 ou 12 mil homens. Não sey se tem V. Ex.^{cia} novas de nosso amigo D. Francisco de Mello, mas ou as tenha ou não, o gosto mas faz repetir-lhas. Já en Gante se levantou a villa contra elle e foi neçessario valer-lhe o magistrado della para lhe não acontecer hum trabalho, sobre o haverem aclamado por traidor. Este successo está já antigo; o moderno foi em Namur, depois do de Thionvily, sobre querer que lhe decem o dinheiro que lhe negarão. Quis prender hum pensionario: levantou-se o lugar, e a não se pôr em cobro depreça, o houverão prezo, que foi o que intentarão. Ha de querer Deos que este manço acabe de ter a paga que já lhe começa, pois devendo o ser que tem á casa de Bargaça, grangea sua engratidão muito mayor castigo. Fico sentido de indisposição do Dr. Antonio Moniz; faça-me V. Ex.^{cia} mercê de lho mandar sinificar.

Sousa Coutinho a El-Rei

1643 — Agosto, 29

A falta de correos ordinarios supre a tardança que fazem as náos no Porto, e não duvido que juntas pareçãõ muitas as minhas cartas, mas divididas por somanas, parecerãõ menos. He bem verdade que dezejo eu parecer a V. Magestade mais proluxo que descuidado, sem embargo que o negocio atégora não dá muito de sy, mas como V. Magestade me encomenda que de tudo o avize, he força que em huma mesma náõ se dupliquem os avizos.

Dom Luis, filho (1) do Prior Dom Antonio, de que já diçe a V. Magestade o que me havia parecido, inda que de paço, me pareceo faze-llo agora com mais largueza, e com alguma mais de experiencia; porem falando sempre de telhas abaixo, acho-o portugues de coração, e elle o mostrou em deixar Napoles, onde tinha mulher (2) e fazenda, tanto que soube da aclamação de V. Magestade (3). Deste particular me parece que tem feito informação os embaxadores, o Conde Almyrante e Francisco de Andrada. Ajunte V. Magestade a ellas de novo que he este fidalgo sobrinho do Príncipe de Orange (4), e sobrinho de que faz muito cazo, e o mesmo fazem delle os Estados, e a mim convem que V. Magestade se sirva de lhe diferir com alguma reposta tal que quando em todo não seja satisfação ao que pretende, possa em parte prometer-çe que a terá andando o tempo, que bem vê elle oje o estado do Reyno e tão certo estava elle, que inda hontem se declarou com o secretario da embaxada, de maneira que nos parece que por ora se contentará com alguma assistencia aqui e com ella se contenta elle, e verãõ o Príncipe e os Estados que satisfaz V. Magestade esta obrigação que elles tem por muito grande; e se V. Magestade fora servido por entre tanto de que as cousas do Reino tomãõ outro assento fora servido de que o Príncipe meu senhor (5) se servirá de seu filho, que he hum rapás que deve ser da mesma idade de S. A., creio que fora couza que elle muito estimara, e que pudera inferir dahy grandes consequencias para o futuro, e pode V. Magestade estar certo que não podem mentir tantas demonstrações como acho nelle [e] em suas irmãs, de que espero tirar muito fruto dos negocios de minha embaxada. O secretario

(1) Era neto.

(2) D. Luiz tinha casado em 1631 em Napoles com Anna Maria Capeci Galeotti, filha do Príncipe de Montaleone.

(3) Vid. o estudo de Camillo Castello Branco *D. Luiz de Portugal*.

(4) D. Emanuel de Portugal, filho do Prior de Crato, casou com Emilia de Nassau, irmã dos Principes de Orange Mauricio e Frederico Henrique. O casamento realizou-se em 1598, sendo a noiva filha de Guilherme o *Taciturno* e de Ana de Saxonia. Desta união nasceu em 1601 em Rotterdam D. Luiz de Portugal. No baptismo foi-lhe posto o nome de Guilherme, em memoria de seu avô e foram seus padrinhos os Estados de Hollanda e Zelanda; depois, em obsequio do Rei Luiz XIII, seu padrinho, passou a chamar-se Luiz.

(5) D. Theodosio.

Pedro Vieira soube de V. Magestade tinha detriminado mandar-lhes humas joias: torno a lembrar de novo, por que lhes considero alguma desconfiança, e huma dellas está de portas a dentro com a Princeza de Orange, e he o seu governo de maneira que com qualquer demonstração contentará V. Magestade a muita gente. Eu, com o que trouxe e com o que pôço, as vou corroborando na fé, porem são migalhas e só as dos Reys são as que costumão faltar.

A parte que tenho de olandez me fez contrair parentesco com a mulher de hum dos meus commissarios, e ella he irmã do Prezidente do magistrado de Dort, que he tambem Estado. Este esteve aqui esta tarde comigo e falamos largo no tratado de paz, que elle não só tem por difficuloso mas por impossivel (como tem os mais), e a rezão he que a Caza de Austria quer paz, Olanda e França tregoa larga, e como de huma couza á outra ha tanta differença a respeito de que o Imperio e Castella esperão restituções, e a tenção de França he não fazer nenhuma, fica o negocio difficultoso de compôr; e o fundamento de França tem muita força, qual he a do regeo da Raynha e mais governadores, cuja obrigação he conservar o Reyno na fórma que lho deixárão e o risco a que se poem, fazendo o contrario, de cahir na desgraça de El-Rey (e ainda na do povo) chegando a idade de reynar, tomar-lhes conta do que fizerão em sua menoridade contra o que se lhes encarregou; e sem embargo que os apertos do Imperio e Castella são os que vemos, duvida-sse muito que a soberania de tantos annos venha em dezer tantos degraos como a de fazer tregoa, por ficarem as couzas no mesmo estado em que agora estão. Pudera-se temer suspenção de armas, mas creio que estes Estados não estão desse parecer, porque se deixão persuadir das rezões que lhe deu por o contrario, mas não quero que V. Magestade me deva isto, porque bem entendo que as suas conveniencias os obrigarão e não as nossas presuações; mas dado cazo que a Caza de Austria serre os olhos e venha em tudo o que quizerem della, se França faz o que promette, tambem Portugal ficará quieto, e não haverá tratado em que elle não entre, e deste parecer estão as mais das Provincias, particularmente a de Zelanda, e com grandes sacramentos o tem prometido a D. Luis, que he natural seu; e quando daremos que todos os meios humanos nos faltassem e que quizesse Deos mostrar que a couza he só sua, não será piqueno meio o da dilação, que he certo que será languissima, que se o tratado preliminarario, que conestio só em tres pontos, quais forão plenipotenssiarios, tempo e lugar, durou seis annos, que será o que ha de levar a composição de tantos Principes de Alemanha, Suecia, França, Portugal, Olanda e Castella? Espero que havemos de dever mais ao tempo que aos amigos: o que importa he que entretanto obrem as armas de V. Magestade de sorte que alcance mais com a reputação que com os rogos, e nellas estão todos com os olhos, dezejando que por serço se faça V. Magestade senhor de alguma praça de importancia, por que se faz por cá mais cazo da arte que do valor puramente, mas ganhe-sse ella e conserve-sse, que emquanto nos não desviaremos da estrada de nossos mayores, não tere-mos que temer.

As couzas do D. Francisco de Mello cada dia peiorão: perdeo Thionville, quizerão-no prender em Namur: ao paço que cobrou a reputação e o amor dos paizes, ao mesmo tem perdido huma couza e outra, e cobrado tal aborrecimento que não parará só em sair do paiz. Para a batalha de Rocroy se perdeo, se empenhou com os magistrados e homens de negocio da terra em grandíssima quantidade de dinheiro, com grandes juramentos de pagar breve, e como tudo se perdeo na batalha, ficou impossibilitado, não só para o principal, senão ainda para os intereçes, e achaquão-lhe que se ficou com elle, com o que tenho por sem duvida que quando o não tirem depreça do lugar, que os povos o lançarão de sy. Afirmou-me hum bisconde francez que com passaporte se passou de Brucellas e veio aqui, que nas igrejas onde entra sua molher, não ha nenhuma que se levante a fazer-lhe cortezia, nem lugar para passar. Escrevo a V. Magestade com esta miudeza pelo gosto que tenho de ver que vai pagando o que deve á Caça de Bargança, e quando não houvera outra prova mais que esta, pudemos ter por certo quanto Deos tem tomado á sua conta as prosperidades de V. Magestade.

O barão de que já informey a V. Magestade por relações do embaxador Francisco de Andrada, me mandou pedir carta para V. Magestade. Não lha poderey negar e V. Magestade para o escuzar terá outras razões.

Torre do Tombo, códice 1341, fl. 10 v. (cópia).

Sousa Coutinho ao Conde da Vidigueira

1643 — Agosto, 31

Começo esta dando os parabens a V. Ex.^{cia}, pedindo-lhos tambem das boas novas que recebemos do Reyno em nao que chegou a Rotterdam em 28 deste, que ainda não havemos recebido cartas particulares, porque vem em naos que havião de vir tomar Amsterdam. Tivemos huma relação particular da saída de S. Magestade para Alentejo em 19 do passado(1): mandára-a eu a V. Ex.^{cia}, mas preçede o embaxador extraordinario, que he tão siozo nestes pontos, que inda que por mayor, a medo digo isto a V. Ex.^{cia}; mas fico com grandíssimo gosto desta primeira acção, esperando della progressos de que tenhamos muitos de que nos alegrar, e se Deos nos der hum bom successo, havemos-lhe de dever mais que as promessas dos amigos, porque já esta manhã o secretario dos Estados diçe ao da embaxada que o melhor meio para seremos incluidos na Tregoa seria obrarem as nossas armas alguma couza de importancia. Nisto estão postos os olhos de todos, e emquanto o não houver, havemos de mendigar, o que não succederá dispois. O Conde de Monsanto (2) tem V. Ex.^{cia} ahy por companheiro, que vem a dar os peza-

(1) Para a chamada campanha de Badajoz.

(2) D. Alvaro Pires de Castro, Conde de Monsanto, Marquez de Cascaes foi mandado a França como Embaixador extraordinário para dar os pesames á Rainha D. Anna d'Austria da morte do Rei Luiz XIII.

mes á Raynha, dizem que com gran luzimento, e eu creio que será bem extraordinario. V. Ex.^{cia} será obrigado a mandar fazer huma relação muito particular da sua entrada, trajos e seremonias, e haverá bem por onde correr a pena. Eleição foi que eu tinha adivinhado: se apos esta embaxada se seguir reposta com outra desse Reino, não haverá duvida em que daqui va logo outra, que estão dispostos; mas tenho por certo que en tudo querem que obrê França primeiro, porque lhe tem o mesmo respeito que eu a meu companheiro. Elle está posto nas mãos do Senhor, e inda que os reços da jornada de Mustar não tem parado, parárão todo via as repugnancias, e não haverá duvida em hir. Tem-na todavja para o lugar em que ha de ficar, porque o embaxador de França quer que não seja no mesmo da Dieta, e aleganos nisso serviço respeitando [a] authoridade de El Rey nosso senhor, que eu duvido muito; e assy me inclino mais ao que já tenho escrito a V. Ex.^{cia} de que os olandezes andão por aqui, e que reção poderem-se empenhar em defenção de seus apadrinhados: e assy convirá muito que V. Ex.^{cia} procure que se lhe não admittão estas rezões e que passem pelo mesmo que passar França, e Francisco de Andrada passe pelo que passar Luis Pereira, que inda que a Dieta se divida em dous lugares, he todavia entre pessoas que não poderão obrar humas sem as outras; e como aos nossos embaxadores lhes não hão de dar mais noticias que as que quizerem, ou elles puderem alcansar, convem que estejam ao pe da obra, e não em parte onde seja necessario hir a conferir com mayor risco do que terão, juntos os embaxadores.

O mesmo procurarey eu cá, porque entendo que para tudo convem mais. Aqui nos affirmão que os embaxadores de França não partirão de Paris tão em breve como V. Ex.^{cia} assegura, e ao que cá estão, lhe parece que não sahirão menos que meado o que vem (*sic*). Eu os dezejo muito, porque estou com huma mão sobre outra, que nos pareceo que enquanto não assentãremos este primeiro ponto, seria danar todos embaraçarmo-nos com outros: após este entraremos a tratar de paz perpetua, que não sey se a dezejão tanto como o embaxador Francisco de Andrada avizou a S. Magestade, se não he que esperão que nos dezavinhamos nas condições; porque ao menos a Provincia de Olanda, como mais intereçada nas Companhias, me affirmão que dezeja pouco a paz com nosco, e que se sentio muito na India chegar-se lá a Tregoa, porque os intereces que lá tem são muito grandes, e muito mayores os que esperavão da agoa em volta. Quererá Deos que as couzas se disponhão de maneira que tudo se componha bem. Hontem lhes entrãrão 10 naos de Pernambuco, que trazem seis mil caixas de asucar, mas achão-no tão abatido de preço, que me assegurão que não bastará só para pagar os fretes, e trazem tambem novas de haverem quebrado muitos mercadores com grande quantidade de fazenda dos olandezes, e uma cousa e outra espero que ajude muito para a restituição daquellas praças, applicados os meios que para isso trago, que V. Ex.^{cia} deve de ter sabido, mas como digo, não se pode tratar sem nos vermos; só fiz do primeiro ponto, que já a saida de S. Magestade ha de ajudar para elle.

A relação da sayda de S. Magestade foi imprimir aqui em framengo, e repartir pelos Estados.

Bibliotheca Nacional, códice 2666, fl. 294.

Sousa Coutinho a El-Rei

1643 — Setembro, 6

Chegarão náos de Lisboa com cartas de 19 e 24 de julho e por Vianna e Porto de 10 e 19 de agosto, e não tive nenhuma de V. Magestade, sendo que a occazião as pedia; e inda que as novas que vierão da jornada de V. Magestade e do exercito que o acompanhava tivemos varias por muitas vias e todas conformes, não convem que a semelhantes andem os embaxadores de V. Magestade mendigando, sendo assy que nenhuma couza ha de montar tanto para o bom successo das embaxadas como saber-çe que tem V. Magestade tanto poder, e que ha no Rejno tanta conformidade, que pode juntar tanta gente e tanta nobreza, que ainda foi necessario obrigar aos que houverão de ficar. De cartas que por varias vias tive, pude tirar huma *Relação*, que fiz logo imprimir, e affirmo a V. Magestade que se asombrãõ por cá della, sendo assy que inda deminui no numero da gente da que me dezião, acrescentando-o na que V. Magestade mandou ficar, prevenindo-me com isto para ser mais gloriozo o successo que espero e confio em Deos ha de haver dado ás armas de V. Magestade, de que hão de rezultar tambem os boms que cá tiver mais que de minha sufficiência; e he tanto que no mesmo ponto que dey a nova ao secretario dos Estados, me diçe logo que hera grande caminho este para que V. Magestade ficasse incluido no tratado da paz. O embaxador Francisco de Andrada deve fazer nesta materia mais larga relação a V. Magestade, que eu ainda esta breve faço a medo, que os privilegios de extraordinario não só os guarda á risca, mas ainda os estende ao martello, pois fazendo eu a *Relação* e empremindo-a pelo meu dinheiro, a mandou repartir da sua parte, e nem de barato me deu pode-la mandar á Rainha e Principe de Boemia e aos Commissarios da minha Junta; mas sem embargo disso, estamos muito conformes e muito amigos, porque lhe concidero grande zello no serviço de V. Magestade, e eu como não attendo a outra couza do que toca a pessoa enquanto de Francisco de Sousa Coutinho, não reparo em nada. O Conde Almyrante lhe mandou carta de El-Rey de França para estes Estados, e sendo que entendeo que o da-la tocava á minha embaxada, porque lhe veo a elle, a quis dar, e como o ponto está em que o negocio se faça e não em o como se ha de fazer, facilmente vim nisso; porem esteja V. Magestade advertido que nem todos tem a minha condição para escuzar quanto puder duplicar embaxadores em huma mesma parte, e he doutrina dos que melhor escrevêrão na materia, de que rezultará ficar V. Magestade milhor servido, e a fazenda Real menos carregada. A carta vem em muy boa

fôrma, e outra que já cá tinha o embaxador de França vinha da mesma, e ambas bem encarecidas. O treslado dellas não mando a V. Magestade, porque o deve fazer meu companheiro. O que a mym me toca, que he procurar que elle vá, tenho feito com os Estados, e para o modo com que ha de ser, esperamos por Luis Pereira e pelos plenipotensiaris. O embaxador de França aqui assistente he de parecer que Francisco de Andrada, não entre em Mustar, e que fique em hum lugar destas Provincias a tres ou quatro legoas daquelle, e quer-nos vender o feitio por conveniencia da authoridade Real. Eu sou de contrario parecer por algumas rezões: a primeira por que vou sospeitar que he alvitre dos olandezes, por se não empenharem em cazo que succeda alguma revolta, e pelo mesmo entendo eu que convem que elle vá ao mesmo lugar: a segunda, porque como os nossos não hão de ter mais noticias que as que os outros lhe quizerem dar, e elles por suas intelligencias puderem alcansar, encontrará este intento o ficarem devididos: a terceira, porque ainda para a mesma sua segurança lhes convem, porque havendo perigo algum (que eu não creio) o poderão ter mayor nas idas e vindas, e não na assistencia, onde podem viver com mais cautela; porem se são certas as noticias que tive por mão que tenho por boa, a paz ou tregoa está tão difficulতো, que ainda se duvida que se chegue a tratar della. A carta que vi contem o seguinte:

Por novas de Paris, de muy boa mão, que se não sabe ainda quando os plenipotensiaris daquelle Reyno partião para Mustar, e muitos ha que duvidão de sua vinda, e sendo cazo que venhão, será só para mostrar que tem inclinação á paz, ainda que a não dezejão. A Raynhia quer fazer publicar brevemente huma declaração pela qual se explica que em tempo da menor idade de El Rey seu filho não pode ella restituir couza alguma do que El Rey Luis seu marido conquistou de seus inimigos, e sem restituição dizem em Vienna que não haverá paz. Em toda França pelas fronteiras ha grandes preparações, e se fazem muitos almazens de viveres para a continuação da guerra, e que se ha rezolvido em conselho de fortificar o Reyno de Austria, que he o pais ou provincias situadas da outra parte do Rheno, como Alsacia, com huma parte de Helvetia, Lorena, o Palatinado inferior, o estado do Lansgravio, Darmstad, os Arcebispados de Tréveris, Maguntia, e Colonia, o Pais de Liegia, o Ducado de Giliers(1) e os de Luxemburg e Limburg, com outras provincias, e querem fazer agora hum mapa em Paris em que se mostra que França tem por fronteira de Alemanha o Rio Rheno ou Rim; estes são os pensamentos dos francezes, que tudo he bem para Portugal e para França, porque he força que França continue a guerra pela não ter dentro em caza, e empregar fóra do Reyno os que inclinão a fazer dissensões intrinçicas: tudo isto averá em breve, e que as armas de França correrão o Rheno abaxo até as portas de Colonia.

Vou vendo em parte a prova disto ser assy, porque no que toca á parte da restituição, a rezão o está mostrando, e eu ver que os embaxadores de

(1) Juliers.

França passa de dous mezes que partem todas as somanas, e não acabão de partir, e que as cartas dos nossos mudarão neste correo de estilo, e dizem que inda se não sabe dia certo parã a partida, e já disculpão a dilação com a morte do embaixador de Castella, que morreo em Barbante, e dizem que hão de esperar que venha outro. Sabemos tambem que o de Suecia, no dia que estava para partir de Amburgo, lhe chegou correo da Raynha com que não partio, e venho a duvidar que teria avizo de hir Rodrigo Botelho, e por ventura quereria esperar a ouvi-lo; e se vir que se executão os pontos deste papel, hey de enculcar a V. Magestade o dono, que he homem de grandissimas noticias e poderá servir aqui a V. Magestade de as dar, tanto dos amigos como dos inimigos publicos e dissimulados, que por taes tenho os destas Provincias, particularmente os da de Olanda, que nenhuma couza dezeirão menos (segundo tenho alcançado), que continuar a paz comnosco da linha para lá, e reçoço que nos fassão tantos assintes que nos obriguem a romper a tregoa; e que este he o seu intento, se pôde conjecturar de não haver querido guardar na India a tregoa o seu General que estava sobre a barra de Goa, impedindo que as nossas náos não sahissem, que o continuarião me affirmou aqui hum olandes que de lá veio nestas suas náos criado em Lisboa, e que dezeja tornar-sse a ella, porque veio rico e recea que aqui lhe fação alguma falcatrua. Mostra-sse Portugues no animo e consta-me por certidões dos nossos que sempre naquellas partes os assistio e favoreço contra os seus mesmos naturaes, mas os Estados se affirmão em que a paz estará ha já muitos dias publicada, e aceitaada, sem embargo que elles folgãrão muito que na India a não houvera, e de tudo o que fazem se disculpão com os da Companhia, em que os mais dos des Estados são os mais intereçados; porêm por força ou por vontade haverão de continuar bem comnosco, até que nos Deos queira tornar nossa fala. Contudo avize V. Magestade a India que se não fiem, porque aqui se estão aprestando tres náos e hum pataxo para partirem até fim do mes que vem; (e inda que parecem muitas náos), me dizem que até abril encherão o numero de 25, e fazem quantidade de gente, e não se espante V. Magestade de quanto elles fizerem por se acrescentarem e adiantarem naquelle estado, porque he huma emmencidade as riquezas que de lá lhes vem. No Brazil não estão tão adiantados, inda que nesta somana passada vierão 10 náos de Pernambuco com 8:000 caixas de assucar, mas está em preço que importião mais os fretes que o cabedal, que junto isto á saída de V. Magestade e aos meios que trouxe, espero que venhão a montar algum bom effeito; e nesta materia, como já avizey a V. Magestade, não tenho dado hum ponto, por havermos entendido que convem assy para millhor expediente do primeiro negocio: e não deixo de ter meus reçoços de chegar a tratar de paz perpetua, porque os intereçados no contrario podem querer algumas condições que seja mais desvia-la que encaminha-la, e assi não deixe V. Magestade de mandar considerar o que neste cazo devemos fazer, porque a cautella nunca dana; e já pode ser que este fosse o intento de não haverem respondido atégora ás propostas de meu compãheiro, quando lhe pedião que se tratasse da paz, e elle crê mais facilmente

com sua bondade o que pede as malicias do tempo, e porque levado de suas imaginações informei a V. Magestade sobre o secretario destas embaxadas (1), me tornei a retratar, como nesta faço tambem. Houve entre elles differenças sobre materia pouco deçente para hum e outro, mas inda menos para o embaxador, de que lhe ficou com hum asco que não pode perder, e eu sinto muito de haver-feito por elle huma diligencia que elle por sy mesmo não fez. Não tenho atégora discuberto couza no secretario que encontre ao serviço de V. Magestade, muito zello sy e muitas noticias de todas estas materias, que não alcançará facilmente quem entrar de novo a tratar dellas. Sem embargo de tudo, não tenho outra mira que no serviço de V. Magestade, porem quizera não fazer mal a este homem, nem fazer-lhe bem, se V. Magestade por outras vias tiver achado que elle não convem; mas neste cazo será necessario outro com talento que possa occupar o lugar e fazer os papeis em latim, que, como já em outra diçe, quem cuidei que me poderia aliviar deste cuidado, e trouxe para isso, nem em portugues o sabe fazer.

Não se alcansão os máos sucessos de D. Francisco de Mello hum ao outro. Agora lhe desbaratou a cavalaria o filho (2) do Principe de Orange com a sua, e como he a primeira que fez, se a V. Magestade lhe parecesse, poderia dar os parabens ao pay, porque se tem aqui festejado muito. Da Princeza soube per via de D. Luis de Portugal que se havia sentido do termo da carta da Rainha minha senhora, por lhe não pôr no sinal «prima», como costuma fazer a de França e Inglaterra. Elle mesmo o satisfez com o estillo de Portugal e Castella, e eu por via de huma de suas irmãs lhe fiz dizer que este modo de escrever era no principio das cartas a vassallos chamar-lhe «primos», e que V. Magestade tratára de a igualar consigo sem diferença; contudo se em outra occazião parecer a V. Magestade mudar de forma, o poderá fazer, e senão, creio que se deu por satisfeita: do recontro mando relação particular a V. Magestade.

Do Padre Dom Damado, de quem creio que V. Magestade tem bastante noticia, tive carta hum destes dias em que me mandou o papel incluzo, cuja letra sey que dará gosto a V. Magestade em quanto Deos nos trás o dono della; e lembro a V. Magestade que inda vem a tempo o que se pedio para aquelle homem a cuja conta está, porque o torna a lembrar, e estando comprado, como o vy em caza de Antonio Cavide, deve V. Magestade mandar remeter a Amburgo a Duarte Nunez, que se parte daqui esta somana e confirma a grande obrigação que se tem ao padre Damado, que vive com esperanças de V. Magestade lhe haver de fazer mercê. Duarte Nunez lembro tambem a V. Magestade que se lhe deve muito, e emquanto lhe não chegão as mercês de graça que merece, he rezão que lhe não faltem as de justiça, e que se lhe paguem suas letras e a não, que se não fora pelas diligencias que daqui tenho feito com seus accredores, o houverão ja descomposço muito, como o farão, se lhe tardar mais.

(1) O dr. Antonio de Sousa Tavares.

(2) Guilherme.

Nestas naos do Brazil vem dous embaxadores de El Rey de Congo a pedir ajuda a estes Estados contra a Rainha Gingaa, que dizem baxa contra elle com 80 mil frexas, mas pode acontecer que este soccorro se pessa contra nós. Avizarey se se lhe manda e quanto, para que conforme a elle mande V. Magestade soccorrer Angola, a titolo tambem de ajudar a Gingaa contra o de Congo. Tambem me dizem que nas mesmas náos vem quinze ou vinte cazas mudadas, ou porque receão que lhes não poderá durar muito, ou porque o tratamento que lhes fazem não he para se levar; e ou seja huma couza ou outra, sempre he bom para nós.

Torre do Tombo, códice 1341, fl. 11 v. (copia).

Sousa Coutinho a Pedro Vieira da Silva

1643 — Setembro, 6

O capitão Pedro de Lemos (1), que he o portador desta, se vay em de-reitura a esse Reyno com as armas que veo buscar, e satisfez inteiramente a sua obrigação, como fará sempre. O que sobre este negocio passou, dirá elle a V. Magestade, e testemunharão as cartas do embaxador Francisco de Andrada.

Nesta mesma não remeto quatro soldados portuguezes que nas de Olanda vierão de Pernambuco, na conformidade que remety já outros nas passadas, para cujos fretes e comida da viagem passei letras sobre o Thizoureiro-mór, obrigando-me cá que em falta de lá se satisfazerem, o pagaria do meu dinheiro; e porque elle inda para my se vay acabando, ou o está, faça-me V. M. de ordenar que haja pontualidade nestes pagamentos, que havendo-a, e tendo eu aqui dinheiro para os soccorrer, será meio de se nos passarem muitos portuguezes que estão em Flandes, que nesta duvida o não tem feito atégora, se bem eu, emquanto não tiver ordem em contrario de S. Magestade, os hei de hir provendo e mandando, inda que me seja necessario para isso vender a minha prata.

Escrevo a S. Magestade em carta ao Conselho da Fazenda, lembrando como o meu provimento se acaba em 15 de novembro; e prevenindo-me eu já por Lopo Ramires, sobre quem vem as letras de Manoel Gracia Franco, se na tardança delas me heria soccorrendo na mesma conformidade, respondeo com palavras de comprimento, de que entendo que o não fará, e eu não vejo outro caminho de ser provido, se as náos que lá estão não trouxerem ordem para isso. Seja V. M. servido de o dispor de maneira que me não seja necessario empenhar-me e envergonhar-me; e não lhe pareça a

(1) Sobre a missão de Pedro de Lemos, vid. o meu estudo *O Dr. Antonio de Sousa de Macedo, Residente de Portugal em Londres*, publicado no *Boletim da Academia das Ciências de Lisboa*, vol. x, 1916.

V. M. que sou demaziadamente pontual em fazer estas lembranças, havendo trazido mezes vencidos, o que lhe afirmo a V. M. que já como dos adiantados respeito de muito que gastei em assentar caza; e se não fora prevenir-me com S. Magestade para que me correçem os ordenados desde o dia da nomeação, fora força cuidar-se que eu gastava o que não hera meu, ou não ter a caza que convinha, porque este officio de embaxador convem que o exercitem homens que tenham fazenda sua que gastar, ou que havendo de depender em tudo de S. Magestade, haja confiança delles de que o não gastão mal; e sem embargo de que sey que S. Magestade e V. M. terão esta de my, o ser pobre e ser necessario gastar muito, me faz desconfiar de my mesmo, e senão fora imaginar a V. M. muy occupado na assistencia da campanha, o houvera de cançar hum pouco com huma memoria dos gastos feitos, mas hirã quando a faça tambem [de] dous mil cruzados de gastos secretos, de que já se tem despendido parte, como são nos socorros que fiz aqui aos soldados que mandei, na jornada que fiz ao Príncipe de Orange: nos concertos do doçel de fero e bordar de armas, inda não sei o que he, porque ainda não está acabado, e por isso o não dey até gora; porem bem sabe a Prínceza o presente que lhe vem, e a cauza porque se lhe não tem dado.

O mais que ha, verá V. M. na carta de S. Magestade, a que me remeto, e sirva-sse V. M. de considerar o que nella digo tocante ao secretario da embaxada, em que nem quero ser *pró* nem *contra*. Servir a S. Magestade bem, he só o que dezejo, e a V. M. em tudo o que me quizer mandar.

Torre do Tombo, códice 1341, fl. 13 (cópia).

Sousa Coutinho ao Conde da Vidigueira

1643 — Setembro, 7

Muyto tardão estes embaxadores de França, e entendo que inda tardarão mais do que prometem, e creio que V. Ex.^{cia} vay já com alguma desconfiança mais, pois fazendo-os partidos nos correos passados em todas as semanas, neste me diz que não tem dia certo, e ca me dizem que como morreo D. Diego de Saavedra, hão de esperar a que de Castella venha outro. Como estas dilacões são pouco danosas de S. Magestade sinto-as pouco, e alem do que houve que levantou figura e achou que nesse Reyno se não dezeja a paz, e que ou não hirão á Dieta, ou que hindo, será huma mera formalidade, e inda o juizo acrescenta outras particularidades que aguardo haver brevemente: se se cumprem, então as direy a V. Ex.^{cia}.

Eu tinha já visto a primeira carta que veo de El-Rey para os Estados, que veo ao seu embaxador, que he na mesma forma que a que V. Ex.^{cia} agora mandou ao embaxador Francisco de Andrada, e entendo que V. Ex.^{cia} não advertio que houvera de vir a my, porque o tratar este negocio he o ponto primeiro e principal de minha *Instrucção*; e inda que meu companheiro

o sabe e entende assy, como lhe veo á mão, quer que seja circumstancia para a haver de dar, em que eu não reparo, que fazer-se o negocio he o que importa, e faça-o quem quizer, porem se me viera a my, tivera-a eu já dada, o que elle ainda não fez, e com querer ser o portador della não me parece que a festejou muito, porque não creio nunca que as couzas se dispuzessem com tanta facilidade para haver de passar á Dieta; mas hum dia destes, dando-sse por entregue, escreveo a S. Magestade que [não] queria ser criado dos embaixadores de Olanda, e certo que o não faz por falta de zello, porque certo tem grandissimo para tudo o que he o bem da patria, mas a carne he fraca, e sente muito despir a excellencia, porque se daqui se fora para o Reino, pudera lá ter sequer senhoria, mas de Mustar, destituido de huma e outra, he couza que té as pedras o ssentirão: se V. Ex.^{cia} o considerar bem, lhe poderá ter mais lastima que Rodrigo Botelho, mormente quando exerçita o officio de extraordinario com embaixador sufraganio, e com tanto imperio, que havendo eu feito a relação das novas de Portugal e mandado-a traduzir em framengo, e impremir pelo meu dinheiro, as mandou repartir, sem me querer dar de barato huma só [á] Princeza das da Boemia: enfim eu o tenho em lugar de pay, e o venero com obediencia reverencia.

Já havia sabido de Duarte Nunez a ordem que V. Ex.^{cia} tivera de S. Magestade para pôr silencio no tratado do Picino (1) e com tudo isso pelas cartas que vy suas me pareceo que em ouvi-lo senão perdia nada, e que se poderia perder do contrario, porque se he homem das intelligencias que me dizem que V. Ex.^{cia} sabe, não se perdia mais que o custo do caminho, que o trabalho ficava bem recompençado com se ver Veneza: mas recebe Duarte Nunez neste correo carta de Taquete, e se he certo o que diz, parece-me que pouco cazo se pode fazer deste negocio, e que já o intentou com o senhor Bispo de Lamego, para o que lhe mandou desde Roma a frey Luis Coutinho e por outra vez o Bispo eleito de Elvas, outro frade, e não se havendo declarado com nenhum delles, fará o mesmo com qualquer outra pessoa que lá vá; e assy me pareceo que Duarte Nunez lhe deveçe escrever dezenganadamente que não havia quem lá fizesse, por adoeçer quem estava para hir, e que pois tem sifra sua se declare: se o fizer, o veremos se ha cousa de que lançar mão e se não, entenderemos que he tudo nada.

(*Autographo.*) Duarte Nunez se parte daqui a esta hora e não poderá escrever a V. Ex.^{cia}; dis-me que o disculpe e que diga a V. Ex.^{cia} que a sifra da carta que enviou a V. Ex.^{cia} dizia tanto ao Principe quanto ao Reyno.

Biblioteca Nacional, códice 2666, fl. 343.

(1) Picini. Vid. *Historia do Infante D. Duarte*, de Ramos Coelho, vol. 1, p. 486 e 632 e seguintes.

Sousa Coutinho a El-Rei

1643 — Setembro, 18

Senhor. — Tenho escrito a V. Magestade sobre a pertençaõ de D. Luis de Portugal; inda que estou certo que V. Magestade haja de diſſir, tanto pelo que se deve a seus avós, como as interçessões de que se tem valido, me pareceo apontar a V. Magestade hum meo de que se podia seguir ficar elle satisfeito, e V. Magestade bem servido. Este fidalgo (como V. Magestade já deve ter sabido por cartas do embaxador Francisco de Andrada) tanto que soube em Napoles da aclamação de V. Magestade, deixou o serviço de El Rey de Castella, onde hera grande e do Conselho de Guerra, e aonde tinha 120 escudos de entretennimento, que tudo largou por buscar a seu Rey e senhor natural, como elle diz e nós temos visto. A sua pertençaõ he passar-sse a Portugal, aonde oje não espera, considerados os apertos do tempo, o que se podia prometter por filho de seu pay, senão hum comodo com que poder passar, até que as experiencias mostrem a V. Magestade o que elle entende que saberá mereçer. Está com tão pouca fazenda, que por se não poder sustentar em Paris com sua molher, a tornou a mandar a Roma, aonde está aparentada com cazas grandes, e com alguns cardeaes. Detremina hir em busca sua na entrada de fevereiro que vem, e traze-lla a esta Provincia, aonde esperará as mercês de V. Magestade, o que considerando eu, me parecia conveniente o meo que apontarey, e he que, suposto que este fidalgo vay a Roma, aonde como digo he aparentado por sua molher, e adonde por sua pessoa he tão conhecido, poderia V. Magestade cometer-lhe o diligenciar naquella corte ser admitido nella como embaxador de V. Magestade, e conseguido, ficar exercitando o cargo, com que consegue V. Magestade dous intentos: o primeiro de ter embaxador em Roma, o segundo de o ter a elle contente. E sem embargo de que o tenho por fidalissimo, e que nem se podia dar cazo em contrario, tanto por filho de seu pay, como de sua mãy, e as obrigações a Castella são de sorte que mais o podião obrigar a ser contra ella que por ella; contudo por mostrar V. Magestade ao Reyno as cautellas com que proçede na conservação delle, podia V. Magestade mandar levar seu filho para esse Reyno, adonde servindo de arefens, dobrava V. Magestade a mercê ao pay; e o rapaz he huma linda creatura e tam bem criado, que em huma couza e outra mostra logo quem he. Consequindo-sse esta embaxada, o podia V. Magestade entreter nella o tempo que fosse servido, ou passa-lo a outra, até que as couzas do Reino se aquietacem, de maneira que nelle o pudesse V. Magestade satisfazer então do mereçido por avós e por seus serviços. Approvando V. Magestade este meo, seria conveniente mandar-lhe dar huma ajuda de custo para esta jornada daqui a Roma, aomde, conseguido o intento, se lhe podia acrescentar e pagar os ordenados. O talento tenho por bom, porque em todas as materias em que o houvy praticar, discorre com muita noticia nellas, assy nas da politica, como nas da guerra, e

creo que me deverá V. Magestade este alvitre, e que fará hum grande vasalo de hum homem que tem tanto do sangue de V. Magestade; e eu não sou mais obrigado que dizer meu parecer, que he o que devo, e quando não seja aprovado, pelo menos estou certo que crerá V. Magestade que não erra a vontade.

Torre do Tombo, códice 1341, fl. 13 v. (cópia).

Sousa Coutinho ao Conde da Vidigueira

1643 — Setembro, 21

Faltei a V. Ex.^{cia} no correo passado, porque lhe confesso que não sou gentilhomem tão valente como meu companheiro, porque segunda feira passada era o dia em que havíamos de escrever; estava eu ainda sem cavalos para os coches, aguardando a feira adonde fomos, e senão assy que a jornada não foi mais que de sete legoas em ida e vinda, eu torney tão cansado que só para me deitar na cama fiquei. V. Ex.^{cia} me haja por disculpado, porque o cansaço não me tirara o escrever, porem tirou-me a memoria de que era dia de correo, e asy neste farey reposta a duas de V. Ex.^{cia} de 1 e 12 do corrente.

A primeira couza a que se encaminhou a minha embaxada foi ao negocio de Mustar; em segundo lugar assentar paz perpetua com estes Estados, por haver prometido Tristão de Mendoça, que Deos tem, que dentro de 8 mezes viria embaxador a effectua-la: em terceiro lugar tratar das restituções das praças occupadas antes e depois da aclamação de S. Magestade, que Deos guarde. Tenho feito a primeira proposta, e espero que com a vinda do Dr. Luis Pereira de Castro e seus companheiros se consiga. Nas mais não tenho falado, por entender que seria danar tudo, que em Portugal entendem-se estas materias por outro modo muy diferente do que as acha quem está ao pé da obra; porque segundo tenho alcansado, se esta gente daqui entendera que a minha vinda se encaminhava a mais que a impedir huma paz, e assentar outra, perderamos tudo. Estava S. Magestade informado que dezejavão muitos dos Estados reduzir a tregoa á paz perpetua, porque assy o dicerão aqui muitas vezes ao embaxador Francisco de Andrada, ao que elle persuadido instou a S. Magestade que mandasce tratar della; mas eu me persuado (porque não vejo cauza para crer outra) que das condições que detreminavão pedir, tirarião occasião de rompimento, porque ao menos a provincia de Olanda nada desmente minha prezunção, porque tem achado grande deminição nos intereces que as prezas lhe davão; e assy receo com bons fundamentos que as más correspondências que tem tido comnosco se encaminhão todas a nos obrigarem a que sejamos nós os mal sofridos, porem convem se-llo muito, até que as armas de S. Magestade se fação respeitar, de maneira que nos venhão a fazer por receo o que nunca hão de fazer por amor. Isto me ha de fazer acomodar-me contra minha natureza aos vagares framengos e

guardar as restituições por condição da paz, applicando me ofertas grandes de dinheiro que ha de donde se poder tirar; e tenho que só este será o meio efficás, acompanhado do effeito das armas, que oje recebemos cartas de Lisboa em que nos dizem que estava sinalado o dia dos 23 do passado para por todas as partes se entrar em Castella, e que a nossa armada era sahida, e entendião que em busca da frota, com mais força do que tinhamos sahido. Sirva-sse Nosso Senhor de dar no mar e na terra hum sucesso grande, que com elle o espero bem em todos os negoçios.

O embaxador de França esteve ontem aqui comigo, e já me falou por diferente lingoajem do que tinha feito até qui, enclinando sse muito á impossibilidade da paz, e para isso buscão já couzas; porque me diçe que de nenhuma maneira se faria, sem se fazer restituição do Palatinado, com que mostrão querer que faça o Imperio e Castella o que França não detremina, mormente que a mayor dificuldade, ou a mayor impossibilidade. he a do Palatinado. Como está na mão do Duque de Baviera, não vejo caminho para se derancar della, e prezumo que pagão desta condição para mayor estrovo do negoçio, e dá-me grandes esperanças de que por consequença, vençido este ponto, entre por segunda defculdade Portugal; se bem não hey de deixar de dizer a V. Ex.^{cia} o escrupulo com que ando de que não tenho a este tal embaxador por muy bem affecto a nossas couzas, por que tudo acha mais difficil que sermos nós admittidos á paz, a que se segue ser contra a opinião de hir o embaxador Francisco de Andrada; e como isto he falar-lhe ao som do seu paladar, fa-lo mudar no dia muitas vezes do preposito, e não só se não contenta com o que aqui nos diz, mas escreveo tambem á Rainha de França dezaprovando o assentado; e assy convem que V. Ex.^{cia} vá advertido, para que os plenipotenssiarios o venhão de maneira que não admitão replica alguma, que estas Provincias he certo que farão o que quizer e fizer essa coroa.

Muito acertado fora o que V. Ex.^{cia} aponta que convidara a nossa Rainha a Christianissima para o compadrado do novo Infante, que Deos foy servido dar-nos (1), de que oje tivemos a certeza por cartas de Lisboa, e começamos a tratar de fazer aqui alguma demonstração publica de alegria, que toda se virá a resumir em comer e beber, ou em emborachar, por falar mais a ponto.

Muyto tenho estimado a mudança de Monsieur de Xaveny (2), porque he premissa esta para esperarmos que se continue o governo do Cardeal de Rochelu, admetindo-sse outra vez criaturas suas: tudo Deos vay dispondo para mayores bens de Portugal, como tambem as prizoës e desterros executados nesta corte; e grande meio será para se areigarem mais as amizades entre as duas coroas, hir embaxador dessa, exemplo que seguirão logo estes Estados, para o que os vou dispondo desde que aqui estou. Nas armas

(1) D. Affonso, depois Rei.

(2) Léon le Bouthilier, conde de Chavigny, secretário de estado, colaborador de Richelieu com respeito à politica externa. Foi ãle o principal negociador do tratado de 1 de junho de 1641 entre Portugal e França.

temos feito boa deligência; meu companheiro avizará a V. Ex.^{cia} com mais largueza.

(*Autographo.*) Sinto muito que continuem as sezões ao Doutor Antonio Munis. Advirta-lhe V. Ex.^{cia} que temos huma doença grande, a que são muito sojeitos os homens da sua idade, que se chama «morbo galico» que he forsa (?) que seja mais fino na parte de que he natural, que o ... melhor tornado no terreno alheo he só por os pesegos.

Bibliotheca Nacional, códice 2666, fl. 344.

Sousa Coutinho á Rainha

1643 — Setembro, 23

Depois de haver dado graças a Deos pela mercê que nos fez, as dou juntamente a V. Magestade e parabens ao Reino todo do nascimento do novo infante; que como soube aguardar para nascer filho de Reys, e em occasião que El Rey meu senhor estava auzente, e com as armas ás costas, e em tempo que mais necessidade tinhamos de S. A., nos podemos prometer que nasce, não para fiador da successão Real, que essa tinhamos segura no Principe meu Senhor, mas por que S. A. tenha sobre quem descansar, e o Reyno todo as esperanças seguras, e a Caza de Bargaça perpetuidade; que huma e outra couza tinha prometido a mizericordia de Deos, cuja prova temos experimentado e vamos vendo cada dia. A V. Magestade, como a meo que a diyina tomou por tantas mercês, devemos repetir huma e muitas vezes as graças dellas, e dezejar a V. Magestade tanta vida que veja em sua successão muitas coroas: que o dezejo eu, certo estou que o crerá V. Magestade, e emquanto pessoalmente não posso beijar a mão a V. Magestade, com affecto o faço, sentindo só não ter mais de huma vida e essa já bem carregada de annos, para sacrificar no serviço de V. Magestade e de El Rey meu senhor, em cuja companhia guarde Deos a V. Magestade com os augmentos de vida e estado que seus vassalos dezejamos e havemos mister.

Torre do Tombo, códice 1341, fl. 14 v. (cópia).

Sousa Coutinho ao Principe [D. Theodosio]

Dou a V. A. muitos parabens do novo irmão que Deos nos fez mercê de dar a V. A.; os primeiros pela saude da Raynha minha senhora; os segundos por ter V. A. sobre quem pelo tempo adiante descansar e com quem se entreter no presente; e os terceiros pelo bem e alegria desse Reyno, a quem V. A. tem tanta obrigação que os deve antepôr a todos. Bem quizera poder pessoalmente beijar a mão a V. A., mas considerando que neste desterro estou em serviço de SS. Magestades e de V. A., fica aliviado meu sentimento,

e nenhum outro mo faz mayor, senão o reçar que os acertos não sejam os que eu quizera; mas não será a culpa minha, que eu em obedecer fiz o que devia a criado e a vassallo. Os successos correm por conta de Deos, e por S. Magestade, que por me honrar e fazer mercê, se poderia enganar comigo, mas aonde não chegar o talento, sobejará a vontade; fiada della será o pão que comy na Caza de Bargança, e o sangue de meus avos deramado no serviço dos de V. A.

Torre do Tombo, códice 1341, fl. 14 v. (copia).

Sousa Coutinho a El-Rei

1643 — Setembro

Levaria Deos a salvamento a nao em que vão as armas: e como este negocio levou máo principio, era força que o fim fosse pior, partindo huma frota, chegando a esse Reyno sem levar carta nenhuma para V. Magestade de dous embaxadores seus; de que não tenho que me desculpar, porque na data das que serão com esta, verá V. Magestade que pelas minhas não esperou o capitão Pedro de Lemos; mas não he isto culpar a meu companheiro, que elle fez o que entendeu que convinha ao serviço de V. Magestade, em que quer ser muitas vezes mais exacto do necessario; e nelle se vê huma exceção da regra de que a muita cautela não dana, porque neste caso a sobeja foi só o que a perdeu. Para se remediar, mandou vir de Amsterdam ao Capitão Pedro de Lemos, no dia que estava para se embarcar, e o deteve neste lugar oito dias, e o dia dantes que daqui fosse, partirão as naos em que havia de hir, e ficou em terra; e affirmo a V. Magestade que senti mais a desconsolação e desesperação deste pobre homem que a falta que fiquei fazendo em não ver V. Magestade cartas minhas, que pudera ser culpa, a ser outra a cauza, e o certo he que nenhum de nos a teve; eu que não entrey no negocio, o capitão, porque o tirarão da nao, o embaxador Francisco de Andrada, porque lhe pareceo que sem isso se não poderia fazer o negocio. Nestas naos, em que agora vay, remeto couza de 20 soldados que se passarão de Flandes, pelas novas que já lá tiverão de eu os socorrer aqui e lhes dar passagem. Em todas as que forão, tem ido alguns, que vou soccorrendo por conta dos gastos extraordinarios, por me parecer que em nenhuma couza se pôde empregar melhor este dinheiro: são portuguezes e soldados feitos, e tiramo-los ao inimigo. Os ultimos que esta menhá chegarão, me dão novas que sete ou oito officiaes serão aqui dentro de poucos dias, e que neste inverno ficarão poucos ou nenhuns portuguezes em Flandes. A passagem he por aqui muito fácil, porque em chegando ás fronteiras destes Estados, os agazalhão muito bem, e os soccorrem de maneira que podem chegar adonde estou, mas eu não posso chegar a tudo o que lhes he necessario. Dou-lhes de comer, em quanto aqui estão, e para fretes e mantimentos de mar passo letras sobre o Thizoueiro-mór, que convem que V. Magestade mande acei-

tar e comprir, porque fico obrigado na falta a paga-lo; porem não bastava isto só: vem todos mortos de fome e nús, e convinha não só dar-lhes passagem, mas vesti-llos, assy para que os destas provincias vissem o que V. Magestade fazia por seus vassallos, como para que se animassem todos a se vir: porque o certo he que nenhum serve a Castella por sua vontade.

Para isto, converia muito haver aqui dinheiro separado. Lembra-me que para o mesmo effeito se servio V. Magestade de mandar ter na Rochella 4:000 cruzados; aquelle caminho he rodeo muito grande e raro, este he tão facil que em dous dias e em hum podem entrar nestes Estados, e espero, como digo, muita gente, a que não hei de faltar com o soccorro ordinario, inda que me seja necessario vender a minha prata; porque não hey de consentir que vão aos espitaes que aqui ha de perigrinos, nem deixar de mandar a V. Magestade os nossos naturaes, que pelo hir servir poem a vida no tombo de hum dado a serem colhidos, e acabarão de se certificar as nações estrangeiras que póde V. Magestade fazer exercitos grandes só com seus vassallos, e que o vão buscar os que estão tão dijanτες, aventurando-sse a tantos perigos. De Mamede Pereira me falão bem, está ouje capitam vivo; não seria difficultozo tira-lo; se a V. Magestade lhe parecesse, não faltará não para o avizar. Todos os que vem, confirmão as novas do mal aceito que está D. Francisco de Mello, e aqui soubemos que saindo hum destes dias atrás [de] sua molher e filhas a passear por Bruselas, o fizerão recolher a pedradas.

O Emperador deo agora bom salto: sahio á campanha, crendo que os ungaros vinhão em sua ajuda, e achou-sse enganado: não querem sahir de seus limites, disculpando-sse com o temor do Turco. O Emperador hia caminhando para huma cidade em busca do seu exercito, com sós 200 cavallos; soube-o o general sueco; havia tres caminhos; nos dous delles, que erão os mais seguidos, lhe armou com mil cavalos em cada hum; elegeo o terceiro e escapou, e está outra vez em Viena.

Tenho dito por vezes a V. Magestade que estou sem fazer nada, por havêremos entendido que assy convinha, até lançáremos daqui os embaxadores para Mustar; e vai-sse dilatando tanto a vinda dos de França, que já estes dos Estados prezumem que podem não vir este inverno, disculpando-sse com o rigor dos frios para se caminhar, e elles começão já; e com ser setembro, os acho maiores que os grandes de Villa Viçosa; não sey se porque na verdade o são, se porque me colhe sobre mais annos: se contudo se dilatarem os francezes, de modo que me venha a persuadir de que não virão, ou de que virão para a primavera, entrarey a tratar dos outros negocios, supondo que succedendo assy, será o certo que França não quer pazes, que he a primeira regra da polytica franceza te-la guerra fóra, pela não ter de portas a dentro; e esta foi a máxima do Rochelu, e como hoje tornão ao governo das criaturas suas, prezumo que quererão levar o mesmo caminho; e pelo mesmo cazo que a Raynha he castelhana, se ha de querer mostrar mais franceza, quando a não obrigue o amor de seu filho, por quem deve querer mais que para seu irmão; alem de que me dizem que não ha grandes

seguranças do Monsieur (1), sem embargo de haver sido elle quem descobriu os que querião matar a Masarine (2), que trás já a mesma guarda que seu antecessor, para segurança sua. Se V. Magestade sabe isto mesmo pelo Conde Almyrante, com o não ler, se livrará do enfado da repetição, mas eu por ventura que tenho em França alguma dilligencia que elle não tem.

A oração que fiz aos Estados na primeira audiencia, mandei imprimir traduzida em framengo, para a repartir por elles, por se não poderem fazer tantos papeis de mão. Depois de empréça, pareceo a alguns disentereçados que convinha muito publicar-sse para maior conciliação do povo, que cuida que vendo aqui dois embaxadores de V. Magestade, que lhe vimos tirar as capas dos ombros, e deenganado com a minha proposta, diz que he muito justa e muy conforme ao que elle ha mister, e dezeja. O trabalho he só para my, que vou arriscando a reposta dos vezinhos; quando a haja, ou nos dezempulharemos ou sofreremos, que enfim o papel, como se não envergonha, tãobem não quebra osso.

Hum destes dias, praticando com o embaxador Francisco de Andrada sobre as materias do Brazil, e no ultimo remedio que poderia ter, quando esgotados todos os meios, nos deenganassemos que seria o mais facil a queima dos canaveais e eu ainda a medo o propunha: respondeu-me não só, aprovando, senão que já o havia dito a alguns dos Estados e a outros da Companhia, e que o fizera por ordem de V. Magestade. Se assy foi, bem feito está, que senão, a couza ha por feita mas não por dita, porque já oje com estas noticias mal se poderá desmintir, se acazo succedesse que foi obrado sem premissão de V. Magestade.

Torre do Tombo, códice 1341, fl. 15 (cópia).

Sousa Coutinho ao Conde da Vidigueira

1643 — Setembro, 28

Já nos Estados ha desconfiança de que virão esses plenipotenssiarios, parecendo-lhes que começa o inverno, e que em entrando os gelos tem bastante desculpa para não caminhar; e alguns levão a desconfiança mais avante, imaginando de que se poderão concertar entre sy França e Castella. O segundo não creio, ao primeiro me inclino muito, porque he mais conforme á prezunção, de que avizei a V. Ex.^{cia} por carta de 7 deste. Ha em Amsterdam certa pessoa que nem he natural nosso, nem desse Reino, nem destas Provinçias, homem das mayores intelligências e noticias que tenho visto, porque não ha corte donde não tenha intima correspondencia, e como para o crer não deixo de ter minhas difficuldades e guardava a prova para com mais certeza o poder dizer a V. Ex.^{cia}; mas porque ahy se poderá averiguar com disimulação e

(1) Gastão, duque de Orleans, irmão de Luis XIII.

(2) O Cardeal Mazarin.

facilidade, direy o que mais ajuntou ao que escrevy a V. Ex.^{cia}, que he: que a Raynha detreminava fazer sahir brevemente hum manifesto em que declarace sua tenção, a qual he que durante a menor idade de El Rey seu filho, não podia restituir nenhuma das praças ganhadas por seu marido a seus inimigos; e que nesta corte se fazia hum novo mapa, porque se queria mostrar que era a Reno divizão das fronteiras de França e Alemanha; e que brevemente as tropas francezas correrião até os Arcebispados de Tréveris e Colonia, para o que fazião em todas as fronteiras de França grandes provizões de munições e mantimentos. Este mesmo homem me escreveo esta semana passada que tinha grandes couzas que me avizar de França, e que herão taes que as não queria fiar a cartas. Teuho mandado lá o secretario e não he ainda vindo, por isso as não digo a V. Ex.^{cia}, e tambem porque quizera saber primeiro se levão caminho as noticias que agora dou. Eu as tenho dado a S. Magestade porque ainda que as não creio por infalyveis, convem alentar ao nosso Reyno com boas esperanças, mormente quando ellas não podem danar; e moralizando agora hum pouco a materia, parêçe que não vay muyto dezenaminhado, porque se bem a Raynha de França he irmã del Rey catholico, a desconfiança de castelhana, e o amor de mãy do Christianissimo, a hão de fazer obrar mais como franceza que como castelhana, a que se ajunta ser a primeira maxima da polityca de França ter a guerra fora, pela não ter em caza; e se isto se entendeo por huma grande cabeça, como a de Rochelu, em vida do Rey valeroso como o passado, quanto mais considerará que convem nas citurias (*sic*) de hum Rey minino, tempo em que ainda entre gente menos inquieta que a franceza se virão sempre revoltas; e creio que as inquietações passadas do Monsieur não hão de deixar de fazer alguns escrupulos. Estou vendo que me diz V. Ex.^{cia} que faço os discursos á medida do que havemos mister, e he assy, porque estou tão certo que as cousas de nosso Reyno são obradas todas pelo braço poderoso de Deos, que lhe ando buscando meos ordinarios, para não reduzirmos tudo a milagres, tendo por infalivel que ha de haver estes quando faltem os humanos; que não deixa de o ser grande para a miseria em que estavamos tres annos ha, vermos que sem ajuda nenhuma de outros Reynos, possa o nosso ter oje 80⁰⁰⁰ homens em campanha, e 34 naos no mar, couza que tem assombrado estas Provincias, e espero que obrem elles mais que toda a nossa oratoria, e que vindo-nos novas de alguma empreza boa, hão de folgar todos de conservar nossa amizade.

O negocio a que veo o capitão Pedro de Lemos temos remediado, se se não perder como o primeiro, cauzado das muitas cautelas de que se quis valer meu companheiro, adonde se vio que ha cazos em que dana a abundancia dellas. No principio o não quis fiar de ninguem; no cabo o fiou de tantos, que se deitou o negocio ao longe, e porque tudo assy fosse, estando o tal capitão para se embarcar na não em que vão as armas para Portugal, o fez vir aqui e o deteve oito dias, e quando se foi, achou as naos partidas e ficou-sse em terra; e vay huma frota de Olanda, que chegará a Lisboa sem carta nenhuma, e as armas sem recado cahirão lá, (e dirão bem), que estão aqui dous velhos tontos. Affirmo-lhe a V. Ex.^{cia} que fiquei mais corrido do

segundo que enfadado do primeiro, e renego dos diabos que hão de ficar só em rhetorica. Lembra-me que diçe o Marquez se Alenquer em huma trovinha, falando dos siumes, o que aqui parece que se pode aplicar: «matan con buena intençion, como el inprudente amigo», e acho-lhes duas contrariedades grandes; dezeja parecer muito manço e obra como muito velho; e eu dezejara ser pelo contrario e assy entendo que emquanto estiveremos juntos, não faremos nada, sendo assy que não será a culpa sua, porque elle quer fazer tudo. Já eu dice a S. Magestade, fazendo-me mercê de me agradecer have-lo servido bem em Suecia, que duas cousas me ajudarão muito para acertar, a primeira não levar companheiro, a segunda não levar *Instrução*. Se as cartas não tiverão seus perigos, couzas havia com que rir bem por ellas, convi[n]do ao Dr. Luis Pereira de Castro, mas levar-nos ha Deos a Portugal e darão mais gosto as tromentas contadas depois de estar no porto; e V. Ex.^{cia} entretanto me torne á minha honra, pois lhe pareceo que era reprehção o dizer-lhe que a carta de El Rey Christianissimo tocava a minha embaxada, que eu estou tão fóra da ambição das glorias, que dezejo só que o serviço de S. Magestade se acerte e obrasse por quaes quer modos; contudo advirto a V. Ex.^{cia} que S. Magestade me conservou no governo das Ilhas, e que nas suas cartas me chama governador e capitão geral das Ilhas Terceiras. Digo não porque queira emmenda de presente em que V. Ex.^{cia} me escreve debaixo de cuberta de Francisco de Andrada, senão porque quando houverem de aparecer os sobre escritos, que já V. Ex.^{cia} sabe que nas partes do Norte querem todos os titulos. Fis imprimir em framengo, por se não poderem dar de mão tantos treslados, a oração que fis aos Estados na primeira audiencia, e inda que elles dezejárão que fosse só de mão, pareceo aos particulares dezentereçados que convinha que todos a visem, porque imaginava o povo, vendo aqui dous embaxadores, que lhe vinhamos a tomar a capa e não a pedir-lhe couza que igualmente lhes estava tão bem como a nós: fi-la correr e está bem recebida de todos, o que eu não creio, vendo que V. Ex.^{cia} me não diçe nunca nada della, havendo-lha mandado muitos dias ha.

Assy como V. Ex.^{cia} me encomenda, procuro mandar a Portugal os soldados de Flandez, dos que agora prendeo o Principe. São vindos aqui 18 ou 20, que tambem me ficarão em terra com o capitão Lemos, e tenho com elles en caza huma alçada. Estes vierão fugidos, porque inda que no recontro forão alguns prezoneiros, se resgatárão logo com os seus officiaes, e não tiverão lugar para se poderem passar logo; porêm estou certificado que se sabe em Flandez que lhes dou soccorro e passagem, e affirmão-me os ultimos que inda hontem virão, que atras vem sete ou oito officiaes, e que neste inverno não ficará naquellas partes portugues nenhum. Muito conviria haver aqui dinheiro prompto, porque o estado em que esta gente vem, necessita de mayores soccorros que os que lhe eu posso fazer, porque vem os mais despidos. A S. Magestade o tenho escrito, V. Ex.^{cia} haverá de fazer dahy o mesmo.

De Lixboa tive carta de 24 do passado, em que me dizem que a nossa armada ficava recolhida hum dia dantes, sem haver encontrado nenhum navio

castelhano. Sirva-sse Nosso Senhor de nos dar milhores successos na terra do que temos tido no mar. Estimo as boas novas que V. Ex.^{cia} me dá de S. Alteza, e não me espanta as contradicções de Taquete e Magalhães (1), que por S. Alteza ter em seu serviço taes entendimentos, de que este era o milhor, está oje em Milão. Do Pesini me parece que não ha que fazer cazo, porque não ha de achar nunca pessoa capaz para se declarar, e assy se o não fizer por escrito, não serey de parecer que se meta com elle mais cabedal.

(*Autographo.*) Falta-me já tanto a vista, que me dá muito trabalho o escrever de mão propria. Se isso não fora, não me aproveitava tanto da alheia, e pudera contar milagres de meu companheiro, com quem entendo que V. Ex.^{cia} se arriscará muito em o aprear tão depressa, e mais ficando elle em paiz livre; por que eu, com ser nestas materias o homem mais bem regrado que ha, tive agora em Portugal grandes trabalhos com os condes; falavão a D. Antão de Almada por *senhoria*, e a mim por *mercê*: notifiquey os que eu não queria *senhoria*, mas que queria que a D. Antão falassem de *mercê*; começarão a espantar-se de mim, mas creio que se emmendarão quando embora for: e ora veja V. Ex.^{cia} agora que fará o meu pedagogo, que na muita quantidade de historias que no dia conta, en nenhuma nem por dezastre se lhe foi a boca a falarem-lhe por *mercê*, e melhor que tudo, sua mulher disse em Lisboa a hum criado meu, lastimando-se da auzencia do marido: «Veremos agora o que dirão a S. Ex.^{cia} quando vier».

Bibliotheca Nacional, códice 2666, fl. 340.

Sousa Coutinho ao Conde da Vidigueira

1643 — Outubro, 3

Com as novas que V. Ex.^{cia} me dá de que partia o Dr. Luis Pereira, fico contente, porque suposto que havião de hir, foi milhor que não entrassem os rigores dos frios, se bem milhor que tudo fora que não fossem; mas eu creio que o mesmo será hirem que não haverem hido; e assy parece que se entende em Alemanha, porque vi alguma carta de Viena em que se desconfia muito de França, e que o Marques de Castello Rodrigo (2) e o embaxador do Imperio se aprestavão lentamente, e não falta quem cuide que os de França se deterão aqui e que não passarão; mas o certo he que ou passem ou não, terão lugar as armas de S. Magestade para se fazerem temer em Castella, e respeitar nestas partes, e se assy fôr, poderemos esperar que sejamos nós os rogados. Esta somana houve cartas de 8 de setembro, mas não de S. Magestade. Não havia couza de novo, mais que dizer-sse que nos sinco do

(1) Gaspar de Magalhães, amigo e correspondente de D. Duarte.

(2) D. Manuel de Moura, filho de D. Cristovam de Moura, foi embaixador hespanhol junto do Emperador Fernando III e plenipotenciario no Congresso de Munster.

passado entrava o nosso exército em Castella, e que hia El Rey em pessoa. Eu tive huma lista do que levava: mando-a a V. Ex.^{cia}, inda que entendo que deve ir duplicada, porque o embaxador extraordinario o fez tresladar para dar aqui as novas: como eu não sey inda a lingoa, nem as que me vem çosso dar.

Tornou de Amsterdam o secretario e tras cousas de que advertir a V. Ex.^{cia}. Ordenei-lhe que em sifra o fizesse, porem convem que V. Ex.^{cia} proceda com a prudência que custuma, porque a materia tem seus perigos, não se usando de toda a cautella.

Meu companheiro esperava ainda recurso de S. Magestade no tocante a Mustar, mas tem aviso de sua caza que lhe não admittirão suas escuzas, e não cuidava eu que elle as esperava ainda: mas já agora se dá por desengano, e chegado o companheiro, ficará com mais animo. Eu comecey com o aviso de sua vinda a pôr em pratica os meos que trouxe para façilitar este negocio. Espero que aproveite, porem importará, mais que tudo, serem as diligências de França de todo coração, de que eu não estou desanimado. porque alem de V. Ex.^{cia} mo dizer, não falta tambem quem me affirme que olha com bons olhos a Rainha nossas couzas. Muito senty que andasse achaquada: queira Deos dar-lhe saude, porque confio mais nella, sendo castelhana, que fizera em seu marido vivo, inda que tão francez, porque sempre tive para my que depois de morto o Rochelu (1), não estavamos seguros; porque seria muito mais facil concertaren-çe com El Rey de Castella do que oje o he.

Aqui chegarão huns embaixadores de Congo, que vem a pedir ao Príncipe de Orange e ás Companhias favor para nos deitarem de Angola. Fui avizado a que vinhão, e começava a enfeitar-me para fazer huma pratica aos Estados, mas soube logo que se lhe não admetia sua proposta. Não sey se he tudo vertude, mas sey que a Companhia occidental está em tão miseravel estado, que não fará pouco em conservar os gastos passados, quanto mais a entrar em outros de novo; e se continua como vay, parece-me que elles mesmos no-lo hão de vir a pedir o que nós agora lhe pediremos, por o que convinha; mais freima da que se quer em Portugal [e] que lhe pareceo a S. Magestade e a seus ministros pera este negocio de seis mezes, e desejando eu que o fora de muito menos, suposto que vim tratar delle, não conforme a *Instrução*, senão conforme ao que entendo que convem, e assy o tenho avizado a S. Magestade. Não vejo outra couza que dizer a V. Ex.^{cia}.

(*Autographo.*) Depois de escrita esta, me pareceo deter huma somana mais o avizo que queria dar a V. Ex.^{cia} para o poder fazer com mais notiça, ou pelo menos com mais clareza.

Bibliotheca Nacional, códice 2666, fl. 391.

(1) O Cardeal Richelieu.

Sousa Coutinho ao Conde da Vidigueira

1643 — Outubro, 19

Ja agora creio que vem os plenipotenciarios desse Reino, com V. Ex.^{cia} me dizer que he já partido hum delles, e creio tambem o que V. Ex.^{cia} me diz aserca da detença que entende que farão nestes Paizes, porque conforma muito com minhas prezumpções. As cousas das cortes são marés, que não estão nunca num ser. Nesta tinha entendido, neste pouco tempo que ha que nella estou, que o Príncipe de Orange dezejava a paz; vendo-sse doente e com seu filho moço, receava que lhe pudesse acontecer o que a seu irmão o Conde Maurício na morte de seu pay, em que não satisfeitos de seus poucos annos, trouxerão hum general ingrez, que custou muito depois para o deitarem fora. E este exemplo inclinava a de Orange a querer livrar-sse da guerra, para poder introduzir seu filho, quando a paz não neçessitava de cabeça mais isprimentada: oje acha-sse melhorado de saude, e affirma-me que bem o pode saber que está de outro bordo; e inda que parece que he isto encontrar ao que na pasçada avizey a V. Ex.^{cia}, podemos consiliar os textos, entendendo que queria çerto, reçeando não alcançar o duvidoso; alem de que aquellas notiçias não as tenho por de fee; porem abrem-nos caminho para duvidar e procurar a verdade. Asçegurão-me que está muito de nossa parte, e promette fazer muito, o que veremos, chegada a occasião. A senhora Príncipeza ajuda isto muito, obrigada com mimos e regalos da Raynha nosça senhora, em cujo nome lhe presentey hontem huma alcatifa e hum doçel, obra da China e de preço mais extraordinario pela grandeza que pelo lavor. Tem a alcatifa 13 varas portuguezas de comprimento e quasi sinco de largura; he de veludo cramizim, com as sanefas de veludo verde, bordada de ouro, e bem coalhada. O doçel he do mesmo, e inda que quando vim a trouxe já. tardey em a dar, porque lhe mandey bordar nella as suas armas e as de seu marido. Tem-no estimado com grandes incomios, porque de pessoas independentes que se achárão ao entregar das pezas, me diçerão que assy os Principes como os circumstantes, que foi toda a terra, tiverão o presente, não só por grande, mas por extraordinario. Ficou-sse com elle satisfazendo a alguma desconfiança, que não sey se havia, de se mandarem mimos a outra parte e haverem faltado aqui; porem crea V. Ex.^{cia} que se recompensou bem a tardança.

De Rodrigo Botelho tivemos hontem as primeiras cartas: mando a V. Ex.^{cia} a que me escreveo, por escuzar fazer relação della, e porque V. Ex.^{cia} saiba o que vay obrando.

O capitão Pedro de Lemos ainda não está livre de suas más fortunas. Embarcou-sse no principio da somana passada em humas náos que de Rotterdam hião para o Rio: a em que hiã, deu em seco antes de sahir da barra; alcançou as outras em hum barco, chegou nellas até a vista de Dunas, e tiveram hum temporal tão grande que se perderão duas, e elle arribou com as

nãos nos cabeços: está esperando tempo para tornar a sahir. O negocio a que veo creo que levará milhor fim do que teve o principio, por que nos não toca mais que o faze-llo prestes e a condução mesmo a ministro daquella parte.

Do Taquete me chegou carta com as duas copias que V. Ex.^{cia} me aviza que tiverão: encomenda-lhe muito aquelle nosço amigo a minha correspondência, e hum livro que nestas Provinçias se impressio do direito de Portugal quer que se torne a imprimir; e o mesmo me parece que pede a V. Ex.^{cia} faça com o que ahy se impressio, que de cá tenho mandado fazer diligencia, e executarey a ordem, se achar nella alguma intidade, porque pelas informações lhe vejo poucas na materia: está dito e impreço tanto, e está tão crido de todos, que me parecia diligencia escuzada: sem embargo diço, he necessario aliviar os que padecem com este pouco, já que com o muito não podemos.

Peço muito a V. Ex.^{cia} seja servido de querer tomar sempre em boa parte as advertências que lhe fizer, porque se V. Ex.^{cia} acabar de me conhecer, bem entenderá que sou hum homem de tão pouca serimonia que pode vir a ser falta, e poderá testemunhar bem nisto o Dr. Antonio Moniz: não foi culpar a V. Ex.^{cia} o titolo dos sobre escritos, mas advertir-lhos, entendendo que os não sabia; mas parece que me não declarey bem, porque a minha tenção era dizer a V. Ex.^{cia} que os uzasse, quando me escrevesse com cuberta para my, mas não que não fosse na do embaxador Francisco de Andrada, que seria crime grande enquanto elle aqui estivesse; por sinal que lhe negey hontem haver-me V. Ex.^{cia} escrito, porque he notavelmente sioso, e inda que não a my, dá remoques a quem mo pode dizer, sobre eu lhe não mostrar as cartas que escrevo, e me escrevem; e asy V. Ex.^{cia} seja servido de continuar como até qui debaxo de sua cuberta.

Biblioteca Nacional, códice 2666, fl. 399.

Sousa Coutinho ao Conde da Vidigueira

1643 — Outubro, 26

Varia-sse na chegada aqui dos plenipotenssiarios. V. Ex.^{cia} me aviza que nesta Corte se verião ajuntar, e o embaxador de França me dice hontem que não sahirião de Xarles Villy (1) senão juntos, mas o certo he que ou seja de huma maneira ou de outra, não farão a entrada dividedidos. Com grandes ançias espero a D. Luis Pereira para acabar de aquietar o pensamento, inda que muito mo assegura V. Ex.^{cia} com os papeis que me diz que tras, e esperar por elle me faz não lançar logo mão de hum negocio que se me offereço, que tenho tambem por de grande importancia; e não deu logo delle conta a

(1) Charleville.

V. Ex.^{cia} porque o quero fazer depois de aprovado por Luis Pereira, e então se V. Ex.^{cia} vier no mesmo, se poderá executar; e comtudo dey conta delle a S. Magestade, que como está mais longe, he neçessario ganhar tempo; mas com estar mais vezinho meu companheiro lho não comuniquei, porque tambem he dos que não aprovão tudo, ou menos aquillo em que não derão. Segundo huma carta que oje reçeby de Lixboa de hum criado que la mandey, e o caminho que trouxe que foi vir do Porto á Rochela, creio que haverá V. Ex.^{cia} tido as mesmas novas que eu, que são certificar-se as da tomada de Valverde (1), e de ficar sitiado Badajos, e com muitas esperanças que leve o caminho da vezinha villa. Permita-o Deos, por quem he, que isto ha de ser o que nos tire o pé do lodo. A carta he de 19 do passado, e conforme a conta della, poderá ser certa a que V. Ex.^{cia} faz de que esteja já em França o Conde de Monsanto, que me diz que vem feito Marques de Cascaes.

Temos entre estas Provincias grandíssimas devizões, encaminhadas todas ellas a deminuir a authoridade do Príncipe de Orange e da nobreza de Olanda: não as particularizo, porque provavelmente deve fazer o embaxador Francisco de Andrada, e sem embargo disso, o pudera eu fazer com mais notiçia, porque tenho as prepozições em meu poder: por falta de interpete, que está em Amsterdam, as não tenho traduzido, mas poderão hir no correo que vem.

Tenho pedido aos meus commissarios huma conferençia em que detremino refrescar-lhes a memoria na minha proposta, e juntando a ella que conforme o como procederem da execução della, poderemos começar a tratar logo de assentar paz perpetua; do que rezultar, avizarey a V. Ex.^{cia}.

Bibliotheca Nacional, códice 2666, fl. 39o.

Sousa Coutinho ao Conde da Vidigueira

1643 — Novembro, 2

Por muito grande nova tenho a reduçção de Tangere, porque he de honrra, e de proveito; de honrra, por não permittir Deos que o que foi ganhado com o sangue dos Portuguezes estivesse sogeito a Castella, e pelo que toca á reputação, para que acabem de se dezenegar os inimigos que são isto obras de justiça, e inda está mais justificada pelo que se dilatou; de proveito, não só para nós, senão para os confederados, porque temos e tem elles com isso porto em que nos recolher no estreito, quando o tempo obrigar as nossas náos e as suas a busca-llo. Espero que o mesmo exemplo siga Ceita, porque emfim Deos não faz as mercês de meas. De tudo dou os parabens a V. Ex.^{cia} e dos bons successos do senhor Conde de Castello Melhor, que inda que por mym todas as do Reino são de grande estimaçãõ,

(1) Foi tomada aos 13 de setembro.

faço-a muito mayor do obrado pelo senhor Conde porque sou grandissimo seu servidor, e amigo ha muitos annos; e assy estou esperando que com os primeiros navios que de Portugal vierem, tenhamos novas que esteja S. Magestade senhor de Badajos e de Tuy, e succedendo, pouca duvida haverá, que nas Pazes ou Tregoa tenhamos bom lugar e muito largo antes de chegar a ellas que as armas obrem de maneira que Castella nos rouge; que inda que aqui os ministros de França e os de Olanda tenham este negocio pelo mais difficiloso, não sey se he pelo não entender, eu o tenho pelo mais facil; se he que Castella, a paixão a deixa discorrer bem; para prova de que o começa a fazer, me não parece pequena o que se tem por certo de tornar Piccolomini (1) de Hespanha, onde já estava, a governar as armas de Flandez, e o haver feito sempre mayor esforço El Rey catholico nos exercitos de Catalunha que nos de Portugal.

D. Francisco de Mello he chamado a Castella, donde creio que pagará pelo mesmo caminho o que tem uzado com o senhor Infante.

A que escrevy a V. Ex.^{cia} sobre f. D. (2) he materia de que se não podem alcançar todos os particulares, nem toda a certeza; são discursos de presumção, mas não sem fundamento, e não he pequeno vermos as revoltas que vão entre estas Provincias todas. A fim de lhe deminuir o poder, querem que os dos Estados fação novo juramento de não conhecerem outro senhor, que a elles, e que sem consentimento seu, e ainda os do particular das cidades, não possam rezolver negocio nenhum de importancia, assy de paz como de guerra; e não contentes só com isto, querem obrigar aos soldados, naturaes e estrangeiros, ao mesmo juramento, o que os francezes e ingrezes que lhe assistem refusão muito, com que parece que o avizo que tive não vay muyto dezencaminhado, môrmente que se ajunta a isto que hum homem framego de nasam, cujo nome he Friguete, que nessa corte deve ser bem conhecido, porque era o turiaman (3) das praticas que movia Francisco de Mello com el Rey de França, esteve muitos dias neste lugar em caza de hum fidalgo catholico (que são os mayores inimigos que por cá temos e os mayores amigos de Castella): este dezião que vinha a continuar a pratica, aqui esteve escondido, e aqui o conheceo a pessoa que a my mo revelou, de quem elle senão podia emcovrir. O Principe está odiado do povo, até lhe levantarem que ou he catholico, ou o quer ser; e de huma e outra couza se tira que se estes Estados fizerem tregoa, será sua total ruina, e que elles mesmos se consumirão entre sy, o que os polyticos entendem muito bem e hão que foi particular favor do ceo esta discordia, para lhes mostrar antes de entrar no Tratado, o que lhes succederá effectuando-sse elle, mas eu creio bem e verdadeiramente que este favor será todo nosso, porque quanto mais se difcultar a paz de Olanda com Castella, se facilitará a nossa; emfim

(1) Ottavio Piccolomini, general italiano ao serviço do Imperio e de Castella, um dos plenipotenciarios no Congresso de Munster.

(2) O principe de Orange (?).

(3) Intermediario; *lit.* interprete.

Portugal está por conta de Deos, e eu estou tão Bandara (1), que não ha couza que não encaminhe a este fim. Os plenipotenssiarios não acabão de chegar, e inda hontem me diçerão por cousa certa que Monsieur d'Abos (2) não saheria de França em muitos dias, e que de Paris para a sua casa, aonde se deteria, e não a Xarleswily. O embaxador se affirma por oras pode chegar, e eu duvido pelo muito que o dezejo, que os papeis que tras Luis Pereira me tem com grandíssimas ançias de o ver.

(*Autographo.*) Com licença de V. Ex.^{cia} a carta vem da letra do Doutor Antonio Munis, e o que nella vem em defença de sua honestidade suas duvidas tem, mas emfim seja o que V. Ex.^{cia} fôr servido.

Bibliotheca Nacional, códice 2666, fol. 388.

Sousa Coutinho ao Conde da Vidigueira

1643 — Novembro, 9

Com a carta que meu companheiro ricebeo neste correo do Doutor Luis Pereira, tivemos elle e eu muito grande contentamento, e inda que por huma mesma cauza diferentes nos effeitos pareceu-lhe que com a duvida do capitão de Xarlemont, ficava, se não conseguindo o que dezeja de não passar a Mustar, ao menos com o gosto de o haver adivinhado. Eu o tive muito diferente, porque entendo que he este o caminho que podíamos dezejar, porque considero nelle trez couzas: a primeira, que milhor forão aly as duvidas que depois de estarem em Mustar: segunda que se depois de se duvidar, os deixão passar, he sinal certo de que huma e outra couza foi ordem de Castella, que parece que não podia deixar de fazer alguma pequena demonstração, já que não está para as grandes: terseira, que se as duvidas durarem, nós poderemos dezen-ganar brevemente do que França há de fazer por nós; e assy tenho este negocio por de grandíssima consideração, se bem he verdade que não nos falar V. Ex.^{cia} nelle, faz cuidar que podia tambem ser mera diligência do capitão castelhano. A nova correo logo por esta terra, e pareceu a muitos que a Dieta estava desfeita, e he bem que entendão que tanto como até chegar a isso está França empenhada por nós: mas o secretariõ daquella embaxada nos asegu-rou hontem que sem embargo passarião, e nos diçe tambem que havião mudado de lugar, e que estavam a quatro legoas de Matrique. Deos encaminhe o que mais convier ao bem do Reino e descanço de S. Magestade, mas estaremos com cuidado até sabado, em que chegará o correo e veremos o que lá vay.

(1) Alusão ao autor das trovas sôbre a vinda de D. Sebastião.

(2) Claude de Mesmes, Conde de Avaux, um dos plenipotenciarios franceses no congresso de Munster.

Quinta feira passada tive a conferencia (1) que avizey a V. Ex.^{cia} tinha pedido, a que fui tão só, que só os meus miseraveis coches me acompanharão; mas inda assy vim mais contente della que das outras de grande obstentação. Fiz-lhe lembrança da minha primeira proposta, que inda que entendia que para elles não hera necessario, fazia somente por dar cumprimento ao meu offiço, e que como a rezolução ficará para a vinda dos plenipotensiaris de França, que essa estava proxima, me pareçera fazer aquella diligencia, porque do bom successo della dependia entrarmos a tratar da paz perpetua, que era a que se havia encaminhado minha embaxada; mas que a geral de que se tratava, fez tardar hum pouco mais a particular. Respondêrão com palavras geraes, mas todas encaminhadas a que não poderião faltar nunca no que fosse dar contentamento a S. Magestade, e satisfação á vontade que tinham da conservação e augmentos de seus Reinos. Dei-lhes juntamente a nova da redução de Tangere, de que nestas partes se tem feito muito cazo, e tanto que me propuzêrão logo hum alvitre, que se me não engano, será de grande importancia para dano do inimigo e aforro da fazenda Real, e he elle poder S. Magestade a pouco dispendio levar destas Provincias a quantidade de navios que quizer, na mesma forma que os Estados os armão, e assy o fazem agora a 24 que põem no mar contra os Dunquerquezes: dão a cada hum dez mil florins cada anno, e havendo prezas, se lhe abaterão conforme o valor dellas, e se forem de grande, entrarão todos. Á parte diçerão-me que querendo S. Magestade nesta mesma forma ter huma armada poderosa, a poderia fazer da quantidade de naos que quizesse. Agradezi-lhes a proposta, e pedy o papel da forma e condições com que elles fazem semelhantes contratos, que mandarey ao Reyno com as primeiras embarcações. Diga-me V. Ex.^{cia} se lhe parece tambem o ponto como a my, porque considero enquanto ao dano do inimigo ser consideravel, porque ou o havemos de obrigar a gastar muita fazenda no mar, ou lhe não poderá entrar navio em porto nenhum de Andaluzia, nem haverá porto seu que tenha segurança. Alem deste proveito, considero o da fazenda, que no estado em que está Portugal, he de igual ou de mayor consequencia, por que se põe no mar 30 navios todos os annos, sem outro effeito algum mais que o de gastarem dinheiro e adiantar pouco a reputação, com se ajuntarem aos que forem de Olanda seis ou oito, e o general e almyrante nosso, e o que se gasta nos outros reparti-rão-nos os Olandezes, vir-se-hão a conseguir ambos os effeitos; e tenho por sem duvida que as prezas sejam tantas, que se não forem todos, os mais dos annos fiquem não custando nada as armadas; e este alvitre não mo propuzêrão senão depois que nos virão Tangere com porto capás de se recolherem as naos que no estreito os obrigar o tempo, que he aonde elles devem fazer a conta de gastar a môr parte do anno, e donde as prezas são mayores e de maior proveito. Não lhe quero dizer a V. Ex.^{cia} que sentio o padre companheiro,

(1) Nesta conferencia de 5 de novembro, Sousa Coutinho deu aos commissarios a *Memo-ria* em latim, que se acha copiada a fl. 10 v. do *Livro da Embaxada*; Torre do Tombo, Conselho Geral do Santo Officio, códice 1:387.

sendo extraordinario, cometer-se hum negocio que o he tanto, a hum embaxador que he tão ordinario, porque me não diga V. Ex.^{cia} que nunca se levárão bem dous dum mesmo officio, e eu sou homem com que ninguem se desavio nunca; mas eu não tenho culpa no que os Estados fazem, como nem tambem em hum presente que hum destes dias me mandou a embaxada de França, que creio se sentio mais que o outro: os velhos tem muito de meninos, e nisto cuido que o não sou ainda. No ponto das restituções das praças, estou com boas esperanças, porem convem para obrar nisso ficar só, porque não quer aprovar o meu embaxador os meos que hum procurador da Companhia se me mandou apontar pelo secretario da embaxada, sendo assy que são aquelles mesmos de que El Rey quer que nos valhamos; mas como creu que a oratoria valesse, assegurou nas primeiras cartas a S. Magestade que se não contentaria só com o que S. Magestade pedia, e oje como se acha alcançado das promeças, he de parecer que o negocio siga o caminho que até qui; porem eu ainda que por baxo da capa vou obrando como me parece, e confio em Deos que o havemos de adiantar alguma couza; mas não me tome V. Ex.^{cia} a palavra, porque nenhuma se pode assegurar sobre esta gente, e eu sou dos medicos que nem impossibilitão remedio nem o facelitão.

Não tenho por muito noticioso dos negocios destas Provincias ao que fez cazo das quattros náos que em setembro partirão para a India, que inda que dantes dellas partirem me derão tanto cuidado que avizey logo diço a S. Magestade, informado millhor depois achey que não passarão do ordinario, e que naquelle mez, e no de fevereiro, são os que sempre costumão partir náos para aquellas partes; e assy pode V. Ex.^{cia} estar sem cuidado, porque estas não levárão mais que o que outras vezes costumão.

De Duarte Nunez da Costa reçeby nesta somana passada a incluza, que como me ordena que o avize a V. Ex.^{cia}, por escuzar mais leitura nesta, mando a mesma. Fesse-me novidade o que diz Taquete, e muito mayor que dizer-me V. Ex.^{cia} que todos os correos tem carta sua, e não lhe tratar este negocio: sem embargo diço, daqui se farão todas as diligencias possiveis por juntar dinheiro, e se o caso fosse certo, pouco fariamos, quando não houvesse outro remedio, em fazer almoeda do que ha na pouzada; porem considerando o caso, acho que se o doente ha de ter saude por mão do dono da pouzada, que pouco dinheiro deve ser neçessario, pois não deve de ficar nella hum sem o outro, e que sendo isto assy, bem o poderia suprir Duarte Nunez, e que havendo de ser por outro meo, nem elle nem nós sem entrar a bolça de S. Magestade. Assy o escrevy logo, e V. Ex.^{cia} me dirá se está do mesmo parecer, ou qual nos ordena que sigamos, que sempre será o mais acertado.

Sousa Coutinho a El-Rei

1643 — Novembro, 15

Sem embargo que nesta materia (como sua) escreva logo a V. Magestade o embaxador Francisco de Andrada, he ella de tal calidade que nunca se poderá ponderar e sentir como merece, e assim me pareceu, alem de duas, escrever esta a V. Magestade, para dizer puramente meu sentimento, quando não para dar conselho, ao menos para advertir o que a paixão me dita; se errar, V. Magestade me terá segredo, que o zello, por mayor que seja, nem todas as vezes acerta. Eu, primeiro que tudo, no ponto que soube a nova (1), a não termos tanto avante o negocio de Mustar, no mesmo me houvera de sahir da Haya, se a restituição se não fizera em *continenti*. se cuidára que por isso me houvera V. Magestade de mandar cortar a cabeça; e quando me não passára a Portugal sem ordem de V. Magestade, a houvera de hir esperar a França ou a Inglaterra, porque este desaforo dos olandeses tem passado a marca dos mayores, e já pode ser que o verem o muito cazo que V. Magestade delles faz, e que quando merecião tomar satisfação de seus agravos, se lhe multiplicação embaxadores, e o que pudera obrigar a outros Reynos ás grandes demonstrações de vontade, isso mesmo faz cuidar a estes que totalmente dependemos delles, e que sem sua amizade seremos perdidos. Conviera muito dar-lhes por qualquer via a entender que não he tanto como imaginão. Bem vejo que demaziado tem V. Magestade feito e faz na guerra vezinha, e as deficuldades que tem o rompe-la com os mais desviados, e era esta rezão só bastante para nos aquietarmos. se estes se aquietarão com o bem ou mal tomado, e então se pudérão levar melhor todas as instancias que lhe fizermos; porem se elles, depois de declarados nossos inimigos, nos não podem fazer mays dos que nos fazem, tendo-os por amigos, porque he contemporizar com elle com cortezias e mais cortezias? Não digo eu que V. Magestade lhes faça a guerra descuberta, mas pelos mesmos meos que elles no-la fazem, que não faltarão occasiões para isso, e que V. Magestade me mandará sahir daqui, mostrando nisso hum sentimento brioze, porque não será rezão que já que nos agravem, seja na vista e nas barbas dos embaxadores de V. Magestade, para o que se poderião tomar de hum de dous presupostos: o 1.º, que não querendo restituir, ordenava V. Magestade que eu me fosse, e que queria mandar hum rezidente, ou que neste lugar ficasse o secretario da

(1) Refere-se ao ataque dos holandeses ao arraial do governador de Angola e á prisão delle em 17 de maio deste anno. Para a historia deste successo, veja-se a relação que fizeram dois religiosos da Companhia de Jesus, testemunhas oculares, no códice 7:162 do nucleo antigo da Bibliotheca Nacional, fl. 132. Allegavam os holandeses em sua desculpa que o ataque ao arraial era em desforra do que os portuguezes tinham praticado em S. Tomé e Maranhão. Nesta terra parece que os colonos degolavam quantos holandeses podiam aprisionar.

embaxada (e crea-me V. Magestade que para hum cargo e outro he sufici-entissimo, e V. Magestade tem esperiencia de que lhe costume falar verdade), e servia isto para que, em cazo que fosse necessario, poder mais facilmente desaparecer daqui hum homem particular, com dous ou tres criados, que hum embaxador carregado de familia: o 2.º meo se podia tam-bem tomar, dizendo eu aos Estados que tinha ordem de V. Magestade para me hir dentro de hum ou dous mezes, se elles não mandassem embaxada a V. Magestade, e inda tinha este por melhor, porque se nisso viessem, para todo acontecimento converia muito, mômmente para segurança dos que cá estivessem; e já pôde ser que seguindo-sse esta diligencia ao bom successo das armas de V. Magestade, obrasse mais que todos os rogos, porque esteja V. Magestade certo em huma couza e a tenha por de fé humana, que se estes mancebos nos virem com a corça na garganta, nos hão de saltar nos ombros para nos afogarem mais depreça, e só nos hão de temer, se nos virem com prosperidade; e como inda agora não estão de todo dezenganados (se bem começam), tenho por certo que nos não hão de deixar de tomar, senão o que não puderem, e se isto assy ha de ser da linha para lá, porque os ajudaremos da linha para cá, com os proveitos que lhe dão os portos desses Reynos? E se me dicerem que isso he o que elles querem que rompamos com elles, e que a esse fim encaminhão suas açções, respondo que bem se pudera desimular, emquanto as couzas não houvessem chegado a hum tão grande desaforo, como de prenderem hum governador de V. Magestade (1) a titulo de que lhes era traidor, com que ficão os vassallos de V. Magestade em todas as conquistas de Portugal, em que os Olandezes tem tambem parte, sogeitos a dous senhores, e estes directamente são os que o evangelho diz que se não podem servir bem; mas suposto que no estado prezente as demonstrações não podem ser as que o negocio requiere, sou eu de parecer que em Pernambuco se chegue ao ultimo remedio, para que lhe possamos fazer a guerra com desculpa de V. Magestade, que inda que sempre crerão que a ordem foi suprema, tomaremos o exemplo dos Estados, que sempre ficão livres de culpa com os da Companhia, e no estado em que ella está, hum anno só que não lavre assucares, será impossivel poder sustentar o Brazil, e he ir-lhe tomar direito á cauza total. Poder-se-ha cuidar que nem isto bastará para que larguem Angola, por que poderão navegar os negros para Indias, e tirarem delles maior avanço que levados a Pernambuco, e não obsta dizer-sse que a sua religião lhes não permite escravos, porque não he mais que o costume, quanto mais que he elle tão cortes que se deixará esten-der tudo quanto á politica for necessario. Mas porque já pôde ser que aja aqui alguma honrra ou vergonha, quando não seja tudo por V. Magestade e por dous embaxadores seus, a poderão ter pelos mais principes vezinhos e alliados, e porquẽ ás vezes tira Deos o unico remedio dos mayores males, e que destes poderia rezultar (inda que o não creio), se os Estados não entrã-ão no negocio, obrigarem aos mercadores agora ao que antes dezião que

(1) Pedro Cesar de Menezes.

não podião, com que ficarião danozas as rezoluções que no principio desta carta aponto: em cazo que a V. Magestade aprovasse alguma dellas, se poderia servir de me mandar as ordens condicionaes para as executar, conforme ao tempo em que me chegassem, ficando V. Magestade certo que inda que o dezejo que tenho de me ver livre de framengos he o maior que pôde ser, que o serviço de V. Magestade sempre ha de ir diante de tudo. E porque V. Magestade o veja bem, se daqui donde estou convier a seu real serviço que eu fique em França, ou Inglaterra, ou vá a outra parte mais desviada, sempre que entender que vem pelos caminhos que devo esperar da vontade de V. Magestade e de (*sic*) meu grande zello mereçe, que he tão grande que tudo aceitarey com grande gosto e animo de servir a V. Magestade, e não me explico mais porque seria emtempestiva a desconfiança. E nenhuma rezolução que V. Magestade já tome neste cazo poderá ser danoza ao de Mustar, porque quando me chegue, já os embaxadores de V. Magestade lá estarão; e prometo-me tanto do que o Conde Almyrante me asfirma e do que entendo que convem aos intereces de França, que só elle nõs basta para o que da Dieta podemos querer; que dos Olandezes bem certo estou que nos não deseão entrados na paz de Castella, assy porque lhes não convem que El Rey catholico fique totalmente livre de guerras, sem que haja alguem que o inquiete, como porque entendem que se nos concertarmos com elle, terão muito que temer. E o certo he que não ha amizade fixa puramente por amor, em nenhum Reyno ou Republica, que não seja dependente dos intereçes proprios, e França he certo que lhe convem tudo o que fizer por nõs, por que a sua quietação consistirá na guerra externa, pena de a ter logo de portas a dentro, como a experiencia por muitas e varias vezes lhe tem mostrado. Os que governão são criaturas do Roxelu (1), e para a conservação propria se hão de valer de suas maximas; a Rainha tem exemplo muy fresco em sua sogra (2), a quem a afeição de Castella fez morrer em Colonia desterrada e miseravel, que não sei se teve com que se enterrar. Suecia não detremina de restituir nada, ou pelo menos se ficará com toda a Pomerania, e para hum Reyno e outro hão que lie grande tropeço o de Portugal, para se poder desviar o tratado da paz: e quando os apertos do Imperio e Castella obriguem a saltar todos os barancos, não he Portugal o mayor de todos, que inda que chagua mais fresca, tem a justiça para coonestar o sentimento, de maneira que Olanda nunca nesta parte nos poderá fazer dano, posto que bem considere os que lhe podem sobrevir. Mas porque V. Magestade lhe não parece que a paixão sega totalmente nos discursos da prudencia, sempre suponho que esta ha de ter o primeiro lugar, porque convem antes de rompimento medir as forças, e fazer aquillo até onde ellas puderem chegar; e quando convenha por ora desimular, contudo valha-sse V. Magestade do exemplo de El-Rey de Dinamarca, que emquanto esteve embaraçado com as guerras do Imperio, fizirão delle os de Amburgo gato sapato, como dizem,

(1) Richelieu.

(2) A Rainha Maria de Medicis, mulher do Rei Henrique IV.

até que este anno passado, havendo juntado dinheiro nos outros e compostas suas couzas, fez aos de Amburgo muito mais do que lhe havião feito, e mostrando-lhes em hum placate muito pelo miudo os agravos que lhe havião feito, e os reduzio a estado que lhes fez confeçar publicamente que errãõ, e não se contentou com o que elles quizerãõ, senão com o que elle quiz. E havendo V. Magestade de seguir este caminho, entendia eu que converia muito não ser en tudo, senão encher a esta gente de siumes, tirar daqui embaxadores, e hir continuando com ella o que puramente a necessidade pedir; e não hera para isto muito fóra de preposito (inda quando não importará para o mais) o negocio de Dinamarca, que propus a V. Magestade em carta que levou o capitão Pedro de Lemos, pois pudéramos dar áquelle Reino o que El Rey Catholico offerecia do nosso; e sobre esta mesma materia escreveo a V. Magestade o secretario do embaxador em carta de março, segundo me disse, e ex logo os Olandezes postos em siumes, porque o terião por total ruina sua; e bem creo eu que ella se lhes vem chegando, se as couzas de Inglaterra se compuzerem, couza que os tras bem inquietos, porque tem agravado sumamente aquelle Rey, assy nas descortezias e insolencias com que aqui se houverãõ com a Raynha(1), como pelo procedimento que tem tido com o Rey(2) depois das guerras. Inclinãõ com todo coração ao Parlamento, não consentindo que vão daqui armas contra elles, e mandando os Reys o mes passado empenhar quantidade de joias a Amsterdam, os Burgomestres ordenãõ a todos os mercadores que ninguem o emprestaçe, e empedirãõ que o Monte da piedade que aly tem, com grande quantidade de dinheiro só para cazos semelhantes, lhe pudesse valer; e como agora França mandou embaxador a Inglaterra sobre estas materias, prezume-sse que se os não puder compôr, lhe assistirá com gente e dinheiro, e este siume fez logo a estes Estados nomear tres embaxadores para o mesmo effeito da composição, e ha muitos dias que esperavãõ o tempo para partir, tiverãõ-no e não partirãõ: cuida-sse que temem ser mal recebidos de El-Rey, e que tudo lhes ha de vir a dar na cabeça, porque a Raynha assy lho protestou, quando daqui se foi. Com semelhantes exemplos deverá V. Magestade mandar considerar se converia nesta occazião mandar embaxador a Inglaterra, e já póde ser que o Parlamento fizesse mais por via de V. Magestade que pelo de França, a que não tratou com os respeitos e seremonias devidas. O Parlamento em todo o tempo se mostrou affeiçoado ao serviço de V. Magestade, e El Rey não creo que está desaffeiçoado; e pudera-sse seguir este caminho para mayores fins, que pelo mesmo cazo que as guerras não dão lugar por ora para tratar materias diversas desta qualidade, pelo mesmo cazo convinha ver se podiamos hunir comnosco aquelle Reyno por vincolos mais apertados que da irmandade das armas, e quando a pratica lá parecera intempestiva, não nos houverãõ de ficar por isso querendo mal. E não era esta a pior occazião para eu poder sahir de Olanda

(1) Henriqueta Maria.

(2) Carlos I.

com boa cor, e poder daly tornar, em cazo que as couzas cá se melhoraçem, que por muitas vezes tenho dito a V. Magestade que em seu serviço *non recuso laborem*, contanto que se não esqueça V. Magestade da palavra que me tem dado da primeira embaxada de Castella; porque confio em Deos que primeiro nos havemos de consertar com ella que com Olanda, se bem não ha duvida que este negocio de Angola está geralmente muito mal, tomado delles mesmos, e afieado aos Estados por carta do Conde Mauricio de Pernambuco. Em particular dizem alguns delles que se ha de dar inteira satisfação a V. Magestade: veremos o que juntos rezolvem com a fala que num destes días lhe ha de fazer o Doutor Francisco de Andrada, que me notificou logo que lhe tocava a elle o faze-llo. Bem entendo que o fará com muito mayores vantagens, mas pode ser que a minha paixão os meteçe mais a caminho que a sua oratoria; mas não me livro por aqui de entrar com segunda instancia, e se nem huma nem outra aproveitar, consultaremos com os tres embaxadores de França e com o Doutor Luis Pereira a demonstração que neste cazo devo fazer, antes de me vir ordem de V. Magestade, porque deste parecer me não decerey nunca, de que não convem embaxador de V. Magestade em terra donde [o] não esperão senão agravos. Não deixa este cazo de fazer com fundamento alguma duvida a Francisco de Andrada para haver de passar a Mustar, que como sempre foi de contrario parecer desta jornada, pouco basta para o fazer duvidar. Eu o persuado que o fim de V. Magestade he de que vá a Mustar, e que como tenha passagem [em] França, o mesmo he hir com os embaxadores de Olanda, que com os de França, e que estes lhe não poderão negar a acolhida, quando áquelles lhe falta, o que não prezumo. Toda a rezolução guardamos para sua chegada, que será dentro de dous ou tres dias, porque estão já a seis legoas desta villa, aonde os temos mandado visitar pelo secretario da embaxada; mas já sabemos que vem muy finos os francezes no serviço de V. Magestade, e o começamos a exprimentar na contradição que quis fazer a passagem de Luis Pereira o primeiro capitão de Castella, que cedeu logo com a rezolução franceza, cousa de que se argumenta por todos os corrilhos que o mesmo ha de ser em Mustar, e que ou não haverá pazes, ou V. Magestade será incluído nella. Ao primeiro me atenho, não porque duvide que Castella o encontre, mas porque tenho por sem duvida que França as não quer, e como nestas materias de Portugal tive sempre hum pouco ou hum muito de Bandarra (1), como V. Magestade sabe, creio que o mesmo Castelhana nos ha de rogar muito... Vi oje huma carta de Anvers, de hum judeu que outro me mostrou nesta caza, em que conta miserias incriveis de Castella, e em particular que a Raynha chamára a Manoel Alvares Pinto, e lhe pedira de cara a cara 10 mil cruzados para El Rey se passar de hum lugar a outro, e que lhos não dera, pelo não ter, a que respondeo a Raynha: «grão couza he que El Rey de Hespanha lhe falem 10 mil cruzados; vinde á tarde pela minha prata e empenhay-a»; e de quem está neste estado não ha muito que temer, môrmente que contem

(1) Isto é: espirito profetico.

a mesma carta os grandes medos que ha em Madrid dos exercitos de V. Magestade, em que todas as cartas conformão.

Na somana passada pedy huma conferencia aos Commissarios da minha embaxada, e a tive na mesma caza dos Estados: nella lhes lembrei ao que viera, e a proposta que na primeira audiencia lhes tinha feita, e como a resolução della ficou deferida para a vinda dos plenipotenciarios de França, me parecêra fazer-lhes 2.^a lembrança, visto estarem-sse por oras aguardando por elle, e que do bom despacho da primeira proposição dependeria entrarmos a tratar logo da paz perpetua, que fora o principal motivo a que se encaminhára a minha missão. Respondêrão com palavras geraes, mas todas encaminhadas a dezejarem de dar em todas as materias inteira satisfação e gosto a V. Magestade, e por isto me sahirão com o alvitre seguinte: que se V. Magestade fosse servido com pouco custo de sua real fazenda trazer nos mares huma armada continua de 20, 30, 40 ou mais náos e em fazer o que os mesmos Estados fazem e pod[eria] V. Magestade ter, e em dar a cada náao de sessenta marinheiros, trinta soldados, 10 mil florins cada seis mezes, que vem a ser pouco mais de tres mil cruzados, e havendo prezas, descontaren-ce-lhe no soldo e outras de menos porte a 8 mil florins, que poderia V. Magestade ter todas as que quizesse para o hirem servir. Respondi-lhes agradecendo-lhes a proposição, e que daria della conta a V. Magestade, e pelo poder fazer com mais certa informação, mandei fazer diligencia aos portos^s vezinhos e acho que asy será. Eu não tenho o negocio por muito desencaaminhado, porque considero o grande gasto e o pouco fruto que V. Magestade faz e tira todos os annos com a sua armada, e considero tambem que aproveitando-sse V. Magestade deste meo, poder acontecer serem as prezas tantas que dellas se tirem os gastos dos navios, ajuntando V. Magestade aos que de cá forem, 5 ou 6 dos nossos, com General e Almyrante que governem tudo; e o que gastão os vinte tantos repartidos pelos olandezes seria de grandissimo proveito dessa Coroa, e da total ruina da castelhana, podendo nesses mares e nos portos inimigos ser huma força formidavel; couza a que sahirão depois da nova de Tangere estar a devação de V. Magestade, que se tem aqui por de grande reputação por V. Magestade e de grande consequencia para os aliados, por lhes ficar no estreito porto onde recolher suas naos quando as obrigar o tempo, e he a parte onde aqui se faz a conta que se hão de entreter as náos a mayor parte do anno. Com esta ajuda poderá V. Magestade fazer por mar a guerra no verão a Galiza e Andaluzia, e no inverno mandar ficar, quando não queira todas, dez ou doze fragatas, que nos alimpem a costa, que he o que havemos mister, e quando com a força do inverno as leve o diabo a todas, será o que podemos dezejar; e não era esta má occasião, em cazo que nos não tornem Angola ao estado em que estava, para lhes colhermos nesse porto 30 ou 40 naus de guerra e levantar-lhes o que nos levantárão em Angola, e ficar [ao] menos com ellas, para lhe fazermos a guerra com as suas mesmas armas. Se de caminho entrar o consul Pedro Corneles, muy bem merecido o tem tambem, porque ahy não serve mais que de espia nossa, e convem mandar ter muito nelle para o deslumbrar em

qualquer intento que V. Magestade tenha; môrmente rezolvendo-sse a mandar quatro ou cinco navios a Angola, infalivelmente a levarão nas unhas, porque em toda ella não ha mais que 50 homens de prezidio e os mais delles francezes, que nos hão de ajudar tambem como os nossos, que a Pedro Cezar cometêrão elles para lhe entregar a praça, se lhes quizesse pagar cinco annos de soldo, que os olandezes lhes devião; a fé Portugueza não arrostou este meo. Visto o que elles fizerão, muita rezão temos para sentir o não se haver abrassado; e advirto de paço a V. Magestade que para lançar mão de qualquer destes meos, que fica aqui muito arriscado o embaxador, e que pera me tirar daqui, era o mais fermoço de todos servir-sse V. Magestade de me mandar a patente do governo das Ilhas, (que Fernão Cabral me não quis nunca dar), e com ella ordem para desde aqui em dereitura me passar á Terceira. Com esta hirá, inda que em framengo mais ao largo, o modo de fazer estes navios, e de donde tirão os Estados o dinheiro para terem daqui por diante 24 naos de guerra continuas no Canal e nestes mares, para impedir o dano que recebem dos dunquerquezes. Não vay traduzido, porque D. Gutierrez, que o pudera fazer, está desde que veo doente e curando-sse em Amsterdam, e inda quando o não estivera, o tinha eu por pouco necessario ao serviço de V. Magestade, suposto que saca 30 mil cada mez; mas em caso que no dinheiro se não repare, não será sua assistencia de dano.

No secretario torno a falar a V. Magestade, porque estou com grandissimo escrupulo do que mal informado escrevi delle: se a minha informação primeiro lhe houver sido danossa, ficar-lhe-hey devendo grande restituuição. Não me meto na idade, nem na qualidade; na suficiencia vy que he bastantissima e as suas noticias muitas acompanhadas de bom zello: e haja V. Magestade que convem muito que nos secretarios das embaxadas haja poucas mudanças, porque quando entrem de novo, os embaxadores achem quem os informe, e não venha hum e outro a olhos fechados a estudar primeiro, não o que hão de tratar, senão o como, e com quem. Dezasete annos ha que aqui assiste o de França; quando ha embaxada, serve de secretario, e quando o [não] ha, de rezidente; e tenho este por bom modo de governo, e inda para poupar fazenda nas ajudas de custo que se dão aos que vem de novo, e quando pareça que convem milhora-los, ou pode ser no titulo ou na mudança para outra embaxada, como havendo de haver aqui rezidente, vir o da embaxada de França e passarem este para ella, com que se ficão melhorando ambos, sem embargo que para o negocio destes Estados, nem de França, nem nenhum outro que possa vir desse Reino, terá em muitos annos as noticias que tem o Licenciado Feliciano Dourado.

A Amsterdam chegou, haverá hum mes, hum Pedro Binol, soldado que foi da guarda tudesca, que esteve já para hir comigo por lingoa (1) da embaxada de Dinamarca e Sueçia, e por respeitos que então houve para o não levar, se passou ao serviço da duqueza de Aveiro, adonde eu ainda o deixei, quando parti desse Reyno. Este, segundo me diçe hum filho de Duarte

(1) interprete.

Nunez, falou mal de nossas couzas diante dos que em Amsterdam os quizerão ouvir, e entre ellas afirmando que a duqueza era castelhana e muito castelhana, e todos os criados de sua casa o herão tambem, mas tambem diçe que o duque não. Ajuntou-sse-me á esta informação, avizar-me outro homem que elle [foi] com ordem de se passar a Castella para donde levava cartas, e o certo he que elle desapareçeo e não se sabe donde he passado. Dizerão-me tambem que trouxera letras de 5 mil cruzados, sobre que mandey fazer exactas diligencias, para me informar do passado dellas, porem não achei disto noticia nenhuma; comtudo me pareceo materia para dar della conta a V. Magestade. Este homem tem ahy mulher, e qualquer dos da guarda darão noticia dellê, e poder-se-ha fazer diligencia em sua caza para se inquerir adonde foi, e ao menos para o espiarem quando torne, porque tornará sem falta; e se pudesse haver tanta vigia nas Torres (1) que não sahisse á terra sem se lançar mão delle, seria couza de grande concideração. Tambem soube que mandando aqui a duqueza por algumas encomendas, passára as letras Joan Alça. Podia-sse tambem lá com toda a cautella saber se a este homem se passárão algumas pellos que costumão ter trato nestas partes, e eu inda vou continuando com as diligencias nesta materia: se achar mais clareza, avizarei por outra a V. Magestade, e convem que em todos os navios que entrão e sahem desse porto mande V. Magestade fazer exactissimas diligencias, porque pelo que me aconteeo quando vim, venho a entender que quantos escravos desapareçem a seus senhores, vem para estas partes. Na náó em que vim, trazião dous furtados, de que lancey mão e os tenho para restituir a seus donos, se os frios os não embargarem; que vão sendo já de qualidade que era dezembro [e] janeiro de Villa Viçosa primavera muito temperada a respeito delles. Deos me tenha tambem de sua mão, que ando já com mais frieiras que D. Luiza Ponsi, e cá não he zombaria. Apareçeo tambem aqui e desapareçeo no mesmo instance o alferes da guarda tudesca, que vindo buscar minha caza para ouvir missa nella, tanto que meus criados o conhecérão, não esperou mais ponto: tambem convem saber como veio, porque se houver ainda alguns dezemparados da mão de Deos, por homens semelhantes hão de ter seus tratos, porque todo o framengo e allemão são nossos inimigos capitaes, e os mayores que aqui temos são os catholicos; e porque aqui verá V. Magestade quais serão, tenho-me alargado muito nesta carta. Se as advertencias que nella faço são sobejas, quando me não desculpe o officio, tenho maior desculpa, que se não he boa por my, pelo menos he desculpa que he não no entender melhor.

Torre do Tombo, códice 1341, fl. 16 (cópia).

(1) Da barra do Tejo.

Sousa Coutinho ao Conde da Vidigueira

1643 — Novembro, 16

Não nos deixarão os senhores olandezes festejar por encheo o capitolo da carta de Madrid que V. Ex.^{cia} nos mandou, porque no mesmo dia se nos augou com as novas de Angola, cuja relação remetto ao senhor embaxador Francisco de Andrada, que a deve de fazer larga, por negocio que emquanto aqui está lhe pertence. Eu o tomei de maneira que juro a V. Ex.^{cia} por vida de minha mulher e de meus filhos que se estivera sô, e não com companheiro e dezembaraçado do tocante a Mustar, que o dia de hontem não houvera de dormir na Haya, se por isso entendêra que S. Magestade me houvera de cortar a cabeça, porque a dezaforos como estes não ha paciência que baste. Bem vejo o estado em que está Portugal, com guerra tão aceza e tão vezinha, e que só por caminhos milagrosos poderá haver chegado ao estado em que o vemos, e que não está capas de intentar novas guerras; porêm será de todo perder-se o respeito ao sagrado dos altares, se deixarmos que ponhão os pés por sima delles. Ja que a demonstracção não possa ser a que convem, convirá pelo menos que seja a que, se nos não acrescentar a reputação, no-la não faça perder de todo, que nem a Deos nem ao mundo parecerá bem que soframos bofetadas e que demos graças por elles; e assy eu fôra de parecer, que emquanto não podemos fazer outra couza, pelo menos não tivera S. Magestade aqui embaxadores que á vista de olhos exprimentassem gostos alheos com tanto discredito proprio, e que já que entendêrão que lhe não podemos fazer guerra, lhe demos huns siumes para quando puder ser: porem como isto não tem já logar sem ordem de S. Magestade, haveremos de esperar o que ordena, que sempre será o mais acertado, e proverá a Deos que não estivera a couza tão adiante que eu lhe pedira que me deixasse trocar com meu companheiro as comições, porque entendo que melhor houvera de negociar com os mesmos castelhanos que com os olandezes, e ficará S. Magestade dando gosto a ambos, e ainda a qualquer outra parte, por desviada que fora, fora com mais gosto do que terey ficando aqui; contudo me sogeito ao parecer de V. Ex.^{cia}, assy lhe peço que nesta materia se sirva de me encaminhar, porque eu me não sey entender com ella. O que por ora me pareceo foi que o embaxador Francisco de Andrada peça audiência aos Estados, e lhes faça um protesto em nome dEl Rey nosso senhor, mostrando-lhe os agravos que lhe tem feito, e como Sua Magestade se ha portado nelles, e que lhes mostre hum papel de caução que elles mesmos lhe mandárão passar quando a de San Tomé e Maranhão, em que se declarárão que nenhuma hostilidade se faria, porquanto os da Companhia nestas materias de as fazer ou cessar dellas não podião sem ordem sua; com o que pedisse que se tornasse Angola ao estado em que estava, pena de que emquanto não pudessemos outra couza, p[r]otestariamos aos amigos e confede-

rados, e ao mundo todo, sua pouca fee. Ao embaixador pareceo seguir este caminho, e já oje falou a alguns dos Estados, e assy elle como eu temos achado que se não tem tomado bem entre elles o negocio, e até o mesmo Conde Mauriçio de Nassau (1) escreve desde Pernambuco em favor nosso e contra os seus mesmos; e V. Ex.^{cia} verá pelo papel que lhe vay o como procedêrão comnosco, que já que succedeo he melhor que assy fosse, pois não tem outra desculpa que dar que de imaginações: contudo se não bastar a oratoria de meu companheiro na audiençia que pedir aos Estados, pedirey eu outra e lhes proporey, (se depois o tempo não mostrar que convem outra couza) que com licença sua me passarey a outro lugar, em que espere ordem de S. Magestade, e para que exprimentem elles se he o Rey mais sofrido que os vassallos, inda que por outra via alcancey esta tarde de huma senhora que tem muita mão com os Estados, que dous ou tres a que falára tinham afeado o caso, e que propunhão dar a S. Magestade inteira satisfação de tudo.

O Doutor Luis Pereira, nem seus companheiros, são chegados ainda: dizem-nos que estão em Dort, que he a seis legoas desta villa, adonde amenhá mandamos o secretario da embaxada vissitar a todos, e entendo que devem entrar aqui quarta ou quinta feira. Eu dezejei muito de hospedar a Luis Pereira, mas pareceu que encontrava a maioria de offiçio, e sinto muito, porque não sey se hey de ter lugar de tomáremos duas fartadegas de rizo, que bem necessarias me herão no meo deste desgosto. Grandes couzas me promete dos papeis que tras, môrmente depois desta ultima carta de V. Ex.^{cia} em que me encomenda o negocio H (2) de que infiro ser mayor do que dantes imaginava. Deos ha de ser comnosco, assy o confio. A encomenda está já feita, que já a negociamos sem assistençia de Duarte Nunes, e para muito mayor quantidade o poderamos fazer tambem; e assy V. Ex.^{cia} esteja livre desse cuidado, porque o que nos tocava está feito, e se nelle se faltar já a culpa não será nossa.

He tão grande nova a de Ormuz, que quazi parece impossivel, mas a Deos nada o he, e se he certo, quer-nos mostrar sua devina Magestade, por todos os caminhos e com toda a clareza, que a obra de Portugal foi toda milagrosa, e que assy quer que seja a conservaçãõ della. Pela gazeta que V. Ex.^{cia} me manda, lhe beijo as mãos muitas vezes, porque tudo o que toca ao dito Conde de Castelmilhor tenho eu por muy proprio, inda mais pela affeiçãõ que pelo apellido; e quero que saiba V. Ex.^{cia} que já para a ler e entender não houve mister interpete, que he o mesmo que pedir a V. Ex.^{cia} se sirva de me mandar na lingoa franceza tudo o que lhe parecer digno de se ler, que as noites são muyto compridas, e o nosso officio nella muyto occioso.

Bibliotheca Nacional, códice 2666, fl. 433.

- (1) Governador do Brazil hollandez.
- (2) Talvez se refira ao Infante D. Duarte.

Sousa Coutinho ao Conde da Vidigueira

1643 — Novembro, 23

Oje entrão neste lugar os senhores Plenipotenciarios de França⁽¹⁾ e o Doutor Luis Pereira, que não quis largar a companhia : hontem o houverão de haver feito, e estando tudo prevenido, deixou de ser por ter nova Monsieur d'Avós da morte de sua may. Muito ha que dezejo sua chegada, mas de presente com mayores ancias, porque juntos nos aconselharemos o que se deve fazer no cazo que logo não restituão Angola ao estado em que estava, (o que eu não espero), sem embargo de me constar que todos os Estados que são nobres tem tomado o negocio tão mal como nós. Henrique de Nassau, irmão do Maurício que está em Pernambuco, me veio buscar antehontem, e a mostrar-me huma carta que teve de seu irmão, em que lhe pede que publique pelas praças haver sido o mais execravel feito que nunca barbaros fizeram, para que constaçê, não só isso, senão haver sido sem seu consentimento. O embaxador Francisco de Andrada quis antes de pedir audiencia comonicaç ao Doutor Luis Pereira a pratica que ha de fazer. Eu bem entendo que tem tardado, e que a materia ha mister pouco conselho e menos palavras, mas elle he copioso, e leva o ponto por outro eaminho muy diferente do que eu o houvera de levar: quererá Deos que se acerte. Se assy for, haverá sido mercê sua não estar eu já só, porque houvera de falar com tanta rezo-lução, que só a dous pontos muyto breves a houverão de reduzir, ou a restituição em continente, ou a licença para me sahir de Olanda, que affirmo a V. Ex.^{cia} que estou tão apaixonado, que não soubera seguir outro conselho; e persuado-me que o erro não fora grande, já que fora erro, porque me parece que era isto dezempenhar a S. Magestade, no cazo que quizera contemporrizar mais com esta gente, pois com me lançar a my as culpas, se ficava saneado tudo: a meu companheiro, lhe parece que fora tudo isto pelo contrario, que antes era meter a S. Magestade em empenhos.

Como eu sou pouco teimoso e qualquer parecer tenho por mais acertado que o meu, façilmente me reduzo; e estou sogeito ao que parecer aos de França, e aos nossos, a quem declararey em conferencia meu sentimento, e porque hey de executar á risca o que parecer aos mais, peço muito a V. Ex.^{cia} que em papel á parte, para minha mayor satisfação, seja servido de me dar seu parecer. Não lembro a V. Ex.^{cia} quanto importará que a Raynha escreva aos seus embaxadores que fação nesta materia as instançias necessarias, porque sey do zello de V. Ex.^{cia} que não neçessita de advertençias. Sobre isto escrevo muy largo a S. Magestade, e receo que me faça a carta, se sahir no conselho de Estado, ser julgado melhor para hum exercito que para huma embaxada. Proverá a Deos que assy se entenderá e assy se executará,

(1) Abel Servien, Marques de Sablé, e Claude de Mesmes, Conde de Avaux.

por me ver livre destes inimigos. He bem verdade que sempre me remetto á medida dos poderes, e se elles forão taes que se pudérão devidir sem distincção, appellára eu para elles, porque tenho por infalivel que os olandezes nos não hão de deixar, senão ou aquillo que não houverem mister, ou o que nos não puderem tomar. Parece-lhes que he tempo de se aproveitarem de nossa fraqueza, e o mesmo nos poderá a nós obrigar a aproveitar-nos da sua, porque a Companhia ocçidental está em misseravelissimo estado, e se eu não cuidára que tudo o de Olanda são traças e desimulações, pudéra esperar o que detreminavão alguma composição. Estavão as auções do Brazil a oitenta por cento nestes dias atras, e mandando-me eu nesta semana informar a Amsterdam se havião sobido com a tomada de Angola, achey que antes abaixárão, e que se puzérão em 77, que não deixa de me fazer alguma confuzão, porque bem não a espero destes. Aqui tenho em caza 15 ou 16 soldados que vierão de Angola; culpão muyto o descuido do governador e que a muyta fazenda que tinha foi cauza de não aceitar livrar-sse dos olandezes. Não tem naquelles presidios mais que 350 soldados, e a mayor parte delles francezes; estes o mandarão cometer que se lhes quizesse pagar o soldo de sinco annos que se lhes estavão devendo, lhe entregarião as praças. Não no culpo pelo não aceitar, inda que se o fizera feito (*sic*) se ficára; mas o não cuidar que o que elle não queria, poderião dezejar os olandezes, môrmente com o exemplo cazeiro, e o de Maranhão e S. Thomé. Emfim Deos governa tudo, e quer mostrar que quer que nós erremos, para que se veja que elle he só o que obra; e assy espero que desta desgraça se siga a algum grande successo para Portugal, e se o de Ormus he certo, de nada se pode duvidar.

As dezavenças destes Estados cada dia cresçem, e tanto que para apreçar mais o juramento que pertendem, huma asemblea geral que costumava fazer-se em janeiro, a apreçarão para fim deste mez. As propozições não mando a V. Ex.^{cia} porque os tenho em framengo, e o meu interprete ha muytos dias que doente se foi curar a Amsterdam: dellas he a mais prinçipal tirar-se o poder aos Estados, e que elles por sy não possam fazer nada sem consentimento, não só de suas Provincias, mas ainda do particular das Cidades, com que se não dará nunca fim a negocio algum; que não obedeçerão nem reconhecerão outro senhor senão suas Provincias; que nenhum dos Estados poderá aceitar comissão de Príncipe nenhuma, e os que as tiverem, ou largarem hum lugar ou outro: he isto porque muitos dos Estados tem rendas, que lhes dão alguns particulares a titolo de seus procuradores. Este mesmo juramento querem que de novo fação toda a gente de guerra, o que claramente está mostrando o que haverá entre elles, se fizerem tregoa com Castella, e já alguns tirão daqui consequencias que Deos lhes quis mostrar antes de chegar a tratar dellas que serão sua ruina; e hum dia destes me escreveu hum judeu de Amsterdam que não sabia que Mustar ou que Monstro era este, que nunca naquella cidade vira comprar-sse tantas armas e munições como de presente, assy para França como para Suecia, e inda os mesmos Estados; e de Colonia vi hum destes dias huma carta de pessoa bem intelli-

gente, em que diz que em Alemanha se desconfia totalmente de se seguir fruto da Dieta.

Já avizey a V. Ex.^{cia} de que o negocio H. não corria por Duarte Nunes, porêm inda lhe receo o insuccesso com estar prevenido tudo, porque não faltão sospeitas do que he e cautelas para o impedir; porque as muitas que se uzarão da primeira vez fôrão as que não só danárão aquelle negocio, senão ainda as que arriscão este, porêm bem constará ja agora que não fica por nós.

Boa ventura será atalhar-se em Catalunha a primeira acção que intentar Pycolominy, que inda que he grande soldado, não se julga por tal para a guerra de Hespanha, porque he muyto amigo de xocar logo, e mais para campanha raza que para sitios de praças. Se levar na cabeça, e nós nas unhas a Badajos, dou a guerra por concluida. Deos o permitta.

De Rodrigo Botelho tive carta; creo que V. Ex.^{cia} lhe deve haver chegado tambem. Se o não hão, saiba V. Ex.^{cia} como elle estava despachado e se partia para Vismar(1), adonde esperaria a chegada dos plenipotenssiarios de França e Olanda a Mustar, e que como ahy ficassem, lhe darião comboy até Osneburg, porquanto parece que em Sueçia se duvidava se hirião de cá os nossos; chegou mais tarde e aviou mais depreça.

(*Autographo.*) Desculpe-me V. Ex.^{cia} com o Doutor Antonio Munis, que não teve tempo para lhe escrever, porque me vou esperar hy primeiro.

Bibliotheca Nacional, códice 2666, fl. 435.

Sousa Coutinho a El-Rei

1643 — Novembro, 27

Chegarão os plenipotenssiarios de França e o Doutor Luis Pereira de Castro nos 23 deste, e affirmo a V. Magestade que he tão grande o negocio a que vão, que folgará muito de estar em parte onde não fora obrigado a dar nelle meu parecer, porque não fio de my materia tão alta, e dezejo muito que antes que daqui tornem a sahir, chegue navio desse Reyno e com elle ordem de V. Magestade que se hajão de seguir; sem embargo que essas nunca podem satisfazer, a todos os incidentes que podem sobrevir, porêm descubrirão a tenção de V. Magestade para conforme a ella se proseguir, quando não seja ao rigor da letra, será conforme ao que o tempo der de sy; que estas são as materias para que eu sempre diçera a V. Magestade que considerara muito bem as pessoas que escolhia para as tratar, e depois de escolhidas, as fiara delles, porque para tantas variedades como cada dia experimentamos, não se póde dar nunca ponto fixo; e inda que fio muito de todos os que vão a Mustar, não me satisfizera, senão com ver ally o senhor

(1) Vismar.

Infante, e dahy para baixo o meu animo se aquietára de todo; e assy não sei se diga a V. Magestade se estou ainda no mesmo parecer de plenipotenssiario que aponteí a V. Magestade em carta de minha letra que levou o capitão Pedro de Lemos, porque o negocio he tão grande que requiere não só grande cabeça, mas grande amor a V. Magestade e á patria. Em que o haja de haver, não duvido, mas muito em quem haja de ser, e assy depois de bem considerado o negocio, me não atrevo a dar voto nelle. Do apontado naquella carta achava grandes conveniencias, pelo zello que lhe enxergo, e por aliança de sangue que tem com os mais dos Principes do Imperio(1); porê m, Senhor, a materia excede a toda a mayor capacidade, e assy eu me lanço de fora della. Que convem que vá plenipotenssiario, não tem duvida; qual haja de ser, V. Magestade o escolha, advertindo que de França vão os dous que aqui já estão com titulo de plenipotenssiarios, mas ha de hir tambem o Duque de Longavilla para superintendente; de Castella outros dous, e o Marquês de Castello Rodrigo, inda que agora tornão a dizer que vay D. Francisco de Mello (mas não o tenho por certo): melhor nos estava o primeiro que este, porque tem no Reino mais que perder, e mais que desejar e o animo não he tão danado, e não faltavão esperanças de o podermos reduzir. Entre os nossos, como não ha diferenças nas qualidades, nem nos officios, temo que as possa haver nos negocios: o zello de todos tenho por grandissimo, quando se conformem nelle; reço que nos entendimentos não haja a mesma conformidade, e já aqui o começo a enxergar. Vejo valor e rezolução no Doutor Luis Pereira, [s]em faltar huma couza nem outra em Francisco de Andrada, se bem creio que o dezejo de acertar (falando ingenuamente) lhe não fizera ventagem o ser Infante, e tenho-o por homem que por o torcer do justo não haverá poder no mundo que o obrigue; porê m não aprova tudo o de que não he autor, e tenho-o por muito affeioado a seu parecer, e conforma-sse mais facilmente ao que condiz com elle que ao que se lhe mostra por papeis. Tenho-o alcançado pelos que nestes dias temos vistos, e ten-sse mais que a elles a opinião do embaxador ordinario de França, que inda oje desaprova a rezolução dos nossos hirem á Dieta; e não basta ver o contrario por papeis, para não seguir antes aquelle parecer. Assy que para tudo convem que haja superior que aparte estas diferenças, môrmente que por algumas rezões me venho a persuadir que poderá acontecer ainda não hir Francisco de Andrada, ou pelo menos tão depreça, e sem primeiro haver passaportes; e a rezão em que me fundo he dizer-me Luis Pereira o temor que em alguns lugares de Flandes sogeitos a Castella tivérão os embaxadores de França de os poderem embaraçar por amor delle, porque sem embargo de se desfazer logo a duvida de Xarlemont, con tudo isto, por se perguntar pelo embaxador de Portugal que aly vinha, cuidárão que a tenção não era boa; e como isto acontecia vindo Luis Pereira no sequito dos francezes e encobriendo-sse quanto podia e quanto elles querião, ficão em pé as rezões destes Estados, e as que já avizey a V. Magestade que tinha o Principe de

(1) Refere-se a D. Luiz de Portugal (?).

Orange para não aprovar a ida de Francisco de Andrada, conhecido por embaxador de Inglaterra e destes Paizes, porque inda que daqui para Mustar não ha terras de Castella que passar, ha as do Duque de Baviêra e do Arcebispo de Colonia, seu irmão, mais castelhanos que os mesmos castelhanos, e o que ainda temem mais os francezes; com que podem não ter lugar o que eu na que vay com esta digo a V. Magestade do com que persuadia a meu companheiro a passar na companhia dos de França, quando os de Olanda o não permitissem; que sem embargo de que a tenção de V. Magestade he que elle vá, ou seja com huns ou com outros, se os primeiros duvidarem, creio que o mesmo farão os segundos, e que assy poderá acontecer não hir daqui Francisco de Andrada sem ter primeiro passaportes para passar livremente. Por tal cazo e por qualquer outro, dezia eu a V. Magestade que viesse plenipotenssiario, e vindo, e não passando meu companheiro, me atrevo eu com toda a humildade e com todo o encarecimento a pedir a V. Magestade seja servido de me fazer mercê de me tirar de Olanda, porque alem de entender que farey aqui pouco fructo, seguir-sse-ha por ventura do contrario perder-se mais o negocio do que o está, porque não cessa Francisco de Andrada de dizer que a minha vinda não servio mais de que embaraçar tudo, e que tinha os negocios encaminhados por sua traça, e que espe-rava melhor successo nelles do que com a minha poderão ter; no que eu venho com bonissimo animo, porque fis sempre de my tão pouco que a qual-quer outro talento muito enferiôr ao seu reconheço superioridade, que esta mercê me faz Deos de não só confiar pouco de my, mas nada; com o que me persuado que o serviço de V. Magestade não só se melhorará, mas faz V. Magestade mercê a dous ministros seus igualmente dezejosos de o servir; e contudo aprovando V. Magestade este meo, sempre deve ser servido de mandar as ordens condicionais, porque como pôde haver duvida na passagem de Francisco de Andrada, pôde acontecer tambem que a não haja.

O successo de Angola não só me tirou o gosto, mas ainda a memoria para dizer a V. Magestade como já no mes passado dey o presente da alca-tifa e doçel á Princeza de Orange, que sobremaneira o estimou e festejou, tendo huma e outra couza por grande e por extraordinaria; e assy o entenda V. Magestade, porque peças semelhantes não nas ha nas partes que eu tenho visto. Lembrando que respondeçe á Raynha minha senhora, me dicerão que procurava retorno para o fazer. De my confêssô a V. Magestade que se a nova de Angola viera antes que ella, não levára as peças sem segunda ordem de V. Magestade, porque já para my tudo o que se faz a estes todos o tenho por obra feita em pecado mortal, ou por dizer melhor por pecado mortal: tinha-lhe feito a oferta que V. Magestade me ordenava, de que fôrão os media-neiros, como caminho mais seguro e mais secreto, D. Luis de Portugal e huma irmã sua que lhe assiste. Não foi mal recebido, e tratando eu antes de agora de lhe refrescar a memoria, pareceu ao mesmo D. Luis desimular, até ver se nos obrigava a necessidade, porque sem ella pareceu a este fidalgo que no tempo presente era melhor para V. Magestade que para elle; e assy, depois da vinda

de Luis Pereira, emtendo que convem pôr silencio nesta pratica e voltaren-ce todas a França.

Neste navio mando 14 ou 15 soldados que vierão de Angola, a que aqui socorri alguns dias por conta de V. Magestade, como já fiz a outros que do Brazil e Flandes se quizerão passar ao Reyno, para o que convem haver aqui sempre dinheiro prompto, e ordenar V. Magestade ao thizoureiro mór que aceite as letras que tenho passado e paço para a paga dos gastos da passagem; e sem embargo de ter ainda dinheiro de V. Magestade que trouxe para gastos extra-ordinarios, me pareceu não bolir nelle, e assy, por se me acabarem os meus ordenados nos 15 deste mez, tomei dous mil cruzados de que paço letra sobre o thizoureiro-mór, dos quaes 600⁰⁰ são para dous mezes meos, e duzentos para quatro mezes do secretario, pelo ver necessitado e atrazado nos seus, como me afirmou o embaxador Francisco de Andrada. Seja V. Magestade servido de mandar que se paguem com pontualidade, porque della dependerá acharem os embaxadores provimento na tardança do Reyno; porem tambem não se atenhão os ministros da fazenda com o exemplo deste dinheiro, e que aqui o poderey achar sempre que me falte, porque isto succede agora e pode não succeder sempre. Tenho pedido a V. Magestade que quando não seja servido de me mandar acrescentar os ordenados, o seja pelo menos de acrescentar a elles mil cruzados para librés de meus criados, que alem de ser uzo da terra darem-sse duas no anno, elles tem tambem cuidado de o romper, que vem a ser uzo mais forçozo, e agora os vesti para a entrada dos embaxadores de França, e passão-me de seiscentos cruzados; e a V. Magestade me não fazer este socorro como os Estados me fizerão das cazas em que vivo, que lhes custou 260⁰⁰, fôra impossivel poder eu sopri-los de meus ordenados, mórmente que em pôr minha caza gastei 4⁰⁰ cruzados, entrando em Olanda com pouco mais de 500, de que V. Magestade me fez mercê de ajuda de custo.

Hum judeu de Amsterdão, homem de bom juizo, me escreveo hum dia destes que não sabia que Munstar, ou que Monstro era este, porque nunca naquelle lugar vira fazer tantas prevenções de munições e armas para França, Suecia e estes mesmos Estados como no tempo presente, e assi he; e he boa maxima para tratar de pazes, que como eu as tinha por impossiveis, creio tambem, pelo que tenho visto depois da vinda de Luis Pereira, ser muito possivel haver tregoas; mas tambem creio que vagarosamente se effectuarão, e devem-no de entender assy tambem os embaxadores de França, porque hum delles que he cazado tras comsigo sua mulher. Com pouca metafizica podemos alcançar que descançará V. Magestade com a tregoa, e assy se entende geralmente, e huma vez passado este trago por Castella, por todos passarão, e vem a ser isto couza tão grande, que nenhuma indignidade considero bastante para o impedir. Todos os Reinos nos principios tiverão estes trabalhos; com elles começou o nosso primeiro Rey, e delle pode V. Magestade fazer as consequencias para o futuro, e passar pelas difficuldades do presente.

Sousa Coutinho ao Conde da Vidigueira

1643 — Novembro, 30

Se sahy de huns sobresaltos com a chegada do Doutor Luis Pereira, entrey em outros com os receos e irrezoluções de Francisco de Andrada, em que affirmo a V. Ex.^{cia} que não sabemos tomar pé. Crê mais o que imagina que o que vê, e inda espera que lhe poça vir ordem de Lisboa para não hir, e parece-lhe que não convem a hum embaxador tão extraordinario hir na fórma em que vay o companheiro; e eu me enclino muyto a que poderá não hir, junta á sua pouca vontade os receos dos olandezes, que inda que sempre se affirmarão em que farião o que França fizesse, como neste caminho houve aquelle pequeno embaraço de Xarlemont, de que os mesmos francezes ficarão receozos, não sey contudo se bastará o haver-se vencido tão facilmente para que estes venhão nisso; môrmente que segundo as couzas vão com a velhacaria de Angola, se em *continente* a não emmendarem, poderemos esperar delles antes guerra com nosco que procurarem que nós a não tenhamos com Castella: e suposto que o que nos convem he que estes senhores passem a Mustar, pouco cuidado me dera negarem-no-lo os de Olanda, se os de França viessem em que na mesma fórma em que vay Luis Pereira fosse Francisco de Andrada, mas tenho por sem duvida que de melhor vontade verião em se livrarem de hum que encarregarem-sse de dous; e assy convem que V. Ex.^{cia} procure que de lá venha ordem aos plenipotenssarios para que ou não aceitem escuza aos Estados, ou aceitada fação o que elles havião de fazer. Isto he emquanto dar satisfação ao que S. Magestade nos ordena, que [se] V. Ex.^{cia} me preguntar meu parecer, di-lo hey como aos pés de meu confessor, e he que entendo que perderá pouco o serviço de S. Magestade, inda que o tal meu companheiro não fora á Dieta, porque sem embargo de que de seu zello fiara tanto como do senhor Infante, se a ella fora, de seu modo não fio muito, o valor he pouco, e a rezolução nenhuma, e o negocio huma e outra couza está pedindo, e pouco mais avante, porque assy o escrevo a S. Magestade. V. Ex.^{cia} o tome mal ou bem, mas eu se tivera voto, V. Ex.^{cia} houvera de paçar a Mustar, e não haja que o lizongeo, porque quando não considerára seu zello, seu sangue, sua caza, bastara para dezejar que assy fará hir V. Ex.^{cia} a tratar de hum negocio que criou e chegou a pôr no estado em que o vemos: e com isto cesavão as duvidas, ficava S. Magestade adiantando seu serviço, e fazendo-nos particularmente a Francisco de Andrada e a my, deixando-o em Olanda e a my em me deixar hir para qualquer outra parte que me ordenára, e quando não para minha caza, que na idade em que estou, fora a mercê mayor que todas, com isso está, que com particulares obrigações não hey de engeitar nunca a servir a patria e a el Rey, a cuja pessoa, inda sem estas circumstanças, são iguaes ás duvidas (1): mas em Olanda não hey de fazer nenhum proveito mais que perder

(1) Evidentemente queria dizer *dividas*.

esse pouco credito que as gentes, enganando-sse comigo, me tem dado, e esta he a cauza porque sempre refuzey esta embaxada, como V. Ex.^{cia} he testemunha, e se se lembra bem, [da] eleição sua, no outro dia que cheguei de Sueçia e achei a V. Ex.^{cia} nas barandas do forte (1) com o Marques de Montalvão; e não se espante V. Ex.^{cia} de me alargar em tantas miudezas, que sinco mezes de praticas de meu companheiro a muito mais podem chegar. Deza-sete ou dezoito dias ha que tivemos novas do successo de Angola, e em com por sinco ou seis folhas de papel para dar aos Estados, o que eu diçera em menos de mea, tem gastado até gora: e foi Deos servido que chegasse antes de o dar o Doutor Luis Pereira, porque a não ser isso, elle hia emcaminhado, senão a romper a guerra, a menos a mais que insinua-la, porque como he meu superior no officio o he tambem no entendimento; e inda que com este pouco alcançey os erros, bem creo que o não havia de reduzir. Amenhão diz que vay aos Estados, e sem embargo que os que são nobres mostrão haverem sentido o succésso e de o não aprovarem, os que o não são, temo com [o] estilo ordinario que guardão de querer informações, dilatam o negocio tanto como os passados, senão he que obra mais que nossas persuasões a reputação, em que por cá estão as armas de S. Magestade. Ha muitas cartas de Madrid de mercadores que confirmão o capitulo da carta que V. Ex.^{cia} me mandou, e passão mais avante, porque affirmão haver passado a nossa gente tanto avante como Alcantara e Cacerez; em que se vê o grande poder com que S. Magestade se acha, pois tem gente para cercar Badajos e ezercitos soltos para solarem e destruirem lugares inteiros como escrevem: já pode ser que tambem isto nessa corte faça confirmar as propostas que melhor nos estem.

Do alvitre para as náos de guerra, tenho avizado a S. Magestade e mandado o papel da fórmula e condições delle, e não vay agora a V. Ex.^{cia} pela mesma rezão que não tem ido os das propostas destas Provincias: estão em framengo, e a doença do meu interprete o tem em Amsterdam. Se se dilatar, e V. Ex.^{cia} o quizer lá mandar traduzir, no primeiro lhe mandarey hum e outro; e folgo eu muito que V. Ex.^{cia} o aprove, que faço muito cazo delle na que escrevy a S. Magestade; mas convem ver primeiro como esta gente se ha com comnosco.

Tive segundo avizo de Duarte Nunes e acha-sse com cabedal de até 15⁰⁰⁰ cruzados para aquelle negocio, e com as ajudas que lhe poderemos ajuntar, podem fazer bastante soma que quando Deos nos fizesse mercê tão grande que fosse necessaria, mas Taquete de que tambem me diz que teve carta, não segunda no avizo mais que por mayor.

Não se espante V. Ex.^{cia} de que eu trocasse huma carta por outra, que sou já velho, mas sahiu proveitoso o acerto. Para a curiosidade de V. Ex.^{cia} mando a copia do papel que V. Ex.^{cia} quer.

Esqueci-me de dizer a V. Ex.^{cia} que Monsieur dAvos(2) está doente, e

(1) No Paço da Ribeira.

(2) d'Avaux.

que sua doença nos poderá dar tempo para o que no princípio desta digo; e saiba V. Ex.^{cia} que nem elle nem seu companheiro estão muy satisfeitos dos Estados, porque o recebimento não foi o que esperavão.

Bibliotheca Nacional, códice 2666, fl. 436.

Sousa Coutinho a El-Rei

1643 — Dezembro, 6

Inda que pudera temer cançar a V. Magestade com tantas cartas e tão largas, e sendo as que quero que vão á mão de V. Magestade, parece-me que não compreria bem com minha obrigação, se não dêsse conta de tudo. A acertar me não obriguei, mas dezejo-o muito, e porque em outras que na mesma companhia desta devem hir, escrevy só com a informação dos nossos e antes de haver falado com os Olandezes, e com muita, se beni justa paixão, agora ouvidos, convem que mais reportadamente escreva, sem embargo de que o faz o embaxador Francisco de Andrada muito largamente. Quero eu tambem dar conta das diligencias que de minha parte fiz, que fôrão sómente duplicar e imitar as suas. O negocio de Angola está tão mal tomado aqui como deve de estar em Portugal: o Príncipe de Orange o abomina e pronostica ruina ás Provincias, se faltarem a V. Magestade com a devida satisfação; os Estados a promettem e castigo como de rebeldes levantados, aos autores da treição e aleivozia. Com os plenipotenssiarios de França fizemos diligencia, e elles já a instancia nossa comessárão a obrar.

Avizey ao Conde Almyrante que procurasse cartas da Rainha para que com mais calor o fizessem; no correo de oje me avizou que nelle lhe vinhão, e nesta tarde me diçe hum dos Estados, que he o Presidente da minha junta, que tinhão mandado requerer os da Companhia se tinhão alguma couza que dizer contra nossas informações, e que está certo que não terão, e que seu parecer he despacharem logo huma náa a Angola com ordem de prender os culpados e manda-los a V. Magestade para que lá os castigue. Eu lhes tirára este trabalho e assy lho persuado, porque lie querer-lhes dar a vida e que para exemplo convinha enforca-los em Olanda. No particular todos lévão esta mesma lingoajem; juntos os temo mais, porém não cuido que deixarão de repôr Angola no estado em que estava, e já pode ser que seja este o caminho para facilitar as restituções das praças pelos meos que V. Magestade me ordena; e huma das couzas que me fez sentir mais este successo, foi parecer-me que tinha o ponto em boa altura, e cuidar que por aqui se desencaminhava. Os da Companhia nos tinhão mandado falar pelo secretario da embaxada em composição, e inda que não falavão em Pernambuco, se deixavão falar nelle. A Francisco de Andrada pareceo que não convinha por então lançar mão da pratica, por esperar reposta boa: eu como sempre desconfiey della, nem engeitey nem asseitey o tratado; porem com a ocazião

prezente me rezolvo a pegar delle na parte que me toca, inda que ao companheiro lhe parece outra couza, e para isso mando amenhão a Amsterdam o secretario da embaxada a tratar disto, e que de lá do que achar dê conta a V. Magestade; e pode acontecer que façamos por aqui grande negocio, se estas Companhias entenderem que se ha de restituir Angola sem a qual elles não podem co..serrar Pernambuco, e como tem grandes quebras, facilmente virão em aceitar, e segundo vou alcançando, quando viermos com a materia aos Estados, será mais para a coafirmarem que para a consstentirem, que he o mesmo que os da Companhia me mandarão apontar.

No particular de Munstar tenho feito as diligencias necessarias, e creio que conseguida a jornada de Francisco de Andrada, porque o Príncipe de Orange está de acordo, os Estados não o contradizem. Os embaxadores de França no-lo dão por tão sem duvida, que Monsieur d'Avos (1) lhe diçe oje que se quizesse hir antes com elles que com os de Olanda, o poderia fazer. O comprimento não foi muito de seu gosto, e assy não lançou mão delle, e eu venho nisso, emquanto os de Olanda o não negão, que a negar-sse, o intento de V. Magestade era que fosse, e o mesmo vinha a ser que com huns que com outros; porem não aprova esta rezão, e quer literalmente entender a *Instrucção* de V. Magestade, sem embargo de se lhe mostrar a alteração que depois della tem havido no negocio, porem não lhe valerá. Segundo tenho alcançado nos Estados, não haverá duvida admitti-lo em sua companhia, porque inda que em huma das outras digo a V. Magestade que as terras que há em meo de Munstar e estas Provincias são do Duque de Baviera, e do Arcebispo de Colonia, são sogeitas a Munstar e teni a mesma natureza de cidade, que he livre, posto que da protecção do Arcebispo. Mas se V. Magestade me der licença, direy eu o que na materia entendo liza e puramente; se fôr a prepozito, executa-lo-ha V. Magestade como fôr servido, e senão, com queimar esta cessa tudo, e eu fico dezencarregando a consciencia com dizer o que entendo, porem só para V. Magestade: Francisco de Andrada está com hum medo serval metido nas entranhas; ajunta-sse a elle hum pouco ou huma muita de vaidade: imagina perigos e recea indecencias na mudança de estado, e não ha rezão que baste a persuadir-lhe o contrario. O Conde da Vidigueira consta-me que dezeja muito hir a Munstar por plenipotenssiario: de Francisco de Sousa Coutinho sey de certo que nenhuma cousa lhe pode ser mais penosa que a continuação desta embaxada, e tem achado que assy como as mais das religioens de Portugal tem hum convento para que mândão os frades que querem castigar, assy na religião dos embaxadores fica o convento de Olanda sendo o desterro delles, o que suposto, me parecia a my que contentava V. Magestade a todos, não atrazando nada seu negocio. Francisco de Andrada deseja muito continuar aqui, e sem embargo de estar já em Mustar, quando venha reposta de V. Magestade, he tão breve o caminho que em tres ou quatro dias pode tornar, e fa-lo-ha com grandissimo gosto, alem de que entende que a minha vinda não

(1) d'Avaux.

servio de mais que de atrazar os negocios que elle tinha já em grande altura: e assy me diz todas as horas, assi disse a Luis Pereira tanto que chegou, e assi o diz a todos os que o querem ouvir, e eu, acomodando-me com seu parecer, digo que quando pollo menos não fosse total embaraço, servirá de desculpa para ambos, como já cuidoo que dice em outra carta a V. Magestade. E suposto que convem que a Mustar vá plenipotenssiario, para o que eu me não posso offereçer, porque não fio de mi tanto, e muito menos do cabedal, e para menos por isso nem V. Magestade o devia querer, nem conteria igualar-me aos que vão; e o Conde da Vidigueira, alem de seu sangue e grandeza de sua caza, criou este negocio e o fez crescer ao estado em que o vemos, de que certo se lhe devem grandes honrras e graças: trata-lo-ha com mais amor e com mais dezejo de o pôr na ultima perfeição. E quando para couza de tanto pezo não tenha V. Magestade plenaria satisfação de seu talento, onde havemos de achar o que convem, com os requezetos que nelle se considerão, de zello e dezejo de acertar: e poderia passar com elle tambem o secretario que lhe assiste; e com elle, Luis Pereira e Rodrigo Botelho parece-me que poderia V. Magestade descançar. Ora ex aqui, Senhor, dous satisfeitos e contentes; de my não tem V. Magestade para que fazer cazo, por que com tudo o que me ordenar, me darey por mais que satisfeito; mas se V. Magestade lhe parecer que sem ser titolo, o poderey servir na embaxada de França, mais facil me fica daquí a passagem que a quem ouver de vir do Reyno; e obrigar-me-hey que, mandando-me V. Magestade acodir com o mesmo que ao Conde, quando o não imitar na ostentaçãõ que tem em Paris, poderei pelo menos seguir o caminho do meio entre elle e os primeiros embaxadores que lá fôrão, porque eu folgo muito de luzir dentro dos limites que alcanço. Aqui estou com bastante luzimento: fiz hum coche que não ha outro melhor na terra; comprey outro para ordinario; até gora não trago mais de quatro cavalos, porque inda não achey dous que iguale os que tenho; meus criados vesti agora de grã com inguarinas de veludo negro, libré custoza, luzida e extraordinaria. Não no digo por obrigar com isso a V. Magestade, mas para que saiba que gasto o que V. Magestade me dá; quero dizer que o gasto bem, que gasta-lo bem sey eu que para persuadir o contrario a V. Magestade houvera de ter mayor trabalho; e contudo com a Ilha Terceira me acomodarey melhor, porque isto de embaxadas, inda que são de honrra, não só são de pouco proveito, mas convinha exercita-las quem tivesse muito do seu para gastar nellas, porque he de espanto a ostentaçãõ que trazem estes francezes que vão a Munstar; levão 300 pessoas e o Duque de Longa Villa (1) dizem que só trará mais de 400. Bem sey que não ha ninguem em Portugal que possa fazer isto, porem convem que no que se puder não falte, como não faltará o Conde Almirante. Tem mais estas eleições que aponto as tres comodidades grandes, que inda que se não escuzão ajudas de custo, escuza-sse pelo menos as dilações como temos visto no Conde de Monsanto (2), que não acaba de chegar, e para os de cá huma só carta

(1) Henrique de Orleans, Duque de Longueville.

(2) D. Alvaro Pires de Castro, Conde de Monsanto, Marquez de Cascaes.

basta. Á França pôde ir o secretario destas embaxadas, e aqui ficando Francisco de Andrada, aproveita-sse tão pouco delles, que podia ficar fazendo vezes de secretario Duarte Guterez, suposto que tem ordenado de V. Magestade; faz muito bem os papeis em framengo, que os latinos e portuguezes não fia Francisco de Andrada mais que de sy, e se eu fôra a França, me contentára com o que aponto. Porem torno a considerar que pôde lá parecer que convem que suceda hum Conde a outro, e considero-me juntamente com pouca fazenda, e inda que vindo minha mulher me crescia alguma, he ella tão pouca, que nunca pôde fazer o gasto de dous mezes, mas com tudo isso se supriria melhor e faltando, nem aqui nem aly poderey aturar; assy que ou seja mudando-me ou ficando aqui, será V. Magestade servido de lhe mandar dar licença para que se venha, porque do contrario se me poderião seguir faltas de comodidade e de reputação, que he o que não convem ás pessoas que V. Magestade tras em exercicios tão publicos.

Torno a lembrar a V. Magestade Duarte Nunes da Costa, porque se não estão pagas suas letras e não, se lhe pague, porque convem agora mais que nunca ter elle cabedal para poder suprir o que Taquete lhe pede, chegando o cazo: tambem me dice aqui que mandara hum reloj, peça de emportança, a Francisco de Lucena, por via de Guilherme Vu, e que pela carta parece que chegaria no tempo das prizões e que se poderia ficar com elle este homem. Mande V. Magestade fazer com elle diligencia, para que se não perca.

O negocio de Dinamarca, que apontey a V. Magestade, não tem por ora lugar, porque seria desgostar os francezes quando totalmente dependemos delles, e eu que faley nisto não tinha mais que noticias confuzas do que trazia Luis Pereira; andando mais o tempo, poderá V. Magestade em outra occazião aproveitar daquella amizade, que para quebrantar os olandezes, não vy eu couza millhor que fazer o que tinha assentado El Rey de Castella de contrato de sal e madeiras; e digo tambem a V. Magestade que quando apontey plenipotenssiario em carta que levou o capitão Pedro de Lemos, foi tambem porque não sabia o que agora sei, e imaginava grandes difficuldades em se admittirem; e inda que agora não julgará a eleição por errada, contudo convem muito acerta-la bem.

Torre do Tombo, códice 1341, fl. 23 (cópia).

Sousa Coutinho ao Conde da Vidigueira

1643 — Dezembro, 7

Não se espantará V. Ex.^{cia} de me ver barafustar nas cartas passadas com o successo de Angola, que muitos dias me troixe tal a paixão que nenhum outro meo se me representava mais que aventurar tudo. Com este mesmo sentimento que reprezenty a V. Ex.^{cia} escrevy a S. Magestade, que Deos guarde, oje mais reportado. Aprovo o parecer de V. Ex.^{cia} e emmendo para

ambas as partes minha colera, porque havendo feito as diligencias neçessarias nestes dias, os dous companheyros e eu achamos tão geral a detestação deste cazo, que espero que havemos de ter grande emmenda nelle. Tem-nos ajudado com vontade grande todos os tres embaxadores de França. O Principe de Orange mostra grandissimo sentimento e pronostica ruina aos Estados se o não satisfazem: elles mesmos o pregoão por execravel, e se obrão juntos o que cada hum delles em particular promete, poderemos esperar que succedesse por particular providência de Deos, para huma plenaria e mais apreçada restituição. Tinha-a eu a meu parecer em bom ponto, porque os mesmos da Companhia me insinuárão por via do Secretario da embaxada que tratassemos de composição, e não de requerimentos com os Estados. Não engeitey nem admitty de todo a practica, porque quem tem companheiro, tem senhor, e pareceu ao meu que seria isto impedir-lhe a reposta que esperava boa; mas eu me rezolvy en tratar o negocio por esta via, e assy mandey oje o Secretario a Amsterdam a sondar os animos, parecendo-me que poderá haver receo de que os Estados fação força á Companhia, e que com elle sedem melhor das pontas; porque a lingoagem com que aqui nos falão he de mandarem huma não a Angola, e prezos os culpados remette-los a El Rey noso senhor, para que como a rebeldes e quebrantadores da paz os castigue, Eu os persuado que o escuzem, que para exemplo convem que em Olanda se emforquem, porque em Portugal lhes hão de dar a vida. Os Estados tem mandado requerer á Companhia, para que digão o que tiverem em descargo seu, e como elles não tem nenhuma, se isto he que vay deveras, brevemente nos devem de dar satisfação. Eu não tenho inda visto aos senhores Plenipotenssiarios, que com a doença de Monsieur d'Avos e com suas vezitas depois da saude a Principes e a Princezas, me não derão lugar para a minha. Tenho dia para amanhã e teve-o antheonte o embaxador Francisco de Andrada, e foi tão comprido na vissita, que me parece que quis o Avos descansar estes dous dias: na saída daqui não ha inda certeza, se bem se entende que não será antes do Natal. Trazem negoçios que assentar primeiro, para que tem pedido comissarios, que oje se lhe devem de nomear, e nós com elles todos juntos temos assentado conferir sobre a ida de Francisco de Andrada, em que não haverá duvida, de que elle anda tão furioso que arremette com a gente, porque se persuadió que poderião os Olandezes negar, e succedeu-lhe tão mal, que Monsieur d'Avos lhe diçe que poderia hir em sua companhia, que era atras que eu andava. Respondeu-lhe que S. Magestade o mandava hir com os Plenipotenssiarios daqui, e cuida que lhe ha de valer pegar-sse ao literal da *Instrucção* e não á mente della: mas ou seja assy ou assy não, poderá haver duvida em o eu chegar a pôr nas envazaduras para o lançar ao mar, e se refuzar a carreira, prantar-lhey no corpo hum protesto diante de Luis Pereira e do Secretario da embaxada; porque certo temo que tudo ha de ser neçessario, porque anda com hum medo serval nas entranhas, e junto a elle parecer-lhe que lá he da Ex.^{cia}, e não ha couza que o console. nem basta a zombaria que das *Excellencias* faço todas as vezes que nos ajuntamos os trez, porque lhe digo e assy se me representa que estamos fazendo

hum entremes. De qualquer couza tira doutrina para temer perigos, até no desbarrate do Conde Gabrian(1) de que hontem tivemos as novas: acha que estarão' os Imperiaes tão soberbos, que lhe farão a elle o mesmo. Catalunha nos tem com cuidado; se fôr o successo que se espera semelhante ao de Alemanha, não deixará de alterar as cousas, se bem por outra parte cuido que tambem convem que os franzezes conheção que são homens, e que necessitados nos podem haver mister. Tenho feito todas as diligencias que V. Ex.^{cia} me manda sobre o de Angola com o rezidente de Inglaterra e Sueçia, mas espero que bastem as dos embaxadores de França.

Affirmo a V. Ex.^{cia} que vendo o primeiro capitolo de sua carta, depois do sinal em que me dá as novas que ahy andavão pelo embaxador de Veneza, e que depois certificára o navio do Algarve, que o senti tanto, que estive hum largo espaço sem passar delle, até que com o segundo fiquei de todo aliviado. Seja Deos louvado por tão boas novas, e lhe beijo as mãos a V. Ex.^{cia} muitas vezes por ella, e espero que as primeiras que tenhamos sejam de se haver rendido Badajos, que seria lançar o sello á nossa segurança, e empenho grande para nossos confederados, e meo unico de Castella vir com nosco ás boas, e assy o entendem aqui todos. Espero o correo de sabado com grande alvoroço para nos certificáremos de tudo, que aqui faltão navios do Reino á muito tempo, e nos tem com grandissimo cuidado duas naos de Sutual que os dumquerquezes tomarão a somana passada, e outra que meterão no fundo, em que forçozamente haviamos de ter cartas. Queira Deos não viessem entre ellas algumas que possamos sentir haverem hido a mãos de nossos inimigos. O correo que vem esperamos tambem, para sabermos o que ha.

Biblioteca Nacional, códice 2:666, fl. 474.

Sousa Coutinho ao Conde da Vidigueira

1643 — Dezembro, 14

Estou de acordo con tudo o que a V. Ex.^{cia} lhe parece no modo de comtemporizar com esta gente, por que per ora não podemos fazer outra couza, e inda que pudéramos, convinha sempre chegar com a cortezia até o cabo. Ventura foi acharen-ce nesta occazião aqui os embaxadores de França, que com boa vontade nos assistem, tanto por ella, como pelas duplicadas recommendações da Raynha, mais cristianissima que catholica, ou por dizer milhor, mais franzeza que castelhana, que pelo que tem da natureza, viremos a alcançar *salutem ex inimicis nostris*, e espero que a tenhamos em tudo. Sabado passado, que fôrão 12 do corrente, tivérão já huma junta com o Principe

(1) João Baptista Budes Guébriant, Marechal de França, cujo exercito foi desbaratado pelos Imperialistas em Tuttlingen aos 24 de novembro d'este anno.

de Orange, primeiro os Estados e logo apos elle os embaxadores. Sabemos que foi sobre Portugal, mas não ainda o que se assentou nella, e segundo entendo, tocarão-çe todas as materias e não se rezolveo nenhuma. Por hum particular soube ter-se por couza indubitavel haver-se de repôr Angola no estado em que estava, e por ventura com alguma largueza mais, mas o que aqui faltar me parece que se não concluyrá na Haya se não em Munstar, segundo o que o Doutor Luis Pereira escreve a V. Ex.^{cia}, porque isto se colhe claramente do novo papel que vimos, que quando não houvera outra probabilidade, esta só bastava para fazer certos os outros, por que deçe a individuos que se não podião inventar: e alem de por esta cabeça o ter festejado muito, afigura-ce-me tambem que pode ser meio para se me acabar mais depreça este desterro, que eu tinha tragado para hum par e meo de annos; mas nem com me dezejar ver livre d'elle aconselhára a S. Magestade que tirára a V. Ex.^{cia} dahy, se não fora para o lugar que lhe tenho escrito, e no passado avyzey a V. Ex.^{cia}: e cada dia irá vendo mais quanto isto importará a seu Real serviço, que como o voto de V. Ex.^{cia} dahy e o meu daqui não podem ser rezolutivos, he muito para temer com qual dos dous companheiros se ha de acomodar Rodrigo Botelho, porque está o negocio em hum ponto indivizivel de nós ganharmos ou perdêmos a qual elle emcostar, porque Francisco de Andrada está barbaramente teimozo e não ha rezão que admita contra o que tem comesebido, e já o temos deixado por irremediavel; e muitas vezes venho a temer (o que de seu zello não crerey) que por hir avante seu primeiro parecer folgue de que monte pouco sua yda, que he ordinaria paixão nos teimozos. Disto tenho prevenido a Rodrigo Botelho e por o mesmo dezejo a V. Ex.^{cia} em Munstar [para que] não acerte de vir alguma pessoa a quem ou o entendimento ou a malicia faça desviar do que nos convem.

Muyto sentimento nos cauzou a morte do Conde Gabrian (1) e rota do seu exercito, porque na primeira nova que tivemos foi de inteira ruina d'elle; depois se nos aliviou com a segunda, e com o que V. Ex.^{cia} nos diz ficamos de todo contentes, porque he grande sinal de esperarmos boms successos da Dieta, que nas besperas della se reforção os exercitos e se previnem a satisfações. Muito bem será tambem poder-se soccorrer Monson, mas na falta he perda de nenhuma consequencia, inda que França está tão pojante que sentirá a do credito por piquena que seja, se bem desta se recupera muita parte com o Mariscal de la Mota (2) haver presentado batalha ao Picolominy, que sendo amigo de chocar e não haver feito, parece que não he o poder tão grande como no-lo fazião.

Nenhuma duvida ha em que as mais destas Provincias não querem paz nem tregoa; porem a prinçipal, que he a de Olanda, a dezeja, mas Amsterdam, que he a cidade que mais poder tem, pelo muito com que contribue

(1) O Marechal de Guébriant morreu duma ferida recebida no cerco de Rottweil.

(2) Philippe Conde de la Motte-Houdancourt, general do exercito frances na Catalunha.

para as guerras, nunca virá senão em tregoa, porque na paz perderia grandes intereçes no commercio a respeito que, havendo-a, se abreria porto em Anvers e se lhe desaguarião por aly grandes cabedaes. E assy tenha V. Ex.^{cia} por certo, que paz tenho por impossivel have-la, inda alem de que parece que sem restituções se não poderá fazer, e que para se concluir huma e outra, terão as armas de S. Magestade, que Deus guarde, bastante lugar de poder chegar a Madrid; e se eu vira muito cabedal no nosso Reino, pouco se me dera de que a guerra durara mais hum par de annos: ganharemos mais praças e fizerão-ce os nossos mayores soldados, se bem elles o estão já de maneira que nunca se poderão fazer temer mais, e todas as cartas dos mercadores confirmão as novas que V. Ex.^{cia} me dá vindas de Madrid. As do senhor Conde de Castelmilhor estimo tanto por suas como pelo serviço de S. Magestade: V. Ex.^{cia} no-lo não nomea inda Marques, e eu por carta de 29 de setembro tenho que o está feito da villa de Salvaterra, mudado o nome em Villa nova de Portugal. De huma cousa e outra lhe dou a V. Ex.^{cia} muitos parabens, e tenho por millhor titolo este que o de Duque de Bargaça. Em (*sic*) Picolominy, já primeiro que la chegue, tem que conquistar lugares de Castella. Seja Deos bendito, que chegamos a ver o Reyno no estado que não criamos pouco tempo ha. Tenho já visitado os senhores embaxadores de França, e Monsieur de Servien esteve hontem nesta casa, e certo me parece pessoa de grande satisfação: muito diferem no modo os companheiros, mas espero que para o que nos tocar se ajustem nas tenções. Tudo se deverá a V. Ex.^{cia}.

Bibliotheca Nacional, códice 2666, fl. 476.

Sousa Coutinho ao Conde da Vidigueira

1643 — Dezembro, 31

Diz-me V. Ex.^{cia} nesta sua de 12 do corrente, que não sabe em que repara Francisco de Andrada para a sua ida de Munstar, porque he fácil de dar no ponto, sendo a jornada contra seu parecer, com que he tão cazado, que nem com as provas de evidência se quer satisfazer. De todas faz tão pouco cazo, que havendo muito que considerar nellas, se deu por contente de as ver huma só ves muito de paço, e inda nos quer persuadir a que nenhuma couza se ha de fazer. Per muitas vezes tem reprovada a resolução de Luis Pereira, e enfim elle e eu estamos tão aborridos do que lhe houvimos, que estamos rezolutos a que cada hum faça o que lhe toca, e pague os erros que fizer; e mais lhe digo a V. Ex.^{cia} que se á boamente pudera succeder hir só Luis Pereira, em verdade que não sey ou sy sey que se fizera millhor o serviço de S. Magestade, porque se acertar acostar Rodrigo Botelho com o parecer de Francisco de Andrada, teremos bem em que entender. No hir pouca duvida ou nenhuma ha, porque os olandezes não na poem, e os Fran-

cezes se offerecem, inda sem lho nós pedirmos, e assy nesta parte não tem V. Ex.^{cia} que se cançar em sulicita-la. Disponha-o Deos como mais convier.

Hum dia destes, falando com Monsieur d'Avos sobre o que esta gente nos faz, assy em Angola como nas outras conquistas, lhe diçe que não achava meo para nos podêremos compôr, senão tomando a mão El Rey Christianissimo e servir-sse de ser arbitro em nossas differenças; e inda que nem me duvidou nem aprovoa a proposta, entendy nelle não lhe pezar de a ouvir. Assy que se a V. Ex.^{cia} lhe parecera tocar nesta materia ao Cardeal Masarini, não hiamos fóra do intento del Rey nosso senhor, que como quer compozição, sempre me parece que se fará melhor por mãos de terceiros desapaixoados; e pode V. Ex.^{cia} acrescentar que para facilitarmos a restitução de todas as praças que nos tem occupado a Companhia Ocçidental, ajuntaremos á nossa justiça boa copia de dinheiro, para que junta ás perdas que nos tem dado e a seus proveitos, possão fazer recompensa aos gastos da Companhia: e entendo que se lhe não receberá mal a V. Ex.^{cia} esta lingoagem, porque se as noticias não mentem, isto parece que he o que ellas insignuão, e assy o deve V. Ex.^{cia} de ter entendido, por as que lhe tem dado e der Luis Pereira. E não vejo caminho mais suave e mais seguro que este para acabar o que pertendemos, alem de que sigo as ordens de S. Magestade, porque as seguranças que queria tomar e dar para a restitução e para a pagua, apontava a palavra de el Rey de França, e com nenhuma outra couza nos poderemos nós assegurar, nem teremos com que: porque se elles restituem primeiro que paguemos, he força que queirão fiadores, e se nós paguamos antes de receber, tambem nos são necessarios: e nisto pôde haver hum grande perigo, porque a Companhia dará mercadores que paguem no cazo que não restituão, e como não podemos fazer a pagua senão em tres ou quatro annos, pôde acontecer que no cabo delles não tenhamos as praças, e podemos ter huma demanda para cobrar o dezembolçado, inconvenientes que se atalhão com o que digo, e que com nenhuma outra couza se podem atalhar: e se o alcançarmos, escuzaremos os tratos do D. que nunca podem ter a ssegurança que convem, nem elle se facilitará tanto connosco que a admitta; e he neçessario primeiro, inda quando entendêremos que convinha ver o que está bem á França e o que quer, e seguirmos suas pizadas, porque se nos desviarmos delles, em lugar de adiantar o negocio, o atrazaremos, e ficaremos arriscados a perder todos.

De Francisco Taquete não tenho carta em que me avize o que V. Ex.^{cia} me diz, porem nesta somana lhe escreverei e o animarey para que não entenda que em negocio tão importante como o que trata pôde faltar dinheiro, que inda que o meu cabedal he dos que se podem levar ás costas, com o credito cuido que poderey alguma couza.

As novas de Portugal são muito para estimar; porem tiro dellas que me não acontecerá dá-las outra vez sem relação tão certa como esta, porque até hum criado meu me escreveu de Lisboa os apertos em que se achava Badajoz. Sinto, como já diçe a V. Ex.^{cia}, a depozição dos cargos de Jane Men-

des (1) e conde de Ovidos (2), se bem as capitulações de Valverde (3) mereção qualquer boa reprehção, mas não perder homens como estes.

Bibliotheca Nacional, códice 2666, fl. 478.

Sousa Coutinho ao Conde da Vidigueira

1644 — Janeiro, 4

Inda que no passado pedy perdão a V. Ex.^{cia} da brevidade com que lhe escrevya, de novo o torno a pedir nesta, porque tenho por tão perçiza a correspondencia, que me parece crime faltar a ella. Como estamos em terras onde as vezitas se previnem, e se escuzão, quando se não querem, pudera-me eu haver valido deste meo por me não haverem occupado o dia que houvera de ser só meu. Não me parece que he esta a era em que pode haver pazes, pois a El Rey de Dinamarca, medianeiro dellas e o que só na Europa as gozava, está tão subitamente asaltado pelos suecos, que primeiro lhe chegarão as novas das praças perdidas que da entrada dos inimigos, que baixarão pela Elva e entrarão no pais de Holstens com 11⁰⁰⁰ cavalos e 8⁰⁰⁰ infantes que lhe vinhão nas costas. Ten-se feito senhores de muitos lugares e ficávão já em Kunpe (4) a huma legoa de Geluquestar (5); e o General Herno está em Gotimber com 30 naos, para por mar tambem entreterem este nosso amigo. Hontem estive em caza de Monsieur dAvos, onde achei juntos todos os embaxadores de França. Acharão-me graça a eu festejar esta galhofa, e não me parecêrão de contraria opinião. Não sey se alterará a Dieta, mas quando o não faça, entrará por parte a que se constituiu arbitro della, mas pelo menos creio que a ha de dilatar. A cauza que se dá he alcançar-ce practica entre emperador Mosquovita, Polaco e Dinamarca para nesta primavera entrarem por Sueçia: teve-se sospeitas della, e depois çerta notiçia com hum correo que colherão, e certificados dos tratos, quizerão fazer no inverno o que os outros deixam para a primavera. Creio que já V. Ex.^{cia} terá já lá estas noticias, porque me não persuado a que o negocio deixasse de ser muito permeditado, e com intelligências de todos os confederados, nem se pode crer outra couza de rezolução tão grande. Caminhão com tal furia os suecos que se entende que até deitar El-Rey de tudo o que he Dinamarca não pararão, e que a poderão fazer com facilidade pelo impençado do negocio; e neste ponto me acaba de dizer hum homem bem notiçioso e cabido

(1) Joanne Mendes de Vasconcellos.

(2) General em chefe do exercito que fez a campanha de Badajoz. Estes dois cabos foram destituídos por ordem de D. João IV, por terem abandonado o sitio de Badajoz. Parece que o Rei teve razão de queixa da sua falta de arrojo.

(3) Eram as condições que a guarnição de 1:500 homens sahiria formada, segurando-se-lhe toda a commodidade para passar a Hespanha.

(4) Krompt (?).

(5) Glückstadt.

da môr parte dos Estados, que a Dieta ispirou (?), mas quando não seja tanto, não deixará de a embarçar muito. Bem quizera eu que Portugal descansara com huma tregoa, mas como são mais esperança que infalibilidades, a mal dar, sempre ficamos com o partido mais seguro, emquanto a guerra durar por todas as partes. Á conta de Deos estamos: Elle nos escolherá o que mais nos convier.

Francisco de Andrada escreve a S. Magestade, em navios que estão para partir, rezolutamente que vay a Munstar, ou seja acompanhando os olandezes ou os francezes; se bem estes começam a dizer que convem hir com os outros, para os empenhar em qualquer acontecimento, ou porque verdadeiramente o têmão, ou, pelo que eu tenho por mais certo, por mostrarem que fazem muito por nós; mas seja pelo que fôr, emquanto se proçeder como até qui, vamos bem. Sobre hir V. Ex.^{cia} ou não hir a Munstar, vejo que ambos temos rezão, V. Ex.^{cia} em não querer e eu em o dezejar, porque sem embargo das trocas que V. Ex.^{cia} aponta e eu aprovo, sempre me inclinarey a parecer-me conveniente haver Plenipotenssiario nosso, que en tanto congrego possa apparecer com esplendor; e como se me representa não só neçessario mas perçizo, dificultosamente me rezolvera a apontar pessoa que houvesse de vir do Reino em que concorrem as qualidades neçessarias, môrmente pelos vagares com que lá se faz, tudo experimentado no Monsanto, que deve chegar a Pariz quando já não lembre o Rey difunto, mas pois V. Ex.^{cia} he servido [que] não, me retratarey. Do negocio sobre que avizey a V. Ex.^{cia} havia mandado ao secretario a Amsterdam, pareceo conveniente para as pessoas que o tratão esperarmos a reposta que os Estados dão ao de Angola, porque se he o que deve ser, facilitará muito mais o tratado, e antes delle punhamos a perigo de cuidar a Companhia que estávão capazes para sofrer todos os agravos, que em lugar de tomar satisfação do presente lhes offerencia dinheiro por todos, e he neçessario tambem ver em que páráo as duvidas que ha oje entre ambas as Companhias. Querem os Estados que se una huma á outra: a petição da Ocçidental que allegão verem-se perdidos e ser rezão entrarem a parte aos grandes ganhos da Ocçidental, ten-se mais por traça de tirar dinheiro que por possivel de executar.

Não sey quão acertada nesta occazião haverá sido a rezolução de S. Magestade, tomada contra os olandezes que militavão nos nossos exercitos, que sendo justo castigar os culpados, reço que nos possa ser danozo despedir de presente os que não tinham culpa (1), e que com isso se livrem os Estados de nos assistirem com armadas; que inda que tudo não he a mesma cousa, como os dão forçados, hey medo que se valhão de qualquer couza para no-las negárem, mas Deos satisfará por outra parte o zello pio de S. Magestade: mas muy conveniente fora muito poder no mar, por que inda que de Castella se escreve que esperávão no mez passado os galliões da prata, tive eu

(1) A resolução referida foi motivada pelos desacatos cometidos pelas tropas hollandesas, especialmente na igreja da Villa da Torre, como se vê da carta regia ao Conde da Vidigueira sobre o assumpto. Códice. 7:162 da Bib. Nacional, fl. 130.

aquí esta semana hum piloto portuguez que sahio de São Lucar o primeiro de novembro, e me affirmou por impossivel poderem vir antes de março. Se V. Ex.^{cia} pudera persuadir que o Duque de Breze (1) sahira ao mar para este tempo, e o avizo por ahy chegará ali antes que o que eu mando pelas naos que indá não são partidas, pudera-sse obrar mais nesta empreza que em muitos annos nas de terra. Tenho até qui satisfeito a carta de V. Ex.^{cia} a que não respondy no passado.

A boa correspondencia com os plenipotenssiarios de França vay continuando; mas não com tanta cautella como convinha. Dirá neste ponto a V. Ex.^{cia} Luis Pereira o que oje nos lastimámos e chorámos, que eu não faço por não duplicar a escriptura, porem com S. Magestade me desempulharey bastantemente e será descarregar a conçiência; e de o não haver feito até gora tenho bem de que me confeçar.

(*Autographo.*) Muito importaria chegar a tempo ordem de S. Magestade para que Francisco de Andrada fosse despachar feitos, e não fosse a parte donde nos deytam a perder. Este homem he huma furiosa alimaria; receo que tenta novos caminhos para não hir a Munster, e para sair com sua opinião. He homem que sobre pouco saber nenhum segredo tem, e ha-nos feito isso tanto dano, que nos principios se facilitávão com elle os Estados, e descubrião-lhe alguns particulares. Não se contentava com os saber de huns; queria que todos lho dessem, e para obrigar a huns, referia o que os outros lhe avião dito, com que alcansando-sse sua pouca cautella, serrão-sse todos; e com isto e não aver feito mais que papeis despropozitados, me dice e escreveu a el Rey que minha vinda não servio mais que de embarassar tudo o que tinha feito.

Bibliotheca Nacional, códice 2666, fl. 10.

Sousa Coutinho a El-Rei

1644 — Janeiro, 8

Por cartas de minha mulher de 6 de novembro entendy a mercê que V. Magestade nos havia feito a ella e a my, dando-lhe licença para me vir acompanhar nesta assistencia. Pelas mesmas cartas entendy outra segunda mercê, igual á primeira, de lhe mandar V. Magestade sobre estar na embarcação até a primavera, pela nova que havia tido do execravel successo de Angola e querer aguardar aver primeiro a satisfação que os Estados a elle querião dar. Por huma mercê e outra beijo a mão a V. Magestade huma e muitas vezes, e por que também por cartas de alguns particulares entendy que havia pessoas que se persuadião que dilataria hum embaxador os negocios que mandava vir sua molher, sem embargo de ser futil a prezunção, me pareceo dar alguma satisfação, se bem para V. Magestade creio que não será neces-

(1) Jean-Armand de Maillé, Duque de Brézé, almirante da França.

saria. As rezões que a isso me moverão, dey logo a V. Magestade nas mesmas cartas em que lhe pedy a licença, e assy de novo tinha pouco que acrescentar; mas como as occupações de V. Magestade são tantas, facilmente poderá haver esquecido o que diçe, e sumariamente o repetirey. O serviço de V. Magestade tem sempre para mi o primeiro lugar; nestes paizes fazem os moradores delle tanto cazo de suas molheres, que em nenhum se rezolvem sem o parecer dellas, nem ha segredo que lhes não fíem; pareceu-me que vindo a minha, alem de consiliar mais os animos, poderia alcançar dellas, depois de bem merendadas, o que por outras vias se não pôde alcançar, alem de que por este mesmo caminho poderia eu ter mais cabida com os maridos; e como já apontey a V. Magestade, quem diçe embaxador ordinario, diçe pelo menos tres annos, e para tantos me alugirão os Estados cazas, que não foi pequena ajuda de custo, pois lhe custão cada anno 280 mil; mas como sey que pareceo no Reyno, poderia ser de menos mezes que para os que trouxe provimento, e V. Magestade me fez mercê de me dizer que por pouco tempo me teria aqui e que com minha vinda se acabaria de dezenganar destes negoçios; contudo, Senhor, elles são de qualidade, e esta gente tão vagarosa, que ou eu ou outrem he força que lhes assista, que a licença, quando a pedy, conditionalmente o fiz, se me não engano, e se o não fiz, a tenção foi esta de mostrar a V. Magestade que para o servir não recuzava o trabalho, mas que se havia de continuar nelle, me convinha a assistencia de minha mulher. Isso mesmo torno a dizer agora. Vou de outubro para lá contando sobre os sincoenta, e inda que, louvres a Deos, estou até gora sem achaques de velhice. mais certo he o virem que o de remoçar. Estou muito só, e posto que o mesmo pôde[m] dizer todos os embaxadores de V. Magestade, por ventura que não tenham mulheres tão animozas que se atrevão a passar o mar. Na economia da caza passo grandissimas desconmodidades, porque até hum criado que em alguma parte nella me descansava, faleceo no tempo da minha embarcação, e tenho assentado comigo que o mesmo que gasto com a familia que aqui tenho, governado bem, suprirá a que lá me ficou, e que com isso escuzava lá importunações a V. Magestade, e cá vivia livre dos cuidados da falta que posso fazer em minha caza; que inda que a grandeza de V. Magestade poderá suprir a todas, devemos neste tempo os que amamos o serviço de V. Magestade escuzar-lhe em tudo o que pudermos novos gastos, assy que o dilatar-me eu nesta embaxada nem está da mão de V. Magestade, nem na miuha, se he que eu hey de acabar os negocios; estará na de V. Magestade mandar-me hir quando fôr servido, e na minha, entretanto que o não faz, acudir a elles com o amor de criado da Caza de Bargança, que excede as mayores obrigações de vassallo.

V. Magestade he a melhor testemunha de quanto costa a riba se me fez esta jornada; foi V. Magestade servido que a fizesse; larguey por seu serviço todas as comodidades que do contrario se me poderiam seguir; que ou hindo para a Ilha Terceira, ou ficando aos olhos de V. Magestade, sempre me havia de importar mais, falando mercantilmente, que em huma embaxada aonde há só comido por servido e tão boa hora que baste com isso está(?) que de honrra o

mais que os Reys tem que dar são as embaxadas, e que pela mercê que V. Magestade me faz, e pela confiança que de my tem, me pos nas que eu nunca sonhey que pudesse ter. Para muito mais que eu foi meu pay e todos meus passados, e não chegarão com serviços de toda a vida ao que eu cheguei, graças á muita mercê de V. Magestade, e comtudo sou tão pouco ambicioso e cobiçozo que me acomodára a hum honrrado retiro antes que a estas ostentações; porê m fizera muito o que não devia, quando V. Magestade e os de seu Conselho cuidão que presto para alguma couza, se fogir ao corpo a empregar este pouco de talento no serviço de V. Magestade, a quem devo o ser, e no de minha patria, por quem devo pôr a vida e muitas vidas, se muitas tivera, e assy nesta parte não tenho eleição. V. Magestade disponha daquelle Francisco de Sousa Coutinho, que ha tantos annos conhece, muito á sua vontade, que pelo menos quando V. Magestade no mais se ingane, se não enganará no entranhavel amor que lhe tenho. Se convem que fique aqui por mais annos, já cá estou; se convem que vá a outra parte, meu [dever] não he mais que o executar, e o pedir a V. Magestade, que ou seja para huma parte ou para outra, que V. Magestade haja por bem de me fazer mercê de continuar a licença que tinha dado a minha mulher para que melhor possa servir a V. Magestade com ter quem cuide de my; porque inda que seja chegar a individuos que poderá estranhar, quem não soubera os annos que há que sirvo a V. Magestade e a facilidade com que nelle sempre me ouvia, os hey de dizer. Tive ha dous dias hum açidente, dos que algumas vezes me costumão dar, e foi este tão rigorozo que cuidey minha morte, e me deixou tão quebrantado que não ando em mi, e experimentey nelle a falta que faz numa caza qualquer mulher, quanto mais a propria, que nenhuma dificuldade se me representa tão grande nestas idas e vindas como cuidar que poça ser huma doença e faltar-me quem me assista nella e se doa de mi: V. Magestade, pelo amor de Deos me perdoe esta velhice. e lhe peço que me tenha segredo nella.

He tambem de conciderar se convem ou não haver aqui embaxador de V. Magestade. inda no cazo que os Estados nos dem satisfação como espero, (que não o dando, claro está que em nenhuma maneira convem), por que parece que a paz perpetua que havemos de assentar com estas Provincias pôde ser materia que toque directamente á Dieta de Munstar, e por ventura que assy o haja V. Magestade entendido dos papeis que lá tem ido e vão; e tomando-sse aly conhecimento deste negocio, he força que se tome tambem *ex consequente* das restituções das praças, o que succedendo, bastava aqui hum residente; mas desfazendo-sse a Dieta, como he muito possivel que succeda com as revoltas de Suecia e Dinamarca, não se poderá escusar embaxador, cazo em que V. Magestade deve mandar considerar qual de nós convirá que fique; se o embaxador Francisco de Andrada Leytão, inda que ha mais tempo que anda fóra de sua caza e principiou estes negocios, se eu, que ha menos que vim e começo a ter por elle as noticias necessarias. E convirá servir-sse V. Magestade de dar as ordens que se devem seguir em hum e outro cazo, porque nos não achemos aquy atalhados tres embaxadores

de V. Magestade com tantos gastos de sua real fazenda; e que pelos atalhar, tambem direy o que me parece aserca de Munstar, para donde entendo que bastarião Rodrigo Botelho e Luis Pereira, com hum dos secretarios dos que por cá andão, que qualquer delles tem zelo e suficiencia: e se fosse Antonio de Souza de Maçedo, não seria por isso a eleição pior, com que alem do que se poupava, se vinha a tirar de Inglaterra hum homem que de presente nem pode tirar nem esperar fructo de tal assistencia, e fica com a occasião bastantemente disculpada sua saida, ajuntando que brevemente lhe irá successor ou embaxador. E seguir-sse-hião desta eleição dous proveitos grandes, hum para a fazenda e outro para o negocio, porque não sei que sinto em Luis Pereira e Francisco de Andrada que receo que não haja entre elles muita união, e ambos temem a companhia hum do outro: e não sey se se lembrão de paixões antigas e de poucas correspondencias que entre ellas houve sempre, e a materia de Munstar he tão grande que qualquer pequena desconfiança entre os que a hão de tratar pode danar muito. E se a V. Magestade parecesse ajuntar aos tres que aponto o Conde de Monsanto, poderia com esplendor exercitar o cargo de plenipotenssiario, e o aver tido brigas antigas com o Marquês de Castello Rodrigo não deixará de fazer ao cazo, se os procedimentos presentes o abonão, que eu proponho e não voto: e livrará V. Magestade o Conde da Vidigueira deste sobresalto de que não está fóra, e encarecidamente me diz que nenhuma outra couza dezeja mais que hir-sse para sua caza, licença que instantissimamente pede a V. Magestade. França porêm nunca pôde ficar sem embaxador. Concedendo o V. Magestade a licença ao Conde, se he que eu hey de ter este fadario de andar em embaxadas, sirva-sse V. Magestade de me livrar de hereges. Estou cá mais perto e com facilidade me posso passar a Pariz, que tambem naquella corte podem apparecer homens que não são condes, quando o podem ser; e que se acazo V. Magestade aprovar, não encontra isto vir minha mulher a Olanda, porque com menos custo fará até qui sua viagem, e a daqui até Paris juntos, do que indo cada hum per sua parte, pela muita terra que ha que andar da Rochela aly.

Vy em huma carta de hum particular que V. Magestade mandava Monsanto sobreestar na partida até a primavera, e que alguns entendião que se desvaneceria a jornada. Advirto a V. Magestade que se não ha couza muito particular que o desvie, que deve V. Magestade faze-llo partir quanto antes puder ser, porque alem de haver tardado já e de se saber que vay, convem muito hir: e se como digo se puderá dar a entender que hia por plenipotenssiario, podia ser remedio unico para obviar algumas negociações, para cujo effeito avizei eu ao Conde Almirante [que] devia dizer que V. Magestade tinha nomeado plenipotenssiario, para dar com isso a entender quão fóra V. Magestade estava de querer que a importancia de hum Reyno passasse por mãos que não fossem de seus vassallos. V. Magestade entenderá o que quero dizer pelas cartas de Luis Pereira, e eu estou tal que de minha mão não posso escrever, nem dilatar esta, para que possa hir nas náos que estão para partir.

Torre do Tombo, códice 1341, fl. 25 (cópia).

Sousa Coutinho ao Conde da Vidigueira

1644 — Janeiro, 12

A de V. Ex.^{cia} me acha com muitas cartas de S. Magestade, recebydas de hontem e antheonem, e posto que a mais fresca he de 12 de outubro, vem cheas de muitas novidades; e já V. Ex.^{cia} ficará fora do sobresalto de Munstar, porque vem nomeado por plenipotenssiario o Marquez de Cascaes, e sem embargo de que o meu voto estava em V. Ex.^{cia}, he força aprovarmos esta eleição, assy por ser de El Rey nosso senhor, como pelo gosto que V. Ex.^{cia} terá de se ver livre dela. Vem todos os papeis tocantes á generalidade e outros particulares a Francisco de Andrada; e porque trazem circumstancias que se acomodam a seu parecer, anda tão vão que nos não entendemos com elle, pois até daquillo que cuidavamos que o poderia quebrantar, dando-se-lhe superior, pode tanto haver vencido com o entendimento que em nada repara, de donde infiro que as mais das repulças herão puro medo, porque faz quabedal da muita gente que trará o Marquez. Eu com tudo, inda que não me tenho por teimoso, escrevo a S. Magestade que *salva pace* não deço de minha oppinião no que lhe tinha escrito, pois tenho-me por briozo; mas «donde força há, direito se perde», dizem as velhas da nossa terra, alem de que lá traz a *Instrucção* que S. Magestade manda de que pegar para se poderem acostar com nosco; mas como Francisco de Andrada he da oppinião contraria, e tão cazado sempre com a sua, qué-lo entender a seu modo, mas Luis Pereira e eu temos com que o quebrantar bastante. mente, tirado das mesmas *Instrucções*.

Eu tive de S. Magestade ordem para falar no de Angola, e com receber hontem a carta, para amenhã tenho audiencia dos Estádos. Não será a proposta de duas folhas e mea de papel, como foi a do padre companheiro, mas em pouco mais de mea diremos tudo o que elle nellas diçe. No correo que vem, a mandarey a V. Ex.^{cia}, e sobre esta matéria nunca fará dano empenhar V. Ex.^{cia} a Massarini, sem V. Ex.^{cia} se empenhar nella, que [é] o mesmo que V. Ex.^{cia} me diz.

Não tenho ainda carta de Taquete, do particular que V. Ex.^{cia} me aviza, mas devo-a de ter no correo que será aqui amenhã. Não me descuidarey em o animar, como não faltarey em nada que para aquelle negocio importe, não conforme ao dezejo, mas conforme as poças. Perdoe-me V. Ex.^{cia} não ser mais largo, porque estou oje embaraçado com escrever para o Reino.

Biblioteca Nacional, códice 2665, fl. 12.

Sousa Coutinho a El-Rei

1644 — Janeiro, 15

Tersa feira, que forão 13 do corrente, tive audiencia dos Estados, a que faley na fôrma do papel que com esta vay (1). Depois naquella tarde e nestes dous dias conferi sobre elle com alguns particulares, e na de oje estive com o Príncipe de Orange; elle e os mais assegurão que se dará inteira satisfação a V. Magestade. Eu assy o imagino, mas não me atrevo a aseguar-lo, porque nestas materias que dependem de tantos, não pode haver certeza; mas esta he de qualidade que os Estados não devem querer concorrer nella, porque seria mostrar que todas as passadas se fizerão com seu consentimento, môrmente que na Companhia do Brazil, como mais pobre, tem elles mais mão que sobre a Oriental, sobre que vão grandes contendas, mas por fim ella se prorrogará, custando-lhe porem repartir somas grandes de dinheiro. Esta Companhia dezeja muito que se rompão as pazes, pelos grandes intereçes que esperam da guerra; parecendo-lhes que as forças de V. Magestade não poderão abranger a tudo. Nas náos que em março partirão destas Provincias, dizem que hirão 7 mil homens, que parece, como em outros annos, chegaram poucas vezes aos dous terços: não sey [se] será prevenirem-se para romper, ainda sem lhe darmos occasião, se para se defender. Convem que V. Magestade mande avizar á Índia que estejam sobre avizo, e eu procurarei avizar ao Vizo Rey para que se quer o tome acautelado, não ceçando nas instancias que vou continuando para que os Estados me dem cartas para os seus governadores em que debaxo das penas de cazo maior não inovem couza alguma. Tenho por sem duvida que m'as darão, e tenho prevenido o secretario Muts por hum naire que o governa que as tais cartas hirão de boa tinta, sem embargo de que V. Magestade me não fala em ser necessaria esta diligencia; mas como em faze-lla não se perde nada e se vay a ganhar, bastou-me para o fazer o temor que ha entre os mercadores de que fui advertido: e para que V. Magestade veja quanto os da Companhia Oriental dezejão rompimento comnosco, lhe mando hum papel que oje tive de Amsterdam, do filho de Duarte Nunez, pois fazem argumento aquelles bargantes de que V. Magestade me manda hir e quer guerra com elles. Foi por não haver deixado vir minha mulher.

De Duarte Nunes da Costa recebi hontem a carta e papeis que remeto a V. Magestade para que se sirva de mandar acodir para este cazo, de sorte que nunca possamos ter a magoa de se perder á mingoa. Eu sou tão pobre que não tenho mais de meu que dous mil cruzados de prata lavrada; estes são os primeiros que se hão de pôr na praça, e assim o escrevy oje a

(1) Este papel, que é um protesto em latim contra o procedimento dos Holandezes em Angola em Junho de 1643, vem copiado no *Livro da Embaixada*, códice 1387 da Torre do Tombo (*Conselho Geral do Santo Officio*), a fl. 12.

Amburgo. O mesmo creio que farão meus companheiros, se bem o poderão fazer com mais largueza, mas não com mais vontade. Se chegarem a tempo as fazendas que V. Magestade me manda remeter a Amsterdam, se não bulirá nellas para outro nenhum effeito, em quanto não virmos a concluzão ou desengano deste: e sem embargo de haver dito já, como avizei a D. Luis de Portugal, a mercê que V. Magestade lhe faz, sei de sua bondade e zello que que não só foigará de esperar mais tempo por estes seis mil cruzados, mas que venderá de boa vontade seus filhos para negocio como este, cuja importancia me escuza de dizer nelle mais. Não sei encaresser a V. Magestade o que este fidalgo, e suas hirmans tem estimado a mercê: logo ao outro dia me vierão todos dar as grassas polla nova; até o Principe me falou nella, a gente he de mor vontade que pode ser de ... (1).

Ha muita gente que se persuade que com as revoltas de Suécia e Dinamarca cessará a Dieta: os embaxadores de França dizem que nem alterasão averá nella, mas ha bons votos que os contradizem. Para este cazo se devia V. Magestade ser servido de ordenar em que se hão de gastar tres embaxadores que aqui nos achamos, ou ordenar a ca[da] hum em cazo que se dilate a jornada, o que expressamente ha de fazer cada hum, para que assi sem confuzão possamos obrar o que nos tocar, que do contrario poderá resultar não acudirmos ao serviço de V. Magestade como convem.

Torre do Tombo, códice 1341, fl. 27, v. (cópia).

Sousa Coutinho ao Conde da Vidigueira

1644 — Janeiro, 18

Aqui recebemos nesta somana cartas de Portugal por via de Inglaterra de quinze do passado, e como V. Ex.^{cia} as devia ter tambem por aly, ou no navio que chegou a Samalo (2), escuzo dar-lhe as novas que tivemos, porque deve V. Ex.^{cia} haver tido as mesmas. Seja Deus louvado que são boas todas as que vem: são boas e inda as do politico vão pelo mesmo caminho. Reformou-sse o Conselho de Guerra (couza asás necessaria); dividirão-ce as Secretarias entre os dous que estava[m], aliviando a Pedro Vyeira do que toca á meza da Conciencia e Fazenda, e dizem que se ha S. Magestade por bem servido do Sevirim (3). Elle he esperto, e dá boa conta dos papeis; que para o provimento nosso dos embaxadores se applicarão as fazendas de Castelo Rodrigo e Tarouca, com que haverá pontualidade nos ordenados; e desta nossa religião nos fica por prelado Pedro Vieyra. Dou a V. Ex.^{cia} os parabens do governo de Tangere no S.^{or} Conde de Villa Franca, de que creio que dará tão boa conta como eu dezejo que oje dem todos, mas nelle tambem mais pela circumstancia de Coutinho.

(1) Aquí vem algumas palavras ilegíveis.

(2) Santo Malo.

(3) Gaspar Faria Severim, secretário das Mercês.

Não ha entender esta Dieta de Munstar. Os plenipotenssiarios de França cada dia partem e cada dia tem cartas, segundo dizem, da Rainha em que os apreça, e sem embargo de affirmarem que brevemente sahirão daqui, eu o não creio, porque alem de entender que as revoltas de Suecia e Dinamarça, quando de todo não desfação a Junta, a hão de alterar muito, tem ainda duvidas que arranhar com os olandezes, que segundo elles nos dizem, tocam para ho effeito e tratamento, porque querem seguir-sse logo aos de Veneza e ter todas as prerrogativas de senhoria serenissima; e os francezes em huma e outra couza reparam, porque nos lugares querem que lhes preceda Saboya e estes affirmão que o não consentirão em nenhuma forma. Nisto dão e tomam. Não sey no que virão a dar. Bem creio eu que se França inclinar á guerra, houverão estes de folgar mais, e he muito possivel que ella continue, se he certo o que affirmam os suecos de que o Ragosi (1) de Transylvania entrará este anno no Imperio; e leva muito caminho de ser assy, porque dezemparar o exercito de Sueçia, (soldados velhos, bom general, de boa cabeça) as praças de Alemanha, a risco de em tão grande diversão darem forças ao Emperador para recuperar o perdido, parece que não pode ser sem costas quentes, e se succede, dê V. Ex.^{cia} por concluida a Dieta. Eu, em duvida, não me ha de pezar muito se o vir, que como não temos infabilidade do estado em que ficaremos: o da guerra, sendo comua como até gora, mais seguros ficamos.

A ida de Francisco de Andrada com os olandezes inda padeçe suas duvidas, porque chegado apertar o ponto, acham que passaporte de Castella não lhes dá lugar. He bem verdade que algum dos Estados me diçe que as cartas de El Rey de França lhe não queriam dar esta honrra a elles, porque o termo delles he que poderão hir com segurança debaxo de nossos passaportes, e que não diz nas de Olanda. Nesta duvida estão e sahirão della esta somana, em que entre elles haverá conferençia para se averiguar; porem com huns ou com outros deve fazer jornada, porque Monsieur d'Avos lho diçe assy e elle o tem escrito a S. Magestade.

(*Autographo*). Afirmo a V. Ex.^{cia} que mais receo aos nosos as duvidas de portas a dentro que as de fora. Francisco de Andrada está vanissimo, e quer que tudo se lhe someta, e Luis Pereira não he manso, e sahido daqui dise que se ha de pôr em outro andar. Temo que o serviço de S. Magestade padeça, e emfim senhor eu tenho novamente de meo parecer que quem se desconsertar comigo, se não consertar com ninguem; e vejo que Francisco de Andrada, sobre lhe sofrer milhares de impertinências, inda se queixa de mim, e não sey se Luis Pereira fas o mesmo, affirmando a V. Ex.^{cia} por tudo a verdade que nem hum nem outro tem razão, e o segundo muito menos, porque lhe não tenho faltado em nenhuma das cortesias que se lhe devem por sua pessoa e por seu officio.

Biblioteca Nacional, código 2666, fl. 13.

(1) Jorge Rákóczy, principe de Transylvania.

Sousa Coutinho ao Conde da Vidigueira

1644 — Janeiro, 25

Se eu tivera por certo que houvesse de entrar Portugal na Tregoa ou pas geral, muyto sentira qualquer couza que a pudesse embaraçar, mas como nos não podemos dar por seguros, em duvida bem he que todos entrem na dança; e sem embargo que a alguns parece que as revoltas de Suecia e Dinamarca não impedirão o Tratado, eu me inclino mais a sseguir os que tem a parte contraria, porque se he certo o que alguns dos Estados me affirmarão, eu o dou de todo por desfeito, que he affirmarem os suecos que o Regosi (1) de Transilvani (como já me parece tenho escrito a V. Ex.^{cia}) entrará no Imperio, que se assy acontecer, não vejo caminho mais que para guerra e mais guerra. E tem muita apparencia de poder ser isto assy, considerar que Suecia se governa por boas cabeças e que deixou dezemparedada Alemanha, onde dizem que tem já perdido huma praça e que o Bavarolhe tem cercado outra, e que quando se livre deste perigo, se não poderá livrar de os Imperialistas lhes impedirem a volta; que tudo mostra que a entrada do Transilvano deve ser certa, porque o he haver liga entre ellés, França e Olanda. De tal maneira neguam haverem concorrido no negocio que quazi o vem a confessar, e de Colonia mo affirmão por indubitavel. Em Colonia está agora aquella pessoa que em tempos passados diçe a V. Ex.^{cia} que nos dava noticias de couzas por via do Secretario desta embaxada, que he assas intelligente e deligente, mas mal conhecido de meu companheiro: dis-nos mais este homem e o temos confirmado por dito de alguns dos Estados e do secretario de França aqui rezidente, que o embaxador de Veneza que está em Munstar tomava a mão de midianeiro em falta de Dinamarca. Não he pior para nós e puderá ser muito melhor, se houvera lá hido embaxador. Os francezes se contentam com elle, se bem eu me discontentey antes dagora de haver sabido que o veneto tinha facilitado aos castelhanos a toda a boa correspondencia com os francezes. A carta que tive com este avizo fiz mostrar muito ao descuido a hum dos Estados e ao Secretario de França, e ambos se embaraçarão com ella, por ventura reçeando o primeiro algum trato dobre, e temendo o segundo que se lhe descobria. Depois todos o confessaram, lançando o cazo a que era composição para se tirarem em parte as differenças que ha entre França e Castella, o mao fora se pudese tirar todas; mas como parece que isto não pode ser, vem a dar menos cuidado do que no principio tive, e poderemos estar sem nenhum, se a guerra do nosso Reyno continuar neste anno nos bons successos do passado.

Em se haverem despedido os olandezes, não ha duvida, porque S. Magestade mo escreve assy. Eu lhe respondy, por carta que deve ser lá dentro

(1) Rákóczy.

de oito dias, segundo o tempo, que me parecia que bastava castigar os culpados, por que de se executar a resolução tomada, nos poderia ser de grande prejuizo, assy para as armadas do mar, como nas da terra, durando a guerra e gastando-sse a gente: e sahiu-me este temor tão verdadeiro, que já cá nos dizem estes senhores que S. Magestade se impossibilitou e os impossibilitou a elles para os socorrerem com gente. Pereça razão de estado. Conheço ainda a nossa terra, e os que governam são já velhos para aprender, e teimosos para se emmendar, mas poderá acontecer que não sejam saídos do Reyno e que aproveitem as nossas cartas.

Estamos em nova contenda sobre a hida de Francisco de Andrada. Duvidão os olandezes em o levar, e os francezes tem de todo arepiado a carreira: e reção nisto alguma tramoia, porque Monsieur d'Avos, que he o que nos tinha segurado que em hir com os de Olanda não havia duvida, lhes acha agora rezão pelo menos no modo, por que lhe propos que havia de hir no sequito, e respondendo elle que não tinha duvida, lhe replicou como o poderia fazer sem ordem de S. Magestade. que parece que era condição que entendião que não teriamos nós ordem para aceitar. Acody logo a isso, e diçe que a minha proposta sempre fora essa, em falta de não poder hir em outra forma. Oje neste dia comêrão os deputados de Olanda com os plenipotenssiarios de França, e me diçerão que na conferença que havião de ter depois de bem bebidos, se rezolveria a materia. S. Magestade me mandou aqui por embaixador ordinario, com que fiquei tão ordinario embaixador que nenhuma couza quer o Francisco de Andrada que a my me toque, enquanto elle aqui está, sem embargo das ordens de S. Magestade. A força se quis meter em falar nesta sua hida, e manda Deos que não fosse para a sua não hida. Sem embargo disto, eu tenho feito e faço o que me toca: ponha-lhe Deos a vertude, que bem neçessaria ha de ser a V. Ex.^{cia} a mayor cautela. Se lhe pareçesse, pudera fazer vir ordem para que na falta dos de Olanda fosse com os de França, propondo as dificuldades que os olandezes apontão, e não a negativa dos francezes.

Biblioteca Nacional, código 2666, fl. 16.

Sousa Coutinho ao Conde da Vidigueira

1644 — Fevereiro, 1

Recibi a carta de V. Ex.^{cia} de 23 do paçado, e me alegrei muito de que V. Ex.^{cia} ouvesse recebido carta de Portugal, e com ellas as que vierão para Luis Pereira de Castro, com que cessou a desconfiança com que o sentia. S. Magestade lhe mandou as mesmas ordens que tinha mandado a Francisco de Andrada Leitão, e de mais a mais o dinheiro que lhe manda dar. No particular que V. Ex.^{cia} me aviza com a cifra nova, não entendo cousa alguma, e deixo de fazer reposta a esse respeito. As que trouxe, ou me derão em Portugal para França e Inglaterra, vierão por erro, e nenhuma

convem com esta de V. Ex.^{cia}. Será necessario mandar-ma V. Ex.^{cia} pelo proprio, se lhe parece que não corre perigo.

Nos mais negocios de Munster estou do parecer de V. Ex.^{cia}, que deve S. Magestade, que Deos guarde, mandar com o Marquez de Cascais, ou novas instruções, ou final deliberação sobre as que tem mandado. Sua vinda he de utilidade para muitas couzas, e quererá Deos que cessem os escrúpulos com a clareza que trará, para que todos fiquemos contentes e S. Magestade melhor servido.

Os Estados Gerais derão em reposta ao Doutor Francisco de Andrada o que V. Ex.^{cia} verá da copia que elle manda a V. Ex.^{cia}, e como falão de baixo de condição, me parece advertir a V. Ex.^{cia} que será de effeito procurar do Cardeal Mazarini, ou de quem a V. Ex.^{cia} parecer, huma carta para os Plenipotenciarios francezes, pela qual procurem de fazer ao Doutor Francisco de Andrada a mesma protecção que fazem ao Doutor Luis Pereira, porque com isto cessarão as duvidas que se podem pôr ás palavras ambiguas da reposta dos Estados; que supposto dizem que de castelhanos se obrigão a segurar sua pessoa, mas que dos Imperialistas não, não chegão declaradamente a fazer obrigação segura, mais que na forma que V. Ex.^{cia} verá do papel de sua reposta; e por evitar medos e desconfianças, tomará V. Ex.^{cia} á sua conta procurar esta protecção pelos de França na forma que se tem dado e promettido ao Doutor Luis Pereira, porque já não poem duvida na ida o Doutor Francisco de Andrada, mas duvida da segurança, sem embargo que entendo delle está disposto para seguir em tudo as ordens que tem recebido de S. Magestade.

Nos mais negoceos espero rezolução dos Estados, e sobre a India Oriental me não contento com o que lhes tenho proposto, mas detremino de fazer novo requerimento em audiencia geral, porque entendo que assim convem. No de Angola ha duvidas, mas apparencias de boa reposta. Se valerem diligencias, tudo nos succederá bem, mas isto corre á conta de Deos, de quem espero os melhoramentos que dezejamos.

As preparações de França e Espanha são ventajozas neste anno ás dos passados. O certo he que *sub clypeo* se ha de fazer a paz, e nestes termos tanto se accessentará S. Magestade tambem quanto obrar contra o inimigo. Do Imperio tenho por nova que dão graças a Deos pelo tempo que os suecos os deixão descansar: não ha que temer dali couza alguma, e para Abril tornará Conismarck (1) com hum bom exercito contra o Imperio, que os soldados de experiencia não perdem o acordo com bonanças para deixar de proseguir o que lhes está mais de conveniencia, e V. Ex.^{cia} ouvirá o que monta neste cazo o retiro de Dorstenson (2). El Rey de Polonia manda a Roma a dar satisfação de não receberem naquelle reino o Nuncio que S. Santidade mandava, porque declararão que o arcebispo de Gnismi (3)

(1) Johann Christoph, conde de Königsmarck, marechal do campo sueco.

(2) Lennart Torstensson, conde de Otala, general sueco.

(3) Gnesen?

he *legatus natus* por concessão de S. Santidade, e desta maneira escuzar outro em Polonia. Ainda agora não ha movimentos de consideração; com a entrada da primavera se irão melhor entendendo. V. Ex.^{cia} se pode appellarhar para mayores emprezas, porque as de consideração são para V. Ex.^{cia}, que sabe deligenciar com modo o que convem ao serviço de S. Magestade.

Biblioteca Nacional, códice 2666, fl. 65.

Sousa Coutinho ao Conde da Vidigueira

1644 — Fevereiro, 1

Quiz que fosse a que vay com esta escrita pelo Secretario da embaixada, assi para lhe darmos exercicio, como para a poder mostrar a Francisco de Andrada, que anda furiozissimo e ciozissimo, despois que aqui está Luis Pereira, porque tem por agravo não nos conformarmos nos votos com elle. Se fora por mi só, facilmente viera em cuydar que o desviar-me era falta minha, mas como tenho por mi a V. Ex.^{cia}, he forçoso que crea que aserto. Nenhumas outras diferenças nem desunião ha entre nós outros, mas este sente tanto, que se tem divulgado por maior, nascido por ventura de seus criados, diante de quem dise tudo; em tanto que tivemos nesta semana cartas de Rodrigo Botelho, em que sobre a materia nos amoesta por cartas particulares a todos tres. Os dous calavamos, e chegando-se a tratar em cousa bem distinta, s'enviou a nós apayxonadissimamente e nos fez tamaninos com hum oução (?): não sabiamos em que o negocio topava, até que se declarou e tirou da sua; nenhum sabia hum do outro, até que tiramos tão bem das nossas, com que socegou. Imaginava que nascêra a advertencia de Rodrigo Botelho de cartas nossas; no meo da furia não ficou V. Ex.^{cia} de fora, que também lhe fes sua comemoração; verdade seja que ou fose por respeito a V. Ex.^{cia}, ou pollo entender asi. Rematou o sermão com huma exclamassão ao Doutor Antonio Muniz, carregando-lhe todas as culpas das reprehensões que V. Ex.^{cia} lhe dá. Emfim senhor este homem he de temperilhos; ha mister ir muito atento com elle; comtudo esteja V. Ex.^{cia} certo que não ha desavença entre nós. He bem verdade que lhe paso eu por cousas que por ventura as não pasaria a V. Ex.^{cia} ou a outra calidade semelhante; quer que seja eu embaxador de anel e se-lo hey de menos polo não desgostar.

Nesta reposta dos Estados não quizera fazer juizo temerario, porem creo que tem muita parte nella a pouca vontade de Francisco de Andrada, porque todas as suas rezões achey ontem em Monsieur de Avvos (1), e La Tulleria (2), que estava com elle, as ajudou com grande calor, porque foi sempre de contraria opinião; apontarão-me replicas a El Rey nosso senhor e outros meos, a que lhe respondy por ultima concluzão que os embaxadores

(1) d'Avaux.

(2) Gaspar de la Thuillerie, embaixador francez na Haya.

de Portugal obedeciamos ás ordens de nossos Reys e que não replicavamos, porque fiavamos mais dos nossos conselheiros de estado, que de nossos pareceres; assi que convem que V. Ex.^{cia} procure a carta que digo, com advertencia que esa minha ha de ser com os olandeses e a protecção em Munster, que eu não sey o que neste ha, que todos desejão de se aliviar de Andrade. V. Ex.^{cia} disponha o negocio, mas a elle não duvide em que vay, antes lhe louve a resolução de ir. Perdoe V. Ex.^{cia} a letra, que he ja de quem vê mal.

Biblioteca Nacional, códice 2666, fl. 67 (carta toda autografa e de leitura difficil)

Sousa Coutinho a El-Rei

1644 — Fevereiro, 8

Com esta mando a V. Magestade a reposta que nos derão os Estados sobre a hida do embaxador Francisco de Andrada Leitão a Munstar na companhia de seus plenipotenssiarios, e posto que pudera ser com menos cláusulas, inda quando não fosse com mayores seguranças, não a tenho por tão fora de caminho (consideradas suas rezões) como a querem entender os embaxadores de França e o nosso; porque se bem com ella se não obrigão a toda a segurança, tão pouco se não colhe o total dezamparo nos incidentes que podem sobrevir. Será por ventura pelo eu não entender bem, porque assegurar em outra forma seria obrigaren-çe a hum impossivel.

Dificultozamente dizem que poderão deffender o nosso embaxador depois de estar em Munstar; que assy haja de ser quem pode duvidar?; porque de trez maneiras succederão os cazos que podem sobrevir: o primeiro se de mão armada quizerem offender os nossos e que nem França, Suecia nem Olanda os poderão deffender: o segundo menos, se de noite ou de dia, em caza ou fóra della, lhes quizerem tirar com huma pistola, e em o terceiro cazo, que he o que succedeo em Roma ao Bispo de Lamegõ; e neste nem negão a defenção, nem deixarão de a fazer, com o que tenho que a reposta he a que podião dar; môrmente quando para a disculparem, se valem da neutralidade que guardão com o Imperio e a quem quizerão dar huma tacita satisfação. Porem como os entendimentos são tão diversos, disto mesmo tira Francisco de Andrada consequencias forçozas para não hir, que fomentão todos os tres embaxadores de França, e sendo que o assento da reposta se tomou juntamente com elles, dizem que variarão depois nella, e que não he boa; e quando lhes pedy que a fizessem emmendar, me respondêrão que sabião que os olandezes não darião outro sinal de que todos juntos affirmarão. Fui dar della conta despois em particular ao senhor dAvos, com quem achei o embaxador ordinario, que nunca tive por tão bem affecto a nossas couzas como meu companheiro, e depois de largas disputas lhes pedy parecer no que devia fazer: assentárão ambos que replicar a V. Magestade como seu embaxador e não Francisco de Andrada, porque he parte no negocio. Res-

pondi lhes que os embaxadores de Portugal não costumavamos replicar ás ordens de seu Rey e porque as tinhamos por sagradas, mórmente estas que havião nascido primeiro da disposição de França: que o que lhes perguntava era o que se poderia fazer com os Estados, para que ou dicessem mais, ou não dicessem tanto, ao que não acháráo que haveria remedio e ficárão constantes em sua opinião, por onde inferi que elles dezeirão e procurarão que Francisco de Andrada não vá a Munstar por huma de duas couzas. A primeira não direy, porque pode ser juizo temerario (queira Deos que me engane nelle); o segundo sy, que he parecer que querem que não haja pessoa que trate com os plenipotenssiarios de Olanda. Os fins para quê, verá V. Magestade claramente dos papeis que manda Luis Pereira de Castro. O que acho ser conveniente he que o Doutor Francisco de Andrada vá com os hollandezes, porque bastará sua assistencia e ordinaria comunicação com elles, para que os de França não consigão seos intentos, sem sospeita de que lhos podem estrovar, dando-lhes a entender que lhos alcanção (se fôr cazo que se trate de suas conveniencias), e poder-se-ha por este meyo obrar melhor só com a assistencia do que com outra qualquer intervenção, ainda que mais consideravel; e por mais que o Doutor Francisco de Andrada tema perigos. eu lhos não considero, e entendo que se V. Magestade lhe mandara as ordens sobre a ida, que em cazo que os Estados o não quizessem levar, se fosse para Portugal, tenho por infalivel que menos difficuldade acharia nesta emþreja e que com menos segurança seguiria avante com sua ida; mas elle diz que V. Magestade lhe ordena que não arrisque sua pessoa e que não vá sem lhe darem segurança, com que se fôr e lhe soceder algum infurtunio, que fica V. Magestade desobrigado de satisfaze-la, se os netos e molher pretenderem, e que da mesma maneira fica arriscado a que V. Magestade lhe mande cortar a cabeça por hir sem a segurança que pede na forma que V. Magestade ordena. São palavras formais suas. El Rey de França, nas cartas que escreveo aos Estados Gerais, lhes pede que seos embaxadores levem em sua companhia ao embaxador Francisco de Andrada a Munster, para ahy tratar com os mais da justiça de V. Magestade, porem a segurança reserva para si, como das dittas cartas se colhe, e os mesmos Estados o considerárão antes da rezolução; assi que por esta via sempre a segurança he boa, porque fica á conta de França, e a ida á dos Estados, que já promettem. Sem embargo disto, escrevi ao Conde Almirante que procurasse huma ordem del Rey de França pela qual mande a seos plenipotenciarios que digão ao Doutor Francisco de Andrada que vai seguro debaxo de seos passaportes, como vai a pessoa do Doutor Luis Pereira de Castro, posto que os dittos plenipotenciarios estão de diferente opinião do que ao principio estiverão neste particular. Querem porem os Estados que o Doutor Francisco de Andrada dispa primeiro a qualidade de embaxador, porque de outra maneira seria fraude levarem-no com este titulo. Wosberg, estado de Olanda e deputado destas embaxadas, me disse que para averem de levar ao doutor Francisco de Andrada era necessario que primeiro se despedisse da embaxada e sahisse da caza dos Estados em que costumão

agazalhar os embaxadores, e o mesmo eu lho disse logo. Disse o Príncipe de Orange a Dom Luis de Portugal, que tãobem lho veyo dizer, porem o Doutor Francisco de Andrada acha ainda que pode sua opinião ser mais segura e acertada: da minha fio pouco, só faço o que devo em avizar a V. Magestade, como elle deve tambem de fazer, e pedir que em cazo que se dilate mais esta ida e os negocios da Dieta corráo a mesma dilação, conforme se entende, o mande V. Magestade prover no que se ha de fazer rezolotivamente, porque com isto cessarão duvidas e não se empatarão os negocios. Nos que são de minha obrigação tenho feito o que V. Magestade me ordenou, havido dos Estados reposta em que prometem levar ao Doutor Francisco de Andrada a Munster, que he o intento, e o Doutor Francisco de Andrada acode a elles tambem, por entender que sua agencia he de tanto effeito que obrará melhor, porem como nos pareceres algumas vezes não convimos, entende que he agravo não ajustar-me com sua opinião. Se me pergunta o que devo fazer sobre a sua ida, lhe respondo que seguir as ordens de V. Magestade, que o mandão hir a Munster porque assi convem, e depois dis que porque o dezejo daqui fóra, lhe dou este parecer. Este negocio não he de votos, nem V. Magestade o ordenou assi; e eu quasi desconfio de que se imagine que dezejo estar nesta embaxada muito tempo, porque quero e dezejo só o que convem ao serviço de V. Magestade. Hum dia destes, visitando o embaxador Francisco de Andrada aos de França, veyo dizer que o persuadirão a que não fosse a Munster. Quis persuadir tambem ao embaxador Luis Pereira de Castro o mesmo, e que só fosse a ida thé os confins de Hollanda, mas que não entrassem em Munster sem primeiro saber-se o que se ordenava; a que o zelo e valor de Luis Pereira não differio, antes estranhou muito e de que se pode imaginar que poderá não ter effeito sua ida. Bem he verdade que o não posso ainda affirma-lo, porque não acaba de rezolver-se, porem está duvidoza esta ida por huma e outra couza. Em cazo que fique, mande V. Magestade ordenar o que se deve fazer, com que cessem exemplos e tudo redunde em serviço de V. Magestade; e porque o rigor dos frios e gelo tem impedido a navegação destes portos, mando esta por via de França, para que vá com mais brevidade, e com a mesma venhão as ordens que V. Magestade fôr servido.

Não faça duvida ser a reposta dada ao Doutor Francisco de Andrada e a 23 de janeiro, avendo-a eu procurado, porque foi a respeito da segurança que naquelles dias andou solicitando, e não por outro.

Torre do Tombo, códice 1341, fl. 28, verso (cópia).

Sousa Coutinho a El-Rei

1644 — Fevereiro, 8

Dilatou-se a reposta de Angola tégora, porque esperavão os Estados Geraes pela que avião pedido á Companhia, que conforme tenho alcansado, a derão

já aos Estados. Espero pella resolução della, e não estou desconfiado de ser a que pretendemos, se ouvermos de crer o que em particular nos dizem todos e em conferencia prometêrão aos embaxadores de França, os quais não cessão nas instancias; para o que tem em todos os correos novas recommendações de seu Rey, procuradas pelo Conde Almirante, que neste, como nos mais particulares, não descansa. Nas mesmas esperanças me pos o que o Principe de Oranje me disse, e de novo me mandou dizer por seu sobrinho Dom Luis de Portugal, de que os Estados determinavão dar a V. Magestade inteira satisfação. Fizera escrupulo, chegando a falar neste fidalgo, não informar a V. Magestade do zello e amor que nelle cada dia mais vou achando para o serviço de V. Magestade. Sem embargo de tudo o que digo, receyo que os Estados dilatam alguns dias mais a resposta, porque a da Companhia vem fundada nos testemunhos de quatro bargantes portuguezes, dos que remiti a esse Reyno, que obrigados com humas poucas patacas jurarão que os nossos querião fazer aos olandezes o mesmo que elles nos fizerão. Ajudarão tãobem isto alguns castelhanos, porem os Estados, com as informações que lhe temos dado, pellas que mandou de Pernambuco o Conde Mauricio, e por esta diligencia se fazer aqui e não em Angola e com tal gente, julgão esta maldade por próva de todas as passadas, e assi entendemos que quando dilate não danarão. Quando soube do que estes homens avião feito, tiz que o secretario da embaxada acudisse a Amstardão, mas foi a tempo que erão já partidos; avizo-o a V. Magestade para que os mande castigar, e os nomes vão no papel incluzo (1).

Aqui anda huma nova de ontem para cá, vinda pelos navios das ilhas Caniballes em Indias, que dizem que o Perú está por V. Magestade. Ainda que a nova trás consigo impossibilidades, que perco eu em a crer? Falão tambem em Cartagena, e como envolvem huma couza com outra, se ha alguma, persuado-me que pode entrar aqui o Marquez de Villhena, porque das circunstancias que referem [mais] parece isto movimento em Nova Hespanha que no Perú. Deos o fassa: se achar mais clareza, avizarei a V. Magestade logo.

Torre do Tombo, códice 1341, fl. 3o (cópia).

Sousa Coutinho ao Conde da Vidigueira

1644 — Fevereiro, 8

Estou sem quem me escreva, e por não dar trabalho a V. Ex.^{cia} com a minha letra, me remeto á carta que escrevo a S. Magestade, para se acaso ouver em algum desses portos navio para Lisboa primeiro que destes, que de todo estão impedidos com os jelos; e pareceu-me que convinha o dar avizo a S. Magestade do que convem para Munster, que inda que nos tinha

(1) *A margem*: — José da Costa, ajudante — Pero Pires — Domingos Poderoso — Mathias Carvalho — Antonio Mendes.

paressido a Luis Pereira e a mim que se perdéria pouco em não ir Francisco de Andrada, estammos ouje de contrario parecer, e entendemos que se arrisca o negocio; que pollo mesmo cazo que os francezes dezejão que não vá, nos convem a nós, para que aja quem possa apontar huma sospeyta, quando seja necessario fomentar huma desconfiança. Tudo o que neste particular pudera dizer a V. Ex.^{cia} vay nã carta de El-Rey, que para que V. Ex.^{cia} a veja, mando aberta. De tudo o que nella digo, são testemunhas Luis Pereira e o secretario, mas inda não digo tudo o que pudera, assi porque não parecesse que pode ser payxão, como por que determino chegar ás ultimas censuras de protestos. Se V. Ex.^{cia} lhe parecer dispôr com alguma exortação a Francisco de Andrada, o pôde fazer, dizendo-lhe que eu escrevy a V. Ex.^{cia} das duvidas em que estava, não de resolução; e se contudo a V. Ex.^{cia} lhe parecer que não convem ir essa carta a S. Magestade, eu me acomodo á dispozissão de V. Ex.^{cia}, porque nenhuma couza quizera mais que todos assertáramos, que o serviço de nosso amo se fizesse, e fizesse-o qualquer.

Aquí ha novas vindas por olandezes, mas ainda em confuzo, de que o Perú está por Portugal. Pouco fundamento lhe acho, mas emquanto as não ouver em contrario, que se perde em as crer[?].

Bibliotheca Nacional, códice 2666, fl. 69 (carta toda autógrafa).

Sousa Coutinho a El-Rei

(Sem data)

Mostrou-me Dom Luis de Portugal huma carta que lhe escreve o frade que em suas pretenções tem nesse Reyno: contem propostas que dá a entender lhe forão feitas por ordem de V. Magestade. Pedio-me parecer para a resposta, e para o como que se deve portar no serviço de V. Magestade, mostrando que será para elle este maior interesse que os grandes acrescentamentos de sua caza, entrando em hum de seus filhos o priorado de Crato; mas não sey se presumio, que como esta oferta vem da condição de fazer restituir as prassas de V. Magestade ocupadas polos olandezes, que ou he querer-se V. Magestade por este caminho eximir de lhe fazer mercê, ou fiar pouco da agencia de seus embaxadores. A ambas as duvidas lhe respondy pollo mesmo modo que lhas alcansey: sem se declarar lhas entendy, e sem me declarar as satisfiz; e porque me pareceo que não bastava isso só, quis dar conta a V. Magestade assim.

Torre do Tombo, códice 1341, fl. 31 (cópia).

Sousa Coutinho ao Conde da Vidigueira

1644 — Fevereiro, 15

Tenho entendido por segundo aviso de Alemanha que o Transilvano se preparava para entrar com vinte mil homens na Ungria, e que na corte do Imperador se soube este intento, por humas cartas que se tomárão a hum correo que o governador de Oltmuz tinha despachado ao Ragoczy, e por esta causa se entende que não darão socorro á Dinamarca os austriacos, porque bem farão quando se defendão ou recuperem as praças que estão pelo sueco nas suas Provincias: e tãobem se imagina que o Polaco nem Moscovita se moverão, porque lhes não venha a mesma sorte que aos danos. Tudo isto faz em que se prezumão mayores dilações na junta de Munster do que se imagina, e não faltão cá pensamentos que lanção este negocio a novas propostas, e novos accordos. Ordene Deos o que fôr servido, que de hum e outro modo esperamos que as couzas do nosso Portugal cheguem ao estado que todos dezejamos.

Pela reposta dos holandezes veria V. Ex.^{cia} que não negão a Francisco de Andrada a companhia com os seus embaxadores para Munster, mas que só reparão no modo. Os de França varião, porque falando Monsieur de Avaux com Luis Pereira de Castro, lhe dá tão boas esperanças que não ha mais que desejar, e quando Francisco de Andrada lhes fala, tras-nos differentes novas. O que entendo neste particular he que Francisco de Andrada acha só os inconvenientes e se lhes representão os perigos e duvidas ao mesmo passo: e porque se vai previnindo tudo sem deixar meyo escuro, avizei a V. Ex.^{cia} quizesse procurar nova segurança para elle na forma que a leva Luis Pereira de Castro, já que nem quer entender as cartas que o Christianissimo escreveu a estes Estados o anno passado solicitadas e mandada huma por V. Ex.^{cia}, nas quais segura as pessoas dos embaxadores de El-Rey de Portugal, e só pede aos olandezes levem em sua companhia a Francisco de Andrada com as demais ajudas em que elles podem lá prestar; e como isto cae sobre pontos de opinião, venho a inferir que não ha outra duvida mais, que o não poder acabar de despir a qualidade de embaxador, e faltar-lhe para este lanço a confiança que fas paresser o mais dificultoso, e conciderar perigos onde os não ha, nem se devem esperar. Sirva-se V. Ex.^{cia} de fazer esta diligencia que lhe tenho encomendado, que com isso entendo que não terá mais que duvidar. Depois que dei a minha ultima proposta aos Estados, parece que achárão era acerto o que nella lhes disse, de que vinha mandar-se embaxador destes Estados a Portugal, e posto que meo companheiro entendia que elles o não avião de lazer, contudo tem o secretario Feliciano Dourado alcançado e dado-me conta que estão tres embaxadores propostos em junta dos Estados, para Portugal, Veneza e Constantinopla. Espero que tenha feito, e que com isto venhamos a concluzão nos negocios e não fiquem tantas diligencias frustradas pelas que V. Ex.^{cia} fas em pro-

curar cartas, para que se execute quanto antes o negocio de Angola. Sem embargo de que he serviço de S. Magestade e obrigação preciza, beijo a V. M.^{cia} a mão pelo cuidado, e espero que com melhorados successos vejamos algum dia o bem que todos procuramos e dezejamos.

Biblioteca Nacional, códice: 2666, fl. 71.

Sousa Coutinho a El-Rei

1644 — Fevereiro, 18

Recibi a carta de V. Magestade de 21 do mês passado, e posto que tenho aviso de que V. Magestade me mandou remeter mais cartas, me não chegarão thé agora. No particular do negocio de que dei conta a V. Magestade sobre Dinamarca, tenho já em outras advertido que por hora não tem lugar, porquanto a guerra que os suecos moverão contra aquelle reino impedirão os desenhos de que se podia tratar aserca da paz geral, e como agora aquelle Rey he tambem parte, e continuando a guerra com os suecos, não terá lugar de ser mediador da paz de Munster, cessão as cauzas para que podja servir o intento de que mandei a V. Magestade relação na carta de 22 de outubro passado (1). A segurança do negoceo, a poca despeza a que me obrigava e caminho por onde corria, estava tão prevenido que esperava hum bom successo nelle, se esta guerra presente o não impedira; e as mesmas prevenções ficão rezervadas para que, se o tempo tornar a correr favoravel para Dinamarca, e chegar a meresser o titulo outra vez de mediador da paz geral, se possa lançar mão dellas com a mesma segurança que de antes era, e se assí for, primeiro darei conta a V. Magestade.

Estes Estados tem promettido que hão de dar contentamento a V. Magestade sobre o incidente de Angola, e como eu nas vezes que em audiencia publica lhes falei, e dei papeis, como se pôde ver dos que tenho mandado a V. Magestade, lhes mostrei, e dei a entender que convinha mandarem embaixador a esse Reino, por ventura que estas lembranças publicas com o que elles entendem que convem, obrárão de maneira que tenho entendido: que hum dia destes propuzerão em junta que convinha mandar embaixador a V. Magestade e derão logo conta ás suas Provincias de quem esperão a approvação. Mandando-o, poderá ser que guardem para elle levar esta boa nova que aqui andamos solicitando; pelo menos será hum meyo pelo qual venhão os negocios de Portugal a compôr-se com estas Provincias na forma que todos desejam.

Já dei conta a V. Magestade de como a Companhia da India Oriental tinha acabado seo tempo de navegar á India com os privilegios otorgados pelos Estados Gerais, e procurando prorogação de novo tempo, se lhe não tem concedido the gôra, mais que ás somanas *pro interim*, e querem as

(1) Falta esta carta no copiadador.

Provincias todas entrar ao interesse, aliás que se lhes não prorogue o tempo, o que os da Companhia impugnão e não querem admitir semelhante proposição; e como as instancias são muitas e os sobornos mayores, entende-se que alcançarão o que quizerem, porque largar a India nunca os Ollandezes o farão voluntariamente, se alguém os não obrigar por força; e quer se prorogue, ou não, o tempo, sempre a navegação he sua, mas com differença que avendo Companhia, corre só por sua conta esta navegação, e não a avendo, corre por conta dos Estados e podem todos livremente navegar lá; e porque a occazião mostra algumas esperanças de negocear, espero que os Estados lhes não prorogueem o tempo que pedem, sem primeiro se comporem com as couzas desse Reyno firmemente, para que nunca jamais pelo tempo adiante aja lugar de desavença entre elles e os portuguezes naquellas partes. Isto he o que procuro, por me parecer que he o caminho que ha para a pretensão do negocio. Tãobem me persuado que a Occidental, logo como a Oriental se despachar, tratará de querer a mesma prerogação, posto que não tem ainda acabado o tempo; e da mesma maneira estou prevenido para oppor-me aos intentos, salvo com as condições apontadas com a outra Companhia, e com a restituição das praças usurpadas depois da aclamação de V. Magestade, e com esta Companhia Occidental entendo que se poderá melhor obrar, e não desanimo da empreza, mas não com a facilidade que nesse Reyno imaginavamos, porque conforme tenho alcançado, não se ha de differir ao negocio principal da embaxada de Francisco de Andrada na fôrma que se dezeja, menos que acabado o tempo desta Companhia, porque podem então os Estados absolutamente dispor a seo alvedrio, o que não pôde ser emquanto dura o tempo dos privilegios, sem grandes duvidas, requerimentos, desgostos e alterações; alem de que são todos parte interessada, e não he bastante o poder que tem, e o dezejo que mostrão de servir a V. Magestade para que desembaraçadamente concluão menos do tempo acabado, o que se deixa bem ver da dilação com que sempre forão estendendo este negocio. E se V. Magestade me dá lisença, entendo que qualquer outra reposta anticipada e pedida nesta occazião agora, será pouco util e de nenhum interesse ás pretensões a que V. Magestade cá mandou seos embaxadores; e os de huma e outra Companhia estão tão dezejozos de que V. Magestade se desgoste da reposta que dos Estados se procura, que dezejão que se dê logo, porque sabem que de presente não he igual a nossa pretensão e cuidão que com isso romperá V. Magestade guerra com elles, que he o que mais dezejão para sahir com seus intentos á escancara; e tanto he este o seu dezejo, que ouve mercadores que me vierão dizer que os da Companhia Oriental dizião que esperavão ter brevemente guerra com os portuguezes na India, porque V. Magestade não dera licença a minha mulher para vir a Hollanda, de que inferião que sahirião os embaxadores tãobem. Digo isto a V. Magestade para que se entendão os pensamentos desta gente, e o pouco que obrão os Estados, por mais que o dezejem, emquanto ouver tempo e privilegios nas Companhias; e se os Estados gerais não differirem a minhas instancias, prorogando-lhe tempo sem condições expressas de novo feitas sobre as couzas da

Índia e mais conquistas, entender-se-ha então que obrão menos do que promettem e não esperará V. Magestade delles couza alguma, com dezengano certo; porem entendo que o contrário se seguirá, porque os Estados Gerais dezejão com muitas veras a paz desse Reyno e a amizade e aliança de V. Magestade, conforme dão a entender, e dizem tanto no publico, como no particular, e espero que se ha de conseguir hum dezejado successo; assim o confio da misericórdia de Deus.

Torre do Tombo, códice 1341, fl. 34 (cópia).

Sousa Coutinho a El-Rei

16.4.º — Fevereiro, 18

Logo que soube da morte do Arcebispo de Evora, quis escrever a V. Magestade e não avia navios antes dagora, porque dezejei fazer a V. Magestade huma advertencia, que indo pois eu fora da obrigação do meu officio, cabe na de meu zelo e amor ao serviço de V. Magestade. O arcebispo de Evora andou sempre na *Caza Real*, e posto que em tempo que avia nella mais infantes, foi tambem em o que avia menos necessidades no Reyno, e quãdo detras estava livre de guerras: se a V. Magestade parecesse (considerados os gastos presentes) nomear nelle o senhor infante Dom Afonso, seria fazer effectivos para ajuda das despezas da guerra pouco menos de 80 mil cruzados, emquanto a pessoa de S. Alteza não chega á idade de logra-los, e quando pelo tempo adiante não convenha servir a vida ecclesiastica, sempre fica lugar á renunciação e seguir a militar; quanto mais que não implica huma com a outra, porque de mui pouca idade era o Infante Fernando de Castella quando seu pay Phelippe pos nelle o arcebispo de Toledo, e tendo idade para se ordenar, o não o fez, e governou os estados de Flandes, fazendo ambos os papeis secular e ecclesiastico: cujo exemplo poderá V. Magestade mandar considerar se he conveniente o que aponto, applicando-lhe tambem o priorado do Crato, pois sendo tão dilatada e rica a monarchia de Castella, e não avendo nella mais que tres filhos, se tomou para hum delles. Parece-me que não encontra isto a pretensão de D. Luis de Portugal, de quem tenho sabido que V. Magestade lhe faz mercê do priorado do Crato para hum de seos filhos, (conforme lhe escreveo hum padre por quem se mandou offerecer ao serviço de V. Magestade e tratar de suas pretensões), com condição que fizesse com o Principe de Oranje e Estados Gerais que restituão as praças usurpadas; da qual condição me deo a entender que ou V. Magestade se queria escuzar de lhe fazer mercê, ou que os embaxadores que V. Magestade cá tem não sabião obrigar aos Estados e Principe de Oranje para que concedão a rezolução de nossas pretensões; e porque tenho sobre este particular dos Estados e sua tenção ditto a V. Magestade o que tenho alcançado em carta particular que vai com esta, direi só que com mais difficuldade poderá D. Luis alcançar isto dos Estados

e Príncipe, do que os Embaxadores de V. Magestade. A cauza he que Dom Luis tem só o favor do Príncipe de Oranje seo thio, porem o Príncipe não se ha de empenhar por elle de maneira que alcance esta pretensão, porque está muito velho e muito enfermo; e como os Estados Geraes vivem com alguma desconfiança d'elle em respeito del Rey de Inglaterra (1), não se atreve o Príncipe mais que a estabelecer (*sic*) seo filho no governo e mando que possue, e não ha de empenhar-se com os Estados mais que a seo respeito e estes á sua conveniencia e possibilidade, como já avizei a V. Magestade; e como Dom Luis não ignora esta razão, está com algum sobresalto de que V. Magestade o dispida por este caminho e fique sem o refugio que espera da grandeza de V. Magestade. O que posso affirmar he que não terá V. Magestade vasallo mais affecto, nem quem melhor dê a vida pelo serviço de V. Magestade que Dom Luis de Portugal, e cada ves mais enxergo nelle lanços de mayor amor e ferverosos dezejos de se empregar no que V. Magestade o mandar occupar; e como V. Magestade tem com que poder pagar seo animo e serviços em forma que se dê elle por contente e V. Magestade fique satisfeito dos que elle fará quando V. Magestade lhe dê occupação, digo que não encontra sua pretensão o provimento do priorado do Crato em S. Alteza, posto que sem o escrupulo da condição referida V. Magestade queira dar-lho para hum seo filho, como elle espera, e como em sua pessoa cabem mercês que em S. Alteza não, pôde V. Magestade nem deixar descontente a Dom Luis, e rezervar o priorado do Crato para o senhor Infante D. Afonço.

Eu o inculquei a V. Magestade para a embaxada de Roma; ainda não deço da opinião, sendo na forma que propus a V. Magestade de que elle procurasse ser admittido por embaxador de V. Magestade, e que conseguindo-o, se lhe mandarião instruções e salarios; fis esta proposta sem lhe dar della conta, pelo não desconfiar se se não approvasse, e agora veyo elle a offerecer-se para o mesmo effeito e pedir-me o avizasse a V. Magestade, dando-me para isso as mesmas razões que tenho apontado, e acrescentando que pois V. Magestade tem mostrado querer-lhe dar de comer, quer que tãobem lhe dê V. Magestade occasiões para o merecer. Contenta-se por entretanto com ajuda de custo e quinhentos cruzados por mez, enquanto não exercitar o officio; he bem conhecido do Papa; tem familiaridade com os sobrinhos, de que tenho alguma certeza, e sua molher parentesco com alguns cardeais; e creio que se neste negocio não obrar o que convem, o não perderá mais do que está, e he caminho este de o conhecer melhor, de eximir d'elle, ou de lhe fazer mercê.

No papel incluso vão as novas que tive mais frescas e tenho por mais certas, as quais me vem de Colonia, donde de presente está aquella pessoa em que tenho falado a V. Magestade que o avia de inculcar, sahindo-me

(1) Carlos I era parente do Príncipe d'Orange, por ter casado a filha com Guilherme, herdeiro do Príncipe, e estava então em guerra com o Parlamento, com cuja causa sympathizavam os olandezes.

certas outras, para se empregar no serviço de V. Magestade nesta occupação, não digo só o dar novas, senão para advertir muitos segredos de importancia, pela muita noticia e conhecimento que tem de todas as côrtes e Principes de Europa. As presentes levão muito caminho de certeza, porque de humas temos algumas noticias e as outras condizem muito com as que temos por papeis de que elle a não pôde ter, e este he o mesmo que advertio o negocio de Dinamarca, que, como já em outra digo, tivera o successo que V. Magestade podera querer.

Torre do Tombo, códice 1341, fl. 35 (cópia).

Sousa Coutinho ao Conde da Vidigueira

1644 — Fevereiro, 22

Não respondo ao primeiro ponto da carta de V. Ex.^{cia} porque he materia de que já não faço cazo, pelo costume em que estou posto, ouvindo todos os dias a meo companheiro que se não descuida de atalhar pelos meos que pode os obstas de suas duvidas, com que detrimino de neste particular deixa-lo, porque poderá ser que com menos instancias venha a concluir, o que obrigado não admite.

No 2.^o ponto digo a V. Ex.^{cia} que a resposta me não parece tão rigurosa como quer o doutor Francisco de Andrada que seja, nem eu delles esperava outra, porque el Rey de França não pediu aos Estados que o segurassem nas duas cartas que V. Ex.^{cia} mandou o verão passado, se não que o levassem, e rezervou a segurança a sy debaixo de seos passaportes, que comprehendião todos os aliados e confederados: e porque V. Ex.^{cia} da carta que escrivi a S. Magestade averá visto estas mesmas razões, deixo de tornar a referi-las; assi que o que pedi a Ex.^{cia} não era couza alguma de novo, se não que el Rey de França mandasse dar comprimento ás cartas, porque se não me engano, nellas se contem o assima ditto; e ficava sendo facil avisar a seus plenipotenciarios que a pessoa de Francisco de Andrada teria a mesma segurança em Munster que a de Luis Pereira, que isto não he ter protecção a meas, se não a que he necessaria: porque nem os Estados podem da-la em cazo que quizessem, que como vão tambem a rogo de França, e a seo respeito se lhes concedeo passaporte, não tem elles lugar nem authoridade para conceder, nem dar o que não tem nem podem: poder-me-hei enganar, porem considere V. Ex.^{cia} as palavras das cartas de el Rey de França, e achará que reserva para si a segurança dos embaxadores de S. Magestade.

Fica mais servindo esta nova carta que pedimos para que os plenipotenciarios de el Rey não cheguem a persuadir-se de sua opinião a nosso respeito; porque seja V. Ex.^{cia} certo que a resposta dos Estados não foi dada sem elles o saberem, antes presumo que elles são os que assi o quizerão por seus particulares respeitos, que he o mesmo; porque convem que Francisco de Andrada vá com os embaxadores dos Estados, porque quando não faça outra

cousa, cuidão os outros que levão feito muito, que para os inimigos basta o reço e para os amigos a desconfiança. Os Estados não negão a companhia como seja na forma que pedem. V. Ex.^{cia} me faça mercê procurar a carta de protecçam, que como não he mais que segurar a pessoa de Francisco de Andrade na forma em que vai a de Luis Pereira, não faz duvida, nem terá difficuldade, môrmente quando monsieur de Avoux no principio lhe offereceo sua companhia.

No particular do Thillerie (1), como são da mesma opinião, elle e Francisco de Andrada, he força que sejão amigos, e a nós pairesse mal tudo o que encontra o intento de que pode resultar proveito em o serviço de S. Magestade: não ha outra couza. Tenho entendido que á barra de Amsterdam são chegados navios de Lisboa: espero nelles cartas de S. Magestade: do que alcançar avisarei a V. Ex.^{cia}.

Bibliotheca Nacional, códice 2666, fl. 70 (carta com muita cifra).

Sousa Coutinho ao Conde da Vidigueira

1644 — Março, 7

Como reposta a V. Ex.^{cia} de duas cartas de 20 e 27 do passado, que contem quasi ambas huma mesma couza, e com huma só palavra respondemos a tudo, que he aver-se rezolvido o s.^r embaxador Francisco de Andrada a hir a Munster, rompendo todos os montes de difficuldades que francezes e holandezes lhe representavão para lhe dissuadir a jornada; e assim com esta daremos ponto á matheria, e entraremos em outras, que ainda que thegora não trato, não deixo de inquirir e molificar, avendo satisfeito ao primeiro ponto de minha embaxada, cujo bom successo devo mais á boa rezolução do senhor embaxador que á minha diligencia. Sua jornada não será antes da Paschoa, mas a dos Monsieurs Avaux e Pereira de Castro será nesta somana; na passada se despedirão dos Estados, e nesta o andão fazendo dos amigos. Na menhã de hoje me vio o Avaux e protestou fazer no serviço de S. Magestade, alem das ordens que para isso tinha de seo Rey, tudo quanto possível lhe fosse.

Não foi só o soldado de Angola que foi ter a Londres o que jurou contra nós, quatro ou cinco forão mais: porem quando o soubemos, foi a Amsterdam o licenciado Feliciano Dourado para os fazer desdizer, e prender, e os achou já que hião navegando. A S. Magestade avizei logo, com os nomes delles, para que lá se prendessem e castigassem, e porque este avizo chegasse a tempo, o fis per duas vias, de que huma dellas vay nas cartas que mandei a V. Ex.^{cia}. O que foi a Inglaterra era castelhano, e não he isto o que ha de danar o negoço, que bem entendem os Estados que pouca justiça tinha quem se quis valer destes meynos.

(1) Thuillerie.

O Padre Frei Antonio do Rozario, religioso da ordem da Sanctissima Trindade, trouxe comigo para meo confessor; é de sincoenta annos de idade, com trinta de habito; he theologo e deu sempre de sy muy boa conta, avendo sido já algumas vezes prezidente no convento de Santarem, e veyo no cabo de seos annos a passar o Canal e avistar dumquerquezes. Deseja o grão de presentado *extra numerum*. O Padre Geral rezide nessa corte, e he forsa que V. Ex.^{cia} por sy ou por interposta pessoa tenha valia com elle: muita mercê me fará V. Ex.^{cia} em querer favoresser esta pretensão, em que não averá mayor difficuldade que quere-lo V. Ex.^{cia} pedir, dando o Geral breve: ha de vir com clausula de poder votar no primeiro capitulo e tomar nelle posse debaixo de todas as penas, censuras, privações e annullações que elles costumão pôr nos breves, e se V. Ex.^{cia} quizer que ao seo confessor lhe aja eu o mesmo do Principe de Oranje, entendo que facilmente o acabarei com elle.

Não sei que razão tem V. Ex.^{cia} para me não dar a mim as novas da mercê que S. Magestade lhe fez, dando-as a meos companheiros, pois em verdade senhor, que não sou eu delles o que mais pretendo ser conde, nem o que menos o festejo se-llo V. Ex.^{cia} dobrado. Muitas razões tenho para o festejar, e não he pequena abriren-se os thesouros da Igreja para os embaixadores e poder cuidar, que poderá tambem chover para cá alguma mitara; porem desconsola-me meresser V. Ex.^{cia} muito, e eu muito pouco, e ser S. Magestade de muita justiça. Logre V. Ex.^{cia} esta mercê muitos annos, que outras muitas que espero ver em sua caza.

(*Autographo*). No correo passado não escrevy a V. Ex.^{cia}, porque estava em Amstaradão, mas antes de ir, receby a de V. Ex.^{cia} e Luis Pereira a sua, que sem considerasão mandou mostrar a Francisco de Andrade, com quem tivemos huma revolta dos diabos, mas a grassa foi que para se sanear com elle, disse que o que V. Ex.^{cia} lhe dizia naquella carta não era reposta a cousa que elle escrevesse, senão ao que eu avia escrito; dô-us á tribulação, que tais são huns como os outros: não me hey de conheser se me vejo aí, mas não creio.

Bibliotheca Nacional, códice 2666, fl. 115.

Sousa Coutinho ao Conde da Vidigueira

1644 — Março, 14

Quarta feira passada 9 do corrente sayo de aqui Monsieur de Avaux, e com tantos sacramentos e cerimonias, que nem Luis Pereira nem o Residente de Catalunha poderão acabar com elle em muitos dias antes, que lhe sinalasse o em que avia de ser a partida. A quinta feira sayráo em seu seguimento e chegados a Amterdam, achárão que se embarcava, e pareceolhes que o que aqui não poderão alcançar com a presença, alcançarão acolá por hum simples recado, e por hum criado inda mais simples que elle,

não lhes parecendo que convinha chegar ao mesmo barco, o que lhe respondeo que partia, e que não fazia o caminho por Vtreque (1), mas não disse por onde: com o que Luis Pereira entrou em tal furia, (devia ser tambem esporeado pelo Catelão, inda que elle para isto poucas esporas ha miſter), escreveo huma carta a Monsieur de Servient, em que lhe pedia (segundo me dis em outra) que o quizesse levar em sua companhia, deligencia tão escusada, como ouverão sido necessárias as demais obsequios a estes senhores francezes, e não comessar a reparar em pontinhos de que ao gentar o servião ou não com pratos dourados, que lhe punhão tamborete, pontos em que fora muito justo não consentir, se viera embaxador e não particular. No mesmo dia á tarde me tornou a escrever huma carta, e outra ao senhor embaxador Francisco de Andrada, pedindo-nos conselho, e a elle pedindo-lhe que em falta dos francezes fizesse com os hollandezes que o levassem, porque só não poderia passar, por estarem os caminhos cheyos de bandoleiros. Veja V. Ex.^{cia} agora o que eu poderei dizer a tantos desatinos juntos. Responde-mos que S. Ex.^{cia} seguisse a toda a preça a Monsieur de Avaux, inda que fosse ir só, sem fato nem criados, e que alcançado o acompanhasse para a entrada de Munster; e que quando isto já não podesse ter lugar, que esperasse ao de Servient e que uzasse com elle o mesmo estilo, para o que podera aver escusado o escrever-lhe, e não pôr em questão o que nos pode estar mal; e que porque o de Servient estava doente e muito impedido de gotta, e que poderia ter mais detença da necessaria, que de meu parecer devia tomar convoi por conta da fazenda de Sua Magestade, (se bem merecia que fosse pela sua), e que sem esperar, se metesse em Munster. Não desculpo ao de Avaux, nem a Luis Pereira, porque hum delles podera dizer quando partia, e o outro segui-lo quando partio. Deos nos acuda, que si fará, que he sua a causa, que quanto he nos acertos dos homens, não sei quanto podemos esperar.

E V. Ex.^{cia}, quando cá andamos nestes enfados, se está matando e trabalhando por compôr todos, e cá trabalhando-se por descompôr. As cartas que V. Ex.^{cia} fes escrever ao Cardeal Masarini serão de grandissima importancia para o que toca a meu companheiro, sem embargo que com ellas e sem ellas estava já resolute a ir, mas bom he, já que vai, que possa ter mayor seguridade da que os Estados lhe davão, se bem elles não podem dar outras. Sobre a minha embaxada lhes fallarei esta semana, Deos querendo, e para amanhã tenho audiencia do Principe de Orange, porque estamos chegados ao tempo em que mais convem. A proposta que fizer mandarei a V. Ex.^{cia} o correyo que vem.

(Autographo). Que me dirá V. Ex.^{cia} a Luis Pereira estar tão rayvoso que quizera dizer huma duzia de disparates? Fôra o referido, nos envergonhava aqui com sem mil tacanharias: trouxe de Lisboa hum criado francez por lingoa (1): tirou-o para isso do serviço de S. Magestade e deyxou-o

(1) Utrecht.

(2) Interprete.

aqui; diz que lho merecia, mas foi em ruim tempo; adoeceu, e da estalagem em que estava, lhe pedirão os gastos da comida, e como não os quis pagar, prenderão os da pouzada o criado: tirarão-no da prizão esmolas do senhor d'Avos e seus criados, mas para o que faltava, lhe embargarão o fato a Luis Pereira no barco, estando para partir, que me tem corrido como huma mona a fama que deyxou na terra; e estes são os embaxadores que vão para consiliar os animos dos Príncipes [e] dos povos, que não entrão em estalagem em que não tenham duvidas. Torno a dizer que Deos nos acuda.

Biblioteca Nacional, códice 2666, fl. 117.

Sousa Coutinho ao Conde da Vidigueira

1644 — Março, 21

V. Ex.^{cia} não perdoa nenhuma, logo se quis vingar; pois por hum correyo em que lhe faltei, por estar fora da terra, me deixou V. Ex.^{cia} sem carta sua nesta semana. Eu me emmendarei, e quando ouver de fazer outra jornada, deixarei escrito, para que V. Ex.^{cia} não tenha occasião de me faltar com novas suas. Depois de Luis Pereira de Castro aver saydo de Amsterdam, não tive mais recado seu, nem sei por donde fes o caminho, nem se alcançou a Monsieur de Avoux. Do de Servient lhe mandei huma carta em resposta da que elle lhe escreveo, em que segundo me disse hontem, vindo-se despedir de mim, o aviza que o pode esperar, para o levar em sua companhia.

Não pedi ainda audiencia aos Estados, como avizei a V. Ex.^{cia} no passado que avia de fazer, por dispôr primeiro o Principe de Orange, em cuja mão está hoje o poder fazer muito por nós; que creyo que fará, sem embargo do conceito que en contrario formou Luis Pereira, de que avizou a S. Magestade e a V. Ex.^{cia}; e não sei de que primissas fes esta ilação, sendo assy que dos exteriores deste Principe não sei quem pode infirir mal, porque se a urbanidade e a cortesia se perdecem, se acharião nelle. Em hum día da semana passada lhe falley, e uzando elle de seus cumprimentos, lhe disse que não era já tempo de me responder com generalidades, senão de fazer: prometeo de fazer de sua parte inda mais do possivel, e que os senhores Estados erão tão rectos que avião de dar inteira satisfação a El Rey nosso senhor e muito gosto a seus embaxadores. Nem perco tempo, nem deixarei de me aproveitar do mais accomodado.

De Dinamarca chegou a esta Corte a semana passada hum secretario seu, que o Doutor Antonio Moniz conhesse muito bem, não por ser aquelle com quem huma tarde se alegrou e berindou, mas o mais velho, que disputou com nosco o ponto da representação. Teve logo audiencia e propos quatro couzas: primeira que quizessem intrepôr sua authoridade para poder vir a concertar com Suecia; 2.º que não querendo vir nelle, lhe não assistissem com o dinheiro que lhe costumão dar; 3.º que lhe pedia que nem *directe*

nem *indirecte* dessem ajuda a Suecia de navios, nem de gente, nem ainda a soldo seu, pois era huma guerra injusta e contra todo o direito das gentes; 4.º que lhes lembrava que era vizinho, e fora sempre bom amigo, e que fazendo os Estados o contrario, o poderia julgar por actos de hostilidades. Até gora não sei que lhe ajão respondido, mas tenho por certo que hão de ajudar aos suecos, sendo assi que os não deseão tão vesinhos, nem tão poderosos.

Já V. Ex.^{cia} saberá como o Regosi (1) he entrado na Vngria com hum exercito de 25 mil homens. Outros o poem em muito mais, mas eu tive avizo de Colonia de aquella pessoa em que já tenho fallado a V. Ex.^{cia} outras vezes, e me diz isto, e que tem já tomadas duas ou tres praças, e que ficava sobre outra grande, e forte. Não sei como com tantas revoltas se poderá tratar de pazes. O Nuncio que estava em Colonia, monsignor Chizeo (2), he partido para Munster, e se tem por certo que lhe virá o capelo, e ficará pro-legado, segundo aquella mesma pessoa me aviza. Poder-nos-há estar bem, porque me affirma que estava inclinado a nossas couzas.

Biblioteca Nacional, códice 2666, fl. 119.

Sousa Coutinho ao Conde da Vidigueira

1644 — Março, 28

Todos nos alegramos geralmente com a chegada do Marquês de Cascais a esse Reino, porque com sua vinda se acabarão de concluir os negocios de Munster entre os nossos embaxadores, no particular das *Instrucções*, e trará sem duvida ordens de S. Magestade na forma que se devem guardar nos casos especiais; com que de todo nos seguraremos dos effeitos, porque espero em Deos se hão de seguir os que dezejamos. Não duvido do bom animo que a Rainha Christianissima mostra a V. Ex.^{cia} sobre os particulares de S. Magestade em Munster. Agora veremos as finezas a que pontos cheção sobre conceder-se passaporte para o Marquês passar lá, que tambem não duvido terá o mesmo effeito, principalmente estando V. Ex.^{cia} de permeyo, que he o que solicita estes negocios e com sua prudencia os alhana aos fins que se dezejão. Nas cartas que V. Ex.^{cia} me mandou de S. Magestade, me não vem novas particulares, só se responde a algumas que mandei, e em huma me aviza S. Magestade que tivera carta de V. Ex.^{cia} em que lhe perguntava se acetaria ser el Rey Christianissimo arbitro da paz entre S. Magestade e estes Estados em Munster, para onde V. Ex.^{cia} tinha entendido, que os Estados querião que este negocio se diffinisse; e S. Magestade se contenta do arbitro, porque como a cauza he justa, e o Rey arbitro justo, não julgará menos que com a justiça á sua parte. Suposto este avizo que V. Ex.^{cia} fes a S. Magestade e o que elle me tem ordenado, he primeiro de advertir que para chegar

(1) Rákoczy.

(2) Fabio Chigi, ulteriormente Sumo Pontifice com o titulo de Alexandre VII.

a estes termos, ha muitos que passar primeiro, que ainda não tiverão principio, e ha meyo de que se pode lançar mão que escuzão tanta dilação, e por ventura que sejam mais opportunos para nosso intento; os quaes estão em termos de poder aproveitar nesta sazão que os directores das Companhias tratão de que os Estados lhes proroguem o tempo da navegação, que á Oriental se acabou em fim de Dezembro passado, e a Occidental pelo S. João do anno que vem se acabará, de que tenho dado larga conta a S. Magestade em vias duplicadas. E quando nem os meyo que aqui ha, nem outros que de novo se hirão descobrindo, bastarão para nosso intento, e o negocio se fora allongando, então se podia valer do arbitrio del Rey Christianissimo para que em Munster se tomasse rezolução; ainda que me parece que ally se tratará somente de negocios gerais, e não de particulares, como he o nosso com os Estados, de que tambem me persuado, que quando fôra, que não negará o Christianissimo o ser arbitro d'elle, antes folgará que lhe ponhão a cauza em seo arbitrio. Porem he por hora prejudicial esta pratica, porque os Estados dezeirão compôr-se comnosco, e estão em tempo de poder faze-lo. com o que expirou a huma, e a outra Companhia está para expirar, onde já não ha privilegios e ficão senhores absolutos; e se entenderem que tratamos de avocar a cauza a Munster, folgarão muito os das Companhias, para que fiquem senhores de nossas conquistas mais tempo do que thé gora o hão sido, e suposto que se pode aproveitar, ou estamos em occazião de ver hum bom successo, sintiria arrisca-llo por este meyo, ficando o negocio a esta conta de todo dilatado. Alem disto, nunca dos Estados se alcansou que querião que os nossos negocios com elles se deliberassem em Munster, antes estão persuadidos que brevemente comessaremos a tratar da composiçãõ geral, para cujos principios tenho feito hum papel que o Secretario da embaxada está acabando de traduzir em latim, para dar esta semana em audiencia publica, com avizo de alguns que forão per nossa parte, conforme lho soubermos meresser; e a este respeito me parece e entendo que V. Ex.^{cia} será do mesmo voto, que não cheguem os Estados a presintir semelhante proposiçãõ, porque com ella perderemos o que procuramos, dando ás Companhias prorogaçãõ de tempo sem composiçãõ com nosco, e sem esperança de melhorarmos, porque em cazo que conviera tratar deste negocio em Munster, será depois de acabados os principais, que não he para tão breve como nos convem. Esgotados porem os meyo que se offerecem, e não podendo com elles avançar os fins de nossa pretençaõ, neste caso se poderá tomar a rezoluçãõ de pedir que em Munster se trattem, quando ainda os Estados o consintão. E para se aver de tratar de que el Rey Christianissimo seja arbitro nesta composiçãõ, será tambem depois que aqui quebremos todas as lanças, e esgotemos tudo o que pode aproveitar a nosso melhoramento; e se nem com isto possamos conseguir os intentos, então viremos ao meyo do compromisso. Isto he o que tenho avizado a S. Magestade, e o que me pairesse por hora que convem não alterar o caminho que levamos. Guarde Deos a V. Ex.^{cia} e lhe dê muitas e muy boas Paschoas, e posto que já as dei a V. Ex.^{cia} na passada, lhas quero dar huma e muitas vezes, porque assim lhas desejo.

(Autographo). Sem embargo destas rezões, estarey sempre pollas de V. Ex.^{cia}, a quem reconheço e confesso grandes ventagens. Temos avizo de que trose o Marquez ordem de S. Magestade sobre nossos tratamentos: creio que algum destes nossos companheiros os devião de solicitar, se já não fossem ambos, diligencia bem escuzada que comresponder, porque a cá nunqua nós temos satisfeito.

Biblioteca Nacional. códice 2666, fl. 120.

Sousa Coutinho ao Conde da Vidigueira

1644 — Abril, 4

Seja Deos louvado, que temos já Luis Pereira de Castro em Munster e ao Marquês de Cascais em Paris, com que ficamos livres do primeiro cuidado, e V. Ex.^{cia} do segundo, e eu fico agora com mayor, esperando que V. Ex.^{cia} me faça mercê de huma larga e meuda relação dos ditos effeitos do nosso Marquês, de que espero aja bem por onde correr a pena. V. Ex.^{cia} se sirva de a mandar fazer de todas as miudezas, porque ainda aquellas que não poderem ter nome, hão de ser muito dignas de huma caronica. Eu lhe escrevo a que vai com esta: sirva-sse V. Ex.^{cia} de lh'a mandar dar com toda a competente cerimonia que V. Ex.^{cia} julgar por necessaria.

A jornada dos Plenipotenciarios destes Estados está hoje com mayores duvidas que no principio, se avemos de crer mais, que ao que elles dizem, ao que dizem os de fora; que inda que os Estados não tem mudado de lingoagem, antes limitão já tempo, e que poderão partir por todo este mez. os que fallão de fora (que ás vezes he mais ao certo) não só duvidão na brevidade, mas ainda no effeito: e poucos dias ha, e tão poucos que foi antehontem, que me disse hum gentilhomen do Principe de Oranje, que entendia que se acabaria primeiro esta campanha que os Plenipotenciarios fossem, e os que mais apreção o negocio, se affirmão que não será antes de aver saydo o seu exercito, que vem a ser fim de Mayo, entrada de Junho, e ultimamente agora difficultão mais a paz ou tregoa que em nenhum outro tempo: e eu me inclino muito ao mesmo, particularmente se as nossas armas e as dos amigos obrarem como esperamos, para o que ajudará muito o grande poder com que o Raguschi (1) tem entrado pela Vngria, que quando menos tem ão mil homens, e consolão-se muito os Imperiaes que delles só os 3o mil são pagados: tem-se feito senhor já de alguns lugares e ficava sobre huma cidade grande, e se tinha por cousa certa que a levaria, se já a não tem levado. Considerado tudo isto, propus ao senhor embaxador Francisco de Andrada, quam importante seria ao serviço de Sua Magestade, e ao ajustamento de suas ordens abreviar sua partida e chegar-se aos confins destes Estados que ficão a huma jornada de Munster, e esperar ali os embaxadores pera entrar com elles, e poder entretanto com mayor facilidade que de aqui

(1) Rákóczy.

ajudar aos companheiros nos insidentes que podem sobrevir. Encontramos nos pensamentos, por que o mesmo me vinha a propôr, quando eu lho propus; e assi fica resoluta a se despedir dos Estados no principio da semana que vem, e por toda ella, ou na entrada da seguinte, comessar sua jornada. V. Ex.^{cia} lhe deve dar as graças da galharda resolução, se bem pode buscar quem lha agradeça, porque os favores que Sua Magestade lhe faz em todas as cartas que lhe escreve são merecedores de resoluções muito mais arriscadas. Afirmo a V. Ex.^{cia} que se não forão tão mercedos, lhe podera eu ter muita enveja, mas como tenho muito conhecimento do pouco que presto e mereço, a isso attribuo o faltarem-me e não ao animo de S. Magestade, conhecido por justissimo, se não he que me trata muito como de caza, e pelo menos convem-me entende-lo assi.

Muito estimo que aprovasse o Cardeal Mazirini a resolução dos nossos embaxadores de não quererem ficar fora de Munster, se bem me espantei de averem escripto os Plenipotenciarios de França que lho propuzérão, porque se foi sem ordem de lá, seria quererem-se sangrar em saude e obviar nossas desconfianças, mostrando razões para o averem feito; e assi tudo o que V. Ex.^{cia} tem obrado he muí conforme ao acerto que ha tido em todas as materias: e parece que já Monsieur de la Tholaria (1) presentio alguma couza em nós, porque sabendo dia de S. Joseph que eu fazia festa na minha capella, e tinha hum cermão em espanhol, me mandou dizer que o queria vir ouvir, e ficar-se a jentar commigo, e assi o fes, e hontem no-lo pagou, convidando-nos, a meu companheiro e a mym; porem quero dizer a V. Ex.^{cia} porque sei que lhe não pezará, que sendo elle o que se convidou, e fazendo-se a comida de pescado, e de hum dia para o outro, e a sua de carne e pensado, não me envergonhei da que lhe tinha dado; de maneira, senhor, que estamos hoje com estas facilidades, e depois de ido Luis Pereira e dizer Francisco de Andrada que hia, cessárão todas as duvidas e carrancas que tinhão e com que nos ameassavão.

(Autographo). Aqui mando a V. Ex.^{cia} a proposta que Monsieur de Avoux fes aos Estados sobre a riligião e a insolente reposta que lhe derão, (2) e forão tais que huma e outra fizerão imprimir: não tive quem a traduzisse do framenço. Desculpão-se com que conveo assi por rezão do povo, e dizem que se a proposta não fora feita no ultimo dia, que poderia acontecer algum desgosto ao de Avoux; o que me não tem duvidado, que a não averem capitulado, a não farião, porque sentirão a morrer a soberania com que lhes falou em Henrique 4.^o

Biblioteca Nacional, códice 2666, fl. 162.

(1) La Thuillerie.

(2) Sousa Coutinho faz allusão ao discurso de d'Avoux na audiência de despedida que teve dos Estados, antes de partir para Munster, em que falára a favor dos católicos perseguidos e reclamava para eles em nome do Rei de França a modificação dos decretos contra o culto público. Em resposta, os Estados protestavam contra a ingerência dum estrangeiro nos seus negócios particulares e deliberavam publicar novos decretos contra os católicos, sendo esta resolução comunicada aos Embaixadores franceses, o que por algum tempo fez esfriar as relações entre os dois países aliados.

Sousa Coutinho a El-Rei

1644 — Abril, 6

Tive audiencia dos Estados no dia de ouje e fallei na forma do papel que con esta envio a V. Magestade, com o que tenho dado principio depois de 8 mezes ao negocio (1), que por ventura se imaginaria que em menos tempo podesse estar concluido, mas ha duas razões para não poder esperar muita brevidade nelle; a primeira, o natural desta gente; a 2.^a, sua fórma de rezolver; a 3.^a, sermos nós os que pedimos: o que supposto, deve V. Magestade ser servido de entender, que não perdemos tempo, e que no passado que aqui tenho assistido, foi conviniente que tratando-sse da ida do embaxador Francisco de Andrada Leitão a Munster, se não tratasse de outra couza, porque o mais seria confuzão, e não alcançar nenhuma. Assi o deliberámos aqui, depois de o considerarmos bem, e o mesmo pareceo a todos os embaxadores de V. Magestade, a quem o communiquei. A reposta dos Estados não poderey nesta informar a V. Magestade, nem eu a espero muito apreçada, a respeito que se ha primeiro de propôr ás Companhias, e inda que os directores della estão nesta Corte, tratando das differenças que ha entre huma e outra (que he certo se não comporão), tem tanto que fazer entre si que quererão acabar primeiro com as suas duvidas, que com as nossas; mas o jeral foi que oje estão prestes para assentar a paz com V. Magestade com o mesmo animo que sempre tiverão, e mostrarão ao primeiro embaxador Tristão de Mendonça; que para satisfazer as queixas repetidas esperarão reposta das Companhias, e que assi o presso como ao que de novo lhes propunha deliberarião com maduro conselho e responderião com brevidade.

Se avemos de fazer cazo do que em particular nos dizem (segundo pude alcançar), creio que se dispoem em restituir as praças occupadas depois da aclamação de V. Magestade, e se o fizerem, tambem creio que não será vertude, senão o tirarem dellas pouco proveito, mórmente em Maranhão e Santo Thomé; e he isto tanto assi que de Angola, sem a qual não poderão concervar o Brazil, dão a entender que querem commercio, e resgate de negros: assi mo disse o Secretario Muts, e já nos principios insinuárão isto mesmo ao Doutor Francisco de Andrada. Já pedi a V. Magestade resolução para este ponto, para quando formalmente tratarem delle, porque a minha *Instrução* não diz como neste cazo me hey de aver, e sem expressa ordem de V. Magestade me não poderei resolver, porque o tenho por muito aspero, tanto para o foro da consciencia, como para a difficuldade da restituyção de Pernambuco e mais praças de aquelle Estado; porque se tiverem negros, duvido muito que o larguem, senão chegando-sse ás armas, ou ao ultimo remedio de lhes abrazar a campanha. E assi, de meu parecer, devia V. Magestade, sendo servido, procurar

(1) O papel vem transcrito no *Livro da Embaixada*, já citado, a fl. 13. O negocio foi o da paz perpétua.

de esforçar-se em Angola pelos mesmos fios que os Holandezes a occuparão, e poder-se-ha fazer com pouca força, segundo a que elles lá tem; de cujo temor a Companhia está tão entrada, que publica em Amsterdam que V. Magestade mandáva oito navios e desserão logo as acções dous mais por cento do que andavão, e estão hoje em 68, e de todo impossibilitados para poderem mandar socorros; o que poderá acontecer que não seja, de aqui a poucos dias, compondo-sse com a Companhia Oriental, porque he certo que esta ha de comprar a não se unir com ella com somas de dinheiro consideraveis, para que a Occidental possa levantar hum pouco a cabeça, que de todo tem derribada. Entra agora a consideração de que poderão dizer que rompemos as pazes, quando estamos tratando de as confirmar, ao que nós com as suas mesmas razões os reconviremos. Doffendem-se elles do novo cazo de Angola, com que os nossos lhe querião fazer o mesmo, e que fora vingança tambem do que lhe avião feito em Santo Thomé e Maranhão; e o caminho que se podia seguir com mayor suavidade era mandar V. Magestade governador, e este, depois que chegasse, fazer hum auto fantastico de haver sabido que os ollandezes o querião cometer e dar com isso nelles e vingarmo-nos do que nos fizeram; e tenho por sem duvida, que não averão os Estados a guerra por rompida, pois V. Magestade a não ouve com o que lhe fizeram, e para isso servem então os embaxadores, e os Principes amigos, e considero o risco só em minha pessoa, porem qualquer praça de V. Magestade importa mais que ella. Se me prenderem, soltar-me-hão; se chegarem a mais, a vida a estimo só enquanto com ella poder servir a V. Magestade e á minha patria. Advirto porem a V. Magestade que este negocio convem intentar-se, não avendo duvida no conseguir-se, porque avendo-a, ficão as chagas mais asanhadas e o remedio por todas as vias muito mais difficultozo; porem conseguido, terá V. Magestade Brazil: e se os ollandezes tiverem negros, receyo muito que se não componhão com nosco, porque já aqui responderão a Tristão de Mendonça, fallando-lhes em composição, que todo Portugal não valia o que elles tinhão no Brazil. He verdade que estão hoje as couzas em diferente altura, mas tendo negros, quando queirão vir a concerto, será de maneira que lhe não esteja bem a V. Magestade vir nelle; e por este caminho poderá V. Magestade a menos custo fazer-se senhor do que he seu, e nestas materias he melhor ficar depois reo que autor. Peço a V. Magestade perdão de me alargar tanto e de aconselhar; se acerto, averei feito o que ^{de} ^{capitu-} e se não, o erro he do entendimento. falou

Fallei ao Principe de Orange, antes de fallar aos Estados. Achei boa acolhida que sempre, que se bem se não pode inferir ponto fixo, obrará no serviço de V. Magestade, não sei tambem como fallar e podese arguir animo contrario. Disse-lhe que tinhamos chegado a te deixar S. Alteza as generalidades, e de chegar aos apertos, pois tirada que em sua mão: prometeo, chegando a individuos, que os Estados darião ^{perse-} ^{contra} gestade inteira satisfação e gosto a seus embaxadores, e tratando no ^{angeiro} ultimo de Angola, me disse que a Companhia se desculpava com ter ^{ólicos,} vado que se prevenirão do que os nossos lhe querião fazer, e que ^{po fez}

fora feita aqui pelos mesmos portuguezes que de lá vierão, (que he o que tenho avizado a V. Magestade por carta de 8 de Fevereiro). Respondi-lhe que disseo mesmo cuidava eu, que poderia S. Alteza julgar a justiça da Companhia, pois em Amsterdam e por dinheiro vierão a provar o que em Angola ouverão de aver feito, e que me dissesse, se quando intentava alguma empreza, a communicava aos soldados, e que depois considerasse que era esta huma desculpa commua para todos os cazos, e de que V. Magestade com grande facilidade se poderia valer nesse Reyno, fazendo reprezalia nas náos de Hollanda, quando em seus portos ouvesse mayor numero dellas. Ambas as razões me concedeo. Viemos depois a tratar das conviniencias que averia a voltarmos huns e outros as forças do mar contra Castella, que elle aprovou, e he de opinião que Portugal unido com Hollanda bastão só para Castella, e que conviria muito intentar huma empreza grande nas suas Indias, ou nas suas frotas: e hum dia destes disse hum dos que tem mando na Companhia Occidental, que largaria o Brazil se V. Magestade quizesse entrar com ella em mandar ás Indias, e inda que desta proposta nos não podemos assegurar, aprovando-a V. Magestade, não se pode perder nada, pondo sse em pratica; e assi poderá V. Magestade [ser] servido de me mandar escrever o que na materia posso obrar.

Torre do Tombo, códice 1341, fl. 37. (cópia).

Sousa Coutinho ao Conde da Vidigueira

1644 — Abril, 11

Sofra V. Ex.^{cia} a brevidade desta carta té a semana que vem, porque des do principio da passada estou de cama com hum estelecidio, que desde o biquo do pé até a cabeça (como disem) me tomou, e não empedira isto o allargar-me. senão o haver sido hoje de purga. Das dores do corpo ficou livre, mas não ainda das dos dentes e gengivas; porem espero de com o favor de Deos poder-me levantar amenhã, ou essoutro dia.

Hoje recebi carta de Luis Pereira, que com ser larga, toda a materia della se resolve em dinheiro e mais dinheiro; e he galante couza que fasedo-me na primeira grandes carantonhas e medos, das outras que depois se seguirão não diz huma só palavra. Nesta me aviza ser morto o Sapata, hum dos embaxadores de Castela, nos 3 do corrente, e da-me outra nova que tenho estimado muito, e he haver-lhe dado Monseu de Avuox (1), sabendo que o buscava e lhe faltava, hum cavallo pera ter carrosa de 6: de que tyro duas grandes consequencias despois da de correspondencia, a primeira estar lá tudo bem asombrado, pois o ajuda a ter 6 cavalos quem duvidava de lhe consentir 2, a segunda abrir-se porta pera hum agardecimento.

Biblioteca Nacional, códice 2666, fl. 166.

(1) D'Avaux.

Sousa Coutinho ao Conde da Vidigueira

1644 — Abril, 18

O que V. Ex.^{cia} prepos a S. Magestade, e depois com reposta sua ao Cardeal Mazarine, era o que mais desejo, e o que milhor nos podia estar, se os olandezes quiserão vir no conserto; mas como antes de chegar a elle ha muitas lanças que quebrar, parece-me que se *ex-abrupto* fallaçemos aqui na materia, seria só dar-lhes cauza pera novas dillações, e goardava eu este pera ultimo remedio, depois que entre nós não pudessemos compôr; porem se V. Ex.^{cia} achasse tal entrada que o mesmo Rei de França se mostrasse desejoso de que entre seos alliados não ouvesse desavença e *ex-officio* mandasse prepôr aos Estados que queria meter a mão entre [elles] e nós, pudera-nos estar muito bem quererem elles vir nisso; mas reço muito que nunca na primeira instancia aceitarão juiz estranho, e inda duvido muito que o queirão na segunda. Espero que brevemente saberemos até onde chegarão no que prometem, porque os apertei na ultima audiencia que tive nos .5. do corrente, que inda que em pratica larga conclui em hum ponto á que he forsa que tenhamos desemgano, pedi que não perrogassem o tempo a nenhuma das Companhias sem primeiro nos darem satisfação aos aggravos, porque de contrario entenderíamos que os mesmos Estados forão os autores delles. Se fizerem o que lhe pesso, poderemos esperar alguma boa composição, e se tambem o não fiserem, não ha mais que esperar delles, porque he acabada a desculpa de que se vallião de não terem mão sobre as Companhias a respeito dos privilegios que lhes avião conçedido, que inda que á do Brasil lhe dura o tempo até o São João de 45, querem tratar logo da perrogação, tanto que a tiver a da India; assim que estamos chegados ao ponto de ter recurso, ou desemganados delle, pera o procurar pellas armas.

De S. Magestade tive nestes dias muitas cartas. Sopponho que V. Ex.^{cia} as deve de ter tambem, e assim lhe não dou novas, alem de que as que ha não são mais que prevenções; mas tantas e tão boas que as não podemos crer, senão como milagres.

Aqui corre huma nova de hoje que he morta a Rainha de Inglaterra (1): por serto a affirmão, mas eu destes não creio nenhuma, porque em ordem á veneração do Parlamento, inventão tudo aquilo que lhe pode estar bem, e o contrario calão tudo.

(*Autographo*). Eu fico com melhoria ao serviço de V. Ex.^{cia}: proveyto me fez a sangria e purga, mas quer o medico sigundar.

Biblioteca Nacional, códice 2666, fl. 167.

(1) Henriqueta Maria.

Sousa Coutinho ao Conde da Vidigueira

1644 — Abril, 25

Tenho dito a V. Ex.^{cia} nestes dous correos passados o que entendia destes negocios que trato. para se averem de mudar a outra parte, fôra o que milhor a mim me estivera, mas acho-lhes as dificuldades que tenho apontado, e creio que por esta banda se não poderão alhanar, ao menos senão depois de rompidas muitas lanças: nesta mesma conformidade o escrevo a S. Magestade em navios que agora estão para partir.

Dis-me V. Ex.^{cia} que aprova ao embaxador Francisco de Andrade a rezução de s[e] passar aos confins destes Estados. e eu confesso a V. Ex.^{cia} que me não emtendo com este homem. porque não ha proposito que nas 24 horas não mude 24 vezes. Despedio-sse do Principe de Orange, pervertendo as ordens que aqui observão os embaxadores, que he começar esta cerimonia pellos Estados: defendeo-a com a jornada que fes o Principe, e quando quis fazer a dos Estados, dis que lhe pedira hum de seos plenepotenciarios que ou agoardasse por elles, ou se não fosse tão depressa, e dis que como são seos amos, não pode deixar de lhes obedecer. A isto lhe perguntei se diçera elle ao tal Estado a tenção porque S. Magestade o mandava a Munster, que se emtendia que era só de acompanhar estes embaxadores, que hum pedia bem, e outro obedecia milhor: mas que como este não era só o fim do negocio, senão o acharem-se juntos companheiros, pera se poderem tratar as duvidas que se offerecessem, que olhasse S. Ex.^{ca} que se ouvesse erros, que terião os companheiros desculpa e elle nenhuma e que se ouvesse assertos, seria a gloria delles sós. A mercê que me fez foi ouvir-me sem me reprehender, mas tão bem sem se resolver, e assim não posso diser a V. Ex.^{cia} certeza em sua ida ou ficada; somente que me disse poucas horas ha hum homem muito de seu ceyo que inda esperava ordem de S. Magestade para não ir, e sendo assim que nos negocios desta embaxada se lhe não falla já palavra, como se eu ficara por embaxador do Turco: dis que lhe disem todos que será couza abominavel ir-se sem reposta. Emfim, senhor meu, eu não sei que diga a V. Ex.^{cia}, senão que este senhor embaxador he tão extraordinário en tudo, que me venho a persuadir que tudo quanto dis e tem dito he pera que escrevamos a S. Magestade que elle não vai, para que depois indo, nos fique desmintindo a todos, e he esta a mais pia consideração que na matéria posso fazer. Elle deve escrever: V. Ex.^{cia} pellas suas cartas se governe, que eu não quero mais reprehensões de S. Magestade, como tivemos elle Luis Pereira e eu, sobre se aver escrito lá que andavamos mui desavindos.

Esteve esta semana passada em Amstradão o secretario da embaxada; achou a Companhia do Brasil quebrando pedasso e pedasso: estão as auções a 52: fallou ao procurador; está com animo de que se componha comnosco, e dis que o meio convem que seja pellos Estados, quando chegarmos a tratar das condições das pazes. Confiança tenho em Deos que poderemos obrar

alguma couza de proveito, se isto se não despinta, que nesta gente ha pouco que fiar.

Com alvoroso espero o correo que vem pella promessa que V. Ex.^{cia} me fas da relação dos feitos e milagres do Marquês de Cascais. Eu lhe escrevo; e ao Doutor Antonio Monis me faça V. Ex.^{cia} mercê de diser que lhe não escrevo agora que o farei no que vem com as circumstancias necessarias.

Biblioteca Nacional, códice 2666, fl. 161.

Sousa Coutinho ao Conde da Vidigueira

1644 — Maio, 2

Não ha parto de montes que seja mais de hum pequeno rato; assim he aconteceo na entrada do senhor Marquês de Cascais, que esperando eu que me fizesse V. Ex.^{cia} mercê de huma larga relação com variedade de episódios nella, em duas regras me dis V. Ex.^{cia} o que eu entendia que occuparem duas folhas de papel, mas creio que o deixou V. Ex.^{cia} para a fazer plenaria de entrada e audiência.

Ha muitos dias que me não vem carta de Luis Pereira. Para V. Ex.^{cia} devem de ir por via de Jeronimo Nunes (1). Seja Deos louvado que se acabarão os medos; estão, amos e criados, portuguezes e castelhanos, como se forão todos huns, e Luis Pereira chamado comumente embaxador de Portugal, fazendo-se-lhe as mesmas ceremonias que aos mais; e porque elle não he soldado, não devia advertir (pois mo não escreveo) em huma circumstancia de cortesia que hum criado seu, que veyo de lá, me disse, a qual he que se alguma vez passa pelo corpo da guarda, tomão as armas como fazem aos mais embaxadores, couza que tenho por muito consideravel, e que nestes lugares se julga por muito grande; mas sem embargo de tudo, os senhores Plenipotenciarios de França inda não querem que nós percamos o medo, e á força no-lo querem persuadir, porque mandando o senhor embaxador Francisco de Andrada hum criado seu a Munster em companhia de Monsieur de la Tulhari (2) para tomar cazas, e dizendo lá a Monsieures de Avoux e Seruent (3) que seu amo determinava entrar antes que os embaxadores de Olanda, lhe responderão que de nenhuma maneira o fizesse, porque o poderião prender, e elles lhe não poderião valer, como farião a Luis Pereira. Os embaxadores de aqui estão tão vagarosos, que não falta quem cuide que poderão não ir, porque elles de plano dizem que sem sair de sua terra, podem fazer nella as pazes como quizerem; mas já que ajão de ir, como outros afirmão, nunca será senão no fim do verão, tempo em que a ida de meu companheiro será de pouco effeito, se ouver de aguardar entrar então

(1) Consul de Portugal em Amsterdão.

(2) Tuillerie.

(3) D'Avaux e Servient.

em Munster: assy que me parecia conviniente que sobre esta materia fizesse V. Ex.^{cia} e o senhor Marquês de Cascais nova deligencia, para que fosse ordem a Munster de que communicassem a mesma protecção a Francisco de Andrada que a Luis Pereira, e se escrevessem. Bom fora que as cartas viessem à nossa mão, ou a copia dellas, para que a elles lhes constasse que nós o sabemos, e porque não sei que adversão tem a este homem que de nenhuma maneira o querem lá, não vejo outra cousa de que avizar a V. Ex.^{cia}.

Biblioteca Nacional, códice 2666, fl. 204.

Sousa Coutinho a Pedro Vieira da Silva

1644 — Maio, 3

Muito favorecido me acho de V. Mercê, com 3 cartas que recebi suas per mão de Manoel Guedes, que chegou a estes Payzes nos 10 do passado. V. Mercê me restituiu com grandes ventajens a paga de dividas, que se não erão percizas nas occupaõis de V. Mercê, erão mui necessarias para me conservar na confiança da mercê que sempre tive em V. Mercê por serto: e pera aliviar a V. Mercê de muita leitura, responderei só nesta ás que receby de V. Mercê, todas ellas feitas no mesmo dia de 14 de fevereiro.

No lusimento dos embaxadores não se pode dar ponto fixo, porque huns gastão mais e outros menos, conforme ao animo ou cabedal que para isso tem. Eu só fico executuado desta regra, porque como não tenho que gastar de meu, senão do de S. Magestade, posso guardar as leys que me der. Por esta razão, antes de me vir, acomodando-me ao que me pareceo que os ordenados abrangerião, disse a S. Magestade e a V. Mercê a caza ou familia que trazia: essa mesmo tenho e essa conservo com trabalho, porque me he necessario andar sempre com a sonda na mão, estreitando os gastos de minhas portas a dentro, para não faltar dellas a fóra, e eu senhor não me cerro (*sic*) de dizer que fui pobre. El Rey nosso senhor o quis desmentir, occupando-me em postos em que he forsa, senão ser rico, pelo menos o parece-lo. Minha caza era pobre, mas limpa: em meu tanto procurei sempre luzir, mas chegava onde podia: as minhas paredes, se se não cobrirão com boas armações, huma muito ordinaria não faltava para hum apozento, e os outros bem cayados passavão: comia humas vezes em estanho, outras em louça de Lisboa. Do meyo disto me tirou S. Magestade para as embaxadas de Dinamarca e Suecia. Alguma de minhas faltas compus então, comprando 500 mil de prata: as outras se ficarão no mesmo estado, e quasi que inda este pouco sofrimento pudera escuzar naquellas miçõis, como escuzei outros muitos, porque achei sempre caza posta, comida feita e coches á porta. Inda que nesta embaxada não esperava estas comodidades, todavia não deixei de me enganar com ellas, porque me achei em Olanda so com a minha cama e com a prata dobrada, e não trouxe mais, porque em minha caza não havia mais que trazer. Foi-me necessario forma-la de novo, desde

o coche té o espeto para a cosinha, em que gastei mais do que lá pude imaginar, porque a fazer nisto reflexão fora impossível vir sem maior ajuda de custo; e porque me prezo de dar boas contas, tenha V. Mercê huma pouca de paciência e ouça-me o que tenho gastado: servirá para me descarregar, quando se cuide que gasto mais do que entrou no partido, e quando para isso não seja, para que saiba S. Magestade que gasto sua fazenda só em seu serviço. Comprei dous coches, hum que fis novo, grande, e aparatoso, de veludo cramezim e bem dourado, e outro para ordinario que se não escusava; hum e outro com goarnições dobradas passarão de 40050 (1); seis cavalos 400 mil; e assim elles como o coche novo são os milhores da terra. Comprei duas armações de rás, sem as quoaes se não podia passar, tanto pello frio, como pella authority que me armão. Huma caza grande em que tomo visitas, e outra menor em que durmo, porque são os apozentos que estão sempre á vista, custarão 600 mil; a Capella me tem gastado e gasta muito, porque vim tão pouco prevenido para ella como para o mais, porque não tinha entendido lá tão grande quantidade de catholicos que avia nestes Payzes. Pareceo-me que hum pequeno oratorio me bastaria, e este ainda a portas fechadas como em Suecia, e achei-me com ser necessario ter em caza huma freguezia, e escolher para isso huma sala muito grande: fis quatro ornamentos, e assi elles como para caza, armando algumas por donde passão os que vem de fora, e tudo aquillo se ha mister de portas a dentro, que bem creio que huma couza e outra chegarão ao redor de outros 400 mil; e nada disto se podia escuzar, por que eu não fui ao percizamente necessario, senão ao percizamente foroso. E com ser assim he tanto que me tem atrazado, para o que não ajuda pouco as quebras grandes que nos faz o dinheiro, porque perdendo-se no que trouxe, e nos 2 mil cruzados que passey per letra a 20 per 100, no que agora nos vem de Roma perdemos 29, com que os 300 mil se me tornão em pouco ma[i]s de 200 mil: e isto he o serto, e não o que lá informa Manoel Gracia Franco e João Steli, que se fiserão distincção, falarião mais pontualmente, porque a diserem que em outra forma o não podem passar, dizem bem a razão da baxa que hoje tem os cambios, mas a dizerem que nós não perdemos, he falso; e se V. Mercê quizer fazer a prova facil, diga-lhe V. Mercê que S. Magestade me quer fazer 300 mil completos em Olanda a quantos grosos será necessario que venha per cruzado; nenhuma duvida tem que am de dizer que a 120. O mesmo verá V. Mercê per huma carta de Lopo Ramires, que com esta mando, que me escreveo sobre eu me rezolver em não querer delle os 3 mil cruzados que me remeteo Manuel Rodrigues de Matos pellas circunstancias que trazião; primeiramente ser a 91 grossos por cruzado, em segundo lugar passado de Roma aqui pellos cambios de Lisboa, porque vem mais baxos que os de Itallia, e em 3.º lugar huma condição impia que vi per carta de Balthazar Rodrigues de Matos para Lopo Ramires, em que lhe dis que se antes de compridas as letras, que se cumprem a 5 deste, os embaxadores lhe pedissem dinheiro,

(1) 4^o mil reis.

como tinha por sem duvida, que de nenhuma maneira desse quantia alguma sem o tempo estar comprido; de maneira, senhor, que nisto ha duas emendas que são forçosissimas o faze-las; a primeira virem os cruzados a 120 grossos, e as quebras que pera isso fiserem que sejam por conta da Fazenda Real, porque de outra maneira quem tem 300 mil fica com 20010 mil, e quem 200 mil com 140 mil.

Considere V. Mercê como poderá passar com tanto menos, quando com ser ao certo se pode mal fazer, porem eu me dou já com isso por contente, esperando da grandeza de S. Magestade que avendo respeito a meos gastos, me faça mercê huma hora por outra de alguma ajuda de custo. A segunda emenda tão importante como a primeira ha de ser que pois S. Magestade tem feito assento com Balthazar Rodrigues de Matos, se lhe ordene que nos mande entregar este dinheiro cada mês que nos toca, declarando-o assim nas leiras, perque de outra maneira sucederá sempre o que agora, sendo esta quantia que agora me vem para quatro mezes que se cumpre nos 15 deste (1). Não tenho recebido vintem, e devo tudo o que nelles tenho comido, e não convem que se sintam estas faltas nos embaxadores, mórmente quando já nos he necessario valerem-nos dos naturaes da terra, com que ficão sendo mais publicas, porque os judeus se nos escuzão já com que ha pouca pontualidade nos pagamentos das letras que passamos; porque ainda que se lhe venhão a fazer, como não he ao tempo comprido, fica-lhes em grande prejuizo, porque sucedem mandarem fazer outros pagamentos com o mesmo dinheiro e no mesmo tempo, e se lhe faltão, ficão elles faltando também, perdendo credito e fazenda. E tudo isto se escuzará, vindo nosas letras na forma que aponto, sendo impossivel poder passar de outra maneira sem os 120 grossos por cruzado, advertindo que não he couza nova, porque estes tempos atrás, antes de se levantar a moeda nesse Reino, andavão os cambios a 112 e para nós nunca passavão de 100; e se assim o não quizer lá confessar Manoel Gracia, provar-lho-emos por certidões de mercadores: e por aqui verá V. Mercê o serviço que este homem fes a S. Magestade quando eu vim, porque não se contentou com os interesses do cambio, dando por 100 grossos, senão ainda levou 2 mil cruzados mortos pello dinheiro que então passou, em que eu tive perda de 20 por 100, como de presente a tenho de 29; o que convem que em todo o cazo S. Magestade seja servido de me mandar logo compôr, para que possa sayr de mazellas e não entrar em outras mayores, que huma vez começado a empenhar não poderey levantar cabeça, e importa não chegar a isso.

O meu gasto ordinario he grande e [o] extraordinario igoal a elle, que raro he o mês em que ambos não sejam igoais, não entrando nem couza superflua nem alguma que se possa escuzar; e para que V. Mercê veja hum exemplo e deste se offrecem muitos, dia de S. Jozeph lhe fis festa

(1) Vide uma carta de Balthazar Rodrigues de Mattos em que se defende das acusações de Sousa Coutinho e refere o que este e os outros embaixadores tem recebido por conta dos seus ordenados. Códice 7162 da Biblioteca Nacional, fl. 416.

na minha Capella com missa cantada e pregação, celebrando também nesse dia os annos de El Rey nosso senhor: soube o embaxador de França, e me mandou dizer que se convidava para a festa e para o jentar, facilidade que estimey muito; veyo, e trouxe camaradas e comeu-ce e bebeu-se bem e alegremente. Chegou a semana santa, e ouve outro gasto com que o fízemos, o embaxador Francisco de Andrada e eu, com tanta solecidade de sepulcros e sera que puderão passar em qualquer freguezia de Lisboa, e com tanto concurso de gente em huma e outra parte que foi muito para louvar a Deus; e creio que não só servimos nisso a Magestade Divina, senão ainda a humana, porque de tal maneira conciliámos o animo dos catholicos, que sendo os maiores inimigos que já conhecemos, estão tão pagados da nossa devação, que nenhuma outra couza desejão tanto como que se perpetue a pax. para que aja aqui sempre embaxadores de Portugal, em cuja caza possão ter a liberdade e consolação que agora tem nas nossas, que verdadeiramente que he notavel a piedade destes catholicos. Grandissima ventajem nos fazem nella: tenho duas missas, e nos domingos e santos he a gente tanta que se não pôde entrar na capella. Por aqui verá V. Mercê as obrigações que temos os embaxadores, e que em nenhum caso convem nunca desimular a ostentação; e agora era tempo em que eu quisera ser o que em outro desia meu amo que eu era quando me chamava perdido, porque o que os embaxadores perdem são as maiores ganancias que podem fazer; e advirta V. Mercê de passo, que indo eu a duas embaxadas donde pudera tirar algum interesse, porque me derão nellas de comer, não levei para minha caza hum vintem, e pode ser que não acontecesse o mesmo a todos, inda sem terem as comodidades que eu.

E enfim pareceo a S. Magestade que minha mulher não viesse, sendo assim que o não ouvera eu intentado, se se me representára contra seu Real serviço a menor duvida do mundo. O contrario maginava eu; por castigo me fique o aver-me enganado, e a ella em se aver acomodado ao que eu lhe ordenava, e junto a isso o que gastou em se prevenir com o primeiro avizo que teve de V. Mercê; mas prouvera a Deus que tudo parára só no gasto da fazenda, mas nem de huma couza nem outra pesso emenda a S. Magestade, se bem já que a primeira a não tem, o poderá pedir da segunda, constando o pouco que deixei em minha caza. Porem não quero que S. Magestade saiba o nome a minha mulher, pera o que vai tão menos que vem a ser nada, pois lho não quer saber na forma que costumarão os senhores Reys seus predecessores com as mulheres de homens de minha qualidade e meos serviços, e saiba S. Magestade que nunca me pode fazer mercê que iguale a este sentimento.

Parece-me que o embaxador Francisco de Andrade se devia ir aos confins de Munster ao ultimo lugar destes Estados, a esperar para entrar com os plenipotenciarios delles, porque suposto que aqui não tinha que fazer, podia ali ser de proveito aos companheiros, donde de seu conselho se poderia aproveitar todos os dias. Conformou-sse com meu parecer, avendo sido do mesmo o Marquez de Cascais e o Conde Almirante; começou-se a preve-

nir para a jornada, em que sobreesteve por conselho de hum amigo seu dos Estados, que entendendo que na sua ida não avia mais misterio que ir com elles, entendeu que não era necessaria tanta pressa, se bem he verdade que não estarem na terra todas as Provincias he a causa principal (segundo dis) de não partir, porque sem ellas juntas não se pode despedir com a solemnidade conveniente, mas se nisto só topa nesta semana, estarão juntas e na que vem poderá fazer jornada. O mesmo deve elle escrever a S. Magestade, a que eu me remeto, porque sempre nesta materia falaria mais ao serto. De persuasões minhas para ir tem pouca necessidade seu zelo, e nas minhas instancias sempre pode aver sospeitas de me desejar só; e não forão ellas muito erradas, porque hum anno ha que sobeja aqui hum de nós. Tenho cansado a V. Mercê com huma carta que pode servir per esta vez de informação em direito. Emendar-me-hei nas que vem, porque não tratarei mais nellas de meos particulares, enquanto particular; quero dever as mercês de S. Magestade á sua grandeza e á lembrança de V. Mercê, e não á minha diligencia.

Torre do Tombo, códice 1341, fl. 38, v. (cópia).

Sousa Coutinho a El-Rei

1644 — Maio

Em 5 do passado (1) tive audiencia dos Estados, a que fallei na forma da carta que no mesmo dia escrevi a V. Magestade, que por não alcansar já os navios que naquella occasião partirão, vai tambem agora na companhia desta, com a practica formal que de boca fôs, e em latim lhes ficou. Nella verá V. Magestade como já me perveni para as couzas da India, e inda que dellas não tinha inteira noticia, por algumas conjecturas alcansei as duvidas que lá avia: ao outro dia despois recebi o maço de V. Magestade em que vinhão as relações deste cazo, com carta de V. Magestade de 19 de dezembro do anno passado, que logo asertou a vir em huma não, que não podendo sair com as da Companhia, ficou esperando per outra até este tempo; e porque estes cazos succedem muito de ordinario, deve V. Magestade ser servido que materias tão importantes como estas, venhão por mais vias que por huma. Contudo não se perdeo tempo, porque o que se avia de pedir, está feito, no papel que dei, e agora se acrescentou de novo fazer esta diligencia com ordem de V. Magestade, e protestar na forma do papel que com esta mando (2).

Das razões que contem as informações que vierão da India, me não pareceo valer de prezente, porque serviria só de darmos materia á Companhia Oriental de mayores largas, encontrando nossas razões (sendo rodeos para não vir a tratar do ponto principal), que por hora consiste sómente em pedir que se lhe não prorogue mais tempo, sem primeiro se concertar

(1) Mas vide a carta de 6 de Abril a pág. 127.

(2) Este protesto vem transcrito no *Livro da Embaxada*, a fl. 21.

comnosco, e para quando chegemos a isso, servem os papeis que V. Magestade me mandou enviar. Torno a repetir o que muitas vezes tenho dito a V. Magestade, que se avemos de crer o que em particular me dis o Príncipe de Orange e os mais dos Estados em suas cazas, nenhuma duvida fazem na restyuição de Maranhão e S. Thomé. Na de Angola querem clauzula, e o não se aceitarem as tregoa na India tem por abominação; porem eu vou tão atento com esta gente, que me não atrevo a tirar consequencias infalveis, emquanto não vejo por assento o que dizem os particulares. He verdade que temos chegado ao ponto em que forosamente nos avemos de desengannar de seus animos, porque a esta Companhia espirou o tempo; e inda que á Occidental se lhe não acaba senão per S. João de 45, comessa a pedir prorrogação, por se não ver nos trabalhos em que [está] a outra; mas o serto he que a ambas se ha de prorrogar, por que entendem os Estados (e entendem bem) que perderão India e Brazil, se os tirarem das mãos das Companhias, e he isto tão infalivel, que será tempo perdido querer-lhes persuadir o contrario. O que nos convem he que venhão na composição que de presente lhes propomos, que he a porta por onde se ha de entrar a tratar das outras, e o que particularmente nos ajuda nisto he a offerta que fis ao secretario Muts dos 20 mil cruzados, de que tenho avizado a V. Magestade; e não pareça que foi larga, porque este homem he venal e mais amigo de quem mais lhe dá, e os directores das Companhias, como dão do comum e tem cabedais largos, são mais liberaes, e com esta dadiva não só nos fica obrigado de presente, mas com esperanças de poder ter mais no adiante, e sêmpre ficamos mercadores; e conforme ás ordens de V. Magestade creio que me não alarguei muito, pois com este dinheiro hey de poupar o que avia de offerecer ao Príncipe de Orange, segundo agora me parece. Da India nunca poderemos esperar mais que termos pazes, que inda que desta Companhia tem descido as auçois de quinhentos e vinte e sete a pouco mais de quatrocentos, não ha que esperar della outra couza, enquanto não tiver alguma perda, que não tem tido, despois que se levantou. Dés náos lhe vem todos os annos, e inda até gora lhe não tem faltado nenhuma, e esta baxa, que de presente ha nas auçois, he a respeito das duvidas que ha entre huma e outra das Companhias, que tanto que se quietarem, sem duvida tornarão a sobir, o que nunca será muito, se as pazes se aceitarem e guardarem inviolavelmente na India; que por que os directores daquella Companhia o entendem assim, pedem territorio a fortaleza de Galle, sendo que sabem muito bem que nunca o teve, mas fas-lhe mover estas contendas presentir a baixa que podem ter em suas fazendas, vindo náos daquelle Estado a esse Reyno: e a razão he que os mercadores que aqui comprão as fazendas da India, he sempre com dinheiro, e esse de contado, em que não tem mais interesse que navegar as tais mercadorias a outras partes, o que lhes não succederá indo buscar as mesmas a Portugal, porque comprão lá com.as que de aqui levão com dous avanços, o primeiro gastando as suas com proveito, o segundo comprar mais barato que aqui, com que vem depois a fazer muito mayor o ganho, reparando-as pelas outras partes que costumão. O que suposto, não se deve

V. Magestade espantar de que mercadores tratem só de suas conviniências; porem os Estados, a quem toca fazer differença de tempos a tempos, nenhuma desculpa terão, se não acodirem aos dezaforos das Companhias, môrmente que espiradas tem a jurisdição sobre ellas que até agora lhes faltava, porque forão tais os privilegios que lhes concederão, que lhes não ficou poder para as obrigar com violencia; mas hoje que ambas pedem pro-rogação, se lha concederem, (o que não cuido) sem se concertarem com V. Magestade. parece que será querer buscar occasião para rompimento, ou que quererão deixar-se ir como até gora, esperando a ver em que as couzas parão: e pera este cazo deve V. Magestade de ser servido de me mandar ordenar o como me hey de aver nelle, porque succedendo, parece que não conviria mais que comtemporizar com esta gente. e não autorizando-lhes a sua corte com os embaxadores de V. Magestade, porque então hum residente bastaria. ou ainda menos.

Eu, senhor, nem sou dos medicos que logo desconfião, nem dos que de nenhuma doença fazem cazo. Não espero que succeda este negocio nesta forma, mas temo que possa succeder, e quando assim não seja, nenhum mal me fará ave-lo temido e pedido a V. Magestade o remedio, para quando a doensa chegue a estado de desesperar da cura della; e porque sobre estas Companhias faço carta particular a V. Magestade, a ella remeto os particulares que pude alcançar por intiligencias do secretario da embaxada, que para esse effeito mandei a Amsterdam, onde gastou alguns dias; e com elles e com o que digo poderá V. Magestade informar-se melhor para rezolver o mais conveniente a seu real serviço. Por outra carta de V. Magestade, escrita tambem nos 19 de dezembro, me manda V. Magestade que lhe diga o que se poderá conseguir, tratando de comprar as auções do Brazil, por aver escrito a V. Magestade o embaxador Rodrigo Botelho que seria o meyo mais conveniente de nos restituirem. Aqui o praticamos elle e eu, e ao principio me pareceo que poderia por aqui alcançar-se algum bom effeito, mas porque depois considerei a materia com mayores fundamentos e a achei com mayores difficuldades do que no principio se me representou, não tratei mais della a V. Magestade. Estas Companhias são os foreiros, os Estados o direito senhorio; não podem aquelles vender a estranhos sem licença destes, e ordinariamente lha negão, mas dado que este barranco se podesse saltar, davamos em outro mais difficultozo, ou impossivel no tempo presente, que era aver de comprar com dinheiro de contado; e já que isto tambem se podera facilitar, seguia-sse outro damno mayor, como era ficarmos nós sendo os foreiros, e ser-nos necessario comprar depois aos donos a propriedade, que vendo-nos empenhados, nos poderiam pôr o dado na testa; e enfim era isto começar pelos pés, e começando-se pela cabeça, vem a ser o que V. Magestade me ordena por suas *Instruções*, e quando isto podera ser bom, era no tempo presente em que não sei que temem; porque estão as auções de 52 té 55. Nas mesmas *Instruções* me ordena V. Magestade que chegado a concerto com as Companhias, proponha El Rey de França por arbitro das contendas e seguranças, e agora me dis

V. Magestade em carta de 26 de janeiro que o Conde Almirante apontava por meio conveniente remeterem-se nossas diferenças á junta de Munster, ou ao arbitrio de El Rey Christianissimo. O mesmo Conde me tem já escrito por vezes sobre esta materia e insiste muito nella, avendo primeiro que me avizasse, falado ao Cardeal Masarini.

Este negocio tem muitas noites que dormir fóra, antes de chegar a esse ponto, porque de primeira instansia não ha duvida que os ollandezes não hão de querer juiz arbitro em demanda que são réos e em que elles cuidão que podem ser juizes; não será pouco, se de segunda instancia quizerem terceiro, e enfim se V. Magestade quizer saber se elles virão nisto, huma só consideração basta, que he estar bem a V. Magestade, para entender que elles o não quererão. Pode ter lugar este compromisso depois de rompidas muitas lanças, e de estar já o negocio muito discutido e em termos de entre nós nos não podermos avir, e nesse caso de commum consentimento pedirmos hum terceiro; porque se eu aqui *ex-abrupto* fallar nisto, poderá ser que mostrem aceitar a pratica, pera de aqui tomarem motivo de outras novas dilacões. Assim o escrevi por algumas vezes ao Conde Almirante, mas como seu zello he tão grande, não se aquieta com as minhas razões, e inda neste ultimo correyo tive carta sua de 3o do passado em que está no mesmo proposito, e para me obrigar a que eu o siga, me diz que bem se tem visto ser El Rey de França arbitro entre os Príncipes da Europa, pois concluiu as pazes de Italia, que para o mesmo effeito mandou embaxador a Inglaterra, e agora o mandou tambem a Suecia e a Dinamarca. Com suas mesmas razões lhe respondo, que mandou embaxador a esse fim e sem lhe pedirem que os mandasse, e que se lhe parecia que o poderia acabar, que procurasse que viesse hum embaxador de França só a este negocio a Olanda, e que então seria fazer El Rey *ex officio* por V. Magestade o que tem feito pelos outros Príncipes. Com isto mesmo respondo ao que V. Magestade me manda sobre esta materia, em que não alterarei nenhuma couza sem ordem expressa de V. Magestade, porque com ella posso ficar livre de obrar contra o que entender, o que não será se seguir contra o meu entendimento as propostas dos outros embaxadores. Cuidava eu que cada hum tinha bem que fazer em seus negocios, mas vi-me a dezinganar do pouco para que presto, pois não sei cuidar senão nos que tenho a meu cargo, e quando apontei ao Conde Almirante que isto converia, não fis mais que dizer-lhe que estes negocios poderião ter seu lugar em Munster: o mesmo procurei persuadir aos Plenipotenciarios de França, mostrando-lhes que V. Magestade com grande gosto poria nas mãos de seu Rey todas suas contendas. De que assim estivera bem a V. Magestade, nenhuma duvida ha, mas tenho muita ao aver eu de propôr aos ollandezes, porque não sei o como, antes de chegarmos ao ponto em que isto terá lugar. Tenho dito o que na materia me parece, e não estou obrigado a entende-la melhor, inda que folgára muito. V. Magestade a mandará rezolver, para que eu execute o que nella mais convier ao serviço de V. Magestade.

Sousa Coutinho ao Conde da Vidigueira

1644 — Maio, 9

Tenho ditto a V. Ex.^{cia} nestes tres correynos proximos passados o que me parece aserca de não convir por hora tratarmos com os Estados o comprometermo-nos em El Rey Christianissimo. Na mesma forma o escrevo a Sua Magestade, encarecendo-lhe juntamente o zello de V. Ex.^{cia} nas instancias que me faz nesta materia, que nos estava tam bem, que isso só me fas ter por certo que os ollandezes não virão nella, e a ninguem poderá ella estar melhor que a mim, pera com isso me livrar delles; mas confesso a V. Ex.^{cia} que não vejo caminho por donde de prezente possamos caminhar, porque isto não he monarchia que se governe por hum conselho de estado, nem ainda Republica, por que os Estados por si não podem nada, e são somente procuradores das suas Provincias; dispoem pelas ordens que tem suas, e estas nos negocios graves não resolvem nem podem couza alguma sem o consentimento de todas as cidades, e isto ainda he nos negocios comuns. Accrescente agora V. Ex.^{cia} serem estes nossos particulares, e antes de averem de correr todas estas tranqueiras entrarem tambem de novo as Companhias, que para não virem nisso he razão bastante a justia de S. Magestade, que se não fora tão clara, bem creio que aceitarião este partido; mas elles vão-se pela regra de que *malla causa arbitrum quarit*, por não pôr em juiso alheyo contenda que a elles lhes pareça que podem julgar. Muito bem vejo o que V. Ex.^{cia} me dis de que El Rey de França está hoje arbitro de Europa, com os exemplos das pazes de Italia e embaxadas a Inglaterra, Suecia e Dinamarca, porem convem que façamos alguma distincção: em Italia, onde o quizerão por arbitro, fes as pazes, se não he mais certo que a necessidade em que se achavam os Principes a fes; mas em Inglaterra, onde o não chamarão, deixarão as cousas no mesmo (senão em peor) estado: em Suecia e Dinamarca está ainda por ver o que se conseguirá, que em quanto não chegar o fim da paz, não lhe poderemos attribuir o arbitro, pelo que tambem os Estados mandarão embaxadores a Inglaterra, e mandão agora a Suecia e Dinamarca; porem posto isto de parte, se El Rey Christianissimo quer ser tido por arbitro de todos os Principes, não só entre seus alliados, poderá *ex-officio* meter a mão entre nós e os ollandezes, obrigando a huns e outros que nos compromettessemos nelle. Se V. Ex.^{cia} podera encaminhar isto, fizera hum grande serviço a S. Magestade, mas eu em o tratar de cá parece-me que o dessirvo, e sem ordem sua especial me fará V. Ex.^{cia} mercê de tomar a bem que eu não vá contra o que entendo, porque enfim, senhor meu, estou ao pé da obra, e quizerão meus pecados que eu viesse a conhecer ollandeses, e se como isto consegui, podera conseguir o negoçar com elles, podera fazer muito bem minha obrigação, mas he gente a peor do mundo, sem justia, sem verdade, e não conhesem outro Deos mais que seu interesse. E sem embargo de tudo, não estou desesperado de alcançar

pela primeira reposta confirmação da tregoa na India, restituyção *in solidum* de Maranhão e Santo Thomé, e com algumas clausulas a de Angola; e como chegarmos a este ponto, poderemos esperar algum bom successo no Brazil, pela miseria em que a Campanhia se acha, cujas auções estão hoje em sincoenta e dous, e não passam de sincoenta e cinco, e ha de mais, que deseja composiçãõ commosco: e em quanto não desesperarmos della por esta via, entendo bem e verdadeiramente que sempre nos estará melhor que pela de terceiros, que por ventura que a França lhe esteja melhor dar contentamento a Ollanda que a Portugal, ou pelo menos que o julgue assim, e nós para o cuidar não nos faltão premiças, que porventura que se os ollandeses virão mayor atençaõ em França para Portugal, que ouverão obrado com mais tento. Do secreto, não sabem os particulares, e do pouco tem pouco de que lançar mão, pois a tantos embaxadores não tem respondido com hum, môrmente faltando-lhe a razão que os Estados alegão para não mandarem os seus, de temerem má acolhida no povo, vendo como atéqui tem procedido. Sem embargo de tudo eu me sojeitarei sempre ao parecer de V. Ex.^{cia}, julgando que ha outras razões que desfação estas minhas, que nunca fio tanto dellas que as julgue pelas melhores.

Biblioteca Nacional, códice 2666, fl. 205.

Sousa Coutinho a El-Rei

1644 — Maio, 12

V. Magestade me avisou em carta de 22 de outubro do anno passado, escrita em Evora, que pelo Conselho da Fazenda me mandava V. Magestade remeter quantidade de asucares finos, que fisessem quantia de 6 mil cruzados, para se darem a D. Luis de Portugal, e em carta de 15 de dezembro me manda V. Magestade escrever o mesmo; e ultimamente por outra de 30 de Janeiro vejo que estando já estes asucares embarcados, se devertirão a effeito differente, mas' que de novo os tinha V. Magestade mandado embarcar, e avendo despois disto partido desse Reyno muitos navios, não chegou esta encommenda. Pareceo-me adverti-lo a V. Magestade, porque avendo dito a este fidalgo da mercê que V. Magestade lhe fazia, inda que tantos negocios como ha no Conselho da Fazenda desculpão esta tardança, quizera eu muito que nas que V. Magestade chega a pormeter, as não ouvera. D. Luis he tão pobre, que depois que se sahio de Napoles, não come outra couza senão sobre as esperanças que tem nas mercês de V. Magestade, e como lhe foi forsa vir a Ollanda, adonde os catholicos (que são todos os castelhanos) terião gosto de o ver com miseria, avendo deixado o serviço daquelle Rey, deu-se por obrigado a ter, senão todo o luzimento que por filho e neto de seu pay e avós lhe competia, ao menos aquelle que sempre teve; a que se lhe ajunta ter sua mulher em Roma, e inda que com alguma fazenda em Italia, não a que lhe basta para se sustentar, e sei eu que daqui

lhe tem mandado por duas vezes quantidade de dinheiro consideravel. Seu tio o Principe de Orange tão froxamente o secorre, que inda o que lhe deve pertencente á sua mãi lhe não tem acabado de satisfazer; assim que tudo isto carrega sobre o que espera de V. Magestade. e inda que se lhe faz de mal comer sem servir, a necessidade o faz não reparar nestes pontos; e como tem entendido que V. Magestade o não ha de deixar perecer, me pedio com todo o encarecimento quizesse sertificar a V. Magestade do miseravel estado em que se acha, de que eu sou testemunha de vista, como o sou tambem (naquillo que humanamente se pôde alcançar) de seu animo para o serviço de V. Magestade, de que me atrevera ser fiador com a minha cabeça: mas suposto que as couzas do Reyno não estão ainda em estado que possam bastar estas fianças, deseja este fidalgo ter alguma couza sinalada por anno, para o comer adonde V. Magestade lho ordenasse, porque nem nisto se quer desviar da vontade de V. Magestade; e esta era a razão porque eu apontava nelle para huma embaxada, para que poupando-se com elle o que se havia de dar a outro embaxador, ficava servindo a V. Magestade e merecendo de novo o que comia. Tenho proposto a V. Magestade da sua parte e da minha: se tem algum merecimento, pesso a V. Magestade lhe queira mandar responder na fórma que de presente ouver lugar, porque he lastima que hum homem deste sangue padessa miserias.

Nestas náos vão quatro soldados portuguezes que mandei prover aqui e dar passajem na forma que aos mais. Seja V. Magestade servido de ordenar ao Conselho da Fazenda que assim os gastos destes, como dos passados e dos que ao diante forem, se paguem com pontualidade: e será muito necessario que com toda a brevidade me venhão os 4 mil cruzados que V. Magestade me mandou prover pelo Conselho da Fazenda e V. Magestade me aviza em carta de 14 de dezembro. que nem são cá, nem tive sobre elles outro avizo; e convem muito neste verão dinheiro pronto. porque he serto que em saindo o exercito de Flandes á campanha, se nos passará muita gente, pella serteza que já lá tem da boa passagem que lhes faço; o que no inverno não podem fazer, porque estão nas guarnições, ficão feclados, e se algum escapa, he com grande risco da vida.

O Principe de Orange tem dado as patentes para os 18 deste estar o exercito na prassa darmas, para que sinalou Skenken (1) que he na Gueldria. Cuida-se que não fará neste anno mais que no passado, que será alguma diversão, para que obrem melhor as armas de França, que governadas por Monseur, se presume que citiarão Cambrai. O exercito daqui inda se não sabe ao serto de que gente constará; obrigãrão-se a França a que seria de 20 mil, infantes e 5 mil cavallos, mas creio que se não ouverem de citiar alguma prassa, não passará do ordinario, que são 17 mil até 18 mil homens; e o serto será que não averá citio, porque os olandezes não querem mais prassas, e as que podião querer que são sós Gueldria e Anvers, demandão muita agoa, porque se não podem iintentar sem hum exercito de 25 mil homens, e outro volante de 10 mil ou 12 mil.

(1) Ou Schenk.

V. Magestade me ordena em carta de 24 de novembro que recebi em 7 de abril (1) que faça diligencia por huns ministros e engenheiros de fogo, e que sejam até quatro. Advirto que são officios distintos e que feitas todas as diligencias nestes payzes se não achão; até ao Principe de Orange os fui pedir. Respondeu-me que o menos que fisera por servir a V. Magestade fora mandar-lhe os milhores que tivera, porem que de satisfação não tinha nenhum, que os mineiros erão os milhores desta parte do Pays de Liege, de donde elle mandara vir desoyto, estando no citio de Mastrique; todos elles ali morrerão dentro das minas (couza muito ordinaria), e que depois que governa estas armas, lhe são mortos desta maneira mais de duzentos; que os engenheiros de fogo erão os milhores de Alemanha. Ambas as partes tenho mandado fazer diligencia; irão tanto que os descobrir, e se a carta de V. Magestade me ouvera chegado quando devia, já os la tivera nesse Reino. Torre do Tombo, códice 1341, fl. 43, v. (cópia).

Sousa Coutinho a El-Rei

1644 — Maio, 12

Antes de ter a ordem que V. Magestade me dá em carta de 15 de dezembro, me avia recolhido na proposição feita á Princeza de Orange, de que cuido que tenho avizado a V. Magestade, considerando as mesmas razões que V. Magestade teve para me mandar. Este negocio avia corrido por D. Luis de Portugal, e buscando-o eu para lhe dizer que sobstivesse nelle, me veo buscar para me propôr o mesmo. V. Magestade esteja serto que hei de empenhar sua Real fazenda o menos que puder, tanto pello que toca aos gastos della, como pello que olha á reputação, e espero que fará a quantia que em outra digo a V. Magestade, me não hei de empenhar com mais.

Bejo a mão a V. Magestade polla mercê que me faz em carta de 30 de janeiro em aver formado do Licenceado Feliciano Dourado, secretario desta embaxada, o conseito que se deve á sua sufficiencia e diligencia e o amor e zello do serviço de V. Magestade, porque he mui conforme ao que confio merece e melhor saberá merecer ao diante a V. Magestade; e pois V. Magestade começou a lhe fazer mercê, a elle e a mim, em lhe mandar passar os despachos de dezembargador do Porto que estavam retardados, terei por muito mayor servir-se V. Magestade de lhe mandar passar tãobem os do habito de que lhe tem feito mercê, porque alem de que as promessas dos Reys não hão de faltar senão com muita cauza, para as semelhantes em nenhum cazo se hão de deixar de cumprir, porque tocão inteiramente á reputação; e do contrario se seguiria tornarem-se em afronta as mercês, que a nenhuma outra cousa olhão mais que a honra. Senhor, quatro avôs igoalmente nobres, os menos são os que os contão, e como nelles não aja rassa

(1) Portanto levou mais de quatro meses em transitio. É evidente como estas demoras haviam de dificultar as negociações do embaixador.

nenhuma das que encontrão os difinitorios, folgue V. Magestade muito de dispensar no mais, mórmente em mercês feitas: e como digo huma cousa, direi outra tãobem, que a semelhantes mercês mande V. Magestade considerar muito primeiro que as faça, para fogir dos inconvenientes de não ficarem os homeis afrontados com ellas.

Advirto a V. Magestade que se nas cartas passadas não uzei de cifra nas materias de importancia, foi porque forão sempre encomendadas a pessoas de quem fiquei certo que as lançarião ao mar, avendo algum perigo nelle; todas as de V. Magestade, que contem a listá que me veo, tenho recebido.

Fico advertido do que V. Magestade me manda que avize ao tenente general dartelharia, o que farei em todos os navios.

Torre do Tombo, codice 1341, fl. 44, verso (cópia).

Sousa Coutinho ao Conde da Vidigueira

1644 — Maio, 16

O que passa na India tocante aos olandezes sabia já pollos papeis e informações que S. Magestade, que Deos guarde, me mandou remeter. tirados dos que o Viceréi e o governador de Seilão mandarão. e inda antes de os ver por algumas noticias que alcancei por mercadores: para o que, já na audiencia que tive dos Estados em 5 do passado, me perveni, fallando-lhes nesta materia. Agora tenho outro papel feito, que mandarei a V. Ex.^{ma} no correo que vem, que ei de dar passado amenhã na audiencia que tenho pedido, em que heide fallar com maior resulução que atéqui, protestando por todas as perdas e danos passados. e por vir: e vem estes protestos a tão bom tempo que espero que surtão bom effeito, que como os Estados estão já certos do poder de S. Magestade por terra, e das embarcações que para todas nossas conquistas se pervenião, facilmente se persuadirão que lhes não fallamos no ar: alem de que he certo que a maior parte dos Estados, se não são todos, abominão o procedimento das Companhias, de que atégora não estive em sua mão fazer emmenda, porque os privilegios que lhes concederão forão tão amplos, que de todo demitirão de si o pode-lhas obrigar ao que ellas não quizessem: mas hoje que á Oriental se lhe espirou o tempo, e huma e outra pedem prorrogação delle, não ha duvida que lho darão com diferentes condições, porque o que he os Estados tem assentado consigo que lhe convem amizade com Portugal, e que tãobem lhes não convem que esta se arisque pello interesse particular de mercadores: e he openião do Príncipe de Orange que inda quando nos faltarão todos os outros alliados, era a união de Portugal e Olanda bastante para podermos fazer a guerra a Castella com segurança de nossa conservação. Com isto está, que pello que posso alcançar, a paz se publicará na India apezar da Companhia, se he que avemos de crer ao que estes senhores em particular me affirmão, e algum que tem muita mão com todos e aquem tenho permitido untar-lhe ambas, este me affirma

que Maranhão e S. Tomé restituirão *in solidum*, e Angola com algumas circunstâncias, porque segundo tenho emtendido querem ter comercio de negros. A S. Magestade tenho avizado assim, porque sem ordem sua expressa neste ponto não virei nunca de boa vontade, porque concedendo-se-lhe, dificultosamente teremos Pernambuco; mas se o governador que agora vai a Angola dispuzer lá o negocio como convem, teremos Angola, e teremos Brazil, e espero que nem por isso se quebrem as pazes: e quando nenhuma destas diligencias baste, devemos de recorrer com queixa ao Christianissimo para que emtão *ex officio* queira meter a mão entre seos aliados para escuzar rompimento, ou no segundo cazo quando tratando de nos consertar, o não possamos fazer sem terceiro; e antes de chegar a isto, não vejo por onde se possa encaminhar o compromisso por nossa parte, o que en qualquer tempo França tem lugar, se se quizer interpôr. Considere V. Ex.^{cia} a materia nesta forma, e creio que me hade achar razão.

Ontem recebi carta de Luis Pereira de Castro, em que me exagera os grandes favores que lhe fazem os senhores Plenipotenciarios de França, mas não desce aos particulares que eu por outras vias tenho alcançado, que sendo que se podião comprar por muito dinheiro, atégora não tem dado hum vintem por elles. Foi o primeiro vizita-lo Monseur de Servient, e ver-lhe na caza huma alcatifa boa, e duas pedras bazares, e gabando-lhe muito huma e outra couza, todos ficarão na caza, e nenhuma levou para a sua: o segundo foi que Madama de Servient lhe mandou hum cofresinho de veludo cramesi bordado de ouro, e dentro delle pano de bufete da mesma forma, e atégora não tenho novas do retorno; e he sinal que o não ouve, que ouvera de avizar delle inda que não avizára do que recebeo, mas já V. Ex.^{cia} sabe *clericorum genus avarissimum*.

O embaxador Francisco de Andrade se despedio dos Estados em 13 do corrente, com grande dôr e magoa de seu coração. Fica-sse aprestando, mas não com muita pressa, porque até á ultima hora não perde as esperanças de se ir sem reposta.

Muito estimei a mercê que V. Ex.^{cia} me fes com a rellação da entrada do Marquês de Cascais, que eu não mostrarei aos farmengos, pollos deixar na boa fé de outras que tiverão, que são estupendas. Picolomini fica já em Flandes, e disem que para não abrir as ordens que tras, senão depois de chegado ali Castel Rodrigo, e que D. Francisco de Melo he chamado a Madrid para o Conselho destado; mas o Principe de Orange tem pollos avisos secretos que Picolomini tras ordem para o prender, o que eu confio em Deos que seja.

Sousa Coutinho a El-Rei

1644 — Maio, 18

Com a carta de V. Magestade de 27 de janeiro recebi a cópia da que V. Magestade mandou escrever ao embaxador Francisco de Andrade Leitão, e polla reprehão e forma della beijo a mão a V. Magestade: porem as informações que V. Magestade teve das differenças que avia entre elle, Luis Pereira e eu, pollo mesmo que V. Magestade manda em suas cartas se deixa ver que não forão muito ao serto, pois encommenda V. Magestade muito a Francisco de Andrade que jente muitas vezes com Luis Pereira, sendo assim que depois que aqui chegou, foi hospede seu e á sua custa lhe deu de comer em tres mezes que aqui esteve. As desavenças que entre nós ouve, nenhuma passou das portas a fóra, e nem ellas forão de qualidade que ouvessem míster terceiro para nos compôr. Nascêrão do muito zello que todos temos de servir a V. Magestade e não querermos nelle nenhum de nós ceder ao outro: variavamos alguma vez nos pareceres, porem como ha muitos homeis cazados com o seu, julgava algum que não nos conformarmos com elle hera só querermo-lo encontrar. Ouvião os criados algumas vezes fallar alto, e como não entendião as materias, julgavão que erão paixõis o que erão sômente disputas. He verdade que muita occasião nos deu o embaxador Francisco de Andrade para desconfianças, no modo com que sempre se ouve comnosco no particular de sua jornada de Munster, porque nunca ouve convençe-lo, e isto me obrigou a escrever algumas vezes a V. Magestade sobre esta materia algumas couzas que ficão desmentidas com a resolução que depois tomou: e pudera cuidar que só a esse fim incaminhava suas duvidas, se elle por tantas vezes as não ouvera escrito a V. Magestade. Isto he o que na materia passou, e já que V. Magestade foi servido falar nella, o ha de ser tãobem de ouvir huma breve descripção de todos seos embaxadores, começando pello Marquês de Cascais. Digo Senhor que conveo muito que em Paris se visse sua grandeza e desentado, de que todas as gazetas e relações vem cheas, pera que se saiba que nem todos são attentos aos gastos, nem á recoleta do Conde Almirante, que gastando muito de suas portas a dentro, se queixão as damas da Corte muito delle. Não terão razão as desta, se fizerem as mesmas queixas de meo companheiro, mas passando isto por graça, affirmo a V. Magestade que em nenhuma cousa de sua obrigação tem faltado este ministro, se não he que he falta ser demasiadamente largo nos papeis e nos discursos, achaque de que aqui he notado, e de que os Plenipotenciarios de França se molestarão algumas vezes. Luis Pereira de Castro he tanto, quanto arrebatada punhadada, e creio que mais facilmente as dispenderá do que a fazenda, porque nesta parte lhe temos enxergado atenções demasiadas, crime grande nos embaxadores. De Munster tive aviso que visitando-o Monseur de Servient, lhe gabára huma alcatifa e humas pedras bazares, mas nada disto lhe deu. Á mulher lhe fes presente de hum cofre-

sinho de veludo cramesi bordado de ouro, e dentro delle hum pano de bufete do mesmo, porem que até gora não avia feito retorno, senão he que teve isto por paga de huns doces e cheiros que aqui lhe avia presentado. De Rodrigo Botelho, posso dizer a V. Magestade que de todas as partes adonde tem chegado, yem as rellações conformes e cheas de elogios seos; e dê-me V. Magestade licença para lhe fazer huma advertencia que nenhum damno fará a seu real serviço, e he que o que se ouver de dispender do dinheiro e joias que V. Magestade mandou remeter a Luis Pereira, seja com aprovação dos companheiros, e que cada hum delles possa per si dar a parte que lhe parecer, Itãobem com aprovação de todos. Não faço esta advertencia porque aja couza que me obrigue a ella, mas porque he razão que até nisto sejão todos iguais, e cessem entre elles as desconfianças e se despenda com juizo.

Torre do Tombo, códice 1341, fl. 45, v. (cópia).

Sousa Coutinho a El-Rei

1644—Maio, 21

Recebi com o correo de Veneza desta semana carta de Francisco Taquete, com a inclusa para V. Magestade, que me mandou aberta, por se poupar trabalho, e pede-me que não só na materia lhe diga meu parecer, senão que informe com elle a V. Magestade; e como nella tenho pouco voto, me pareceu informar logo de pessoa pratica, como fiz, e trazendo á conversação os intentos de El Rey de França nesta campanha em Itallia, cheguei com o descurso a Milão, perguntando se seria empreza que se pudesse cometer. Pos-me para ella grandes difficuldades, e que não havia forsas para se intentar, e que quando as ouvesse, he o assento de cidade em parte de tantas augoas, que largadas, ellas allagarião as trincheiras e exercitos; e que dado caso que esta deficuldade se pudesse vencer, e se consiguisse o intento, ficava logo outra maior, que he o castello, que está hoje mais forte do que nunca esteve, assim de artelharia, como de gente, porque o presidio espanhol, passa de dous mil homeins, e que se pode delle em menos de tres dias arazar a cidade, a que fica superior. Esta he a informação que per cá acho para esta empreza, mas Taquete a faz tão facil, que me fás cuidar que ou ma não derão serto, ou que as couzas de Itallia estão em tal estado (como elle mesmo refere) e as armas francezas tão vitoriosas, que nada lhe pode fazer resistencia; mas se a cidade fica com este perigo da sujeição á artilharia do castello, não sei como fás tão facil o rende-llo só com hum mes mais de citio, porem *quid tentari nocebit?*, mórmente quando dantemão se não desembolsa nada, e quando he tão pouco o que elle quer offerecer, respeito do que se pode conseguir. E não obsta que os primeiros duzentos mil cruzados se hão de dar, tanto que o citio estiver posto, que inda que pôde não surtir o efeito que se pertende, he tão grande diversão a que se fás ás armas de

Castella, que bastará para as obrigar em Munster aceitar a tregoa com as leis que França lhe quizer dar; e não ha duvida que nesta campanha as dará quem ficar nella superior, e não seria pequena ajuda para ficarem as armas francezas no citio de Milão, inda quando se não consiguisse o fim, e se conseguido se chegasse ao segundo ponto de dar o resto que se ha de offerecer, serto estou que com muito maior quantia serveria o Reyno a V. Magestade para tal obra. E sendo V. Magestade servido de admitir esta pratica, dissera eu que o dinheiro para o efeito se não remetesse a Itallia, por escusar as presunções que ouve do atrazado, senão que se puzesse no banco de Amsterdam, adonde vai crescendo, e está pronto para se passar a qualquer outra parte; e advirto a V. Magestade que por mais judeos que sejam os portuguezes que ali há, emfim lá tem huma afeição a Portugal que fas desejarem mais servir a V. Magestade do que os flamengos, e não o digo sem cauza, porque estou receando que o gengibre que o Conselho da Fazenda remeteu a Vutel Abram á desposição do Conde Almirante, alem de o preço aver de ser o que elle quizer, afigura-sse-me que ha de fazer alguma tramoia no dinheiro, porque me anda fogindo com o corpo ha muitos dias, e nem posso acabar de lhe tirar quanto he o que se fez no gengibre, nem cantidade alguma para remeter a Luis Pereira, polla ordem que para o faser tenho sua, e do Conde, que tambem vai mandou a mesma; e como a este flamengo se lhe devem quantidades consideraveis de armas que tem mandado a esse Reyno, no tempo passado e no presente, receo muito que se queira começar a pagar de sua mão. Seja V. Magestade servido de mandar advertir ao Conselho da Fazenda as obrigações que se tem a Duarte Nunes da Costa, para se não buscarem outros homens de negocio, se não a elle, e que quando não ouver de vir a fazenda de V. Magestade a mãos de homens semelhantes, niilhor vem ás de Duarte Guterres, que V. Magestade aqui tem com titulo de seu feitor.

Aqui veo de Munster o secretario da embaxada de Veneza a fazer apressar os Plenipotenciarios de França; hoje se partio. Nestes mezes que aqui estive, continuou todos os dias em ouvir missa na minha capella, adonde sempre lhe fis tanta cortezia, que se deu por obrigado a me vir hontem fazer huma visita *in forma* e a despedir-se de mim: e como os venezianos são padres da Companhia, que não dão passo baldado, fis caso delle me buscar nesta forma, e, discursando sobre as couzas de Munster, lhe perguntei em que duvidas reparavão os embaxadores de França nas procurações dos de Castella. Lhanamente me disse que erão as primeiras sobre os titolos, porque não querião que entrassem nelles os de Rei de Portugal e Navarra e o de Conde de Barcelona, ponto que tenho por muito consideravel; e sem embargo que Luis Pereira de Castro deve avizar delle a V. Magestade, como mo não tem escrito, persuado-me que podia ou não o alcansar, ou fazer menos caso delle do que eu faço; que a não o entender assi o não escrevera, porque das partes em que V. Magestade tem embaxadores, não dou nunca nova, porque somos todos tão ciozos do serviço de V. Magestade que inda nestas cousihas em que não vai nada, soffremos mal que os outros metão a mão.

O Principe de Orange sahio hontem para a prassa d'armas: muitos cui-

dão que leva intentos de algum citio, porque os aprestos assi o dão a entender, mas a gente até gora he pouca e não muito facil o acrescenta-la; porque querendo o Principe tirar dos presidios quatro mil homens e levantar outros tantos para meter nelles, he tal o governo desta gente, que vindo nisso todas as Provincias, bastarão só duas cidades da de Olanda, que o não consentirão, para se não fazer, e por aqui julgará V. Magestade a difficuldade com que aqui se negocea. Avia-me esquecido dizer a V. Magestade de huma proposta que os embaxadores de França fiserão aos Estados da parte de seu Rei sobre concederem aos catholicos exercicio da religião nas cazas particulares, e vinha a ser o que pedião que os pobres que não pudessem ter missa em suas casas, não incorrem em pena de ir ás dos ricos em que as ouvesse, e que estes livremente as pudessem ter. A resposta foi tão desaforada, que lhe diçerão, que pello mesmo cazo que tal cousa propunhão, convinha confirmar os rigores dos placartes passados e acrescentar outros de novo; e não só o dicérão mas logo o fiserão, executando as penas nos que achárão comprehendidos, e chegarão a tanto, que tiverão resuluto impedir o virem ás casas dos embaxadores, no que atégora sobreestiverão; mas não se dão os catholicos inda por seguros, e disia o povo publicamente que se os embaxadores de França ouverão proposto este negocio no principio, como o propuzérão no fim, isso só bastaria para não averem capitulado com elles couza alguma, alem do risco de suas pessoas, que o mesmo povo amiassava. Ejs aqui Senhor quem esta gente he, que se a hum Rey de França, de quem dependem, ou pello menos a quem devem o estado a que chegarão, respondem nesta fórma, não se deve V. Magestade espantar quando aos embaxadores de V. Magestade não responderem com a brevidade e cortesia que convem, porque a urbanidade he pouca, o poder dos Estados para com os subditos menor, e a justiça nenhuma, sendo a contenda entre elles e estrangeiros.

Torre do Tombo, códice 1341, fl. 46, v. (cópia).

Sousa Coutinho ao Conde da Vidigueira

1644 — Maio, 23

Luis Pereira de Castro vai tambem continuando comigo todas as semanas, e posto que em todas as cartas confirma a boa correspondencia dos Plenipotenciarios de França, não desse porem a nenhum particular, sendo assi que convinha muito que todos os soubessemos, e que delles avizasse tãobem a S. Magestade, senão he que não quer que por cá lhe façamos esta informação, que foi tres mezes hospede de Francisco de Andrade, e quando per natureza não fosse cioso da companhia, se lhe pudera pegar. De Munster avizão que fas ali vida hermitica, que não sae de caza, e que nenhuma outra conhesse, senão a dos embaxadores de França, com que não pode ter todas as noticias necessarias, porque a que elles lhe derem sempre ha de ser diminuta, ou pello menos aquella que seja em ordem a devermos-lhe tudo.

Bem vejo que em terra da Caza de Austria pouca gente averá que se deixe tratar, porem como nella ha tantos conventos, quando não fora per outra couza que por passar melhor o tempo, os ouvera de continuar; quanto mais que nenhum mal poderá resultar ao serviço de S. Magestade de informar aos relligiosos de seu direito, porque quando esta diligencia não bastasse para os affeioar, bastaria para nos não olharem como a homeins que vão contra toda a justiça. Nestas Provincias há tão finos castelhanos como os nascidos em Tolledo, (e o que mais he que o não emcobrem), e temo-nos avido com elles de tal maneira que se lhe não avemos ganhado affeição, lhe avemos feito perder muita parte do odio, mas o serto he que Monsieur Castro he pouco affeioado á fradaria.

Meu companheiro, sem embargo de estar aliviado do trabalho desta embaxada, se lhe fas difficullosa [a] assistencia de Deventer, e muito mais a entrada em Munster sem os embaxadores destes Estados: e como tem ainda muito vagar, não sei se está arrependido de aver feito a lastimosa despedida em que eu lhe fiquei muito obrigado, porque me encomendou a todos com hum affecto de pay. Luis Pereira tãobem não o ajuda muito para que se apresse, porque neste ultimo correo lhe escreveo que inda lá tem pouco ou nada que fazer, (lingoagem que não entendo); mas emfim sou idiota, elles Doutores bem sabem o que fazem.

(Autographo). Muito festejei as novas que V. Ex.^{cia} nos dá de Portugal; são tudo obras de Deos. Sobre as da India falo hamenhã aos Estados, que antes não tive lugar; espero que aproveyte.

Biblioteca Nacional, códice 2666, fl. 209.

Sousa Coutinho a El-Rei

1644 — Maio, 29

Tenho escrito largo a V. Magestade sobre todos os particulares desta embaxada, e não poderei nesta dizer couza de novo. Obrigam-me a repetir o mesmo que tenho dito as cartas que acabo de receber do Marquês de Cascais e do Conde Almirante, em que ambos conformão que devo intentar que venhão estes Estados em aseitar por arbitro a El Rey de França para nossas differenças; e sem embargo que a hum e outro tenho dado todas as razões que me parecerão bastantes, o Conde as não admite, e sobre lhe escrever ultimamente que me resolvia a não ir contra meu entendimento sem expressa ordem de V. Magestade, não se aquieta todavia; e posto que nem sempre he boa a razão que ha mister razões que a defendão, por não parecer teimoso, he forsa dallas; e por não repetir todas as que tenho para não intentar por hora este caminho, direi sómente as que maior forsa me fazem. Primeiramente nenhum negocco passa a juiso segundo, senão por agravo, ou appellação do primeiro; e posto que atégora nos dillatão os Estados a reposta, inda não tem declarado ser contra nós a sentença; e emquanto o negocio

está nestes termos, não vejo sobre que aja de cair este arbitrio nem sei com que principio o aja de intentar, avendo-sse de tratar em hum governo monstro de tantas cabeças, que quando bem se redus a huma, nascem della dés que o embarassa. Em segundo lugar, seria não só obrar pouco nelle, senão dilata-lo de novo proposta semelhante, avendo chiegado ao ponto em que de presente ficamos; pois he só o que se podia querer, ou para termos recurso, ou para de todo nos desenganarmos. A Companhia Oriental, como está dito a V. Magestade, tem espirado e pede prorrogação de tempo, a Occidental, inda que lhe falta hum anno, começa já a pedir prorrogação tãoobem, Disculpárão-se atégora os Estados com que não tinha jurisdicção sobre ellas, e que era necessario esperarmos a que a tivesse; pois como, Senhor, avendo chiegado ao ponto, avemos de passar, (inda quando estivera em nossa mão), esta cauza a segundo juizo sem esgotar todos os meios do primeiro, môrmente quando tenho por infallivel que de presente o não ei de conseguir, e que o intenta-lo, pode perverter o caminho que levamos, que he pedir que se não prorogue tempo ás Companhias sem darem satisfação a V. Magestade; e não só pedido, senão protestado, como V. Magestade verá do papel que com outras cartas envio, que me affirmão que os tem embarassado muito, porque fazem juizo de nos verem mudar a lingoagem de rogos a protestos, de que se acha V. Magestade com forsas para não depender sómente da justiça de homeis donde os mais dos juizes são partes: e dado que vinhão no arbitrio de França, pode ser huma cautella para entretanto que fiados nelle nos discuidemos, prorrogarem o tempo ás Companhias com tais condições, que inda quando a sentença sahia por nós, os privilegios concedidos impedirão a execução. E não obsta poder-se dizer que ambas as couzas juntas se podem intentar, como impedir a prorrogação e pedir a El Rey de França por arbitro, porque inda que para hum mesmo fim, são estes dous meios muito separados, e ei medo que os não possamos consiliar. Affirmo a V. Magestade que he materia está que me tem feito entrar em grande desconfiança, perque de meu juizo fio pouco, receo parecer teimoso seguindo meu parecer, e fica o credito ariscado, se não conseguir o que pertendo, e poderem diser dous embaxadores de V. Magestade que se errou o negocio pollos não siguir a elles. Representa-sse-me logo outro escrupulo que para mi não he o menor, de se poder cuidar que quero alargar a cura, como já ouve quem cuidasse, quando mandava buscar minha mulher. Sem embargo de tudo o serviço de V. Magestade está diante, cuide cada hum o que quizer. Entendo que aserto no caminho que levo, e que será de todo perder, ou pollo menos alargar muito mais o negocio, deixar este trilhado por buscar outro, de que inda não provei as dificuldades; poderá não me succeder bem, mas a prudencia julgará pellas disposições e não pello sucesso, e assi me resolvo que até ordem expressa de V. Magestade não mudarei de intento. Eu, Senhor, fallo já com hum anno de experiencia de Olanda; os outros embaxadores de V. Magestade não tem mais que informações, ou imaginações. Bem creio que o zello de todos será igoal ao meu, e que qualquer delles aseratará milhor, mas he muito differente a experiencia dos olhos que a dos ouvi-

dos, e renegue V. Magestade do mal que tem muitos remedios, porque de ordinario não tem nenhum. Esta embaxada de Olanda, alem de ser a recolta dos embaxadores, como já em outra occasião disse a V. Magestade, como aqui hoje se sente o nosso mayor mal, todos lhe querem aplicar o seu remedio, mas emquanto a medicina não desconfia, não he rezão que se sigão outras: mas tomára eu muito que lhos vierão aplicar, que eu se aqui não estivera e não me tocára o asertar com a doença, bem me atrevera a ler huma lição de ponto sobre os remedios della; e inda achára outros muitos, fôra dos que Rodrigo Botelho apontava de comprar as auções, e do arbitrio de El Rey de França que o Conde da Vidigueira quer, e não desesperára de negociar, nem tivéra ao Principe de Orange per pouco affecto. como escreveo Luis Pereira a V. Magestade, segundo elle me disse; nem me foram necessarios os apontamentos que Francisco de Andrade ordena para me deixar, se bem he verdade que por hora só de minhas trassas me ei de valer e procurar o fim que mostrão os papeis que mando e tenho mandado a V. Magestade: que inda que Francisco de Andrade me quer persuadir que convem separar os negocios da sua embaxada e da minha, entendo que não convem, suposto que eu só ei de tratar de ambas, e o contrario seria experimentar novas dilações, porque inda que isto tratado por dous ficava distinto, tratado por hum só vem a ser huma mesma cousa.

O arbitrio de El Rey de França, quisera eu que não chegáramos ave-llo mister, e entendo tãobem que quanto maior necessidade tivermos d'elle, tanto menos o quererão os olandezes; e sempre tivera lugar, como tenho escrito ao Conde Almirante, se como entre aliados seos, quisera *ex officio* meter a mão. Se isto parece que estando bem a França será difficuloso, como ha de ser facil que venha Olanda no que cuida que lhe pode estar mal; alem de que inda este ponto tem muito que avirguar, porque França está mais vizinha de Olanda que de Portugal, e tem com estas Províncias alianças mais apertadas que com esse Reyno, como V. Magestade verá pollos capitulos de pazes que fizerão no anno de 24, que são muito para considerar e para não anojnar no tal arbitrio, senão por ultimo remedio. Este he meu parecer: V. Magestade ordenará o que mais conveniente fôr a seu Real serviço.

De Taquete recebi hontem carta de 17 do corrente, em que me dis que de 4 do mesmo a tivera de Roma, donde de novo se avia feito huma congregação (1) sobre as couzas de Portugal, em que muitos forão de parecer em que não absolutamente, mas como administrador, provesse V. Magestade as igrejas; e que ouvera outros cardeais, mais zelosos da justiça, que fiserão instancia que per huma ves se detriminasse a materia definitivamente, e acabasse de reconhecer a V. Magestade por verdadeiro Rey de seos Reynos e admitissem seu embaxador, porque tinham entendido que nem a França, cujo embaxador fazia sobre o negocio apertadas instancias, nem V. Magestade aseitarião em outra forma as nomeações; e que se podia temer que avendo maior dilação, se podia apartar o Reyno da obediência da Lei appos-

(1) No copiadior lê-se *congregação*

tolica, e que não convinha que a Igreja serrasse as portas á justiça por contemplação de Castella: e que o que no ponto apertára com mais instancia e calor fora o Cardeal Espada, a quem seguirão outros dous com todos os prelados, mas que ultimamente prevalecêra o Cardeal Saquete, Cachinete e Sena (1): e que este acrescentára que no tempo que administrou a Secretaria, não se consintira nunca ao Vice Coleitor Batalhini que representasse em Roma negocio de V. Magestade como de Rey, senão como de Duque de Bargaça; e que comtudo nada fora bastante para que o Espada descesse dê sua openião, sem embargo de lhe representarem seos amigos a offensa que fazia a Castella, e não ser este o meio de levar ao Ponteficado a seu parente Rocci: e que brevemente se esperava resolução em favor da justiça de V. Magestade com assistencia do Cardeal Bichi, que he, segundo me dis, grande servidor de V. Magestade, e tem hoje com a paz de Italia ganhado grande reputação.

Da-me tãobem Taquete outra nova bem nova para mi, que he que França no congresso de Munster não quer tratar de suspensão d'armas, nem de tregoa, senão somente de paz: e como aqui seos embaxadores tratarão somente de persuadir o contrario aos Estados, e não lhes custou pouco trabalho faze-llos vir nisso, venho a cuidar que ou mudárão de parecer porque não diga o mundo que fogião da paz, ou que isto he invenção sómente para o persuadirem: porque diz Taquete que o embaxador de França residente naquella senhoria lhe mostrára carta da Raynha mãi em que lhe ordenava que assim o propuzesse á Senhoria, e que o mesmo ordenava a todos seos embaxadores o publicassem nas partes em que estivessem: noticia que tégora por cá não alcansámos por outra via.

Torre do Tombo, códice 1341, fl. 47, v. (cópia).

Sousa Coutinho ao Conde da Vidigueira

1644 — Junho, 6

Estando a crus feita desta carta para responder á de V. Ex.^{cia} de 28 do passado, me chega de Amsterdam hũa nova que se eu sou o primeiro que a dou a V. Ex.^{cia}, quero alviciras della, e affirma-me Lopo Ramires (2) que he certa, vinda a Companhia em correyo por terra de 1.^o de janeiro; e he que chegando á barra de Goa huma nao hollandesa que vinha da Persia para Batavia, obrigada de tromenta, e de entender que estavam as pazes celebradas, entrou e foi feita presa, que consta de 475 balas de sedas. Não sei cousa que de presente mais nos poderá alegrar, por aver succedido na India, cuja Companhia andava tão soberba, como quem desde sua instituyção não tem experimentado outra perda. Seja Deus bendito, que em toda a parte

(1) Sacchetti, Facchinetti e Segni (?)

(2) Irmão de Duarte Nunes da Costa.

peleja por nos. Espero que este successo obre mais que todas nossas razões, para que estes senhores folguem de ter pazes com nosco, e que lhes peze de a não averem confirmado em Gôa; torno a dizer a V. Ex.^{cia} que me ha de dar alvíciras. Eis aqui, senhor meu, hum caso de que se se queixão os Estados e as Companhias, em que pode o arbitrio de El Rey de França começar a obrar, se bem eu, despois que me vierão á mão os concertos feitos com essa Corôa no anno de 24, com grande escrupulo virei em o querer por juis, senão na vltima desesperação, sendo que era o que a mim mais me convinha, porque era só o caminho de me livrar Sua Magestade deste cuidado, e de o melhorar muito, pondo-o nas mãos de V. Ex.^{cia}, ou em tantas e tão boas como averá em Munster, quando por appellação fosse lá o negocio. O que importava era que destas prezas ouvera mais dous dellas, que as Companhias verião ao relho.

Luis Pereira tem a culpa de o eu acuzar de miseravel, pois não fas caso de mim, pera me dar conta de suas grandesas. Em parte fico satisfeito, no todo não, para que se Deos nos abre o caminho que desejavamos, não só o que se gaba, mas tudo o que se entender que parece bem, se hade dar, e carregado despois á conta de S. Magestade, pois sabemos que disso he servido. Grandes successos, mediante o favor divino, espero a estes sñors em Munster, por que as cousas se vão pondo de maneira que assim o estão prometendo com o que V. Ex.^{cia} me diz do serco de Tarragona, e com o que já cá tinhamos por certo de Gravelingas, e creyo que tambem ajudará o Principe de Orange, que vai já marchando na volta de Flandes; e posto que o exercito com que sayo não he capas para ciliar, o inimigo está tão divirtido, que se cuida que o podera fazer, mórmente que pediu de novo aos Estados quatro mil homens mais, que se lhe vão mandando; e não ajudará pouco as desavenças que ha entre Picolominy e Dom Francisco de Mello e o pouco dinheiro, para esperarmos que a Caza de Austria peça misericordia, inda que está hoje hum pouco mais alentada com faltar no Imperio o exercito da Suecia, mas o Ragoschi (1) não se discuida, e crê se que o Turco marcha em sua ajuda.

Façame V. Ex.^{cia} merce de me explicar esta volta do Marques de Cascais, vindo para ir a Munster, porque não acabo de a entender.

Biblioteca Nacional, códice 2666, ll. 224.

Sousa Coutinho ao Conde da Vidigueira

1644 — Junho, 13

Lembrado estará V. Ex.^{cia} de quantas vezes lhe escrevi que me parecia conveniente que o embaxador Francisco de Andrada, não só não apertasse pela reposta de sua embaxada, mas que nem a pedisse, pelas razões que apon-

(1) Rákóczy.

tei a V. Ex.^{cia}, e por outras que não disse, que era ter certa sciencia de que absolutamente lhe avião de negar tudo. V. Ex.^{cia} me fez mercê de aprovar meu parecer e de escrever a Francisco de Andrada que sobestivesse em seu requerimento. Do mesmo parecer foi Luis Pereira de Castro, e por vezes lhe persuadio, e eu com elle, que senão tinha certesa que ouvesse de ser boa a reposta, que a não pedisse, fundando-me sempre em que me seria melhor seguir huma demanda em que não ouvesse sentença dada, que tella em contrario: e que assim convinha ao serviço de S. Magestade, não só em razão de fazenda, senão em toda a da boã politica, por que huma ves desengana-dos, e obrigados a soffrer, era huma afronta para com o mundo todo, e huma publicação de nossas poucas forças, e o contrario, hum empenho que se devia temer muito. Pois, senhor meu, nada disto bastou pera o fazer decer de sua opinião; não cessou nunca de solicitar a reposta, até no dia em que se despedio dos Estados. exaggerou por caso innaudito aver de ir hum embaxador, sem se lhe responder; e ainda depois da despedida geral, fes a mesma queixa em todas as particulares, até que estes señors lhe quizerão fazer a vontade, e lhe mandárão huma reposta que avia mais de seis mezes que eu tinha feito deter; e não estranhe V. Ex.^{cia} este meu termo, porque tive meyos para o poder fazer. Emfim, conthem a reposta que lhe troxerão, que Angola, Maranhão e Santo Thomé serem tomados em tempo abil, e por essa razão ficar empresa de boa guerra, e porque as suas propostas continhão tambem a não da India, Malaca, Serzipe del Rey e Archem, com outras cousas mais, e lhe não fallárão nellas na reposta, fes logo hum papel, não o podendo já fazer, e sendo contra meu parecer, o mandou aos Estados. Conthem que quem nega parte do que lhe pedem, que concede a que calla; que pedia lho explicassem, porque se não quis ir com este escrupolo, parecendo-lhe que poderia eu avançar isto.

Tal foi o rematte de sua embaxada, e tal fica agora o principio da minha, com circunstancia tão grande que vencer. He bem verdade que quem me tinha ditto qual avia de ser a reposta, me disse tambem que apertando-sse por ella, a primeira não podia ser outra, porque lles convinha mostrar, que conforme as capitulações feitas com Tristão de Mendonça, poderão fazer o que fizerão, e que depois ficava sendo o serviço mayor, e a urbanidade usada na restitução, que expreçamente não negão; se bem fallão em que se fará, he com esta differença, que o dizem somente em particular, inda que he a mayor parte delles. Meu companheiro pasmou, e de maneira que o mesmo com que se quer desculpar o condena mais, porque diz que ha muito tempo que sabia ser isto o que lhe avião de responder, e se lhe arguo que se assim era, para que o solicitava, responde que tal não fazia. Se o serviço de S. Magestade não padecéra, podéra eu comprar por muito dinheiro esta reposta, porque alem de ser pratica comua do embaxador que a minha vinda não servira de mais que de lhe embaraçar seus negocios, ajuntava de novo que elle os tinha encaminhado, e seguia huma tal traça, que Sua Magestade conheceria muito brevemente o grande erro que fizera em o tirar de aqui. Nenhuma destas cousas dis em segredo, senão diante de quantos o querem ouvir, e eu soffro

muito bem porque me conheço, e pelo menos entendo que se não foi erro tira-lo, foi muito grande mandarme a mim. Espero a que se va, pera começar a entender nesta materia, que antes disso me não atrevo. Para o correyo que vem, terei tempo de aver fallado a algum amigo, e avizarei a V. Ex.^{cia} do que achar, por que esta reposta, inda que atraza o negocio, não creyo que o impossibilita.

Rodrigo Botelho está em Osnabruck, como V. Ex.^{cia} já sabera; tem recebido certo com grandissimos acertos, e com despeza e trabalho consideravel pera chegar ali. Elle persuade a Luis Pereira que procure adiantar-se no tratamento, quando todavia continua nos mesmos obsequios, e eu acho razão a ambos, e só a não tem os sôrs Plenipotenciarios de França, porque era já tempo de mudarem de estilo, suposto que se desfizerão as carrancas, e de acabarem de reconciecer os nossos embaxadores, pois a elles os não fas embaxadores ave-los por tais o Emperador e el Rey de Castella, senão o nomea-los S. Magestade: e que poderemos nos esperar dos inimigos, quando aos mayores amigos devermos tão pouco? Ponto he este que entendo que convem que V. Ex.^{cia} trabalhe alhanar, pois do contrario se seguirá hum exemplo danoso, e huma desculpa aos inimigos pera qualquer descortesia.

Muito sentimos cá o successo do Marechal de Lamota (1), inda que por outra parte convem que entendão os francezes que são homens, e que nos podem aver mister; emfim as armas são jornaleiras. Querera Deos que na segunda instansia se vinguem, inda que melhor fora que fossemos nos os que os vingassemos. Aqui anda tambem huma nova, de que inda não sabemos a certesa, que a vanguarda do Príncipe de Orange governada por seu cunhado o Barão de Brederod fora meter pé no forte de S. Marcos, que he a mayor defensa do do Çasso de Guante (2), e que lhe sayrão humas trinta ou quarenta companhias e que os fizerão retirar com as mãos na cabeça, e com perda de trezentos ou quatrocentos homiens: huns dizem mais, outros menos; da certesa avizarei no que vem. O Príncipe de Orange fica nas Phelepinas, no mesmo posto que o anno passado; não sei se querera vingar o cunhado.

Biblioteca Nacional, códice 2666, fl. 227.

Sousa Coutinho ao Conde da Vidigueira

1644 — Junho 29

Não acabo de entender esta volta do Marques de Cascais sem nova ordem de Sua Magestade. Neste correyo, em que esperava repostas a esta pergunta que lhe fíz, me faltou com ella, mas o certo será que as suas *Instrucções* darão lugar ao que fas, e o que he mais certo he não serem capazes as mayores rendas de Portugal pera gastos grandes, avendo de ser conti-

(1) La Mothe Houdancourt, general em chefe do exercito francês da Catalunha.

(2) Saxe de Gant.

nuados. Sabe Deos quantas vezes me lembrão para sentir os de V. Ex.^{cia}, e já com esta consideração tenho mudado do parecer que tinha de que não erão para embaxador os homens tão pobre como eu, sendo que só elles o devem ser, que atados ao que Sua Magestade lhes dá, inda que passem faltas, pelo menos não se empenhão, inda quanto muito contra sua vontade; mas isto pode-se sofrer em Hollanda, adonde com bebêr bem, se suprem todos os outros defeitos, se bem o vinho he tão caro, que para se beber a pasto, (não digo já comer), mal podem chegar os ordenados; assi he necessario nos não desordenemos.

Meu companheiro se não discuida no negócio de que aviza a V. Ex.^{cia} Antonio de Sousa, de quem eu tambem tive carta com a mesma lembrança: brevemente terá tudo em seu poder, para que está já embarcado, e entendo que será partido (1).

As cousas de Munster, conforme os avizos de Luis Pereira, inda que por mayor, parece que vão bem, seja Deos louvado, e para que vão melhor, será conveniente não deixarmos circumstancia que advertir quando nos vem á mão; e assi me parece nos devemos de aproveitar de huma que advertimos o secretario e eu, se bem comunicada ao companheiro. Não respondeo a ella, mas não he este o sinal della ser má; he ella que o Emperador e Rey catholico não querem entrar na paz sem que entre o de Dinamarca, e ainda sem que seja o mediator della, ao que Suecia não quer vir, porque não tem que será bem terceiro hum inimigo actual. Os austriacos insistem, e fazem contra si e por nos nesta pertença, porque com mui justa causa os pode França reconvir quando alleguem que para entrar Portugal he materia nova e fora do tratado preliminarario, pois com o que elles querem, fica sendo o mesmo que Portugal. Não sou eu de parecer que desta razão nos valhamos como esencial, (inda que por tal a tenho), mas convem não mostrar que necessitamos della, porem por via de discurso, parecendo lhe assi a V. Ex.^{cia}, pode dizer aos ministros mayores que já a Casa de Austria não poderá dizer que busca França occaziões para não fazer a paz, quando lá se aproveitão das mesmas. Se isto leva algum fundamento, averei feito o que desejo nesta advertencia, e quando não, pouco se tem perdido em a escrever.

De Portugal chegarão sinco ou seis naos a semana passada, mas sem carta de S. Magestade, nem eu a tive mais que de minha casa, que me não dão novas nenhuma; se a V. Ex.^{cia} lhe chegarem, partirá comigo.

Biblioteca Nacional, códice 2666, fl. 229.

(1) Alusão ao presente de armas e munições oferecidas a Carlos I por D. João IV, negócio que se tratava por intermédio de Pero de Lemos e Francisco de Andrade.

Sousa Coutinho ao Conde da Vidigueira

1644 — Junho, 27

Mando com esta a V. Ex.^{cia} a copia da carta que escrevo ao Marques de Cascais, e V. Ex.^{cia} me escusará de preverter as ordens, sendo que o original se devia a V. Ex.^{cia}, que he esta huma formalidade ensinada por meu companheiro, do grande respeito com que se hão de tratar os embaxadores extraordinarios, que he tanto que aos que o não somos, nos não dá a regra mais que quatro cavalos. Do voto de V. Ex.^{cia} me hey de valer nesta materia, e assi peço a V. Ex.^{cia} mo queira dar considerando, porque certo me acho com ella embaraçado, e atégora se me não representa outra cousa mais que ir continuando com instar que respondão a minhas propostas, e a guardar a ver o que Sua Magestade me ordena no tocante á paz; salvo se os mesmos Estados puxarem por ella, porque então nos ficará melhor lugar, senão para pôr condições, ao menos para poder preguntar as suas: e V. Ex.^{cia} poderá ir empenhando entretanto ao Cardeal Masariny, fazendo queixa do termo desta gente, que he tal que não cremos que queirão vir no arbitrio do Cristianissimo, salvo se Sua Magestade os obrigar a isso.

Muito festejo estar tão adiante a rezolução que se tem tomado de lr embaxador a Portugal, que se nomea já; tudo se deve aos acertos que V. Ex.^{cia} tem tido nessa embaxada, de que eu receyo vir a ser o antipoda. Veremos agora se com esse exemplo os podemos aqui obrigar. Aguardo a saber o nome da pessoa, para com isso lhes fallar mais ao certo.

Pello papel incluso verá V. Ex.^{cia} onde foi a parar Jorge Pereira de Sande. sobre que V. Ex.^{cia} aqui me escreveo, o certo he que era hum grande velhaco e a paçada que fes de Castella a Catalunha foi a mais não poder, por que o prendérão; e o Marichal de la Mota, conhecendo o por portugues, lhe deo liberdade.

Biblioteca Nacional, códice 2666, fl. 225.

Sousa Coutinho ao Marquês de Cascais (1)

O embaxador Francisco de Andrada deve ter avisado a V. Ex.^{cia} da reposta de sua embaxada, que foi a mesma que eu a poucos dias de chegado aqui alcancei que se lhe estava prevenida. Desde então não cessei de lhe fazer instancias para que não apertasse por ella; o mesmo fes o Senhor Conde Almirante por cartas, e aqui tambem Luis Pereira de Castro procurou persuadir-lhe o mesmo. Sem embargo de tudo, ou parecendolhe que a reposta não seria a que lhe diziamos, ou quando o fosse, que lhã não darião, suposto que se passava a outra embaxada, até no dia em que se

(1) Esta carta acompanhava a de 27 de junho de 1644 ao Conde da Vidigueira.

despedio, se queixou de lhe não averem respondido, com que ultimamente o fazião na forma que V. Ex.^{cia} averá visto; e inda que não he causa bastante pera desesperar de melhora, he a que basta, ou a que sobeja, para nos dar mais em que entender, mórmente sendo o principal ponto dos a que vim assentar paz perpetua com estes Estados, em cujo tratado esperava eu serem as condições a restitução das praças occupadas depois da acclamação de Sua Magestade, que Deos guarde, que tinha muito bom lugar antes de sabermos que nos negavão. E ainda que a cousa não está fora de termos, alterou-se todavia muito com huma sentença em contrario, com que estou tão preplexo que não sei como entrar neste negocio sem dar primeiro conta a S. Magestade e esperar reposta sua; porque temo muito poderense originar, tratando-se da paz, cauzas de mayores enfadamentos, não se avendo ella de fazer com as condições que esta gente nos pedir, por que com ellas poderá acontecer que seja pouco decorosa, e para as não aceitar, ficando o tratado por concluir, podense temer mayores rompimentos: e se chegado a este ponto, nos poderamos assegurar que ou estes Estados aceitassem o orbito de El Rey de França, ou Sua Magestade Christianissima *ex officio* quizesse meter a mão no negocio, não avia que temer então o entrar nelle, porque sempre poderíamos esperar melhorar de partido e não se conseguindo, ficava huma satisfação para o mundo, e não se carregando sobre nossa fraqueza, ponto a que se deve olhar sobre todos. Mas huma cousa e outra tenho por dificultosa, a primeira por que receyo muito que não queira Hollanda outro juiso que o seu, em causa que passada a 3^o lhe fica duvidosa, e a segunda por me aver dito o senhor Conde Almirante que o Cristianissimo não entrará nella, salvo rogado e instado pelas partes: o que suposto, V. Ex.^{cia} me fará mercê considerar e avizarme do que lhe parecer que devo seguir etc.

Biblioteca Nacional, códice 2666, fl. 226 (copia).

Sousa Coutinho a El Rei

1644 — Julho, 3

A poucos mezes de aver chegado a este lugar, alcancei logo, de pessoa que o podia bem saber com toda a certeza, a reposta que os Estados determinavão dar ás propostas do embaxador Francisco de Andrada Leitão; e como não convinha ao serviço de V. Magestade que se nos desse na fôrma permeditada, procurei persuadir ao embaxador que a não procurasse, e pelas razões que dei ao Conde Almirante, e a Luis Pereira de Castro, hum por cartas, e outro a boca, insistirão tambem no mesmo que eu; e foi a causa porque por muitas vezes disse a V. Magestade que estes negócios estavam vagorozos, e que a seu Real serviço convinhão o não se apreçarem, por entender que me seria mais facil solicitar hum demanda em que não ouvesse sentença, que depois de a aver em contrario. Sem embargo

de todas minhas instancias, não cessou o embaxador com as suas, porque as fes até no dia que se despedio dos Estados, e inda depois aos particulares em suas cazas, com que ultimamente lhe responderão da maneira que tinhão assentado, que por ventura que ao diante mais facilmente emmendarião antes de a aver declarado, que depois de o averem feito; que se bem he verdade, que quem me advertio da reposta me disse logo juntamente que a primeira, se apertassem por ella, não podia nunca ser outra, a respeito do que lhes convinha mostrar que o que os seus fizerão fora em tempo habil, e não como puramente piratas. o que tacitamente ficarião confessando. se logo pela primeira instancia restituíssem. e que depois de mostrada a justiça, avião de fazer tudo o que conviesse ao serviço de V. Magestade; e como esta era razão tão politica, persuadia-me a que a poderião guardar, e ainda que esta mesma corre no estado presente, pode-sse recear que se contentem das que tem dado, e que ou a não queirão emmendar, ou pelo menos que a emmendem com tempo mais largo seu, e com mayor trabalho nosso.

A reposta foi negativa em todo, se bem as razões com que a acompanhão são tão frivolas que facilmente se podem desfazer, salvo a cauza que dão de Tristão de Mendonça, que he a capital, e a que nos tem destruido. Suponho que o embaxador Francisco de Andrada deve mandar o papel a V. Magestade, e por isso com esta o não mando eu: alem de que elle se partio, no ultimo do passado, e o acompanha duas jornadas o secretario da embaxada, a quem tinha ordenado a forma com que aviamos de escrever a V. Magestade; e porque me parece que chegará o Marquês de Cascais antes que os navios que ouverem de partir destes portos, quis por via de França dar conta por mayor a V. Magestade e pedir resolução nas duvidas que se me offerecem. Chamo reposta negativa dizerem que tudo o que tomárão depois da aclamação de V. Magestade fora em tempo habil, porem não dizem que não querem restituir, antes fazem hum capitulo em que dão a entender que se poderá tornar a tratar da materia em tempo mais acomodado, ou que por este entendão o tratado da paz, ou o fim da Companhia Occidental, cuja prorogação por hora está em silencio, ou a ver o effeito das armas de V. Magestade nesta campanha, ou o que se fás em Munster, com o que me vejo embaraçado na fórma em que hei de proceder; e ainda que a todos os embaxadores tenho dado conta e pedido nella parecer, não me atreverei sem a ordem de V. Magestade passar a outros pontos, porque considero riscos e não me atrevo a toma-los sobre mim. Passada a primeira parte da minha *Instrucção*, que era a jornada de meu companheiro, entrava logo na segunda tratar da paz perpetua, mas he muito de considerar se convem chegar a ella sem pedir emmenda da reposta dada, porque pedindo-a, posso-me arriscar a que depois de outros dous annos a confirmem, ou pelo menos a que não difirão, durando ainda hum anno que falta á Companhia, para tratar da paz: se se não ouver de fazer sem as condições que elles quizerem, (que não posso alcançar quais seião), ou sem as restituções, parece mayor inconveniente chegar a tratar della, se se não ouver de concluir, que o não fallar nella, suposto que na mesma reposta dizem que a tregoa se

garde na mesma forma que se assentou, e que se dê satisfação ao obrado por ambas as partes despois da publicação della.

Por outra parte, se fiados na tregoa quizermos por hora dissimular com a paz, fica em pé outra duvida grande, que he darmos a entender que acabados os dez annos tornaremos á guerra, e darmos lhe com isso mayor razão para nós negarem o que pedimos, e totalmente o negarão; de sorte que deve V. Magestade mandar considerar qual he mayor ou menor inconveniente, se tratar da paz em duvida de restituirem, se continuar a tregoa (*sic*) com certeza de que o não farão, e com duvida tambem de se a guardarão firmemente, suposto o que hoje fazem na India. Eu para mim tenho que com quâysquer condições nos convem a paz, por que he infalivel que as Companhias se perderão com ella, porque a razão com que se escuzão do que fizerão despois da aclamação de V. Magestade he que o embaixador Tristão de Mendonça, offerecendo lhe paz, não quis senão tregoa, com que elles se persuadirão ao que digo; por que inda que de presente não restituão, o tempo lho fará fazer, e que bastará só para isso virem as náos de V. Magestade todos os annos da India, que para o Brazil muito menos basta, por que está em estado que cada dia se pode esperar sua total roina, por que he certo que se não unirá com a Oriental, e que esta, quando a socorra, nunca poderá ser de maneira que lhe faça levantar cabeça; por que tem quebrado por sua causa muitos mercadores de Amsterdam, e alguns delles os de mayor cabedal que ali avia, e vão as açções por hora diminuindo, ficando ao presente de 50 até 45, sem inda aver assim quem as queira; e tenho por quase infalivil a que nos ajão de vir ainda a rogar, e será mais que infalivil, se em Angola tivermos melhora, mas até para isto nos pode fazer danno o averse procurado a reposta, mas se por bem he, os tempos se devem aver desencontrado, para o que tambem convirá não lha avermos aceitado e replicar a ella por entretanto que tenho avizo de V. Magestade.

Pera se aceitar a paz sem as restituções, representa-sse me outra duvida que he a da reputação, e poder de ali argumentar o mundo que falta de forças a fas aceitar, e ainda os particulares do Reyno que não alcanção estas razões poderão cuidar que de todo perde V. Magestade suas praças: e para este caso servirá o arbitrio del Rey de França, inda quando pelas razões que tenho dado a V. Magestade tiveramos por certo que avia de sentenciar contra nós, porem tenho por tão dificultozo que os Estados queirão vir nisso, que o julgo por impossivel, e só tivera lugar, se pelo menos nos estivera melhor que aquelle Rey *ex officio* metera a mão neste negocio. Assim o tenho avizado ao embaixador, para que queixando sse da reposta veja se o pode levar a isso, e aprovando-o V. Magestade, lho poderá mandar ordenar assim tambem. Inclinando-se V. Magestade a que por hora convem mais dissimular com o tratado da paz, me parecia a mim que o meyo que poderia aver era dizer lhes que suposto dizerem que em outro melhor tempo se poderia tornar se tratar desta materia, deixava V. Magestade para então o tratar tambem da paz, o que fazendo-se, poderia V. Magestade

escuzar aqui embaxador; e porque se lhe tirassem as sombras de qualquer outro pensamento, mandando-me V. Magestade ir para a Ilha Terceira, escrevendo aos Estados que convinha assi a seu Real serviço, se ficava cohonestando a minha sahida de aqui, ajuntando-sse mais, que de tres embaxadores que ha em Munster, viria, quando fosse tempo, aqui hum delles, e entretanto poderia bastar hum residente, sem ser necessario que V. Magestade de lá o mandasse. Sem embargo de tudo, torno affirmar a V. Magestade que a mesma pessoa que me deo estes avizos, que he o Smuts, assegura em que se ha de fazer restituição que agora negão, porem he de considerar se convem crer antes a hum particular que tem muita mão nos negocios, se a hum senado inteiro, inda que he verdade que em particular os mais delles dizem o mesmo, ou pelo menos afeão o não se fazer.

Por huma não que chegou da India a Inglaterra, teve a Companhia avizo que em dezembro partirão de lá sete náos e essas com poucas mercadorias, com que de hum dia para o outro abaixarão as acções 40 por cento e de prezente ficão em 400, estando ha menos de hum anno em 530: e parecendo-me que não podia aver tanta baixa e tão de repente só por falta de carga, feita diligencia, achei que das náos que forão o anno passado, se lhes perdeo a mayor e mais importante no Cabo de Boa Esperança, e que lá nos mares da India se lhes perderão mais sete, carregada huma dellas de massa e duas mais que hião para a China; de sorte que com a que lá se lhe embarçou, são onze as que tem perdido dentro de hum anno, e são as primeiras perdas que esta Companhia teve. Deos vai pelejando por V. Magestade, e confio nelle que por todas as partes ha de aprefeioar as vitorias. Tambem dão nova que a barra de Goa ficava impedida. As náos não podem aqui tardar, com sua chegada: não poderão incobrir os Estados a verdade, que ategóra com ignorancia se desculpão.

Os Estados derão huma cadea ao embaxador Francisco de Andrada juntamente com a reposta, de menos valor quizi a metade do que costumão dar aos outros, que aceitou sem ver o que lhe respondião. Não o digo a V. Magestade porque queira que seja culpa, mas porque fique eu sem ella, quando commigo se desculpe. He verdade, que emquanto entendi que se iria sem lhe responderem, fui de parecer que convinha aceitar o que lhe dessem, por não escandalisar aquelles mesmos que avia de aver mister em Munster; porem com tal reposta não sei o que lhe aconselharia, mas sei de mim que a não avia de aceitar, e digo o assim por que não saberá V. Magestade outra couza quando seja tão desgraçado que me vá da mesma maneira, porque são estes os primeiros rudimentos dos embaxadores.

Torre do Tombo, códice 1341, fl. 49 v.º (cópia) (1).

(1) Depois desta carta vem o seguinte apontamento: Em 4 de julho escrevi carta a Sua Magestade sobre o dinheiro que aqui recebo, e a perda que temos em vir a 87 grossos este ultimo que mandou Manoel Rodrigues de Mattos, e o primeiro a 100 e o segundo a 93.

Sousa Coutinho ao Conde da Vidigueira

1644 — Julho, 4

Acho-me sem carta de V. Ex.^{cia} neste correyo, e dera-me mayor cuidado, se o não attribuirá á jornada do Marquez de Cascais, de quem estou com grandes invejas e V. Ex.^{cia} não considero com menores; porem nunca podem ser iguaes as de quem fica em Hollanda, que são de maneira que as tive tambem do embaxador Francisco de Andrada com ir a Munster, por que tudo he melhor que a Haga. Elle sahio della no ultimo do passado, e inda que está em Amsterdam, como a primeira foi sempre a mayor jornada, e as outras são poucas, brevemente lhe dará o fim: Deos o disponha de maneira que seja o para que o desejamos. Não deixo de ter algum temor de que nos meyoys aja duvidas, por que a volta do Marques não deixou cá de levantar fumaças.

✠ Per huma nao que chegou da India, teve a Companhia avizo que em dezembro partirão della sete naos e essas com poucas mercadorias, com que de hum dia para outro abaixarão as açções quarenta por cento, e de presente ficão em quatro centos, estando a menos de hum anno em quinhentos e trinta; e parecendo-me que não podia aver tanta baixa, e tão de repente, só por falta de carga, feita deligencia, achei que das naos que forão o anno passado, se lhes perdeo a mayor e mais importante no Cabo de Boa Esperança, e que lá nos mares da India se lhe perdérão mais sete, carregada huma dellas de massa, e duas mais que hião para a China; de sorte que com a que lá se embargou, são onze as que tem perdido dentro de hum anno, e são as primeiras perdas que esta Companhia teve. Deos vai pelejando por S. Magestade e confio nelle que por todas as partes ha de aprefeiçoar as vitorias. Tambem dão nova que a barra de Gôa ficava impedida: as naos não podem aqui tardar; com sua chegada não poderão incobrir os Estados a verdade, que se agora com ignorancia se disculpão ✠.

As cartas que vão com esta me faça V. Ex.^{cia} mercê mandar remeter com o Marques, se ainda ahi o alcançarem, e se já fôr partido e ouver brevemente navios para Lixboa em que possão ir, logo as mandará V. Ex.^{cia} por elles; e não os avendo, mas torne a remeter no primeiro correyo, para de aqui as mandar com os primeiros navios, por que são cartas para S. Magestade que importão.

Sousa Coutinho a El-Rei

1644 — Julho, 8

Em 4 deste (1) escrevi a V. Magestade por via de França, queixando-me da forma do provimento de Manoel Rodriguez de Mattos, porque ordenava a seus correspondentes que me pagassem conforme viessem os cambios dessa cidade para a de Amsterdam. Chegáráo depois disso navios em que manda emmendar estas quebras, que não vinhão a ser menos que de 13 por cento as presentes, porem ficão em pé as passadas do dinheiro que trouxe, a cujo respeito se paga agora o que vem; mas como por vezes avizou a V. Magestade o embaxador Francisco de Andrada, perdemos ainda assim a vinte grossos por cruzado, por quanto por elles recebemos rigzaldres (2), que he o mesmo que patacas, e como já disse a V. Magestade, nós e os passadores todos temos justiça; elles por que o não podem passar senão conforme vem o cambio, e nós porque não podemos passar, sem o que V. Magestade foi servido sinalarmos, como constará por huma carta que me escreveu Lopo Ramires, que remeti ao secretario Pedro Vieira, em que se vê que o não teremos certo, enquanto nos não vierem a 120 grossos por cruzado,

Esta petição ou queixa he commua em todos os embaxadores. Eu, sem embargo de ser o mais necessitado, está claro que hei de estar pelo que V. Magestade ordenar, e contentar-me-ei que se emmende e aqui por diante, sem pedir satisfação do passado, salvo se der aos companheiros, porque na verdade o que está dito do dinheiro he o certo, e os gastos grandes e todos inexcusaveis, como foi hum que tive um dia de S. Joseph, que fazendo-lhe a festa na minha capella cujo he o orago della, e celebrando os annos de V. Magestade, soube-o o embaxador de França, e mandou me dizer que queria tambem festejar e gentar comigo, como avizei ao secretario Pedro Vieira. E agora na semana em que escrevo esta, tive outro gasto muito mayor, que nem busquei, nem pude escuzar, cauzado de que em vespera de S. João me mandáráo dizer as Princezas de Boemia (3) que hião ás feiras de Delfe (4), (que he huma cidade que está huma legoa desta villa) e que querião que eu as levasse na minha carroça, o que fis e andei com ellas a pé de rua em rua, levando a mayor pela mão, (que por cá não se cobre o braço com a capa para que se encostem), até que viemos a dar adonde avia huns borlatins (5). Estive sentado entre ellas, que erão quatro, e o irmão mais velho com suas damas e outras senhoras da terra, mas isto

(1) Vide nota no fim da carta a El Rei de 3 de junho.

(2) Rijksdalers.

(3) As filhas do infeliz Eleitor Palatino Frederico V e de Isabel Stewart, filha de Jaime I de Inglaterra, refugiadas na Holanda com a mãe.

(4) Delft.

(5) Os lexicografos não sabem explicar esta palavra, mas aqui pelo contexto precebe-se pouco mais ou menos o sentido. É o mesmo que *volantins*.

em hum banco no meyo do teatro, depois do que tinhão em huma casa particular prevenida merenda, em que se brindou bem e zombárão altamente de mim porque jejuava, e não comia carne. De aqui resultou dizerem me que querião tambem ver huma merenda á portuguesa; respondi-lhe que era igual essa merenda á que me avião feito, e que seria quando fossem servidas. Pareceo me que passasse por comprimento, ou pelo menos que deixassem o quando em minha cortesia, mas fizerão no tanto pelo contrario que já na semana passada me quizerão executar pela palavra, o que impedio a partida do embaxador Francisco de Andrada e ave-lo eu de acompanhar huma meya jornada, como fis; mas nesta me não pude livrar, e sendo a promeça de merenda, quizerão que fosse gentar e festa de todo o dia fora da terra, e tudo assim se fes, acrescentando-se de mais mandar me dizer a Raynha que se queria achar nella, e fomos por todos 15 da mesa, fôra huma immencidade de criados, e de ouvintes, que todos comerão e beberão até cair. A mesa se cobrio sinco vezes (fallando pelos termos de cá), as quatro de vianda, de deseseis pratos cada huma, e a quinta de doces. Não ouve falta mais que para a bolça, mas são mãos perdidas, e não foi este o segundo gentar que dei, por que alguns outros ouve, mas pareceo me que deste só devia dar conta a V. Magestade, pelas circunstancias delle e pelas pessoas a que se deo. Afirmão os que ahi se achárão que não só foi digno de hum embaxador de V. Magestade, mas que o concerto e quietação o fes parecer mayor e melhor: se o serviço de V. Magestade se não adientou, o credito não se perdeo, e estes em todos os casos convem conservar-se, como procuro, mas não se pode fazer sem gastar muito: o que V. Magestade me dá, para isso o quero: culpa fora e digna de reprêhenção, se o quisera poupar quando podera, mas gasta-lo sem pedir mais que o que V. Magestade quis que eu tivesse, se com isso se merece ou não, julga-lo-a V. Magestade (*sic*).

Torre do Tombo, códice 1341, fl. 52. (cópia).

Sousa Coutinho a El Rei (1)

1644 — Julho, 8

Com a carta de V. Magestade de 13 de mayo recebi os creditos nella contheudos, e não fás damno o prazo que alguns trazem, por que não he tanta a brevidade com que aqui se negocea, que importe seis mezes de dilação, môrmente que nenhuma he grande, quando ha segurança de homens de negocio. De todas as cautelas de que V. Magestade me manda ordenar que guarde, estou bem advertido, porque esta gente he tal, que menos tempo que hum anno basta para se conhecer. Procurarei proceder nesta materia de maneira que me tire do escrupulo com que fico de cuidar que V. Magestade não aprovou em tudo esta fôrma de negoceação, quando eu

(1) Nota: Em resposta a uma de 13 de maio recebida em 8 de julho do referido anno.

cuidava, que sucedendo, seria a melhor pela brevidade que todas as outras, môrmente que se não entendo mal as *Instruções*, para mayores empenhos me dão lugar, e por aqui entendo os atalhava. Dar conta a V. Magestade de promeças semelhantes obrigado sou, e não as fazer sem ordem de V. Magestade, e inda as de menores quantias; mas pareceo-me que quem as podia fazer de outras muito mais altas, não errava nestas, môrmente quando os negocios se podem fazer ou perder de hum dia para o outro, e quando as distancias são tão grandes, que sendo a carta do meu avizo feita em 10 de março. recebo a reposta em 8 de julho, que só faltão dous dias para 4 mezes. Contudo advirto a V. Magestade que a promeça até gora não he demais que da ametade do que V. Magestade prover, e que a outra foi orçada pela mesma parte para se repartir por outras pessoas: e poderá acontecer que ou se não dê, ou se dê muito menos della, porque em materias de dinheiro vou muito atento, que sei bem os gastos do Reyno e o estado em que o tem a falta de suas conquistas. Quererá Deus que por aqui se possa obrar alguma couza em serviço de V. Magestade, se bem será com mais alguma pouca de dificuldade, despois da reposta que á força se quis que os Estados dessem, não que por isso desespere de o poder melhorar, inda que não será com a brevidade com que eu desejo sair de Hollanda.

Sobre Angola estou certo que teremos grandes duvidas, e que se as armas de V. Magestade as não vencerem, não sei eu como nós cá o podêremos fazer, porque a Companhia está bem desenganada de que logo que largar aquella praça lhe será forçado largar as do Brazil. Alguns dos Estados em particular fallarão em tempos passados ao embaxador Francisco de Andrada neste commercio, e inda que respondeo sempre que não tinha ordem de V. Magestade para tal couza, sempre deixou lugar para poderem entender que de todo o não refusaria V. Magestade. Eu o abominei sempre, por que, inda que Coutinho, reparei tanto no que tocava á consciencia, como ao interesse, e assim nesta parte como nas mais, seguirei o que V. Magestade me ordena, e já V. Magestade averá visto quanto reparei neste ponto. Bem me pareceo que não chegaremos á conclusão delle, senão acabado o tempo da Companhia, que he pelo S. João de 45, porque quando escrevi a V. Magestade sobre estes particulares, foi entendendo que desde logo se lhe prorrogaria o tempo. como apertadamente pedião então, mas está esta pratica em silencio, e nem á Companhia Oriental se prorroga. sem embargo das continuas instancias que fas; de maneira que de presente não tratarei de mais que de procurar que me respondão ás propostas que tenho feito, e de que dei conta a V. Magestade, estando sempre de vegia na prorrogação dos tempos, em que se não em tudo, em parte parece que devem dar alguma satisfação a V. Magestade, que por pouca que seja, sempre nos será melhor pleitiar por menos que por tudo.

Torre do Tombo, códice 1341, fl. 54 (cópia).

Sousa Coutinho ao Conde da Vidigueira

1644 — Julho, 11

Recebi com este correio duas cartas de V. Ex.^{cia} e huma dellas a que me faltou no passado, que a ocazião da partida do Marques me livrou de cuidado que me podera aver dado faltarme, mas agora vejo que nem assim deixou de vir pela parte de V. Ex.^{cia}; seria discuido de quem a avia de encaminhar. Não trazem cousa a que responder, porque os favores que V. Ex.^{cia} me fas nellas não são novos, e se ouver de fazer reposta a todos, nisso gastaremos o tempo, e agora he mal empregado todo o que não for em nos alegrarmos, e nos darmos os parabens huns aos outros, e muitas graças a Deus pela mercê que nos fes na vitoria de Alentejo (1), de que não mando a V. Ex.^{cia} as relações que recebi de S. Magestade, por que he certo que depois de V. Ex.^{cia} aver recebido a que me fes mercê, chegarão as outras: porque ordinariamente, quando aqui chegão naos, são já chegadas a esse Reino e averá V. Ex.^{cia} tido novas com todas as circumstancias. A relação que Mathias de Albuquerque fes a S. Magestade na sustancia vem a ser o mesmo da que V. Ex.^{cia} me mandou, mas nas circumstancias diferem, por ventura que as não saberia o governador então todas, por escrever logo ao outro dia despois da batalha e acabado de chegar a Campo Mayor, e que a de V. Ex.^{cia} seja despois, e certa tambem. Aqui andava já gazeta de Anvers com nova da batalha, em que davão a vitoria pela parte de Castella, e a perda pela nossa, e são tão nossos amigos os santos hollandezes que a tornarão a imprimir em Amsterdam, ou a fizerão de novo na mesma forma ou peor, sem embargo de todos os avizos que pelos mesmos seus tiverão de Portugal, não sei se com raiva do que a sua cavallaria fes (2), se com odio que nos tem, ou ser traça das Companhias, porque deseção que não tenhamos tantas forças. Eu fico ordenando huma relação para se imprimir em framenço; V. Ex.^{cia} deve fazer lá o mesmo em francez, e como nos avemos de arimar á verdade, não ha que nos advirtirmos hum ao outro.

As novas das perdas que teve a Companhia da India Oriental naquelles mares se certificação, e Antonio de Sousa de Macedo as refere com outra boa circumstancia de Ceilão, de que deve ter dado conta a V. Ex.^{cia}: os successos de Portugal em toda a parte são milagrosos, nem Nosso Senhor começou obra tão grande por a não aver de aprefeiçoar por todas as partes, Muita graça acho ao sobre escrito da carta de V. Ex.^{cia} para o Doutor Francisco de Andrada, e para que de antemão esteja prevenido para a reprehensão que ha de levar, segue-sse a forma com que ha poucos dias passou humas certidões: «Francisco de Andrada Leitão, Doutor em Leis pela Universidade

(1) A batalha de Montijo. Vejam-se as cartas de D. Alvaro de Abranches, de Mathias de Albuquerque, e del Rei ao Conde da Vidigueira sobre este assumpto no códice 7162 da Biblioteca Nacional, fol. 315, 316, 325 e 333.

(2) Alusão á fuga da cavalaria hollandesa durante a batalha.

de Coimbra, do Conselho de Sua Magestade, seu Desembargador e Embaxador extraordinario aos Estados Gerais das Provincias Unidas dos Paizes baixos, destinado Plenipotenciario extraordinario pera o Congreço da paz universal da Europa que se ha de tratar em Munster, cidade do Imperio Germanico na Westfalia etc.». E quem toma estes titolos, não sey como levará agorentaren-se-lhe tantos, mas eu bem folgo.

(Autógrafo). Não me dis V. Ex.^{cia} nada do embaxador para Portugal e esperava o com dezejo, por que hey de falar aos Estados esta semana e tomára certeza.

Biblioteca Nacional, códice 2666, fl. 256

Sousa Coutinho ao Conde da Vidigueira

1644 — Julho, 18

Recibi a carta de V. Ex.^{cia} com a *Memoria* para o Cardeal Mazarini, que me pareceo muito bem, mas acho que a sustancia desta *Memoria* está já proposta per nossa parte aos Estados Gerais ha dias, e que não acabão de mandar executar o que se lhe pede e he tão justo, como ainda o que elles mesmo tem declarado na resposta que derão ao Doutor Francisco de Andrada Leitão, dizendo que a tregua se guardasse inteiramente desde o dia de sua publicação, e que todos os incidentes despois acontecidos se satisfação sem exceição de pessoa. Espero que com estas cartas que V. Ex.^{cia} procurou para os Estados e Principe de Orange, acabem de executar o que tanto nos está bem e nos convem, porque poderá ser que obrem mais do que as instancias que tenho feito, e com que continuo.

Para os particulares da Índia Oriental he a resposta muito a nosso proposito, mas para o intento da restituición das praças uzurpadas pela Companhia Occidental, e pelo que esperamos que S. Magestade mande obrar em Angola, não nos está tanto a conto, posto que no fim della dão a entender que fica lugar de transacção e convenção, ainda quando aja occasião mais oportuna. O certo he que estes homens não curão mais que do tempo presente, e como todos são mercadores, e interessados neste negocio das Companhias, lhes buscão sempre o mais seguro caminho de seo proveito: ainda que de todo este lidar entendo que se não alcansará mais que o que esta gente entender lhe convem, ou por seo interesse, ou por ver que de Portugal lhe poderão fazer mais dano do que elles podem receber em satisfazer a S. Magestade o que devem, tanto pelo contrato da tregua como pela conveniencia commúa; e como este mal he tão dilatado, he necessario que o remedio se lhe applique com muita cautella, e tanto como tenho avizado a S. Magestade. O secretario desta embaxada Feliciano Dourado não pode desde sabado falar a monsieur Brasset, para saber se lhe vierão as cartas para o Principe e Estados; no correo que vem, darei a V. Ex.^{cia} conta dellas, se he que são expedidas dessa Corte.

A resolução que V. Ex.^{cia} tomou de não mostrar á Rainha Christianissima e mais ministros a reposta que o Doutor Francisco de Andrada mandou, me parece boa, e melhor o meyo com que V. Ex.^{cia} procura aventajar minha pretensão, porque para o primeiro, tempo fica, e em todo ha lugar da queixa, e para o segundo, poderão montar a intervenção e rogos dessa Corte quando os nossos valhão pouco; mas que o arbitrio del Rey de França falte em respeito de ser credito assegurado pela grandeza dos poderes e bons successos da Corôa entre os amigos e não officio, tenho por difficultoso; porque para este effeito não nos avemos de valer de seo poder, nem os hollandezes virão nisso, senão de comun consentimento quando seja *ex officio* para julgar entre amigos aquillo em que nos compromettermos; porque ser árbitro, officio he ou concedido per direito, ou per compromissão das partes, como será neste negocio quando seja necessario chegar a isso, e para esse effeito nunca pôde negarse el Rey Christianissimo. Eu espero em breve saber huma resolução neste particular do que tenho intentado; do que me sair avizarei a V. Ex.^{cia}, porque quando faltem os meynos, que ainda me não desanimão com a reposta dada, ha lugar de valer do que V. Ex.^{cia} dis e tem avizado. Só me fica huma duvida, e he que tenho persintido que os das Companhias lançavão o ultimo resto sobre sua pretensão, e aqui tudo he venal; contudo não desanimo dos intentos, e quanto posso faço por atalhar os dos directores, e que não se lhes difira sem primeiro se nos dar satisfação. Deos he o que ha de pôr nisso sua mão, como tem feito em tudo o que toca a Portugal.

O que aviza Antonio de Sousa de Macedo he aqui sabido, sómente o que dis de que os hollandezes forão a Ceylão, e que lá lhe matarão os nossos a quantos sahirão em terra em huma cidade, foi novo para mym: se assim he, confio em Deos que teremos grande melhoramento na pretensão, mas se não he, trabalharemos, e o que alcansarmos será a força de braço, que as perdas que a Companhia Oriental teve de sete náos, não he couza consideravel, nem perda que sobrevenha a outras perdas, e os ingrezes neste particular falão como tambem escandalizados á Companhia. E nós não devemos crer, ou persuadir nos, que qualquer borrasca a poem em estado que poderemos obrar a nosso salvo, senão cuidar que devemos com muita cautella e industria buscar muitos meynos para os derribar. Quererá Deos que tudo vejamos brevemente, mas como este negocio foi tão mal ordenado de principio, em que pudera acabarse sem trabalho nem custo, convem dissimular e procurar vencer com sofrimento. Deos a tudo porá sua graça, e com o favor de V. Ex.^{cia} terei muitos meynos para conseguir esta pretensão, como espero para mayor serviço de S. Magestade, que he o que todos procuramos.

Sousa Coutinho a El-Rei

1644 — Julho

Sou tão escrupuloso no serviço de V. Magestade que qualquer pequena sombra me offende, e inda que estou certo que em V. Magestade não corre esta regra para comigo, porque olha minhas açois com milhores olhos do do que ellas meresem, me pareceo todavia dar alguma satisfação a V. Magestade sobre a noticia que tive de que o Doutor Francisco de Andrada Leitão escreveo a V. Magestade em huma estendida carta em que respondeo á reprehção que V. Magestade foi servido mandar nos escrever em carta de 27 de Janeiro; e sem embargo que na fôrma della me fes V. Magestade huma mercê igoal a todas as que tenho recebido, para mostrar que a soube merecer, (inda que seja tomar a V. Magestade hum pequeno espaço em materia que não he de negocio), direi pontualmente o que aqui passamos, que alem de me convir a mim, poderá ser que seja em serviço de V. Magestade, para o que toca conhecer as partes.

Presentindo, antes de partir desse Reyno, que puderia ter sobre as precedencias algumas desavenças com o embaxador Francisco de Andrade com o titulo que tinha de extraordinario, e fazendo-se me aspero que me ouvesse de preceder, perguntei ao secretario Pedro Vieira da Silva o modo com que me avia de aver com elle; respondeu-me que como hum vizinho como outro, porque as embaxadas crão distintas, e não pedião conferencias publicas. Chegado aqui, sem se meter mais que hum dia em meio, me notificou o companheiro que não só nos autos publicos pertencentes á embaxada me avia de preceder, mais ainda nos particulares de sua casa, e do seu coche, acrescentando que a Rainha de Boemia lho mandára advertir, o que *salva paze* não foi, porque as leys da urbanidade observam os que menos as entendem, quanto mais as Corõas. Respondi-lhe que tudo tinha muito bom remedio, saindo me de sua caza, e não entrando nunca com elle no seu coche; o segundo guardei sempre, porque avia de ser na rua, o primeiro não porque era de portas a dentro, que durou sinco ou seis dias; de que por me livrar fui á campanha a ver o Principe de Orange mais cedo do que ouvera de ser, por me entreter enquanto não tinha cazas. Não ficarão estas leys só em theorica, mas puzerão se em pratica, e podendo na sua meza não fazer cabiceira, a les por me tomar a mão direita, o mesmo na sua capella, fazendo dous lugares, ficando elle da parte do evangelho, sendo que delle mesmo pudemos ficar ambos. Deu-me Deus sangue para poder ter confiança e passar por isso: he verdade que o não sofrera a outro igoal meu, e passei tanto avante que não fomos a parte nenhuma em que lhe não desse o primeiro lugar; seja tãobem verdade que não agoardou elle nunca a segunda instancia para o aceitar; o mesmo uzou com Rodrigo Botelho, e o mesmo com Luis Pereira, que ambos o levarão mais asperamente que eu.

Alguma couza se moderou depois que aqui chegarão os Plenipotenciarios de França, vendo que em suas cazas e em seus coches davão o melhor lugar ao embaxador aqui rezidente, e estando aqui muitos dias, e continuando a cortejar a Rainha de Boemia, os não advertio do estilo ao nosso embaxador: paguei lho eu muito differentemente em minha caza, na minha meza e na minha capella, depois de lhe aver aqui espirado o officio, com que pellas suas mesmas leis me ficava inferior. Isto quanto a cortezias; o outro ponto de que se queixou a V. Magestade de hum papel que eu não quizera assinar, convem que saiba V. Magestade que papel era este, porque em o não assinar, creio que obrei no serviço de V. Magestade o que convinha, sendo que Luis Pereira o assinou, avendo o assentado comigo que era huma impertinencia; mas eu o desculpo, que como avião de ser mais tempo companheiros, não era bem que comessassem de antemão as desavenças. Os Plenipotenciarios de França não sei se pello entenderem assi, se por outras razões que eu cuido, desejárão muito que Francisco de Andrada não fosse a Munster, em ordem ao que avendo lhe reconhecido o umor pouco arriscado e muito vão, e achando entrada por estas duas portas, fiserão todos seus esforços, persuadindo-lhe que os riscos erão evidentes e a comissão pouco authorizada. O mesmo trabalhárão por me persuadir, elle, e elles; a hum e outros respondi que os mandados dos Reys erão *stricti juris*, que obedecer-lhes era o que mais authorizava, e que as vidas era o de que menos cazo se avia de fazer, quando importasse ao serviço Real; porem não contente que a elle e a mim o ouvessem dito em particular, quis que em conferencia nolo dissessem, para que feito hum assento dessemos conta a V. Magestade.

Pareceu-me deligencia muito escuzada, e a razão em que me fundei e que lhe dei, foi que avendo de ir como eu cria que elle devia fazer, ficava a conferencia escandelosa para os francezes, porque era melhor yr sem o seu parecer delles, que contra o seu parecer, e que assim me resolvia em que a tal conferencia nos poderia ser mais de damno que de proveito; e que para aver eu de me achar nella contra o meu entendimento, avia de ser com huma condição: e era que depois de eu pôr no seu mesmo papel as razões que tinha para me não parecer bem, avião elle Francisco de Andrada e Luis Pereira acrescentar ao pé de meu sinal, que sem embargo do que alli dizia, elles entendião o contrario, e que convinha ao serviço de V. Magestade fazermos esta dilligencia; o que Francisco de Andrada refuzou muito, E porque chegados a este ponto, não chegassem ás palavras do cabo, me fui tres ou quatro dias fora do lugar, e voltado a elle, ou que o negocio se ouvesse considerado melhor, ou que se entendesse que eu não mudaria de opinião, (sendo que não sou casado com as minhas), não se me fallou mais nelle; e o que continha erão as mesmas difficuldades que escreveo a V. Magestade, e sendo ellas presentes, facilmente verá V. Magestade os dares e tomares que tivemos sobre esta materia; e particularmente hum de que inda não perdeo a queixa, foi que praticando os tres, presente o secretario da embaxada, quis Francisco de Andrade que eu resolutamente decla-

rasse meu voto sobre a sua ida, ou não ida, porque o modo com que sempre me ouve nella não foi outro que dizer-lhe que as ordens dos Reys não admittião intrepetações, e que V. Magestade lhe mandava que fosse e não que o puzesse em conselho, e não a mim que o desse, e que se queria não hir, que mo não pedisse. Instou-me com mortes, ou pello menos com prizões que avião de intentar os austriacos; repliquei-lhe com muita modestia que considerasse bem de que proveito seria sua pessoa ao Emperador ou a El Rey Catholico, para arriscarem por elle hum desconcerto na paz que tanto desejavão.

Creo que me entendeo bem, mas como lhe não fallei á vontade, quis que eu lhe ouvesse dito que a V. Magestade lhe hia pouco ou nada em sua pessoa.

Mostrei-lhe huma vez e outra, e o mesmo os companheiros, que me não entendera bem, mas não se aquietou, com que me foi forçado dizer-lhe, que se o dicera, o não avia de negar, mas que pois me não queria entender, que era assí que a V. Magestade lhe hia menos na sua pessoa e na minha e na de todos seus embaxadores que na mais pequena praça de Portugal; que visse agora o que seria a respeito da segurança do Reyno inteiro que podia depender muito dos bons effeitos de Munster; e que para que soubesse o pouco cazo que se avia de fazer da vida, estando diante o serviço Real, lhe contaria hum, passado, não entre Rey e vassallo, mas entre hum Vicerey e hum fidalgo, que inda que particular, tão honrado como quem o mandava; e foi elle que governando a Índia Dom Luis de Atayde, mandou a meu tyo Diogo Lopes Coutinho, irmão mais velho de meu pay, que sahisse ao mar por Capitão mór de huma armada de remo a tempo que estavão já serradas as barras, e replicando-lhe meu tyo que o mandava a perder, lhe disse o Vicerey: «hum filho de Lopo de Sousa Coutinho não ha de responder assí; mas hir, e perder-se». Foi e perdeu-se.

Estas são, senhor, pontualmente, sem acrescentar, nem diminuir, as mayores desavenças que aqui tivemos; pollas que olhárão só a minha pessoa, passei sem reparo nenhum, nas em que entrou o serviço de V. Magestade, não reparei em dizer com toda a liberdade tudo o que entendia, e como as verdades livres de ordinario são mal recebidas, sei que não tomou bem estas Francisco de Andrada, mas tãobem sei de seu primor que não diria a V. Magestade, senão o que passou, e se excedeo, seria só naquella parte que se desculpa com o não aver entendido. Tem V. Magestade nelle hum Ministro que no zello lhe não faz outro nenhuma ventagem, mas he homem, e como não ha nenhum livre de imperfeições, tem as que aqui lhe notárão; forão ser muito cazado com seu parecer, muito difuso nos papeis, muito comprido nas visitas. Nesta Corte não entrou com bom pé, teve nella desgraças que se rematárão com huma roim reposta; nesta não teve mais culpa que em se não querer hir sem ella, que no mais, esta gente he tal, que se não pode esperar della grandes correspondencias. De mim dar-me-ha V. Magestade licença para que lhe diga huma couza, e he que no negocio não me aseguro o que poderei obrar,

mas posso assegurar a V. Magestade que geralmente estou melhor recebido; a virtude ponha-a Deus.

Torre do Tombo, códice 1341, fol. 55 (copia) (1).

Sousa Coutinho ao Conde da Vidigueira

1644 — Julho, 25

A carta de V. Ex.^{cia} que me faltou no correo em que dei avizo disso, me veyo no outro, o que [deve] de proceder de erro do dono da posta, e como a não recibi logo, pelo receyo de que poderia ser perdida, avizei a V. Ex.^{cia} para me inteirar e livrar deste cuidado. Bejo as mãos a V. Ex.^{cia} pelo que tem de procurar e solicitar nessa Corte meyo com que nesta se facilitem os negocios que tenho a cargo para ser melhor respondido nelles, e com a brevidade que dezejo. No correo passado avizei a V. Ex.^{cia} em como não erão vindas as cartas que o Cardeal Masarini disse a V. Ex.^{cia} mandaria aos Estados, e Principe de Orange. Neste veyo ordem ao Secretario Brasset para que solicitasse os negocios de S. Magestade assi como se forão del Rey Christianissimo, e lhe dis mais o Cardeal na carta que lhe escreveo, (a qual me mostrou hontem nesta caza), que faça de conta que não está aqui para outra couza mais que para negociar as de Portugal. Ao Secretario Feliciano Dourado está a cargo darlhe hum *Memorial* na forma que nos está bem, para que o apresente de sua parte, e procure com instancia a mesma reposta que eu, p[or]que por hora he que se mande guardar a tregua inteiramente desde o dia de sua publicação, tanto na India Oriental como no Ocidente, e que nos dem os papeis para que vão por nossa via, assy como elles a devem mandar pela sua; e vem a muito bom tempo a diligencia que V. Ex.^{cia} fez, porque com a instancia dobrada, não poderão deixar de acodir, ou por cortezia, ou por respeito.

As novas que Antonio de Souza de Macedo mandou a V. Ex.^{cia} tenho aqui ha dias, supposto que com menos apparatus, de náos de guerra; elle me avizou que os hollandezes havião hido a Ceylão, mas que os nossos lhes avião mortos a quantos desembarcárão. Aqui totalmente encobrem isto; só se dis que hião a Ceylão dose naos com gente, a que tenho já acodido na conformidade que V. Ex.^{cia} me mandava, repetindo o que já lhes disse, quando lhes protestei sobre se não guardar e publicar a tregua na India, e pelas hostilidades que ally nos fazião ainda seos subditos; o mesmo se apontará no *Memorial* para o Secretario Brasset, porque trate de huma e outra couza juntamente, sendo toda huma na substancia.

(1) Depois desta carta vem o seguinte apontamento :

«Em 30 de julho escrevi carta a Sua Magestade sobre Theodoro Estriker. Em 31 do dito escrevi carta a Sua Magestade pedindo-lhe o seu retrato, o da Raynha Nossa Senhora e os de Suas Altezas».

Estas duas cartas não veem no copiadór.

Este successo de Portugal foi a tão bom tempo, que poderá cauzar algum bom despacho para esta pretensão. Aos Estados levei quinta feira passada a nova da victoria que S. Magestade alcançou, por mercê de Deos, dos castelhanos; e para dismintir os falsos rumores que avião já espalhado os contrarios, lhes dei huma relação em latim de todos os successos que nesta campanhã obrou o braço portuguez por todas as fronteiras, com o cargo de Tanjer (1), que por ser notavel, foi ouvido com admiração. Mostrei lhes que as armas de S. Magestade forão as primeiras que nesta campanha sairão a offender o inimigo, a promptidão, e amor com que os Portuguezes expunhão cada dia as vidas por seo Rey e Patria, e os grandes favores do Ceo que recibia S. Magestade e seo Reyno; no que bem se reconhecia que estavam á conta de Deos as couzas de Portugal: com isto concluy a relação, que muito festejarão e com palavras de agradecimento derão os parabens a S. Magestade. O mesmo fez o Principe de Orange, a quem mandei a nova ao exercito por hum gentilhomem de caza, e me respondeu com huma carta chea de alegrias e contentamento pelo bom successo das armas de S. Magestade.

Pareceo-me ajudar a este gosto com algumas mostras exteriores, que não ha de ser tudo para o coração, e mandei ordenar humas luminarias e fogos, com o mais que a terra permite, que não foi mal recebido. Ponha Deos sua mão em tudo, e nos dê o fim dezejado a nossas pretensões.

Alem de V. Ex.^{cia} me dizer, tenho entendido que o Marques de Cascais está em Nantes com vagar, e o doutor Francisco de Andrada Leitão está ainda em Deventer, duas jornadas de Munster: não sei se sairá daly em breve, porque para esperar pelos Estados, tarde será, e para entrar sem convoy, risco tem, conforme de lá avizão. O tempo mostrará o que ha de ser, e Deos encaminhará huma boa hora para muitos e bons successos.

Biblioteca Nacional, códice 2666, fl. 306.

Sousa Coutinho ao Conde da Vidigueira

1644 — Agosto, 1

Aqui se tem divulgado já em muitas gazetas que a victoria foi dos portuguezes, e não dos castelhanos, e como esta gente vive destas variedades, podia escuzar a minha relação, se não fora necessario declarar as circumstancias da batalha (2) para a fazerem mais aventajada, com os demais soccessos que thé áquelle tempo avião tido as armas de S. Magestade; e ainda me aproveitei de alguns pontos dos que V. Ex.^{cia} me avisa que lá teve de cartas particulares, porque tudo convem para alhanar a soberba com que os

(1) Refere-se ao levantamento dos habitantes de Tanger, proclamando El Rei D. João IV. Ceuta foi a única praça portugueza que não se eximiu do domínio hespanhol.

(2) Refere-se á batalha de Montijo.

castelhanos athé de Colonia fazem publicar por sua esta victoria, fingindo que com festas se celebrou naquellas partes, como em Flandes e Alemanha; porem não será tudo isto bastante para que possam encobrir as quebras de suas armas, nem o valor dos portuguezes, e ainda lhes será mais penoso ver que na volta d'isto se rende Gravelinga ao franceses, e que o Sax de Gante está sitiado pelo Principe de Oranje, que he a chave de todo e Flandes Barbante. Poderá ser que agora rezistão com menos forsa aos intentos da paz de Munster, e que lhes custe mais caro qualquer dilação com que a impidão, porque tambem se affirma que os suecos levárão o melhor na batalha que com os danezes tiverão no mar Baltico, posto que os contrarios dizem o que costumão anticipadamente, para seo proveito e intentos.

Francisco de Andrada está em Deventer com os receos que de lá avizão pode temer; dis-me que nunca mais dezejou de entrar em Munster que agora: assim o entendo de seo zelo e espero que achando commodidade não deixará de fazer o que entende que convem, do que deve dar conta a V. Ex.^{cia}, posto que me aviza lhe faltão suas cartas, de que me espanto, porque o tenho por tão liberal das correspondencias, como amigo de conservar os titulos da possessão em que se vio senhor: creio que ja V. Ex.^{cia} averá tido carta sua, e larga noticia de suas couzas.

Com esta nova que V. Ex.^{cia} me dá nesta sua carta de 23 de julho da nomeação do Marquez de Rolhac (1) para embaxador de Portugal, podemos esperar muitos e bons socessos em todas nossas pretenções, e crer que França não deixará de procurar os bens a Portugal que para suas conveniencias lhe estão a conto: principalmente vendo-se que nesta occazião em que na Dieta ha mayores embaraços, e em que o Imperador procura mayor facção e colligação de amigos, tratar França dos seos e de Portugal he ponto que me satisfaz grandemente, e não me fica lugar para persuadirme que os francezes e suecos dezejão tregua com os austriacos, querendo vir nisso, e mais que o tratarão ambos os colligados. V. Ex.^{cia} faça ahí sua pesquisa sobre este ponto, com os modos e advertencia que V. Ex.^{cia} sabe ter em tudo, porque não fiquemos neste jogo com os trunfos na mão e vazas perdidas; digo isto porque o tenho alcançado de boa parte e convem-nos lançar fora o temor com a segurança do que dezejamos e procuramos, e com avizo de V. Ex.^{cia} ficarei menos inquieto nesta parte. Os demais alliados não terão agora desculpa, se dilatarem com este exemplo de França de mandar tãoobem seos embaxadores, e estes Estados acabarão o que ha tanto tempo promettem, que pairesse he nelles razão de estado a dilação sob capa de boa amizade. Tenho-lhes dado hum *Memorial* em que lhes pesso com instancia que mandem satisfazer as perdas do cazo de Angolla, repondo o governador ao lugar donde o tirárão, e pagando os danos que disso tem resultado com o cabedal que levárão, conforme o que deliberárão os Estados na reposta dada ao doutor Francisco de Andrada. E agora que he chegado o Conde Mauricio (2) do Brazil aperto com isto, porque traz treze

(1) Luis de Goth, Marques de Rouillac, embaixador francês em Portugal.

(2) Conde João Mauricio de Nassau, governador do Brazil holandês.

naos da Companhia com muitos asuques, e conforme se dis, com tudo o que o Brazil tinha, e ficou aquelle Estado muito falto de dinheiro, forsas e náos, e os portuguezes descontentes com a vinda do Conde.

Tambem mandei outro *Memorial* aos ditos Estados em que lhes pesso me mandem dar cartas para a India, para que seos subditos cessem com as hostilidades que lá fazem aos portuguezes, e guardem a tregua compridamente sob pena de cazo mayor, as quais cartas devem não só dar-no-las, mas tambem manda-las por suas vias, e obrigar aos directores da Companhia que escrevão a seos officiais, sem embargo que os Estados o fazem na mesma conformidade.

A mesma advertencia fez o Secretario Brasset, que se encontrou com Feliciano Dourado em caza do Prezidente e ambos ao mesmo effeito; ahy mostrou huma carta do senhor Cardeal Mazarini em que lhe manda fazer aquella diligencia na forma que V. Ex.^{cia} me tinha avizado no passado, e lhe pediu o treslado do capitulo para o ler em meza na Junta: do que rezultar, darei avizo a V. Ex.^{cia}.

Biblioteca Nacional, códice: 2666, fl. 303.

Sousa Coutinho ao Conde da Vidigueira

1644 — Agosto, 4

A carta do Cardeal Mazarini para o Secretario Brasset veyo na forma que avizei a V. Ex.^{cia} no passado. Agora veremos como lhe differem os Estados e a nós sobre o mesmo particular, porque lhe tenho pedido com instancia cartas para a India Oriental, para que seos subditos guardem a tregua na forma do tratado, posto que serão escuzadas se a nova que V. Ex.^{cia} me manda he certa, e consertarem entre sy os nossos e elles, sem mais que pela obrigação do contrato, e conveniencia do commercio; mas não he bastante esta boa nova para que deixe de continuar na minha pretensão, que nunca nos fará mal aver as cartas e mandados, para que a todo o tempo possam servir, quando não concluão como se dis; e tenho para mym que se na India se conclue a negoceação do tratado da tregua, que he porque os portuguezes tratarão com roim hospedagem aos hollandezes que forão a Ceylão com doze náos de guerra, conforme me aviza e ratifica o doutor Antonio de Souza de Macedo, que será muita parte para que nossa pretensão tenha melhores esperanças para se conseguir com bom socesso.

A pretensão de D. Luis de Portugal, na forma que V. Ex.^{cia} me aviza, lhe não entendi nunca, nem elle ma communicou; só me disse ha tempos, que estava arrependido de não aver hido com sua molher e familia logo lançar-se aos pés de S. Magestade, assy como veyo a França; porem que por lhe parecer acertava em querer primeiro licença, o deixára de fazer. Eu lhe direi pelo melhor modo que poder que lhe não convem hir agora sem expressa licença de S. Magestade, e que arrisca todas suas pretensões se o

fizer. V. Ex.^{cia} pode ahy tambem, achando que continua, fazer com o Cardinal Mazarini que lhe diga o mesmo, que he boa escuza para lhe negar convoy que pede, porque mais facilmente se pode obrar por essa via que por esta.

S. Magestade lhe mandou fazer offerta de seis mil cruzados para regalos de sua molher, e que logo lhos mandavão, e ha quasi hum anno sem mais falarem nisso; por ventura que a necessidade o obrigue a alguma couza, porque padece muito, e me parece que se contentará com que S. Magestade lhe mandará dar de comer; não tenho outra noticia mais sobre este particular.

O Principe de Orange continua com o sitio do Sax de Gante, que he cousa de grande importancia, e se entende que o ganhará brevemente, e ontem se disse aqui que os francezes sitiavão a Borburg (1), entre Gravelingas e Dunquerque, por parte de terra: V. Ex.^{cia} nos dirá a certeza.

O Marquez de Cascais me escreve, que nas que recebeo de S. Magestade, lhe dis que estarão as couzas de Munster ja em estado que brevemente o chamarião de lá ou não: não comprehendo estas palavras de S. Magestade, vendo ao Marquez em Nantes, e de caminho; se V. Ex.^{cia} tem mais clareza disto, estimarei que mo diga.

Hoje veyo o Elector Palatino, filho da Raynha de Bohemia, despedir-se de mym, dizendo que se vai a Inglaterra, por ver se pode accomodar as couzas entre el Rey e o Parlamento, e com muitas esperanças de effectuar este negocio. Sua ida he a Londres ao Parlamento; poderá ser que alguma couza mais o leve lá e que tenha seos meyos para esperar bons socessos como se promette.

Bibliotheca Nacional, códice 2666, fl. 300.

Sousa Coutinho ao Conde da Vidigueira

1644 — Agosto, 15

Os Estados Gerais me respondêrão ao *Memorial* que lhes dei sobre o particular das cartas que para a India lhes pedi, com as quais apresentadas cessasse a hostilidade que lá fazem aos nossos portuguezes, que esperavão por naos, e que não tardarião muitos dias; que com sua vinda, tomada melhor informação, deliberarião o que se devia fazer, e com isto me nomearão novos commissarios para tratar dos negocios gerais. Tenho avizo que são chegadas duas naos, as ultimas de sete que partirão da India: com isto não poderão escuzar-se de fazer o que lhe pedimos, porque he justo e sem innovarmos cousa alguma: da assistencia dessa banda me não consta ainda se chegarão cartas para os Estados e Principe mais que o que tenho avizado a V. Ex.^{cia}

(1) Bourburg.

Francisco de Andrada Leitão está em Deventer, esperando resolução dos Plenipotenciarios de França para poder entrar: elles lhe tem respondido que não convinha sem a companhia dos Estados, e que avia de ser totalmente deposta a authoridade de embaxador, porque de outra maneira seria occazionar a grande risco que elles não poderiam remedear: e sendo na forma que entrou Luis Pereira de Castro, faria menos vulto, com que, procurando-se pelos meynos ordinarios o salvo conducto para sua assistencia publica, ficava lugar para se dar a conhecer, e ser admitido como embaxador de S. Magestade, a quem elles muito dezejavão servir, e trabalhavão porque tudo socedesse como nós dezejavamos. Com esta, que he a sustancia pouco mais ou menos da reposta, está indeterminado; veremos o que continua, e conforme a isso se rezolverá o que deve fazer. V. Ex.^{cia} terá ja carta sua com a mesma reposta que lhe mandarão, e saberá por ventura mais do que elle me explica de sua tenção.

A ida do Marquez de Rolhac (1) tomáramos ja ver em execução, porque com isso se dezenganarão os que ainda cuidão que he zombaria, mostrar-lhes-ha Deos o dezengano, e o nós nos dará as felicidades que procuramos alcançar nas pertençaes para mayor sua confuzão.

Wouter Abraham tem dado em principio de paga dous mil florins a Jeronimo Nunes para Luis Pereira de Castro. Elle está forte em dar o dinheiro. Luis Pereira commetteo este negocio e Jeronimo Nunes porque os mercados melhor se entendem huns com os outros; contudo não falto em mandar lhe avizos e recados de que zomba: temo que chegado á justiça seja peyor, porque a destas terras toda he tal que se deve temer, não sei se culpa a quem encaminha os negocios a tais mãos, estando aqui hum feitor de S. Magestade: farei mais, e mais thé que ou pague ou nos dezengane.

Jeronimo Nunes me aviza que vio carta de Madrid que dis estar Lerida desercada e livre do Castelhana: V. Ex.^{cia} ahy saberá melhor o que nisto ha. O Sax de Gante vai-se estreitando, posto que se defende valerosamente. Em Alemanha cresce a guerra: e a paz cada vez mais se empata quanto às apparencias. Da India não tenho ainda particularidades, porque hoje se deo a nova da chegada das naos; como as tiver, darei dellas avizo a V. Ex.^{cia}. Dizem por certo que o Maranhão está livre de hollandezes; queira Deos que assim seja.

Fis diligencia com D. Luis de Portugal sobre o que V. Ex.^{cia} me avizou; nega absolutamente, e não só o pedir convoy em França, mas que nem ao pensamento lhe chegou, e o afirma com todas as veras; por hora não ha de que mais avize.

Biblioteca Nacional, códice 2666, fl. 339.

(1) Rouillac.

Sousa Coutinho ao Conde da Vidigueira

1644 — Agosto 22

Se a perda de Lerida se recompensar com Tarragona, que he o intento que me disse Monseur Barcet (1) com que ficava o Marichal de la Mota, com grandes ventagens ficarão naquelle Principado as couzas de França; mas como he empreza que foi outras vezes intentada, e se descobrirão sempre grandes difficuldades nella, receo que as mesmas estejam em pé de presente, e assi não nos podemos alegrar tanto com o intento duvidoso, posto que grande, que nos tirem a pena de huma perda certa; mas convem tambem senhor que conheção os francezes que são mortais, e que podem aver mister os amigos, e como para ali lhe he de tanta importancia a nossa guerra. Tenho formado muito tempo ha hum conceito que me consola, por mais que suas inconstancias pormetão pouca seguridade, por que tenho por infalivel que em quanto França não desemparar Catalunha, nos ha de conservar amigos e procurar poderosos; e não deixa de me parecer que não carece de misterio mandar nesta ocasião, e não em outra, embaxador a Portugal, e como os austriacos procurão novas confederações com os amigos, quiçã que a resolução de França siga, senão em todo, em parte este pensamento; e se V. Ex.^{cia}, parecendo-lhe, achará meio para procurar nova confederação das Coroas, grande serviço fisera a S. Magestade e grande bem á patria, e pollo menos no intenta-lo, não vejo perda. Perdoe-me V. Ex.^{cia} a advertencia, ou por dizer milhor, inadvertencia minha, porque se he boa, V. Ex.^{cia} averá dado nella muito tempo ha, mas eu com dizer o que me parece, mostro, quando já não aserte, que desejo asertar.

De Francisco de Andrade recebi hoje carta e hontem de Luis Pereira; confirmão ambas em que vai e tem recebido ordem para entrar em Munster, para o que ficava esperando comboio. Rodrigo Botelho me dis em outra que tambem rezebi sua, que os embaxadores de Suescia com grande calor instarão aos de França para que todos procurassem os passaportes para os nossos, mas eu não vi nunca tanta freima em francezes: inda lhes parece intempestiva a pitição, assi o deve de ser, senão he que tem gosto de que os sirvamos com mais humildade: que he o que meu companheiro que foi leva mais asperamente que tudo, porque se queixa do salvo conduto que lhe mandarão não rezar outra couza que *monseur de Andrada gentil homem portugues*, e acrescenta que Luis Pereira ficava contentissimo; não sei se o estarão ambos depois que estiverem juntos. De Portugal chegarão navios; não trazem couza de novo: atégora não tenho recebido mais que duas cartas de S. Magestade; não me tem chegado hum maço grande que sei que me vem; se ouver de que avizar a V. Ex.^{cia}, fa-lo-ei na primeira posta.

O Principe de Orange vai apertando o Sax; tem ganhado a contra

(1) Brasset.

escarpa, mas o fosso principal que lhe resta he de 300 pees de largura; tem feito pontes a imitação de Garavilngas por escuzar as galarias; he certo que o levará, mas não será muito a mãos lavadas: tem lhe custado gente e custar-lhe-ha muito mais: a praça tem inda hoje dentro 250 homens, mas está sem serveja e com pouco sal, o que obrigará a render-se mais depressa, posto que tem bastantemente farinha.

Nesta minha embaxada me vai mostrando a experiencia ser certo o que logo que aqui chegei escrevi a S. Magestade e repeti muitas vezes, de que avia de obrar mais o tempo que todas as outras diligencias, por que vai vendo a Companhia Occidental que a passos contados se perde, e começa a entender que para se não consumir de todo, lhe convirá concertar-se comnosco: as auções depois da vinda do Conde Maurício que as achou em 47 descerão 10 mais por çento. Eu não perco ponto na vigia, e agora ordenei ao secretario que fosse a Amsterdão, para donde partio hontem a fazer nova tentativa ao procurador da Companhia, e inda ajunta-lhe huma ofertazinha de dinheiro, que acaba com esta gente mais que todos os Demostenes: avizarei a V. Ex.^{cia}, com sua volta, do que montar esta diligencia.

Muito bom fora com a morte do Papa (1) que tivéramos pessoa em Roma, porque nos princípios se emcaminhão melhor os negócios; digame V. Ex.^{cia} se para este cazo tem algumas ordens de S. Magestade.

As naos da India não acabão aqui de chegar; he bem verdade que dá mais cuidado á Companhia do que a mim: de duas que partirão em janeiro tem avizo que andão nestes mares, mas desgarrarão com os tempor[a]es. Confirmão cartas que dellas vierão o que V. Ex.^{cia} me avizou de que estavam nomeados commissarios para se tratar lá do acomodamento da tregoa. De outras sinco naos que partirão hum mes antes destas, duas não tem nova nenhuma, de que anda a Companhia mui descontente; inda quando não sejam perdidas, só com que ajão arribado, nos fará muito ao cazo. S. Magestade me aviza das duas navetas que ficavão na Bahia e Fayal, e que se esperava mais outra não: se com isto Deus as tras a salvamento, são tudo obras suas.

Biblioteca Nacional, codice 2666, fl. 301.

Sousa Coutinho a El-Rei

1644 — Agosto, 28

Hontem á tarde me veo buscar Dom Luis de Portugal, (alegre com a nova que trazia), para me dizer como El Rey de Polonia estava feito *mediator* para a paz geral, em lugar do de Dinamarca, e que naquella hora lho acabava de dizer o seu rezidenté, de que lhe parecera dar-me logo conta para o avizar a V. Magestade, cujo serviço se adiantaria muito com esta troca; e sem emhargo de considerar que não ficava mal assi o negocio, mostrei

(1) Urbano VIII.

entendello muito pello contrario, e acompanhando a demonstração com sentimento, e querendo Dom Luis saber a razão delle, lhe disse que o de Polonia era Casa de Austria, primo com irmão do Emperador e de El Rey de Castella, e que duvidava muito que o de França o quizesse admitir. Satisfes-me com que assi avia sido em quanto vivera a Rainha, que era irmã do Emperador, e que morta ella, o ficava tambem o filho de que erão compadres. Pareceo-me ir com a cautella mais avante, e depois de hum largo descurso, lhe disse que não era só aquelle o meu sentimento, mas que eu por outras razões que já com elle avia praticado, me movera a escrever a V. Magestade que converia mandar embaxador a Polonia e que esperava reposta de V. Magestade, e que cuidava que poderia conformar-se com a minha proposta; e que agora ficava esta trassa desbaratada, porque poderia cuidar aquelle Rey que o buscavamos na necessidade, e que assi isto como o poder se fazer sospeitoso na mediação, seria cauza que não aceitasse a embaxada. Pareceo-me uzar com Dom Luis desta cautela para o intento que nella levei; ainda que segundo o conceito que tenho formado deste fidalgo, (e em que cuido que me não engano), obrão-se melhor os negocios que não vão muito ajustada á verdade quando se não entendem. Se acertei ou não, não entendo, V. Magestade o julgará, mas succedeo o intento como eu queria, que foi dar Dom Luis delle conta ao rezidente de Polonia, cuja primeira reposta foi que estava muito espantado dos embaxadores de V. Magestade não averem nunca procurado coresponder-se com elle; e que inda o espantára muito mais aver V. Magestade saltado em claro por seu Rey sem aver ou por hum embaxador ou pollo menos por hum gentil homem particular dado lhe conta da aclamação e direito da successão de V. Magestade, e môrmente avendo tão estreita amizade entre o senhor Infante Dom Duarte e o Principe Cazemiro, em graças do que seu Rey avia escrito duas cartas a V. Magestade quando era Duque, ao que eu não respondi, porque o não sabia; e que nenhuma duvida fazia em que ouvesse aceitado a vizita per qualquer caminho que fosse, porque inda que he da Caza de Austria, que aquelle Reyno tem mais de republica que de monarchia, com o que não dependem de outros interesses que dos de sua conservação, tendo pax com todos os Principes; e que se eu queria que nos correspondessemos, que elle o não podia fazer, suposto aver passado tanto tempo sem primeiro dar conta a seu Rei, e que tivesse por certo que se a resposta fosse que não avia inconveniente para me comonicar, que nenhuma averia em se admetir embaxador.

Dom Luis me veio hoje com esta resposta. Eu me mostrei muito mais sentido do segundo que do primeiro e ainda queixoso de que elle comunicasse ao rezidente as materias que eu lhe fiava, como a vassalo e obrigado, de V. Magestade, mas que pois no feito não avia remedio, lhe pedia quizesse dizer de minha parte ao rezidente que no que tocava a minha pessoa era grande servidor seu, e o desejava ser mais, por huma correspondencia e amizade muito apertada; e que para até qui sabia que V. Magestade mo teria a bem e que estimaria muito que de seu Rey tivesse a mesma permissão, e que a culpa de o não aver procurado antes fora mais dos embaxadores meus

antecessores que minha, e que emquanto aqui esteve meu companheiro, não pudera alterar as correspondencias, nem fazer mais que continuar com as suas, mas que logo que ficára só, dera conta a V. Magestade de que nos estaria muito a conto, quando não amizade total com seu Rey, que pollo menos as demonstrações publica não faltassem entre seus ministros. O que proposto, pormeteo o residente de que no dia de hamenhá, que he o do correo, escreveria a seu amo do que lhe eu propunha ácerca de nos correspondermos, e tornou a segurar que se tivesse licença para ella, poderíamos ter por certo que não averia duvida, que o mesmo se segueria com embaxador quando V. Magestade lá o quizesse mandar; porem a este ponto respondi que tratassemos do primeiro, que o segundo tocava só a V. Magestade. Dentro de dous mezes será aqui a resposta, que não pode ser antes; entretanto mandará V. Magestade considerar este negocio para se resolver o que mais convenha a seu real serviço.

Eu digo o que tenho feito e em que entendo que não erreí, porque sem empenhar a V. Magestade, pode acontecer que empenhemos a El Rey de Polonia, que inda que Austriaco nos ha de ser melhor que o de Dinamarca, porque pollo menos temos deste certeza que não quis ser amigo e daquello estamos em duvida; e se havemos de crer a conjecturas, inclino me mais a que será *pro* que *contra*, porque por muitas tem mostrado ser pouco afeiçoado aos castelhanos. Sou obrigado a dar a V. Magestade tambem nesta matéria meu parecer, mas não asertar nelle, e assi digo que sendo El Rey de Polonia *mediator*, e avendo certeza de que admitirá embaxador, que não ha nenhuma para que V. Magestade aja de deixar de o mandar, e avendo-a, que pode ser só mais a respeito do cargo que da vontade, que sempre conteria mandar-lhe hum gentil homem; e posto que para o primeiro lugar pudera convir bem o mesmo Dom Luis de Portugal e não para o segundo, fio eu delle que nenhum emjeitará no serviço de V. Magestade, e porque avia muito tempo que me persuadia a que convinha muito mandar ali embaxada, uzei deste termo de lhe dizer que o avia escrito a V. Magestade e que esperava reposta. Esteve já em Polonia, e El Rey, segundo tenho visto por algumas cartas que lhe escreveo, o trata, não só com demonstrações de afeição, mas com grande respeito a sua pessoa; e se isto mesmo lhe fizer a V. Magestade escrupulo para o aver de mandar sem todo o decoro que se lhe deve, para mayor dissimulação, entendo que nenhum outro convem tanto, porque pode fazer a jornada como puramente vezita sua, e negociar assi melhor que em outra forma; recebendo-o como embaxador de V. Magestade não ha que reparar, porque inda que a pessoa he grande, o officio não he inferior a ella.

Seguir-se-ão daqui a meu ver muitos proveitos, como são occupa-lo V. Magestade, que he o que elle sobretudo deseja; experimenta V. Magestade seu talento, dá lhe de comer; merecendo-o verá o mundo que se emprega no serviço de V. Magestade hum homem de que se poderá julgar contrario: se consegue o fim do negocio, hé o que mais convem, e se não, nenhuma couza se aventura, tentando huma que á vista parece que não

trás só defeculdades mas impossibilidades; e se Dom Luis sahe bem dellas, fica aprovado para mayores lugares e puderá despois vir a Munster, suposto que o Marques de Cascais se torna; e lembra-me que já para este segundo posto o enculquei a V. Magestade, tendo para isso considerações (a meu ver) muito forsozas, como são o parentesco da casa de Nazau com todos os mayores Príncipes de Alemanha, e em grau mais propinquo com os Eleitores que com os outros. Sua avó Anna de Sax foi filha do Duque de Saxonia, com que com este fica no segundo grau; com o Marquez de Brandenburg está no mesmo, e por esta parte he tio da Raynha de Suessia: do Conde Palatino, Rey de Boémia despojado, foi primo com irmão, por serem irmãs as mãis; da Lansgravina de Esia (1) he primo com irmão; com o Duque de Baviera tem tãobem muito parentesco, e assi com os mais, porem os nomeados são todos feuras no Congresso, e com o mesmo Rey de Polonia tem pola mesma via muito parentesco, e quando não fora mais que por respeito do Senhor Infante, entendia eu que converia ali muito sua assistencia. V. Magestade obrigado está a dar de comer a qualquer pessoa de calidade que o fôr buscar, estillo que se goardou sempre entre todos os Reys do mundo, particularmente entre os de Espanha, quando nella os avia de Portugal, Castella e Aragão, e foi o que na união das Coroas se representou ao Duque de Alva para lhe cauzar a falta sentimento; e se as chagas não estiverão ainda tão frescas, não sey eu como V. Magestade se pudera livrar, se hum grande senhor de Castella se quizera hoje valer do amparo de V. Magestade, o que fica correndo mais na pessoa de Dom Luis, pois sem outra consideração que a do sangue e a do serviço de V. Magestade, o fes largar tudo quanto tinha de Castella podello vir buscar. E porque considero as razões que de presente ha para dilatarem sua ida ao Reyno, considero tambem convir que estas não entenda elle; o que tudo se satisfazia, ocupando-o em embaxadas, que foi o que me moveo apontar nellas tantas vezes a V. Magestade, com o que a elle não só se lhe dava satisfação, mas a El Rey de França e ao Principe de Orange, e aos que em seu favor escrevêrão a V. Magestade.

Digo ingenuamente o que sinto. V. Magestade experiencia tem de mim que lhe trato verdade, para entender que me move puramente o zelle do seu real serviço; se acertar nelle, he só o que desejo; se errar, o animo fica seguro e sem escrupulo nenhum; que muitas vezes tenho dito que a minha obrigação he de dizer a V. Magestade tudo o que entender, mas não a de entender tudo o que diser, porque como as resoluções são de V. Magestade e bem consideradas em seus conselhos, não fico sujeito a outro risco que ao de se conhecer o pouco que alcanço. Hé Dom Luis de Portugal tão fino servidor de V. Magestade, que com bonissimo animo se acomóda a todas suas ordens, e por não sahir dellas, me pediu quizesse sinificar a V. Magestade quanto sabia estimar toda a mercê e favor que V. Magestade lhe fes na carta que foi servido mandar lhe escrever, e pede emcarecidamente a

(1) Hesse.

V. Magestade que pois lhe quer dar de comer, seja debaixo de duas condições: a primeira sinalar-se-lhe o quanto, para conforme a isso ver até onde pode lançar a barra: a segunda pede também a V. Magestade lhe ordene, emquanto não pode assistir a seus reais pés, a parte onde quer que viva, porque nem esta escolha se atreve a fazer sua.

Estas duas propostas são só as que elle fas: as outras são minhas: advirto porem a V. Magestade que as tenho por muito importantes, e que quando V. Magestade não lance mão da pessoa, a deve de lançar do negocio, que não he para desprezar. A resposta de Polonia tardará dous mezes, e convem ganhar tempo, sem ser necessario esperar a outro avizo, pollo que de ordinario tardão; e poderia V. Magestade ser servido de mandar ordens em caso que lhe parecessem necessarias, e a resposta fosse boa, sem embargo de que sendo-a, e vindo em occasião que não haja navios, me resolverei a fretar hum ligeiro e manda-lo com o avizo a V. Magestade.

Torre do Tombo. códice 1341, fl. 57. (cópia).

Sousa Coutinho ao Conde da Vidigueira

1644 — Agosto, 29

Sem embargo das grandes defeculdades que a todos se representam ao tratado de paz, parece que se pode cuidar que acabada esta campanha se começará a obrar nella alguma cousa, mórmente se he certo o que hontem me disse hum amigo aver ouvido da boca do rezidente de Polonia, de que estava o seu Rey feito *Mediator* em lugar do de Dinamarca: e inda que fis deligencia por avirguar mais este ponto, não pude achar noticia delle em outra parte. Torney-a a fazer com o mesmo que mo disse: segunda ves falou a este rezidente e segunda ves lho tornou affirmar, e a cauza de não estar mais publico he aver, segundo me disse, so tres dias que hum gentil homem frances passára pella posta a Munster com o avizo d'acetação do *Mediator*. V. Ex.^{cia} está ahi ao pé da obra: creio que o averá alcansado e avizado a S. Magestade, mas porque pode acontecer que esteja ainda em segredo, seja V. Ex.^{cia} servido de se informar da certeza, porque me parece ponto consideravel para nossas couzas e que não peyorará ao estado dellas: e não ha duvida que nos será melhor este Rei que o de Dinamarca, porque de hum sabemos que não quis ser amigo, e do outro sei que sendo S. Magestade Duque, lhe escreveu duas cartas em obsequio da amizade que professava o Principe Cazemiro seu irmão com o senhor infante Dom Duarte, e he tãobem couza muito sabida que inda que tem muito sangue da Caza de Austria, que tem o coração muito diverso della.

Pouco me durou o gosto de cuidar que puderião ser perdidas as naos da India, que aqui se esperavão, porque enfim chegarão todas sete nesta semana passada, mas com tudo as auções descem, assi per pouca carga como

pollas perdas que lá tem tido. As novas que até agora tenho alcansado são o empedimento da barra de Goa, sobre que ficavão quatorze navios, que tinhão mandado nove a Ceylão em que donde, ou não ouve o successo que nos avizou Antonio de Sousa de Maçedo, ou elles o encobrem, mas hum marinheiro portugues que veo nas mesmas naos que eu tenho encaminhado para Portugal, afirma que Ceilão estava bastantemente prevenido. O Governador de Batavia pede á Companhia 500 homens e 5000 x.^{os} (1); veremos o que fazem e o que mandão, assi para o avizar a S. Magestade como para procurar impedi-lo, mas se os não obrigar a necessidade, menos os obrigará as minhas razões.

O sitio do Sax vai continuando, e acha-sse nelle mais defeculdade do que no principio se cuidou. Defende-sse galhardamente e o Principe perde muita gente; contudo não se duvida a que se renderá, mas que levará todo o mes que vem. Grande couza foi a desfeita que o Duque de Anguien (2) deu aos Babarezes (3), e he forsa que esta perda meta em çervi-lo a Caza de Austria, e lhe faça cuidar que lhe importa mais a paz que a França, com o que se tem por certo que Galasso (4) não peleijará com Tertenso (5), porque he o seu o unico exercito que hoje tem o Imperio, e não no ha de querer aventurar ao azar de huma batalha, com que he forsa que o partido de Suescia milhore muito. A carta que vai para S. Magestade, me faça V. Ex.^{cia} mercê mandar encaminhar polla via mais abreviada.

Biblioteca Nacional, códice 2666, fl. 299.

Sousa Coutinho a El-Rei

1644 — Setembro, 4

Em 28 do passado escrevi a V. Magestade, e encaminhei a carta ao Conde Almirante, por averem partido os navios destes portos; agora pella mesma via mando esta, para dizer a V. Magestade que fiz a deligencia com o secretario de França para saber a certeza sobre a mediação da paz. Respondeu me que atégora o não tinha aviso de tal, nem o julgava por infalivel, sendo que poderia ser; que o que sabia era que da nova que deu o rezidente de Polonia que El Rey de Polonia desejara muito ser o *Mediator*, mas que a respeito de sua mulher o não quizera nunca França admetir, porque emquanto ella viva foi austriaco de pés e cabeça, mas que este escrupulo avia hoje cessado com a mudança de governo e pouca afeição que todo o Reyno tem á Casa de Austria. Pareceu me dar segundo avizo a V. Magestade,

(1) Cruzados.

(2) Luis II de Bourbon, Prince de Condé (Duque de Enghien).

(3) Bavaros.

(4) Conde Mathias Gallaso, general austriaco.

(5) Torstensson.

para que pello primeiro se não obrasse com pressa, e para que nem por este deixe V. Magestade de estar advertido de que pode succeder; e não julgue V. Magestade a pouca consideração minha avizar logo do que me dizem, porque o risco vem a ser só duas folhas de papel, e do contrario se podião seguir mayores. Entretanto não se ha perdido nada na deligencia que fis com o rezidente, porque succedendo a mediação, temos lançado a primeira pedra no edificio, e não succedendo, como eu não fallei de pessoa a pessoa, sempre fica lugar sendo necessario para descarregar a culpa sobre o terceiro; meios de que sempre convem que se valhão os embaxadores, e do que nisto mais ouver, irei dando a V. Magestade os avizos.

Os successos do Imperio começam a mostrar que lhe não serão tão favoraveis como se imaginava, e que lhe convirá ao Emperador inclinar-se mais á paz, do que até gora seus ministros fazião. De Rodrigo Botelho tive carta de de Agosto em que me dis, que mandando huma carta dos Embaxadores de Suescia aos do Emperador, que a não quizerão aceitar, dizendo que as das embaxadas não se recebem senão abertas: tornarão a segundar com ella aberta, pedindo lhe quizessem responder, ou que tratarão de outras resoluções que bem lhes estivesse; tão pouco assi a quizerão aceitar, e só responderão de palavra, (como por escarnio), que grande virtude era desejar a paz e tratar della. Fundarão todas suas esperanças sobre as guerras de Dinamarca e Suescia, costume ordinario da Casa de Austriá tirar interesses das desavenças dos vizinhos. Imaginou que o exercito sueco não poderia sahir donde estava, impedido o passo com o de Gallasso (1), e que sem pelear o desfaria a necessidade; porem Tortenson (2) se resolveo a o buscar, marchou e se lhe pos á vista a menos de tiro de canhão, e seis horas esperou posto em batalha, tirando duas pessos, que era o sinal de a querer dar: não aceitou Gallasso o cumprimento, e Tortensõ á sua vista passou com todo seu exercito, fazendo pedassos algumas tropas desmandadas do inimigo que achou diante, e fica já hoje com a marcha desempedida para qualquer parte do Imperio que queira hir; e vi carta de hum dos officiaes mayores de seu exercito para hum irmão seu que aqui tem, e ma mostrou que o intento se encaminhava a Austria. Do embaxador de França rezidente em Constantinopla me mostrou tambem honte o secretario outra carta nesta casa, de 2 de julho passado, em que o avizão como o Ragoschi (3) de Transilvania mandára hum expresso ao gram Senhor (4), fazendo lhe a saber como El Rey de Polonia se queria entrepôr entre elles e o Emperador para tratar de pazes, e que como avia começado a guerra com seu parecer, que a não podia deixar sem elle; e que o Gram Senhor lhe respondêra que de nenhuma maneira admetisse tal pratica, que continuasse com a guerra, para o que lhe daria toda assistencia necessaria, e mandou logo aos Baxás mais vizinhos de Ungria que lhe mandassem todas

(1) Gallas.

(2) Torstensson.

(3) Rakóczy.

(4) O Sultão de Turquia.

as tropas que pedisse; com o que temos outra vez a guerra no Imperio mais viva que nunca, e o Imperador hoje mais constringido a abrassar a paz, ou a experimentar nelle mayores ruinas que as experimentadas.

O Duque de Anguien por outra parte tem citiado Felipsburgo (1), praça sobre o Reno de grandissima importancia, e está sem opposição com a total rota que deu ao exercito bavarés (2); o que junto tudo ao obrado contra El Rey de Castella pollas armas de V. Magestade de suas portas a dentro, pollas de França em Garavelingas, fraca recompensa he para se emsoberbecer a redução de Lerida. O Sax de Gante fica com a candea na mão; hontem me chegarão aqui dous soldados portuguezes que fogirão de dentro e affirmão que já se não defende, por mais que por entreter ao Principe de Orange, até ver se podem pôr em defensa outro forte que tem começado, para não perder de todo o Pays de Bax. Para que V. Magestade veja o miseravel estado em que estão as cousas de Castella, saiba que sendo esta forsa (3) a chave de Flandes, a tinhão tão pouco pervenida, sabendo que ha 6 annos que o Principe de Orange a requesta, que não tem dentro medicamentos para os feridos e que morrem mais á mingoa que das feridas, e tudo assi vai; e ainda assi, se com tantas perdas não quizer a Casa de Austria vir no que lhe convem, será sinal que não he inda Nosso Senhor servido de levantar a mão do castigo, continuando a guerra. Bem estamos; se se suspender, pouco trabalho terão os alliados para que V. Magestade fique incluido na suspensão.

Torre do Tombo, códice 1341, fl. 60 (cópia).

Sousa Coutinho ao Conde da Vidigueira

1644 — Setembro, 5

Vierão sete naos aos da Companhia Oriental, e como os Estados me dilatarão a reposta das cartas que delles procurei para a India thé sua vinda, me parea ordenar ao Secretario desta embaxada, Feliciano Dourado, que fosse a Amsterdam saber algumas circumstancias sobre as couzas do Oriente, para com mais clareza trate dellas nas conferencias, averiguando primeiro a forma com que se ha de guardar a tregua publicada, emquanto se não ordena a spicialidade da paz geral entre as duas nações. O que alcançou he que estão sobre a barra de Goa 19 náos de guerra, com hum cabo que tem ordem para hir a Ceylão com 2800 soldados; tem nos tomado hum pataxo ingres que hia de Goa para a China e huma nao que vinha de Machao (4) para Goa, com outras embarcações pequenas; pede o seo governa-

(1) Philippsburg.

(2) Perto de Freiburg im Bri:gau em 4, 5 e 9 de agosto.

(3) Praça forte.

(4) Macao.

dor á Companhia de 500 homens e 8000 florins; perdêrão algumas embarcações e fizerão pouco negocio este anno com a China e Japão.

O successo que o doutor Antonio de Souza de Macedo aviza que tiverão os nossos em Ceylão, he antigo, e não ainda desta armada, mas de hum encontro em que lhe matarão os nossos 400 homens em huma emboscada que tinham feito contra os nossos portuguezes, no tempo que guardavão a tregua, quando logo foi publicada. Vierão alguns Portuguezes de Machao com salvo conducto nestas náos com negocios para communicar a S. Magestade de importancia: dizem que estava D. Felipe Mascarenhas aparelhado com boa gente, esperando pelo hollandez em Ceylão, e animão-se a dizer que não só se defenderá desta armada, mas que poderá fazer-se senhor de Galle: quererá Deus que o vejamos executado, como se tem visto no Maranhão (1), e Seará, onde não ha hollandezes já; e em S. Thomé, conforme negão os avizos que tiverão em huma nao da Costa da Mina, pairesse que tãobem não estão de boa condição. Espero a rezolução das conferencias em que fico, e della se verá o que podemos esperar da paz e suas condições; do que se deliberar, farei logo avizo a V. Ex.^{cia}, para que se possa previnir o que fôr mais conveniente ao serviço de S. Magestade e bem destes negocios.

Luis Pereira de Castro me aviza que vio os poderes de França, e que tratando de todos os amigos e alliados, não falão em Portugal couza alguma, com que está desconfiado, porque lhe pairesse que so fazem cazo das cousas de Flandes e Alemanha, deixando as de Portugal e Catalunha á variedade dos successos. Não sei se estava bem ao frances esta rezolução, porque tem muitos inconvenientes: mas deixadas as razões que o discurso podia formar nesta matheria, posto que os poderes antigos já não valem para os que de novo se hão de conceder, seria bom que V. Ex.^{cia} ahy fizesse as diligencias que sabe são necessarias, para que se compreenda nelles a Portugal, como os demais amigos: porque não sendo assim, cresserá em nos a desconfiança para nos persuadir que França fará pouco por Portugal, e o inimigo terá mais orgulho para impedir tudo o que fôr de nossa conveniencia: e como este negocio pende do que ahy se ordenar, está á conta de V. Ex.^{cia} o procura-lo, como fas em todos os de mayor consideração. Alguns dizem que monseur de S. Romein (2) levou já as novas ordens; V. Ex.^{cia} deve de saber se he assim, e se vão melhoradas para o nosso intento, e como Luis Pereira tem avizado a V. Ex.^{cia}, não me fica que dizer mais neste particular. No de Francisco de Andrada, sobre a sua entrada e forma della, lhe tenho escrito o que me pairesse. Debaixo de censura entendo que entre elle Luis Pereira e Rodrigo Botelho devem convir no modo, para não aver duvidas, nem temer perigos, e todos recorrem a V. Ex.^{cia}, porque tem experimentado os acertos com que V. Ex.^{cia} dispoem os negocios de mayor diffi-culdade.

Biblioteca Nacional, códice 2066, fl. 348.

(1) A cidade de S. Luis de Maranhão caiu nas mãos dos Portuguezes em 1643.

(2) Talvez seja o Marques de Saint-Romain, ulterioresmente embaixador francês em Portugal.

Sousa Coutinho ao Conde da Vidigueira

1644 — Setembro, 12

A nova que V. Ex.^{cia} me fas mercê mandar do sitio de Tarragona he de grande effeito, se se concluir a empreza; e ficará a satisfação de Lerida com tantá mais ventagem, quanta se conhece de hum a outro posto. O Secretario Brasset me mostra hum capitulo de carta do Cardeal Mazarini em que lhe dava esta nova com esperanças de melhorado socesso; quererá Deus que assim seja, porque vai tanto a Portugal a continuação da guerra em Catalunha, quanto ver-se sem a oppressão das armas que por lá assistem; porque importa pouco a necessidade que França tem do nosso Reyno para por elle fomentar a guerra dentro em Hespanha, quando o trabalho e miserias que ella traz consigo as avemos nós de sofrer, tolerar e sentir muito á nossa custa; assim que nos convem, como V. Ex.^{cia} dis, a diversão por outra parte, e que da nossa haja progressos. e saber aproveitar do tempo que he só o com que nos faremos iguais, para que se tema o nosso poder como o dos outros contrarios: faria isto mais solido e seguro se se tratasse de nova alliança e confederação entre as duas coroas, como já avizei a V. Ex.^{cia} e tambem a S. Magestade. Os meyoys que me occorrem para se poder tratar della são que vemos aos inimigos de França e Portugal fazer novas ligas e allianças, como fizerão os austriacos em Passau, procurando adquirir novos amigos e confederados, para que esforsando seos intentos, prevalessão contra seos contrarios, e fiquem senhores do campo.

Os mesmos francezes, vendo esta preparação de seos inimigos, fizerão nova liga e confederação com os suecos, hollandezes e lansgravinos, sem embargo de que erão amigos e alliados, para que com apertado vinculo se segurem contra a forsa de seos inimigos: por esta razão parese que não he Portugal para engeitar, e que se devia fazer huma nova alliança muy segura e firme para os intentos de ambas as coroas, porque se convem a França a guerra em Castella per Portugal, não se pode escuzar de tratar os meyoys com que o danno seja mayor para seo inimigo; e concluindo que huma Corôa sem outra não possão tratar de paz, tregua ou guerra, ficaríamos com mais confiança dos franceses, e tratarião de nossas cousas com mais vehemencia do que vemos. Muito convinha que esta proposição tivesse effeito, e quando não bastárão para ela as razões dittas, o estarmos bem bastava para solicitar com toda a diligencia que se executasse, que ha couzas muitas vezes que por deixar de se tratar dellas ficão sem sortir effeito. V. Ex.^{cia} me manda que lhe faça advertencia do que alcansar sobre esta materia, e com esta clausula me alargo a falar nella, que bem sei que V. Ex.^{cia} lhe não passaria por alto couza de tanta importancia; o mais que se me fôr offerecendo neste particular hirei avizando, pois tudo he para servirmos a S. Magestade e procurar seos accressentamentos mais dilatados, e menos cansados.

Os avizos que V. Ex.^{cia} teve de Rodrigo Botelho largos, porventura que sejam fundados em bom discurso; as confianças de Luis Pereira não sei se passam a mais que o que os de França lhe dizem: o que sei he que menos fazem os francezes em accomodar as diligencias que são suas por nosso favor, quando dellas lhes fica o interesse de seos intentos, do que os hollandezes em nos tornarem as terras que são nossas, quando da restituição se lhes segue a perda de ficar sem ellas: encaminhe Deus tudo ao fim que pretendemos. Francisco de Andrada Leitão aviza que em chegando o convoy se poem a caminho, porque quer segurar-se e não experimentar os riscos que muitas vezes socedem de se não temer o inimigo. Luis Pereira diz que as estradas estão limpas; pairesse-me que brevemente se verão e accomodarão, na forma que elles sabem que conveni para satisfazer ao que S. Magestade tanto lhes encomenda.

Da Índia avizei a V. Ex.^{cia} no passado tenho proposto na conferencia tres cousas em sustancia, que são avizos para a Índia por sua e nossa via em que se mande guardar a tregua inviolavelmente, cessar as hostilidades, restituir os dannon que depois da publicação se fizeram, impedir que os soldados que mandão agora não vão continuar a guerra contra os portuguezes: e concluido isto, cheguemos a tratar da paz geral, para que se observe na forma que antiguamente foi em Portugal e estes Estados, e que para melhor effeito não seria de pouca consideração mandar embaxador daqui a S. Magestade, como fazia el Rey Christianissimo: e em terceiro lugar que mandassem vir alguns directores da Companhia do Brazil, para que com consento dos Estados Gerais, tratassemos de transacção sobre nossas pretenções, porquanto o tempo dava lugar a isso, pois que a experiencia lhes mostrava o estado em que se vião e o que podem esperar ao diante. Com sua repostasaberei o que devo fazer; não se offerece outra couza.

(*Autografo*). Façame V. Ex.^{cia} mercê de dizer a Doutor Antonio Munis que me escuze até outra posta, porque hum criado que me escreve está fora, e a vista ja não deyxá passar de tres ou quatro regras.

Biblioteca Nacional, códice 2666, fl. 34j.

Sousa Coutinho ao Conde da Vidigueira

1644 — Setembro, 19

Muito estimo que tivesse V. Ex.^{cia} já noticia do que se imagina do Polaco para *Mediator* da paz geral em lugar do Dano, e que meo avizo só servisse para despertar as lembranças, de que tendo effeito, procuremos o que mais conveniente fôr á pretensão dos nossos negocios, de que tambem fis advertencia a Luis Pereira e Rodrigo Botelho; mas não deixarei de me queixar de V. Ex.^{cia}, que tendo este e outros avizos semelhantes, me não faça communica-los, para que á vista das disposições tenha lugar para inquirir algumas

circunstancias e dar dellas parte a V. Ex.^{cia}, mas quer que me custe a intelligencia para se escuzar desse trabalho: seja como fôr, não me escuzarei de continuar em dar parte a V. Ex.^{cia} de tudo o que alcançar, emquanto me não consta que V. Ex.^{cia} tem a mesma noticia, porque a esta não estou obrigado a saber, e a outra estou obrigado a dizer.

Os bons socessos de França dão cauza a que os austriacos esperem outros para melhorar seo partido, e como as couzas vão por estes graos, tenho por difficultoso chegar a concluir, e quando venha a effeito, que poderão os francezes ser mestres do campo, e dar as condições a seo modo, se quizerem.

Das nossas conquistas, avisei nos passados o que avia, e como a nova de Ceylão não he a que cuidavamos e nos disserão de Inglaterra; nem os pataxos que vierão a Lisboa podem trazer nova do socesso, porque neste mayo passado avia de passar a armada para Ceylão. Agora de novo accresse que em S. Thomé tem rompido duas vezes as pazes celebradas que com os nossos fizeram, alem da tregua geral; e terceira vez se hão convindo, thé que lhes vá ordem do que devem guardar absolutamente. Pozerão aos nossos nestes extremos com 600 homens que lhes forão de socorro, com que nos matarão alguns dos nossos, e se fizeram senhores da cidade, que os nossos largarão, queimando-a primeiro. Fica o governador no arrayal que fes no mato, e desanimado, conforme dis hum capitão portuguez que chegou aqui ha quatro dias em huma de tres naos que daquellas partes vierão com boa carregação de ouro, marfim e asuquer.

Fico com novos requerimentos, e porque se fundão no 11 capitulo da tregua (1) e por elle querem que quem fôr senhor da fortaleza o seja do territorio, veja V. Ex.^{cia} o mesmo capitulo que vai tresladado, e mande ve-lo pelo Doutor Antonio Moniz de Carvalho, e por alguns letrados mais: porque pairesse, conforme advertio o secretario Feliciano Dourado, que este artigo não faz por elles, nem se ha de entender geralmente, mas na forma de sua especificação que he: tratando das condições com os da Companhia Occidental chega a pôr aquella com que se hão de aver qualquer das partes com as fortalezas, cidades, naos e pessoas que estiverem por Castella, favoreessem sua parte, ou se passarem a ella, aos quais será licito acometer, perseguir e vencer, como a inimigos per cada huma das partes, sem aver respeito ao limite, e termo em que forem achados; conforme ao que, se cada huma das partes tomar algum dos ditos lugares, ou fortalezas, pertencerão a aquelle por quem fôr tomado, e juntamente a jurisdicção e termo de seos campos etc., e conforme a este mesmo capitulo por onde elles querem que em Ceylão se lhes dê territorio. E em S. Thomé, por terem fortalezas, se lhes não deve, porque ha de ser das fortalezas que despois da aclamação de S. Magestade forem tomadas a aquelles que estiverem, ou sustentarem as partes de Castella, e não do que antes estava tomado, ou despois se tomou individualmente aos portuguezes; porque no seguinte capitulo vai continuando

(1) Refere-se ao Itatado de tregoa de 12 de Junho de 1641 entre Portugal e os Estados.

que ficará cada hum com o que se achar de posse ao tempo da publicação da tregua. Paresse-me bem advertido este ponto, e porque nelle está toda a desavença que temos com esta gente, bom será que V. Ex.^{cia} o consulte, com resguardo e cautella, para que quando nos hajámos de aproveitar do arbitrio de França, tenhamos a conclusão segura; e digo que seja com cautella, porque se os hollandezes o pressintirem, fugirão de vir a terceiro para juis de nossas contendas, e mande-me V. Ex.^{cia} seo parecer.

O Sasso de Gante se rendeo com honestas condições. O Principe de Oranje dizem se recolherá cedo, porem fica o exercito para continuar outra empreza. De Portugal chegarão sinco navios; não tenho ainda cartas de S. Magestade; avizão ser chegada a naveta que veyo á Bahya com a frota dally; a armada era sahida a buscar a outra naveta que estava na Ilha do Fayal, e dar convoy á frota do Rio de Janeiro. Tenho ordenado ao feitor de S. Magestade Duarte Gutterres que faça a diligencia sobre o portuguez; a carta de S. Magestade he antiga, e para tais cazos devião logo, como avizárão a V. Ex.^{cia}, avizar aqui tambem, porque esta terra he a mãe dos christãos novos e daqui vão para o Brazil; e V. Ex.^{cia} quando mandou a Amburgo me devia avizar logo tambem, porque agora poderá ser que já seja hido para o Brazil em navios que tem partido; contudo não faltará diligencia, e do que rezultar darei aviso a V. Ex.^{cia}.

Biblioteca Nacional, códice 2666, fl. 346.

Sousa Coutinho á Rainha

1644 — Setembro, 20

Grandes são as confianças, não sei se mais de velho que de criado, mas ou seja por qualquer das razões, ou por ambas, eu me atrevo a apresentar a V. Magestade huma imagem de Nossa Senhora, resgatada das mãos de heréges; em nome de V. Magestade fis o resgate della. Bem creio que asertei para a devação de V. Magestade, e que para a grandeza não erreí, porque o preço nem acrescenta nem diminue a estimação, e se me engano, desculpe me considerar (tanto que a vi) esta pessa nas mãos de V. Magestade, com que logo a julguei por grande. De minha vontade não pode V. Magestade duvidar, nem cuidar que podem ser os serviços igoais a ella; os que posso, offereço, e V. Magestade será servido de os aceitar, não pello que valem, se não pello que quizerão valer.

Torre do Tombo, códice 1341, fl. 61, (cópia).

Sousa Coutinho a El-Rei

(Sem data)

Foi V. Magestade servido de me nomear Embaxador seu a estes Estados em março passado do anno de 43, e me fes V. Magestade mercê de mandar logo declarar que me começavão a correr meus ordenados desde o dia da nomeação; mercê que a V. Magestade me não aver feito, fora impossível suprir os gastos que fis, chegado a este lugar, em compôr minha caza, que como não tenho outra fazenda de que me valer senão da de V. Magestade, a não chegar aqui com dous mezes sobrepostos, ou não pudera luzir como convem, ou me puzera em mayores dividas com a fazenda real.

Trouxe oito mil cruzados em huma letra passada por Manuel Gracia Franco, sobre Lopo Ramires, a saber, dous mil cruzados para gastos secretos ou extraordinarios, e os seis mil para ordenados de oito mezes, que com muito facil conta se pode ver que se acabavão em novembro no mesmo dia que em março começárão. Acabado o dinheiro, vendo que não vinha outro e que podia tardar mais do que a necessidade pedia, tomei de Diogo Martins, morador em Amsterdão, dous mil cruzados, de que passei letra sobre o tizoureiro mor a pagar a João de Severim; destes tomei seiscentos mil reis para mim para os mezes de novembro e dezembro e duzentos mil reis dei ao Secretario da embaxada, tanto por me constar que se lhe devião seis mezes atrasados, como por que para o diante não tinha que gastar. Desde este tempo, até a entrada de maio, estivemos elle e eu sem mais provimento. Então chegarão letras para 4 mezes, e em junho outra para hum mais, e estas com clausulas que se nos não adiantasse o dinheiro sem ser comprido primeiro o prazo das letras que vinhão, como vem sempre a 2 mezes; de maneira que devendo-sse em maio 5 mezes, vim a cobrar quatro em julho, e devendo-sse me em junho seis mezes, cobrar mais hum em agosto, quando se comprião oito, com que sempre andamos atrasados e empenhados, o que nem convem ao serviço de V. Magestade, nem a autoridade de seus ministros. Agora quando esperavamos mayor pontualidade, a vejo só em se nos mandar descontar o que não devemos e fazer embaraços, que passará primeiro o anno que se deslindem e entretanto padeceremos. Chegárão letras de Baltasar Rodrigues de Matos para tres mezes, com huma ordem sua ao pagador que a mim me descontasse dous mezes e quatro ao Secretario neste anno da letra que foi por conta do passado, e he assim que estando-se me devendo na entrada do mes que vem nove mezes deste anno, tenho cobrados dos sinco e cobrarei outro somente dos tres que vierão.

Ao Secretario da embaxada lhe devião seis mezes quando o socorri com os duzentos mil reis de huma conta, e outra lhe constará a V. Magestade pelas certidões incluzas de Lopo Ramires, por cuja mão se tem pago todo o dinheiro, e seja V. Magestade servido de mandar ordenar que conforme a ellas se nos dê satisfação; e dê-me V. Magestade licença para que com o

devido acatamento lhe diga que estes desacatos, inda quando forão de divida sarta, não convinhão que se nos fizessem em quanto por cá andamos, que a quem se fia o pezo de huma embaxada, não fora muito fiarem-se seiscentos mil reis.

As faltas de hum Embaxador são muito publicas, os gastos muito grandes, as obrigações muito precizas; e quem he tão pobre como eu, mal poderá encobrir humas e soprir outras, não se lhe acodindo com toda a pontualidade. A conclusão do cazo he que os seiscentos mil reis forão para dous mezes do anno passado, como tenho dito, neste não hei cobrado mais que sinco mezes. Se convem remedia-lo, V. Magestade o mandará julgar, advertindo que eu entretanto não hei de morrer de fome e que me heide valer do que achar; e o remedio deve ser servir-se V. Magestade de mandar ordenar a Balthazar Rodrigues de Matos que aqui nos faça pagar tudo o que está vencido, e o que se fôr vencendo dia a dia do por mes. Tirão com isto todas as dividas, e todas as duvidas, nem receberemos mais nem receberemos menos; e pois que V. Magestade dá consinações sertas, he razão que os assentistas as dem tambem e que não estejamos aqui sendo seus popilos delles, cobrando as suas comodidades, e não as nossas, porque se nos falta dinheiro e pedimos que nolo adiantem alguns dias, he pagando interesses por horas, que inda que vem a ser pouco, tudo o que he receber de menos vem a fazer falta, quando se hão de soprir todas deste dinheiro; e não podem os assentistas fazer duvida nesta forma de paga e quando a faça, mandem-nos as letras ás nossas mãos; constar-nos-ha das ordens de quando vem e de quando se cumprem.

V. Magestade me mandou escrever ha já alguns mezes que me mandava prover com quatro mil cruzados para gastos extraordinarios, como são os que cada dia se fazem particularmente na condução de soldados e marinheiros que de Flandes, Brazil e Angola e outras partes vem aqui dar, de que agora mando huma boa quantidade, para o que me foi forsa valer de dinheiro que V. Magestade tem mandado aplicar a differente ministerio, que se suprirá quando venha o outro. Pesso tambem a V. Magestade seja servido de mandar pagar todas as letras que passei sobre o tizoureiro mor da gente que depois que aqui cheguei tenho mandado, porque afirma Lopo Ramires que de nenhum até hoje se tem satisfeito, e já se tivera feito pagar de meos ordenados, se por cortezia lhe não pedira quizesse esperar os primeiros avizos, porquanto V. Magestade me tem mandado escrever que tudo estava pago, e convem saber-se nisto toda a clareza, ou para que huma ves se pague, ou para que se não pague duas.

Torre do Tombo, códice 1341, fl. 61, v. (cópia).

Sousa Coutinho ao Conde da Vidigueira

1644 — Setembro, 26

De Luis Pereira de Castro tive duas cartas a somana passada: com a primeira me mandou huma memoria do que passou com Monsenhor de Avaux, e do que elle lhe respondeo sobre os salvos condutos e aver de ser admittidos S. Magestade por seus deputados á Dieta geral, com as mais circumstancias de que deu conta a V. Ex.^{cia} conforme me aviza, e he a reposta em si tam roim e descomposta, que claramente nos mostram os senhores franceses e dão a entender o que delles podemos esperar. Quando a desculpa de não poderem convir este nosso intento fora igual ao affecto que mostravam em o procurar, ou o poder de nossos inimigos estivera com presunção de poder pôr condições a seu arbitrio, ainda então se soffria mal que desistissem da cauza, porque fizerão ir Luis Pereira a Munster sem executar os poderes e officio de embaixador com que veo a essa cortê; mas dando os meyo e reparando nos extremos sem causa, estando França tam vitoriosa, tam pusante, e tãmhora de seus inimigos, não he para dissimular, mas para sentir e desconfiar: porque quem em Flandes ganhou Gravelingas e hontém Theonvilla, e no Palatinado Philipsburg em 11 dias, sendo praça que soffreo o sitio 11 mezes a elRey de Suecia, e o levantou sem lhe fazer dano, e logo atras está Worms, Oppenheim, Greschein, Spiren (1), Maguncia (2) e Frankenthal em vespora de se entregar, não pode dizer que seus contrarios tem melhor partido para recear de procurar o que he justo a seus amigos; e tudo fora soffrivel por seus respeitos, mas chegar a dizer Monsieur de Avoux que a justiça de S. Magestade estava duvidosa, não ha desculpa que satisfaça tanta soltura, que mais parese insolencia de inimigo descuberto que dissimulação de amigo fingido. Tenho reparado muito naquella palavra e fas-me cuidar que não avemos de alcansar cousa alguma por sua intervenção, antes que nos hão de deixar, se lhes importar assi faze-lo, e por ventura que tenham algum trato secreto com elRey de Castella e para chegar ao effeito começam a buscar a escusa tanto em prejuizo de S. Magestade; pello que me parece que se não deve dissimular com isto, mas que mui sentida e desconfiadamente se deve V. Ex.^{cia} queixar a elRey de França, á Rainha e Cardeal Mazarini, porque semelhante palavra ha mister semelhante queixa.

A segunda carta de Luis Pereira me dis que falou a Monsieur de Servient, e que lhe disse que avia de procurar os salvos condutos, e que se não faria a pas sem que entrasse S. Magestade, e que em caso que se não concedessem, sempre se lhe daria conta de tudo para tratar de seu negocio: estas palavras depois das outras não tirão a desconfiança em que estamos, nem lavão a pena de huma tã mal caida palavra como a da falta da justiça,

(1) Speyer.

(2) Mariz.

antes me fica mayor escrupulo e duvida, e venho a persuadir-me que são como Padres da Companhia, que sempre estava hum pelo Coleitor e outro por elRey: e não se pode negar que com tam prosperos successos, ou a insolencia he demaziada e querem trazer-nos pella trela, ou a malicia he muita e querem deixar-nos á ventura, parecendo-lhes que pelos aver mister, os buscaremos sempre; accresce estar Tanragona rendida a 3 deste, como dis huma carta de Marselha com mais os socessos de Italia, que tudo servia para nos acrecentar as esperanças, e não deminuir com sua boa fortuna. De Luis Pereira não fazer mais caso daquella palavra e no modo que posso, lho estranho. V. Ex.^{cia} me dará seo parecer nisto, acudindo ao remedio com a prudencia e diligencia com que se emprega nas mayores couzas do serviço de S. Magestade.

Os meos negocios tratão-se com muita gente, he necessario muita paciencia. Tive audiencia e nella me queixei dos novos agravos feitos em S. Thomé; as palavras com que respondem são de mel, mas as obras nunca chegão: promettem de mandar cessar as hostilidades, e dar-me vias para que vão tambem por ordem de S. Magestade e que aqui se decida a contenda dos territorios, que he o que por hora nos está bem e avemos mister thé ordem de S. Magestade. Pedi mais que mandassem advertir as Companhias que não mandassem gente a continuar as hostilidades, porque me constava que armavão naos para huma e outra India: tudo promettem; ponha-lhe Deus a virtude. O certo he que aqui e ahy convem que se faça nova alliança como ha de ser e he necessario, o que devemos trabalhar quanto em nós fôr porque chegue á conclusão, que isto he o que importa.

Muito estimo que tenha o Doutor Antonio Monis de Carvalho conhecimento com o Rezidente de Polonia; se de sua amizade rezultar algum proveito, he o que nos convem, que barretadas simples não fazem luzir os negocios e aqui o experimentamos assaz. Fico escrevendo para S. Magestade.

Biblioteca Nacional, códice 2666, fl. 364(1).

Sousa Coutinho a El-Rei

1644 — Setembro, 29

Da pessoa de Diogo Dias Coimbra não informo a V. Magestade pollo muito conhecimento que V. Magestade tem della. De seus serviços informarão seos papeis; o que me toca a mim he dizer a V. Magestade o como veio aqui e o a que veio. A viagem por Goa estava de todo impedida pellos olandezes, o vir era necessario e por nenhuma outra parte o podia fazer com mayor brevidade, e o intento do Capitão Geral de Macao este foi, inda quando couvera comodidade de poder hir por outra parte, porque alem de se

(1) Esta carta está quasi toda em cifra, encontrando-se a decifração a fl. 365.

ganhar tempo, se ganhou tambem o que se avia mister para eu ter avizo de V. Magestade, porque assim elle, como Antonio da Camara, me derão todos os que convinha e por elles fico obrando, até que as resoluções de V. Magestade me digão o que mais devo fazer. Diogo Dias não só fes ao que veio. mas de camirho assim da Batavia como de outras partes deu informaçois necessarias do que achou, como V. Magestade verá quando o ouvir. Trazia animo de se não deter aqui mais que o que fosse necessario para me informar, porque he hum dos que comerão o pam de Villa Viçosa; o desejo de se ver aos pés de V. Magestade lhe dava grande pressa; servia na China de governador da gente de guerra, e conforme as informações que tive, com muito grande satisfação. Merecedor he de toda a mercê e honra que V. Magestade for servido mandar lhe fazer, assim pollos serviços passados, como pollos que fes naquelle Estado na occasião da felice aclamação de V. Magestade, como tambem pollos presentes, pois a hora que lhe fallarão que convinha ao serviço de V. Magestade passar ao Reyno, no mesmo ponto se resolveo e no terceiro dia se embarcou.

Torre do Tombo, códice 1341, fl. 63 (cópia).

El-Rei a Sousa Coutinho

1644 — Setembro, 30

Quando se recebeo a vossa carta de 3 de junho, que se deteve muito no caminho, ainda não avia no Reyno novas do navio que o Vice Rey da India tomou em Goa aos da Companhia com titolo de repreza, e té hoje não tenho avizo nem o ha nesta Corte de que no Pará se tomasse navio algum de mercadores ou pessoas dos Estados, e tenho por certo que esta nova foi lançada com malicia, ou errada informação. Pelo que toca á India, os papeis que serão com esta vos dirão o estado em que ali estão os ministros da Companhia com meus vassallos. O successo de Ceilão se tem aqui sentido como elle merece, tanto porque tudo o que toca a aquelle Reyno he de muita importancia, como pela demazia, ou perfidia daquelles homens, de que naquelle estado se não espera cousa bôa, antes todos os males e hostilidades com capa de paz, que só para este fim lhe serve a que os Estados celebrarão comigo, e assim mostra tãobem o que fazem na barra de Goa e nos navios que tomarão a meus vasallos, por maneira que nem no mar nem na terra fizeram nunca mayor guerra a este Reyno que no tempo prezente. O que sobre isto deveis requerer, muito prezente vos he: que mandem hordens muito apertadas pera que se disimpida a barra de Goa, para que restituão o que tomarão em Ceilão, para que cessem em toda a parte as hostilidades, para que restituão a meus vassallos os navios, mercadorias, e o mais que lhe tem usurpado. As razões para concederem o referido são as da obrigaçãõ da tregoa contratada, as do direito das gentes, que não permite, ainda que não esti-

vera de permeyo o assento de tregoa, que debaixo da amisade com que nos tratamos, se usem tão inauditas maldades; e aveis de advirtir que não basta dizerem-vos que mandão as ordens na forma que as pedis, se não que se mandem em forma que se obedeção, porque de outra maneira ou os Estados zombão de vós, quando vos dão estas ordens, ou os ministros que as hão de executar zombão dos Estados, e sempre hum par de copias destas ordens se nos hão de dar, para eu as mandar enviar por avizos do Reyno; e quanto ao navio embargado em Goa, pelos papeis vereis, o que o Vice-Rey tem offerecido aos interessados nelle, e se tem sobre isso alguma coisa que requerer, aqui tenho ministros que hão de administrar melhor justiça aos vassallos dos Estados do que elles a administração aos meus.

Bibliotheca Nacional, códice 2666, fl. 269 (cópia incompleta).

Sousa Coutinho ao Conde da Vidigueira

1644 — Outubro, 3

Os negocios desta embaxada correm com os incidentes do tempo, melhorando e peyorando conforme os termos em que se achão; quando esperava que os Estados Gerais me mandassem despachar ao que lhes propuz e me prometterão, veio novas dilações e que buscão caminho para me entreter largo tempo sobre esta rezolução, e sempre com satisfação de boas palavras. Os da Companhia Oriental preparão sete naos e quatro fragatas com tres mil e seiscentos homens, e o animo he para continuar as hostilidades contra os portuguezes; os da Occidental tãobem comessão a preparar naos e gente com intento de fortificar Angola e outras mais que ainda me não consta; que como estão senhores de S. Thomé, cobrarão outro alento, e como vem que de Portugal não fizerão muito por lança-los sóra de hum e outro posto, cresse-lhes o animo, e a confiança para zombar de nós: junta-se que vem o pouco que França faz e quer fazer per Portugal nos negocios publicos, e como elles teem olheiros em toda a parte, estão sempre á mira das acções alheas, regulão as suas por seo alvedrio e não procurão mais que seo interesse, Esta insolencia e conhecida desafeição me trazem desgostado, porque avemos de querer o que está bem aos outros, e não ha de aver meyo para que queirão o que he razão, estando bem a todos: respondem que com huma paz tomará tudo isto forma e quietação, porem querem-na a seo modo, e o que peyor he que ainda assim nos convem aceita-la, faze-la e confirma-la, já que se não guardão regras para nós, nem ha amigos que fação cazo do muito que Portugal lhes monta a seos interesses. O intento e ponto principal das ligas e confederações de França com seos alliados he divertir a Caza de Austria e chega-la a extremo de lhe pôr condições, quebrar-lhe o orgulho e deminuir-lhe a pujança, e com este pretexto obrão como vemos, e a este p[ai]z fazem os hollandezes huma diversão a Portugal para dar forsa e ajuda a el Rey de

Castella, não antepondo o interesse comum, quebrando a fé publica e consintindo-lhe França. A S. Magestade tenho avizado de tudo; elle ordenará o que mais for servido.

Luis Pereira de Castro continua com suas desconfianças porque chega a dezenganar-se. Querera Deus dar-nos o remedio de sua mão como a cauza sua, e que necessita só de seo favor: juntamente a agencia de V. Ex.^{cia} no emprego e cuidado de sua embaxada nos servirá de esperar melhorados successos apezar dos que o encontrão.

Em carta de 12 do passado escrevi a V. Ex.^{cia} per menor o que se me offerece para continuar os intentos da pretensão de nova alliança entre França e Portugal e fi-lo porque V. Ex.^{cia} me mandou, que bem sei são escuzadas advertencias no que V. Ex.^{cia} tanto tem á sua conta; mas supposto que então disse aquellas razões, haja V. Ex.^{cia} per bem de que diga que por morte del Rey Luis 13 mandou o novo Rey e sua mãe regente e conselho de França confirmar as pazes e a alliança com todos aquelles com quem as avia e aqui se gastarão tres mezes primeiro que se assinasse a confirmação, e com Portugal não sei se está feita esta diligencia, e perventura que daqui proceda o tratamento que nos fazem a nossas couzas: quando França o não procure, devemos nós procura-lo, pois nos dá tanto acento, e nesta confirmação reformar a alliança a termos convenientes.

Francisco de Andrade Leitão já estará em Munster por ser partido em 24 do passado, porem ainda não recibi cartas suas.

O Marquez de Cascais me aviza que invernará em França e que a ida do Marquez de Relhac está mais vagarosa do que elle entendia. V. Ex.^{cia} me faça mercê dar avizo do que ha nestes particulares, já que das novas de Roma que tantas vezes tenho pedido não ha lugar para me fazer dellas participante. De Portugal espero cartas; queira Deus traze-las com boas novas.

Biblioteca Nacional, códice 2666, fl. 392.

Sousa Coutinho ao Conde da Vidigueira

1644 — Outubro, 10

Faltou-me neste correo carta de V. Ex.^{cia}, que attribuo á mudança da Corte para Fontainello (1), como V. Ex.^{cia} me avizou no passado, se tãobem a nova da eleição do Summo Pontifice não fes ahi alguma alteração, por onde V. Ex.^{cia} não teve lugar de mandar suas boas novas como costuma. Aqui vi huma carta de Roma em que se contem a 17 do mes passado fora elleito, ou para dizer pelas mesmas palavras, acclamado o Cardeal Pamphilo com nome de Inocencio decimo, pelos votos do Cardeal Berberino, que lhe deo trinta e tres, que com quinze que elle tinha ficou elleito canonicamente, apezar dos caste-

(1) Fontainebleau.

lhanos que ameaçavão com seis mezes de Conclave, e como tinhão a exclusiva, esperavão alguns cardeais auzentes para concluir a seo modo em quem querião; dizia mais a carta que no anno de 21 fora o novo Papa Datarío em França na legação do Cardeal Berberino. Suas armas são huma pomba com hum ramo de oliveira no bico, e por timbre tres lises de ouro, que se tem por anuncio de pas e bons socessos á Christandade; quando o forão saudar-lhe, levarão este distico.

— *Stema refert pacem cunctorum, nomen amorem
spondet, præstabit Pastor utrunque novus.*

Bem sei que isto he lançar agua nõ mar, porque V. Ex.^{cia}, alem de suas intelligencias, está em corte onde tudo vai dar, mas faço esta meudeza para que V. Ex.^{cia} me avize se he o Papa Christianissimo ou Catholico, e o que podemos esperar para as pretenções de S. Magestade e bem e quietação do Reyno nos lugares ecclesiasticos.

Novidades não tenho mais que as de meo negocio; grandes instancias faço porque se mandem cartas á India para cessar a hostilidade e respondem-me que primeiro avemos de averiguar se tem Galle territorio ou não; e por mais que lhe disse que esta instancia do territorio não suspendia o mandar, cessar a hostilidade, não se averiguou, nem me admitem, sem lhes provar primeiro como Galle não teve territorio, nem os hollandezes o tiverão despois que tomarão aquella fortaleza. Viemos a varios meynos e inclinão a territorio; digo-lhes que he isto huma questão que senão ha de averiguar per armas, como se faz de inimigo a inimigo, mas huma convenção e amigavel composiçãõ, em que S. Magestade e elles são os juizes para deliberar o que fôr justo e dar a cada hum o que lhe pertencer: acho-os muito duros, ainda entendendo que será necessario prevenir dessa banda o voto para o arbitrio da causa, que lhes vou dando a entender que ahi se decidirá: com a continuação das conferencias verei o que se pode esperar ao certo, e em duvida bom seria que V. Ex.^{cia} fizesse nova instancia para que se recomendassem as couzas de Portugal aos Estados que mandassem cessar a hostilidade, porque continua-la he hir contra o tratado da tregua celebrado e publicada, he divertir o intento de S. Magestade contra o castelhano, e he hir contra a tenção da confederação dos alliados, os quais buscando meynos para abater e diminuir a forsa da Cza Austriaca, os hollandezes, uzando mal de sua obrigação, se desvião deste caminho, ajudando a el Rey de Castella contra S. Magestade e fazendo mais do que elle lhe podia pedir. São negocios de muita consideração, como V. Ex.^{cia} bem sabe, pois tantas vezes tem falado nelles, o continuar he necessario, e do que fôr avizarei a V. Ex.^{cia}.

Biblioteca Nacional, códice 2666, fl. 442.

Sousa Coutinho ao Conde da Vidigueira

1644 — Outubro, 17

Recibi a carta de V. Ex.^{cia} de 8 do corrente, e nella me não faz V. Ex.^{cia} menção ao que em carta de 19 de setembro adverti sobre os negocios destes meos requerimentos, mandando a V. Ex.^{cia} tresladado o capitulo 11 da tregua celebrada (1), pelo qual querem os da Companhia Oriental que se lhes dê territorio, não obstante que he condição incluída na Companhia Occidental, e assim continuão com o mesmo propozito sem differir nas conferencias athenora mais que a seos particulares e commodos; e finalmente tem dado a entender, e declarão quanto basta para se cuidar com evidencia que querem territorio, e commercio de canella, dividindo os campos em Ceylão, ficando com parte delles entre Galle e Columbo. Eu lhes dou a entender de minha parte que não hei de vir em tal acordo, porque era acressentarmos agravos a agravos, porquanto estando os Portuguezes de posse de suas terras, lhes querem tomar violentamente em tempo de pazes as que em tempo de guerra não poderão. Mostrei-lhes com razões que Galle não teve nunca jurisdicção, nem territorio, porque he da jurisdicção de Maturé, debaixo de cujo territorio se incluye, e tudo á dispozicção de Columbo, a quem são sogeitos. Os obstas a isto são impertinencias que mostram trazer dilacões, posto que de palavra promettem que seo desejo he buscar meyo de composicção; mas se ella ha de ser tanto em damno nosso, he ficar senhores do que querem sem lhes custar mais que quere-lo, assim que não teremos concordata menos que chegando ao que pede a razão e justiça da causa.

Os meyoos que tinha para os negocios da restituicção estão alterados com a reposta que se deo a Francisco de Andrade Leitão, e com a nova jurisdicção que tem na Ilha de S. Thomé, de que estão senhores; contudo não desisto de procurar o que he para melhor bem da cauza e serviço de S. Magestade como lhe avizo largamente.

Claramente lhes falei em árbitro para nos compor, e respondem negativamente e sei que a Companhia Oriental o não quer consentir, propondo-lhe os mesmos Estados que tomassemos árbitros, com que lhes digo que considerem quanto he a nossa justiça, e insto porque haja hum *mediator*, que he a palavra com que lhes quero dar a entender que avemos mister quem nos componha. O Príncipe de Oranje e em primeiro lugar el Rey de França são os que detrimino nomear em cazo que os Estados consintão, do que duvido ainda; quererá Deus que mudem, que o tempo tudo pode dar de si, e do que fôr socedendo, avizarei a V. Ex.^{cia}.

(1) O texto do tratado (que é em latim) vem transcripto por Wicquefort, *L'Histoire des Provinces Unies*, Haia, 1719, *Provas*, pág. 85; a traducção portuguesa vem na *Collecção Chronologica da Legislação Portugueza*, de Andrade e Silva, 2.^a série, 1640-1647, pág. 82 e na *Collecção de Tratados*, de Borges de Castro, vol. 1, pág. 24.

No particular dos meyoos que V. Ex.^{cia} me pede para as nossas alianças, tenho ditto em carta de 17 do passado e 3 do corrente o que de prezente se me offereceo. Bem sei que são escuzadas advertencias aonde o zelo e diligencia de V. Ex.^{cia} assiste; mas porque V. Ex.^{cia} mo mandou, e porque me parece que he obrigação de dizermos reciprocamente o que cada hum alcançar para o effeito das pretensões, me fez fallar na materia. Os acertos e bons socessos estão na mão de Deus, como V. Ex.^{cia} dis.

Muito folgo que dos avizos de Luis Pereira alcance V. Ex.^{cia} não ser o sogeito de tanta pena como eu tomei com as palavras de Monseur de Avaux: os desejos de ver em bom estado aquelle negocio faz paresser muito de estranhar qualquer demonstração donde se não espera, e como daquella parte podia aver quem desse aquella reposta, e só sahio por Monseur de Avaux, ainda me pairesse demasiada, e Luis Pereira o não nega nas que me escreve, mas V. Ex.^{cia} que está ao pé da fonte saberá melhor para onde corre; e assim espero que tudo tenha o fim que desejamos, por ser obra de Deus e ser V. Ex.^{cia} o que a solicita.

Se o Rezidente tiver novas ordens, não se descuidará aqui de continuar com os Estados na forma que faz, mas importa tão pouco, que não sei qual seja melhor. Dê-nos Deus hum esforso com que os inimigos nos temão e os amigos nos respeitem e logo teremos quanto quizermos; entretanto convem paciencia, já que não ha lugar para outra couza.

O homem que V. Ex.^{cia} procurou, chamado Manuel Gomes da Fonseca, está em Amsterdam encuberto e não apparese na rua, mora com hum Simão Correa, judeu que do Brazil passou a estas partes; prende-lo aqui he impossivel, e se elle tinha pessonha que lançar, já o averá feito com os da Companhia; veja V. Ex.^{cia} o que se ha de fazer.

Biblioteca Nacional, códice 2666, fl. 363.

Sousa Coutinho ao Conde da Vidigueira

1644 — Outubro, 24

Vou continuando nestes requerimentos, e não acabão de ter fim: os Estados Gerais dão a entender que querem que nossas controversias se componhão, mas não vejo que se dem a pressa com que ha tanto tempo que os obrigo e insto per isso. Respondem agora que tem mandado as razões que lhes dei pelas quais mostrei que se não deve conceder territorio aos da Companhia no porto de Galle que tem em Ceilão aos mesmos da Companhia para que respondão a ellas, e conforme humas e outras deliberarem o que lhes pairesse; e entretanto vai a Companhia continuando nas levas de gente para a India, e com publica voz de que he para Ceylão. Pareceo-me que convinha intimar-lhes o protesto que em mayo lhe fiz (1) e em hum papel de razões que

(1) Vide carta de ... de Maio de 1644, *supra*, pág. 137.

lhes dei o ouve per declarado nellas; e vendo a difficuldade disto lhes falei e falo claramente em árbitro, a que não dão ouvidos; e sei de certo que os mesmos Estados tem ditto aos da Companhia que se compromettão em França e que não querem os directores: dos Estados alguns são deste parecer, e o Príncipe de Oranje me não estranhou a lingoagem, mas os mais são de contrario, e como todos dependem huns dos outros, accomodão melhor o seo particular do que nossa justiça. Ao Principe de Oranje disse que o queriamos por hum dos árbitros, porque S. Magestade fiava de sua amizade e bondade a justiça destes negocios; e tenho por acerto que elle com el Rey Christianissimo o sejão nesta cauza. O Rezidente de França tem as novas ordens para falar aos Estados, mas como não passa de humas lembranças e cumprimentos, será o mesmo que athé agora ha sido, e elle mesmo sabe que os Estados não querem a França por árbitro de nossas pretensões. Se V. Ex.^{cia} podesse acabar com o Cardeal Mazarini que pedisse aos Estados Gerais, em nome del Rey de França, que quizessem accomodar os negocios entre Portugal e as Companhias conforme a justiça da cauza, e conforme a conveniencia do tempo pede, por ventura que então se obrasse mais, vendo a el Rey Christianissimo interessado nas conveniencias de Portugal, porque athé agora com V. Ex.^{cia} trabalhar tanto e procurar com as recommendações deste negocio assi no tempo de Francisco de Andrade como depois que continuo nelle, não estão adiantados, nem o que os embaxadores e rezidentes de França sollicitão passão do que tenho dito, com huma lembrança e cumprimento que ao prezidente da semana se faz, e não aos Estados em junta. Dis-me V. Ex.^{cia} nesta sua carta que não negarão ategora favor algum que V. Ex.^{cia} ahí pedisse para o bem dos negocios desta embaxada, assi no tempo de Francisco de Andrade como neste, e que sabe de certo que sentem muito a injustiça com que somos tratados dos hollandezes, e não se metêrão mais nisso porque me não pareceo. Corri e li as cartas de V. Ex.^{cia} que tratão destes negocios, em nenhuma achei que chegassem os termos a mais, que dizer-me V. Ex.^{cia} que seria bom tratar os negocios desta embaxada por meyo do arbitrio de França, e sollicitasse e procurasse aver dos Estados o consentimento. Revolvi e li as repostas destas cartas, e achei que duvidei de que os Estados viessem no arbitrio, e que quando se esgotassem alguns meynos que eu tinha entre mãos com que pretendia chegar com o negocio a bom fim, ficava lugar para uzar do árbitro, porque França em todo o tempo viria nisso, pois não tinha cauza de se escuzar; e que se o Cardeal Mazarini quizesse interpor-se *ex officio* e obrigar aos Estados que viessem na compozição, que era acabar o negocio e dar-lhe fim, que he o que pretendemos: esta vem a ser a sustancia do que V. Ex.^{cia} me avizou e lá lhe respondi, com que me fica lugar de reparar no que V. Ex.^{cia} me dis, que senão metêrão mais nisso porque me não pareceo. Pesso a V. Ex.^{cia} seja servido declarar-me o em que impidi a continuação dos favores de França, quando eu de continuo estou molestando a V. Ex.^{cia} com lhe pedir esta continuacão; e para que V. Ex.^{cia} tenha mais clareza dos fundamentos que tive para não lançar mão naquelles principios do arbitrio de França, direi o que passa neste particular.

Mandou-me S. Magestade, que Deos guarde, que viesse continuar com esta embaxada a que assistia Francisco de Andrada Leitão, com ordem para fazer paz perpetua com estes Estados, depois de concluidos outros negocios a que primeiro me mandou assistir. Fis todas as diligencias por saber o que poderia alcançar neste particular e achei que os Estados querião a paz, mas que as Companhias não querião restituir o que tinhão tomado; e como S. Magestade me ordenou absolutamente que me não contentasse menos que com plenaria restituição de tudo o que depois da sua real acclamação foi tomado, busquei meyos para conseguir este effeito, de que dei conta a S. Magestade, e me mandou responder a tudo sem faltar mais que chegar o tempo da concluzão do negocio, porque para elle tinha meos apaziguadas, em que entrava o mesmo secretario dos Estados Gerais. Fazia por esta parte estar o tempo das Companhias no ultimo de seus privilegios, e prometerem os Estados que na pretensão da nova prorogação podião fazer o que quizessem e dar-me contentamento: ajuntava-se aver-me avizado S. Magestade que mandava a Angola huma armada tam forte e bem petrechada que se segurava que alcançaria seus intentos. Como de sua ida pendia tirar-nos Angola livre, e logo S. Thomé, e em consequencia o Brazil, com que os da Companhia nos rogarião, como chegarão a fazer só com as sospeitas que tiverão daquella armada, posto que com outro intento, não avia lugar para lançar não de outros meyos, sem ver aonde chegavão estes que estavam presentes e com apparencias de sortir comprido effeito; daqui procedeo avizar a V. Ex.^{cia} que esgotados os meyos que tinha, ficava lugar e tempo para aproveitar do arbitro, e a razão era que se tratassemos naquella conjunção dos meyos de França, arriscavamos a paz, sem as restituções, que he o que S. Magestade não quer. e conseguido qualquer dos intentos apontados, escuzava dilaciones no negocio e patrocinio alheio, com outras circumstancias que então avizei a V. Ex.^{cia}.

Porem todas estas couzas se alterarão e mudarão em forma que trabalho como no mesmo dia que cheguei, e procede de Francisco de Andrade apertar por resposta, dizendo-lhe eu que não convinha, o que tãobem V. Ex.^{cia} lhe advertio, porque foi negativa como se vio: a armada não foi, como S. Magestade avizou: S. Thomé está pelos hollandezes, e na India a guerra publicada, com pretensões de commercio e territorios em Ceylão, com que o meyo dos que promettiam effectuar o negocio a contentamento ficou suspenso, e agora não chegará mais que a fazer cessar a hostilidade na India, quando la chegar; e o que os Estados promettião na promoção dos novos privilegios, reservão para a paz geral entre as duas nações, não admitindo arbitros como já disse, e persistem em querer territorio em Ceylão. Para vencer esta difficuldade he agora toda a lida, e não posso mais do que faço.

Suppostas estas cauzas, considere V. Ex.^{cia} se convinha tratar de arbitro em tempo que esperavamos ser senhores do usurpado sem mais assistencia que a da armada a Angola, e com os amigos cá compor o negocio e effectualo sem escrupulo de se quebrar ou não admitir; mas pois faltarão os meyos que rezolutamente abreviavão estas pretensões, he necessario puxar pelos do arbitro, e que os hollandezes não differem e será necessario mais contenda

para chegar a resolução e effeito. Julgue V. Ex.^{cia} se quis mais do que convinha, ou menos do que tinha por ordens de S. Magestade, e como athéqui chegarão as couzas, ainda me fica a duvida do que V. Ex.^{cia} me dis que não continuarão os favores de França porque me não pareceo. O meo intento he dispor dos negocios conforme as ordens de S. Magestade, a quem dou de tudo meuda conta, e se V. Ex.^{cia} entendia que excedia algum ponto com me dar delle avizo, fora muito facil reduzir-me, que não sou dos que levão seo parecer per capricho, ou por fundamento de melhor certo, porque posso errar, e não sou obrigado a acertar quanto dezejo, posto que dezejo acertar em tudo: em summa esta he a sustancia de meos negocios em que vou continuando, e do que for socedendo, avizarei a V. Ex.^{cia}.

Temo que ainda me descomponha mais a pretensão huma nova que aqui corre e dizem que vem por França socedida em Portugal, mas como V. Ex.^{cia} me não aviza, tenho tudo por falso e mentirôzo.

De Pedro Cesar ser fogido em Angola por os nossos portuguezes he certo, conforme se diz publicamente, e hum Estado dos que assistem na junta da Companhia Occidental me disse e affirmou que era verdade; não ha outra couza.

Biblioteca Nacional, códice 2:666, fl. 396.

Sousa Coutinho ao Conde da Vidigueira

1644 — Outubro, 31

Recibi a carta de V. Ex.^{cia} de 22 do corrente, e não vejo cauza para que minhas cartas fossem per caminhos tão extraordinarios ter a mãos de V. Ex.^{cia}, porque sempre escrivi pelos ordinarios a Paris na forma que V. Ex.^{cia} me ordenou quando foi para Fontenebló; mas festejo que viessem a poder de V. Ex.^{cia}, postoque tarde, para que constasse que não faltey em correo algum de dar conta a V. Ex.^{cia} do muito ou pouco que nestes requerimentos se alcança. Vou continuando com a pretensão de que mandem cessar a hostilidade na India para tratarmos da composiçãõ formal entre as duas nações; e depois que o Principe de Oranje me disse que seria bom hum terceiro para que compromettendo-nos nelle nos compozesse, pesso aos Estados, não só em particular mas per memoriais, que componhamos esta contenda, e para evitar duvidas e dilações nos compromettamos em hum *mediator*. Athé agora não differem a isto, mas com a reposta que se espera dos da Companhia sobre as razões que lhes dei, veremos o que detriminão.

No correo passado mandei a V. Ex.^{cia} as razões porque não convinha tratar de árbitro no tempo que V. Ex.^{cia} me falou nelle para estes negocios, e agora saberá V. Ex.^{cia} que os Estados, os politicos, os mercadores e muitos dos mesmos directores Orientais dizem á boca chea que não tem justiça no que nos fazem, mas como tem experimentado os danos e perdas que recebem com a nossa paz ou tregua, fogem de vir nella, ou pelo menos querem que

seja a seo modo, e para isto buscão este pretexto do territorio de Galle para não guardar a tregua, e com a espada na mão contratatar e capitular a seo modo, tomando exemplo no que vem com a paz geral de Munster: e como a ambição de mercadores não respeita meynos, só hum bom esforso de armada os pode trazer á razão, e não o que lhes dizemos, e elles não negão. Os Estados são tãobem interessados e todos venais, e para este effeito não dormem os das Companhias, nem são escassos, como tenho bem sabido.

Nós temos por clara nossa justiça e do mesmo cap. 11 da tregua arguimos ser falso e injusto o titulo com que pretendem nossas terras, mas daquella clareza tirão elles tãobem mil duvidas que embaração, porque no cap. 12 que allegão, se lhe dizemos que ha de ficar cada hum com o que possuir ao tempo da publicação, dizem que sy, mas com a condição que se segue, dividindose os campos e limites que estiverem junto das ultimas fortalezas, os quais necessariamente hão de ser tidos por adquiridos e annexos a quem tiver as fortalezas; com que he necessario recorrer ao capitulo antecedente, de quem este depende, entendendo-se das terras tomadas na forma delle, porque doutra maneira não salvamos a nossa jurisdicções; alem de que esta condição he no occidente, e não se transfere ao oriente, onde ha clausulas e condições separadas, e como sua tenção he perturbar, fica-nos justo sentimento para nos queixarmos de sua malicia, e dos autores de semelhante obra. Se V. Ex.^{cia} tivesse ordem para mandar metter em gazeta ahy, sem se dar per achado nem dar cauza, porque se não entenda que sahe de nós, a saber que os das Companhias de Holanda tem intelligencia e trato secreto com el Rey de Castella, seria por ventura de algum effeito para vir a conclusão, e cessar a hostilidade.

O que resta he que faço quanto posso porque estes negocios tomem assento, ou amigavelmente ou per compromissão, e vejo que convem que S. Magestade faça paz ou assy ou assy neste tempo presente, porque não lhe tira assegurar-se agora o direito de recuperar o que he seu quando tiver occasião: do que fôr descobrindo neste particular darei conta a V. Ex.^{cia} para que possa privinir o que for necessario e de melhor conveniencia para melhora de nossa pretensão.

Novas de Portugal me faltão ha tempos; espera-se o navio de Lubeque onde dizem vem cartas de S. Magestade. O que aqui corre he a nova de Portugal: queira Deus que não seja o que dizem, porque achar-se ainda animos pouco affectos ao serviço de S. Magestade fas grande prejuizo aos negocios publicos. O que tambem dizem que se trata cazamentos entre França e Castella com dote das Provincias de Flandes, V. Ex.^{cia} saberá ahy melhor o que nisto ha.

(Autografo.) Muito ruins novas são estas que vem do Reyno, e que eu não cria até ver a carta de V. Ex.^{cia}; e inda agora me persuado ao mesmo que V. Ex.^{cia} que devem ser doudices da Marqueza, que seu marido (1) tem já idade para ser sisudo. O que digo em cifra, se a V. Ex.^{cia} lhe parecesse

(1) Referência ao Marquez de Montalvão.

dizelo ao Cardeal Masarini como que de cá se escreve per algumas presunções, não creio que fará mal.

Biblioteca Nacional, códice 2666, fl. 394.

Sousa Coutinho a El-Rei

1644 — Novembro, 6

Depois de haver escrito a V. Magestade as que serão como esta, chegou hum navio desse Reyno, e sem embargo que espero nelle cartas de V. Magestade e me não são vindas, me parece dar alguma satisfação a V. Magestade de culpas que atégora não cuidei que tinha, e de que me avisão alguns particulares que lá se me dão, e porque não he esta a primeira vez que quizerão que eu as tivesse: vem a ser ellas que alargo os negocios por comer trezentos mil réis cada mes sem fazer nada; que entretenho a V. Magestade com esperanças de bom successo, porque a aver fallado claramente, já V. Magestade me ouvera feito mercê de me mandar hir para minha casa. Quanto ao primeiro, pouco tenho que responder, porque como são materias que não podem ter provas matematicas, cada hum julgará pello que fizera; digo só Senhor que inda sou mais pobre de espirito que de fazenda, nunca a cobiza me fes desmandar, nem ainda nos desejos. Trezentos mil réis renda he para hum homem de bem em hum anno, quanto mais para celario de hum mes, se vivera em Portugal só como Francisco de Sousa, e não em Olanda como Embaxador de V. Magestade; e da maneira que o sou, não faço pouco em chegar ao cabo do anno com o que V. Magestade me fas mercê, conservo a familia que de lá trouxe, ornei minha casa com que pode aparecer entre as da terra, que virão a ser as mercancias que averei feito no cabo da embaxada; tiverão por muito grandes, quando até isto me faltará e eu asertara a servir a V. Magestade como desejo. A segunda culpa de não fallar claro a V. Magestade me parece que está bem satisfeita com o que por muitas vezes tenho escrito. A V. Magestade disse sempre o que alcansava, conforme aos tempos; nunca asegurei a V. Magestade bom successo, nem tão pouco de todo desconfiei delle, porque a fazer qualquer destas couzas fora muito máo ministro, e ambas para meu credito igualmente perigosas: que se dissera V. Magestade que aqui se não havia de negociar nada, seria fallar sem fundamento e arriscar o negocio a se largar, persuadindo-se V. Magestade a que o alcansava com a certeza que eu não posso ter; assegurar tambem infalibilidade nelle, não cuido que o tenho feito. Propus as difficuldades que tinha, e os remedios que podia ter; se isto he alarga-lo e não deenganar, seja muito embora culpa, porque desta me não descarregarei.

Parece-me que atégora não tenho faltado na obrigação de meo officio, e se os successos se ouverão de seguir as despozições, estivera V. Magestade muito bem servido; e ficára eu ainda sem este pequeno escrupolo, que não he grande, porque tenho por serto que estas culpas me não põe V. Mages-

tade, porque sabe muito bem o estado que tinham estes negocios quando vim a tratar delles. tão errados no principio, que nem podem assistencia e diligencia do Doutor Francisco de Andrada em dous annos, não só milhora-los, senão deixa-los de peor condição. Eu *ex professo* não comecei a tratar delles, senão ido elle, mas antes e depois disse sempre a V. Magestade o que alcançava e entendia. Se fora vivo quem os começou(1), dicera eu a V. Magestade que os viera deslindar: mas em falta sua, Antonio de Sousa Tavares que fez hum papel(2) para os que entendem, o poderá vir cá explicar aos olandezes que entendem o que querem e não o que he razão; que inda que he verdade que os capitulos da tregoa lhe não dão lugar para tudo o que fazem, poderão pelo menos averem-se feito tão claros, que apertados os fizemos confessar que a forsa lhe dava o que elles querem hoje que a razão lhe dê. Ajunte-sse a isto estarem senhores do nosso e faze-llo muito de mal falar-se-lhes em o largar; persuadem-sse a que não ha forças que lho tirem, e chegão a duvidar se as tem V. Magestade para a conservação de seu Reyno, ou pelo menos se valem deste pretexto para maior difficuldade; soberão que se aprestava socorro para Angola, e que a batalha de Montijo fizera desembarcar a gente, e acressentão mais, que se o Reyno não esta seguro dos de caza, como o ficará dos de fora; e tenho lingoagem do Principe de Orange que hum destes dias teve com o secretario de França, mas ajuntou que convinha ajudar e socorrer a V. Magestade.

Senhor muitas vezes tenho repetido a V. Magestade que a vida está sacrificada a seu real serviço; se a elle convem que aqui ou em qualquer outra parte acabe, nem recuso *laborem*, mas se V. Magestade o fas sómente por me fazer mercê a mim, prostrado aos pees de V. Magestade lhe digo que nenhuma me pode fazer tão grande como mandar me hir para minha casa. Esta embaxada aceitei com grande repunancia de meu entendimento, porque considerey as grandes difficuldades que tinha, e ser nella mais serto o perder o credito acquerido, que o adianta-lo. O Reyno todo tem os olhos nella; nas outras embaxadas ninguem repara: nesta, como pedimos e não alcançamos nelle o que se obra, e fica o risco sendo muito grande, e como no nosso Reyno ha inda pouca experiencia de embaxadas e de embaxadores, julgão que são demandas que se perdem á mingoa dos avogados ou dos solicitadores. De que esta se não perde á mingoa esteja V. Magestade serto, como tambem de que a mingoa se perdeu na primeira embaxada, nem engano a V. Magestade, nem aqui me enganão; o que escrevo he o que alcanço, ou o que me dizem, e nem me governo por conjeituras, nem creio tudo, nem a todos. Não fis este descuro porque entenda que necessito para com V. Magestade destes descargos, mas para que avendo quem diante de V. Magestade

(1) Tristão de Mendonça Furtado.

(2) Referencia ao papel que se conserva inédito na Bibliotheca da Universidade de Coimbra e que tencião publicar e que se intitula: *Discurso politico em approvação do tratado da tregoa que com os Estados das Provincias Unidas mandou capitular o... Rei de Portugal Dom João quarto nosso Senhor.*

me culpe, seja V. Magestade servido de dar licença a que nas secretarias se veção as minhas cartas.

Recebi hoje carta do Conde Almirante em que me dis que de sua caza o avizavão que V. Magestade o mandava hir a Roma. Confio em Deus que ao aserto da eleição se sigão os muitos que se podem esperar de sua pessoa; advirto porem a V. Magestade que não convem ficar no tempo prezente França sem embaxador, que ainda que se pode pormeter muito do secretario daquela embaxada, estão as couzas em estado que requerem mayor pessoa, pollo menos emquanto durar a Junta da paz geral; e parecia que se ficava enchendo bem aquelle lugar o Marques de Cascais, suposto que está inda em França e detido sobre o fundamento tão falso como o tempo tem mostrado que forão todos os sobre que se fundou aquelle edefficio, como V. Magestade terá largamente entendido dos Embaxadores Luis Pereira de Castro e Rodrigo Botelho.

De Polonia não he vinda reposta e ha quinze dias que tarda, conforme ao tempo em que costumão vir; o Rezidente a espera por oras e affirma que nenhuma duvida averá em que seu Rey aceite embaxador de V. Magestade e tem-se por certo que será elle o *mediator* da paz; e se V. Magestade lhe parecer que não convem lançar mão deste negocio nem ocupar nelle a Dom Luis de Portugal, suposto que V. Magestade lhe hade dar de comer, não creio que seria contra o serviço de V. Magestade occupa-lo nesta minha embaxada. Poupava-se fazenda e poderia acontecer que montasse a sua agencia, porque emfim he nascido nestas Provincias, he sobrinho do Principe de Orange e falla-lhes na sua lingoa; e o que V. Magestade póde ter por certo he que aqui não ha de importar tanto a suficiencia como a importunação e o tempo; quanto mais que nem esta falta a este fidalgo.

Torre do Tombo, códice 1341, fol. 63, v.

Sousa Coutinho ao Conde da Vidigueira

1644 — Novembro, 7

Muito particular gosto recebo com as novas que V. Ex.^{cia} me fas mercê mandar sobre as couzas de Portugal e casos la socedidos, porque com ser chegado a Amsterdam o navio de Amburgo que veyo de Lisboa, até á prezente hora não tenho recibido cartas de S. Magestade, sendo chegado algumas particulares em que se confirma a prizão do Marquez e dos mais na forma que V. Ex.^{cia} me aviza. Grande he o danno que estas novidades podem cauzar aos requerimentos publicos e pertenções das embaxadas, mas Deus he o que tem á sua conta as cousas de Portugal, com que nada dezanimo, e se se dilatarem os negocios, será para mayor gloria de S. Magestade, de seos Reinos e vasallos.

Dou a V. Ex.^{cia} o parabem da acertada eleição com que S. Magestade

escolhe a pessoa de V. Ex.^{cia} para assistir aos negocios de Roma como principais, postoque será incommodo a V. Ex.^{cia} que tanto se dezeja em sua caza (como eu tambem na minha); mas he precizo acodir ao serviço de S. Magestade e ao bem comum, para que tenha o Reyno que dever mais a V. Ex.^{cia}, e S. Magestade occasião de satisfazer tantos merecimentos como de sua real grandeza se espera.

Porventura que venha ordem ao Marquez de Cascais para que fique continuando nessa assistencia, visto que sua detença foi infructifera, e fundada sobre hum pretexto errado e falso, como se tem achado, de que Luis Pereira e Rodrigo Botelho me escrevem tem avizado largamente a V. Ex.^{cia}, alem de que estará tambem consumindo-se, e empenhando-se, sem aver em que sirva a S. Magestade, que he mais para sentir.

Nestes meos requerimentos estou esperando a resposta da Companhia Oriental, que dizem darão a quinze deste mez; por ella vermos melhor seo animo e ao que aspirão: minha tenção não he prolongar a cauza, nem pleitea-la *in forma juris*, antes fujo disso e lho tenho bem declarado aos Estados geraes; o intento he vir a árbitro, se elles quizerem, porque o tempo nos poz a occasião na mão e nisto fundo toda a rezolução. Ao Principe de Oranje não tenho decisivamente pedido para árbitro, mas vou saneando o negocio para vir a alcançar o sim dos Estados; a advertencia que V. Ex.^{cia} me faz dos votos de Suecia he para estimar e lançar mão, do que alcançar, deverei a V. Ex.^{cia} os melhores acertos.

Espero que na audiencia que V. Ex.^{cia} terá do Cardeal Masarini alcance quanto pretende, para que caiba tambem parte a estes meos requerimentos: bom he que se lhe dê quarto em Palacio, porque he sinal de muito valido, e quanto mais o faz, tanto mayores serão nossas esperanças. pois he tão affeiçãoado ás couzas de Portugal, como V. Ex.^{cia} me tem ditto algumas vezes.

De que a Princeza de Oranje haja mandado presente á Raynha mãe não tenho noticia: a que alcancei he que hum gentilhomem do Cardeal Masarini viera a ver o Principe de Oranje, e dar-lhe o para bem da tomada do Saz de Gante, e que vizitando a Princeza sua molher, lhe dera da parte da Raynha humas perolas que avalião em sessenta mil florins; a certeza do valor não sei mais do que me disserão, que lhas deo he couza certa.

Folgarei muito que a culpa do Marquez de Montalvão não chegue a delicto. porque estava bem reputado em toda a parte, mas he trabalho chegar a ser prezo, que para um tal sogeito não devia ser sem muita cauza: a certeza, como V. Ex.^{cia} dis, ninguem a pode saber.

A copia da carta de S. Magestade que V. Ex.^{cia} me manda sobre Manuel Comes da Fonseca já recebi em outro correyo: o que delle ha avizei a V. Ex.^{cia}: o certo he que se trazia pessonha, que a vomitou logo com os da Companhia. Impedir lhe a jornada para o Brazil por meyo ordinario he impossivel, como avizei a S. Magestade, pelos extraordinarios não sei como poderá ter effeito: tenho mandado saber se he embarcado ou não: do que me avizarem, darei conta a V. Ex.^{cia}.

As Companhias andão agora sobre a furia da união que a Occidental pretende com a Oriental; entende-se que não conseguirá, o tempo mostrará.

Chegou nova que a armada naval suecica desbaratou a del Rey de Dinamarca no mar Baltico, a qual perdeu tres navios, que forão queimados, e outros tres tomados, e todos dos mayores; o resto fogio para Zelant; morreo sem querer quãrtel o general della, filho bastardo del Rey, chamado João Ulrico, com muitos soldados e ouve muitos prizioneiros. O general Hoorn (1) tinha feito alguns progressos na Provincia de Schone; isto dis a nova que aqui se tem por certa.

Poderá ser que acabe elRey de Dinamarca de se dezenganar, e acabar de concluir a paz com os suecos, postoque será bem differente agora do que fora se logo inclinára a ella quando França tratou de os compor; pouco vão a dizer estas couzas por cá; nas nossas ponha Deus hum socesso qual o dezejamos.

Bibliotheca Nacional, códice 2666, fl. 438.

Sousa Coutinho ao Secretário Gaspar de Faria Severim

1644 — Novembro, 8

Senhor meu, se V. Mercê se enfadar com cartas minhas, tem muito bom remedio, não me fazer tanta merce como me fas, não se queixar quando lhe faltão, e com isto temos acabado; mas emquanto V. Mercê continuar na forma que até qui, não escreveo mais o Abulense de livros do que eu hei de escrever a V. Mercê de cartas. Nesta semana chegou hum navio que sahio dessa cidade, e sendo que me faltão cartas de S. Magestade desde mayo, e com ellas repostas a muitas prepozições importantes, não vi nenhuma por esta embarcação, para o muito cazo que lá se fas do pouco que aqui fazemos, poucô nos ajudão, faltando as de S. Magestade. Não me queixo (se bem o sinto) por me faltarem as de V. Mercê, que como minha mulher estava inda em Sobaserra, não tinha V. Mercê obrigação de saber dos navios que partião, mas não se esqueceo ella de me dar novas de V. Mercê e da senhora Dona Mariana, com repetidas obrigações, que como são tão continuas, faltão já palavras para as agradecer, sendo que sobeja animo para as estimar; porem a que de novo me dis, merecedor hera de grandes encomios e de grandes agradecimentos, se as palavras puderão lá chegar; não os faça pequenos a falta deilas, pois eu não acho nenhuma bastantes para os expremir. Escreve-me Dona Francisca que V. Mercê lhe dicera que S. Magestade me não tinha mandado hir para minha caza, porque eu lhe dava boas esperanças nestes negocios, que convinha fallar claro e dezenganar; pella tenção que V. Mercê teve nesta advertença, lhe bejo as mãos muitas vezes e para que V. Mercê fique mais bem informado, lhe tomarei um pouco de tempo com a leitura

(1) Gustaf Karlsson Hoorn, Condo de Björneborg, general sueco.

desta por lhe escuzar a de muitas que sobre estas materias tenho escrito a S. Magestade, que V. Mercê como ministro puderá ver na Secretaria de Estado.

Deixo (porque V. Mercê o sabe) a repunancia com que vim a esta embaxada, e não faço lembrança, porque V. Mercê a terá de que muitas vezes me instou para ella, porque tudo isto pode ter reposta de que depois que gostei as comodidades da terra pude mudar a vontade; vamos ao que convem. He muita verdade que nunca dezenganei a S. Magestade, como nem ainda hoje dezenganearei de que não avia que esperar desta gente, mas com isso está que claramente lhe disse sempre o que entendia, propuz as difficuldades, apontando os remedios que podião ter, mas nunca os facilitei: dizer outra couza não sei como o pudera fazer, goardando as regras de bom ministro, cujo primeiro A. b. c. he a verdade; e se as minhas proposições ouvessem de ter diante de S. Magestade e de seos ministros a authoridade que convem que tenham todas as dos Embaxadores, seria muito bom que eu de cabeça sem mais que por prezunções escrevesse que aqui não avia que esperar, e que obrigasse com isso a S. Magestade a entrar em outra nova guerra que a nós nos não pode estar senão muito mal e aos olandezes tam bem, que nenhuma outra couza desejião, e que depois de tudo isto feito, me fora eu e me perguntára S. Magestade em que fundára a tal informação, e dando a que tivera, me mandára a bem livrar meter em huma torre. Meu compadre o meu senhor, estas materias são muito delicadas e muito perigozas; aos Reys affirmativamente não se pode falar senão com toda a certeza, a qual não pode aver nunca em negocios dependentes de vontades alheas: tudo o que não foi dizer, não se fará nada, ou farei tudo, está dito; tenho escrito a S. Magestade algumas cartas mais como Capitão Geral, que como Embaxador.

S. Magestade tem visto o que esta gente fes em Angola, huma ves e outra fes em Santomé e no Maranhão: se com isto se não dá per dezengano, como quer V. Mercê que o dezengane mais, quando os que o podem remediar afeão os cazos e prometem a emmenda delles, mas com isso está tambem que nunca disse a S. Magestade que isto seria infalivel: e vamos mais avante, heis que com muito ou pouco fundamento dícera a S. Magestade que aqui não havia que esperar. quizera saber o que neste cazo se avia de obrar; romper a guerra não me parece que por hora S. Magestade detremina, quando he capitolo expresso da *Instrução* dada ao Embaxador meu antecessor e a mim que por mais desenganos que tivessesmos dos Estados, hiríamos instando em quanto não tivessesmos outra ordem, pois ha que de Deus? Se ainda nem hum pequeno dezengano temos tido, que avemos de fazer? Algumas cartas tenho escrito a S. Magestade persuadindo que mandasse huma armada a Angola que deitasse fora os ollandezes della, que em falta d'isto mandasse fazer reprezalia em todas as náos destes payzes, de cujo risco podia cahir sobre mim a mayor parte, mas que nelle não devia S. Magestade reparar, porque se en contra cambio se violasse o direito das gentes e me prendessem, que me soltarião, e que quando não, a mais pequena praça de Portugal he mais importante ao Rey e ao Reyno que quantos Em-

baxadores per cá andamos: se quem isto escreve, não dis o que entende, ão sei outra lingoagem com que melhor me explique.

He bem verdade que para os que cuidão que folgo de estar em Olanda, poderá ser que inda assi creão que quero mais estar prezo em Olanda do que solto em Portugal; pois por vida dambos que se enganão em a metade do justo preço, e senão S. Magestade, se acha que tenho alguma culpa, tire-me daqui, e castigue-me, e se tenho acodido bem á minha obrigação, terei por paga della e por satisfação de todos meos serviços mandar-me hir pera minha caza, só com me fazer mercê de me dizer que o servi bem e não quero outra, já que para mim o mesmo he Lisboa do que foi Villa Viçosa. Naquelle lugar, asertando sempre no serviço de S. Magestade quando Duque, sempre os fidalgos delle quizerão que eu errasse, e que por ter sem mil reis cada mes folgasse de estar em Madrid, e eis nos em Lisboa e com os mesmos cargos; e he rija cousa proceder em huma e outra parte como homem de bem e ser julgado em ambas, ou por amigo de gastar mal a fazenda, ou por folgar de estar fora de minha caza; pois em verdade que nenhuma outra couza desejo tanto, como estar quieto nella; que nem a idade pede já outra cousa, nem o amor da patria me leva a mais que a querer o que lhe pôde estar bem. Muito grande cousa são trezentos mil réis cada mes em Olanda, mas crea V. Mercê que erão muito mais cento em Madrid que em cobre se tomavão em cento e vinte e sinco; os preços das couzas erão ali a metade menos que aqui; a familia constava de dous pagens e huma criada, tres lacaios, hum cocheiro e quatro cavallos; aqui he toda mais que tresdobrada; considere-sse se se gastará bem o que tenho, quando as obrigações de luzir são mayores, e se he muito ter trezentos mil réis hum embaxador de hum Rey, quando hum criado de hum Duque tinha cento.

Fui á Dinamarca e Suescia e sendo que naquellas embaxadas tive mais comodidades para forar dinheiro que todos os embaxadores daquelle tempo, porque comi sempre á custa daquelles Reys; quando de lá vim, nem trouxe letras, nem fis nas minhas cazas mais do que tinham quando fui, e as minhas contas puderão-se fazer tanto na unha, que levando sinco mil cruzados para gastos secretos, sinco mil e tantos dei em Suecia por conta das armas; e assim naquella Corte, como na da Dinamarca nas gazetas destas partes andou o que dei aos criados de ambas as Coroës, e o que gastei nos caminhos, que foi muita fazenda o poderei mostrar com bem pouco trabalho. Dou a V. Mercê todas estas satisfações, porque como a ministro por ventura lhe fação queixas minhas, e para que V. Mercê como tão senhor meu me defenda; e posto que para isso bastava só fallar em mim e não em terceiros, he forsa dizer alguma couza, não para os culpar a elles, se não para mostrar que os embaxadores não estão obrigados a mais que a fazerem o que devem, que os successos não correm por sua conta; mas como o mundo não julga se não por elles, temos officio muito trabalhoso, e o meu muito mais que todos, por que como venho a pedir, e não alcanço, sabe-sse o que obro e culpão-me pello que não está em minha mão, de que meos companheiros ficão livres, e senão diga me V. Mercê se ha quem falle no Conde Almirante. Ha tres

annos que está em França, tem mil cruzados cada mes, está feito Conde de Ficalho de juro e herdade, e ha de ser julgado dino de mayores mercês e eu o julgo assim tambem, porque tem feito de sua parte tudo o que pode, mas se aviriguamos o que, acharemos que he tão pouco como eu, porque todos aquelles sacramentos e aquelles papeis tão misteriosos, tudo foi palhada, como dezia o nosso capitão; por falso está aviriguado tudo, e S. Magestade o sabe já.

Eu, senhor meu, senão dezengano, nem engano, nem me enganão; o que me dizem, digo; o que alcanço, escrevo; as rezoluções não me tocam a mim; se não adiantar os negocios, não os deixarei atrazados, e no estado em que os achei nem huma couza nem outra seria culpa, que se o fosse, pobre de todos os embaxadores que por cá andão, quando não vierão a mais que a remendar os erros dos passados, que levarão as graças e nós levaremos as calumnias. A primeira embaxada de Olanda (1) destruiu as conquistas e a fazenda do Reyno, a de França (2) a reputação e ariscou os bons sucessos; he cousa que se sabe e assim não faço escrupolo em o dizer, quanto mais que dito a V. Mercê em segredo fica, e sobretudo huns morrerão com mercês, outros vivem com ellas; e eu ategoro não tenho nenhuma, porque a comenda de que S. Magestade me fes mercê he da Casa de Borgança, não so devida, mas prometida aos serviços a ella feitos, e larguei quazi tanto como ella val, mas ainda a mesma comenda largára a troco de me não ver sojeito a tantos juizos.

No mes de mayo escrevi a V. Mercê sobre as pertenções do Licenceado Diogo do Couto Coelho, escrevendo juntamente sobre ellas a S. Magestade; no mesmo tempo sobre as suas escreveo a V. Mercê meu cunhado; de nenhuma destas temos repostas. Faça-me V. Mercê mercê de as querer aplicar, ao menos as do Licenceado, que as de meu cunhado he força que sigão a minha mesma fortuna.

Nesta terra fica Gaspar Dias Ferreira, que he uma pessoa de Pernambuco a quem creio que S. Magestade [e] o Reyno hão de vir a dever muito: S. Magestade lhe avia já feito mercê e os papeis della segundo entende estavam em poder de fr. Estevão de Jezu, que morreu em São Bento; quando não aja delles noticia, creio que a deve aver no registro de V. Mercê. Se sobre isto fôr fazer alguma diligencia hum clerigo que chamão João Batista Cardoso, faça-me V. Mercê merce de lhe fazer bom gazalhado, por que alem de ma fazer nisso grande, fas tambem serviço a S. Magestade; e perdoe-me o enfadamento desta carta, advertindo que o não pode ter tão grande que me não seja a mim mayor que ser-me necessario dar satisfações quando cuidei que as merecia muito aventajadas.

Torre do Tombo, códice 1341, fl. 65 (cópia).

(1) A de Tristão de Mendonça Furtado.

(2) A de Francisco de Melo e do dr. António Coelho de Carvalho.

Sousa Coutinho ao Conde da Vidigueira

1644 — Novembro, 14

Estou esperando pelo trago desta reposta prometida, que he amenhaã o praso, mas venho a entender que tudo ha de parar em dilacões, que he o que nos não está bem; já tomára que se resolverão em algum meyo para poder eu seguir caminho de composição, ou bem dezenganar-nos: a minha instancia toda he em que nos comprometamos em França, mas elles não querem ainda. Sabe muito bem o Rezidente Brasset que não hão de aceitar este partido, se não forem obrigados com mais forsa: e fogem desta mediação porque sospeitão que entre França e Portugal ha algum trato secreto. mayor alliança e mais estreita do que se pratica. Já avizei a V. Ex.^{cia} que se elRey Christia-nissimo quizesse *ex-officio* pedir a estes Estados que como alliado de ambas as nações queria intervir na composição das contendas, poderia ser que obrasse alguma couza: porem esperarmos que estes Estados a nosso requerimento venhão nesta compromiçãõ he difficuloso de alcansar quanto ás apparencias prezentes: poderá ser que a continuação de os provocar e incitar a hum meyo de tanta conveniencia acabe com elles o que nós queremos, ou Deus que muda as vontades de momento a momento lhes pode mudar as com que agora respondem; mas o certo he que tudo ha de custar lidar e mais lidar, e que tão boa hora que aproveite; esta gente val-se da occasião, estão com as armas nas mãos e poder grande na India, tratão de seo interesse, não nos avemos de persuadir que nos larguem o que cuidão podem ter; assi que todas as diligencias que V. Ex.^{cia} ahi solicitar são muito necessarias, quando el Rey e o Careal Mazarini as disponhão com empenho.

Os papeis que V. Ex.^{cia} recebeo das couzas socedidas na India tenho desde março passado; estão muito bem feitos, declarão tudo muito em forma e com a verdade, mas elles aqui zombão; disserão athé a vinda de suas naos que esperavão por informações dos seos, e agora dizem que nossas razões são frivolas e que não ha senão dar-se-lhe territorio ou commercio em Ceylão, e que quando ha armas, que com ellas se toma o que lhes não dão de grado, e que he maxima sua ter territorio onde tem fortaleza: esta potencia absoluta não se vence com boas razões, se não com outro poder igual, ou com muita paciencia. O protesto está tudo o que pode ser; por elle se tirou o que lhes fis em mayo passado, acressentando algumas couzas mais que parecêrão necessarias, como tãobem tenho respondido a todos os obstas referidos, em forma que venho a concluir que não podemos acordar, se não fôr por terceira pessoa, porque nós valem-nos da justiça, e elles do poder, o que entre amigos não deve ser, nem conven que seja. Muito conveniente fora imprimir-se como V. Ex.^{cia} aviza o protesto, mas acho-lhe huma duvida que se V. Ex.^{cia} a pode evitar, sou do mesmo voto, e he ella que pode vir per alguma via noticia disso aos Estados, e ficarão com mayor escrupulo para a pertençaõ em que estamos de que seja Franca o árbitro destas differenças.

Sobre os capitulos 11 e 12 acharia V. Ex.^{cia} que o Borel(1) toda a forsa fez no cap. 12 e por elle pediu o territorio em Ceylão, e na reposta não lhe derão satisfação a este artigo onde elle tem a difficuldade: o 11.º capitulo foi trazido per parte dos nossos sem lhes tratarem delle, mas cá se tratou sobre as couzas de S. Thomé e Seregipe, e os da Companhia Oriental 'querem que sirva esta condição em huma e outra parte, instando tenasmente que se hão de entender com generalidade, e não como os entendemos, porque lhes dão outra interpretação: e o que peor he que ha leis para tudo, e tudo isto se poderá escuzar com bem poucas leis. Perdoe Deus a quem o fes: da reposta se entenderá melhor a tenção dos da Companhia e conforme a ella buscaremos o remedio, e a V. Ex.^{cia} darei avizo do que passar: não ha de novo couza de que possa avizar.

Biblioteca Nacional, códice 2666, fl. 443.

Sousa Coutinho ao Conde da Vidigueira

1644 — Novembro, 21

Recibi a carta de V. Ex.^{cia} de 17 e com ella a memoria do que V. Ex.^{cia} propos ao Cardeal Mazarini: todas as razões me parecerão estremadas e não menos o meyo com que V. Ex.^{cia} o induziu a que mandasse el Rey Christianissimo embaxador extraordinario a ser *mediator* nestes negocios para sua composiçãõ; que he o mesmo que tenho avizado a S. Magestade que Deus guarde em carta de 4 de Julho passado, accuzando outra que a V. Ex.^{cia} escrevi em junho sobre o mesmo particular, em que disse que me parecia não convinha ainda tratar de árbitro pelas razões que na ditta carta achará V. Ex.^{cia}, mas que se el Rey Christianissimo quizesse mandar *ex officio* hum embaxador, assi como mandava ás outras partes, poderia ser de mais utilidade. Mas o vir á custa de S. Magestade tem dous inconvenientes que com licença de V. Ex.^{cia} hei de advertir para que V. Ex.^{cia} lhe possa previnir o remedio: o primeiro he considerar os gastos e empenhos de S. Magestade e Reyno de Portugal, e poder ser dilatada a embaxada que vier, porque emquanto os Estados Gerais não consentirem uniformemente na compromissão, não basta serem alguns delles e o Príncipe de Oranje de nossa opinião, porque neste governo nada se vence a votos, e muitos ainda, ou per interessados na Companhia, ou por satisfeitos de sua liberalidade, são de contraria opinião; e os mesmos da Companhia o encontrão com todo o esforço, athé chegarem a dizer ao Rezidente de França que eu que quero que seo Rey seja o árbitro de nossas contendas, e o depositario das terras sobre que temos as duvidas,

(1) O commissário holandês que foi enviado a Gôa com a ratificação do Tratado de 12 de Junho de 1641 e que recusou-se a publicar a paz, porque os portuguezes não quizeram ceder o território visinho ao forte de Gale em Ceilão, que os holandezes tinham muito empenho em possuir.

no que elles não hão de consentir: sendo assim que tal couza como esta não disse nunca nem pedi, nem falei em Rei de França nos papejs, senão geralmente em árbitro; no que se vê claramente que não só fogem de que França seja o árbitro, mas ainda buscão estes enredos para mayor dilação; assi mo disse o mesmo Rezidente, que ja ha mais tempo me tem ditto que não hão de querer comprometter-se em França; e eu lhe pedi avizasse ao Cardeal Mazarini do que me dizia lhe avião ditto, e como isto assim seja, devemos primeiro segurar o sim dos Estados per evitar dilacões e gastos, que he o que S. Magestade muito encomenda.

O segundo impedimento que se me representa he mais desconfiança de França que outra couza, porque mandando embaxadores *ex officio* a tratar negocios particulares de seos amigos e alliados, e á sua custa, como fez a Inglaterra a Dinamarca e Suecia, e a Hemdem em Frisia sobre as controversias entre o Conde de Hendem e Landsgravina de Hassia, para as couzas e negocios de Portugal vai tanto de passo, e para os que temos com estes Estados, sendo conveniencia geral, e interesse comum, não só não mette nisso seo poder, mas espera de mandar á custa de S. Magestade tratar desta composiçãõ em cauza tão justificada: menos o era a do Prior do Crato D. Antonio quando Henrique 3.º mandou huma armada em seo favor á Ilha Terceira e por geral della Phelipe Stroze (1), que querendo Hespanha te-lo por rebelde e avendo tratado como tais a todos os prizioneiros, mandou el Rey Henrique dizer ao Papa e a Phelippe 2.º que pelas antigas allianças que avia entre França e Portugal era obrigado mandar socorrer aquella Corõa, e que por esse respeito mandara aquella armada. Diferente razãõ e justiça ha nesta cauza de S. Magestade para poder França tomar á sua conta a composiçãõ della pela obrigaçãõ da alliança, pela conveniencia que deste negocio vem a seos vassallos no commercio, e pelo que está fazendo atualmente com os outros amigos na Europa. Seja V. Ex.^{cia} servido examinar estes inconvenientes, e se contudo parece a V. Ex.^{cia} que sem embargo delles se pode vencer o negocio e sahirnos com a pretençãõ na forma que S. Magestade quer, poderá ser que seja menos dilatado, e que seja mayor o fruto do que o gasto nelle feito.

Todo o meu lidar he instar pela cessaçãõ das hostilidades, e que não podemos tratar de outro algum negocio, sem que se dezista da guerra que nos fazem sem cauza. Ao Principe de Orange falei outra vez e lhe aponteí as razões de minha justa queixa a este respeito; respondeo-me que se envergonhava de me falar, porque não sabia que me dizer nem responder, que o principe de tudo era cessar logo toda a hostilidade sem outra couza, e depois tratar da composiçãõ e paz. Respondi-lhe que só isso pedia desde janeiro passado e que me não respondiãõ a effeito; ficou que tomava isso á sua conta. Os da Companhia não respondiãõ ainda; não estamos *in questione juris sed facti*, porque fujo de demandas, e vou bem advertido nisso. Os papejs que lhes dei não são só os que da India tenho, mas outras razões

(1) Strozzi.

que convem ao bem da cauza, de que dou conta a S. Magestade, com que não ha lugar de sentencarem diffinitivamente, como fizeram com Francisco de Andrada Leitão; poderão elles dilatar, que he o seo pensamento, e agora com a nova de que tomárão Negumbo em Ceylão, ainda me fica mayor desconfiança na retardada, e mayor duvida na composiçãõ: esta somana saberei o que se ha de concluir na reposta, e do que fôr avizarei a V. Ex.^{cia}.

O que avizei a V. Ex.^{cia} sobre o trato secreto, não ha mais que uzarmos este lançaõ, que se eu tivera evidencias aqui, fizera logo sair a publico relaçaõ; por isso escrivi a V. Ex.^{cia} se poderia por lá effectuar-se sem noticia donde vinha, ou pelo menos dar V. Ex.^{cia} noticia desse trato ao Cardeal Mazarini, dizendo que eu lho avizei mas que não de autor, e nós himos aqui a fazer nosso negocio; e se V. Ex.^{cia} não acha caminho, não se canse mais, porque isto he só traça contra velhacos, que com tantas nos fazem mal.

Andão aqui novas e averigüão que são certas, que he morta a Raynha de Castella, que me tem dado algum cuidado, e pezado, e que el Rey veyo de Aragão a fazer-lhe as honras, e tornava outra vez para Zaragoça; V. Ex.^{cia} me diga o que nisto ha.

De Alemanha se escreve que o exercito de Galasso está em grande aperto por Dorstenson (1), e que têmão os suecos aos austriacos em estado que não podião sair donde estavam, e que esperavão socorro, mas que se lhe viesse, averia tanta falta de gente que viesse a ser o mesmo que de antes.

Quanto a Ragiczy, continua na Ungria com a guerra. Outra couza se não offerece.

Biblioteca Nacional, códice 2666, fl. 444.

Sousa Coutinho a El-Rei

1644 — Novembro, 28

Por carta de 18 de setembro, que V. Magestade foi servido mandar-me escrever, vejo que he reposta de huma minha de 18(?) de maio, a que eu a não esperava, porque as deste genero nem a merecem, nem eu as escrevo com tençaõ de que chegassem á secretaria, porque dès do principio, lembrei ao Secretario Pedro Vieira da Silva que as cartas que eu escrevesse a V. Magestade a entregar em sua mão real não convinha que passassem della. Esta que accuzo continha um juizo dos Embaxadores de V. Magestade em que eu me não meti com todas as minhas manqueiras, -porque são muitas, e porque V. Magestade tem dellas bastante conhecimento. He me tão presente aquelle bom e descansado tempo de Villa Viçosa, que algumas vezes por aliviar a V. Magestade o enfado do pouco que aqui tenho feito, e por não arre-bentar de paixão, me finjo ali e escrevo a V. Magestade na forma que tambem algumas vezes ali fallava; mas como estas confianças não são presentes a

(2) Torstensson.

todos, e menos o serão aos que depois vierem, fico com grande escrupolo de ver que tais cartas se perpetuem na memoria, como são todas as que vão ás secretarias, donde passam á Torre do Tombo (1); e não convem Senhor que aos meos sucessores, quando algum ora se queirão honrar comigo, se lhes possa dar em rosto do pouco que alcansava que em tal forma escrevia, e poder-se-há imaginar que tão pouco soube da com que se trata com os Reys, como devem [os] que exercitão as embaxadas. Pello que pesso a V. Magestade que seja servido que ou aquellas cartas se entreguem ao fogo, ou esta se acoste a ellas, porque ha hi materias em que he melhor entender-se que se passou por malicia do que por inorancia: o juizo foi feito por graça e para V. Magestade só por a haver de fazer-se com toda a circunspecção.

Por ventura que não aja hoje Rey no mundo que tenha tais ministros como os que V. Magestade tras nestas occupações, tirado eu, que ainda que a nenhum dou ventagem na vontade de servir a V. Magestade, nas obras todos ma fazem: o Marques de Cascais tenha V. Magestade entendido que fes huma gloriosa embaxada, e que se não perderá della a memoria em muitos annos em todas estas partes, e que sendo grande o nome que deixa em França, como a fama vai cobrando forsan nas jornadas, lho tem feito mayor quanto mayores as distancias: o zello do Conde Almirante se não enxerga só no muito que obra em sua embaixada senão no muito que fas no estudo de todas as outras, a que acode, não só com o conselho, mas com tudo o que se lhe pede. Destes e dos mais está V. Magestade tambem informado, que vem a ser a minha aprovação de pouca ou de nenhuma sustancia, mas faço o que devo de todo coração: trabalhão todos per adiantar o serviço de V. Magestade; se o não fizerem, não será culpa sua. O Embaxador Francisco de Andrade mostra bem depois que está em Munster que a repugnancia que teve para aquella jornada nasceo mais de se lhe representar defecultoso o bom successo della que outros alguns inconvenientes, e tem feito tanto, e vai procedendo de maneira que entendo que ha de adiantar muito aquelles negocios, porque tem mão particular para se introduzir com as gentes, como ali vai fazendo e corroborando o muito que tinha obrado o Embaxador Luis Pereira de Castro. A Rodrigo Botelho sou suspeito, que por Morais (2) temos razão de parentesco, e inda que sem escrupolo pudéra fallar nelle, está V. Magestade tambem informado de seu bom procedimento que não necessita de outras abonações: de mim sei só que não faço mais que ter emveja aos outros, advertindo que esta cahirá só sobre o que obrão no serviço de V. Magestade e não sobre as mercês que V. Magestade lhes fizer, que eu com nenhuma outra me darei por tão contente e satisfeito como com que V. Magestade entenda que o sirvo com vontade de asertar. Esta Senhor he a verdade; o passado foi graça, se hum[a] hora por outra não ouvermos de dizer

(1) Esta noticia é muito curiosa, mas é de supôr ou que Sousa Coutinho se enganava, ou que se um regulamento existia neste sentido, não se cumpria a risco, porque o arquivo é pobre em officios diplomáticos do século xvii. Resta a possibilidade de ter havido perdas ou extravios.

(2) O Dr. Rodrigo Botelho tinha tambem o apelido de Moraes.

alguma, está acabada a correspondencia nesta parte. Beijo a real mão de V. Magestade polla mercê que fes ao Licenciado Feliciano Dourado, Secretario desta Embaxada, de lhe mandar fazer corrente a do habito, de que já recebeo os papeis, e a torno a beijar outra ves polla honra que V. Magestade me fas de dizer que teve parte nella a minha lembrança e a minha informação, que espero ache V. Magestade que foi serto, sempre que em semelhantes ou mayores occupaçõis seja V. Magestade servido de occupar este ministro, por que fio delle que saberá merecer a V. Magestade toda a honra e mercê, e que a mim me dezempenhará com mayores ventagens das que eu o abono diante de V. Magestade.

Torre do Tombo, códice 1341, fl. 67, v. (cópia).

Sousa Coutinho ao Conde da Vidigueira

1644 — Novembro, 28

Recibi a carta de V. Ex.^{cia} de 19 do corrente, e com ella as de S. Magestade e maços para Rodrigo Botelho, que logo lhe inviarei; mas de S. Magestade não recibi novidade alguma, porque são de 18 de setembro, e não tenho reposta que esperava sobre alguns particulares desta embaxada. Aviza S. Magestade das prisões succintamente; que conveyo a seu serviço mandar prender ao Dr. Duarte Alvares por vasallo desleal, e recolher nas torres de Belem, S. Gião e Otão de Setuvel a D. Lourenço seo irmão e o Marquez, e nas Framengas Capuchas a Marqueza, e que estivesse certo que não ha em seos vasallos desunião, nem couza que lhes seja de descontentamento; não dis outra couza a carta. Em outra me manda relação dos socessos da fronteira e do desbarato que os nossos derão aos castelhanos na villa de S. Vicente entre Valença e Albuquerque, saqueando e queimando a villa com mais outra chamada Salva Leão; e que esperava de alcançar hum grande socesso em huma interpeza que tinha mandado dispôr para o fim da campanha, que se chegasse a effeito, seria de consideração. Outra nova alguma não tive, porque as demais cartas são de outras couzas particulares, pello que pesso a V. Ex.^{cia} me faça mercê communicar as novas que alcansou, ja que deixou de mandarmas, por entender que nestas cartas me virião. Ao Dr. Niculao Monteiro (1) não escrevo, porque V. Ex.^{cia} me aviza que ficava de caminho para Roma, aonde continuarey com elle na forma que S. Magestade me ordena.

De novo torno a dar a V. Ex.^{cia} o parabem da acertada eleição com que S. Magestade ordena que passe V. Ex.^{cia} a Roma, que suposto venhão as

(1) Enviado do Estado Ecclesiastico em Roma e suposto autor do livro importante *Balidos das igrejas de Portugal* (Paris, 1653) que historia as relações entre Portugal e a Santa Sé depois da Restauração e sobretudo a questão da provisão dos bispados vagos.

ordens com as condições que V. Ex.^{cia} me dis, não poderão tardar outras para que V. Ex.^{cia} assista no que tanto importa ao serviço de S. Magestade e bem do Reyno. Festejo muito que o Marquez de Cascais se recolha a Portugal, porque lhe considero grandes gastos que se não escuzão sem muitas dividas. O pretexto errado e falso sobre que paresse se fundou a cauza de sua detença, porque V. Ex.^{cia} me pergunta, he que por ventura fiando naquelles papeis antigos e esperando delles algum recurso nas pretensões manda S. Magestade deter ao Marquez, e como Luiz Pereira de Castro me tem avizado per algumas vezes que todos forão falsos, de que tinha feito exacta averiguação, e Rodrigo Botelho o confirma por outro caminho, e se acha das accões presentes na Dieta, me dohia de que com pretexto daquellas informações estivesse o Marquez gastando o seu sem fruito, e esta he a cauza porque disse a V. Ex.^{cia} que era a sua detença cauzada em hum pretexto errado e falso: bem he verdade que me não persuadi facilmente a que fossem falsos tantos papeis, mas Luis Pereira me tem dezenganado que todos o forão. Este he o respeito porque o escrivi a V. Ex.^{cia} e não por outro algum. Aqui anda huma nova entre os mercadores de Amsterdam que dizem veyo de Portugal e ahy trazida na ultima naveta que da India chegou, e he que os da Companhia tomarão em Ceylão a Negumbo. S. Magestade não fas disto menção alguma, sendo suas cartas escritas depois de chegadas as navetas. V. Ex.^{cia} me faça mercê avizar se tem disto alguma noticia.

Em meos negocios não ha couza de novo; espero a repostas que solicito na forma que a V. Ex.^{cia} tenho avizado; do que alcançar darei logo conta a V. Ex.^{cia}.

Vierão novas que o general Hoorn desbaratára ao exercito de Dinamarca na Provincia de Schone e que estava lugar deputado para o tratamento da composição entre as duas coroas em Christianopoli.

De Inglaterra aviza Antonio de Souza de Macedo que el Rey tivera hum grande encontro com os do Parlamento, ficando nelle muy ventajozo e achando-se em pessoa, onde fizera maravilhas por suas mãos.

Aqui me disserão que na *Gazeta de França* se continha que as armas de S. Magestade tiverão hum grande socesso contra as de Castella, pela qual cauza el Rey Catholico deixava as fronteiras de Catalunha e vinha ás de Portugal. Esta campanha não sei se vem a ser isto o que V. Ex.^{cia} me avizou lhe dissera o Cardeal Mazarini, ou se he outra couza. Não se offerece por hora mais.

Biblioteca Nacional, códice 2666, fl. 446.

Sousa Coutinho ao Conde da Vidigueira

1644 — Dezembro, 5

Não acábão de me dar repostas per mais que a solicito; tive noticia que os da Companhia tinhão respondido aos Estados sobre o meo papel e

razões que em ultima conferencia apresentei e que fundão sua justiça e direito de pretender territorio em Galle, e commercio em Ceylão, em que Galle he Reyno, e deve ter terras annexas e jurisdicção; e como os portuguezes lho não consentem, fazem a guerra pelo que justamente se lhes deve. Isto me dissêrão pessoas que o sabem bem, e vendo que nem me davão copia desta reposta, nem reposta ao que propus, pedi audiência sexta feira passada, e nella apresentei aos Estados huma memoria, na qual lhes relatei quasi tudo o que ha passado, o que seos subditos nos fazem, as obrigações que tem de acodir ás cousas de Portugal, quando não fosse pela amizade, pelo menos pelo interesse commum e conveniencia do bem publico. Mostrei-lhes o que obrávão as armas de S. Magestade e tudo á sua custa sem ajuda de algum amigo, e que mayores serião os progressos se os subditos não impedirão o commercio e navegação da India. Lembrei-lhes o que lhes avia socedido quando se eximirão de Castella, e que estando as provincias de Hollanda e Zellanda em mizero estado, lhes acudio el Rey D. Sebastião com muito dinheiro para levarem avante seos intentos, e que agora socedendo a Portugal o mesmo cazo, pagavão aquelle beneficio com guerra, tomando-nos nossas conquistas, e em lugar dos socorros e dinheiro que nos devião dar, diminuião o poder de S. Magestade, ajudando por este modo a Castella e divertindo o intento de S. Magestade contra o inimigo commum; que lhes advirtia que muitas vezes lhes avia ditto todas estas couzas, e que agora estavamos em tempo para o qual elles rezervárão dar contentamento e satisfação aos Embaxadores de S. Magestade; que as Companhias atualmente tratávão de sua união e prorogação de tempo e privilegios; que por nenhum caso lhes concedessem, sem que primeiro se compozessem nossas contendas e duvidas, na forma que tantas vezes lhes havia pedido, requerido e protestado; que me mandassem dar cartas para que cessasse a hostilidade na India, e que não fossem como as primeiras que mandárão com a ratificação de S. Magestade, porque mandando cessar a guerra e publicar a tregua, escrevêrão os directores a seos officiaes que continuassem a guerra como por experiencia se via, que isto era aver huma republica em outra republica; que se não castigassem as insolencias e desobediencias de seos subditos, que brevemente lhes virião a perder o respeito de todo, e que finalmente lhes pedia me mandassem dar as cartas para cessar a hostilidade, e que logo, dadas ellas, tratassem sem intervallo algum da paz geral; e que avendo algum impedimento ou contenda sobre alguns pontos, que para isso avia amigos que podião servir de terceiros e *mediatores*, per cujo arbitrio ficassemos compostos, contentes e satisfeitos; e que me dessem logo huma cathgorica reposta, per que já era tempo. Respondêrão-me que atualmente se estava tratando de nossos negocios e que elles responderião em forma que não ficasse lugar de queixa nem descontentamento. Vou agora continuando com a instancia deste requerimento, que totalmente o que se ha mister primeiro de tudo he cessar a guerra.

V. Ex.^{cia} conforme a isto disponha o que lhe paresser, que por hora não ha outra couza.

Manuel Gomes da Fonseca he partido para o Brazil; a V. Ex.^{cia} avizei o que avia em seo particular.

S. Magestade, que Deus guarde, pede dous homens mineiros e dous de artificios de fogo; se V. Ex.^{cia} ahi achasse os de fogo, que aqui não ha, pôde assalariar sol-to com elles e manda-los a Portugal, e se acazo se achassem huns e outros melhor fora; eu faço diligencia pelos mineiros que ha no paiz de Liege, verei se posso achar dous; querendo ir para Portugal manda-los-hei: não serve de mais,

Biblioteca Nacional, códice 2666, fl. 481.

Sousa Coutinho a El-Rei

1644 — Dezembro, 10

De Francisco Taquete recebi a carta para V. Magestade que com esta vai.

Sem embargo de que o conheço por frade, e que os tais todas as novas crêm, e todas dão, e que este não deve ter perdido a qualidade, com tudo o zello e afeição com que serve a V. Magestade e a S. Alteza, são merecedores de que seja ouvido.

A materia que de prezenta trata bem poderá ser que não tenha os fundamentos muito solidos, mas podem ter algum: quererá Deus que assim não seja. Convem porem cuidar — se que pode ser, e fallando de telhas ariba, muito será para espantar que aja ainda gente que não acabe de se desenganar com as maravilhas que Deus tem obrado e obra com V. Magestade e com seus Reynos: mas de telhas abaixo lembre-sse V. Magestade que dezia a Raynha Dona Leonor pollo senhor Rey Dom João o primeiro de gloriosa memoria: «o Mestre d'Avis todos os dentes da boca lhe bolem senão he hum só». Muitas graças á mizericordia de Deus que o contrario podemos dizer por V. Magestade, que todos estão firmes: e se ha algum que o não esteja, será podre, e este senhor não convem na boca, porque não he já tempo de piedades: que no presente a meu juizo não só se deve de castigar os traidores, mas ter por herejes politicos os que tiverem a menor sombra de duvida, e convem que como tais seião castigados. Muito estimo que nesta conta não entrasse o Marquez de Montalvão. Dom Lourenço e Dom Fellipe de Sousa, como V. Magestade me fês mercê mandar escrever, porque perdia V. Magestade hum grande ministro e dous fidalgos muito honrados: e não só o festejo pella generalidade, mas ainda muito particularmente, porque de todos sou amigo e os dous delles teem o meu apelido, e tambem pella grande perturbação que esta nova tinha cauzado, cuja restituição servirá agora de mayor gloria de V. Magestade, pois da mesma maneira que sabe castigar culpados, sabe honrar e fazer mercê aos innocentes. Viva-nos V. Magestade muitos annos para exercitar sempre estas duas virtudes que são atrebutos particulares, que em Deus Nosso Senhor resplandecem sobre todos.

Postrado aos reais pés de V. Magestade lh'os bejo huma e muitas vezes

por tantas honras e favores, como me faz nas cartas que V. Magestade foi servido mandar-me escrever, premio que eu tivera por muito bastante, quando nesta embaxada tivera servido a V. Magestade como desejo, mas avendo nella obrado tão pouco, acho que não sou merecedor delles, mas V. Magestade conhece meu animo e reput[çã]o por obras, e pagas como se o fossem: com mercês semelhantes (porque então tinham pouco que dar os Senhores Reys de Portugal antecessores de V. Magestade) se fizerão senhores de tanta parte do mundo, e meos avós com todos os mais fidalgos do Reyno por esta só anelavão. Confio em Deus que assim como V. Magestade sabe tambem seguir as pizadas de seus predecessores, avemos-nos tambem de saber imitar as dos nossos, servindo não por interesse, mas obrigado do sangue e do amor da patria, e de V. Magestade.

A recommendação que fiz a V. Magestade de pagamento de Pedro Trip e seus companheiros, foi por ser interessado com elles Samuel Scutim, que he pessoa por que correm alguns negocios de segredo de que tenho dado conta a V. Magestade. Pedio-me a carta e não lha pude negar, sem embargo de saber que para materias de justiça he ella a mayor valia diante de V. Magestade, e que para as que a não têm, he tempo baldado. Com esta mesma supposição advirto a V. Magestade que a minha tenção em cartas semelhantes he esta mesma: pedem-me muitas e não me posso livrar de as dar, posto que he contra minha vontade, particularmente as dos judeos, porque são os mayores inimigos que aqui temos: não ha nova nenhuma roim que por elles se não divulgue, exceptuanço Duarte Nunes da Costa e seus filhos, cujos procedimentos são merecedores de toda a honra e favor que V. Magestade he servido fazer-lhes.

Torre do Tombo, códice 1341, fl. 69 (cópia).

Sousa Coutinho ao Conde da Vidigueira

1644 — Dezembro, 12

Estou com os requerimentos de meo negocio sem deliberação alguma da parte dos Estados, a quem insto todos os dias per ella, principalmente para que mandem cessar a hostilidade, que he o primeiro e mais essencial ponto do negocio. Respondem que não se effectuará couza alguma sem que tudo se conclua como convem, e tem mandado ao graphiario que me dê o treslado da reposta que os da Companhia Oriental lhes derão sobre as razões da ultima conferencia, em que lhes mostrei que Galle nunca teve jurisdição, nem de presente os holandezes a tinham, nem per armas a possuhirão, nem o contratto da tregua lha dava, com que era impertinencia tratar de territorio; e me informarão que era esta reposta de huma mão de papel e que fundavão sua justiça em que o comercio não se pôde prohibir, porque he livre a todos de direito comum, alem de que Galle he cabeça de Reyno e deve ter jurisdição, com outras machinas, que tudo serve para dilatar e não para outra couza:

para este segundo argumento tenho boa instrução nos papeis da India, para o primeiro o tratado responde no cap. 15 e 16, porque se me responderem que he condição para a Companhia Occidental e não passa á Oriental, com isso mesmo cessa o que o elles querem valha do artigo 11 e 12 e vem á conclusão da disposição do direito comum, que nestes cazos manda que fiquem as couzas no estado em que forem achadas, e allem desta disposição, se capitulou assim no artigo 7 com os da Oriental e no 11 com os da Occidental, ou com os Estados por elles.

Tenho entendido mais que confissão muitos dos Estados que isto he vellaqueria, e que não convinha semelhante modo e dilação, mas que o interesse particular de alguns obrava tanto que podia chegar a estes extremos: tãobem me certificarão que não averia união entre as duas Companhias e sahio a Oriental nisto com a sua pretensão; a Occidental, senão tiver ajuda dos Estados, não pode subsistir, e fica arruinada de todo. Dias ha que trátão do modo com que poderá sustentar-se e andão tais que não lho acham. Não duvido que fizessem a offerta que V. Ex.^{cia} me aponta lá; muito importa que lha não admittão, porque he hir contra a amizade e boa fé della, alem de que com o tempo virão a experimentar o mesmo effeito, mas ainda ha Companhia Occidental e os mesmos Estados a procurão sublevar.

Muito importará a vinda de Monsenhor Penim, se trazer a seo cargo tratar destas couzas como convem e com a instancia e calor que hão mister; e não duvido fará o que esperamos e dezejamos; porem esteja V. Ex.^{cia} advertido que esse Rezidente vem continuar nos negocios de França por auzencia de monsenhor Brasset, que vai para Munster assistir nos negocios da paz geral, ao qual fizerão mercê de o fazer Rezidente aqui, acabados os negocios a que o mandão, e a monsenhor de la Thuyllerie (1), que era Embaxador ordinario o tem nomeado despois que foi a Dinamarca e Suecia por extraordinario para aqui outra vez; assim que temo que monsenhor Penim não passe mais do que estoutros fizerão. Queira Deus que o contrario se siga e que vejamos fim a estes negocios que tanto convem serem acabados, porque S. Magestade, que Deus guarde, me mandou novamente novas informações e papeis do que na India he passado, e em logar da composição que esperavamos se effeituasse, he a guerra mais crua do que nunca foi em tempo dos castelhanos, com que se tiver effeito a cessação da hostilidade, he tudo o que se pode dezejar.

S. Magestade me manda avizar que ouve per bem mandar soltar o Marquez de Montalvão e D. Lourenço e D. Phelippe de Souza; das gentes que se preparavão para a facção não trata, mas de fora me escrevem que erão outra ves recolhidas e que se entendia que de França se pedira aquella diversão: V. Ex.^{cia} saberá ahy melhor o que isso he.

Grande nova me dá V. Ex.^{cia} nas boas esperanças em que fica de alcançar salvos conduttos para os plenipotenciarios de S. Magestade, porque com isso averá meyo para mais negoceação, cessarão as desconfianças como

(1) Thuillerie.

V. Ex.^{cia} diz e deverá o Reyno todo a V. Ex.^{cia} o mayor progresso de todas as embaxadas.

Novidade alguma mais não tenho por hora; só me avizão de Roma que o Pontifice creára a seo sobrinho Diacono Cardeal, e Capitão Geral da Igreja e outro cardeal irmão do Florentino.

O Arcebispo de Braga (1) me escrevem que he morto e que no testamento deyxára pedido a S. Magestade que o mandasse enterrar á porta de qualquer freguezia de Lisboa sem honra nenhuma, e que lhe não puzessem campa. para que não ficasse memoria de hum homem que fôra traydor a seu Rey e á sua patria.

Biblioteca Nacional, codice 2606, fl. 482.

Sousa Coutinho a El-Rei

1644 — De7embro, 15

Mandou-me V. Magestade escrever em carta ... (1) que com brevidade me faria V. Magestade a mercê que lhe pedi dos retratos. que estimo muito: assim porque fui embaxador tão pouco advertido que os não trouxe, como porque são mui pedidos. e porque convem que se espalhem por estas partes, com os titolos que em Frandres se lhe negão: mas porque a falta que ha no Reyno de bons pintores he grande e aqui sobejão, detreminaya eu já alguns dias ha de propor a V. Magestade que sendo servido se poderião com facilidade suprir, e com as horas que me restão de negocio ha pouco em que as gastar, já que não seja em exercitar a arte, porque me colheo velho a curiosidade della, gasto as mais em ver as pinturas, e de antemão tinha tentado a dous pintores se folgarião de passar a Portugal, e ambos se despuzerão de boa vontade para a jornada. Procurei muito que pura devassão os levasse a ella, representando-lhes as comodidades da terra, mas nesta forma não quer hir nenhum, mas que qualquer delles hiria com titulo de pintor de V. Magestade, dando-se-lhe ordenado e pagando-se-lhe as obras que fizesse. Se V. Magestade lhe parecesse que seria isto serviço seu, o ordenado sempre será tenue. e como as obras hão de ser voluntarias, nunca o gasto poderá ser grande, porque na mão está o tempero. Dos pintores fas hum vantagem ao outro, mas não fallão outra lingoa que a framenga, com que o outro se lhe vem a igoalar. porque falla a espanhola. Qualquer delles he insigne nos retratos e nas obras de igreja, que são as que lá mais servem, e emfim hum e outro competem com os melhores de cá, e lá não ha quem possa competir com elles. Sendo V. Magestade servido, poderei mandar hum, procurando que

(1) D. Sebastião de Matos de Noronha entrou na conspiração do Marquez de Vila Real e outros em 1641, morrendo na prisão do Castelo de S. Julião.

(2) No copiador a data desta carta esta em branco.

seja pollo menos que fôr possível ou mandando-me V. Magestade limitar até onde poderei chegar.

Torre do Tombo, códice 1341, fl. 70 (cópia).

Sousa Coutinho ao Conde da Vidigueira

1644 — Dezembro, 19

Nesta carta de V. Ex.^{cia} de 10 do corrente tiye mais novas da Índia do que recibi com as de S. Magestade, por que com me mandar os papeis do que lá passou com o segundo Commissario que foi sercar a barra de Goa e tratar de novos meynos para aver de ter a tregua effeito, nada disto que V. Ex.^{cia} me aviza se contem: só me dis S. Magestade com as copias das cartas que recebeo de Gôa o fim que levou o Borel, que foi morrer supitamente, depois que em Ceilão sahio com exercito contra os nossos em que foi desbaratado, matando-lhe 260 homens e dos portuguezes só 22 morrerão; affirmão os prizioneiros que se virão vizões no ar que ajudávão aos portuguezes, e da Índia o relátão por cousa sem duvida.

O segundo commissario não effeituou couza alguma, porque quis mais que o Borel, e o seo intento he ficar em Ceylão com commercio, e ter terras que possuham como os portuguezes; e agora com a tomada de Negumbo, ainda estão mais soberbos e mais senhores, e o tenho enxergado na conferencia de hoje, que apontando-lhe meos para a composiçãõ, querem tanta terra entre Galle e Columbo como nós temos, e para a instancia de mandarem cessar a hostilidade, dizem que primeiro avemos de tratar dos meynos e convir nelles, e que os portuguezes são os movedores da guerra em Ceylão, porque lhes tomão as terras que lhes pertencem; e como estão senhores de Negumbo, me perguntarão se hindo as cartas, avião de ficar as couzas no estado em que fossem achadas quando lá chegarem, a que lhes respondi que a cessaçãõ da hostilidade não tirava o direito de restituirem a Negumbo, praça tomada injustamente e depois da pás publicada, a qual sempre se havia de restituir conforme o tratado, e como he cauza nova, he tão-bem nova dilaçãõ e não acabão de concluir couza alguma. Já desejo que chegue Monsenhor Penim, porque com as recomendações que trará solicita-eas para V. Ex.^{cia} que tambem me ajuda a sentir este cansado martirio, porventura que haja algum meyo para concluir algo de bom; permitta-o Deus como desejamos.

A nova que Antonio de Sousa de Macado avizou a V. Ex.^{cia} de S. Thomé me mandou tão-bem; muitas duvidas trás consigo pela circumstancia do tempo e impossibilidade em que estava o noso Governador e pases que ultimamente ahi tratarão em junho passado, em que os hollandezes ficarão como quizerão, mas aqui ha hum rumor occulto de que alguma couza foi; trato de descobrir a verdade, por não avizar alguma couza incerto; achando fundamento a ella darei avizo a V. Ex.^{cia}.

De novo não tenho que dizer mais senão que os suecos desbaratarão de todo a Galesso e seo exercito, com que os Imperios instão agora por paz.

A Raynha de Inglaterra com os Estados pode pouco e he-lhes pouco affecta; para com o Principe de Oranje he sua valia de mais effeito.

Biblioteca Nacional, códice 2:666, fl. 485.

Sousa Coutinho ao Conde da Vidigueira

1644 — Dezembro, 26

As instancias que faço aos Estados Gerais são afim de que mandem cessar a hostilidade na India e observar a tregua na forma do tratado, e concluido este intento, tratemos da cauza principal e decizão dos negocios geralmente, com que não ha que temer que os Estados resolvão couza alguma diffinitivamente e me dem reposta como derão a Francisco de Andrade; e porque estou bem inteirado de seo proceder, fujo de chegar á concluzão geral sem que tenha eu probabilidade de que darão satisfação e contentamento, como tem prometido, ou *mediator* que nos ajude na cauza e na ultima deliberação, della, com que fica lugar para chegar Monsenhor Penin com as ordens que trazer e fazer o que poder de sua parte, que permitta Deus que baste, conforme experimentamos os vagares desta gente.

A primeira instancia não posso deixar de continua-lla, porque convem que diffirão a ella, e mandem expedir cartas para a India que possam alcançar as naos que estão para partir, e nos dêem vias para que possam hir de Portugal este março, porque se passar este tempo, perdemos mais dous annos e não convem.

Tenho offerecidos meyo de composição na forma que S. Magestade me mandou: promettem que por meado janeiro se responderá. A reposta que os da Companhia dêrão á proposta que dei em conferencia aos Commissarios me mandarão ontem e he larga bastantemente, mas eu tenho já ditto por vezes aos Estados que se não ha de falar nesta cauza principal sem effeituarmos a cessação da hostilidade e nisto estamos de acordo. A nova de S. Thomé não continua, posto que ha apparencias de que ouve alguma couza naquella ilha, mas elles o têm tão occulto, que não se pode fazer affirmação ainda, emquanto não ouver mais clareza.

Em o navio que de Portugal chegou recibi cartas de S. Magestade e avizei V. Ex.^{cia} o que nellas se conthem: couza particular não tive. Por Amsterdam tive avizo ser morto o doutor Rodrigo Botelho, de que fico muito sentido e pezaroso, porque alem de ser ministro tão antigo e de tanta satisfação, era muito necessaria a sua assistencia nesta occasião. Deus seja louvado e tenha sua alma no ceo; não serve de mais.

S. Magestade pede dous mineiros e dous engenheiros; se V. Ex.^{cia} os

achar e mandar, sirva-se V. Ex.^{cia} de avizar-me, para que saiba o como me hei de aver na diligencia que faço para avê-llos e mandá-los.

Biblioteca Nacional, códice 2666, fl. 486.

Sousa Coutinho ao Conde da Vidigueira

1645 — Janeiro, 9

Estão as couzas quietas por hora desta banda, porque o muito frio que fas e a occasião da festa do novo anno tem tudo parado, com que não tenho novas que mandar a V. Ex.^{cia}, mas não deixarei de pedir que me não falte V. Ex.^{cia} com as de sua saude, porque as estimo muito.

Já tomára que fóra chegado Monsenhor Penim, porque com sua vinda porventura que tomem estes negocios outra rezolução mais abreviada do que athégora experimento, e como isto he violento, temo que nem assim nos satisfação á vontade. Tenho offerecido tres meynos, conforme as ordens de S. Magestade, para que escolhendo um delles assentemos a cessação da hostilidade e se trate da cauza principal amigavelmente; prometêrão que responderião, e mandárão aos da Companhia que respondessem dentro em 14 dias, ou que rezolverião o que fôsse mais conveniente: he chegado o termo, veremos o com que nos satisfazem. O certo he que como faltou no principio a ordem a estes negocios, que agora estamos expostos a sofrer quanto nos fizerem, e não averá accomodar sem ficarmos de peor condição, posto que sempre ganhamos chegado a que haja paz, e os commercios fiquem livres, que he o porque os das Companhias embaraçam: dos Estados não ha que esperar, senão o que elles mais não poderem; acodirá Deus como a causa sua e espero que seja para grande gloria e louvor das couzas de Portugal.

A nova que V. Ex.^{cia} me dá do Tarracusa (1) muito he para festejar e tras consigo muita probabilidade, porque de Veneza tive o mesmo avizo sobre o dizer-se que em Madrid estãvãõ sospeitosos delle e que não lhe approvãõ a acção: bom he que desconfiem huns dos outros, para que seja a confusão mayor.

O Doutor Francisco de Andrada me aviza que Monsenhor de Servient lhe affirmára que não averia pas sem Portugal, e que para se tratar da liberdade do sr. Infante D. Duarte seria necessario deixar chegar os Principes do Imperio: queira Deus que tenha isto o successo que todos esperamos.

O Doutor Antonio de Souza de Macedo me aviza de hum alvitre que se lhe representa para o mesmo effeito do sr. Infante, de que me dis avisára a V. Ex.^{cia}; parese-me difficultozo e perigoso, porque nem ha apparencia de que possa ser, nem lugar para a convenção que não seja com risco de perder o direito de balde, porque este negocio não ha de ter effeito sem os effeitos

(1) Marquez de Torracusa, cabo napolitano ao serviço da Espanha.

privinidos, postos em lugar para se contar, e não socedendo a liberdade, podem pedir este direito por via de emprestimo, e se não seder, he certa a queixa contra S. Magestade pelo não emprestar; que se a couza fôsse com certeza infalivel, que se consiguiria a liberdade do sr. Infante, não digo eu a soma que aponta o Rezidente, mas outro tanto: mas sem esta certeza me pairesse perigoso, e assim não sei aconselhar na materia (1).

Hum navio he chegado em 14 dias do Porto; não tras cartas de S. Magestade, nem as novas dos particulares contão couza consideravel e agora com os gelos está a navegação impedida; não serve de mais.

Biblioteca Nacional, codice 2666, fl. 19.

Sousa Coutinho a El-Rei

1645 — Janeiro, 16

Em carta que V. Magestade foi servido mandar-me escrever em... (2) me manda V. Magestade que lhe diga o conceito que tenho formado do Conde Mauricio e de Gaspar Dias Ferreira; e como a semelhantes materias nos não podemos governar senão por conjecturas, nem tomar nellas ponto fixo, direi o que alcanço e V. Magestade julgará. Do Conde Mauricio entendi sempre dês da primeira vês que o vi que avia pouco que esperar d'elle, e cada dia me fui serteificando mais neste pensamento; que inda que não he nascido em Olanda, foi criado entre olandezes, e tem-se-lhe pegado muito sua natureza. Não lhe ouvi couza tirado de palavras geraes de que pudesse inferir inclinação ao serviço de V. Magestade, e sendo que o que me avia dito Gaspar Dias (3) que o caminho que levavão era mostrar á Companhia que de todo se acabaria de perder se senão compuzesse com V. Magestade, largando-lhe todas suas praças, foi tanto pello contrario que em nenhuma outra couza trabalha mais que em buscar meios como o Brazil se possa conservar; e o que propos na junta para que o chamãrão foi que a paz se goardasse com Portugal, ficando as couzas no estado prezente, porque he notorio que avendo guerra, não podem sustentar o Brazil. Isto os meninos o alcanção, porque sem exercitos, nem armadas, os pode V. Magestade lançar fóra. Jámais pude tirar d'elle nova boa, que he tambem hum sinal aparente de pouca afeição: quando aqui se começou a dizer que Pedro Cezar era fogido da prizão, se o sabia, mo encobrio quanto pôde, e já quando o não pôde negar, me ase-

(1) Referencia á tentativa de Sousa de Macedo para alcançar a libertação do Infante por intermédio do Rei Carlos I de Inglaterra, que receberia 50:000 libras se o conseguisse. A tentativa falhou. Vid. Ramos Coelho, *História do Infante D. Duarte*, vol. II, pág. 64.

(2) A data está em branco no copiadór.

(3) *A margem*: O papel de Gaspar Dias sobre os interesses d'Angola são fundados em o Inviado Guerre. Indias.

gurou que não poderia escapar de morto, que como não muito prático em Angola, me afirmava que cahiria nas mãos d'El Rey de Congo, inimigo grande nosso e grande amigo dos olandezes, a quem continuamente pedia ajuda para nos acabar de destruir. Afirmão os da Companhia a bandeiras despregada, que de quantos males e velhacarias se fizerão, fôra o Conde a cauza, sem ordem sua della; em quanto não foi a Pernambuco, se governarão os nossos pellas leys do Reyno, e com a nossa fôrma de justiças, as religiões se conservarão com porsições e enterros publicos e solemnes, conforme o tratado que estava feito. Tanto que elle foi, tudo isto faltou, logo ouve justiças olandezas, impedio-sse a publicidade da religião catholica, até que ultimamente lançarão fôra aos religiosos. De tudo isto se desculpa com elle e a Companhia e elle com ella. Vemos o factó, e pollo menos podemos cuidar que todos falão verdade, porque ou elle o fez, ou com sua informação lhe mandarão que o fizesse; e tenho huma grande prova para cuidar que o Conde foi o primeiro mobil, e he que querendo hum irmão do Secretario desta embaxada frade do Carmo passar a Pernambuco a buscar huma irmã sua e vender alguma fazendinha que lá lhe ficou, pedio-sse licença á Companhia, metendo-sse para isso todas as valias possiveis. Despachou a petição que informasse o Conde; qual a informação foi não sei; sei que a licença se negou e que mandarão a todos os portos de donde avião de sahir naos para o Brazil que tal homem não levassem, porque convinha assim á boa direpção do governo. Gaspar Dias Ferreira ajudou a solicitar esta licença, mas o successo foi o que digo, e isto só porque he religiosa, com o que me venho a persuadir (e cuido que me não engano) que o trato que o Marques de Montalvão teve na Bahia com o Conde Mauricio vinha a ser de cosayro a cosayro, senão he que queria ter Portugal de destro para as roins satisfações de Olanda; porem huma ves posto cá e tornado ás borracheiras do paiz, de nenhuma outra cousa se lembra.

No que toca a Gaspar Dias Ferreira, julgo que pouco mais ou menos virá a ser huma mesma couza, e começando a descrever seus principios, segundo o que tenho ouvido a pessoas que do Brazil o conhecem, era em Pernambuco mercador de logea, e pouco rico, e posto que elle blazona de christão velho, tem esta adição contra si, e outra de que não he lerdo, porque chegado o Mauricio, se soube entroduzir de maneira com elle que absolutamente governava tudo, com que ambos vierão a enriquecer, do modo que hoje o estão; está Gaspar Dias senhor de dous engenhos, os melhores que ha naquelle Estado, avidos das mãos dos olandezes. Os frades do Carmo, quando foram lançados fôra, em confiança lhe entregarão sua fazenda, que era consideravel, para que restetuidos, lha restituisse. Esta me dizem que toda está, ou vendida, ou destruída, e perguntando-lhe aqui este padre irmão do Secretario pollo estado della, lhe não respondeo a preposito, e já pôde ser que porque a não visse se lhe negasse a licença. Antes dé eu saber estas particularidades, escrevi a V. Magestade em . . . (1) o que elle me dicera que estava prestes

(1) A data está em branco no copiadior.

para dar metade de sua fazenda em caso que se restituísse Pernambuco, mas agora vejo que quando dêsse toda, não dava nada do seu, porque he certo que tornando esta prassa ás mãos de V. Magestade, devem os donos pedir o que he seu, que não sey se he este o caso em que lhe aja de valer o direito da guerra, quanto mais que nem V. Magestade o deve de querer, e estando as couzas neste estado, ha sse mister muito de Deus para se crer que este homem quer antes em Pernambuco portuguezes que olandezes. De huns e outros he tão aborrecido, que foi a cauza de o fazerem vir á Holanda com o Conde, e o medo de que o matarião me confessou elle mesmo que o trouxe á Holanda, adonde não achando os mesmos respeitos que lhe tinham no Brazil, trata de se tornar para lá, e por todas as vias busca meios para se introduzir com os que mandão governar aquella praça, com o Principe de Orange e Princeza, a quem hum destes dias fes hum grande presente.

Todos os favores que os portuguezes alcansarão no Brazil do Conde (que não ha duvida que forão muitos) forão por mão de Gaspar Dias Ferreira, mas comprados todos a pezo de dinheiro; elle fazia todos os pedidos e lançava todas as fintas, quando o Conde queria fazer garramas(1), em que dizem que elle levava tambem sua parte. Não duvido que aver de ficar com sua fazenda quizera antes que V. Magestade fora senhor daquella praça, mas em duvida de aver de largar naturalmente fallando, rija cousa se lhe deve de fazer. Muitas vezes me instou em lhe dar noticia de muitas instruções, e só quer saber se fazemos *pax*, ou não; porque avendo guerra, claramente dis que se quer ficar em Olanda, como quem sabe que com ella se não podem conservar os holandezes; isto junto a me não aver feito advertencia alguma, nem ainda hum avizo daquellas couzas que todos sabem, me fas cuidar que o animo não he muito portuguez; e hum papel que aqui me fes sobre os particulares de Angola, cuja copia me disse que mandara ao Marques de Montalvão, tudo se resolve em que sem aquella praça nos podemos conservar na fórma que está, impedindo a sahida dos negros, e inda que assí he, comtudo a tenção he procurar impedir que o por este caminho se rompa, a guerra. Tudo o que digo a V. Magestade collegi um pouco de seu modo, e outro do que me informarão pessoas que entendo que me fallarão verdade, conforme ao que V. Magestade ordenara o que mais a seu real serviço convinha; mas porque V. Magestade lhe tem feito mercê e convem que todas as dos Reys tenham effeito, se esta he de commenda, como me dizem, salvar V. Magestade a promessa tem muito facil remedio para não haver effeito, que he declarar-lha, e nas informações ver que pessoa he a que as fas, porque feitas como convem, e não dispensando V. Magestade nos defeitos, he sem duvida que se acharão bastantes, quanto sobeja aver tido logea.

O Capitão alemão sobre que faço a V. Magestade carta particular me disse nesta casa que Pedro Cezar governador de Angola estava hoje comerciando com os holandezes da mesma maneira que antes, e que tomava por pertexto a observação da tregoa que a elle tantas vezes lhe quebrarão, sendo

(1) Impostos.

que o unico meio de os lançar fóra he só o de lhes impedir o commercio, porque estão com muita gente e a Companhia pouco folgada para a socorrer, e he muito provavel que não lhe dando os nossos o sustento, venhão a largar aquella praça, como fizeram á do Maranhão, e de prezente se tem por certo succeder em Santomé. Convem muito que V. Magestade lhe mande sucessor, e que seja tal pessoa que trate só do serviço de V. Magestade e não de ajuntar dinheiro; quanto mais que huma e outra couza se pôde fazer, e deve V. Magestade advertir que como assistencia hõje do Governador he em Masangano, sitio naturalmente doentio, que importará muito que a pessoa que for ouvera já estado naquellas partes. Minha tenção não he fazer damno com minhas enformações a pessoa nenhuma, quanto mais a hum fidalgo tão honrado, como a Pedro Cesar. O que digo me disse hum alemão que me dis que he seu amigo; a verdade tenha seu lugar, que eu como não olho a mais que a serviço de V. Magestade, me dou por obrigado a dizer tudo o que ouço e alcanço, e o mesmo fizera quando fóra contra hum filho meu, porque nestas materias sou demaziadamente escrupuloso.

Parece-me que não farei agravo ao decoro real em dar pezames a V. Magestade da morte do Embaxador Rodrigo Botelho, porque tendo os Reys necessidade de homens, he perda grande quando morrem os que prestão. Posso affirmar a V. Magestade que perdeu um grande e fidelissimo ministro, e de que de todos os que por cá andamos, tinhamos muito que aprender. O Embaxador Francisco de Andrade me avizou que tinha escripto a V. Magestade e que apontava sucessores para aquelle lugar; que o aja o tenho por muito necessario, mas em todos os que aponta me inclino só a Antonio de Sousa de Maçedo, não porque não sejam todos os outros de igoaes partes e merecimentos, mas porque os negocios que trazem entre mãos serão muito novos para quem do Reyno vier a tratar delles. A Antonio de Sousa me inclinara mais, tanto por sua muito sufficiencia e grande satisfação que tem dado de si em Ingalaterra, como pello tirar dali, porque se as couzas daquelle Reyno não tomão assento, acho pouca utilidade na sua rezidencia, e se me representão grandes inconvenientes della; porque como não sabemos a qual das partes penderá o bom successo, não nos convem fazermo-nos sospeitosos a nenhuma dellas, porque a neutralidade nunca pôde ser tão exacta que se não enxergue alguma afeição; quanto mais que he pollitica certa que o neutral nem ganha migo nem perde inimigo, e tempo fica a V. Magestade para que visto o successo possa mandar, ou hum Embaxador, ou outro Rezidente, e esta occazião he muito aparente e bem corada para semelhante mudança. V. Magestade escolherá sempre o melhor, e eu direi sempre o que entender; se não asertar, erros de entendimento poucas vezes são culpa.

Conseguida a cessação das hostelidades na India, de que fico tratando com os meios de que em outra dou avizo a V. Magestade, entrarei logo a tratar da paz, que se ouver de ser sem plenaria restitução das prassas occupadas, não pôde a dilação do tratado ser grande, e sempre o ficará sendo depois a differença dos territorios de Gale e a continuação dos meios para recuperar as prassas; e assim me parecia que feita a *pax*, poderia aqui bastar

hum Rezidente: o que V. Magestade deve ser servido mandar considerar, lembrando-se que me mandava por seis mezes, que ha dezanove que cá estou, e posto que a vida para servir a V. Magestade a estimo só, a cujo respeito me não pareço nunca que convinha falar em faltas de saude, todavia sendo os gastos que faço consideraveis, e podendo-sse escuzar; pode ter lugar tambem dizer a V. Magestade que depois que estou em Olanda, não tive hum só dia em que com segurança pudesse dizer que estava bem. Se esta junta com as outras razões tem alguma forsa, com toda a humildade e affecto pesso a V. Magestade que concluda como digo a paz, seja servido de me mandar licença, não para hir descansar a minha casa, senão para me empregar em outros serviços de V. Magestade, donde possa ser de mais proveito que em estes, quando V. Magestade julgue que me pode occupar nelles.

Faça-me V. Magestade mercê de que esta carta não passe das mãos do secretario, inda que he verdade o que contem e respondo nella ao que V. Magestade me manda; por ventura que se a virem outros, que cuidem que he demasiadamente especulativa.

Torre do Tombo, códice 1341, fl. 71 (cópia).

Sousa Coutinho ao Conde da Vidigueira

1645 — Janeiro, 17

De novo estão convocados os Estados das Provincias para se tratar e assentar o modo que hão de ter na resolução das Companhias em que ha tantos tempos lidão e não acabão de concluir, porque os mesmos Estados são interessados, e cada qual procura que a parte em que está mais empenhado seja a que fique com melhores ventagens. Eu vou continuando sem cessar com o meu requerimento e prometem que nesta junta se deliberará: queira Deos que assim seja, porque a experiencia de tantos enganos me fás cuidar sempre o peor. Com a vinda de Monsieur Penin ou de quem vier dessa Corte aos negocios publicos, espero ter algum recurso mais abreviado que obrarão as recommendações do Cardeal para os Estados e Principe de Oranje, que tem muita correspondencia com o Cardeal Mazarini, e se vierem tão encaressidas, conforme as instancias e diligencia de V. Ex.^{cia}, por sem duvida tenho que terá effeito nossa pertença: entretanto pago com paciencia a continuação de meu trabalho e injustiça com que nos tratão, dilatando hum negocio ha tantos annos e huma instancia ha tantos mezes, podendo deliberar-se em duas horas.

As novas que V. Ex.^{cia} me dá do esforço grande que se faz para Catalunha são de estimar, porque são apparencias de que se faz cazo nessa Corte daquella guerra, e que a que se faz dentro em Hespanha he mais util para os designios de França, e a que quebra mais a forsa ao Castelhana que todas as outras. V. Ex.^{cia} com sua costumada prudencia dá os avizos a S. Magestade, assi do que alcança, como do que dis o Cardeal sobre o par-

ticular do poder e guerra que S. Magestade devia nesta occasião esforçar contra Castella; o mesmo faço daqui em todas as que escrevo a S. Magestade, porque he tempo de mostrar ao mundo que se deve mayor respeito a Portugal por seo valor, de que pela conveniência geral e razão particular e comum de quererem os Reys e Príncipes que aquelle Reyno permaneça, quando não por amor que nos tenham por verem ao de Castella abatido e menos poderoso. Aqui se espallhou huma nova que elRey Catholico lançava o resto para esta campanha, assi por terra com gente que levantava, dinheiro que mandara para Flandes, como per mar com trinta galeões que dizem se preparavão em Biscaya, Corunha e Cadis, sem saberem para que facção; e affirmão que elRey Christianissimo mandava fazer nestes Estados quatro mil homens mais do que nestes annos ouve, com prevenções extraordinárias de gente e dinheiro para os alliados: mas não ouço dizer que para Portugal mande algum socorro de gente ou de dinheiro, sendo lá de tanta consideração o esforço como elles querem e desejão, e como todos confessão que he a parte principal para a total ruina de Castella; e pelo menos já que nem gente nem dinheiro ou socorro algum mandão, parese que com huma nova alliança satisfazião, porque com ella nos descobrião seu animo e desmentião nossa desconfiança; e seria de grande temor para o Castelhana ver que entre as duas coroas avia tal correspondencia e tão reciproca que não faltaria huma á outra em todo o transe de suas necessidades; e por ventura que com esta certeza viesse a estar pelo que o não podem obrigar atehora a boa fortuna das armas francezas: assi o tenho avizado a S. Magestade para que achando nisto caminho, o mande tratar com o Embaxador de Roylliac (1), e quando não seja acerto, o meu zelo me desculpa, e a V. Ex.^{cia} recorro para que me diga o que nisto sente. Grande deve ser a cauza que se acha nos procedimentos de Monsieur de la Motta pois que o prenderão e correm perigo suas couzas, senão he que com sua auzencia tiverão logo os Francezes e Catalães bons socessos contra o inimigo. Monsieur de Estrada (2) conheço e he pessoa a quem sempre encarregarão dessa Corte negocios de importância nesta, assim de guerra como outros; fico advertido para que em vindo faça as diligencias necessarias e V. Ex.^{cia} me fará mercê avizar do que tras á cargo sobre os nossos negocios.

Muito estimo a diligencia que V. Ex.^{cia} fes com os mineiros e engenheiro que hão de hir para o Reyno; faça-me V. Ex.^{cia} mercê avizar o preço porque vão e em que forma contratárão, para que quando haja alguma outra occasião e se acharem desta banda, saiba o como me hei de aver: derão-me informação de hum engenheiro o qual mandei vir, e tratando de preço me pedio mil e duzentos cruzados por anno, dizendo que estivera nessa Corte, e que o mesmo preço se lhe offerceco por parte de V. Ex.^{cia} para hir a Portugal, mas que elle o não quizera aceitar; contudo isto que me disse lhe não

(1) Marquez de Rouillac.

(2) Godefroi, Conde d'Estrades, Embaixador francês na Holanda e ulteriormente Marechal de França.

dei credito, nem contratamos, porque me pareseo o preço muito fora de razão.

Não tenho athé agora noticia que Dom João Tello esteja em Midelburg; mandei ja fazer as diligencias por elle para lhe inviar as cartas que V. Ex.^{cia} me mandou, e offerecer-lhe tudo aquillo em que o poder servir. No Mosa se perderão com os gelos seis navios dos que vierão de França; em Amsterdam sete, e estão quarenta em perigo. Os Dumquerque tomárão vinte e tantos das frotas de França e Alemanha: queimou-se huma igreja em Amsterdam toda sem lhe poderem valer: não tenho couza que possa avizar a V. Ex.^{cia}.

Biblioteca Nacional, códice 2066, fl. 28.

Sousa Coutinho ao Conde da Vidigueira

1645 — Janeiro, 23

Recebi a carta de V. Ex.^{cia} de 14 do corrente com as boas novas que com ella foi V. Ex.^{cia} servido mandar-me do felice successo que tiverão as armas de S. Magestade contra as de Castella, as quais se devem festejar por outras circumstancias mais que se considerão, como tão bem pela reputação com que serão daqui em diante estimadas as cousas de Portugal: de tudo devemos grandes graças a Deos Nosso Senhor que tanto a olhos vistos está favorecendo aquelle Reino, para que se veja que he obra sua e que quer perpetuar nelle a S. Magestade e sua real decendencia para empresas tão gloriosas como estão vaticinadas. Aqui vou dando o avizo a varias pessoas para que se dezenganem das falsidades que os austriacos espalhão pelo mundo, como agora fizerão por Colonia de maos socessos nas fronteiras de Portugal, e agora se vê que he amphibologia o que disserão, por que nas fronteiras de Portugal ha maos socessos para os Castelhanos; traç estes será Deos servido trazer-nos outros muitos melhorados e com boas novas de S. Magestade, que nos primeiros navios não devem faltar, em o gello dando lugar a que se navegue.

Com grande alvoroço espero a vinda de Monsieur Estrada para que ache nas muitas diligencias que V. Ex.^{cia} fas neste meo negocio alguma saida mais abreviada do que promettem estes Estados com seo modo e seos vagares, e já que não concluímos o negocio principal, não faltarão em dar-nos as cartas que lhes pesso para na India cessar a hostilidade, que he o que por hora nos convem: e supposto que são partidas as naos que mandão para lá, tem outras que hão de partir em fevereiro e março, nas quais podem hir estes avizos, allem de que dando-no-los, de Portugal hiram milhor, ou se fretará hum pataxo aqui que por conta de S. Magestade os leve a India para que se cumpra o effeito delles, que desta maneira teremos esperança de que mais brevemente cheguem lá e se vejam para se guardar.

Tudo o que V. Ex.^{cia} disse ao Cardeal na audiencia que teve está estre-

madamente advertido, e se França acodira ha mais tempo pela justiça de Portugal, ou pela conveniencia geral, por ventura que ouvera outra deliberação; porem sua remissão fas a estes cá tão dilatados porque estão sempre á mira nas acções alheas, mas Deos acudirá, que guarda tudo para melhor tempo.

Não tenho novidade de que avizar a V. Ex.^{cia} mais que do sentimento com que fico de averem os Imperialistas cativado o cadaver do Doutor Rodrigo Botelho com sua bagagem, vindo marchando debaixo da protecção dos suecos; aviza Manuel Guedes Pereira a Francisco de Andrada Leitão que Monsieur Oxisterna (1) o tinha gravemente sentido e disia que tomava o negocio á sua conta como se fora seo, e que se não contentava de que restituíssem o corpo morto, mas que tudo faria tornar sem faltar hum pelo: nesta acção se pode bem ver como os austriacos nos trassem de olho e tem boa vontade; pague-lha Deos.

O Rezidente de Catalunha, que estava em Munster, he vindo a esta corte e dizem vay a essa chamado delRey; os negocios daquella banda não estão aqui bem reputados; com o Rezidente não falei ainda, por ser chegado desta hora, e por isso não posso dar mais clareza de sua ida.

De Brabante veyo hum Commissario aqui a procurar da ida dos Estados para Munster, e o fim disto não tenho alcançado ainda.

De Flandes se aviza partira para Castella com duas fregatas D. Miguel de Salamanca a dar conta do miseravel estado a El Rey daquelle pays, para onde dizem mandão dinheiro e se fazem aprestos grandes para a campanha: o tempo mostrará melhor os fins destas demaças no que vem a parar.

Biblioteca Nacional, códice 2666, fl. 26.

Sousa Coutinho a El-Rei (1)

Achei neste lugar, no tempo que a elle vim, o Embaxador Francisco de Andrada Leitão, gozando de todas as immunidades (assim no espirital, como no temporal) de que gozava o Embaxador de França, tendo em suas capellas missas publicas e sermões nos domingos e festas, não só na lingua portuguesa e franceza mas tambem na farmenga, para o que cada hum destes Embaxadores tinhão seu pregador: e posto que nos principios procurarão os Estados, sómente com cortezia, obrigar ao Embaxador de França a que não consintisse na sua capella sermão farmengo, respondendo tambem com cortezias, se resolveo a que continuaria na mesma forma que começára (como fes) e actualmente se está fazendo na sua casa, só por que he sua, sem embargo de não aver aqui hoje embaxador, rezidente, ou ministro algum de França. Francisco de Andrada seguio as mesmas pizadas, e como não tinha

(1) Oxenstiern.

(1) Esta carta tem a nota: *Esta não foi*. Não obstante, publico-a pelo interêsse das noticias que dá.

capellão farmengo, lhe pediu hum que lhe deixasse dizer missa e pregar na sua capella, porquanto lhe faltava a de Veneza, adonde exercitava estes ministerios: começou a pregar, e como o não conhecião por capellão do Embaxador, porque não assistia em sua casa, senão as horas que lhe erão necessarias, quizerão as justiças da terra entender com elle, mas dando-lhe o embaxador patente de capellão seu, não ouve mais quem o embarasasse e nesta fôrma continuou até o dia que sahio deste lugar, avendo estado nelle quazi dous mezes depois de espirado seu officio. Eu por desconfiado, como pobre, ou por mais não (não digo que por serviço de Deus) não quis ceder a nenhum dos outros Embaxadores; pus a minha caza de maneira que inda que o eu diga (fallo verdade) he nos commum nesta Corte que nunca a ella veo Embaxador mais rico, nem mais authorizado. Trouxe dous capellães. e com a ida de Francisco de Andrada se me ajuntou outro, portugues, que por velho o não pode acompanhar, que he aquelle sobre que escrevi a V. Magestade. Hum destes he farmengo de nação, muito bom letrado, muito bom pregador e sobre tudo virtuoso. Pregou na minha capella parte da Coresma passada, o advento, e algumas festas, com grande aceitação e edificação dos catholicos, que todos rendião as graças a V. Magestade, pois por cauza sua tinhão esta liberdade em caza do seu Embaxador, sem em todo este tempo aver nem por sombra; nem por pensamento sómente entender-se que os Estados o levavão mal, e tanto assim que tomando o Secretario da embaxada o habito dia de Reys, para fazer com mayor solemnidade o acto, convidou a todo o bom que ha na terra, assim de catholicos, como de hereges, que huns e outros se achárão nelle, e entre elles alguns dos Estados, que todos folgárão muito de ver as ceremonias e de ouvir depois o sermão em que se lhe explicou a instituição e institutos da Ordem (1); e veio muito a perposito, porque se seguiu a huma pregação que hum predicante que veio de Portugal e disse nella poucos dias antes muitas blasfemias contra a Santa Inquição, e outras tantas contra o Reyno, pollo mal que a elle e aos seus avia tratado; e foi tanto o que no principio me dicerão que dicara, que estive para hir fazer queixa d'elle aos Estados, porem soube despoes que do predicante se faz pouco caso, e que os mesmos que o ouvirão lhes parecéra mal, com o que me pareceo desimular no negocio, por me não empenhar em huma queixa a que não avião de satisfazer como convinha, e assim me contentei com lhe fazer explicar no sermão que de duas armas se valéra Espanha contra os inimigos da fee catholica, huma temporal e outra espiritual, para o que se instituirão as ordens militares, cujo instituto foi só pelejarém contra os mouros, e a outra fora a da Santa Inquição contra os mesmos mouros e judeus, huma ves convertidos á nossa religião. Os ouvintes ficarão satisfeitos e dicerão que se assim era, elles vivião enganados nos rigores de que estavam persuadidos de que ella uzava, e acrescentarão que se os sermões dos Catholicos erão todos como aquelle, que elles os querião sempre ouvir. *Rebus sic stantibus*, me disse hum dia destes o Secretario da Embaxada que entre os Catholicos de Amsterdão

(1) De Cristo.

(cidade que dista des legoas desta villa) avia grandes queixas contra mim, porque receavão que da liberdade que avia em minha caza viessem elles a ter menos. Respondi-lhe que se os de Amsterdão se queixavão, os da Haga o agardecião. Replicou-me que poderia acontecer que os Estados, pôis mo não podião impedir, vingassem o sentimento com dilações e roins repostas. Respondi que isso só Deus o poderia entender e remediar, mas que não seria culpa minha; ao que me tornou que me poderia V. Magestade culpar e dizer que quem me mandára a mim ter sermões em farmengo, e inda que lhe disse que seguia o exemplo dos outros embaxadores, penetrou-me tanto falar-me em deserviço de V. Magestade, que inda que contra meu entendimento, obrou comigo o que com Pilatos: *si hunc demittes, non es amicus Cæsaris*. Estive resolutu de por e faltar o modo a que até gora tenho feito; pareceu-me porem que cauzaria escandalo e novidade a noticia, e tanto maes quanto se não podia dizer a cauza e ser inda muito maior o escandalo quando que se dissera.

Pareceo-me dar conta a V. Magestade desta materia, para que como sua seja V. Magestade servido de me mandar ordenar a forma com que ei de proseguir. Os fundamentos são os que digo a V. Magestade, e já pode ser que menores. Entendi, como inda agora entendo, que não só fazia serviço a Deus, se não também a V. Magestade, e posto que avendo-se de antepôr algum, o de Deus ha de ter sempre o primeiro lugar, sou tão escrupulozo no de V. Magestade que me não atrevo a dizer que faço differença entre hum e outro, e assim até não ter resposta de V. Magestade não farei outra cousa.

Torre do Tombo, códice 1341, fl. 74, v. (cópia).

El-Rei a Sousa Coutinho

1645 — Janeiro, 26

Escreve o Conde da Vidigueira, em carta de 3 do corrente, que segundo algumas noticias que tivéra, entendéra que os Estados querião se remetesse á Junta de Munster a rezolução das couzas que vos encarreguei a vós e a Francisco do Andrade Leitão, e porque para este caso se tem já enviado aos ministros que aly se hão de achar, as instrucções que levastes, e alguns papejs mais tocantes á mesma materia para poder proceder com inteiro conhecimento della: me pareceo ordenar-vos deis ahy a cada hum delles conta muito por menor de tudo o de que tendes noticia, souberdes e entenderdes sobre estes particulares. Pergunta-me o Conde se neste cazo será serviço meu fazer juiz arbitro entre mym e os Estados a El Rey Christianissimo, e mandei-lhe responder que folgaria que assym succedesse, porque como não quero senão razão, esta me assiste tão notoriamente, e El Rey he principe tão amigo da justiça, sempre nas suas mãos vay segura a minha cauza; e lhe ordeno mais procure quanto lhe seja possível encaminhar as cousas a

este fim; assy vos mando o façais pela parte que vos toca, procedendo com-tudo neste meyo com taes cautellas, e advertencias, que em lugar de se adiantarem, não se fiquem atrazando negocios de tanta importancia e em que tanto convem tomar-se resolução com brevidade.

Biblioteca Nacional de Lisboa, Sala dos Manuscritos, Caixa 13, 660—n.º 6. H, 1, 16.

Sousa Coutinho ao Conde da Vidigueira

1645 — Janeiro, 30

Com a de V. Ex.^{cia} deste correo recibi as boas novas que V. Ex.^{cia} me dá e a gazeta que se imprimiu para relatar os socessos de Portugal, que andão já espalhados por todas estas partes, apezar da rayva castellhana que os quer desmentir e deslustrar. De S. Magestade, que Deus guarde, recibi carta de 22 de dezembro com a mesma relação, e não mando a V. Ex.^{cia} a copia, porque he a mesma sustancia da que V. Ex.^{cia} tem tirado, que não fala em perda de artellharia, mas dis que o numero dos mortos passarão de dous mil, e dos nossos entre feridos e mortos não chegou a sincoenta. Monsieur de Estrada chegou quarta feira passada á noite a esta Corte, na quinta me veyo buscar e dar huma carta de V. Ex.^{cia}, que não quis esperar que o fosse eu buscar primeiro: tratámos no modo de negociar estes requerimentos, em que está tãobem advertido com a memoria que V. Ex.^{cia} lhe deu, que escuza minhas noticias; na sexta feira teve audiencia dos Estados, e sei que falou sobre este particular com instancia por parte de seu Rey; fui a dar-lhe a boa vinda, e tocámos de novo a materia em que está bem industriado, e prometeu fazer quanto diz, que tras isto encomendado, como V. Ex.^{cia} me segura; queira Deus que nos aproveite. As repetidas instancias que cada dia faço aos Estados gerais, não acabão de ter conclusão: derão-me por reposta que os da Companhia tinhão respondido aos meynos que propus para a observação da tregua, e que se mandava me dessem a copia da reposta: sei de fora parte que não aceitão nenhum dos meynos apontados, e que querem huma desordenada composiçãõ. Em me dando o papel e sabendo de certo a forma de sua reposta, avizarei a V. Ex.^{cia} largamente com huma relação do que lhes offereci, do que pesso e do que respondem: por hora insto de novo pelas cartas para a Índia, e o mesmo direi a Monsieur de Estrada que faça para que vão a tempo que alcansem as nossas náos em Lisboa, porque he isto o mais necessario, e entretanto hiremos remando thé onde podermos chegar.

De Munster não tenho mais avizo que as esperanças que os nossos embaxadores tem de que não averá paz sem Portugal, conforme lhe dizem os de França; agora que V. Ex.^{cia} me aviza que a mesma pratica corre nessa Corte, fico com algumas de que poderá ser que seja como dizem; Deus o faça e ao senhor Infante nos livre, para que vejamos alegre aquelle Reyno de quem

agora pairesse fazem pouca estimação, e será servido mostrar em breve tempo que Portugal he muito para desejar per amigo, e não ter por inimigo.

A advertencia que V. Ex.^{cia} faz sobre Manuel Guedes Pereira ficar continuando thé chegar avizo de S. Magestade, me pairesse muito conforme ao que a necessidade dos negocios péde. O Regente de Catalunha veyo de Munster e vai para essa Corte, chamado del Rey Christianissimo para hir assistir em Catalunha: passou por aqui, deu-me boas novas dos nossos embaixadores e alguma couza me disse da desavença dos de França; para negocios tão grandes he prejudicial não concordarem e conforme elle disse, se durar a teima, ou será necessario tirar hum delles, ou mandar terceiro: e o certo he que nada se acha sem faltas.

Chegarão de Setuvel alguns navios a Amsterdam e outras partes, e avizão que hum que vinha de Lisboa muito rico se foi a fundo, brigando com sinco fragatas dumquerquezas: nelle esperava cartas de S. Magestade por que nesta que recibí sua assim o dis.

Não tenho ainda novas de Dom João Tello de Menezes, nem elle me escreveo se está em Zellanda; sem embargo de tudo lhe escrivi e mandei as cartas que V. Ex.^{cia} me mandou para elle; espero repostas se o achão ou não, que athégora os gelos não derão lugar a isso.

Fazendo diligencia por hum engenheiro de fogo para mandar a Portugal, me trouxerão hum o qual dis que esteve nessa Corte, e lhe falarão para o mesmo effeito de parte de V. Ex.^{cia} e que lhe davão 152co cruzados cada anno de soldo, e que não quis aceitar o partido; chama-se Phelippe Grave, Alemão, homem pequeno de corpo e magro: eu o despedi por me pairesse que pedia despropozitos: depois me derão a entender que fogira de França e que avia sospeita que tomára soldo para Portugal, e com algum dinheiro adiantado se acolheu. Avize-me V. Ex.^{cia} o que nisto ha, para que sendo o que sospeitão, faça aqui alguma diligencia com elle. Outra coisa não tenho de que avizar.

Biblioteca Nacional, códice 2666, fl. 21.

Sousa Coutinho a El-Rei (1)

V. Magestade (fallando com o devido acatamento) em duas couzas se enganou, quando foi servido de me encarregar esta embaxada, a primeira em cuidar que avia em mim o tallento que me falta, a segunda em se persuadir (inda quando o eu tivera) que aqui poderia montar. Destes dous princípios se me tem seguido grandes damnos, se bem nenhum ao serviço de V. Magestade, pois dado que eu não viera, ouvera de vir outro, que nem fizera, nem

(1) Esta carta tem a nota: *não foi*. Publico-a pela luz que lança sôbre o carácter e opiniões do Embaixador. A margem vem a nota seguinte: Em 31 de janeiro escrevi a Roma ao Dr. Nicolau Monteiro e mandei o capitulo tocante ao recebimento de Embaixadores.

puдера fazer, mais que eu. V. Magestade sabe muito bem as instancias que lhe fis, para que ouvesse por bem escuzar-me desta vinda; o que fis, não porque se me representassem as descomodidades de minha caza em minha auzência, nem pello trabalho da pessoa, porque o serviço de V. Magestade tem lugar primeiro que todas as outras considerações, mas porque entendi que vinha a tratar de hum negocio não só errado no principio, mas perdido de todo, e via o mesmo que estou experimentando, que não podendo obrar no serviço de V. Magestade o que desejo, eu vinha perder o crédito que Deus foi servido que eu alcançasse para com o mundo no mesmo serviço de V. Magestade: porque senhor, alem da deficuldade com que se negocea entre gente que não tendo cabeça tudo são cabeças, adonde se não goardasse palavra nem justiça, vim a tratar huma materia tão odiosa como he pedir o que está já convertido em sangue, e tão publica que não ha ninguem que a inore: e como todos sabem ao que vim, e ninguem as affiões que padeço e continuas diligencias em que me ocupo, he certo que julgando pello successo, tirara consequencia todo o Reino de que as culpas forão minhas, pois em justiça tão clara como a de V. Magestade obrey tão pouco: e daqui nasce tambem que não só o povo fará estes juizos, mas ainda aquelles que V. Magestade occupa nestes mesmos menisterios, de que elles estão livres, pois não se sabendo ao que vierão, ninguem os culpará do que não puderem alcançar. Tem de mais esta embaxada o que se acha em achaques ordinarios, que não ha quem não ensine hum remedio, e como são muitos, raras vezes se asertão com o melhor. O mesmo me succede nesta doença politica; quizi todos se persuadem que para nenhuma outra podem servir as minhas receitas; porem eu, ou como mais docil, ou como mais inorante, todas as advertencias aseito e pollo menos, quando não executo todas, todas agardeço. Não succede assim ás minhas, porque se alguma parece bem, todos a sabião já, e se mal, m'as rechação, mas nenhuma me agardecem; e algum ouve que escrevendo-lhe eu sobre huma materia (de que meu zello, já que não meu aserto advertio a V. Magestade) me respondeo que naquella me não cansasse porque era sua, e a elle lhe tocava. He bem verdade que com toda a modestia lhe repliquei que prestasse passiencia, que em tudo o que me parecesse que era serviço de V. Magestade me não avia de cansar de o cansar, já que eu o não obrigava a fazer o que lhe dissesse: o que suposto, em duas couzas tambem apello para a clemencia de V. Magestade, a primeira de que seja servido de me resgatar das mãos dos holandezes, que será obra tão piadoza como aos que estão em Argel, mórmente não sendo contra o serviço de V. Magestade, pois como no principio digo para esta embaxada o mesmo ouvera de fazer Demostenes, que o mayor inorante do mundo; a segunda he aceitar minhas advertencias, como de hum animo criado no serviço de V. Magestade, e como de hum fino portugues vassalo seu.

Sobre a embaxada de Roma, de que estou certo que V. Magestade averá elegido a melhor rezulução, me pareceo dizer a V. Magestade o que acho nos livros em cazo bem semelhante. Sei tambem que ha poucos ou nenhum que aproveem mandar V. Magestade embaxador sem certeza de que aja de

ser admetido, e que com estas clauzulas foi V. Magestade servido de mandar despachar as ordens do Conde Almirante. El Rey Henrique 4.^o de França, depois de feito Rey e reduzido á igreja Catholica, e absolto pellos prelados de seu Reyno, continuou com embaxador [a] sinco Papas, que tantos ouvê desde Sixto 5.^o até Clemente 8.^o O primeiro o escumungou e o ultimo o absolveo, sendo que primeiro lhe não quis admitir a embaxada a que foi o duque de Nivers, como avião feito os outros Papas a tres ou quatro semelhantes embaixadores, como foram o Conde de Luxemburg (1), o Cardeal Gondi e outros, até que ultimamente mandou ao senhor de Perron, ecclesiastico, que depois foi Arcebispo e Cardeal (de cujas memorias tirei o que vou referindo). Achou as mesmas deficuldades que os primeiros embaxadores, não da parte do Papa, mas das grandes deligencias da facção castelhana, cujos embaxadores instavão ao Papa que da redução d'El Rey não devia fazer cazo, porque era só huma apparencia para obrigar os catholicos do Reyno que estavam contra elle, e que depois tornaria ao que dantes era: ajuntando a isto que El Rey Catholico se hia fazendo senhor de toda a Picardia, os exercitos da Liga cada dia alcançavão novas vitorias, e tudo tão verdadeiro como as que espalhão, que tem contra nós: a que o Papa respondeo que os negocios temporais não tinhão nada de comum com os espirituais, e emfim lhe mandou a bulla da absolvição, e já quando os castelhanos a não puderão impedir, publicavão que levava tais clauzulas que em França se não aceitaria. Da instrução que este Embaxador levou vão em papel de fóra dous capitulos tirados ao pé da letra, sendo tambem clauzula expressa que se dentro em 30 dias não fosse admetido, sem esperar hum ora mais, se sahisse de Roma; e lhe ordenava tambem que não tendo audiencia publica, em privada dissesse ao que hia. Este livro do Cardeal de Perron (2), inda que he comum, não no ha em outra lingua, senão na franceza, por isso me pareceo referir o que elle dis. Se alguém o tiver no Reyno nelle se verá o que digo mais largamente. Tambem em papel de fora, mando a V. Magestade a parte do capitulo de hum livro que no anno passado de 43 impremio em Madrid Dom Christovão de Benavente y Benavides, embaxador que foi em Veneza e França d'El-Rey Catholico, intitulado «*Advertencias a Reyes, Principes y Embaxadores*». He texto expresso e trazido pellos mesmos inimigos, de muito mayor forsa. Este mandei já em 31 de janeiro ao Doutor Nicolao Monteiro para que fizesse por descobrir os breves, e consilio a que se refere. Considere V. Magestade se convem com exemplo semelhante e tal esperar serteza de Roma, advertindo de caminho que em espaço de 3 ou 4 annos ouve tanta mudança no estado das couzas que o Papa Gregorio 13.^o ajudava a El Rey Catholico e a Liga contra o de França com exercitos e com dinheiro, e que o successor fes tudo pello contrario; e tanto assim que vindo este embaxador só a buscar a absolvição, e que viria outra a dar a obediencia, antes que o segundo chegasse nem ainda partisse de França,

(1) Francisco de Luxemburg.

(2) Referência à obra *Les Embassades du cardinal du Perron*, Paris, 1633.

mandou S. Santidade hum legado, tanto da satisfação de El Rey que avia primeiro reprovado hum ou dous, que estavam eleitos; em agardecimento do que foi El Rey a mea jornada de Paris vizitar o Legado, dizendo que a favor extraordinario extraordinaria demonstração, e passou tanto avante que pondolhe depois o Parlamento de Paris duvidas aos poderes do Legado, mandou El Rey que por todas se passasse, que muito mais que isso devia aos favores de S. Santidade. Com a salva que tantas vezes tenho tomado com V. Magestade de que sou obrigado a dizer tudo o que entendo, se não a entender tudo o que digo, canso a V. Magestade com este descurso, que quando não sirva de outra couza, poderá V. Magestade tirar delle que vim aprender francês a Holanda, inda que negro velho nunca toma bem a lingua; e sem embargo que he fóra do preposito da carta, não o he da conveniencia, que ha muitas para V. Magestade ser servido de mandar sempre em todas as embaxadas moços fidalgos, que crecidos nellas venhão depois a ser muito bons embaxadores, aprendendo linguas de que em Portugal ha muita falta, não avendo nestas partes sapateiro que á propria não ajunte a franceza e latina, sendo que he esta parte a mais necessaria e essencial nos embaxadores, porque com ellas se livrão de grandes inconvenientes que cada hora experimentão nos interpretes; e foi a cauza porque com curiosidade me puz a apren[der] o francês, como aqui he lingua cumua, pelo menos já que a não falo bem, a entendo bastantemente; e se as rezoluções dos Estados não vierão de ordinario em framengo, bem escuzava interprete, porem como vem assi, não se escuzo em caza que os traduzo, que he a rezão porque repliquey a V. Magestade sobre Duarte Guterres, se bem por só enterpetre he o salario muito grande.

Torre do Tombo, códice 1341, fl. 76 v. (copia).

Sousa Coutinho ao Conde da Vidigueira

1645 — Fevereiro, 6

Quando me não constárão, por avizos de V. Ex.^{cia}, as repetidas instancias que nessa Corte tem feito sobre os particulares desta embaxada, bastára só para entender que forão grandes, ver o effeito com que Monseur d'Estrada se há com os Estados: segunda ves teve audiencia, de que me veio dar conta no mesmo dia, e em ambas se ouve tambem que mostrou quam instruido vinha de V. Ex.^{cia}, porque propos tudo aquillo que eu tinha assentado com o Doutor Feliciano Dourado que lhe dessemos em hum papel para propor; e viose bem que as ordens que tras nem são cumprimentos, nem só per nossos olhos bellos, mas polos interesses que dahi rezulta a França, que he o ponto que mais que todos conveio persuadir-lhe como V. Ex.^{cia} tem felicemente conseguido, porem tratamos com gente cujo Deus he o unico interesse. Forão taes os Estados que responderão a Monseur d'Estrada (1)

(1) Estrades.

nesta segunda vez que lhes fallou que os negocios estavam em bôa altura, porque de tres meios que eu lhes propuzêra avião escolhido hum, sendo que naquelle mesmo dia me respondêrão por escrito dizendo que a Companhia não aceitava nenhum dos tres, mas que apontava hum quarto, tão justificado que nem podia aver outro melhor, nem aceitaria outro, e he elle que se devidam as terras que ha entre Columbo e Galle irmãmente, e que os frutos daquella parte que lhe tocar cobrem ministros da Companhia, e tenham em seu poder até se sentenciar a cauza principal, e que darão caução para os aver de tornar, se a sentença se der contra elles, que tais são como isto. Affirmo a V. Ex.^{cia} em toda a verdade que por menos mal tivera estar em Argel com huma braga, que em Holanda embaxador, adonde nem ha fee, nem justiça, nem verdade. Amenhá vou aos Estados, adonde despois de lhe dar conta do successo d'Elvas (que dillatey per não hir duas vezes) lhes proporey o papel que com esta mando a V. Ex.^{cia} (1), de que espero o mesmo fructo que dos passados: o principio d'elle não estranhe V. Ex.^{cia} porque me pareço conveniente ser assim, e Monseur d'Estrada foi do mesmo parecer, para que assim empenhemos mais a França para nos ajudar assentir ás sem razões que nos fazem, e para que tambem de antemão pervenhamos a desculpa, se necessaria fôr, quando se não obre no Reyno quanto desejamos; mas com isto está que todos unanimemente instemos á S. Magestade sem rodeos, mas muito ao descuberto, de que convem obrar muito na prezente campanha, em que amigos e inimigos tem lançado o resto. Do desse Reyno sabe V. Ex.^{cia}; do daqui lhe direi: a semana passada propos o Principe de Orange aos Estados que tinha entre mãos a mayor empreza que tivera despois que governava suas armas, para o que lhe erão necessarios des mi-homens mais em todas as Provincias em se lhe darem, mas até agora o contradizem duas cidades de Hollanda, e he tal este governo que se se não reduzirem não se executará, porque nelle não se vence per votos, hum só basta para impedir tudo, que he tãobem outra razão que demais de fazer os negocios eternos, temos tão roins repostas nos nossos, o que não succedêra, se se vencêra a votos.

De tudo o processado até aqui com instancias e repostas está fazendo o Secretario huma rellação para se dar a Monseur d'Estrada, de que mandarey a copia a V. Ex.^{cia} na semana que vem, para que V. Ex.^{cia} com toda a clareza e verdade possa informar esses senhores, e para que sobre ella fundem queixas que de novo possam mandar repetir por Monseur d'Estrada, advertindo que o Principe d'Orange pode tudo quanto quer, mas que não quer fazer tudo quanto pode.

A lembrança, que fis á S. Magestade sobre o Marques de Rolhac (2) bem vejo que não era necessaria, tanto porque a couza en si he tão clara que até eu a entendo, como porque o zello de V. Ex.^{cia} nos deve livrar a todos deste cuidado; porem he elle de tanto pezo, que inda que seja a risco de zombarem

(1) Vem copiado a fl. 78 e 79 do Códice 2666.

(2) Rouillac.

de minhas empertinencias, todas as vezes que me vier a pello, ha S. Magestade e V. Ex.^{cia} perdoar que eu falle na materia, já que *salva pace* dos embaxadores mortos e auzentes, não servirão suas embaxadas de mais que atrazar ahí os negocios e perdem estes de cá todo o ponto.

Eu sou huma miseravel creatura; oito dias detive nesta villa hum engenheiro sem me atrever a lhe dar vinte e quatro mil reis cada mez da nossa moeda, sem saber primeiro o emquanto V. Ex.^{cia} se consertava com os que mandava, porque se me fazia muito de mal dar-lhes justamente o dobro do que aqui lhe dão os Estados, mas já concertey com elle e hirá em náos que estão para partir: he dos melhores que por cá se achão e aprovado pello Principe. De mineyros não trato, nem de outro deste genero, porque de todos só até quatro ou sinco me pedia S. Magestade.

De Roma tive carta hontem em que me dizem que aiudavam muito os conclaves e que se entendia que erão sobre as materias de Portugal. Niculao Monteiro me não escreveo ainda, mas sey que era chegado dos 5 do passado: eu lhe torney a escrever e mandei hum texto expresso apontado pellos mesmos inimigos para se averem de receber embaxadores de dous Principes, inda que contendam sobre hum mesmo reyno, para o que cita duas bullas referidas a hum Consilio. Seja Deos servido que vejamos a V. Ex.^{cia} naquella Corte tão bem recebido como o he nessa, se bem não fará ahí pouca falta, que a meu ver he hoje a embaxada mais necessaria. De Dom João de Mezezes recebi hoje carta com a que vai para V. Ex.^{cia}; espero aqui por elle brevemente e lhe tenho preparado.aposento nesta casa que bastará para quem vem no estado que elle.

(*Autographo.*) Bejo as mãos a V. Ex.^{cia} muitas vezes polla mercê que me fez das novas de Portugal: seja Deos louvado, tudo são obras suas.

Biblioteca Nacional, códice 2066, fol. 77.

Sousa Coutinho ao Conde da Vidigueira

1645 — Fevereiro, 13

No correo passado dei a V. Ex.^{cia} avizo do estado dos meus requerimentos, do que me respondião a elles, e do que propus ultimamente. Agora detreminarão os Estados que os commissarios se informem da minha proposição e que fação reporte á meza, para que se conclua o que for mais conveniente. Monseur de Estrada fas sua obrigação inteiramente, conforme os avizos que me dá; veremos se basta isso para que se resolvão em dar-me as cartas que ha treze mezes lhes pesso.

Não mando a V. Ex.^{cia} a copia ou memoria destes negocios, porque como o Secretario da embaxada andou occupado em traduzir em lingua latina a proposição que dei aos Estados, e teve outras occupações de tresladar as propostas antecedentes, reposta da Companhia e as dos Estados para se

mandar a S. Magestade, não pode concluir todos os papeis em forma que possam hir a V. Ex.^{cia}, que como está bem informado da sustancia delles, não fas falta o tardar hum correo mais ou menos.

O Doutor Francisco de Andrada Leitão, em huma carta que escreveo, dis que falando com Monseur de Servient, vierão a tratar dos negocios della, e lhe disse que Monseur de Estrada trazia ordens para tratar das conveniencias que podia aver para cessarem as hostilidades das Companhias com Portugal, querendo desculpa-las com dizer que Tristão de Mendonça tivera a culpa porque não quizera contrahir paz perpetua como lhe foi pedido, dando a entender que se avia de continuar a guerra, acabado o tempo da tregua; a que elle lhe satisfez com a razão que apontou no papel que imprimiu e deo aos Estados em outubro de 72 no § ou numero 37, a qual dis approvára Monseur de Servient, prometendo que em chegando os plenipotenciarios, daqui os avia de espartar com ella porque lhe parecia concludente; não sei que causa haja para Monseur de Servient nos ponha a culpa e desculpe as Companhias. Falando eu com alguns dos Estados e desculpando-se com este mesmo assumpto, lhes satisfis com dizer que a cauza porque logo no principio se não tratou de paz perpetua fora huma razão politica que S. Magestade e seo Conselho observarão para aquietar os animos de seos vassallos, porque vendo-se livres do jugo castelhano com Rey e Senhor natural e legitimo, estavam persuadidos que tambem recuperavão todas as conquistas da Coroa de Portugal que per cauza de Castella avião perdido, e vendo que se fazia paz perpetua sem esta recuperação que esperavão, poderião turbar-se e aver alguma desordem que fosse dura de reprimir: o que considerando S. Magestade e seo Conselho de Estado, com muito justificada cauza dilatarão a paz para evitar este descontento a seos vassallos, e não se escuzo della, pois prometteu que dentro em oito mezes a mandaria fazer e celebrar perpetua; e não paresseu mal esta razão, mas contudo não acaba de lhes parecer bem o dar-nos contentamento; Deos o dará, que he de justiça.

As novas que V. Ex.^{cia} me dá de Roma estimo muito; duas semanas há que aqui correrão nas gazetas ordinarias, que per não continuarem e ser nova de gazeta não fis então cazo dellas, nem o avizei a V. Ex.^{cia}, entendendo que se fosse alguma couza, V. Ex.^{cia} teria ahí o avizo certo.

Quinta feira passada recebi huma carta de Roma em que me dizem que naquella Corte fazia grande ruido sospeitar-se que o Principe de Parma tinha trato secreto com França e lhe queria vender o Ducado de Castro, de cujos portos se pode entrar nas terras da Igreja, do Castelhana, Florentim e mais Principes em huma hora, com que todos estão cuidadosos. e Sua Santidade de cama, que por ser velho dava cuidado: dis mais que el Rey Christianissimo mandára soestar com a hida do embaxador de Roma e ordenára ao Cardeal Biqui que propozesse quatro couzas a S. Santidade sem as quais respondidas não mandaria o seo embaxador á Curia: a primeira que lhe confirmasse os bispados de Catalunha eleitos per elle, pois era senhor de Catalunha; 2.^a que recebesse o embaxador de S. Magestade el Rey nosso Senhor, que Deos guarde, pois era Rey legitimo e verdadeiro de seos Reynos,

de que estava de posse avia sinco annos: 3.^a que não desse dinheiro e socorros ao Imperador com pretexto da guerra contra o Turcò, porque estava de paz com elle e só a tinha com França e seus alliados: que considerasse que seria turbar a paz da Christandade; que se mostrasse Pay e não parcial: a 4.^a que emendasse muitas symonias que ouve na sua eleição, porque servia o dissimulalas de escandalo aos Christãos e mofa para os inimigos da Igreja Catholica: nisto se rezolvia.

V. Ex.^{cia} saberá ahí melhor estas couzas e o que dellas entender me faça mercê avizar.

Bibliotheca Nacional, códice 2666, fl. 75

Sousa Coutinho a El-Rei

(Sem data)

Pella carta geral verá V. Magestade o estado em que ficão os particulares desta embaxada, conforme ao que se me offerece advertir, o que julgo que convem ao serviço de V. Magestade. Temos chegado ao ponto em que os Estados prometerão dar satisfação, e pollo menos quando a não dem, chegamos ao do dezengano, e inda que este não he o menor, he contudo menos máo que a perplexidão em que com elles vivemos. Estão apertados e convencidos pellos seos mesmos textos, mas pode acontecer que tenha mais forza o interesse, e que se não pejem de rezolver o contrario do que tem prometido: porem como nunca segurei o bom nem o roim socesso. fico ainda de presente com as mesmas duvidas, mas para qualquer rezolução tenho para mim que pode V. Magestade escuzar aqui embaxador: respondendo mal, polla meza se está, mas eu passo avante, ponho isto no cazo em que dem a V. Magestade toda a plenaria satisfação: e a rezão em que me fundo he, que como elles mesmos já hoje apontão, isto ha de vir a parar em arbitros e de outra maneira não só não terá nunca fim, mas nem V. Magestade boa resposta. O meio que determino levar neste negocio he o ordinario dos arbitrios, nomeando eu hum e os Estados outro, para que discordando elles entre si nomeem terceiro; provavelmente cahirá entre França e Suescia, ou entre França e o Principe de Orange. Eu sempre hei de nomear França, e dado cazo que os Estados, ou as Companhias, nomeem Suescia, determino procurar que em Munster se aviriguem a cauza: e se o puder conseguir. V. Magestade o deve aver assim por bem, e creio que não será impossivel de alcansar, suposto que está ali a comida feita, avendo embaxadores dos juizes e das partes: em este cazo bastará aqui hum rezidente. Por outra parte me inclino muito a que nomeem as Companhias ao Principe de Orange, o que sucedendo, será forsa tratar-se a cauza nesta corte: neste cazo tambem escuza V. Magestade embaxador e he de sobejo o mesmo rezidente, porque posta já em julgado, basta hum solicitador: porque poderá acontecer que seja necessario a V. Magestade aplicar o que eu aqui gasto a hum embaxador

que venha de França, porque para este ha de ser penozo, suposto que hoje, o não ha aqui, e como o Conde Almirante fes já oferta semelhante ao Cardeal Massarini, receo muito que não querão que V. Magestade lhe deva estes officios, porem para este cazo melhor se poderá levar que para o de vir meramente a ser rogador: o que supposto, deve V. Magestade ser servido que chegado qualquer destes cazos, dar-me licença para eu me recolher ao Reino, fiando de mim que não tomarei rezolução que não seja muito do serviço de V. Magestade, porque não ha de poder mais que elle comigo o desejo de me ver em minha caza: porque como os avizos que vem por mar, alem das grandes dillações, trazem os riscos das tormentas e dos duquerqueses, quais tiverão estas ultimas náos, como avizo em outra, pode acontecer ficar eu muitos mezes em Holanda occiozo, sem mais fruto que o dos gastos que fas comigo a real fazenda de V. Magestade. Seja V. Magestade servido de o mandar considerar, e achando que não vou dezencaminhado, fazer-me esta mercê, que prostrado a seus reais pés lhe pesso com todo o encarecimento; e julgando V. Magestade todavia que não convem por hora faltar daqui embaxada, dê-me V. Magestade licença para lhe apontar hum que julgo que ainda sem necessidade se devia V. Magestade aproveitar d'elle, e sendo que parece que pode V. Magestade entender que sou sobejo em lho porpôr tantas vezes, move-me contudo o serviço de V. Magestade mais que a lastima que d'elle tenho: este he Dom Luis de Portugal, cujas necessidades o tem reduzido a tal extremo, que lhe receo alguma rezolução encontrada ao gosto de V. Magestade, que inda que mo elle não dis, e mo nega sempre quando lho pergunto, outras pessoas me tem advertido ser lingoagem sua em falta de V. Magestade lhe acodir, hir-se lançar a seos pés reais, com molher e filhos, tendo por menor inconveniente o manda-los V. Magestade meter em hum castello, suposto que nelle lhes ha de dar de comer, que estarem devidos, hum em Roma, outro em Hollanda e juntos morrendo de fome. Dom Luis, Senhor, em quanto o não conhecem, fas algum roido ser netto do Prior do Cratto, mas conhecido elle, não só tira todas as duvidas que se podem representar, senão ainda toda a sombra dellas; fallo a V. Magestade ingenuamente; não ha sitio nelle sobre que se possa fundar nenhum desconcerto. Não digo isto porque seja tenção minha persuadir a V. Magestade que o leve ao Reyno, antes o contrario me parecerá sempre por hora, mas como he forsa que S. Magestade lhe dê de comer, tanto por filho de seos pays, como por aver deixado Castella, sempre eu fôra de parecer que elle o merecera, e V. Magestade o experimentara; e não vejo donde melhor e mais seguramente que nesta embaxada, adonde executando as instruções de V. Magestade, não ha que temer erro, e para o mais se seguirão mayores interesses á fazenda real e commodidades ao serviço de V. Magestade; falla a lingoa, com que escuza interprete; he sobrinho do Principe de Oranje e pode-lhe fallar a todas as horas que quizer, o que eu não posso as mais vezes que me he necessario; porque sendo estilo todas as vezes que os embaxadores vão aos Estados hirem logo ao Principe, ha mais de hum mes que impedido da gota me não pôde dar audiencia, porque como custuma vir-me buscar e tra-

zer ao coche, inda não tem confiança para faltar nestes obsequios, por mais que lho tenho pedido e perde-sse muitas vezes o negocio, ou pello menos se dillata e arisca. Este inconveniente se repara com o que aponto. Aos mesmos Estados, e a todas as Provincias será esta eleição muito bem aseita, que como he natural dellas, e conhecido de todos elles, ajuntarão ao respeito de embaxador a afeição de natural, e por ventura que obre por estas rezões mais que aquelles a que faltão a mayor parte dellas: e he maxima de todos os politicos que sempre se possa achar embaxador agradavel ao Principe, ou á Provincia com que vai tratar, se anteponha a todos, couza que não se achará em portugues nenhum, que ou seja pella mistura que tivemos com os castelhanos, ou pello que os hollandezes nos tem tomado, muito devagar lhe avemos de parecer gentis homens. Chegou-me curiosidade de querer saber como em Napoles e Roma se tinha tomado e se fallava na mudança de Dom Luis, e nasceo isto de me perguntar Fernão Brandão pello que este fidalgo fazia em Holanda. Confesso a V. Magestade que me fes esta pergunta algumas duvidas, e respondendo a ella, perguntei o que digo: polla resposta que me fes, alcansei misterio que nunca avia penetrado, e pareceu-me mandar a V. Magestade a carta que sobre elle me escreveo, de que colhi huma grande inadvertencia do Bispo de Lamego, que Deus tem, pois tendo companheiro, e quanto o não tivera, tinha secretario diante de quem se hão de ouvir as pessoas de quem pode aver sospeita, já que o ser de noute desculpava não poder Dom Luis aparecer de dia naquelle tempo em que ainda se não avia declarado. V. Magestade mandará considerar esta materia; quando não seja aprovada, seja-o pello menos naquella parte que olha a impedir huma rezolução desordenada: e aqui se tem reparado muito em não aver tido até agora Dom Luis nem suas irmans outra couza de V. Magestade que huma carta cada hum delles, e sei que ellas, se bem com muita moderação, mostrarão ao Secretario desta Embaxada algum sentimento da pouca lembrança que V. Magestade mostrava ter de suas pessoas, e inda que das razões que se lhe derão, mostrarão que ficavão satisfeitas, não ficarão porem contentes. A tudo se satisfazia fazendo V. Magestade mercê ao irmão, e não o ajudarião ellas pouco no menisterio que aponto, porquanto nestes payzes são as mulheres a cabeça da caza; nenhum segredo lhe reservão os maridos e nenhuma couza fazem sem seu parecer, e avendo meio para as ganhar, tem-se conseguido meio negocio. Porponho a V. Magestade todas estas razões, mais por querer que V. Magestade entenda as que eu tenho para lhe fallar nesta materia, que porque se consiga o fim della, cuja rezolução tóca a V. Magestade e a mim o te-lla sempre pollas mais asertadas.

Sousa Coutinho ao Conde da Vidigueira

1645 — Fevereiro, 20

Vou continuando com meus requerimentos, e cada dia recebo dos Estados reposta dos memoriais com que os aperto sobre mandarem dar cartas para a India para cessar a guerra, e tratar-se da observação da tregua, porem estas repostas não passam de que se manda ver pelos commissarios o termo da cauza, meyos propostos e razões dadas para deliberarem o que convem e o que devem; ao que insto que o tempo vai passando, e que se não forem as cartas com as naos de março, assi daqui, como de Portugal, que nos não servem depois. E o prezidente da junta dos meus commissarios, falando-lhe o Secretario da Embaxada sobre a rezolução deste negocio, lhe disse que era necessario escolhermos hum arbitro, porque não era possivel accomodarmos entre nós, e que escolhido quem o haja de ser, se mandarião logo passar as cartas: a que lhe respondeu que em todas as propozições que dei aos Estados Gerais tratei de que tomassemos hum medianeiro para nos compôr, em cazo que entre nós não podessemos ajustar as condições, a que nunca me delixerão, nem mostrarão querer vir nisso, e que agora quer que se eleja arbitro he lanço de não respondermos a proposito, e consentir que a guerra se continuasse na India depois de tregua celebrada e apregoadã, posto que não observada por seus subditos. E a razão era que para averiguar o fim do que ouver de ser arbitro, he necessario quatro ou sinco semanas de dilação de cartas e repostas que se devem mandar a França e outras partes, e neste mesmo tempo se vão as naos para a India sem levar as cartas que pedimos para cessar a guerra lá, as quais para se averem de passar e mandar não necessitão de arbitro, porque este he para nos compôr na cauza principal, como tantas vezes lhes tinha proposto e pedido que não tomassem occasião para nos deter sem reposta e concluzão de nossa petição, que o considerasse elle mesmo; de que consta claramente que fazem quanto podem por dilatar, posto que a lingoagem de arbitro não he para deixar passar como seja na forma que deve ser.

Hontem á noite me mandarão dizer em segredo que se darião as cartas sem falta, e que aparelhasse as alvissaras que ha dias tenho prometido se se passassem com tempo e na forma que tenho pedido e apontado: veremos agora o que concluem, que o medo que lhes tenho me fas não crer esta nova e no que vem avizarei a V. Ex.^{cia}. Monsieur de Estrada fas suas diligencias com grande cuidado, e lhe pagão com boas palavras: eu lhe tenho advertido que por agora não trate de outra couzã que das cartas para a India, e esteja V. Ex.^{cia} seguro que senão ha de tratar da cauza principal, como já por vezes tenho ditto a V. Ex.^{cia}, menos que se componha primeiro este ponto das cartas para cessar a guerra.

A relação que vai em castelhano (1) he o compendio deste incidente da

(1) Vide *Apendice*.

India; nelle verã V. Ex.^{cia} os principios athé o prezente estado e meynos que propus, com os que segundeí: conforme as ordens de S. Magestade vai em castelhano, porque o interprete que o traduziu em frances para se dar a Monsieur de Estrada não entende senão a lingua castelhana, e como V. Ex.^{cia} a não ha de apresentar, tomará em boa parte hir a mesma copia, posto que em castelhano.

De Munster aviza o Embaxador Luis Pereira de Castro ser chegadas as ordens de França com a incluzão de Portugal como alliado adherente. Francisco de Andrada ainda está desconfiado, e pairesse que mais o estará como souber que o Christianissimo mandou offerecer já e prometéra a estes Estados o tratamento de livres no predicamento e grao da republica de Veneza: Monsieur de Estrada o propos sexta feira aos Estados e eu o sei de boa parte.

Espero as boas novas que V. Ex.^{cia} me mande de Portugal, porque aqui se dis que ouverão os portuguezes em Olivença outra vitoria grande contra os castelharos.

Aqui se fala geralmente que de Roma ha avizos em que se trata de cazamentos entre o Principe de Portugal Nosso Senhor e a Infanta de Castella, e os que mais continuão nesta nova são os Catholicos, que em tudo são nossos contrarios, e não sei se o fazem por nos descompôr com França e mais alliados: por ventura que disso mesmo nos redunde mayor bem, que os ciumes ás vezes fazem despertar: e huma das cauzas porque o Christianissimo dá tratamento de livres e soberanos a estes Estados se dis ser per ciume de que elles tratassem da pas com o castelhano, sem hir a Munster e sem França ficar incluida. Caminhos são que Deus ordena como he servido: avize-me V. Ex.^{cia} se tem disto alguma noticia, porque supposto que o não creyo, persuado-me que se a guerra continua e a pas não tem effeito, que ao Castelhana está mais a conto este meyo para se compôr com Portugal do que Portugal ha mister.

Dizem tambem que os exercitos dos Suecos e Imperador se encontrãõ em Bohemia; a certeza do successo se não sabe.

A Bristol chegou huma nao que hia para a India da Companhia dos de Londres, e no mar tiverão os marinheiros differenças; a parcialidade realista prevaleceo, lançando aos Parlamentarios na terra do Cabo de Boa Esperança e voltando para Inglaterra entrãõ em Bristol com 600 cruzados em patacas, e seis mil arrateis de corall fino, afora outra mercancia.

De S. Lucar vinha hum navio com 30.000 cruzados em prata para Dumquerque; foi seguido no canal dos navios destes Estados e per escapar entrou em Dartemua (1) porto del Rey de Inglaterra, mas nem lá escapou, porque mandou el Rey tomar-lhe a prata por via de emprestimo, por lhe ser necessario aquelle dinheiro; assim se affirma per certo.

Grande foi a bizzarria do Conde de Arcourt (2) no que disse a V. Ex.^{cia};

(1) Dartmouth.

(2) Henrique de Lorraine, Conde de Harcourt, general e diplomata francês.

prometia a S. Magestade de o vir encontrar ao caminho; a barbata he castelhana, mas nós dizemos amen; avize-me V. Ex.^{cia} que tratamento tem esse senhor ho Duque de Longaville (1), como lhe falão, para que se vier por aqui como dizem, não erremos nos termos de sua frase.

Estimo muito que não ouvesse o engenheiro de fogo feita alguma rebaldaria, como aqui sospeitamos pello que elle disse; hum grande mestre desta arte mando a S. Magestade; leva hum criado para ajuda-lo e o conserto he por tres annos a 150 florins cada mes.

O Doutor Francisco de Andrada Leitão aviza de que he chegado Manuel Guedes a Munster e ficava em sua caza; dis tãobem que se mandava restituir o corpo e fato de Rodrigo Botelho, que Deus tenha em gloria.

(*Autographo*). Faça V. Ex.^{cia} reflexção no que propoz Monsieur Estrada aos Estados sobre o tratamento de seus embaxadores, porque me parece materia afrontosa para Portugal se no mesmo tempo se não emmendar com os nossos; torno a dizer que vy a propozição orijinal.

Biblioteca Nacional, códice 2666, fl. 81.

Sousa Coutinho ao Conde da Vidigueira

1645 — Fevereiro, 27

Vejo que V. Ex.^{cia} me aviza nesta sua carta de 18. do corrente que o Principe de Oranje tinha escritto ao Cardeal Mazarini que já o negocio estava accomodado a satisfação de S. Magestade e meu, sendo tanto pelo contrario que replicando aos Estados sobre o quarto meyo que os da Companhia propuzérão na forma que avizei a V. Ex.^{cia}, andárão todos estes dias com rezoluções, encomendendo aos Commissarios que vissem a rezolução que elles tomárão na reposta que derão ao Embaxador Francisco de Andrada Leitão, cuja copia mando com esta e lhes fizessem reporte para deliberar conforme a razão; e eu insto cada dia com memoriais, sem passar semana em que não mande dous á meza, alem das instancias particulares que em suas cazas lhes faço. Monsieur de Estrada fas o mesmo com muita diligencia, os Estados the tem ditto que tudo se ha de compôr bem, e a mi avizárão alguns que sem falta se me darião as cartas para a India na forma que as pesso ha tantos tempos, como avizei a V. Ex.^{cia} no passado; e quando esperava a rezolução de huma e outra couza, me mandárão sabado huma remissão com outro novo meyo apontado pelos da Companhia em que se conthem: que os directores da Companhia Oriental, por abreviar este negócio e dezejar-lhe fim, erão contentes de que entre Columbo e Galle se lançasse huma linha, e que a parte entre ella e Columbo ffcasse livre aos portuguezes, mas que a parte entre a linha e Galle, que era a que pedião no passado meyo, se divi-

(1) Henrique d'Orleans, Duque de Longueville, um dos plenipotenciários franceses ao Congresso de Munster.

disse com outra linha, ficando os portuguezes com huma parte, e a Companhia com a outra que fica da banda de Galle, que vem a ser ametade do que antes pedião; mas com condição que colherião huns e outros os frutos da terra, dando caução assi elles como os portuguezes, athé se averiguar a causa principal, para o que primeiro se deve escolher por quem se julgará, e em que termo se ha de detriminar, e que no interim cessaria de ambas as partes todo o acto de hostilidade, e achão que nos fazem grande serviço. Tenho este meyo de peor condição que o passado, pois que nos pedem caução sobre o que he nosso, e dão a entender que nos fazem graça do resto que antes pedião a que tinham direito e pretensão; por aqui julgará V. Ex.^{cia} em que estado fica o negocio, e os empenhos do Principe de Oranje aonde chegão, e como são diferentes do que escreve ao Cardeal Mazarini; e tãobem ficará V. Ex.^{cia} advertido para o que deve representar ao mesmo Cardeal sobre este negocio: o que eu presumo he que tudo vai a dilatar como sempre, para que passe o tempo e vão as naos para a India sem cartas, com que não cessando a hostilidade, não venham as carracas outro anno mais, e ver se podem entretanto ganhar mais terra em Ceylão com a guerra; queira Deus que me engane. Ao Principe de Oranje he costume aqui conferir com elle o que se propoem aos Estados despois da audiencia passada, assi como o Cardeal diria a V. Ex.^{cia}, porem saiba V. Ex.^{cia} que ha mais de hum mes que me nega licença de o ver com achaque da gota, e por esse respeito o não tenho feito sobre estas ultimas instancias, se já o não fas de corrido, como alguma ves disse que se envergonhava de falar aos embaxadores de Portugal, porque não tinha que lhes responder à sua muita justiça. Com Monsieur de Estrada se communica o que vai passando, e a V. Ex.^{cia} hirei sempre dando conta para que os negocios cheguem ao fim que dezejamos.

Tornou o Prezidente da junta a dizer ao Secretario da embaxada que conviria escolher arbitro, que he o que dezejamos; pairesse-me que para este caso devem elles nomear e nós tambem, e será necessario ter poderes de S. Magestade bastantes para a nomeação dos arbitros de que lhe avizo, e V. Ex.^{cia} o faça tambem para que venham mais brevemente por essa via para se tratar da causa principal com a plenipotencia que o negocio ha mister. No passado mandei a V. Ex.^{cia} a copia da memoria que dei a Monsieur de Estrada, e os meyo apontados.

Grande bem será se V. Ex.^{cia} acabar de concluir o que propos sobre a liga offensiva e defensiva, o ouvir e responder he consequencia para o demais que espero ver effeituaço pela prudencia com que V. Ex.^{cia} sabe aver-se em cousas grandes, e pela boa fortuna com que V. Ex.^{cia} tudo alcança nessa corte.

De Munster se aviza estar restituído o corpo e bagagem toda do Embaxador Rodrigo Botelho que Deus haja: as novas de Roma que V. Ex.^{cia} alcança do Cardeal Maçarini são muito para estimar, e as de Portugal não de menos gosto; a S. Magestade que Deus guarde dá Deus oportunidade para grandes emprezas; minhas advertencias serão de pouco effeito, mas não deixo de faze-las na forma que V. Ex.^{cia} fas as suas; obrar e aproveitar do tempo he o que importa.

(*Autographo*). Para hamenhã tenho audiencia do Principe de Oranje; no primeiro avisarey a V. Ex.^{cia} do que passar com elle, mas saiba que he tão olandês como os mais; muitas cortezias, muito boas palavras, mas obras nenhuma.

Biblioteca Nacional, códice 2666, fl. 87.

Sousa Coutinho a El-Rei

1645 — Março, 2

Com o avizo que V. Magestade foi servido mandar-me escrever em carta de 22 de dezembro passado, do gloriozo successo que naquelle mesmo mes tiverão as armas de V. Magestade diante dos muros de Elvas, sahi de grandes cuidados, e entrei em muito mayores alegrias, porque havia espalhado o inimigo esta nova com as falsidades que costuma em todas, avendo sse impresso em Alemanha e Barbante o contrario de tudo o que passou, e até a Roma avia chegado. Já porem como a verdade tem sempre grande forsa, facilmente se creio aqui, referido por mim, o successo, que sem embargo de que esta gente está acostumada a ouvir cada dia novas lançadas pellos castelhanos, e tendo-as sempre por falsas, não sei que tem com as nossas, que poucas vezes deixão de duvidar dellas, ou seja por pouca afeiçãõ, ou pello que lhe referem os soldadõs que de lá vem, que não he a menor razão da má vontade o que por cá espalhãõ; e por ventura que os que lá ficãõ escrevãõ o mesmo, porque quando foi a batalha de Montijo, que com tão varias fórmas a pintãrãõ muitos daquelles mesmos que se achãrãõ nella, e já que nos não puderãõ negar a vitoria, trabalhãrãõ pello menos em querer persuadir que fora igoal a perda; e logo naquelle tempo me avizãrãõ que o Coronel Til (1) escrevera aos Estados que não cressẽm senãõ o que vissem por carta sua, e se as que escreve sãõ conformes ao que tambem me affirmãõ que obra, não he merecedor da muita mercê que V. Magestade lhe fas. Os soldados hollandezes, que nestas ultimas nãõ vierãõ licenciados, affirmãõ todos por huma boca que este homem fora a cauza de se elles virem, e aqui acode a esta caza hum soldado que entre elles veio, frances por pais inda que hollandes por nascimento, que foi tenente na cavalaria e se achou tambem em Montijo, cujo nome he La Mota, que me tem por muitas vezes affirmado que muito contra sua vontade se viera, e que querendo assentar prassa, lhe dicara o Til que nenhum hollandes avia de ficar no serviço de V. Magestade que fosse seu amigo, que se viesse com os companheiros e que elle logo se veria a tras elles; a este mosso perguntou o Principe de Orange pello estado do Reyno e dando lhe boas informações, se

(1) Lambert Floris Van Til era coronel de um terço hollandês que veio a Portugal na armada de socorro organizada pelo embaixador Tristão de Mendonça Furtado e comandada por D. Francisco Manuel de Melo que chegou a Lisboa em setembro-outubro de 1641.

espantou, dizendo que era o primeiro a quem as tinha ouvido. Senhor o certo he que elles são nossos inimigos, e que do milhor ha pouco cazo que fazer, sem excetuar desta rega (*sic*) nem aos que lá se criirão entre nós; e sirva por exemplo o Consul Pedro Cornelles, a quem V. Magestade fas honra e mercê com huma carta que me escreveo que com esta mando a V. Magestade, que inda que não foi a primeira, com tudo foi a mais descomposta de todas; della colherá V. Magestade que quem a hum Embaxador seu escreve assim, que fará aos Estados, e aos outros, que o não hão de avizar a V. Magestade. Deste homem vem tambem os soldados todos blasfemando, de que os rouba por qualquer passo que dá por elles, e hum me disse que porque lhe sentira humas tres ou quatro colheres que tinha de prata, não aquietara, até não lhas apanhar. Com tudo a verdade tenha seu lugar, que eu satisfaço a obrigação do officio em dar de tudo conta a V. Magestade, cuja pessoa guarde Nosso Senhor com os aumentos de vida e estado que seus vassallos desejamos e avemos mister, dando a V. Magestade outras muitas e muito aventejadas vitorias como as passadas.

Torre do Tombo, codice 1341, fl. 80, v.

Sousa Coutinho ao Conde da Vidigueira

1645 — Março, 2

Tenho dado conta a V. Ex.^{cia} no correo passado do estado em que ficarão estes requerimentos, sobre que andamos Monsenhor de Estrada e eu para ver se podemos alcançar que nos satisfação com as cartas para a Índia na forma que tantas vezes lhes esta pedida; e Monsenhor de Estrada se empenha nas diligencias com tanto estremo que não pode ser mais, porque não falta hum ponto em acodir ao Principe, Presidente e mais Estados todos os dias, instando com muitas e boas razões para que se alcance o que pedimos e nos dilirão com tempo. Todos lhe dão boas esperanças, postoque com seos contrapezos de rasões com que alguns querem fazer a causa da Companhia mais justificada, e assim himos continuando athé que nos dem contentamento, ou nos deenganem de todo. Respondi aos Estados com huma larga memoria sobre o meyo da quarta parte de terra que a Companhia quer logo possuir com caução, e em conferencia com os deputados os dezenganei de admittir tal meyo, porque nem a razão nem o direito permittia que se desse posse aos que a pretendem sem se dar sentença primeiro, nem menos se vira que o que está em posse actual admitta o contendor á mesma posse para comer fruitos antes de constar e sentenciar-se se lhe pertencem ou não; e como fora de toda a razão e da praxi commum lhe não admitti nem hei de admittir tal meyo, porque tão bem nem S. Magestade mo ordena. Continuei com lhes dizer que se o intento era querer canella daquellas terras. que canella lhe dava com o segundo meyo athé se decidir a cauza principal, e mais ca-

nella do que as mesmas terras lhes avião de render, pelo que bem se via que seu intento era fogir á composição, dilatar, e tratar somente de não cessar da hostilidade. Respondêrão varias couzas, e principalmente em tres fundavão sua opinião que os portuguezes forão os que quebrarão a tregua: que os da Companhia erão possuidores daquellas terras, e que era necessario árbitro para nos compôr, a que se satisfez que os da Companhia quebrarão a tregua e não os portuguezes, porque nem a quizerão publicar em Ceylão, e com armadas de mar e terra tinhão per duas vezes commetido aquella Ilha depois da tregua publicada na India e nos tomárão Negumbo por armas; que se o fazer guerra offensiva era ser reo e o defender cada hum o seu era ser autor e quebrantador da tregua, que o julgassem elles: e quanto a ser possuidores como dizião, que bem se vira ser huma mera invenção, porque se estavam de posse, que era o que nos pedião, e de que servião contendas e questõis, que com isso, se assim era, estava a cauza acabada: e que se disiam que quando tomárão Galle, tomárão então algumas terras adjacentes, que assim como as tomárão as perderão, porque os portuguezes as recuperaram outra vez e estavam senhores dellas ao tempo que chegou a publicação da Tregua; e que no particular dos árbitros era o mesmo que eu lhes pedia ha hum anno e com instançia ha sete mezes, a que nunca me differirão, antes os engeitárão sempre e não admitirão, e que agora vir com esta proposta em 3 de março estando as naos para partir, bem dava a entender que era huma cavilação para que, emquanto se tratasse do ajustamento tempo e lugar, se fossem as náos sem cartas e ficassemos como de antes com o requerimento infructifero, e elles sem darem comprimento ao que tantas vezes prometêrão a S. Magestade; para o que lhes fiz ler os capitulos da tregua que pertencem á Companhia Oriental e o da ultima rezolução que tomárão com o embaxador Francisco de Andrada Leitão, que he o que mandei a V. Ex.^{cia}, que árbitros queria e pedia, e que elles avião de nomear primeiro hum, e nós outro para decidir a causa, e que quando não acordassem elles entre sy *ex officio* avião de eleger terceiro para decidir a causa principal. Não faltárão obstas e pareceres de parte a parte, athé que por ultima resolução lhes offereci mais cem quintais de canella, para que vissem que não faltava cousa alguma da parte de S. Magestade para seguir-se o effeito como esperavamos nestes negocios: prometêrão fazer reporte aos Estados, tomárão em memoria o que lhes disse e não fazem se não dizer que dezejão isto composto. A Companhia Oriental está sem tempo, porque nem *pro interim* lho querem prorogar, como fizerão em todo este anno de 44 per recursos; ha grande inquietação sobre isto, e sei que muitas e largas ofertas para que lha proroguem de novo, que *tandem tandem* ha de vir a ser. Esta he a occasião em que os Estados prometêrão dar contentamento e satisfação; ou veremos bom fim ao negocio, ou dezengano de sua malicia; ponha-lhe Deos a virtude.

Esta tarde se avistou o Secretario Feliciano Dourado com Monseur de Estrada, o qual lhe disse que falára esta menhã com o Principe de Oranje e outros Estados, e lhe derão boas esperanças de que me darião satisfação

com as cartas para a India. Elle os persegue com lhes dizer que são causa de que el Rey nosso senhor não dê este anno armada naval ao seo Rey, a qual pede para contra Catalunha, e que S. Magestade se escusa com diser e representar o que elles aqui fazem, pelo que para que eu lhe dê carta porque conste que está este negocio acabado e composto, para mandar a seo Rey, convem dar-me contentamento e fica satisfazendo ao que veyo, e com esta mesma carta pode o Christianissimo obrigar a S. Magestade a que lhe dê a armada pois que os negocios daqui estão compostos: este pretexto foi inventiva que me sobreveyo e adverti a Monsieur de Estrada, e com elle os aperta em forma; queira Deos que nos aproveite e que acabemos já per hua huma vez.

A nova que V. Ex.^{cia} me dá do que Niculao Monteiro passou em Roma he muito para estimar: será Deos servido que as couzas tomem huma conclusão alegre.

(*Autographo*). V. Ex.^{cia} por me fazer mercê faça dizer ao Cardeal Marzarini o bem que faz o Estrada, porque elle dezeja que se lhe diga e nós com a verdade fazemos nosso negocio, pois com ella damos grassas a hum e obrigamos a outro, se bem V. Ex.^{cia} hê sim a quem se devem todos.

Bibliotheca Nacional, códice 2666, fol. 123.

Sousa Coutinho ao Conde da Vidigueira

1645 — Março, 13

Tenho concluido este negocio da cessação da hostilidade na India e veyo a ter conclusão com a extincção dos privilegios da Companhia Oriental, que foi o mesmo que os Estados sempre promettêrão. Sesta feira passada em conferencia com os deputados se tratou da ultima rezolução, e concluimos que mandarião cessar a hostilidade na India, e observar a tregua pontualmente, e que por nenhum cazo, contenda ou duvida assi vellia como nova fosse parte para que deixasse de ter seu comprido effeito, porque os da India não podião interpretar as capitulações, somente executar sua forma como lhes he mandado pelos supremos; e que offerecendo-se contudo alguma difficuldade ou duvida, não deixassem de observar a tregua e continuar na paz; e mandarião remetter as duvidas e pontos dellas cá á Europa para se decidir o que fosse razão e justiça. A segunda que a canella se lhes daria boa e de receber em Ceylão, entregue pelos portuguezes em Galle, até se decidir a causa principal; não pude vencer neste meyo que elegêrão, que fosse a canella recibida em Goa, porque nunca quizerão vir nisso, porem não pairesse muito de sentir ser em Ceylão e em Galle, porque a duvida que nisso avia era a respeito do pezo, mas tudo entrará em conta. A terceira que os do forte de Galle não terião nem possuhirião mais terra que aquella que que possuhião ao tempo que ally chegou a publicação da tregua, porque

essa lhe não podemos nós tirar athé á decisão da causa principal: e ultimamente que todas as prezas feitas assi na terra como no mar despois da publicação da tregua se restituão infalivelmente de parte a parte. Nisto se encerra este primeiro recurso: pedirão-me para a conclusão delle procuração, e como eu a não tenho para estes particulares; recorri á carta credencial; não a admittem por poderes bastantes; disselhes que tinha huma procuração geral e succinta que não especificava casos particulares; pedem que a deixe ver, e dizem que sendo bastante, se concluirá logo o tratado, e que não o sendo, mandarão comtudo as cartas á India para cessar a guerra, taxando-me tempo para esperar a justificação de S. Magestade, assi que sempre me segurão que a tregua terá seu comperido effeito. Dias ha que temia o pedir-me os poderes, e essa foi a cauza porque avizei a V. Ex.^{cia} que escrevendo a V. Magestade os procurasse para mos inviar, porque poderião vir mais depressa por essa via, para a nomeação dos árbitros, porque o mesmo avizo daqui a S. Magestade. Amenhã se ha de determinar se he bastante ou não o poder que lhes mostro; quererá Deos que tudo tome boa rezolução. Destes negocios se alcança que para tratar dos do Occidente me não hão de differir senão aos da extincção dos privilegios da outra Companhia, e como ella está tão acabada, poderá ser que convenhamos mais facilmente. Confesso a V. Ex.^{cia} que he este negocio da cessação das hostilidades na India mayor do que se pode imaginar, e que temi muito conceder-se-me tão barato, porque a consequencia que disto nos rezulta para interesses e a perda para esta gente he tão certa como o tempo mostrará; se em Portugal o soberem avaliar, sentiremos menos o trabalho que custou e o que ainda resta.

Monsieur de Estrada tem feito sua obrigação com grande diligencia e prontidão, não faltando dia em que não solicite por sua parte esta concordata, e em tudo seguio sempre o que lhe adverti para mais facilitar a conclusão. Os Estados lhe vendem muito caro este negocio, encaressendo quanto fazem que he per dar contentamento a França; e a nós dizem que por chegar o tempo em que podião expedir o que dezejavão e tantas vezes prometterão, o fizeram logo tanto que podérão, mostrando seu bom animo para as couzas de S. Magestade e de seu serviço, de maneira que jogão a duas mãos, mas debaixo disto disserão a Monsieur de Estrada que S. Magestade não avia de dar a armada a França tanto que se visse concordado com elles; e hum Estado declarou a certa pessoa que se S. Magestade não dava armada a França, que se perderia Catalunha, com que pairesse que já fazem algum cazo das nossas armas; queira Deos que cada vez sejam mais temidas e estimadas.

O que V. Ex.^{cia} me aviza sobre o particular que S. Magestade escreveu para se tratar com Monsieur Penin não ha para que pô-lo em pratica, porque não he necessario; ficará para outra occazião que nunca faltão empregos: este cavalleiro Estrada he muito pontual e sabe servir bem a seu Rey e com grande cuidado acodir a tudo o que se lhe encomenda.

Manuel Guedes Pereira he chegado a Amsterdam com o corpo de Rodrigo Botelho, que Deos haja; hontem recibi carta sua, e me dis que se tenho

algumas, lhas mande, porque se quer embarcar, e pairesse que não deve querer chegar a esta Corte.

De Roma avizão boas novas, e que o Christianissimo insta com diligencia por meyo de seos embaxadores para ser recebido [o] de Portugal; espero de ver a V. Ex.^{cia} muito em breve naquella Curia, onde fará os serviços a S. Magestade e ao Reyno que de V. Ex.^{cia} todos esperamos.

Se ha confiscação de pimenta em Portugal, não terão os daquí que estranhar, porque bem sabem que essa prohibição nem he innovada de agora nem do tempo castelhano, mas cousa muito antiga e que se executou sempre com todo o rigor. Para o Reyno se aprestão mais de sincoenta navios que vão buscar sal pela falta do de França.

(*Autographo*). V. Ex.^{cia} nos viva mil annos polo zelo, [e] cuydado com que se emprega nos negocios desta embaxada, que a elle despois de Deos reconheço este que tenho por milagre: V. Ex.^{cia} de Paris fica sendo o coração que dá vida a todo este corpo das embaxadas; nesta trabalhei muito com o espirito [de] V. Ex.^{cia}; com elle e com todo o corpo tudo se pôde dar por bem empregado; louvores a Deos.

Estrada quer que em toda maneira escreva ao Cardeal Mazarini e queria que fosse ouje: na posta que vem o farey; remeterey a carta a V. Ex.^{cia} que se lhe parecer, mandará, e se não, perde-sse só huma folha de papel.

Biblioteca Nacional, códice 2666, fl. 125.

Sousa Coutinho a El-Rei

1645 — Março, 16

Todos os livros antigos e modernos que tratão de embaxadas ventilão huma questão que he se convem que as encarreguem os Reys a homens pobres, e todos seguem a parte negativa e em duas razões se fundão: a primeira que está mais capaz hum pobre para ser corrompido que o que nasceo e viveo rico: a segunda que hum homem criado em miserias não se sabe nunca livrar dellas, por largos que sejam os ordenados, porque ou trata de forrar, ou costumado á pobreza, não sabe gastar. Eu Senhor tambem sigo a mesma openião, mas não pellas duas razões apontadas, porque estas suas repostas tem, alem da commua de que não ha regra tão geral que não tenha exceção, nem tão restringida que me aja de persuadir que só eu o sou. A experiencia tem mostrado em muitos exemplos que quem he rico, deseja de o ser mais, e fas por isso quanto pode, e hum pobre que não tem per onde valer, senão por seu braço, trata de acodir pontualmente á sua obrigação. Contudo tambem digo que nem a huns nem a outros he commua esta razão, porem pella misericordia de Deus, quando o fora, de ambos os achaques estou livre e de ambos he V. Magestade meu mayor abono, polla experiencia que tem de mim, porque em quanto á primeira, bem lembrado está V. Magestade

que sendo eu muito mais pobre do que agora, occazião ouve em que o Conde Duque se não atreueo a fiar de mim, e foi buscar hum irmão de Dom Francisco de Melo para o negocio que V. Magestade quis despois que eu só tratasse: para a segunda bem certo estou que para persuadir a V. Magestade a que não sei gastar avia eu mister os Demostenes, polla conta em que V. Magestade sempre me teve de perdido, pois quando servi a V. Magestade de seu veador, achou que obrava em mim hum milagre. Verdade seja que ás vezes as informações erão de serem os meos gastos dezordenados, porem esteja V. Magestade firme em que nunca o forão; minhas obrigações sempre forão grandes, e sempre acodi a ellas, e inda que nas cazas particulares convem que se gaste com ordem, nas embaxadas de ordinario ha occaziões em que he forsa gastar sem ella; mas ou seja de huma maneira ou de outra, não são estas as cauzas que me hão de fazer faltar no serviço de V. Magestade, como tambem creio que succederá a todo o homem de bem. O ponto principal perque não convem que os Embaxadores sejam pobres he o unico e principal que terem poucos criados, e ser forsa meter para a occazião em caza os que não conhece, que he hum dano irreparavel e que tenho experimentado nas embaxadas que V. Magestade foi servido encommendar-me, e particularmente nesta, donde os naturaes de terra são de qualidade que querem que seja obrigação de hum Embaxador responder á culpa de qualquer lacayo seu: ponho-o neste rigor, por me aver visto aqui huma noite em grande trabalho, pois por hum lacayo meu socorrer a hum farmengo a quem huns velhacos sobre lhe averem tomado a capa espancavão; despois de livre, começou a fazer hum motim apelidando gente, queixando-se que o meu creado fora o que lha tomára; quizerão-me arrombar a caza, mas com facilidade sem danno das partes os enxotámos. Esta historia parece que chegou a Lisboa, de donde fui advertido que mandasse cerrar as portas em anoitecendo, por obviar semelhantes inconvenientes. Senhor a caza dos Embaxadores he sagrada, e muito mais donde não ha igrejas que o sejam, e a ser entre gente urbana em nenhuma hora da noite se devia de serrar, e não he relegião tambem tão estreita que se possam nella goardar as regras capuchas; os subditos são homens e os mais delles mancebos e dos tres votos goardão só o da pobreza em seu rigor, e nos da obediencia e clausura tem suas interpretações impossiveis de remediar. Trouxe muitos criados que não conheci, senão despois de estar cá, e entre tantos achei huns inquietos, outros que me roubavão, outros que só com esse intento vinham; dos antigos, como erão poucos, ficaram a minha mulher, a quem não avia de deixar os novos, e inda que nos que troxe achei alguns que tem satisfeito honradamente a sua obrigação, hum que o não faça, se não basta para perverter os outros, basta pello menos para os meter em inquietações: hoje me parece que tenho a caza livre dos que as cauzavão, reformando-a com huns que mandei hir e com outros que entrarão em seos lugares. Os tempos tem mudado tudo, despois que em Portugal faltarão os senhores Reys; quando os avia, os homens mais nobres folgavão de dar seos filhos aos fidalgos, porque por este meio vinhão a ser conhecidos e despachados. Como faltou isto, poucas vezes servirão, senão aqueles a quem

a calasseria obrigava a não buscar outro modo de vida, e era raro o que sem estas circumstancias se achava. Eu contudo, como sempre tive poucos, pude os escolher bons, mercê particular que Deus me fes, que parece que quis tambem que pois me servirão em tempo que lhes não podia fazer bem nenhum, chegassem áquelle em que os possa aproveitar com as honras e mercês que para mim e para elles espero da grandeza de V. Magestade; porque com seus exemplos se restituirá outra ves este bom costume e porque os pobres somos os que mais necessitamos delles, me hei de atrever a pedir a V. Magestade queira acreditar com hum minha caza e meos serviços, fazendo-me mercê de hum habito de Avix ou Santiago para me autorizar com hum criado que me meresse procurar-lhe esta honra, e fio delle que a averá V. Magestade por bem empregada e sirvira o procurar-lha e alcansar lha de achar os milhores, quando para outras ou semelhantes occupaões das em que assisto me forem necessarios, particularmente quando entenderem que trato mais delles que de mim; se bem alcansão todos que tem V. Magestade tanto cuidado de me fazer mercê que escuzo eu o solicita-las, a presente terei por muito grande e muito particular.

Torre do Tombo, codice 1341, fl. 81, v.

Sousa Coutinho ao Conde da Vidigueira

1645 — Março, 20

No correo passado dei conta a V. Ex.^{cia} do que tinha concertado com os Deputados da minha junta, e do que na ultima conferencia se avia deliberado sobre as cartas para a India, e em que forma, e com que clausulas e condiões, de que estava satisfeito como este negocio pede; mas como tudo são cavilaões e estas procedidas do dinheiro que os da Companhia dão e promettem para se lhes outorgar nova licença, e esperão de consegui-la, ainda podem obrar de maneira que ou nos fação perder a monção para que se vão as naos sem as cartas, ou que vão em tal forma que tenham sempre em que empesser-nos; e foi o cazo que trazendo-me o Prezidente da junta sabado passado o tratado do contrato reduzido em artigos com as condiões que se hão de guardar para ter effeito, que são as mesmas que mandei a V. Ex.^{cia}, vinha um artigo novo que dizia que durando a cauza terião os do forte de Galle livre accesso e recesso ás terras da contenda, sem que os portuguezes lhe impedissem *directe ou indirecte*; e como este artigo está cavilozo, e da materia delle não aviamos tratado na conferencia, foi o Secretario da embaxada Feliciano Dourado a examinar o artigo com o ditto Prezidente, e depois de largas perguntas e repostas declarou que o accesso e recesso era para poderem hir os seus a Candia, a tratar com aquelle Rey, e que o devião fazer pelas terras da contenda, sem impedimento, porque nem eram nossas ainda nem suas delles, e não querendo satisfazer-se do que lhe res-

pondeu, lhe pediu hora para conferencia, a que fui esta tarde, e depois de hum prolixo porfiar, se resolvérão que avião o de Galle hir a Candea por meyo das terras da contenda, e eu me rezolvi que o não avia de consentir pelo prejuizo que disso vinha aos portuguezes, de que se passou por suas terras ás de hum Rey inimigo, como tãobem porque não estava capitulado na tregua dos des annos, cujo capitulo 7 falava e despunha claramente o que nesta matheria se conthem; que se querião, exprimissem o mesmo artigo *prout jacet*, que o assinaria, mas que de outra maneira não avia que cansar mais, que bastava hum erro que fes Tristão de Mendoça, que o segundo não tinha desculpa, alem de que não aviamos tratado em conferencia sobre tal condição, o que de vera ser para se exprimir; a que me replicárão com tantas impertinencias que finalmente lhes disse que lhes faria hum protesto pelo que na India passasse de perdas e danos por sua culpa, e que tratassemos de eleger árbitros para se decidir a causa principal; que elles, se nos achassem justiça, nos mandarião restituir não só o que está tomado, mas o que de novo se tomasse, ou julgarião a causa por elles. Preguntárão me como queria eu a clausula do artigo; disse-lhes que distintamente avião de declarar que não terião acesso e recesso pelas terras da contenda para Candia contra vontade dos portuguezes, e que sem esta declaração me não dava per satisfeito; ficarão de dar reporte aos Estados, e por aqui verá V. Ex.^{cia} como esta gente he cautelozza e a forma de seu proceder, e o que custa lidar com ella: e se sabidos os meyoys que lhes offereci empatámos em couzas delles, que seria se lhes propozesse hum por hum; bem creo que para chegar a eleger hum, se passarião dous annos, porque se juntos dilatárão sete mezes, separados fazem cada hum a mesma conta; e a cauza he porque do que passam em conferencia fazem reporte aos Estados, que logo mandão dar vista ás Companhiaes e lhes escrevem a Amsterdam que respondão. Elles o fazem quando lhe parese, e com sua reposta mandão os Estados aos commissarios que a vejão e mo façam a saber para se me dar copia, e nestas arengas, que se não podem impedir, se passa o tempo sem fruto algum; e por este respeito propus os meyoys juntamente para que examinados se lançasse mão de hum: alem disto tinhão já noticia destes meyoys. excepto o da canella, porque na India se propuzérão aos commissarios que forão primeira e segunda vez a Goa, e como isto era delles tão sabido, não tinha que lhe regatear, somente procurar de ganhar tempo, que era o intentó do negocio; e per entender que acertava por este caminho o fis, porque lidar com quarenta homens não he solicitar hum só ministro, principalmente quando estes são de varias Provincias, que para se reduzirem a huma opinião he necessario gastar tempo, e apurar paciencia, alem de que não tive ordens de S. Magestade expressas para a formalidade de apresentar os meyoys, que foi servido mandarmos sem clausula, e quando as tivera, por serem *stricti juris*, me não atrevéra a desviarme do que S. Magestade fosse servido ordenar-me nellas; assi que pode V. Ex.^{cia}, não ás ordens de S. Magestade mas a mym somente pôr culpa, se acha que foi desacerto offerecer os tres meyoys juntos, depois de outros tres engeitados, a que os da Companhia differirão com dous sobre as terras, e vendo que

eu não vinha nelles, lançarão mão da canella, com tantas circumstancias como ainda vou experimentando e sintindo, mas nem todos podem acertar tudo quanto dezeção.

Deliberado estou a não aceitar o artigo, se o não emendarem na forma que apontei, porque os inconvenientes que do contrario se estão vendo são taes e peores que os que procedêrão do tratado de Tristão de Mendocça, e se forem tão contumazes que me neguem o que tratarão comigo, deenganar-me-hei de todo, e trataremos sobre a eleição ou nomeação dos árbitros: precipitar segunda vez não tem desculpa, e assim fico com este presuposto e a S. Magestade dou conta muy por entenso (*sic*) de todos os particulares.

Para tratar da forma dos poderes para a nomeação dos árbitros, espero primeiro a resolução deste incidente, se he a gosto ou exclusiva.

A memoria que V. Ex.^{cia} mandou ao Conde de Briana (1) está tão estremada como tudo o que V. Ex.^{cia} fas me pairesse sempre; se he necessario instar huma e mil vezes, julgue V. Ex.^{cia} pelo que nos fazem.

Chegou nova que os suecos desbaratarão ao Imperador entre Praga e Tabor (2) e que matarão 10.000, prendêrão o general Hasfelt (3), Gótz (4) morto e João de Wert (5) não apparezia; o Imperador retirado a Passau com dous regimentos, toda a artilharia e bagagem perdida, e affirmão que estará Dorstenson (6) hoje dentro em Praga.

De Portugal são chegados dous navios, dizem vem 24, ainda não tenho cartas.

(*Autographo*). Em todo deste incidente, sou de parecer que V. Ex.^{cia} não forme ahy queyxa até vermos o que resulta da conferencia douje.

Biblioteca Nacional, codice 2666, fl. 127.

Sousa Coutinho ao Conde da Vidigueira

1645 — Março, 27

Despois de largas e profiadas instancias, se tirou o artigo da contenda sobre que avizei a V. Ex.^{cia}, e em seu lugar pozerão huma clauzula que em cazo que na India se tivessem acordado os nossos e seus, fosse valido o contrato entre elles lá feito no que toca a Ceylão e restituções, até determinação da causa principal; e como entendi que cada dia cressião as duvidas, e que os da Companhia, pouco satisfeitos deste acordo, buscavão novos embaraços para o impedir e dilatar, consenti na clausula, como porque tambem

(1) Brienne.

(2) Na batalha de Jankau em 6 de Março.

(3) Melchior Hatzfelt, general do Imperio.

(4) Conde von Gótz, general do Império.

(5) Johann von Werth.

(6) Torstensson.

me parese que he cousa fantastica (1), porque os nossos estavam muito bem advertidos que largando terras em Ceylão he a sua perdição, e assi não temo que o hajão feito, e alem de tudo isto, o tempo que está já tão entrado pedia que se rezolvesse o negocio, comque entendo que não he pequeno o serviço que está feito a S. Magestade e ao Reino em geral. A esta hora venho que são nove da noite de assinar o tratado (2) da conferencia dos deputados, e tão bem o assinarão e com o favor de Deus fica já em meu poder. Como ouver mais vagar, mandarei a copia a V. Ex.^{cia} para que veja a formalidade do contrato, em que estamos de grande partido, se a affeição da cauza me não cega, ou os mercadores que são bons olheiros me não enganão, mas o interesse que resulta ao Reyno e seos moradores mostra bem que qualquer cousa bastava para melhorar o que tanto atrazado estava, mas tudo são obras de Deus a cuja conta está o bem de Portugal. Monsieur de Estrada tem trabalhado e feito quanto se podia esperar de sua commissão, porque sempre o achei prompto para toda a hora nos requerimentos e lembranças com que apertava os Estados e Principe de continuo: se os de Munster mostrárão o mesmo affecto, nem os nossos embaxadores se queixárão, nem chegamos todos a mostrar desconfiança naquella parte, mas as couzas grandes não se acabão com hum só lanço, e algum averá bom para o intento que sirva de melhorar e dezenganar.

A V. Ex.^{cia} devo a mayor parte deste vencimento pelo muito que nelle lidou e trabalhou com a assistencia dos favores de França; assi o avizo a S. Magestade e espero que V. Ex.^{cia} tenha outros de tão grande consideração que tenhamos sempre que dever ao zelo e prudencia com que V. Ex.^{cia} procura aventajar o serviço de S. Magestade e o bem do Reyno.

A elleição que S. Magestade fes no Doutor Antonio Monis de Carvalho he tão acertada como sua; creio que não poderá achar-se sogeito mais capaz pelo que tem de experiencia nos negocios como pelo conhecimento que teve com os suecos com quem ha de tratar; eu lhe escrevo particularmente e nesta não posso ser mais largo.

(Autographo). Desculpados temos os nossos embaxadores de Munster com o que passa entre os de França; aqui esteve Manoel Guedes e he lastima bem grande que se não jogam bofetadas, oponhão ás espadas no que votão pro que mandárão hum delles o dr. Nobrega e que ficará em Munster o Doutor Antonio Monis, mas pobre delle com qualquer delles que lhe coubera em sorte.

Não acabo de crer que está acabado este negocio da India: milagres são de V. Ex.^{cia} obrados aqui por Monsieur de Estrada e pello Secretario desta embaxada, que igoalmente trabalhárão nelle, com grande cuydado e acerto.

Biblioteca Nacional, códice 2666, fl. 129.

(1) Sousa Coutinho enganou-se como se verá mais adiante.

(2) Vem transcrito por Borges de Castro na *Collecção dos Tratados... celebrados entre a coroa de Portugal e as mais potencias*, tomo 1, pág. 118, Lisboa, 1856.

Sousa Coutinho a El-Rei

1645 — Março, 30

Porque me não faltasse tribulação nenhuma em meyo das em que estava com as trapaças da Companhia Oriental e dilações dos Estados, veyo hum destes dias ter comigo Dom Luis de Portugal com huma resolução tomada de se ir lançar aos pés de V. Magestade, e tão posto nisso que quazi vinha mais a despedir-se de mini que a tomar parecer comigo. Tratei de o reduzir com todas as razões que me parecerão mais forçosas, assi pella parte de V. Magestade como pella sua delle, mesmo mostrando-lhe que a hum homem de tal sangue não convinha huma mudança tão desordenada, como era a de se hir a hum Reyno sem ter aprazimento do senhor delle, que pelo mesmo cazo que este andando a tempo lhe não podia faltar, convinha esperar melhor disposição das couzas: que considerace bem o estado do Reyno no tempo presente para disculpar, não o discuido dos menistros de V. Magestade, senão por ventura a impossibilidade; que a mim me faltavão ainda cartas de V. Magestade, e que não era possível que ou nellas ou nas que se perdêrão em Dunquerque me não viesse reposta sobre seus particulares. A estas ajuntei outras muitas razões, mas como vinha resolute, nenhuma dellas bastava, até que ultimamente lhe disse que pois não reparava no desgosto que podia dar a V. Magestade com semelhante resolução, nem aos riscos em que se punha, considerasse o mal que a mim me poderia fazer, pois não era possível que V. Magestade deixasse de crer que eu tivera parte na sua jornada, com as continuas e apertadas instancias que sobre seus particulares tenho feito a V. Magestade, assim as que elle sabe como outras que lhe não comuniquei; e que vendo-o agora V. Magestade atras dellas todas aparecer em Portugal, não só se poderia persuadir que fora com minha sabedoria, se não ainda com meu conselho, e certo senhor que nesta occasião acabei de conhecer o coração deste fidalgo, pois bastou para o reduzir mostrar-lhe que poderia ser em prejuizo meu a sua jornada, não avendo deantes reparado no seu, e emfim de largos discursos viemos a convir em que tornasse o mesmo religioso que lá esteve, e assim o manda. As necessidades em que fica, e as que sua mulher padece em Roma são tantas como V. Magestade poderá aver visto da carta do Brandão que tenho remetido, como pellas que sobre o mesmo tenho escrito. Os 6000 cruzados que V. Magestade me mandou escrever ha mais de hum anno se lhe remetião, ainda não chegarão, e aos quatro delles estou eu obrigado a credores seus, tomando por minhas as dividas, e se tardarem, averei de pagar, porque sendo a principal de hum conto de reis a Lopo Ramires, como tem na sua mão os meus ordenados, sem demanda se satisfará. V. Magestade mandará ordenar o que mais seu serviço fôr, que he só o que pretendo, porque o que alcanço por mayor conveniencia de V. Magestade e de Dom Luis tenho ditto em outra.

Sousa Coutinho a El-Rei

1645 — Março, 30

Logo que V. Magestade foi servido de mandar prender a meu sobrinho Dom Manoel, fui avizado e instado para que presentasse por elle meus rogos a V. Magestade, e se bem quizerão persuadir-me que as razões da prisão não têm toda a probabilidade, como foi feita por ordem de V. Magestade, entendi que lhe sobejava justificação. Não me atrevi nos principios a falar a V. Magestade nesta materia, assim pela verdura della, como porque por ministro de V. Magestade devo respeitar mais a sua justiça que a meu proprio sangue. porem apertão-me senhor as lagrimas da mulher, as lastimas da mãy, o dezemparo dos filhos, o sentimento dos irmãos e por dizer tambem tudo, minha afeição; porque he filho de hum unico irmão que conheci, mais irmão pela amisade que pela estreiteza do parentesco: com todas estas razões me prostro aos Reaes pés de V. Magestade, não a lhe pedir justiça, mas clemencia, porque inda que os meus parentes me não confessem o crime, a demonstração de V. Magestade mo faz confirmar. Atributos são de Deus Justiça e Misericordia, e raras vezes sendo elle só parte deixou de perdoar; os mesmos attributos deixou vinculados aos Reys: a V. Magestade peço que uze de ambos elles, do da justiça comigo, inclinando-sse a meus rogos, por que a merecem já, que não meus serviços, meus desejos; e da misericordia, considerando os poucos annos, acompanhados de menos juizo, e se o delicto se pode lavar sem sangue e purgar só com desterro, lembro a V. Magestade que não ha Ilha do Principe no mundo, Angola, ou S. Thomé, como Hollanda, adonde sendo desterro para os Embaxadores, o ficará sendo mayor para os condenados. Senhor eu não sei o que peço, nem o sobre que peço, mas confiado estou que no que ouver lugar, me fará V. Magestade a mercê que lhe mereço. Se erro no pedir, disculpe-me diante de V. Magestade a piedade de velho e o affecto de tio, e não só para me disculparem, mas para me garearem diante de V. Magestade perdão ao crime e á petição.

Torre do Tombo, código 1341, fl. 83, v.

Sousa Coutinho ao Conde da Vidigueira

1645 — Abril, 3

Viva V. Ex.^{cia} muitos annos pella mercê que me faz em dizer-lhe que lhe tem parecido bem este negocio que aqui se concluhio, porque só a V. Ex.^{cia} devo as graças destes parabens, que ha pessoas que ou julgão que he pouco o que está feito, ou cuidão que elles o fizêrão ou deixárão já determinado; e não falara nisto, se claramente o não dissera o doutor Francisco de Andrada a Luis Pereira de Castro, sendo que nunca tratou das couzas do Oriente nem

em seu tempo avia ainda novas do lá que passava; e como elle accomoda assy este favor que Deos nos aqui fez, ainda prezo mais a mercê que V. Ex.^{cia} me fas em dar-me os parabens, os quais devo eu dar a V. Ex.^{cia} muitas vezes pela grande parte que V. Ex.^{cia} teve nesta vitoria, que aqui os mercadores (que são estadistas desta fabrica) julgão por couza grande; queira Nosso Senhor que no Reyno entendão e queirão corhecêr o que he, porque com isso me darei por satisfeito, que para mym não ha gloria que chegue a ser igual como agradar-se S. Magestade do serviço e contentar-se o povo da obra; ella he toda de Deos e assim espero multiplique a mayores graos.

Ao senhor Cardeal Mazarini escrevo dando-lhe os parabens, obrigado ao que fes neste negocio, que não he só bastante ser a cauza do Rey instada ahi per V. Ex.^{cia}, que como me coube a parte dos extremos, tãobem fico devedor á sua grandeza e intervenção. V. Ex.^{cia} me fará mercê mandar-lhe a carta e per hora me perdoe V. Ex.^{cia} que não ha lugar para mais digressão de negocios, porque fico despachando hum correo para Lisboa por quem mando tres tratados a S. Magestade e duas vias de cartas dos Estados, outras duas do Principe de Oranje para acompanhar os dous tratados, que hão de hir á India logo sem ser ratificados, porque assi o tratámos e clausulámos, o terceiro he para vir ratificado por S. Magestade.

Por terra detremine mandar outras duas vias daqui, ainda que custe dinheiro a S. Magestade, porque he assim necessario, e despachado tudo, ficará lugar para satisfazer a V. Ex.^{cia}.

(Autographo). Faço saber a V. Ex.^{cia} que fica nesta caza Dom João de Menezes e trata de se ir na frota que está para partir.

Bibliotheca Nacional, códice 2666, fl. 168.

Sousa Coutinho a El-Rei (1)

Aqui correo vos nestes dias que o Papa avia confirmado os Bispos eleitos por V. Magestade; em Munster derão a mesma nova os *mediatores* da paz: todos julgárão o negocio por grande de qualquer maneira que fosse. Eu como não sei tanto como os outros, emquanto não entendi as circunstancias, fiquei indifferente, até que recebi carta do Doutor Nicolao Monteiro com que fiquei dezenganado do que passava, e certo Senhor, que mais me satisfez o não se aver feito, que o aver-se de fazer sem todas as solennidades requzitos. Parecerá paradoxo o que nesta materia hei de dizer a V. Magestade, mas por ventura, que se se considerar bem, se julgue de outra maneira.

Foi V. Magestade servido que o Clero de Portugal mandasse hum procurador a Roma a tratar da confirmação das Igrejas, porque a piedade de V. Magestade e a de seus Reynos he tanta que antepoem o espiritual a to-

(1) Esta carta tem a nota: *Esta não foi*; mas traz o parecer sôbre a questão tão debatida das provisões dos bispados e merece ser publicada.

das as conveniencias temporais; e sem embargo que este será sempre o mayor acerto, não he contudo este o cazo em que milita couza semelhante, porque tenho por muito costa arriba e contra toda a boa razão de estado que se fale em Roma nos pontos mais principais do Reino sem se aver de falar no Rey, como Sua Santidade mandou intimar a Nicolao Monteiro, e não sei como possa parecer bem que constando o Reino inteiro de tres Estados, hum dos primeiros ou o primeiro trate separadamente do que lhe toca, sem fazer menção de V. Magestade. Será que nesta forma o mesmo Rey de Castella folgára muito que se lhe mandasse hum Embaxador, ou de todos os tres Estados juntos, ou de qualquer delles em particular. Da parte do Reyno desejou El Rey de Dinamarca que eu lhe falasse, assim que nem Sua Santidade fizera muito em receber hum Embaxador, se fora mandado por todos os tres Estados, como fez pouco em ouvir ao Commissario de hum delles. Confesso senhor que o entenderei mal, mas tenho por indubitavel que será caminho do Papa não receber nunca Embaxador de V. Magestade o confirmar os Bispados; porque sendo este só o ponto que lhe pode agravar a consciencia, livre delle, folgarei de saber com que razões o hão de obrigar depois a pôr em obra.

V. Magestade não tem barbilho pera obrigar o Papa a fazer o que deve, senão o do provimento dos Bispados e beneficios do Reyno, e tenho por muito certo que estimou o meyo que se lhe escolheu para asegurar o espiritual, e não escandalizar no temporal a Castella, que he o que mais podia querer e desejar; e não sendo os Papas juizes temporais dos Reys, nem os Reys no temporal subordinado a elles, ficando acomodado o negocio das Igrejas per que lhes fica que entender a huns com os outros; V. Magestade nem ha mister confirmação nem reabilitação para os Reynos de que está senhor, e ha mister só o Papa pera a confirmação dos beneficios ecclesiasticos que lhe apresentar escrito. O ouver de fazer Sua Santidade só a instancia do Clero era encontrar a autoridade Real, e inda pouco conveniente aos mesmos que o pedem, que inda que bem se ha de deixar entender que V. Magestade não só dá o consentimento, mas que deo o modo, menos occasião que esta basta no tempo presente para os que querem fazer crer que inda entre nós não ha desavenças, tendo huma prova (que se bem fantastica) muito evidente, porem isto he o que importa menos, e porque onde ha exemplos e tão frescos como os que apontarei em cazo bem semelhante, escuzão-sse outras razões. Aquele grande Rey de França Henrique 4.^o continuou com sinco Papas o requerimento de sua absolvição, que tantos ouve desde Sixto 5.^o que o escomungou até Clemente 8.^o que o absolveo: foi Rey de tam bons punhos, como de boa cabeça, teve grandes ministros, e nem elles se corrêrão de aconselhar, nem elle de executar o que pareceo; sinco ou seis embaxadores mandou a Roma, e todos elles pessoas grandes; porem não querendo admitir o mesmo Clemente ao Duque de Niveres, mandou ultimamente ao senhor de Perron, ecclesiastico que depois foi Cardeal, a tratar a mesma materia, com huma clausula porem na *Instrução* que se dentro de trinta dias não fosse admitido, sem outra ordem se voltasse a França. Tres ou quatro capitulos desta *Instrução* mando a V. Magestade em papel

de fóra, porque não vi cousa mais semelhante que elles a occazião presente. Sirva-se V. Magestade de os mandar ver e considerar e se V. Magestade quizer ver toda a *Instrucção*, Dom João de Menezes me disse que tinha em Portugal o livro de que eu o tirei, que como os não ha, senão na lingua franceza, não serão ahi communs, e tem muito que ver e é o cazo muito parecido ao nosso em todas as circumstancias, já que não no esencial. Tinha aquele Rey guerra [com] o de Castella, as traças de que em Roma se valião seus Embaxadores forão as mesmas que hoje uzão, de vitorias fingidas, de sercos fantasticos, de perdas imaginadas pela nossa parte, e de cousas semelhantes a estas. E assim digo Senhor que convem que V. Magestade mande Embaxador a Roma, e que o caminho para se aver de receber seja o ponto dos Bispados, que he o que ha de fazer toda a força, que huma vez providos, tarde se receberá em Roma embaxador de V. Magestade, porque este exemplo durará muitos annos, se não for que ainda mudando-sse as couzas, se chamem os Papas a esta posse.

A confirmarem-se os Bispados, sem se falar em V. Magestade com os titulos que se lhe devem, nunca convem, e he certo que se nas bulas se falar em Rey de Portugal, tambem se ha de receber o seu Embaixador, e posto em Roma ou ha de ser recebido, ou desenganado, o que não receber Nicolau Monteiro. O embaxador, se não tiver audiencia publica, falle em secreta, que se lhe não negará, porque, senhor, não he ainda tempo de uzar de tudo o que o brio dita, como tambem nem de tanta sumiçãõ que se contentará V. Magestade com lhe confirmarem as igrejas. Henrique 4.^o, mandou muitos Embaxadores e a muitos Papas, e sendo que o que pretendia era só a absolviçãõ, todavia nunca quis que fosse, senão pela via que convinha á autoridade Real. Não reparou em mandar muitos, senão na fórma com que avião de ser recebidos, e nunca pretendeo que sem isso as igrejas de França se provessem, porque com o provimento dellas fez sempre as instancias aos Papas, fazendo-lhes lembrar quão danoso seria que França huma vez ellegesse Bispos sem a confirmação dos Pontífices: veja V. Magestade agóra se convirá que os Pontífices confirmem as igrejas de Portugal sem se nomear nellas a V. Magestade.

Bem entendo que V. Magestade não virá nesta fórma de provimentos, mas entendo o que já tenho dito a riba, que se se nomear a V. Magestade, tambem lhe receberão seu embaxador, e assim meu sentir he que V. Magestade o mande, limitandolhe tempo: e não he bastante razão dizer se que já foi hum, e que o não recebêrão, porque ainda que a cadeira de S. Pedro sempre he a mesma, os que se assentão nella são muito differentes, e sempre se deve esperar do successor que emmende os erros de seu antecessor, mórments quando ainda de presente não experimentamos repulsa, e será senão dar-lhe cauza de sentimento pelo menos dar-lhe de desculpa, e deve V. Magestade considerar que em 4 annos ha grande diferença nos tempos. No primeiro duvidava-sse muito da conservação do Reino: agora está muito mudada esta lingoagem, pois as armas de V. Magestade se tem já dado bastantemente a conhecer e a temer, para o que não ajuda pouco a composiçãõ feita nas materias da India, que forçosamente ha de adquirir respeito, vendo-sse que os holandezes, cuja

principal pulitica he o interesse, cedêrão delle por dar contentamento a V. Magestade; e se este anno he Deus servido de dar a V. Magestade algum grande successo a suas armas, tanto com o Papa, como com todos os Principes da Europa grangeará V. Magestade segura e perpetua reputação, e tenho para mym que o mesmo Rey de Castella ha de vir a não impedir o receber-se Embaixador de V. Magestade em Roma. Por ventura que por intercessão do Pontífice procure accomodar suas couzas com V. Magestade, o que terei por infalivel se França preciste no que promete e apregoa de não fazer pazes sem incluir nellas a Portugal, e neste cazo e antes de querer e procurar Castella fazer os partidos por sua mão, que não toma-los da alhea, que nunca lhe serão tão avantejosos; e vá-sse V. Magestade prevenindo para este cazo e a mandar-me ir de cá para que vá tratar delle, pois de justiça se me deve, e V. Magestade me tem feito mercê de mo prometer assym, e creyo que não ha de tardar muito. De tudo colho que V. Magêstade deve ser servido que o seu Embaixador vá logo a Roma, sem mais espera, e que o pretexto seja o provimento das igrejas, que V. Magestade não ha de admitir sem primeiro ser admitido: e se for necessario pôr o negocio em justiça, porque temos hum grande exemplo de que Sua Santidade se não poderá escuzar, ficando bem escuzado com Castella, e he o cazo que estando Embaixador de Portugal em Roma, foi outro de Castella mandado pelos Reys Catholicos Dom Fernando e Dona Izabel a dar obidiencia, e como o Senhor Rey de Portugal Dom Affonso 5.^o pretendia aquele Reyno pelo casamento da Excelente Senhora, duvidou-sse se se avia de receber o outro Embaixador, e declarou Sua Santidade que esta duvida avião tirado as bulas de dous Papas, Xisto e Julio 2.^o, fundadas em hum consilio de Viena que declaravão que os Papas estavam obrigados como Pays communs a receber os Embaixadores de dous Principes, inda que inimigos, e que contendessem sobre hum mêsmo Reyno. Este exemplo trás em termos hum livro que o anno de 43 imprimio em Madrid Dom Christovão de Benavente e Benavides intitulado *Advertencias a Reys, Principes e Embaixadores*, e a historia escreve Zurita no livro 19, capitulo 38. Deste mesmo cazo tenho informado já ao Doutor Nicolao Monteiro em carta de 12 de janeiro. Senhor estes exemplos são tão frescos e tão apropriados ao tempo presente que me parecem dignos de V. Magestade os mandar considerar muito bem. Fes-me V. Magestade mercê do titolo do seu conselho, e inda que vem a ser isto o mesmo que conselheiro de anel, dá-sse todavia debaixo de hum juramento dos Santos Evangelhos com que ficamos obrigados a dizer a V. Magestade tudo o que entendermos que convem a seu serviço. Sirva-me isto mesmo de desculpa se a devo ao atrevimento, por que não he cuidar que alcanço mais que os outros; antes o entendo muito pelo contrario, porem folgo de ler e leyo hoje livros cuja lingoa, como nesse Reyno não entendia, creyo tãobem que ha muitos que a não entendem: os livros dizem isto; se errão, com elles erro, e se acertão, não faço mais que adverti-lo para que V. Magestade escolha o que mais a seu real serviço convier.

Sousa Coutinho ao Conde da Vidigueira

1645 — Abril. 10

No correo passado fis avizo a V. Ex.^{cia} de como ficava aprestando os avizos para S. Magestade com o tratado que aqui celebrámos, mandando tres vias com cartas dos Estados Gerais e Principe para mayor firmeza e observação na India, o qual se deve guardar inteiramente desde sua apresentação, posto que não vá ratificado: fico aprestando duas vias mais para mandar por terra daqui, ainda que custe algum dinheiro á fazenda real, por ser necessario chegar á India com tempo, antes que os da Companhia mandem fazer algum tratado com os nossos em que fiquemos de peor partido. Amenhã detrimino pedir aos Estados Gerais que não proroguem o tempo ás Companhias (que sei se trata disso com grande instancia) e que ao menos fique sempre rezervada clauzula especial sobre as couzas de Portugal athé sua determinação final (com huma e outra Companhia: e passada a festa trataremos logo da nomeação dos árbitros, do tempo, e lugar, perque toda a dilação que ouver não he de nenhum proveito para nós, e para isto importa que S. Magestade mande poderes para que não haja alguma duvida ou detença que prejudique. Não me parece que será necessario para estes preliminarios o cabedal que ouve nos da paz geral, porque aqui só se trata de huma questão particular sobre os territorios da fortaleza de Galle em Ceilão, a qual se deve julgar por dous juizes em que as partes se louvarem e comprometterem. A nós muito convem que França seja huma dellas e muito melhor fora que França só julgara, mas os Estados não querem; e eu para disfraçar finjo que hei de nomear outro juiz em cazo que elles nomeem a França, e que quando os dous nomeados não accordem, que elles *ex officio* elegerão terceiro. O tempo descobrirá o que ha de ser e o que se ha de fazer, porque despois de nomeados para esta cauza, por ventura que os admittão tambem para resolver a questão das restituções de Angolla e S. Thomé, em que se fará proveito com satisfação, alcançando o que se pretende e concluindo os incidentes para tratar da paz geral. E quando os Estados não queirão admittir os árbitros para as restituções, fica lugar para que o Christianissimo *ex-officio* interceda, e interponha sua authoridade pedindo-lhes que consintão e venhão neste julgado para se effectuar o negocio com menos embaraço e menos altercação das partes, e tudo com o favor divino terá boa saída, porque já vencemos a mayor difficuldade, que aqui avalião por couza grande, e não falão os mercadores em outra couza. A Deos se deve tudo, que tem á sua conta as couzas do nosso Portugal e os bons successos de S. Magestade: nelle espero que os fins sejam de muito gosto e contentamento. De Portugal chegarão navios, perdêrão-se alguns; não recibi cartas de S. Magestade: ainda temo que se perdêrão, porque humas que me mandarão de Amsterdam vierão molhadas de naufragio e erão de materia remota das couzas da embaxada.

Dom João de Menezes fica com sua molher nesta caza ha oito dias; espera embarcar-se nesta frota; Deos o leve em paz, que he hum sogeito digno de grande estimação e a V. Ex.^{cia} guarde e dê muito boas paschoas.

Biblioteca Nacional, códice 2666, fl. 169.

Sousa Coutinho ao Conde da Vidigueira

1645 — Abril, 17

Partiu a frota esta semana passada com muitas embarcações para varias partes; e para Portugal vão melhor de 120 baixeis buscar sal. Mandeí hum criado meu com o tratado celebrado para mayor segurança e vão tres vias para que S. Magestade mande logo em caravelas de avizo duas, e a terccira torne com a ratificação: outra via mandei tambem ao Doutor Antonio de Souza de Macedo para a inviar nos navios da Companhia de Londres que estão para partir para Surrate; e tenho outra para mandar por terra, que espero partirá brevemente. Faço estas vias quadraplicadas para que chegue alguma antes que cheguem á Índia as naos que partirão daqui em Dezembro passado, por se acazo mandaram os da Companhia nellas alguma ordem, que não tenha effeito, que tudo se pode reear desta gente: quererá Deos que se consiga o fruto deste trabalho, e que logrem na Índia o que aqui se procurou para melhor commodidade dos negocios. Passada a festa comessarei a tratar da nomeação dos árbitros para se julgar a caúza principal dos territorios de Galle e tãobem hei de entrar em demanda com a Occidental, e pedir-lhe satisfação do incidente de Angolla e S. Thomé, para vir a concluir com algum bom accomodamento de restituição na forma que S. Magestade pretende, e nos convem: e tratar ultimamente da paz geral para remate de todos estes negocios, a que Deus nosso Senhor será servido dar hum fim como dezejamos.

Tenho avizo que em Amsterdam sabiu huma gazeta com novas que S. Magestade mandava huma armada a Angolla; posto que isto são roidos de calhe, contudo não sei que pretendem com semelhantes novas falsas; veremos no que pára e do que fôr avizarei a V. Ex.^{cia}.

De Munster se queixa Luis Pereira de Castro que os Plenipotenciarios de França não davão á execução as ordens que de seu Rey recebião, e não aviza que se accomoda com as razões que elles lhe dão, com que se vê claramente que os nossos porfião em seo requerimento e que os de França são os que não querem.

De Roma me escreve Niculao Monteiro que continua no seu negocio, mas que lhe acha novas difficuldades, de que deve dar conta a V. Ex.^{cia}. Estes negocios de Roma tem outra forma do que nos derão a entender no principio, e como correm com instrucções particulares, não se pode falar mais que per conjecturas, mas quanto a nym me pairesse que o Cardeal de Perron

tras no seu livro das embaixadas o nosso cazo muy figurado com que alli conta do de Henrique 4.^o, posto que sobre diversa pretensão, e que a mesma *Instrução* que lhe deu, e com que o mandou a Roma, he em substancia o que se devia seguir na pretensão da embaixada de S. Magestade. Bem creio eu que a curiosidade de V. Ex.^{cia} lhe não deixaria passar esta por ver. e se a V. Ex.^{cia} lhe parese que tem fundamento, não seria pouco util avizar a S. Magestade para ordenar o que fôr servido, porque julgo por prejudicial ao intento de S. Magestade o tratar Niculao Monteiro da confirmação das igrejas separadamente, que se o Papa concluir este ponto, que he o que lhe podia causar remorsos, não tratará do outro, que he admitir embaixador de S. Magestade e sempre lhe buscará escuzas por não offender a Castella. A materia he grave e representão-se mayores difficuldades do que parese: V. Ex.^{cia} como quem está empenhado nella e como quem tem as ordens do que deve fazer, saberá melhor os inconvenientes que ha para vencer, e com quantos meynos se facilitarão melhor.

(*Autographo*). Isto de Roma me parece materia muito para se reparar e não queremos ser tão soberanos que com o primeiro embaixador nos contentemos, e que queyramos que o Papa o chame, o que nunca fará.

O melhor me avia esquecido. Deve V. Ex.^{cia} de dar as profaças a Francisco de Andrada deste negocio da India, porque publica em Munster que elle o deixou feito, e não se contenta com o dizer a seus criados, e a Luis Pereira, mas passou tanto avante, que o mesmo foi dizer aos embaixadores de França. Veja V. Ex.^{cia} o que fará quem isto diz, e vende por sua huma materia em que nunca deo penada.

Biblioteca Nacional, códice 2606, fl. 170.

Sousa Coutinho ao Conde da Vidigueira

1645 — Abril, 24

Como temos em Munster V. Ex.^{cia} e eu o mesmo chronista dos dittos e feitos de Francisco de Andrada, certo he que avia V. Ex.^{cia} de ter sabido os que disse e fez sobre esta nossa negoceação da India; e não he isto o pior que ella tem, mas eu sou já tão velho, que não só me não lembrei de que V. Ex.^{cia} o devia saber, mas tãobem me esqueci de que o avia já escrito, por que se me não engano, o repety na passada; porem o que diz de novo he tão bom que inda que V. Ex.^{cia} o saiba, lho eide tornar a dizer, e he que elle não fez nunca tributario de francezes e hollandezes a El Rey nosso senhor, como eu fiz, porque alem da canella, quer forçadamente que eu promettesse dose galiões a França. E não basta aver-lhe escrito, que inda que erro muito, que todavia erros crassos que os não cometo muitas vezes, porque se dei Galiois, que tive ordem de Sua Magestade para o fazer, e que se a não tive, que os não dei; alem de que folgára de saber que conexão tem

com concertos de Hollanda condições para França, mórmente tendo Sua Magestade embaixador em Paris, e o Christianissimo outro em Lisboa, mas deixemo-lo dizer, já que atégora em Munster não faz outra cousa. Bem folgára eu, que ou tirárão hum daqueles dous companheiros, ou pelo menos o devedil-os, porque quando o serviço de Sua Magestade por esse caminho se não adiantára, não se perdéra a reputação por desavenças, porque entre nós quaisquer hão de ser mayores para o mundo, que todas as dós outros.

Ao Cardeal Masarini escrevi logo que V. Ex.^{cia} mo aprovou e na posta passada devia vir a reposta, mas como Monsieur de Strada (1), se partio dous dias antes della chegar, se veyo, tornou a Paris, e assim não será fora de proposito manda-lo V. Ex.^{cia} advirtir ao Strada, para que se entenda que eu a não recebi.

Não mando agora a V. Ex.^{cia} a copia do nosso tratado, porque importou ir a Amsterdam o secretario da Embaxada e não se pode copiar, nem mandar antes a V. Ex.^{cia}, como eu quis logo, porque ouve tanto que escrever para Portugal que levou todo o tempo, e a todos quantos sabem escrever nesta casa; procurarei que vá no primeiro. Não ha de novo cousa que dizer a V. Ex.^{cia} mais que ficar-me armandó para entrar em batalha com a Companhia Occidental, porque aqui de cada cabeça que se corta não só nassem sete, mas setenta.

(Autographo). Dom João de Menezes se irá embarcar depois de hame-nhã, se o vento, que comessa a estar bom, não lançar antes os navios em que elle ha de ir, cazo que se acontecer, nos valeremos do Principe de Oranje; eu dezejo muito em Portugal este fidalgo, que he pessoa de grande importância, e estes dias que entrou nesta caza são sós os que tive bons depois que estou em Olanda.

Biblioteca Nacional, códice 2666, fl. 176.

Sousa Coutinho ao Conde da Vidigueira

1645 — Maio, 1

Estão encaminhadas as vias para a Índia assi por mar como por terra na forma que avizei a V. Ex.^{cia}; só falta que cheguem em paz, e em breve tempo: o Doutor Antonio de Souza de Macedo achou boa occasião para inviar em hum navio da Companhia de Londres o maço que lhe mandey para o Visorey; e vai em direitura a Cochim, com que espero vá bem encaminhado. Aos Estados Gerais dei o papel em audiencia publica, e mostrárão que não lhes desagradou; prometêrão de que assim se faria como lhes pedia e que me mandarião responder por escrito. Monsieur de Estrada estará descansando nessa corte, para onde se partio com seo negocio acabado, e folgára eu muito que fora elle assistente aqui quando se tratassem os outros

(1) Estrades.

negocios, porque, alem de ser muito diligente e fazer o que seu Rey lhe manda, obra com huma particular affeição a Portugal, que vai a dizer muito em negocios de consideração; fico tratando do modo com que hei de comessar os outros e como nos avemos de conformar na eleição dos árbitros, como tãobem nos que pertencem á Companhia do Occidente; do que se assentar avizarei a V. Ex.^{cia}.

Muito estimei a carta que V. Ex.^{cia} me fez mercê mandar do socesso dos castelhanos acontecido em Roma contra o doutor Niculau Monteiro (1); está a carta muito bem escripta, e se he de autor castelhano, bastante prova para se abominar semelhante acção, porque empreza desta qualidade só em castelhanos se acha; de Roma recibi as mesmas novas que V. Ex.^{cia} me mandou com huma relação da folha secreta que ainda abomina mais o efeito; e finalmente não ha quem não tenha por barbara, e fora de toda a razão humana, esta facção, dando grandes louvores ao doutor Niculau Monteiro: e por ventura que abre Deos este caminho para que o Papa faça proceder conforme os intentos e os negocios tenham o fim mais apressado do que a dilação com que se tratão prometia. Verá o mundo todo quanta sombra faz qualquer portuguez a Castella, que em Roma com seos poderes se assombra de hum sacerdote velho, mandado pelo Estado Ecclesiastico do Reino a tratar de seos particulares: confiado estou que ha de mostrar Deos suas maravilhas para confusão dos soberbos insolentes, e para que a verdade da cauza de S. Magestade se conheça de todo quam justificada he. Não tenho por hora que avizar a V. Ex.^{cia}; do Porto chegarão dous navios; não dão couza de novo, nem eu tive cartas.

Dizem que Dinamarca e Suecia estão concertados, outros duvidão: ahi nessa côrte saberá V. Ex.^{cia} melhor o que ha, como tãobem do que se dis do Turco, que se assim he o perigo grande na Christandade: acuda Deos a tudo e a V. Ex.^{cia} guarde como pode e eu dezejo.

Biblioteca Nacional, codice 2666, fl. 210.

Sousa Coutinho ao Conde da Vidigueira

1645 — Maio, 8

Estes dias são aqui de festa e não ha nelles tratar de negocio, com que tenho que dar muy poucas novas a V. Ex.^{cia} sobre este particular.

Pella copia do Tratado Provisional sobre as couzas da India verá V. Ex.^{cia} as circumstancias das clausulas, e com se deverem todas de justiça, custou o que a V. Ex.^{cia} he notorio: quererá Deos que no tratado geral se conclua com menos dilação e mais presteza, para que fiquemos quietos nesta parte

(1) Referência ao atentado contra a vida do agente do Estado Ecclesiastico de Portugal.

logrando com descanço os frutos que se hão de colher com a paz celebrada, conquistas livres e commercios dezempedidos.

Grandemente festejo aver achado o parecer de V. Ex.^{cia} sem mo comunicar, e eu sou o que devo estimar tão bom acerto, pois vim a encontrar-me com o que podia dezejar; sobre a matheria fis hum papel ha dias para S. Magestade. Bem he verdade que me não atrevi a mandar-lho, porque não fio da minha pena discursos tão sobidos, mas aventurarei-me a manda-lo a Gaspar de Faria, Secretario das missões, para que parecendo-lhe bem as razões, as communicasse a S. Magestade: e se eu então soubera que V. Ex.^{cia} era deste voto, não duvidára faze-lo mais publico, porque o de que V. Ex.^{cia} se paga, não pôde parecer mal a outrem. A doutrina he varia, e tãobem me aproveitei da que o Cardeal de Ossat (?) aponta em semelhante, porque fala melhor que todos nestes particulares, e com muita razão diz V. Ex.^{cia} que fes o caminho a toda a negoceação e embaixada de Perron. Agora despois do caso do Doutor Niculao Monteiro fiz outro que dictou o sentimento de tão exorbitante socesso; folguei de ver hum papel que de Roma me inuiou o Doutor, que por entender o terá já mandado a V. Ex.^{cia}, lho não relato; aviza que está em grandes obrigações a monsieur de Gramóville (1) pois não só mostrou sentir o cazo, mas tãobem acodir a Sua Santidade sobre o remedio. Do que V. Ex.^{cia} ha passado sobre este particular com o Cardeal Mazarini espero avizo, e oxalá fizerão os de Munster com os nossos o que em Roma, Veneza e nessa Côrte, que he o principal, fazem, como V. Ex.^{cia} tem bem experimentado; Francisco de Andrada aviza que Monsieur de Avaux estava de caminho para essa Corte; porventura que nos não seja de peor condição esta mudança, mas se he para Roma, como aqui se disse, temo que seja lá o mesmo que em Munster.

Naos para a India Oriental estavão para partir ha dias seis em que vão tres vias que os Estados mandão do tratado e cartas; não sei se são já partidas, postoque presumo que si; e se o são, não ha outra daqui athé outubro que vem.

A Armada que estes Senhores aparelhão para o Lonte (?) está ainda para devagar, porventura que não tenha effeito; os Embaixadores que estavão em Inglaterra são chegados como forão, somente que vem aventejados de honras que El Rey lhes fez com titulos, a hum de Barão e a outro de Baronete, e *eques auratus* não serve de mais.

Biblioteca Nacional, códice 2666, fl. 211.

Sousa Coutinho ao Conde da Vidigueira

1645 — Maio, 15

De Roma tive algumas novas com a folha secreta em que se dis que Monsieur de Gramonville pedira licença a S. Santidade para sahir daquella

(1) De Gremonville, embaixador francês em Roma de Janeiro a Julho de 1645.

corte, e que o S. Padre lhe dissera que escrevesse primeiro alguns particulares de que o informou a S. Magestade Christianissimo e que juntamente podia avizar que fosse o embaixador de Portugal, porque estava rezoluto a recebe-llo e admitti-llo: se isto he assim (que para se-lo não faltão probabilidades que o dem a entender), me parece que V. Ex.^{cia} pode aprestar-se para a jornada, com que ficarão todos os negocios concluidos; e não deixarão de aproveitar estas diligencias em Munster para o intento de serem admittidos os nossos embaixadores na forma que deve ser. Ponha Deos em tudo sua graça para que nos sejam menos difficultozas as couzas quando mais aparecem, que como os juizos seus são occultos, assi não podemos alcançar nem descobrir os caminhos que offerece para o melhoramento das pretenções; grandes esperanças tenho de que brevemente avemos de ver com esta concluzão huma felicidade dezejada em o nosso Portugal. Aqui se publica que Monsieur de Avaux está de partida para essa côrte, e tãobem dizem que o de Longaville não será por cá tão depressa. Afirmão que os bavares desfizerão de todo ao Marquez de la Tour; não sei se cauzará isto alguma novidade. O Principe de Oranje está de caminho para a campanha; o filho he já partido com a cavalleria a tomar posto; tudo he prevenção para grande facção; mas tãobem se dis que em Flandes ha grande poder para resistir.

A nova que V. Ex.^{cia} me manda do que se aviza de Lisboa que aconteceu no Brazil, se he somente que o gentio se levantou contra os hollandezes bom he, posto que nenhum danno podem fazer ás fortalezas; aos moradores sy, que lhes faltarão com o trabalho; mas se a circumstancia de serem entrados portuguezes na campanha de Pernambuco he certa, e não ha alguma cauza muito justificada para isso, temo que nos sirva de lançar a perder toda nossa negoceação, assi a que está feita, como a que se espera; e não podia vir peor nova de presente que esta. Fico com cuidado athé saber a certeza de que S. Magestade deve avizar nos primeiros, e conforme a isso se disporão as couzas; entretanto vou continuando com meu negocio e com os intentos que tenho avizado a V. Ex.^{cia}, de que ainda não ha resposta em forma; do que alcançar farei avizo logo.

Biblioteca Nacional, códice 2666, fol. 212.

Sousa Coutinho ao Conde da Vidigueira

1645 — Maio, 22

Fico com novos Commissarios nomeados para tratar em conferencia da forma que se ha de tomar na nomeação dos árbitros e juntamente para continuar com as couzas da Companhia Occidental, que atégora não ouve mais que preparatorias para entrar nesta segunda batalha: ajude-nos Deus para ficarmos com descanço e segurança de seguir grande interesse aos negocios de Portugal e suas conquistas com o commercio livre por todas as partes:

âmenhãa espero que haja junta para propor as razões desta pretensão ; do que resultar avizarei a V. Ex.^{cia}.

De Munster avizão os companheiros que já estão admittidos pelos Ministros dessa coroa á correspondencia que se lhes devia, e Francisco de Andrada não acaoa de exagerar as exigencias que lhe derão e apparatus com que foi recebido dos embaxadores Avaux e Servient nas vizitas que lhes fez, de que deve informar largo a V. Ex.^{cia}, e porventura seria essa a cauza de faltar com carta em tanto tempo como V. Ex.^{cia} dis para ter que dizer com sua costumada energia: o certo he que a V. Ex.^{cia} se deve tudo pelas continuas instancias com que assiste a todos os negocios, e não será de menos consideração o que se espera obrar ainda por meynos de V. Ex.^{cia} para mayor augmento de todos.

De Roma veio o que V. Ex.^{cia} me aviza, e considero que convem para aquella corte huma grande rezolução, e huma grande pessoa para ella, e quanto ally se dilatar a assistencia de V. Ex.^{cia}, averá sempre dilações e esperanças em flor; na folha secreta se dis que rezolvêrão os Cardeais da junta que nomeasse o clero os prelados e que Sua Santidade proveria e confirmaria, que he o que não convem, mas lá virá hum dia em que tãobem ally se nos dê contentamento, que será como V. Ex.^{cia} chegue áquella Curia.

Esse papel fis em castelhano por ser lingua mais universal em Italia: fi-lo quando vierão as primeiras novas do caso do dito Monteiro. Se parecer que leva alguma cousa de acerto, dever-se-á ao apaixonado zelo com que sentimos injustiças manifestas que se fazem onde a justiça devia andar em seu ponto; e senão fôr para apparecer, como vai sem nome de autor, não faltará quem desculpe a tenção; com o voto de V. Ex.^{cia} e do doutor Antonio Monis poderão sair mais ouzados a publico, que quem se queixa justamente sempre aça piedade.

De Portugal não ha novas: esperão-se cada dia; queira Deos que venhão quais as dezejamos. O Principe de Oranje vai esta semana para a campanha, com que não deve tardar muito Monsieur de Orlens (1) para o seu posto, que o soccesso da armada de Alemanha pede mayor pressa e mais forsa.

(*Autographo*). Dezejo muito ver já juizes nomeados, e inda que o presposto foi só para o tocante a Gale, vou dispondo os animos dos que podem para que fiquem conhecendo de todas as differenças e cuido que o poderei vencer: em 2.^o lugar se ha de nomear o lugar em que se ha de julgar a cauza, que os mesmos Estados oppuzerão, e parece-me que em Munster cabia bem ou nessa Corte, mas nisto duvido que venhão, mas tudo o que não fôr ser nesta he o que mais me convem, porque he o caminho de me ir brevemente para minha caza; diga-me V. Ex.^{cia} se lhe parece que vou bem encaminhado.

Biblioteca Nacional, códice 2666, fl. 213.

(1) Gaston, Duque de Orleans, filho do rei Henrique IV de França.

Sousa Coutinho ao Conde da Vidigueira

1645 — Maio, 29

Quarta feira passada tive conferencia com os deputados da minha junta, em que propus a nomeação dos árbitros para julgar-se a causa dos territorios de Galle em Ceilam: e que para tratarmos da paz geral sem embaraço algum, deviamos primeiro compôr todas nossas duvidas e contendas, para que com isso não ouvesse lugar de queixa nem de dilações; e assim lhes pedia mandassem obrigar á Companhia Occidental que pagasse o dinheiro que tomou e toda a preza com perdas e dannos no Bengo em Angola, quando sem cauza e depois de publicada a tregua prendêrão a Pedro Cesar enganosamente. pelos termos que elles tinhão tanto abominado, e que para isto não era necessario mais que executar-se a sentença que tinham dado na deliberação que tomárão em 1.º de junho de 644, quando respondêrão ao embaxador Francisco de Andrade Leitão: e acabada e concluida esta partida, ficava lugar para com menos impedimento tratarmos das restituções e paz perpetua. Bem sei que esta segunda parte da proposta lhes não foi agradável, porque os mais dos Estados são interessados nesta Companhia, e como ella está tão fraca de cabedal nem tem com que pagar o que deve, fica pouco para dezejar qualquer pretensão deste toque: mas tambem, alem de ser justiça e nos convir comessar por aqui, fica hum meyo muy á mão para podermos entrar em composição e transacção: e por ventura que chegue a mais do que se pode esperar, porque esta Companhia está para expirar neste mes que vem, e aeabado o tempo e privilegios poderá ser que queirão conserto que nos esteja bem e a elles não esteja mal. O tempo mostrará o como se ha de continuar, que de hora a hora são varios os accordos e differentes os caminhos desta negoceação. Prometêrão os deputados de fazer reporte aos Estados e considerar o que lhes propus para me responderem, mas como nesta somana ouve occupações com a saída do Principe para a campanha, não se tratou de outra couza; em tendo reposta avizarei a V. Ex.^{cia}.

De Munster avizão os companheiros do tratamento, mas achão novas difficuldades para os salvos conduttos; parece que quer França dar taxadamente estes favores a Portugal. V. Ex.^{cia} com sua assistencia lhes procurará bom despacho, e com a chegada de Monsieur de Avaux, que sem falta dizem parte para essa corte, poderá ser que se conceda mais facilmente esta pertença, pelo que tem de desunidos elle e Servient os paresseres; pouco e pouco hirão as couzas á sua altura e não tenho menos confiança para as de Roma, postoque agora estão de vento contrario, que para as couzas de Portugal tem a mão divina rezervado horas e tempo particular. De novo não ha aqui couza de consideração. Traga-nos Deos boas novas do Reyno e a V. Ex.^{cia} guarde como pode e eu dezejo.

(Autógrapho). Também pedy que os que nomêassemos por juizes o ficassem

desde logo sendo por qualquer outra desavença que pudese entrevir, tanto com huma Companhia como com outra; o que se posso alcansar, averey que pode S. Magestade fazer-me mercê de querer que vá para minha caza.

Biblioteca Nacional, códice 2666, fl. 214.

Sousa Coutinho ao Conde da Vidigueira

1645 — Junho, 5

Respondêrão os Estados Gerais por escrito que avendo visto o reporte que os deputados fizerão sobre a propozição que lhes dei, em que pedia nomeassemos árbitros para se detriminar a cauza principal dos territorios de Galle conforme o artigo 4.^o do tratado provisional, e que juntamente mandassem dar á execução o despacho que avião dado o anno passado contra os da Occidente para se pagar o dano que fizerão no Bengo aos Portuguezes, cessassemos por hora com esta cauza, e a suspendessemos emquanto as Provincias se informão da propozição de que tinham pedido treslado. Bem vejo que vão a dilatar conforme seu estillo commum, posto que em parte não vão fora de caminho, porque para a nomeação dos árbitros he necessario o voto das Provincias, sem o qual não podem os Estados decidir ou tratar couza alguma; mas sem embargo disto hei de continuar sobre o pagamento do que se tomou no Bengo para que se execute a sentença antes de comessar a tratar nos negocios desta Companhia, ou para que nos compo-nhamos com alguma condição que seja util á nossa pretenção, porque será de mais proveito entrar a tratar da paz vencidas estas difficuldades, do que ficando para se dezembaraçarem no tratado geral. Ha novas que são che-gadas dés naos do Brasil com perto de 47 caixas de assuquere e entre ellas huma ou duas da Mina com ouro e outras drogas, que fazem com que a Companhia ande contente, mas não será bastante isto para os dezempenhar dos juros que devem, e com que estão enlodados athé o pesçoço: suas auções valem 48 e cada ves hirão para peor. Não tenho ainda novas parti-culares do que ha no Brazil ou S. Thome; do que alcançar, darei avizo a V. Ex.^{cia}.

As novas de Catalunha são boas, e grandes as de Portugal se são certas; traga-nos Deos a certeza com outras muitas como dezejamos; aqui não ha de novo cousa alguma.

Biblioteca Nacional, códice 2666, fl. 231.

Sousa Coutinho ao Conde da Vidigueira

1645 — Junho, 12

Já tis avizo a V. Ex.^{cia} do estado em que ficava com meos requerimentos e do que os Estados Gerais me respondêrão. Trato agora de que se continuem os negocios separados e que concluamos a nomeação dos árbitros para se decidir a causa de Galle; e em auto apartado tratarei dos negocios que pertencem á Companhia Occidental, contra a qual tenho novo requerimento, porque chegarão nos dés navios que lhe vierão do Brasil novas que têm posto aos portuguezes de S. Thomé debaixo de sua jurisdicção, ficando senhores absolutos de toda a Ilha, sem embargo das capitulações que celebrárão em Junho passado, com que he força tratar do remedio accusando sua maldade, e pedindo plenaria satisfação de todos os danos, e reposição das couzas ao estado em que estavam. Esta Hydra tem muitas cabeças e não ha fraqueza que a obrigue a bons partidos, se não for, ou com lhas quebrar, valendo-nos do tempo, ou com esperar que envergonhados os Estados destas solturas, os obriguem ao que he razão, mas este meyo será mais detençoso; contudo o tempo insinará qual será melhor seguir, como tãobem se convirá avocar toda a causa aos árbitros e para que lugar, que emquanto se trata dos principios, não se pode logo julgar o melhor e mais acertado: o certo he que elles não fazem mais mal porque não podem.

Não sei com que fundamento se escreve o que V. Ex.^{cia} me aviza do socedido no Brasil com os Indios e portuguezes levantados, porque nesta frota donde ha cartas de 27 de março e de abril, nada disem nem por sombras, e computado o tempo, não o ha para virem tais novas da Bahia a Portugal e dahi cá de meado abril a esta parte, e assim fico ainda com mayor confuzão. Traga-nos Deus boas novas do Reyno para sabermos tudo com certeza. As que V. Ex.^{cia} me manda são para festejar e espero de vermos hum grão socesso nesta campanha ás armas de S. Magestade, porque disso rezultará muita parte de todos os que se tratão nas cortes externas. Não he de menos festejo, o ser bem recebido o trabalho que aqui se teve no tratado que se effeitou sobre a India Oriental; per momentos se esperão navios do Reino e nelles veremos o que nos dizem, perque tãobem ha largo tempo que não tenho carta de S. Magestade.

Do doutor Niculao Monteiro tive carta em que dis que S. Santidade proverá tres bispados nos nomeados por S. Magestade, porem *motu proprio* a que elle avia replicado: grandes são as forsas que naquella corte nos contradizem, mas as da justiça são mayores e não faltará a seu tempo.

Estes Estados tem prometido de mandar embaixador a S. Magestade e para isso buscão pessoa, mas não o farão, segundo entendo de alguns, menos que estejamos de todo compostos sobre os particulares de nossas pertenções. Contudo isto que delles mesmo alcanço, não deixo de lhes fazer lembrança que convem mandar embaxadores a S. Magestade para que fique menos dilatado

o prazo de nossas demanda se não tardará em que o mandem, composto o principal. De Munster me avizão os embaxadores o mesmo que a V. Ex.^{cia}; de novo não ha outra cousa.

O Principe de Oranje mandou a Monsieur de Brederode com alguma gente a passar huma agua que vencêrão, e entrárão no pais de Was; dizem que o Principe o seguio logo, com que estão senhores de poder fazer em Flandes tudo o que quizerem e onde quizerem; veremos o que o inimigo fas e onde acode.

(*Autógrapho*). V. Ex.^{cia} me fas muita mercê na aprovação do meu papel, porem como foi só hum impulso de sentimento, ou de ociosidade, e que de proveyto não pode ser nunca, e para fazer mal, menos que isto basta, faça-me V. Ex.^{cia} mercê de mandar queimar, e as rezões saberá V. Ex.^{cia} do que escrevo ao Doutor Antonio Munis.

Muito bom principio tem dado os suecos nas suas proposições, pedindo nomeadamente a liberdade do Senhor Infante. Deus os ajude.

Biblioteca Nacional, códice 2666, fl. 232.

Sousa Coutinho a Pedro Vieira da Silva

1645 — Junho, 13 (1)

Por via de França, mandadas pelo Conde da Vidigueira, recebi tres cartas de V. Mercê e todas de huma mesma data 3 do passado. Mereço a V. Mercê fazer-me sempre as mercês dobradas e como eu não posso servir, trato de não molestar, e assim deixo passar alguns navios sem escrever a V. Mercê por lhe não tomar, sem muita necessidade, o tempo que tão necessario he a V. Mercê para suas muitas occupações; mas pois que V. Mercê dispençou com ellas, com menos escrupolo me alargarei hum pouco nesta, porque, alem de me convir, não será contra o serviço de S. Magestade mostrar eu que o tenho servido melhor do que me dizem se julgou no Conselho de Estado; e assegura-me que me não enganárão, os que mo escreverão a forma com que V. Mercê me fala em huma das suas cartas, dizendo que os negocios desta Embaixada tomárão muito bom caminho, dando-lhe principio pela paz da India, mas que como ouve tantos erros no passado, que não avia prudencia humana que pudesse remedia-los, ao menos no primeiro lance. Pera os temores com que esperava cartas de S. Magestade e de V. Mercê, esta me adoçou hum pouco os ameaços que desse Reino appareçêrão por cá em varias cartas, mas para o serviço que

(1) Confrontem-se com esta carta as do Rei ao Conde da Vidigueira, datadas de 29 de abril e 31 de maio, que publicamos no apendice. Na primeira destas D. João IV, manda ratificar o acordo feito por Sousa Coutinho com os Estados, dizendo que a nova foi muito festejada, enquanto na segunda desaprova o tratado, porque punha Ceilão em aperto e obrigava a gastos para o socorrer.

eu entendi sempre e ainda hoje entendo que fiz a S. Magestade, enquanto se não acabar de conhecer, que he o maior que no tempo presente pude fazer, não me posso dar por satisfeito, e ainda que com o primeiro avizo que tive de aver errado, escrevi logo a S. Magestade largamente sobre a materia, a paixão com que o fiz uzou mais de sentimentos que de razões, porem agora tomarei o negocio hum pouco mais de atras e não só mostrarei que para o que obrei tive ordem de S. Magestade, mas que conveyo o faze-lo assim.

Em agosto de 43 chegou aqui da China Antonio Ferreira Fialho, e sem embargo de que me não vio com a preça de se embarcar para esse Reyno, por escrito, e por hum criado com que o mandei visitar, me fez apertadissimas instancias, para que em primeiro lugar tratasse da paz da India, porque sem ella se perdia de remate aquele Estado. No anno passado estiverão nesta casa por vezes Antonio da Camara de Noronha e Diogo Dias Coimbra, vindos tambem ambos de Macao, e em nenhuma outra cousa me falarão, senão na miseria daquela cidade e da de todo o Oriente, causada de não aver tido effeito a tregoa. Trouxerão avizo da força com que se preparava o Governador de Jacatará para mandar sobre Ceilão, em seguimento do que nos chegarão depois as novas por hum correyo por terra vindo á Companhia de como nos avião tomado Nigumbo, e ainda que com perda sua grande a tivemos nós muito mayor, pois alem de perder aquella praça, perdemos tambem muitos homens, e entre elles hum irmão de Dom Felipe Mascarenhas, que perdas de gente sempre em todo o tempo forão muito para sentir quanto mais no presente, em que melhor nos será perder huma praça sem custar vidas, que ganhar huma batalha a custa dellas; chegarão depois as náos da India da Companhia que certificarão a nova, e lhes trouxerão cartas em que o seu Governador pedia sinco mil homens e oito toneis de ouro para acabar de nos lançar de Ceilão.

Com os primeiros avizos desde janeiro passado de 44 comessei a instar aos Estados por cartas para a India porque mandassem observar a tregoa e cessar de todo acto de hostilidade; forão-me entretendo muitos dias com que as darião, passárão humas naos e outras sem acabarem de me difirir mais que com boas palavras, até que declarados pelos avizos que tiverão da India dos meyoos que lá se avião proposto pelo V. Rey, me respondêrão por escrito que apontasse meyoos para aver de cessar a guerra. Pedi huma confirencia e nella me queixei asperamente de semelhante termo, e que queria dizer; ajuntei averem feito pazes com nosco e estar-nos fazendo a guerra viva, e querer que sobre isso lhe comprassemos a cessassão della, sendo elles obrigados a guarda-la, se não era que com ordem sua, no-la fazião, pois que a seus subditos em quantos privilegios lhes avião dado tinham os Estados rezervado para si tudo o que era romper guerra, ou fazer paz, e que pois a Companhia a não guardava, era manifesto sinal de que o fazião, mandando-o elles, ou pelo menos consentindo-o. Respondêrão primeiramente que assim era que seus subditos não podião fazer guerra a ninguem, senão fosse defendendo suas jurisdicções; em ordem ao que nós eramos os que lha faziamos e que elles estavam só

sobre a defensiva, porque Galle era Reyno e nós lhe occupavamos o que era seu; e não só por esta via lhe fazíamos a guerra, senão ainda eramos os que não guardavamos as tregoas, indo contra o 3.º artigo dellas, não querendo admitir a El Rey de Candia no tratado como se assentára neste; e que da mesma maneira quebráramos o 6.º pois lhe impedíamos com o mesmo Rey a liberdade de commerciar e contratar, a que nos obrigáramos a hum e outro sem exceção de pessoas, a tudo se lhe respondeo bastantemente, se bem he verdade, que mal se pôde explicar o 3.º artigo como na India se fez, porque a meu ver não admite explicação. Nada bastou porem, porque na guerra quem está de melhor partido, sempre tem por si a justiça, e quereremos obrigar por ella a huma republica cujo principio foi huma rebelião, cujo augmento roubos, e cujo estado se conserva com os interesses da mercancia, he pedir impossiveis, e querer que nos julguem por homens que não conhecemos os tempos, pois não consideramos que hum Rey Catholico como o de Castella ajudava aos herejes da Rochela, e que hum Rey Christianissimo faz guerra ao Imperio, e intrudusio e assiste nelle as armas de Suecia, como faz a estas Provincias, e fez ainda no tempo que mais amigo estava com o de Castella: e se preguntarmos a qualquer delles porque vão tanto contra a justiça, he muito certo que zombarão de nós, porque adonde entra a razão de estado, o primeiro que lança fora he a razão e a justiça; e que mayor exemplo queremos que o de portas a dentro de Felipe 2.º com a senhora Dona Catherina, e se isto passa entre os Reys Catholicos que se pôde esperar dos que negarão a verdadeira fé primeiro a Deus, e segundo a seu Rey. A razão de estado destas Provincias he a mercancia e o interesse; se com este mesmo as não obrigarmos para razões, nunca faltão razões, ainda que faltem para a razão, a cuja vista e com cuja consideração, tenha V. Mercê por milagroso o negocio que aqui fizemos, e será tentar a Deus não se julgar por obra sua.

Esta gente está muito poderosa. Os Estados tem suas 80 naos de guerra, a Companhia Oriental 70, com as que trazem naquelles mares, com as que vão e vem, a Occidental, com estar com a candea na mão inda tem boa quantidade dellas, e enfim ha nos portos destes Estados, entre grandes e piquenos, 140 embarcações de gavia, e ha mercador que só por si pôde lançar ao mar huma armada muito poderosa. Julgue V. Mercê se com estas forças, e com estarem persuadidos que a India se não podia sustentar dous annos, se se fez alguma cousa, que era não só lingoajem sua delles, mas tambem do Principe de Orange, e os avizos do Vice Rey e do Veador da fazenda não disdizião muito della, com que huns e outros tem para si que fizerão a S. Magestade hum sinaladissimo serviço no cederem a tantos interesses: e chegados ao rezolverem assim como mercadores. não quizerão perder todos, e quizerão satisfação por entretanto, ou dos interesses que pretendião aver de El Rey de Candia, ou de parte dos frutos que pretendem do territorio de Galle. Tinhaõ em sua mão os papeis de todos os meyoys que na India propoz o Vice Rey, e sem embargo de que erão, até que em Europa se tomasse assento na paz geral, ou por sentença se julgasse, achão

que a mesma razão corre hoje dentro em Europa, suposto que a causa não está finda e se ha de esperar a sentença della: virão que na India não se admitio pelos seus nenhum dos meyo apontados, pareceo-lhes que lá o entenderão milhor e assi pedirão outros, avendo-nos bem dezenganado que sem elles não avia que tratar. Chegámos então ao da canella; escrevem-me que duas culpas são as que se me arguem (eu cuidava que merecia muitas graças e ainda agora as espero, crendo que se averá entendido milhor o negocio): he a primeira que com este acordo ficão com péé em Ceilão por consentimento nosso, e que era milhor ficarmos como dantes; quanto a este segundo o remedio sempre está na mão, que o romper huma guerra he cousa muito facil, assi o fora o continua-la; e ao primeiro, quanto mayor consentimento fora o nosso, se ouverão aceitado em Goa a propozição de dez legoas e meya em Galle, com a infamia de averem de ser os hollandezes olheiros e fiscaís sobre os ministros de S. Magestade, correndo as suas terras, vendo a tomo, para que os nossos lhe não sonegassem alguma cousa das rendas, que ainda que era somente por deposito, as circumstancias fazião o negocio tão feyo, como se fora em propriedade. E quanto á canella, não quero provar (se bem avia muitas razões para a prova) que he o meyo mais suave de todos: digo só que todos vierão apontados da India, e aprovados por S. Magestade, pois mos mandou sem me dizer que me valesse delles, ou não, e bem sabe V. Mercê que a afirmativa não necessita de expreção e a negativa si, e recorrendo aquella não se reprovou esta, como pode parecer que não foi isto ordem de S. Magestade?

Alcansei tudo o que se me ordenou, a saber restituição de praças e naos, comercio livre, e a barra de Goa desempidida, ajuntando-lhe mais juizes árbí-tros pera a differença, ponto que teve tantas diticuldades como o excencial; e suposto que isto se não podia alcançar sem custar alguma cousa, fes-se por 600 quintais de canella, que poderá ser por hum anno, e ao mais largo, por dous; se isto he em prejuizo da fazenda de S. Magestade, o Veador Geral da India, obrigado estava com 43 annos de experiência a entende-lo milhor do que eu, que nunca lá fui, contudo he razão que creêmos que elle se não enganou em materia que era força ter muito bem premiditada, e elle mesmo diz que terras de nenhuma maneira, e entendeo muito bem que não alcançariamos a paz a mãos lavadas, pois se alargou até mil quintais e pelos annos que durasse a tregoa, ou até se tomar assento final. Eu grangeei á fazenda de S. Magestade 400 quintais e encurtei muitos annos do seu dizer; se erreí, sua seja a culpa, ou de se me não dizer que de tal meyo me não valesse, ou de se me aver inviado, já que na India se não apontou, porem tinha V. Mercê por de féé que se este meyo não fora, que hoje estavamos no mesmo andar. Deixo as apertadas instâncias e diligencias com que nos ouvemos na materia, as ancias que nos custou, as vezes que a tivemos vendida e desconcertada, porque sería proceder *in infinito* fazer relação de tudo, môrmente avendo-a já feito nas cartas que escrevi a S. Magestade quando foi o acordo. Com isto está, Senhor meu, que fui tão caluniado que ate ouve quem chegou a dizer fora pior concerto que o primeiro, e tal que

não podia ser senão vendido; e julgue V. Mercê se foi melhor perder em dous annos 1200 quintais de canella, ou arriscar no mesmo prazo todo Ceilão, não digo já todo o Estado: ly muytas vezes, e agora com mais consideração o que diz Lamp. Alex.: «*gubernator ubi naufragium timet jacturam* (sic), *quisquid sanari potest redimit*», e acrescenta outro politico que «*Melius dimittidum tranquillem obtinere quam de toto dimicantes perire*». Escreveo Antonio de Sousa Tavares a Lopo Ramires, morador em Amsterdam e judeo, que se cuidava que me vinha successor; o capitolo da carta mando a V. Mercê, e assim elle como esta carta peço a V. Mercê muito que me faça mercê de ler a S. Magestade e fora mayor se pudera ser no Conselho de Estado. S. Magestade e V. Mercê devem tornar por minha honra, pois hum me mandou e outro me persuadio a que viesse, quando já não fosse por meus serviços passados: que S. Magestade me castigue, se tiver culpas, muito justo será, mas que seus ministros me afrontem, nunca pode ser razão, porque se errei e S. Magestade me deixa ficar, poder-se-ha cuidar nestes payzes que valem com S. Magestade mais os respeitos que a justiça, e se fiz o que devia, porque se ha de escrever que me castigão, porque estas novas logo correm e chegão aos Estados e ao Principe de Orange, e admitindo S. Magestade o acordo, em que elles cuidão que tem feito serviço, por que se lhes ha de dizer que S. Magestade o não tem por tal, sendo contra o decoro Real entender-se que a necessidade fez aceitar aquilo mesmo que se julgou danoso para o Estado? e em resolução (sic), se tenho culpas, não hei de fugir do castigo, e se acertei, isso me basta por premio, que a estreitesa de minha fortuna nem tanto esperava. S. Magestade sabe muito bem o desinteressado de meu animo, e que só o servi-lo bem foi sempre o meu mayor interesse, e V. Mercê pode largamente testemunhar na materia, pois deve estar bem lembrado que para me persuadir a que viesse, não ouve mister mais razões que o dizer-me que era gosto de S. Magestade, de quem como Rey não tenho atégora mercê alguma, da caza de Bargaça muitas, e pouco mais que isso he o que tenho de meu, mas sobre esta materia nos não ouvirá ninguem: tenho grande cabedal de zello, e amor para com meu Rey, e minha patria: se acertar como desejo, e ella, e S. Magestade o entenderem assim, não ouve ninguem no mundo mais rico que eu.

Biblioteca Nacional, códice 2666, fl. 266 (cópia).

Sousa Coutinho ao Conde da Vidigueira

1645 — Junho, 19

Não tenho que dizer de novo a V. Ex.^{cia} sobre estes meos requerimentos porque se espera a junta dos Estados de Hollanda aos 27 deste mes, para cujo tempo se tem diffirido huma e outra negoceação. Tratarei das couzas de S. Thomé com toda a instancia, porque sei que os da Companhia,

posto que estão senhores da Ilha. que não estão sem o sobresalto de lhes mandarem restituir o que tam injustamente tem feito contra o capitulado dos dês annos e contra os particulares contratos que por vezes lá se fizerão: mas tãobem sei que enquanto fôr verão, e não vier o Príncipe, que são os negocios dilatados, por que tem este pretexto para os alongar quando não querem abrevia-los, e como estou feito a estes vagares, já a paciencia o dissimulla; o que importa he que nos dê Deos bom recurso em todos os negocios, porque mais val tarde que nunca.

Aqui me escrevêrão de varias partes que a Burdeos chegára hum homem da India por terra, com novas que estavam os nossos acordados com os hollandezes, e que em dezembro avião partido de Goa para o Reyno duas naos e dous galleões, porem não me especificão o modo e forma do contrato, e como V. Ex.^{cia} me não aviza, duvido de que seja certa a nova: se ha alguma cousa, sirva-se V. Ex.^{cia} de me avizar, porque eu sospeito que se foi ou ouve algum contrato, que seria comprar-se a saída das naos para o Reyno: e o que me move a esta presunção he dizer-se que os interessados da Companhia não estão contentes com a nova, alem de que o Visorey não podia dispor no essencial das terras de Ceylão sem expressa ordem de S. Magestade, a quem tinha dado conta do que era lá socedido e de quem esperava resolução do que avia de fazer: queira Deus que seja tudo em forma que sempre nossas couzas vão em augmento e melhoria.

As difficuldades sobre os salvos condutos vencerá V. Ex.^{cia} com o tempo e instancias, que assi se acquire tudo, e como Monsieur de Avaux está com o voto declarado e fica em Munster, será menos trabalhoso dispor o companheiro a que o siga, principalmente avendo já pedido claramente a liberdade do Senhor Infante. porque nesta parte devemos mais aos suecos, pelo pouco que nisso duvidarão e pela liberdade das palavras que não regatearão: que pairesse que França quer ou se lhe deva tudo ou que nada se lhe deva, porque o que fas he tão taxado que o vendem por justiça: os interiores desta razão terá V. Ex.^{cia} melhor calculado, com que me fica pouco que dizer, mas muito que admirar de tantas e tão continuadas duvidas como sempre achão para nossos negocios.

O Doutor Niculao Monteiro me escreveo o mesmo que V. Ex.^{cia} me aviza: a deliberação de se sahir de Roma, se o Santo Padre não melhorar o assento que tomou sobre a nomeação dos Bispados, me pairesse boa, porque emquanto se delibera, lhe chegará ordem de S. Magestade; que aceitar he grande prejuizo para o futuro, porque não quererão despois os Papas perder a posse e meterão nos Bispados quem quizerem e pelas vias que não convenhão por ventura e com sobornos e simonias, e no que agora nos pozermos, nisso avemos de ficar para sempre. Sem embargo desta razão, que me pairesse apparente, não falta quem tenha por couza grande a confirmação dos tres Bispados; não sei o fundamento; só me persuado que os que querem seus Bispos não olhão para o prejuizo do Rey e do Reyno, mas só attenção para sua commodidade: contudo isto que digo poderá ser que haja razões fundamentaes para pairesser boa a approvação; eu não as alcanço

porque falo somente com o exterior da cauza, que intrinsicos são para Deos.

Grande he a nova da tomada de Rosas (1), porque he hum posto de muita importancia: tras aquelle virão outros. Traga-nos Deus outra tal de que temos Badajôs na mão. Das couzas do Brasil tenho avizado a V. Ex.^{cia}; não ha tal de levantamento de negros nem se sonhou, ainda mal, posto que o dano avia de ser somente dos moradores, e o risco nosso: em outra parte tomára eu que a lança chegára, porque com isso ficáramos senhores de tudo o mais. do que não desconfio que venha a ser; que guarda Deos os bons socessos para horas boas e que dem muito gosto, descanso e alegria.

O Príncipe de Oranje está com o exercito em Flandes no pays inimigo; não fas movimento, nem se sabe ainda que intenta; affirmão que os contrarios estão bem fortifiçados; o tempo mostrará o que ha de ser.

O filho do Príncipe com outros senhores sahiu a cassar, mas cassáram os villões, que matarão des ou dose em huma emboscada, e o Príncipe moço escapou por mercê de Deus: o pay se enfadou grandemente da desordem e pôs graves penas a quem saisse do arrayal sem licença.

Piquilomini (2) está contra a parte de França para resistir aos intentos do Duque de Orlians: veremos o que se faz. O general do mar foi buscar as ordens do Príncipe para hir com a armada para Dumquerque; ou veremos huma grande efusão de sangue, ou os lobos se estarão á mira.

D. João de Menezes ainda aqui fica, que como perdeu a frota de abril por causa da sua gota, não acha passagem segura; espera que os Estados lhe dem nao de guerra e nisso se trata com calor.

Biblioteca Nacional, códice 2666, fl. 234.

Sousa Coutinho ao Conde da Vidigueira

1645 — Junho, 26

Não tenho tempo para ser largo nesta, porque estou escrevendo para S. Magestade que parte D. João de Menezes ámenhaã a embarcar-se em huma nao de guerra; Deos o leve em paz. Muito alegre fico com o que V. Ex.^{cia} me aviza da satisfação com que ficou da reposta do Cardeal Masarini, assi para a negoceação de Roma, como para os salvos condutos de Munster: de tudo alcançará V. Ex.^{cia} o que pretende para que os negocios tenham em toda a parte a expedição que lhes dezejamos.

Parte da frota que daqui partio para Portugal em março passado he clegada a Amsterdam e Rotterdam, porem ainda nem sei novas do Reyno, nem tive cartas de S. Magestade. De huma pessoa tive huma que veyo em maço de mercador que dis que os Reverendos Senhores do Conselho de

(1) Tomado pelos franceses comandados pelo Conde de Harcourt em 28 de maio.

(2) Piccolomini.

Estado avião tomado mal a negoceação do tratado que aqui fizemos da India Oriental, sobre que estou ameaçado para reprehensão. V. Ex.^{cia} se aparelhe para me ajudar a levar a penitencia como interessado no negocio. Comtudo dis que logo se mandarão dous navios com os avizos e tratados para a India, mas eu tenho já respondido sobre este particular, e de modo que me pairesse fico satisfeito: lá no Reyno entendem as razões de Estado, mas aqui as da mercancia e negoceação dos interesses communs, e com isto todas as mais que são de conveniencia para qualquer negocio, e como a experiencia se colhe da continuação, faltando esta, não pode ser muita a que se não exercita; em chegando os avisos de S. Magestade, avisarei logo a V. Ex.^{cia}.

O exercito do duque de Orlans passou huma agua e está sobre Mardich, que he a força de Dumquerque. Hontem chegou hum avizo seu aos Estados a pedir que mandem 40 naos sobre o porto; o Principe ainda não fes rosto a parte certa; veremos com que se empenha.

(Autograph). E disem mais, se a V. Ex.^{cia} lhe apraz, que ouve conselheiro de Estado que prozomio que eu vendera a negociação aos Estados, e se assi fôï, V. Ex.^{cia} tãobem levará seu quinhão; seja Deus louvado que tais testas nos governem.

Biblioteca Nacional, códice 2665, fl. 236.

Sousa Coutinho ao Conde da Vidigueira

1645 — Julho, 3

Sobre os negocios de S. Tomé faço instancia à parte. e para esta semana espero audiencia dos Estados em que lhes darei huma proposição queixosa do termo que os officiaes da Companhia Occidental uzárão com o Governador da Ilha e pesso que mandem restituir tudo ao estado em que estava. São estes regocios prolixos e enfadozos e he necessario para elles huma paciencia sobre natural, porque não se vencem pelos meys ordinarios, senão por aquelles que o tempo insina. Mas em Portugal não se considera isto, senão que se deve fazer o que só lá se dezeja e pratica, e o que não se alcança, he culpa dos que o agenceão, como se estivera nas mãos dos embaixadores poder obrigar por forza a desfazer o que huma vez sem ella se raticou, ou se quererão os hollandezes perder suas commodidades por amor das nossas, largando-nos tudo a pedir de boca, depois que lhe derão occazião para experimentar o que disso lhes rezulta nas bolsas e cabedal, com que vem a ser mais penoso este exercicio e muito arriscado, porque nem dos acertos se faz caso e do que falta por mais se não poder vencer se faz culpa. Contudo vou instando na forma que me pairesse que convem mais ao serviço de S. Magestade, brevidade da cauza e segurança do negocio, porque em chegando a envolve-los todos, nem ha despacho nem liberação e tudo he dilação e confusão. São chegados navios de Portugal; athé agora não vi

cartas de S. Magestade, mas de alguns particulares vem aviso de que lá se não tomou bem o tratado que aqui se celebrou, e não dizem o em que peca: V. Ex.^{cia} me pairesse que tem os papeis que vierão da Índia, por elles verá o estado daquelle Estado, os meyoys que o Viso-Rey propos ao hollandez, o que elles querião, o que depois fizerão, e o que o Veador da Fazenda André Salema aviza a S. Magestade com a experincia que dis tem de 40 annos da Índia (1). Com este espelho diante se pode logo olhar para o Tratado, e notar o que nelle se contem, porque he certo que ha de pairesser muito bem, como aqui julgão todos os homens de negocio, que são os que neste particular tem melhor voto; e bastava para se conhecer a ventagem com que estamos nelle, o muito que os da Companhia o encontrarão, o mal que tomárão chegar a effeito e o que ainda blasfamão, que chegão alguns a dizer que se não ha de guardar na Índia; e se V. Ex.^{cia} não tem as cartas do Salema, me avize para que lhe mande a copia e verá o que aly se manifesta, com que me dezengano que ou em Portugal senão lem os papeis, ou que ainda não acabão de considerar que sem conquistas não ha negocio, e sem este tudo he miseria e trabalho, mas o tempo mostrará em breve a differença da opinião sobre os particulares, e se alcançará o que val aver ganhado tanto com tão pouco custo. O que V. Ex.^{cia} me diz que S. Magestade aviza que só consentirá no arbitrio del Rey Christianissimo não entendo bem, porque se he dizer que não quer outro juiz per sua parte, nem que eu nomee outro, isso he o que convem, mas se he dizer que quer que os hollandezes se comprometão em França absolutamente, he querer o que elles não querem, nem eu os posso obrigar a isso, salvo se França lho rogasse, mas duvido de que o aceitem, porque do primeiro dia que se tratou desta materia o declarárão sem nenhuma ambiguidade, alem de que não ha julgar hum só louvado, mas cada huma das partes escolhe o seu, assim que me mande V. Ex.^{cia} a explicação de como se entende o não querer S. Magestade consentir senão no arbitrio de França. De Munster me avizão os embaxadores que os de França não acabão de concluir na pretensão dos salvos conduttos, e Luis Pereira ainda se mostra desconfiado, mas V. Ex.^{cia} me anima com o que me avisa sobre este particular; avizão ser chegado Monsieur de Longaville já, mas ainda não tinha entrado; poderá ser que com sua assistencia se tome outro acordo para acabar de concluir esta pertença dos salvos condutos.

A vizita que o Doutor Niculao Monteiro foi fazer ao Principe de Parma, tempo ha que devia de se fazer, não só a elle, mas a todos os de Italia, e muito conviera para o negocio da paz geral aver-se mandado a Veneza, como nos principios se intentou.

O mandar S. Magestade ao Doutor Feliciano Dourado a Osnabrug em lugar do Doutor Antonio Monis de Carvalho pairesse que he querer que nos negocios desta embaxada se ande sempre a aprender, e não são estes negocios de calidade para mudanças nem para principiantes, mas o que S. Ma-

(1) Vide as cartas de André Salema de 8 do Março e 1 de Dezembro de 1643 impressas no Appendice. São dirigidas ao Rei, que enviou cópia delas a Sousa Coutinho com a carta de 4 de Março de 1644.

gestade ordena he lei, comtudo detrimino de escrever a S. Magestade sobre isto, se chegar a tempo; S. Magestade ordenará o que fôr servido.

O Principe de Oranje não fas mais que estar-se em Flandes e ainda se não sabe o que intentará: os francezes tem sercado o forte de Mardik, e Piquilomini se dizia que os buscava para dar batalha, mas agora ha outra nova que mudou de parecer e que se fortificava na villa de Dumquerque. As couzas de Inglaterra vão bem para El Rey, como avizará a V. Ex.^{cia} o Doutor Antonio de Souza de Macedo: de Portugal nos traga Deos boas novas.

(*Autographo*). Como não tenho cartas, não sey a forma das ordens de S. Magestade; pollo aviso de V. Ex.^{cia} replico a S. Magestade e até não ter reposta embargarei a ida do Secretario, porque senão vier outro, ficarey com huma mão sobre a outra, e se vier outro novo, passaremos hum anno emquanto aprende o cazo, que em Portugal não conhessem estes negocios; querem que cá erremos em tudo que lá não asertão em nada. Eu me vy em estado que mandey meu cunhado a Lisboa com D. João para que ambos me negoceem licença de S. Magestade para me ir, que eu me não atrevo em mais, pois quando espero onras me vem afrontas. Seja Deos muito louvado e nos dê paciencia.

Bibliotheca Nacional, códice 2606, fl. 272.

Souza Coutinho ao Conde da Vidigueira

1645 — Julho, 10

Os Estados de Hollanda se ajuntarão para tratar de seos negocios e deliberar sobre as couzas de Dinamarca, com quem estão em rotura, juntamente para decidir algumas duvidas que por parte do Parlamento de Inglaterra sobrevierão, e com estas, outras couzas sobre a armada que tem em Dumquerque e provimentos para a campanha, em que o Principe está com o exercito sem athé agora se entender o que detrimina. Com estes negocios se não tem differido aos meus e me não derão ainda reposta á proposição em que lhes pedi mandassem executar a Companhia Occidental pelo incidente do Bengo em Angolla, para tratar sem embaraço da cauza principal da restituição, como tambem sobre a nomeação dos árbitros, de que espero resolução: e agora novamente lhes dei nova queixa sobre o caso de S. Thomé, pedindo mandem restituir aos portuguezes tudo o que tinham de fazenda e jurisdicção, conforme os tratados que la celebrarão as duas nações, e he necessario comessar com estes principios, porque para vence-los temos já sentença dada: e se tratarmos da cauza principal das restituições sem estas premissas, ou envolvermos huma e outra couza, não so será tudo eterno, mas perigoso. Negocio he este que nunca tem principio pelos appendices que lhe sobrem a cada passo, mas com o sofrimento he que se ha de levar a esta gente, porque sua flegma não se gasta com nossa colera senão

com o mesmo mal; e he couza ordinaria que no verão se não faz couza alguma, porque ordinariamente vão dilatando tudo para a vinda do Príncipe e mais Estados que com elle andão, mas eu não deixo de fazer as instancias que são necessarias, continuando com o requerimento em forma.

Bom será que na India se não haja contratado, porque sempre ha de ser o que lá se fizer peor para nós: muito estimarei saber que novas trás esse enviado que está em Nantes, e tãobem esperam os da Companhia suas naos; nellas deve de vir alguma novidade; de tudo nos mostrará o tempo clareza e do que ouver avizarei V. Ex.^{cia}.

De Munster avizão os nossos embaxadores da chegada de Longaville e Francisco de Andrade grandes favores; queira Deus que baste sua boa graça para lhe merecer o que dos dous companheiros não pode alcançar athé agora, e neste particular he V. Ex.^{cia} o que ha de continuar com as instancias comquanto sempre lhe fica o trabalho mayor; mas couzas grandes não se acabão sem elle.

As novas de Catalunha são para festejar, porque enquanto ally ha guerra viva, averá em Portugal mais descanso; todos esperamos o que lá se obra, e não he V. Ex.^{cia} só o que ahy ouve, e se cança com buscar que responder sobre esta materia, porque aqui corremos a mesma fortuna. Traga-nos Deus humas tais novas que nos sirvão de alegria, espanto para estes, e de reputação ás armas portuguezas: as que V. Ex.^{cia} me mandou me alegrarão; eu não recibi carta de S. Magestade, nem de ministro algum, nesta frota como já avizei a V. Ex.^{cia}; devem de vir com a que se espera.

Os Estados me mandarão huma memoria sobre hum navio que foi á Bahia, onde o Governador o confiscou e deu por perdido; fazem disto queixa por aver sido fretado por mercadores portuguezes, e me pedem escreva a S. Magestade, e veyo-me a bom proposito lembrar-lhes que para este e outros de mayor importancia convinha terem embaxador em Portugal que os advertia, que ha tempos que me dizem tratão de mandar embaxador a S. Magestade, que em nenhum seria de mais importancia que neste, para com melhor accomodamento se satisfazer a ambas as partes: as respostas nunca são roins; ponha-lhe Deus a virtude.

(*Autographo*). As cartas que V. Ex.^{cia} me encaminhou de Pedro Veyra contem huma dellas que foi bom principio desta embaxada, o comessar-se pola posse da India, mas que foi o negocio tão errado, que não he muito que de primeira instancia se não pudesse acomodar millhor; de que infiro que ou vão caindo na rezão, ou que realmente não tem este acordo por grande, sendo que o juizo dos homens de negocio, que são os que entendem millhor estas materias, foi julgado por milagroso, mas isto he lanço na prasa, como dizem na nossa terra; o tempo mostrará millhor qual esta negociação; foi a não ter V. Ex.^{cia} parte nella, muito poderá temer os erros.

Sousa Continho ao Conde da Vidigueira

1645 — Julho, 17

Sempre as cartas de V. Ex.^{cia} me chegão com novas de festejar, e esta rota dos castelhanos em Catalunha traz consigo dobrado gosto pelas consequencias que dahy resultão; quererá Deus que de Portugal nos venhão novas alegres, e que não seja só festejarmos as dos amigos, mas que tambem elles nos ajudem a solennizar as nossas. Com grande alvoroço espero novas de Lisboa e cartas de S. Magestade que ainda não acabão de chegar, e he muito que recebendo V. Ex.^{cia} cartas com data de 24 de mayo com avizo de que me vinham despachos, e os embaxadores de Munster da mesma data, me não viessem alguas, avendo tanto a que responder sobre particulares destes negocios, de que tenho pedido a S. Magestade algumas rezoluções, alem de esperar a satisfação do tratado, que posto que foi mal tomado no principio, parece que mudárão de opinião, considerando com mais cuidado e attenção o intrinseco de sua bondade: e persuado-me a que seja isto assim o mandarem avizos á India, e o que me escreveu o Secretario de Estado Pedro Vieira da Silva, como já no passado avizei a V. Ex.^{cia}.

Conforme alguns avizos de particulares se dis que todo o mal esteve na canella que se deo aos de Galle para concluir a pertençaõ do que se pedia, como se concluyo com as clausulas e condições que se vem no tratado. Ninguem pode negar que a obra foi boa, e que se fes muito em vencer-se, porque se fes tudo o que S. Magestade pedia, como da copia de sua carta que mando verá V. Ex.^{cia}. Se vituperão o dar canella, S. Magestade o quis, porque me mandou os avizos da India, o que lá se avia proposto aos da Companhia e elles não quizerão aceitar, como tãobem as advertencias que o Veador da Fazenda André Salema mandou a S. Magestade e nellas o alvitre da canella (1): e como he regra corrente que as ordens dos superiores tacitamente se concedem e se extendem, quando não trazem clausula que as derogue e só as negativas hão mister ser expressadas, visto está que mandando-me S. Magestade os avizos da India, e condições que lá se offercêrão, sem me dizer que não uzasse dellas, que as mandou para que as continuasse e me aproveitasse dellas; e confirma mais este tacito consentimento o mandar-me tãobem S. Magestade as advertencias do Veador André Salema, que V. Ex.^{cia} verá dessa copia, porque este meyo da canella não se propoz na India e como tal não avia para que mandar-mo, pois era couza em que se não avia falado; S. Magestade o mandou, para algum effeito devia de ser: assim que não fis couza sem ordem expressa de S. Magestade, alem de que os hollandezes não quizerão, como he notorio, e consta de todos os avizos que fui dando, vir a partidos sem novos meyos. E ainda em cazo que faltára á ordem de S. Magestade, se ouvera de aver por bem obrado o

(1) Vide as cartas de Salema no Apndice.

que se fez, quando redunda tanto em seu real serviço e bem de seos vassallos, como o tempo mostrará. A condição do 9.º artigo está posta com premeditada consideração e não ha cauza para reparar nella, porque se na Índia se compromettéra ao que se cá julgasse sobre as contendas de Ceilão, e disso mandára S. Magestade os avizos, como avião lá de decidir o que S. Magestade lhes não tinha ordenado, e aqui se tratava; seria isso hum abuzo sem desculpa, e se acaso tivessem lá feito algum assento as duas nações athé onde se podião estender que he sobre restituir ou deixar as prezas tomadas e dezempedir os portos, e se não fizesse a condição que vai expressa, os holandezes, que estavão senhores dos navios e prezas que os nossos lhes deixarião porventura para lhes deixarem a barra de Goa dezempedida, tornarião a restituir, ainda que de cá fosse capitulado expressamente? Não o creio, nem he para se imaginar, antes nacerião dahi novas duvidas para novo rompimento, porque se o tem feito, he contratto porque ha de puxar á parte que estiver de melhor condição para que se guarde; e por isso se salvou a condição da posse das terras, porque nessa não avião os portuguezes de fazer o que S. Magestade lhes não tinha dado por ordem expressa: assi que fazem a difficuldade somente na canella, e não reparão que estava estalando Ceilão e toda a Índia, que nos hião tomando praças como Negumbo, e que continuavão contra Columbo, que o commercio impedido arruinava de todo aos moradores daquelle Estado e aos mercadores de Portugal e em consequencia á fazenda real, que para fazermos guerra offensiva não podiamos e para a defensiva não havia muito cabedal, e que sempre o hollandes estava de melhor partido e nós sem avanço algum, com perda certa, e que tudo isto se livrou por 600 quintaes de canella por huma vez ou duas ao mais? He cousa dura não se considerar tudo isto e dar graças a Nosso Senhor da mercê que nos tem feito.

Não deixo de reparar no que V. Ex.^{cia} me dis que teve a nova do que lhe avizei sobre estes particulares e que já V. Ex.^{cia} tinha avizado a S. Magestade com todo o respeito, porque tambem he Coutinho, que esperava que os effeitos canonizassem esta acção que agora lhes parecia perigosa. Bem sei eu que V. Ex.^{cia} averá feito tudo o que se pode esperar de quem tem tanta experiencia destes negocios, e sabe o que valem e importão para o serviço de S. Magestade e bem commum do Reyno, mas por Coutinho não espere V. Ex.^{cia} muitas melhorias, porque foi este appellido sempre de pouca fortuna. O em que he acção perigoza he que reparo, porque se he perigo livrar a Índia per 600 quintaes de canella, he frasi que não alcanço; e se deixa-la no estado em que estava era melhor partido, com se não guardar o tratado, fica no mesmo ser, que sei bem que darão os da Companhia boas alvisaras; e fique V. Ex.^{cia} advertido que he lingoagem commua aqui desde o Principe athé o menor mercador da bolsa, que se não se effectuára este tratado, que só bastavão dous annos para ser senhores de toda a Índia; com esta maxima julgue V. Ex.^{cia} quam diferente he o ouro do que lus. Se V. Ex.^{cia} tem alguma specialidade me faça mercê mandar-ma, que eu não tive mais que o que avizei a V. Ex.^{cia} e agora continuo; quererá Deus que

tenham melhor considerado o que importa este negocio, e que o tempo os dezanque brevemente, para que saibão dar a cada hum o que por justiça distributiva se deve, e V. Ex.^{cia} me faça mercê mandar seu voto nesta materia em carta á parte.

Os negocios de Munster terão bons effeitos com as continuas diligencias de V. Ex.^{cia}; os geraes tem votos varios, porque cada qual julga como sente. Com a tomada de Mardik, continuação contra Dunkerke, desfeita de castelhanos em Catalunha, tomada de Mota em Lorena, a batalha que dizem se deo aos bavares, em a qual affirmão forão de todo desbaratados, posto que com grande perda dos amigos, dizem que fará a Caza de Austria paz por forsa: o contrario sentem outros.

(Autographo). Mando a V. Ex.^{cia} a copia da carta que escrevy a Pedro Vieira em reposta da sua, a que ajunto que S. Magestade me deve fazer muita mercê, que he a rezão porque toco esta materia; vão as que S. Magestade me escreveo e as que a S. Magestade escreveo o Veador da Fazenda da India.

Biblioteca Nacional, códice 2666, fl. 261.

Sousa Coutinho ao Conde da Vidigueira

1645 — Julho, 24

No correo passado remitti a V. Ex.^{cia} as copias das cartas de André Salema, com o mais que naquelle particular podia dizer, e tambem mandei as de Pedro Vieira da Silva, Secretario de Estado, com que me não fica por agora que advertir; V. Ex.^{cia} averá bem examinado humas e outras e sem escrupulo algum julgar á carga serrada a cauza, que lhe não basta ser tão justificada para deixar de ser calumniada; e he rigor esperar-se pellos effeitos para paresser o que he, quando no *interim* ha perjuizo de fama que encontra tão bom serviço: servirá para que traga mais lus á verdade que querem escurecer, e sirva de mayor abono o que agora vituperão.

A copia do capitulo da carta de S. Magestade sobre o arbitrio de França me deixa em mais confusão, porque he caminho este de querer a cauza eterna, ou não, querer que se decida por arbitros, porque cuidar-se que hão os Estados de comprometter-se absolutamente no arbitrio de França he remar contra a agua, e couza que se não ha de alcansar com facilidade: digo isto, porque assim mo tem ditto claramente por muitas vezes, e dezanquado com bastante clareza de palavras. Eu me sostento deste requerimento pelo que esta carta de S. Magestade para V. Ex.^{cia} conthem, que não me atrevo a proceder nelle sem me chegarem os avizos e ordens de S. Magestade primeiro que dis manda e tem mandado: huns e outros devem vir nos navios que se esperão cada hora: Deus os traga com boas novas e socessos das armas de S. Magestade, que he o que muito avemos mister e nos importa. Nos outros requerimentos himos lentamente esperando reposta

das propozições, e como comessarmos a conferir, averá mais de que dar conta a V. Ex.^{cia}.

De Munster avizão os nossos embaxadores que se trata com calor nos negocios e que propondo-se por meyo dos *mediatores* por parte dos austriacos aos de França huma suspenção de armas ou tregua, lhes foi respondido se avia de entrar tãobem Portugal, porque sem Portugal nem paz nem tregua se avia de fazer: bom termo he este e bom principio, e com as instancias de V. Ex.^{cia} se acabará de concluir a pertençaõ dos salvos conductos. O Peñaranda (1) era entrado em Munster, e Monsieur Břasset chegou aqui sexta feira passada.

De Inglaterra não recibi carta neste correo; não sei o que averá passado com o Doutor Antonio de Souza de Macedo, e como alli avia inquietações, qualquer falta me dá cuidado.

A nova que mandei a V. Ex.^{cia} da batalha que ouverão os francezes com os de Baviera, postoque foi condicional, torno a repetir quẽ dizem foi nova falsa. Tãobem dizem que Monsieur de Orleans passa a essa corte com achaque de que está sua molher para parir, e teme-se que não haja mais progressos na sua armada este verão, e em desalojando, tornará o inimigo a recobrar Mardik.

O Principe de Oranje dizem fasia marcha, não sabendo para onde, nem com que intento; tãobem se desconfia que faça alguma cousa esta campanha por ser já tarde, e achar mais rezistencia nos contrarios do que imaginava; não ha outra cousa.

(*Autographo*). Vejo o que V. Ex.^{cia} me dis sobre a necessidade que ha em Osnabruq de pessoa e de Munster escrevem o mesmo, e assim sem embargo do que tenho escrito a S. Magestade sobre a materia, me sojeytarei a suas ordens. A falta que aqui fará o Secretario tirado do serviço Real, que se fora só mais trabalho meu, bem me atrevera a vence-lo, mas aqui os papeis todos se dão em latim e o meu não passa de o entender, e assi emquanto não tiver quem os faça, estarey ocioso; no Framengo com que isto se puderá remediar. traduzindo o interprete os que eu lhe fizera em portugues, he remedio de que em nenhuma maneira me valerey, porque não hey de dar papel que não entenda, que por me avizar de disparates de interpretes, me dey hum pouco ao frances, porque tenho por melhor falar negro que dizer parvuices. Alem disto convem muito considerar que os negocios de Olanda são de diferente calidade de todos os do mundo, e que he necessario aver sempre quem encaminhe os que vierem de novo, mórmente chegando-se o juizo dos áribros, em que he força que aja letrado, e que sayba por donde ha de caminhar; tudo se remediará mandando-me sucesor, como escreveo Antonio de Sousa que se me mandava, por que se he serto o que vy em huma carta de Lisboa dos 15 do passado, tãobem em Munster ha mudança, se bem nestes se não falava em mim. Brevemente entenderemos tudo, que per hora se espera a frota de Lisboa.

Biblioteca Nacional, códice 2666, fl. 259.

(1) Conde Guzman de Peñaranda, um dos plenipotenciários hespanhoes ao Congresso.

Sousa Coutinho ao Conde da Vidigueira

1645 — Julho, 31

Os negócios estão em calma, porque nem os Estados respondem, nem os commissarios estão juntos para poder conferir, e para se pedir substituição de outros, he alargar mais e perder os nomeados: porque aqui não costumão nomear substitutos *pro interim*, mas os que nomeão segunda vez, ou em lugar de outros, são os que ficão continuando todo o negocio, alem de que tomão tempo para os informar, e vem a ser mais dilatado do que esperar pelos auzentes: isto he termo que se não muda, vence-se com o sofrimento, mayormente que sendo agora os negocios contra a Companhia Occidental, temos mais interessados contra quem lidar; se na outra avia gente mais poderosa, já me não dá cuidado esta dilação, porque o costume fas com que se não estranhem as cousas, e porque as rezoluções destes Estados pela mayor parte não se tomão senão despois da vinda do Principe de campanha, estando todos juntos: queira Deus que se tardarmos que arrecademos, que isto será o importante.

São chegadas sete naos á India da Companhia Oriental e não esperão este anno outras; a carga não he tanta como lhes costumava vir. De Amsterdam me escrevem que andão os interessados descontentes, na costa de Choromandel se lhes perderão duas carregadas, e outra vazia que hia para Jacatará; trazem aviso de como estão concertados com os nossos portuguezes, e que a Lisboa chegaram duas carracas e dous pataxos que avião de partir em fevereiro; quais sejão as condições do concerto não posso acabar de alcansar, nem sei porque o encobrem; faço toda a diligencia, em as tendo avisarei a V. Ex.^{cia}. Não sem causa disserão que o homem que veyo a Burdeos ou Nantes trazia a nova; o que me satisfaz he que se são melhorados os concertos que os que aqui se celebrárão, que todos ficaremos contentes como he razão que seja, e se não forem tão favoraveis, saberão em Portugal que aqui se tinha feito bom negocio. Dizem que vem já a carga da nao *Parão*, que estava em Goa arrestada, e que vem hum portuguez de Machao que foi lá capitão mór, por nome João Gonçalves da Camera: se vier a esta corte, dará plenaria informação, emquanto não recebo outra de algum curioso, ou emquanto o Secretario da Embaxada a não fôr fazer a Amsterdam com todas as circumstancias; e parece-me que devia ser condição do acordo partirem as nossas naos hum mês despois que as suas, e as outras não serião milhores, porque he serto que á composição não seria mais favoravel para nós que a ultima que propôs o viso Rey de dar em deposito dés legoas e mea de terra; brevemente se saberá. Convirá avizar a S. Magestade que vem naos, para que tenha lugar de as ir esperar a nossa armada: se por lá ouver navio, avizo V. Ex.^{cia}, que aqui não o ha tão de proximo.

Os francezes tomarão Linc, praça de consideração para os intentos de

Dunkerke; do Príncipe não ha nova de que faça movimento, nem aqui ha cousa de consideração.

As novas de Catalunha são para festejar; traga-nos Deus as que dezejamos de Portugal.

Biblioteca Nacional, códice 2666, fl. 274.

Sousa Coutinho ao Conde da Vidigueira

1645 — Agosto, 7

Com serem chegadas as naos da India da Companhia Oriental e vir nellas hum portuguez que chamão Domingos da Camara de Noronha, que foi capitam mor de Machao. o qual está em Amsterdam, ainda não pude alcansar a formalidade do conserto que se fez na India, porque este portuguez não tem athé agora dado conta de sy, nem avizado couza alguma, que muita da nossa gente he desta laya, e os da Companhia não acabam de publicar os acordos feitos: geralmente se dis que foram as prezas do mar restituídas de parte a parte, mas que não se restituiu Negumbo e que dividirão a canella em Ceilão, a cada parte sua ametade, athé se decidir cá na Europa o negocio principal. Se assim he, como todos affirmam, e ainda mal porque será, bem poderá o Doutor Francisco de Andrada Leitão mandar-me o seu parecer livremente sobre o que aqui se fez, que athé agora escuzou, porque á vista hum do outro ficará o nosso muito bem assombrado; verdade he que disse elle a quem lho quis ouvir que deixára tudo feito, tirado que a canella dei só de mais aos hollandezes, e isto emquanto entendeu que o negocio era bom e que como tal se devia de avaliar bem, mas como soube que o reprovavão, já foge de o apoiar; tem razão, porque todas as couzas que se fazem, seja onde e por quem fôr, elle as faz, e as que não vem á luz, ou não são de nosso gosto, elle as adivinhou; tudo ha no mundo e de nada me espanto já. Tardão os navios de Lisboa; já os cá tomára, para que viramos o que S. Magestade ordena, e o que se ha de fazer na continuação de tantos incidentes, porque agora nem sobre árbitros nem sobre a formalidade deste acordo da India posso fazer couza alguma sem expressa ordem de S. Magestade. porque tudo está alterado, e na tardança correm périgo todos os negocios, porque a Companhia espera prorogação no fim deste anno, e se lha concedem antes de termo posto em via a nossa causa, será tudo eterno; V. Ex.^{cia} o avize a S. Magestade, porque poderá aver por ahy via mais apressada, e poderão tambem vir as repostas pela mesma.

Sobre as couzas do Occidente vou continuandq, e correm a dilação costumada, porque falo no novo incidente ultimo que se fez em S. Thomé e não ha lugar de tratar da cauza principal da restituição sem primeiro alhar este ponto; tudo he lidar e não acabamos de entender que os mesmos hollandezes nos insinão o que deviamos fazer tambem, que he seguir o que elles fazem, tomar como elles tomão, e desforçar emquanto o tempo dá

lugar e a Companhia está fraca, porque alem de ser acção justificada e de todos bem tomada, servirá de reputação e de respeito para as armas portuguezas. Não sou obrigado a mais que a dizer o que entendo, posto que não acerte em tudo o que disser.

Aqui não ha que responder ao que se pergunta do que se obra em Portugal, porque a tardança dos navios nos desculpa; queira Deos que tenhamos que dizer em forma que não zombem, como fazem de nosso pouco aproveitar em tal tempo, e com tal occasião.

Biblioteca Nacional, códice 2666, fl. 305.

Sousa Coutinho ao Conde da Vidigueira

1645 — Agosto, 14

(Autographo). Não ha poder alcançar que acordo he este que se fez na India, mas todos confirmão em que se prometeo ametade de toda a canella de Ceilão; se he avermos-lha nós de dar, ou beneficia-la elles, não pude inda averigoar. A isso tem ido a Amstardão o Secretario desta embaxada, pello que V. Ex.^{cia} terá mais trabalho em ler esta carta mas será breve, porque tão-bem por hum homem que me escreve mandey áquella mesma cidade a vizitar Domingos da Camara e Noronha que vem desde Macão tanto nos pontos, que porque cá avia faltado nesta diligencia, se deu por desobrigado de me avizar de sua vinda e do estado em que ficavão os negocios á sua partida: do que ouver avizarey na que vem a V. Ex.^{cia} e irão de companhia novas de Portugal, se ouver algumas, que neste ponto me avizão ser chegada a frota cuja tardança dava tanto cuydado aos mercadores, que se ajuisava que a averia S. Magestade represado, que bem sabem elles que o merecem. Eu espero as cartas com grande sêde, mas já sem nenhum sobresalto, antes com alvoroço, porque se me mete em cabeça que me mandão ir, e ou seja mercê polo o aver pedido, ou castigo por aver errado, sempre será a mayor mercê que posso esperar, porque não vejo caminho a estes negocios para lhe vermos o fim em muitos annos, porque com a Companhia Occidental se começa agora, e com a Oriental tornamos ao principio com o acordo da India, e como eu me acho em estado que no menor delles não tomarey resolução sem ordem de Portugal, nunca se poderá acabar cousa alguma. Ouje se torna a dizer que o Duque de Anguiem tem desbaratado os bavaros; hum dos Estados me disse nesta caza, se bem acressentou que o não asegura, sem embargo do que tinham cartas; tantas vezes se dirá até que huma asertem, que não estão as armas francezas para se puder esperar outra couza, bem se vio em Bustor o seu valor e a fraqueza dos castelhanos, que com mil e quinhentos homens que avia na praça a entregarão tão miseravel e infamemente perdêrão todo Flandes.

Do Principe de Oranje está descuberto o intento, segundo affirmão todos, que em Hulst foi necessario agoardar as agoas vivas, embarcou-se e em

quatro dias teve o vento contrario, com que tornou ao mesmo sitio em que estava; muito folgarey que não faça progresso este anno, para desculpar com o exemplo o que nos ha de ser necessario em Portugal. O papel do Doutor Antonio Munis estimey muito e beijo as mãos a V. Ex.^{cia} pellos exemplares; digo do costume que lhe sou suspeito e assi que não posso ter voto en suas cousas e digo só que todos se lhes parecem; alguns erros tem no castelhano, que se se não attribuir á impressão, bem se conheserá que he o autor portuguez, mas he só para os castelhanos.

Biblioteca Nacional, códice 2666, fl. 313.

Sousa Continho ao Conde da Vidigueira

1645 — Agosto, 21

Não tenho que responder á carta de V. Ex.^{cia} no particular dos negocios desta embaxada, porque S. Magestade, que Deos guarde, me ordena per carta sua que pare com todos os de que me tem dado avizos, posto que com segredo e boa forma, e nesta conformidade o aviso a V. Ex.^{cia}, porque poderá rezultar algum dano do contrario: a cauza que isto tenha não alcanço por mais que vacillo nella, senão he cuidar que está tão mal recebido o negocio que aqui se fez, que chega a estes extremos. Estou preparado para a defenza e nella darei meos descargos sem temor, porque com a verdade se apuram athé as prezunções de qualquer sospeita, e eu graças a Deos não temo faltas no officio, posto que terei muitas nos acertos, que não estão nas mãos dos homens ser em tudo venturosos; o com que me consolo he que o tempo descobrirá que estes serviços aqui feitos são de mayor estimacão do que agora os avalião, e o tratado que se fez na India poderá ser que mostre os principios de meu abono e descarga; no que vem o mandarei a V. Ex.^{cia}, porque o estão traduzindo e não ha tempo de hir neste correo.

Tenho por sem duvida que S. Magestade mandará socessor a este lugar, e quando se experimente o que obrão huns e outros que virão, e os frutos do tratado, então será o dezengano mais certo. O que me move a imagina-lo he a ordem de S. Magestade, que em huma carta de quatro regras me dis que pare com todos os negocios em forma que se não entenda de ninguem, sem mais cauza nem rasão: outra carta com outras quatro regras em que pessa não de guerra para Dom João de Menezes se hir para o Reyno e outros sobre huns presos hollandezes, sem mais cousa que toque a negocio, nem approvação do tratado ou ratificação delle, e finalmente vindo cem naos de Portugal nenhum avizo tenho, esperando tantos. Obedecer he lei, fica-me de pena não poder informar a S. Magestade como convem vocalmente do que nestes particulares ha, e como huma couza destas não deixa de dar em que entender, V. Ex.^{cia} me faça mercê avizar se tem alguma noticia deste negocio, ou algum avizo de Lisboa destas materias, já que o mar se secou para

aqui, porque meresso a V. Ex.^{cia} toda a que me fizer, e tendo clareza poderei mostrar com facilidade o descargo, e que se veja que alguma falsa informação porventura tenha deslustrado o negocio e o queirão fazer tambem á minha reputação; e postoque se venha a declarar a verdade, he para sentir que no *interim* padeça a fama e se julgue mal do que meresse bom agrado.

Respondêrão-me os Estados a huma memoria que lhes dei sobre os negocios de Munster, advertindo-os que lembrassem a seos plenipotenciarios e lho dessem per instrução que nos particulares de Portugal ajudassem aos de S. Magestade em tudo como de bons amigos e alliados se esperava, com outras razões todas ao intento; respondêrão-me per escrito que assi o farião.

A propozição que lhes dei sobre os negocios de S. Thomé respondêrão por escrito que se havia dado vista aos da Companhia, e sobre Angolla está pedida informação pelas Provincias para se deliberar a forma de se dar á execução a restituição que lhes pesso: neste estado estão as couzas do Occidente; as do Oriente esperavão ratificação para entrar nos árbitros, aonde se devia trazer huma e outra couza para julgado e logo entrar na paz geral, mas já não posso fazer mais do que me mandão: V. Ex.^{cia} o tenha assi entendido e fique isto entre nós, porque não venha a produzir algum desconcerto e desconfiança aqui e em toda a parte; e quem vier encaminhará com bons acertos o que falta, que não he tão pouco mar como parece.

Chegarão tambem as ordens de S. Magestade ao Doutor Feliciano Dourado para hir para Osnabrug, mas não chegou o dinheiro, ainda que he só o que o detem; eu não me atrevo a fazer couza alguma porque nem acertarei já com nada, nem as ordens falão comigo, nem carta de fora parte me faia neste particular, e assim não tenho que replicar, nem que fazer, mais que dezejar todos os bons acertos no que toca ao serviço de S. Magestade.

Domingos da Camara está em Amsterdam; dá por avizo que o Fialho esteve athé agora retido em Jacatará pelos da Companhia e teve liberdade para hir-se depois de feitos os concertos na India; em Portugal dira elle o que sabe do estado daquelle Estado, e como testemunha de vista sempre lhe darão credito. De Lisboa não se aviza couza alguma de nossas armas: não sei que diga nem que responda aos que perguntão.

(*Autographo*). A carta que com esta vay, me faça V. Ex.^{cia} mercê responder na forma que nella lhe pesso; Francisco de Andrade me respondeo já ao ponto da canella, e posto que andou buscando rodeos e ambajes por não encontrar o que per ventura tem escrito, comtudo resolve que a pude dar, e na carta que me escreveo para mostrar em juizo me dá conta de sua doença, e que lançou ourina de excelente cor e que cheira a violas e a goivos amarelos e que em dous [e] em tres dias nem perde cor nem cheiro, e o mesmo deve escrever a S. Magestade, e não hão de bastar suas cartas para o conheserem, seja Deus louvado.

Biblioteca Nacional, códice 2066, fl. 309.

Nota á margem, na letra de Sousa Coutinho: O que contem a carta he que se a sem os Estados entenderem a cauza da suspensão, senão que he froxidão minha e não a cauza de S. Magestade.

Sousa Coutinho ao Conde da Vidigueira

1645 — Agosto, 21

Recebi na semana passada algumas cartas de S. Magestade e posto que dellas não posso formar ponto fixo no que S. Magestade dispoem de mim, comtudo me inclino a cuidar que me virá ordem pera me hir, e porque se me vier, respeitão mais a culpa que a mercê; e fio já tão pouco de mim que julgo que em nada poderei acertar, sendo que he só o que desejo, mas como isto não baste a quem ha de ser julgado por homens, quizera não errar nos fins, já que se entende que errey nos principios e meynos, pera o que me valho do parecer de V. Ex.^{cia} na occazião que brevemente se me deve offerrecer, e assim peço a V. Ex.^{cia} seja servido de me fazer mercê de me dizer á margem desta o que deverei fazer.

A todos os embaixadores (como V. Ex.^{cia} sabe) costumão os Reys e Republicas a que forão mandados fazer hum presente na despedida, e he costume este tão intrudusido, que affirmão todos os que escrevem sobre as embaixadas que não só se ha de aceitar, mas ainda pedir e pleitiar, de que ha alguns exzemplos; mas não he tão geral esta regra que não tenha tambem sua eceição, como he se hum embaixador se despede em occazião de rompimentos; e sem embargo de que se S. Magestade me mandar hir, não deve ser pera aver de romper com os Estados, será contudo por se aver julgado que eu o não tenho servido bem, e inda que a causa he muito diferente da outra, contudo pelo que toca a meu credito, estou resoluta a não aceitar o que me derem; mas como nisto ha dous perigos, não o farey sem V. Ex.^{cia} o aprovar, porque pera não aceitar, he força dar razão de que o faço por S. Magestade se aver por mal servido de mim, e não sei se convem dize-lo em occazião que os Estados e Principe de Oranje se tem persuadido que fizerão a S. Magestade hum serviço muito assinalado no acordo da India, e hoje inda o cuidarão melhor, vendo as ventajens com que para elles se fez o da India; este he o primeiro perigo que considero, e o segundo tenho por mais consideravel, porque se não der razão para não aceitar, poderão infirir outras consequencias, que não sei se no tempo presente nos convirão. Com tudo o que me ditta a reputação he não aceitar, mas como o serviço de S. Magestade está diante de tudo, considere V. Ex.^{cia} o que mais convem, por que de huma ou de outra resolução me hei de defender com o parecer delles e dos outros senhores embaixadores, a quem tenho preguntado o mesmo, e seja V. Ex.^{cia} servido de me responder no primeiro, porque me pode ser necessaria toda esta brevidade.

Sousa Coutinho ao Conde da Vidigueira

1645 — Agosto, 28

No correo passado dei conta a V. Ex.^{cia} das novas que recibi de Portugal e do que S. Magestade, que Deos guarde, me ordenou por carta sua, com que me não fica mais que dizer neste particular. Domingos da Camera não se avistou comigo athé agora, posto que está em Amsterdam, perque se escuzou com dizer que estava doente. O Doutor Feliciano Dourado lhe falou e com elle communicou o negocio da India, em que não deu outra rasão mais que a geral que todos dizem, porque elle vem da China, onde se não sabe o que na India passa, e não o deixarão os hollandezes chegar a Goa, retendo-o em Batavia, aonde tambem esteve o Fialho retido athé sua partida, e não os largarão, senão despois de concluido o tratado em Goa. A sua lingoagem he que se não se effeituara lá a paz, se perdia a India de remate, e bem deve de ser assi, porque já as cartas do Veador André Salema e mais avizos da India o dizião clara e expressamente para se lhe dar o remedio necessario; e ainda o mostra mais chegarem a effeituar o tratado na forma que V. Ex.^{cia} verá dessa traducção latina, que aqui me fes hum hollandês, por estar o interprete em Amsterdam, de huma copia em framengo que me derão. Algumas duvidas me parece que tem consideraveis, como são o ficar mea canella de Ceilão em deposito nas mãos dos mesmos hollandeses athé se decidir a causa principal, sem se explicar em que specie se faria o pagamento em caso que se desse sentença contra elles; porque não tem duvida que a hão de navegar, e despois se sentencearem contra elles, pagarão a dinheiro a como custa em Ceilão. Alem deste inconveniente, que he grande, ficão tendo entrada e dominio nas terras que comprehendem a ametade da canella; que foi o que aqui lhes neguei sempre e o que elles mais pretendiam, e ficarão sabendo os rendimentos quais são e de que porte em cada lugar ou aldea onde se colhe a canella. Logo permittem liberdade de consciencia, com clausula que mostre que sendo elles os senhores a não permitirão, e finalmente como tem o que pertendiam, dilatarão aqui a decisão da causa por eternidades, e queira Deos que lá não fação, visto poderem entrar livremente pellas terras, o que nos fizeram em Angolla. Eu digo isto porque desta gente não ha que fiar em semelhantes materiaz, postoque já não tenho voto para fallar nellas: agora se verá se tinhamos aqui bem servido a S. Magestade.

A clausula e condição do artigo 9.^o do nosso tratado, se não fora incluída, avia duvida na observação da tregua, como aqui me disserão clara e expressamente, dando por razão que a parte que na India ficasse de melhor partido, em cazo que lá conviessen antes de chegar o aqui celebrado, que não avia de querer largar o que tivesse de melhoria nem estar pelo cá contratado, porque lá o estavam já, e como o tratado que aqui se fes foi provisional e não perpetuo, não podia deixar de privinir as duvidas que lá poderião sobre-

vir; além de que como os nossos tinhamo remetido a cauza a S. Magestade e esperavão reposta de cá, e sempre negarão terras, podiamos presumir com justo fundamento que não conviriam menos que a seo salvo, mas isto não podimos aqui adivinhar que depois fizeram: não tenho outra consolação que ver-se e saber-se com o tempo que se tinha aqui feito o que se podia dezer: estou esperando pella traducção em portuguez, que virá menos embaraçada e no que vem a mandarei a V. Ex.^{cia}, que esta latina está hum pouco embaraçada e de máo latim.

Não alcancei de Portugal avizo particular algum, nem sei o que lá ha, nem se podemos esperar alguma nova de gosto para darmos aos que tanto perguntão que he o que lá se faz, e com sansonete dizem que gosão lá de boa paz, Deos as traga boas.

A nova que V. Ex.^{cia} ouvio de que mandavão embaxador a Portugal daqui, he ditto commum de muitos dias: não ha ainda nenhum nomeado, nem por hora falão mais que com generalidade que convem mandar, e que o detriminão fazer. Outra cousa se não oferece.

(Autographo). Lembrado estará V. Ex.^{cia} de que á pouco tempo depois de chegado aqui escrevy a V. Ex.^{cia} pedindo-lhe que persuadissee a Francisco de Andrade que não fizese instancias aos Estados pola reposta das suas prepozições, que elle melhor [fôra] ir-se sem ella, e assi lho escreveo V. Ex.^{cia}: este homem he muito facil no dizer e muito mais no escrever etc., e escreva que os negocios desta embaxada se perdêrão por eu vir tratar delles e que a essa cauza lhe respondêrão tão mal. Convem-me mostrar da maneira que poder que mente: perdoe V. Ex.^{cia} o termo, para o que me he necessario que V. Ex.^{cia} me faça mercê de mandar passar huma certidão de letra do Doutor Antonio Munis, sellada e assinada por V. Ex.^{cia}, que relate o que nisto passou; não me parece que he materia de escrupulo como não pesso mais que a verdade, que se não constar da lembrança de V. Ex.^{cia}, constará das minhas cartas e das que V. Ex.^{cia} escreveo a elle e a mim.

Bibliotheca Nacional, códice 2666, fl. 307.

Souza Coutinho ao Conde da Vidigueira

1645 — Setembro, 4

No correo passado inviei a V. Ex.^{cia} o acordo que se fes na India (1), traduzido do framengo no latim, em que V. Ex.^{cia} averá visto e bem examinado suas condições; agora vai a traducção em portuguez que mais clara e distintamente nos descobre as duvidas, que são mayores, a meu entender, do que se reprezentaõ nos particulares da Ilha de Ceilão, de cuja ametade da canella

(1) Impresso por Bicker, *Collecção de tratados...*, que o estado da India portugueza fey, etc., vol. 2.º, pág. 139.

estão senhores os da Companhia, posto que com titulo de deposito, e se o deposito he em suas mãos, quem lhes impedirá o navega-la para cá? Alem disto não darão caução a que restituirião em specie os depositos da canella quando se julgue que lhes não compete; e se chegarmos a esses termos, farão o pagamento a dinheiro, conforme o valor da canella em Ceilão, couza que convinha muito bem adverti-la, e sobre tudo como elles ficão senhores absolutamente para colher canella, e hão de entrar no districto de meas terras della, sabendo as entradas e saidas, e o proveito que dão, ou será difficuloso torna-los a lançar fora, ainda que tenhamos o voto dos árbitros por nós, ou farão com que a causa seja eterna, se no *interim* não fizerem o que os de Angolla no Bengo quando prenderão o Governador Pedro Cesar de Menezes; e o consentimento da liberdade da consciencia bem mostra que ficam elles senhores das terras. Estes e outros perigos que se me representam me fazem não quietar o pensamento, e esta foi a rasão porque nunca aqui quis conceder que ficassem senhores, nem de hum palmo de terra, por evitar estes perigos: e achei ser mais util e conveniente dar-lhes 600 quintaes de canella em Galle que terra alguma com me darem caução, e nem ainda me pareceo seguro que entrassem a buscar a canella ás nossas terras por se-lo mais o dar-lha á nossa custa em Galle (pois não pôde ser em Goa) seguindo os avisos de André Salema, que como experimentado fala nas suas cartas com muito acerto e fundamento: porque se elle se teme de que não podião escuzar-se desavenças ficando o hollandes em Galle que lhe não podiamos tirar, que será ficando senhor de meas terras de canella, e com ella em sua mão, postoque a titulo de deposito? Digo outra vez que lhe sinto grandes difficuldades, e que o tempo nos tem insinado qual he a fé destes homens e como não perdem occasião quando a achão, e consideradas estas razões sem paixão ou affeição, julguem em Portugal se o que aqui se fes foi em deservio ou proveito do bem comum e ventagens no serviço de S. Magestade. O que resta he se a clausula do ultimo artigo deroga a do nono do nosso tratado, ou a nossa esta sua, porque como aqui está a chave, cada qual ha de pegar na que mais lhe estiver a conto: e quanto a mim de primeira instancia me parece que ficão obrigados a restituir-nos Negumbo em vigor do nosso tratado com a clausula do seu, porque como la exprimirão a condição de que sem embargo daquella capitulação estarião pelo que cá se determinasse, e para isso deixarão ficar as couzas no estado em que se achavão ao tempo da publicação nova que em Goa se avia de fazer, indo de cá decidido que restituíssem as fortalezas, se lá não tivessem tomado outro accordo, parece que pois o não tomarão, esperando que de cá fosse a resolução, que devem de restituir-nos Negumbo em virtude do nosso accordo aqui celebrado, pelo qual se mandão fazer restituções expressas effectivamente do que estivesse tomado, quer no mar quer na terra. Isto me pareceo sem estudar ainda o ponto: avize-me V. Ex^{cia} o que nisto considera. A duvida mayor que lhe acho he o poder com que se portão os da Companhia na India, e a esse respeito hão de mover duvidas para que torne cá o negocio, e assim andaremos em perpetuas eternidades. Deos abrirá caminho a tudo, e faci-

litará estes negocios quando vir que he tempo, pois que todos correm á conta de sua mão divina.

Agora chegarão tres navios de Pernãobuco á Companhia do Brasil; trazem por nova que sairão da Bahya 1500 homens divididos em tres tropas e que vierão por terra avistar Pernambuco para fazer huma entrepreza no Recife, avendo os moradores portuguezes prometido aos da Bahia que em tudo os ajudarião; e dizem mais que tinham os portuguezes ordenado hum cazamento e convidado para elle aos principais hollandezes, para que tendo-os longe das praças, entrassem os soldados da Bahia, prendessem a todos e se fossem fazer senhores das fortalezas (1), mas que fora tudo isto descoberto por hum Sebastião de Carvalho, (velhaco traidor) com que sendo sintidos e descobertos, se tornarão sem fazer couza alguma, nem dano a nada: acressentão já que S. Magestade era sabedor deste negocio e que avia mandado ordens á Bahia, e aos mesmos moradores de Pernambuco, prometendo mercês a muitos, a quem forão achados papeis, e que ficavão prezos no Recife. Estas são as novas que temos do Brazil. Detremino de hir aos Estados a dizer-lhes que não dem credito a semelhantes dittos dos da Companhia que estão aqui com esta queixa, porque S. Magestade não he sabedor do que dizem passára no Brazil, porque a ser obra sua talárão-se os campos, e não ficára engenho em pé, e canas que não ardessem, pois elles mesmos confessão que chegarão os da Bahia a tres leguas do Recife, que por ventura seria virem, se he que vierão, a algum outro negocio, ou a buscar fogidos e levantados, que dizem ha muitos, ou que também seria algum motim nos soldados irritados do que ultimamente se fez em S. Thomé, que quererião vingar-se em Pernambuco, mas que com ordens do Governador se tornarão a recolher sem fazer dano algum, e finalmente que he necessario ouvir as partes e esperar avizos de S. Magestade. Isto me parece conveniente fazer, porque não haja alguma desordem, e affirmo a V. Ex.^{cia} que não sei o que isto he, e pelo menos não sei deliberar-me em fazer juizo sobre o facto, porque o tempo mostrará se foi acerto ou não, que muitas vezes ha hum *rectum ab errore*, mas tomado o negocio á primeira vista, de nenhum proveito nos he, antes entendo que nos atrazará infinito em todas as pretenções. A S. Magestade avizei sempre o que entendí nestes particulares, mas como não sei os fundamentos do que se fes no Brazil, não sei dizer mais que julgar e entender que não foi obra ordenada por S. Magestade, nem pelo seo Conselho, porque não he digna disso (2). Deos nos acuda e dê hum expediente a estes negocios em forma que acabemos por huma vez. O povo de Amsterdam fes bravuras, os judeos me condenarão a pedradas e aqui he muito facil a execução, e o que peor he que os que cuidamos são amigos são os peores, e o certo é que todos são huns.

(1) Libertado o Maranhão em Fevereiro de 1644, André Vidal organizou o movimento revolucionário em Pernambuco que devia rebentar em 24 de Junho de 1645. Embora fracassasse devido á traição, os conjurados puzeram-se em guerra aberta com os holandeses, começando a luta que só acabou em 1654 com a rendição do Recife.

(2) Sabemos agora que o Rei aprovou a insurreição e que ela foi auxiliada pelo governador geral do Brasil António Teles da Silva.

Não ha novidade, porque as que ha são francezas todas, e essas tem V. Ex.^{cia} lá primeiro e melhor sabidas. Dizem que se vai o Marquez de Castel Rodrigo e Piquilomini e que fica com todo o governo em Flandes o de Lorena.

(*Autographo*). Avizo V. Ex.^{cia} e S. Magestade que inda que a viração fasa (?), convem que seja por mais vias, e poderá acontecer aver nesses portos alguns navios que inda que aqui os avia, ventou ontem norte e receo que sejam sahidos: boa cavalgada foi esta quando se trata de pazes; não deseja grandes bens a Portugal quem neste tempo aconselha que bulão com os hollandezes; deixão Angola e S. Thomé, acções justificadissimas, e vão a Pernambuco, que he com caravelinha tomar Azamor.

Biblioteca Nacional, codice 2666, fl. 351.

Sousa Coutinho ao Conde da Vidigueira

1645 — Setembro, 11

No correo passado remitti a V. Ex.^{cia} o tratado da Índia já traduzido em portuguez, que ficava menos embaraçado do que o latino que no outro corteo tinha mandado, com que não ha de novo neste particular que dizer.

A Companhia Occidental continua com as queixas aos Estados contra nós, pede soccorro de armas, gente, naos e dinheiro. Não posso ainda saber se os Estados se rezolvem em dar-lhe o que pedem; tudo são ameaços, já no Brasil, já na Índia, e conforme a experiéncia tem mostrado será necessaria toda a prevenção de nossa parte, porque se elles poderem, não a hão de perder. Assi o aviso a S. Magestade e V. Ex.^{cia} me faça mercê encaminhar essa carta pelo primeiro que se offerecer, porque importa, que aqui não ha navios, senão para o fim deste mês.

A Companhia Occidental se ajunta em Zellanda para resolver o que devem fazer; do que alcançar avisarei a V. Ex.^{cia}.

Aqui não ha novidade, nem de Munster tenho novas; as que V. Ex.^{cia} me manda são para festejar, e verão de quanta importancia he virem naos da Índia ao Reyno: será hum gosto grande chegarem as tres que se esperão mais.

A nova de Angola he estremada, porque ficão os nossos tendo porto para sua navegação, sem impedimento da observação da tregua, o que convem he sustentar a fortificação e fugir de ter tratos e contratos com os de Angola, porque nisso está nossa conservação e sua ruina.

Se S. Magestade vai á fronteira, como dizem, espero de que ainda tere-mos que contar aos curiosos alguma boa empresa. Dê Deos os socessos como nós os dezejamos.

O parecer que pedi a V. Ex.^{cia} sobre receber presente ordinario dos Estados ou não, he porque se acaso me mandasse S. Magestade hir em

razão do tratado que aqui fis, parece que he culpa que me poem, e neste caso duvido se posso receber presente quando me imputassem culpa na negociação com os que tratárão comigo; que em caso que S. Magestade me mandasse hir por acabar tempo, e vir outro, claro está que não ha causa para o não receber, como tãobem o não posso fazer se acaso me saisse por rompimento, o que Deos não permita; nesta conformidade, pedi a V. Ex.^{cia} seu voto, que a todo o tempo que fôr servido mandar-mo, o estimarei muito; não ha outro de que avizar.

Se a V. Ex.^{cia} lhe pareser que por ordem do Christianissimo venha avizo ao residente Brasset que fale aos Estados sobre estes particulares, pedindo-lhes que não façam alguma alteração nas cousas ultramarinas pela informação dos da Companhia, porquanto se devem esperar informações exatas como elles fazem a nossas propozições; alem de que se deve considerar o perigo que neste tempo pode sobrevir com o dano commum, e o mais que V. Ex.^{cia} pode dizer, e saberá representar, disponha V. Ex.^{cia} o que fôr mais acertado e conveniente.

Biblioteca Nacional, códice 2666, fl. 275.

Sousa Coutinho ao Conde da Vidigueira

1645 — Setembro, 18

Na hora que a semana passada assinej a carta para V. Ex.^{cia}, estava com hum febre tão grande, que mal me lembra ave-la assinado; continuou tres ou quatro dias mais, e obrigou a duas sangrias, que nestes payses he quasi o summo a que se chega; fico livre della, seja Deos louvado, e hoje de purga, e assi por isso como por estar o Secretario da Embaixada em Amsterdão, não poderei ser largo nesta, e sirva-me de desculpa com o Doutor Antonio Moniz a quem devo reposta de hum carta, que sinto muito não a poder aver feito, porque me convem responder a hum parvoisse de Monsieur de Estrada, que se fora assi como elle disse, não avia mister mais Francisco de Andrada.

Estimo muito que V. Ex.^{cia} faça jornadas por gosto e curiosidade, que eu se bem tenho esta, falta-me de todo aquelle, para imitar a V. Ex.^{cia}, porque me tem tão aborrecido os hollandeses, que com me enfadar muito a Haga, não saio della por me não enfadar mais, sendo que ha a jornada de hum dia, e de dous lugares muito para ver: vim ser Cartuxo a Hollanda, raramente, se não he a negocio, sayo da minha choupana; se as culpas que aqui tenho cometidas merecerem alguma prisão larga, estou tam bem acostumado que a não hei de sentir.

De todo tinha cahido entre os Estados e interessados da Companhia Occidental, que quasi tudo he hum, o rumor do successo do Brazil, avendo-se entendido que fora somente levantamento dos moradores cançados de sofrer tantas insolencias, se não quando hoje se começa a divulgar outra nova, e

ma tras Monsieur Brasset á cama, sem me valerem os privilegios de purgado, e he que os vasallos de S. Magestade estavão senhores da Parahiba e que a Companhia pedia navios e gente aos Estados, e que se falava já em quatro mil homens. Por algumas considerações tenho a nova por falça: a primeira porque de Amsterdam me não tem avisado, a segunda por que se veio por Zellanda era muito cedo para aver já deliberação de mandar gente, a terceira por que sahio do Guaspar Muts, que he hum mao cão e não he mais amigo que enquanto lhe estão contando dinheiro que pede como pão e o taxa como se lho devêrão, e em o recolhendo, lhe não lembra mais senão quando lhe dão outro. Da certesa avisarei a V. Ex.^{cia} no que vem; se a tem, certo he que o soube S. Magestade e he força crermos que está bem feito e que averia considerações para isso que não alcançamos, mas se não, receio que nos dê o caso muito em que entender, porque a Companhia estava perdida e brevemente o ficará de todo, se os Estados a não socorrer, o que tambem cuido que não ouverão de fazer, mas com esta ocasião sim, porque são mui ciosos do Brazil e inda que o querião conservar sem custo seu, todavia chegados a entender que se perde, hão de fazer todos os esforços que puderem pelo conservar.

O que V. Ex.^{cia} me pergunta do titulo que leva para Osnabruço Doutor Feleciano Dourado, he de Secretario da embaixada que S. Magestade ali ha de mandar, e assi o escreve aos plenipotenciarios de Suecia.

Biblioteca Nacional, códice 2666, fl. 359.

Sousa Coutinho ao Conde da Vidigueira

1645 — Setembro, 25

V. Ex.^{cia} averá tornado da sua romaria com a saude que lhe desejo. Eu, louvado Deos, fico já com ella, se bem nestas terras não ha achaque que não deixe por muitos dias algumas reliquias, mas como me vejo fora da cama, logo me dou por são de todo, porque sobre 50 annos, não ha já que esperar mais que isto. O maço de S. Magestade que me remeteo o Doutor Antonio Moniz irasia cinco cartas, huma dellas segunda via da em que me mandava sobrestar com os negocios: as outras não conthem cousa de consideração, mas de huma colho duas cousas, que vem a ser quasi huma só, e he que não toca a suspenção em culpa minha, e segundo se pode coligir se esperavão alguns avizos para se me darem ordens do que avia de fazer; não se me dis isto, mas eu o quero adivinhar, suposto que não acho de donde tirar mudança aqui de embaixador como desejava, mas como são só puramente pensamentos, e me falta a cifra, por estar o Secretario da embaixada em Amsterdão, não me posso explicar mais; por ventura que das cartas que V. Ex.^{cia} tiver de S. Magestade possa inferir o mesmo, que eu não só imagino, mas tenho por certo.

Com este negocio de Pernambuco cada dia me dão hum rebate novo, mas todos falços, por que sem averem chegado segundos navios daquele Estado vão acrescentando ao primeiro, hum dia que os nossos emforcarão cem hollandeses, outro que estamos senhores de Parahiba, e agora tornão a dizer que do Recife; emfim a Companhia anda dando com hum pé no outro, e intenta que os Estados lhe dem dinheiro antes que lhe cheguem as naos que esperão por todo este mez, por que como tem por certo que tudo estará lá quieto, e que entendendo-se que lhe não darão assistencia, procuram pescar alguma cousa antes que se entenda a certesa, porem os empenhos dos Estados são tantos, que sem grande necessidade não se hão de meter em outros: e eu visitei antes hontem (que foi o primeiro dia que sahi de casa), hum delles com quem corro com estreita amisade e ainda por vía de parentesco que temos contrahido, e sem embargo de ser interessado na Companhia, me disse que os Estados não resolverião cousa alguma sem segundo avizo de Pernambuco, e que conforme fosse a necessidade assim farião, e que se mandassem alguma gente, seria para defença das suas praças, e não para ofenderem as nossas. Seja V. Ex.^{cia} servido de escrever a S. Magestade, porque ainda que daqui partirão duas naos em dereitura para Lisboa dentro de 10 dias, sempre he bom duplicar os avizos e he milhor o que chega primeiro.

Eu de prezente estou com pouco cuidado nesta materia, porque sempre entendi isto mesmo, e tenho entendido mais que todos os ameaços e socorros de muita gente e navios em que falão, he só a respeito a que de todo não cayão as acções, que ficão hoje a 38, com se darem os interessados por tão quietos, que não ha nenhum que a 2 por cento queira assegurar na praça a fazenda que tem no Brazil, e se lá não ouve outro algum movimento, dê V. Ex.^{cia} tudo o daquele Estado por na mesma forma em que estava dantes, se bem a de negoçearmos aqui se altera muito, com que a minha opinião he, que deixado o caminho que levava de repôr Angola e S. Thomé no estado em que estavam ao tempo da publicação da tregoa, se trate logo da paz, e que nas condições della se involvão estes insidentes: assim o tenho escrito a S. Magestade. V. Ex.^{cia} me fará mercê de me dizer o que lhe parece, por que inda que os que nos governão não aproveem nossas opiniões, folgamos sempre de que não sejamos singulares nellas.

Não ha outra cousa de novo de que avizar; o Principe de Orange se está quieto como se estava, com a mais fermosa armada que nunca teve de trinta mil homens efectivos, mas ainda se cuida que fará alguma cousa, ou pelo menos querem que o cuidemos os de fóra, se bem me afirmarão que os Estados lhe mandarão dizer que não achavam já donde tirar dinheiro para lhe assistir.

Sousa Coutinho ao Conde da Vidigueira

1645 — Outubro, 2

Já disse a V. Ex.^{cia} na passada o que continham as cartas que recebi de S. Magestade; agora vejo por esta de V. Ex.^{cia} que em Cabo Verde ouve alguma novidade, se velhacarias de hollandeses se podem ter por novas, e fico em mayor confusão que atéqui, pois tanto não quer S. Magestade que fale, que de nada me manda avizar, de que tenho por prova infalível mandar-se-me entre as outras cartas segunda via da de 16 de Julho, que era a porque S. Magestade me manda sobrestar com os negocios, que se julgou por de tanta importancia, que não se me mandando nunca avizos duplicados, com este só se fez, de que parece que se podem tirar duas consequencias: ou de que me virá successor, ou de que se esperava algum avizo por se me mandarem novas ordens e qualquer destas corre, a primeira por minhas inormes culpas, a segunda que não tenho a nossa inosencia por tão justificada como nos convem publicar, e não faltam provas pera isso; porem não nos convem escoadrinhar os intentos dos Reys, posto que não deixa de ser rigor deixar de prevenir aos embaixadores, ou pera as repostas, ou pera os perigos, e se bem nestes se pôde despensar, todavia naquellas não, porque não sei se estão jã as embaixadas tam bem entendidas pelos nossos primeiros ministros, que cheguem a dissedir a questão de se convem pera enganar os estranhos enganar primeiro os seus, mas deixada esta materia á parte para seu tempo, vamos á que de presente nos importa.

As gritas e barafundas da Companhia Occidental cressem e mingoam como marés, e quando cuidei que estava tudo quieto, pela segurança que me avião dado os amigos de que sem segunda informação de Pernambuco se não tomaria resolução alguma, fui avisado sabado despois de comer que com a chegada do correyo de França avia huma nova e grande emução; fui em continente a fazer deligencia, e achei que continha a carta que V. Ex.^{cia} por ordem de S. Magestade avia com o Christianissimo feito apertadissimas instancias para que se antrepuzesse na acomodação do successo do Brazil, de Portugal e estas Provincias. Com este avizo me fui a Monsieur Brasset a dar-lhe conta do que passava e a manhã de hoje, para quando ficou nos Estados a falar-se na carta, elle por sua via e eu pela minha, corremos os mais amigos a mostrar-lhe a olho a falcidade por que a Companhia daqui argumentava que S. Magestade avia mandado fazer o negocio pois se prevenia para a acomodação delle; e he de saber que tanto que aqui ouve o primeiro movimento que Brasset a instancia minha, e por eu estar de cama, acodio ás diligencias necessarias, de que avizou logo a França por carta de 4 do passado, de que teve reposta e ordem que continuasse na forma que lhe parecesse necessaria e eu lhe pedi; e com esta carta vai mostrando ser falça a que a Companhia alega, pois antes de o elle escrever, se não sabia em França cousa alguma de Pernambuco. Eu pela minha parte,

combinando os tempos, lhes tenho mostrado que em Portugal se não podia saber, senão ao mais breve na entrada do passado. Ao que mostrão todos aos que falamos, estão satisfeitos e asseguram que não alterarão a primeira resolução de esperar segundo avizo, mas a Companhia, como sabe que com elle se saberá que o Brasil está quieto, procurão por todas as vias que podem azedar o negocio pera que sem mais que por seu ditto, os Estados se empenhem com ella, e he isto tanto assim que quando já por este caminho o não podem alcançar, tratam de ver se podem amutinando o povo contra minha pessoa e casa. que S. Magestade venha a fazer o rompimento que elles cá não podem alcançar, mas quererá Deos que nem por aqui o consigam, por que eu estou bem prevenido pera esperar hum citio. Andam pregoando que os nossos em Pernambuco executaram grandes crueldades e mortes contra os seus. sem perdoar a sexo nem a idade, e se a este povo lhe entrar esta aprenção, não me faltará em quê entender: referem mais da carta de França, que não só V. Ex.^{cia} fes ahi as instancias que tenho dito, senão ainda que vem de Portugal embaixador extraordinario só a este fim. Esta he gente do diabo, tudo nella he virtude, e querem que em nós até as vertudes sejam culpas; o que suposto, V. Ex.^{cia} governando-se ahi nesta materia com a prudencia que custuma em todas, se encaminhará melhor o negocio, não procurando por hora mais assistencia nelle que a dada, por que emquanto não virmos cá novas demonstrações, bastará o que temos feito, e daqui tiro que tenho acertado em não hir á mesa dos Estados, e elles em particular mo aprovam, por que averião suposto culpa escusando-nos da que queremos mostrar que não ha, e quando chegar occasião de fazer as queixas, tudo entrará junto, por se me tocar a mim o dalas: vou formando hum papel que creio que lhe ha de parecer bem a V. Ex.^{cia}, e heyo de imprimir em framengo, por que ha de ser em forma de manifesto para repartir pelo povo, que ouve só a queixa dos seus, e não alcança a razão das nossas.

O que V. Ex.^{cia} me diz sobre o aceitar o presente, indo-me nesta occasião, tenho pela resolução mais acertada, por que he como de quem sabe julgar o que importa ás embaixadas, que he hoje materia ainda bem prima para os que nos dão as leis.

Eu como estou neste cantinho do mundo, parece-me que quando as cousas me vem ás mãos, serão já velhas para V. Ex.^{cia}, como quem está no emporio de Europa, por isso não tenho mandado a V. Ex.^{cia} hum papel que ha já alguns dias que me chegou, mas hirá se V. Ex.^{cia} o não tem; são as propostas e repostas do Nuncio de Castella e Conselho de Estado sobre ser admitido em Roma o Embaixador de S. Magestade como Embaixador de Rey, como pareceo á congregação dos Cardeaes, que para este negocio se deputaram, o que S. Santidade não quis executar sem primeiro o fazer saber ao Catholico.

A carta dos moradores de Pernambuco em que V. Ex.^{cia} me fala, tenho ha muitos dias, porem isto não taz prova para esta gente, que crê mais hum daquelles breados que dezia Dom Thomás de Noronha no seu soneto antigo que quantas justificações ha no mundo: e poucos dias ha que a hum papel

meu de que se deo vista á Companhia: respondeo o advogado dela que eu queria que me cressem como se fora hum oraculo, quando elles tambem falavam verdade.

O Principe de Orange marchou aos 28 do passado para se ajuntar com a Armada francesa; tem passado a Ribeira e hoje até manhã esperam os Estados carta sua com avizo de estarem já juntas as armadas: a francesa está entre Hulst e Gante, e contra huma destas praças se entende que he o designio, e á da segunda se inclinão todos, mais eu, inda que seja sahir da minha reclusão, determino avendo citio formado dar lá huma vista.

Biblioteca Nacional, códice 2666, fl. 401.

Sousa Coutinho ao Conde da Vidigueira

16.45 — Outubro, 9

São as onze da noite, e não pude começar esta antes, embaraçado até esta hora com cartas para S. Magestade, por ter hoje avizo que avia naos para partir, e desejava muito ser largo, (mas não me será possivel) porque não faltava materia, mas alinhavaremos.

Nesta semana passada se assentou em huma junta que se deo aos procuradores da Companhia que os Estados a socorressem de presente com mil e quinhentos homens, e com seis naos em que fossem. A gente para nos fazer guerra não he muita, nem he sair do que me avião ditto, porque sempre acressentárão na segurança que me davão de paz que lhes convinha assegurar suas praças, por que estavão certos que as faltas que ellas tinham fez atrever aos portuguezes; com tudo se a pratica fôr por diante, acudirei aos Estados, quando não seja mais que para lhes preguntar o fim para que mandam gente se he para nos romper a guerra, que posto que entendo que he só para o que assim digo, farei esta deligencia porque não arguam de meu silencio mayores cousas das que tem arguido por V. Ex.^{cia} ahí querer falar nestas materias: e não me parece que nisto vou contra o preceito de S. Magestade, porque se hei de diser o que entendo, *salva paxe* de que não convem adivinhar os sacramentos que os Reys querem encobrir, tenho pera mim que ou estou tão mal avaliado em Portugal, que não quer S. Magestade que nem ainda com o bafo a peste estes negocios, ou que se esperava o avizo que nós já cá temos para se me mandarem novas ordens. Perdoe Deos a quem fez acordar o cão que dormia; cahio lhe á Companhia a sopa no mel. hia-se consumindo, os Estados ensurdeciam a seus lamentos, e agora ouvem-nos e remedeão-nos. A paz bastava só para os consumir, e nenhum remedio ha ja hoje senão faze-la e tratar logo della com as milhores condições que se puder, que mais val assegurar que arriscarmos tudo o que nos tem deixado: he grande o inimigo que temos, e convem renegar de devirções que nos podem lançar a perder, isto he o que me parece; assi o tenho avi-

sado a S. Magestade; se V. Ex.^{cia} está do mesmo parecer, não será máo fazer a mesma advirtencia.

Das praticas destes Estados com Castella esteja V. Ex.^{cia} sem cuidado por que não ha cousa que o possa dar; Monsieur Brasset e eu estamos *a la mira* e não tão faltos de intiligencia que nos possa escapar huma cousa que he força comunicar-se a sete Provincias e dellas a milhares de cidades, de que as mais não querem paz, e sendo cousa contra o que desejam, era força que alguém no-lo revelasse; e esteja V. Ex.^{cia} muito certo em huma cousa que por esta razão, dado caso que os Estados se quizessem separar de França, que ouvera de aver muitas mais duvidas aqui na conclusão das que ha de aver em Munster, e tenha V. Ex.^{cia} por muito mais certo que não he este negocio que ali ha de custar menos a acomodar, e saiba tambem que o Principe de Orange não deseja a paz, e que se enganará muito quem cuidar outra cousa, por que está velho e deseja deixar seu filho com experiencia para que o ajão mister.

A rasão sobre que se fazia muita força para se serem estas praticas, era não aver intentado impresa o Principe com tantas forças; esta tem cesado já, tem sitiado a Hulst e feita a linha de circunvalação de agoa a agoa, entrando nella hum forte que rendido facilitará muito o successo, ou o concluirá na passajem da agoa sendo rechassado por Bek; mandou ao filho com a cavallaria passa-la huma legoa ariba, o que executado, o desfez totalmente, salvando-se só alguma cavallaria a unha de cavallo; Bek dizem que ficou ferido de morte.

Sinto muito pelo que toca a V. Ex.^{cia} dizer-me que está ainda de vagar por estas partes, mas pelo que toca ao serviço de S. Magestade com o que em primeiro lugar nos devemos conformar, he só o que todos devemos querer estar V. Ex.^{cia} sempre nelle. A carta para Duarte Nunes se encaminhou logo.

Biblioteca Nacional, códice 2666, fl. 405.

Sousa Coutinho ao Conde da Vidigueira

1645 — Outubro, 16

Nesta posta recebeo Monsieur Brasset do Conde de Breana todas as ordenas que V. Ex.^{cia} me diz nesta sua de 7 do corrente e antes que eu tivesse lugar de hir saber dellas, mas veyo elle comunicar e pedir as minhas. V. Ex.^{cia} não só está hoje no coração da Europa, mas he o coração de tudo o que toca a Portugal, e assi nos reparte os esperitos vitais aos outros membros, que mal puderão sem tão cuidadosa assistencia governar-se nem ter vida. Muita dê Deos a V. Ex.^{cia} e muita saude para que possa fazer muitos serviços a nosso Rey e a nossa patria.

As cousas do Brasil vão aquietando; a nova que na passada mandei a V. Ex.^{cia} teve parte de certa, e parte de falça, a certa he preparan-se sete náos para Pernambuco, e a falça porque são por conta da Companhia e não

dos Estados, como aqui e em Amsterdam se rompeo, se bem he verdade que elles acudiram com algum dinheiro; muito pouco a respeito do muito que devem á Companhia. As naos que vão são mercantis, e a de mais força até 20 peças. de maneira que não ha de presente cousa que possa dar cuidado, e espero que inda fiquemos com menos, chegadas naos de Pernambuco, porque se ha lá a quietação que os mesmos interessados prezumem, creyo que tão fora ficarão os Estados de lhes dar assistencia. que antes se hão de arrepender da pouca que lhe tem dado. O que suposto, junto ao que tenho avizado a V. Ex.^{cia} dos roidos que aqui ouve por huma carta vinda dessa corte e não ter outras ordens de S. Magestade mais que para não falar, alem de ser força obedecer a ellas, tenho para mim que qualquer diligencia hoje não só seria intempestiva, mas arriscada. Esta gente, Senhor meu come muita manteiga, com que he muito flematica, e quer que se negoece com ella pelo seu mesmo modo, alem de que não bastam muitas esporas para a fazer tirar de seu passo, presume mal da muita actividade. pelo menos naquelles que já tem tempo para a poder conhecer. Temos por davante nomear árbitros para o negocio de Ceilão, e eu propus já em dias passados em huma conferencia que tinha por impossivel podermo-nos acordar nas materias do Brasil sem ser pelo mesmo caminho dos árbitros, e que assim conviria que os nomeassemos logo para humas e outras diñrenças. Desta minha proposição se mandou dar vista á Companhia. e ás provincias, e no tempo que eu devia sulicitar e esperar reposta della, me chegou a ordem de S. Magestade para sobestar em todos os negocios, e sendo assim que sem outra não posso falar nelles, não fica lugar pera que Monsieur Brassset fale, porque seria dar hum grande motivo de espanto calar-se a parte e falar o terceiro, e seria tambem fazermos suspeito de ante mão o juiz que queremos, offerecendo-se elle mesmo para o ser e de muito pior condição ficamos, propondo-se pela sua parte juiso, ou mediação, porque he certo que escolherão os Estados esta segunda, quando a nós nos convem o primeiro. Assim que sem nova ordem de S. Magestade estou com as mãos atadas; em primeiro lugar convem espera-la; tenho adivirtido sobre tratarmos logo da paz e estimo eu muito que V. Ex.^{cia} o aprove: bem vejo que não he caminho pera mayor brevidade, mas he pera mayor quietação e pera tirar suspeitas, porque o tempo que fôra della aviamos de gastar nas duvidas de S. Thomé e Angola assi como assim se gastará. mas emfim entenderão os Estados e Companhia que desejam a paz, que nós a desejamos tambem e que tratamos mais sinseramente do que elles atégora tem tratado comnosco. Isto he o que me parece; entendo que por hora não posso fazer outra cousa; a Monsieur Brassset dei as graças do bom animo com que está para o serviço de S. Magestade. V. Ex.^{cia} seja servido de as dar tambem ao Conde de Briana, sinificando-lhe a grande affeição e cuidado com que este ministro me assiste, pois já antes de S. Magestades Christianissimas lho mandarem, só pelas ordens gerais tinha acudido a todos os particulares necessarios, mas que os hollandezes não tem a colora francesa, e assim que convem com elles mudar de natureza.

Merecia eu a V. Ex.^{cia} que me não tivesse por tão descuidado, ainda em cousas de pouca consequencia, quanto mais na de tanta, como seria vir a esta Corte hum ministro de El Rey Catholico sem eu o avizar a V. Ex.^{cia}.

Não se espante V. Ex.^{cia} de que se diga ahi que estamos aqui em braços com Dom Miguel de Salamanca, porque mais perto está Amsterdam e o mesmo creio o Doutor Feliciano Dourado, que ainda ali está; nisto não ha mais que o que tenho ditto a V. Ex.^{cia}, nem me parece que ha cousa que possa dar cuidado, se bem não faltam gentes que creyão, ou pelo menos que digam que ha o que quer que he, e que com o Principe de Orange estar sobre Hulst, e aver começado aos 8 deste a abrir trincheiras, que ainda são tramoyas que o são castelhanos, creyo eu bem, como deviam ser a suspensão de armas que se dizia que tinhamos em Portugal.

Os nossos embaixadores de Munster me mandárao a reposta dos do Imperio tocante ao Senhor Infante, e com mostras de grande descontentamento della, e que o mesmo mostrava ter o Duque de Longavilla, mas eu não o julgo assim, tão longe estou de cuidar que he roim, que antes a tenho por boa pera a primeira, porque não sei eu como os nossos podiam esperar que sem mais nem mais conhecesse o Imperador a S. Magestade por Rey de Portugal quando o Papa o não tem feito, e pois não excluiu a pratica e a remete a Castella, bem claramente mostra que deixa a porta aberta para a continuar, e para França e Suecia poderem dizer que como lhe responderem a este particular, trataram dos outros, e se assim o fizerem, a reposta he muito boa e parece que sobre tantas promeças não podem faltar.

Hoje recebi carta do Secretario com o papel incluso de Jeronimo Nunez; se ha o que nelle diz, V. Ex.^{cia} o deve de saber, contudo em duvida o mando, porque as boas novas sempre alegram; se forem certas, teremos que nos alegrar, e se não, pelo menos durará o gostinho em quanto as não tivermos em contrario. Tive tambem avizo de Amsterdam que duas naos da India que chegaram a Inglaterra; davão por nova de que os nossos tres galiões ficavão na Ilha de S.^{ta} Elena. Jeronimo Nunes não fala mais que em hum, e na Elena, porque he judeo tão religioso que se lhe chamára Santa, faltára muito a suas obrigações; pera o mais, tão judeo hé como os outros, e desta carta de só Duarte Nunes ha que fazer caso.

Biblioteca Nacional, códice 2666, fl. 403.

Sousa Coutinho ao Conde da Vidigueira

1645 — Outubro, 23

Se eu me vira agora em hum concilio, ou pelo menos em hum synodo e fora figura nelle, ajuntára á ladainha da Igreja adonde mete os rayos, tempestades e esperitos de fornicção: dos hollandezes livra-nos Senhor; não se podem conhecer bem, se não vivendo entre elles; não deve ter o mundo pior

gente, ou pelo menos depois que tem Companhias; na Occidental são interessados a mayor parte dos Estados e alguns delles consideravelmente; vem que se perdem e sega-os de maneira o interesse que a querem remediar com o que será sua total roina, buscando causas para romperem com nosco: não tem achado atégora no caso de Pernambuco mais que conjecturas contra S. Magestade e andam buscando outras para que juntas todas façam culpa, e para que V. Ex.^{cia} veja a mostra do pano, começo por França e por V. Ex.^{cia}.

Diz-me V. Ex.^{cia} que quando aqui se disse das apertadas instancias que V. Ex.^{cia} fazia nessa corte não havia falado huma só pälavra, e assim o tinhamos entendido e mostrado a estes senhores, Monsieur Brasset e eu: parece que de cá (1) se avizou a pessoa que o escreveo, e que a tal por fazer a sua boa, escreve nesta posta que não se desdiz, e que V. Ex.^{cia} fora a Ruão tomar as ordens do que avia de fazer, e que voltado a Paris achára as cousas mudadas de maneira que se aquietára e não falára mais nellas, de donde se tiram duas cousas: a primeira que esta gente governa por imaginações, e a segunda, que com tão poucas noticias, que antes de V. Ex.^{cia} abrir a boca, dizem que tem feito grandes diligencias, e quando as começa a fazer, dizem que lhe pôs silencio.

De novo ha hum caso succedido na noite dos 20 do corrente, que a ser entre outra gente, não me dera cuidado, mas entre esta dá-mo muito grande, e hê elle que com o Conde Mauricio veyo do Brazil hum Gaspar Dias Ferreira, portuguez, que em Pernambuco enriqueceo ao Conde, e assi sendo mais hollandez, que os mesmos hollandezes, por tal o tenho eu, e tal informação dei delle a S. Magestade. Estava aqui alegre e satisfeito com determinação de se tornar nos primeiros navios, senão quando na noite que digo o prenderam por ordem dos Estados com grande aperto, tirando-lhe a comonicação. Em Amsterdam prenderam no dia seguinte a hum primo seu e ao seu caixeiro, e lhe tomáram todos os papeis que aqui e lá tinha; a causa da prizão inda até hoje se não sabe, se bem publicam os judeos que he de treição, de que eu estou bem certo que elle está livre, e contudo receyo muito que facilmente se lhe prove pelos seus papeis, e porventura que sejam juizos de Deos pera pagar inocente nesta parte os males que dizem fez a outros inocentes; e para que V. Ex.^{cia} fique bem informado da materia para que me dê nella seu conselho para como me hei de aver, chegando estas cousas a publico, direi o que ha, e em que fundo meus receyos. Não sei se ainda em tempo de V. Ex.^{cia}, se depois de estar já em França, veyo hum frade bento a Portugal, mandado pelos principais e mais ricos de Pernambuco, a propôr a S. Magestade que tratasse de comprar aquellas praças, para o que elles offereciam dous milhões e mais; nestes homens não entrou Gaspar Diaz por que se não tiarão delle, mas era amigo do frade, e o frade homem de traças, vendeo-lhe a viagem por sua e fe-lla com dinheiro seu. Este foi o

(1) *Nota autographa*: Hum tal Fernandes de Leão, morador ahi em Paris entra nesta dança sigundo me disse Brasset.

fim a que se encaminhou a minha embaixada, mas achei as cousas de maneira que me certifiquei que por este caminho não poderia conseguir nada, porque ha lingoagem dos Estados e Companhia que todo Portugal não val o que a metade do Brasil, e assim deixei este meyo para o tratado da paz.

S. Magestade, pelas informações do frade e pelas do Marquez de Montalvão, que he amigo particular de Gaspar Dias, lhe tinha feito mercê de foro de fidalgo e de huma comenda, persuadido ao que depois cá alcancei, que por via deste homem, e pela muita mão que tinha com o Mauricio, se poderia fazer antes de sahir de Pernambuco alguma grande mudança naquelle Estado. Tinha o Marquez tambem dado a entender a estes dous homens que hiria o Mauricio governar as armas a Portugal, e com este engano vieram ainda athé Hollanda, e com esta indiferença ficou Gaspar Dias nem bom hollandez, nem bom portuguez, fazendo ambos os papeis conforme as partes em que representava.

Morreo em Lisboa o frade e ouve lá tão pouca consideração, que todos os papeis que lhe acharam se remeteram aqui a Gaspar Dias, e disse-me elle poucos dias ha, que tinha por certo que o negocio de Pernambuco se intentára por ordem de S. Magestade e por alvitre do frade, que de alguns papeis constava que elle o dera. Com a prizão deste homem e aresto de seus papeis sahirá tudo isto á praça, e averá bastantissima causa para o condemnarem a elle, mas nenhuma contra nós, se se julgar com justiça, mas como aqui se não conhece e andam buscando occasiões para quebrar, menos que esta pode bastar; e este he o caso por que eu digo a V. Ex.^{cia} que hei mister seu conselho, porque chegado a elle por ventura que seja necessario fazer abertura dos motivos de minha embaixada e ainda de alguns capitulos da *Instrucção*. Considere V. Ex.^{cia} o ponto com a prudencia que custuma, e seja servido de me dizer tudo o que nelle lhe parece, porque he materia esta muito consideravel e que mostra riscos a que convem atalhar. Bem vejo que os alvitres que se dão a S. Magestade que emquanto se não executam, antes podem servir de agradecimento que de queixa, mas isto val a donde ha razão e amisade, mas adonde tudo falta, que podemos esperar, mormente se o alvitre do frade aparece, vendo-sse executado antes que entendido? Fatal embaixada he esta de Hollanda, nem se acerta nella, nem ha caminho por onde se não erre, e quando se puderão emmendar alguns erros, tapando a boca a esta gente, offerecendo logo o tratar da paz, está fechada a minha a dous cadeados, para não puder fazer mais que diligencias particulares, sem chegar a gerais.

Pouco podem obrar os embaixadores, se se não fia tudo delles, porque parece que pelas embaixadas se intruduzio no mundo o proverbio, de que são mais os casos que as leis, môrmente nas apartadas, adonde as repostas dos avizos não pode chegar ao mais breve que em tres ou quatro mezes.

Vivo entre gente muito desconfiada, e inda que todos me aprovão no publico não falar nestas materias pelas rasões que lhe dou, de que me não hei de governar por informações da Companhia senão pelas de S. Mages-

tade, no secreto não sei que cuidarão, môrmente vendo que fazendo-se em março o acordo da Índia, estamos em outubro, e não ha retificação d'elle, avendo vindo milhares de navios, alem da frota em que elle foi. Nesta parte satisfação tambem com dizer que se esperavão as naos, e que como era certo não virem sem concertos feitos na Índia, que esperava S. Magestade a ver qual era, e a qual dos dous avia de retificar. Eis aqui as confusões e trebulações em que fico. Deos abra caminho para que sayamos bem dellas, que si fará, porque a causa he sua.

O meyo mais eficaz he aprovar S. Magestade tratar-se logo da paz, que a Companhia ainda que blasona, sei que a deseja, e sabe muito bem que a Bahia, quando a queiram intentar, que he empresa muito difficultosa, e que demanda mais cabedal do que ella hoje tem, e para os Estados a emprenderem, tem suas difficultades: e sabem tambem que com guerra em Pernambuco huma queima de canaviaes a acaba, e que porem todo o seu remedio no piratar pode ter falencias, e com isto está que nenhuma outra cousa a ha de acabar de perder senão a paz. E se não, considere V. Ex.^{cia} que tomou esta Companhia huma frota inteira de Indias e que são por conta fóra della seiscentas e tantas embarcações as que tem tomado a Portugal e Castella, e que com isto estão em estado que não ha quem compre huma aução á Companhia a trinta e sete por cento em que hoje está, nem acham hum homem que mandar ao Brazil neste socorro que agora aprestam. Hora se com tantas presas tem chegado a esta miseria, que será se de todo lhe faltarem com tantas praças a que sustentar, e com tão pouco cabedal para o fazerem: com a paz não nos divirtiremos e a Companhia se asolará, e não só ella, mas he o caminho destas Provincias se perderem, se a fizerem com Castella, e bem o entendem ellas, e tanto que não ha de ser o que menos trabalho dê a acomodar em Munster.

Não sei se disse a V. Ex.^{cia} na passada que Anvers mandava aqui commissarios, porque se o disse erreí com a informação que então tive: o certo he que mandou aqui huma pessoa a pedir aos Estados hum passaporte para mandar commissarios a tratar de algum acomodamento, o que atégora se tem por certo que responderam, e respondem que a materia não he para aqui senão pera Munster, resolução que prometem observar. Os do Pais de Vuás he certo que tem aqui seus deputados para se meterem debaixo de contribuição.

Mas deixadas mazelas que enfadam, quero-me alegrar com V. Ex.^{cia} pelas novas de Portugal: S. Magestade me fez mercê tambem de me mandar as da prisão do Conde de Isiguen, que a tenho por huma cousa grande e muito pera se festejar, por que tem galantes circumstancias, e muito para que ponderem os amigos, não só que tem S. Magestade em Castella boas intiligencias, mas que tem tanta mão dentro della que manda prender hum homem, e que lho trazem: muito melhor fora ser Badajós, mas em falta, tem hum não sei quê este successo, que se podem esperar outros mayores apoz elle.

Quizera estar de mais graça da com que me tem estes meus amigos para

escrever á Rainha Nossa Senhora huma carta pelas vayas que neste mundo me tem dado por ser terceiro, e ouvera-lhe de dizer que o não fazia agora de vertude, senão por apertar ainda mais as pobres damas, que depois de as ter reclusas, as quer carregar de cilícios para lhes tirar a vaidade que lhes ficou com se verem galantes, mas quererá Deos que brevemente lho possa dizer á boca.

Biblioteca Nacional, códice 2666, fl. 407.

Sousa Coutinho ao Conde da Vidigueira

1645 — Outubro, 30

Da prizão de Gaspar Dias Ferreira, de que na passada dei conta a V. Ex.^{cia}, não tem resultado até gora novidade alguma, de donde me venho a persuadir ser certo o que sempre disse della, de que ou os da Companhia lhe querem apanhar a fazenda, *sive juste. sive injuste*, como fizeram a outros muitos em Pernambuco, ou ver se nos papeis que lhe tomaram descobrem alguma cousa contra nós. E tenho que atégora a não tem achado, porque depois do primeiro rumor se seguiu outro de que tinha este homem trato com Castella, e agora acressentam os mesmos interessados que eu o fiz prender por ordem que para isso tive de S. Magestade. Emquanto as cousas assim andam, bem estamos; o que importa he que não apareçam os papeis de que também avizei a V. Ex.^{cia} que me temia. Por hum criado do prezo que se escapou escondido, tive noticia que se avia papeis tocantes a Portugal, que estavam em huma certa casa em Amsterdam, donde elle com consentimento da dona della os metéra em huma casa de lenha, e que tornando ao outro dia para os tirar, a mulher o não consentira, e que prometia guarda-los se não fosse malcinada, mas he hollandesa, e inda que catholica, nem por isso fio mais della; contudo avizei ao Doutor Feleciano Dourado, que ainda está naquella cidade, que procurasse por qualquer meyo ave-los á mão, inda que fosse comprando os por qualquer preço.

Ha tres dias que me falta recado seu, creyo que deve andar ocupado com esta diligencia; se surtir bom effeito della, ficarei de todo descançado, e avizarei a V. Ex.^{cia} do que mais fôr descobrindo.

Os Estados tem acordado acudir á Companhia com seis centos mil florins, mas atégora se não acha nem descobre de donde ajão de sahir estes fidalgos, e quando emfim se achem e com effeito se lhe dem, servirá somente de sobirem as auções hum ou dous mais por cento, mas não hão de fazer armadas, nem mandar com elles grandes socorros ao Brazil, nem ha que fazer caso de nenhum emquanto os Estados não tirarem a mascara, e se entretanto ordenar S. Magestade que se trate logo da paz, atalhar-se hão todos os inconvenientes que se possão temer. Da prizão de Gaspar Dias e do succedido depois della não tenho avizado a S. Magestade, porque as cartas em que o fazia achárão já partidos os navios; o que ha, tenho ditto a

V. Ex.^{cia} na passada, e nesta, se V. Ex.^{cia} tiver occasião, sirva-sse V. Ex.^{cia} de o avizar a S. Magestade.

A mulher de Dom Luis de Portugal, como V. Ex.^{cia} sabe, ha muitos dias que está nessa Corte: estranhando eu a dilação que nella fazia, vim a alcançar, não que elle mo dissesse, que esperava audiencia da Raynha e do Cardeal Masarini, e que não podia aver nem huma nem outra: pareceo-me que a occasião não devia ser ligeira e assim pedi a Monsieur Brasset ma quizesse revelar: duvidou ao principio, mas enfim me veyo a dizer que se fundava a demonstração em tres culpas que davam a marido e mulher, que todas vem a fazer huma capital, se fora certa a ultima: a primeira que de Roma sahira em carroça do Duque de Bulhão e fora até Civita Vecchia, a segunda que vinha a tratar com a Duqueza de Latramulha (1), e a terceira que Dom Luis aqui se comunicava com Burcelas (2): a primeira não ha duvida que he certa, na segunda poderá V. Ex.^{cia} aver entendido ahí o que há, a ultima tenho por totalmente falça, e contado avizei a S. Magestade com grandissima dor de meu coração, pela muita lastima que tenho deste pobre fidalgo, e o avizei com todas as circumstancias de lastimas e sentimento, que aqui digo a V. Ex.^{cia}. Castella compra com dinheiro o que ha mister, e se com promeças, he aos que podem esperar pelo comprimento dellas; para este segundo não está Dom Luis, e para o primeiro tem passado tantas necessidades e miserias, que bem se conhece dellas que as não quer affectar, antes as encobrio sempre com o animo que deve a seu sangue. Foi-me encobriendo o caso de sua mulher, cuidando que sem sahir a publico se poderia remidiar, até que com as cartas desta ultima posta se desenganou e resolveo a hir a essa Corte a dar de si plenaria satisfação, e partio daqui hoje, despedindo-sse de mim, dando-me primeiro conta de suas mazelas, se bem calou a de cartear-se com a outra parte, que como he tão fora de tudo o que delle se pode cuidar, ou lhe pareceo que mo não averião dito, ou que eu o não creria inda que mo dissessem: pedio-me que o encomendasse a V. Ex.^{cia} e que remerciasse a muita merce que V. Ex.^{cia} ahí fez a seu filho. A bondade deste homem, a sua pobreza, e sobre tudo o seu sangue, são bem bastantes recomendações, e quando não tivera nenhuma destas partes, bastava só a de ser portuguez para que V. Ex.^{cia} lhe assistira: bem creyo que chegado a essa Corte passarão todas as borrascas, porque os francezes são tão faces em crer como em perdoar, (assim forão os holandezes). Justificando-sse como espero, sirva-sse V. Ex.^{cia} de o avizar logo a S. Magestade que sem embargo de que sei que V. Ex.^{cia} o ha de fazer por obrigação sua, quero eu ter parte na justificação, já que a tive na publicação da culpa. S. Magestade ha dous annos que me mandou escrever que se me remetião seis mil cruzados para Dom Luis, que atégora cá não tem chegado, e se o não tenho mão, elle esta á hora de agora em Lisboa, para onde o principio deste verão se quis embarcar. Em que o levem a Portugal me não meto,

(1) La Tremouille.

(2) Bruxelas; quer dizer, com os castelhanos.

mas em que lhe dem de comer si, porque he mais que razão, mas Dom João de Menezes levava detreminado dizer a S. Magestade que não convinha a seu Real serviço ter mais aqui este fidalgo, porque já em Madrid se estranhava por escrupolo fora de toda a boa politica cuidar-se que poderia ser de prejuizo algum. Muito estimo dizer-me V. Ex.^{cia} a resolução de S. Magestade no tocante a Roma: brevemente nos devemos de dezenganar se podem mais naquella Curia os respeitos dos homens, que os de Deus; o que V. Ex.^{cia} alcançar, me fará mercê avizar, porque o Doutor Nicolao Monteiro não he muito continuo com suas cartas.

Os Embaixadores de Polonia ha dias que passarão vizinhos desta Corte, e deixarão no pays tanta memoria das galantarias usadas com as damas, que até o mesmo Francisco de Andrada lhes póde ter inveja. A Raynha se cuida que passará por aqui; faça-me V. Ex.^{cia} mercê de me dizer o como lá se ouvê com ella, para que eu saiba o que devo fazer, que se por Raynha de Polonia me tirava a ocazião de perguntar, ser Princesa de França me fás duvidar.

O Principe de Orange está mui avante no citio, e tanto que por pessoas que vem daquella vizinhança se entende que Hulst capitula, por que dizem que ha dous ou tres dias que senão ouve tirar, mas não dou a V. Ex.^{cia} a nova por certa; o certo he que o governador da praça he valão, e hum valente soldado, e que se espera que faça seu dever até o ultimo.

Biblioteca Nacional, códice 2666, fl. 410.

Sousa Coutinho ao Conde da Vidigueira

1645 — Novembro, 6

Hoje neste dia alcancei de hum dos juizes de Gaspar Dias Ferreira que tomando-sse-lhe a confissão, se lhe mostrava o sinal de huma carta para o reconhecer, e que dissera que era seu, e que voltada a folha, se lhe mostrára a letra della, e confessára tambem ser sua. e que em ultimo lugar lhe mostrarão o sobreescrito e lhe perguntarão que pessoa era a quem escrevia, e que respondera, turbando-sse já e variando, que era pera hum tio seu morador em Sevilha; disse mais o juiz que da carta constava ter trato com Castella para lhe entregar o Brazil. Afirmo a V. Ex.^{cia} que he hum caso este que me tem grandemente admirado, e pera duvidar delle não posso, tendo a noticia por via tão certa, nem pude alcançar outras noticias, nem ainda satisfação às duvidas que logo me occorrêrão, de que sendo a carta para Sevilha a tem elles aqui e que traças podia ter este homem para empresa semelhante, pois não he possivel que seja só, e os moradores de Pernambuco diferente vontade, tem mostrado ao serviço de S. Magestade. Sobre este negocio fico com grandissimo cuidado para ver se lhe posso alcançar a origem, que se isto não são cousas antigas de praticas entre o Marquez de Montalvão

e o Conde Mauricio, e prendem em materia nova, receyo muito que alcance a mais gente. Sobre a cabeça de Gaspar Dias não comprára nenhum juro, nem ainda a menos de catorze o milhar, nem me hei de compadecer muito delle: sempre o tive por mau hollandez, e por pior portuguez, e se queria ser bom castelhano que o pague, que não hei de pôr carapuça de dô por elle.

No que toca aos seus papeis, fico de vegia; já se fez diligencia com a mulher, não ouve tirar-lhos da mão, mas prometeo com juramento ao Doutor Feleciano Dourado que os não descobriria, nem ainda com risco da vida: solinistou com lagrimas a prizão, e entendeo-sse dellas que avia entre elles correspondencia mais estreita que a de pura hospedajem.

Tudo o que escrevi a V. Ex.^{cia} na passada sobre Dom Luis de Portugal, foi trovoadá armada no ar, que ainda sem agoa se desfez: assi o vi por carta de Monsieur de Leon para Monsieur Brasset que li *de verbo ad verbum*. He bem verdade que o sahir de Roma sua mulher em carroça do Duque de Bulhon, e dizer-se que ella avia ditto em Marcelha que hia ser hospeda da Duqueza de Latramulha foi a origem de tudo, e a que dão ainda por mais principal he que o passaporte que se lhe deo para hir a França fora só pera passagem a Hollanda e não para se deter em Paris, e que no que tocava a comunicação com Castella nem por sonhos se avia nunca imaginado. A carta era de 28 do passado, e dizia que no seguinte tinha esta senhora audiencia do Cardeal Masarini, e que o mesmo Monsieur de Leon lhe hia levar o recado; isto era o que em summa continha a escritura, mas o que eu prezumo he que em toda a parte ha tão pouco dinheiro como na nossa terra, conhecem a Dom Luis e a sua mulher por pobres, achárão-sse obrigados a lhe dar huma ajuda de custo, lançárão por este caminho para se livrar della.

He necessario que não seja tudo falar de ciso, que atar a puro negocio não ha senão morrer. Não sei se comunicou a V. Ex.^{cia} o embaixador Francisco de Andrada hum papel que tem feito para o Duque de Longa Villa, e sendo só para elle, só os speritos infernais deixa de invocar, porque nem os Burgametres cuida que lhe escapárão: o papel he em castelhano: mandou-me para que lho quizesse emmendar na lingua, que no conceito todos podem achar doutrina. Fis o que me mandou, e passei inda adiante, porque o aconselhei, e não só alcançarei a figa de Roma senão muitas suas. O papel he a cousa mais redicola que eu nunca vi, mas gabei-lho, dizendo que não vira cousa igual, e falei verdade, mas que como as sustancia vinha a ser quazi a mesma do que poucos dias ha imprimio Luis Pereira, que considerava no seu huma desgraça em que caem muitos homens de bem por nascer segundos, e que tinha por melhor que os que ouvessem visto o primeiro cuidassem que era obra de ambos, e que o segundo, alem de os enganar, poderião arguir delle que não estavam tão conformes como convinha, e que suposto a reposta que ouvessem de dar os senhores plenipotenciarios de França avia de vir dessa Corte, que o que importava era mandar o papel a V. Ex.^{cia} que o lese ao Cardeal Masarini, não se fiando delle com lho deixar, porque o não avia de ler. São palavras formaes, o que ajuntei que

isto só hum perigo tinha que era dar V. Ex.^{cia} o papel por seu, mas que como o serviço de S. Magestade era o que importava, que se não devia reparar neste furto, por isso se o lá mandar a V. Ex.^{cia} com estas circumstancias, saiba que eu lhe encaminhei o tal desenfado.

Estimo muito que V. Ex.^{cia} aja mandado a S. Magestade a copia da minha carta; encontramos-nos nos pençamentos, porque eu tambem fiz o mesmo; se V. Ex.^{cia} quizer mandar a copia deste capitolo assim, roim seja eu se não folgára mais que de aver ido a outra, por que ha mister que acabem lá de conhecer este senador. Luis Pereira lhe escreve agora a vida e eu o ajudo com algumas informações; falta só que venhão as de Inglaterra para ser a obra completa.

Hulst se rendeo, aguardando todavia o passarem as galarias, que forão as do quartel do Principe; hontem ás dez horas sahio a gente, não sei ainda a formalidade das condições: deven-se imprimir; manda-las-hei a V. Ex.^{cia}. Do que passa de Gaspar Diaz escrevi hoje a S. Magestade por me dizerem que estava huma nao para partir, mas por que pode acontecer que as cartas a não alcancem, porque ha desta villa á barra 28 legoas, sirva-sse V. Ex.^{cia} de o avizar.

A Dom Luis de Portugal fiz que suas irmaãs despachassem hum proprio para que não passasse de Zellanda se ainda ali achasse; se lá não chegar, esta será a causa, e se chegar, faça-me V. Ex.^{cia} mercê de lhe dizer a diligencia que fiz; advirto a V. Ex.^{cia} que S. Magestade lhe faz muitos favores nas suas cartas e alem delles muita honra por que lhe escrevo por *ilustre Dom Luis primo*, e no sobreescrito *ao Ilustre Dom Luis etc.*

Biblioteca Nacional, códice 2666, fol. 447.

Sousa Coutinho ao Conde da Vidigueira

1645 — Novembro, 13

Estimo em grande maneira as advertencias que V. Ex.^{cia} me manda nesta sua de 4 do corrente sobre os particulares da prizão de Gaspar Dias que podem servir a seu tempo; por agora não ha mais que o que tenho avizado a V. Ex.^{cia} nas passadas, e não se fala nelle emquanto se acaba de averiguar se tem culpa ou não. Chegárão dous navios de Portugal e sete ou oito maços de cartas que lhe vinhão se entregárão aos senhores do magistrado de Amsterdam; se ouver alguma novidade logo se saberá, e do que fôr, avizarei a V. Ex.^{cia}. Tambem são chegados quatro navios de Pernambuco á Companhia e o mesmo se devia fazer das cartas que nelles viessem para o ditto Gaspar Dias e de 400 caixas de asuquere que lhe vinhão carregadas: as novas do Brasil ainda se não divulgão, mas algumas que chegarão por particulares são que os da Companhia ficavão enfadados e temerosos, porquanto os portuguezes levantados que estavam retirados, em colhendo framengo, o matavão e ainda continuão nas sospeitas e que da Bahia se lhes ajuntou gente.

Vem nestas naos hum dos do Conselho politico, o qual foi mandado pelos de Pernambuco á Bahia com embaxada para saber o que lá passava, e dar conta do que se temião, pedindo ao governador que não desse occasião a rompimentos: e vem descontente, dizendo que fora mal recebido do governador, com que quer provar sua prezunção, e dos demais. Este ainda não chegou á Corte a dar conta: para a somana poderei avizar com certeza do que passa nestes particulares.

Em os navios que vierão de Portugal não tive carta alguma de S. Magestade, nem dos ministros; parece que não lembrão lá estes negocios. Dom João de Menezes me escreve que quando chegou ainda achara a mesma opinião geralmente com que todos condenavão o tratado que aqui se effeituou da India, e que lhe dissera S. Magestade falando lhe nelle, e vendo que D. João o defendia e aprovava, que so elle está de sua opinião: e suposto que para minha satisfação e abono me basta o voto de S. Magestade, contudo para aquelles a quem não chegão estas circumstancias sempre corre o mesmo perigo. Chegarão neste tempo as naos de Goa, e vendo o tratado que lá se celebrou, e o estado daquelle Estado, ficarão os que julgãrão o nosso por roim sem saber nem ter que dizer, mas por não louvarem o que huma ves desaprovãrão, ou por se não desdizerem, calhão o que entendem, parecendo-lhes que he mayor discredito reconhecer a verdade do que encubri-la: provera a Deus que á minha custa tiverão os negocios tal saída qual nos convem e he necessaria que eu o sofrera com bom animo, mas ver a verdade clara e patente e desconhece-la he pena que se não sofre. V. Ex.^{cia} se sirva avizar a S. Magestade o que convem a seu real serviço, e que mande continuar com os negocios desta embaixada com mais calor do que não, porque assi importa, e não fale V. Ex.^{cia} em minha pessoa por me fazer mercê, porque S. Magestade mandará quem for servido, que porventura seja quem possa melhor encaminha-los, que a mym basta-me tornar para minha casa querendo S. Magestade dar-me licença, porem não me tirão estes lanços a obrigação de dizer a S. Magestade o que importa a seu real serviço, e assi o pesso a V. Ex.^{cia} que lho advirta tambem, porque estar aqui sem fazer nada he mayor dano e menor desculpa: e quem aconselha a S. Magestade estes vagares, e a dar desconfianças a seos amigos e alliados, ou tem pouca experiencia dos negocios, ou não ama a quietação da patria; e porque sei o quam zeloso he V. Ex.^{cia} do serviço de S. Magestade, lhe não encaresso mais esta lembrança.

Como não tive cartas não tenho novas; por huma de hum capellão ingres que aqui tenho lhe avizão de Lisboa que vinha Mathias de Albuquerque, Conde de Alegrete, para embaixador e plenipotenciario môr para Munster, e que licenciavão o Dr. Francisco de Ardrada Leitão: a primeira me parece certa, a segunda não, mas não affirmo huma nem outra, e qual haja de sentir mais o Leitão he problema. Tambem dizem na mesma carta que se falava em D. João da Costa para essa Corte, com que venho a entender que se vai chegando a jornada de V. Ex.^{cia} para Roma, se he que he certa a nova; escolha Deus o melhor.

O que avizárão a V. Ex.^{cia} de Ruão he falço, e nestes particulares do Brasil e naos da Companhia crea V. Ex.^{cia} o que eu lhe avizar. Guarde Deus a V. Ex.^{cia} como pode e eu dezejo.

Torno a V. Ex.^{cia} o papel que me chegou por Luis Pereira. Folguei muito de o ver, mas parece-me huma comedia grande com muitas molheres e poucos homens, porque fás cada hum muitas figuras. Tomára ve-los um mes em Olanda para que confirmem (?).

Biblioteca Nacional, códice 2666, fl. 449.

El Rei a Sousa Coutinho

1645 — Novembro, 18

Agora se recebeo do governador do Brazil a carta (1) cuja copia será com esta, e porque me pareceo importante para mostrar com evidencia quam justificadamente se procedeo por parte de meus ministros nos movimentos de Pernambuco, e quam mal lhe pagárão a boa correspondencia os olandezes, que são e forão a causa de todos os danos, vola mando remetter com esta: encomendo vos o mais apertadamente que posso procureis ajustar algum meyo de conveniencia para os Estados me largarem aquella capitania, e o mais que occupão no Brazil. Tambem vai originalmente hum papel por que consta que antes dos mestres de campo fazerem movimento algum no Brazil em dano e prejuizo dos olandezes, forão elles queimar a armada (2) com que o governador os mandou socorrer, perfidia e termo que aqui tem assombrado meus ministros e pella mayor parte se crê que o intento dos olandezes foi uzarem do meyo de pedirem socorro a Antonio Telles para lha degolarem em forma que não pudesse tornar a Bahia, e parece que se prova com lhe queimarem as embarcações em que avião de voltar, e com o mais que vereis dos papeis que se vos tem remettido, tudo com intentos mais prejudiciais áquelle Estado, que Deus não ha de permittir logrem.

Biblioteca de Evora, códice CVI 2-7, fl. 377 (cópia).

Sousa Coutinho ao Conde da Vidigueira

1645 — Novembro, 20

Chegarão á Companhia do Brazil quatro navios de Pernambuco; não ouço rumores do que lá passou sobre o que temião, com que devem estar

(1) É a carta de Antonio Telles da Silva de 15 de outubro. — Vide appendice.

(2) Refere-se à destruição pelo almirante Lichthardt a 6 de Setembro na bahia de Tamandaré da armada portuguesa comandada por Jeronymo Serrão de Paiva.

assegurados que não foi o levantamento dos portuguezes nacido de outra cousa que do mau tratamento que lhes davão, e pelo rigor com que cobravão as dividas, deixando-os sem sangue, que até esse lhes esgotavão. As cartas que vinhão para Gaspar Dias Ferreira forão tomadas e as que lhe vinhão de Lisboa e humas e outras trazidas aos Estados, mas como parece que não ha nellas prova contra o prezo, não se fala na materia, e me persuado que não ha nesta parte que temer, mas contudo não deixarei de me privinir sempre para o que soceder.

A diligencia que fes Feliciano Dourado sobre a canastra não sortio effeito, porque a pessoa que a tem dis que não a largará já mais, e que para bem guardada por segurança do prezo, que em nenhuma parte melhor que em seu poder, com que pareseu dissimular por hora, mas de novo se continuará na diligencia por outro caminho, porque ja agora não he só o livrnos de perigo, mas o saber se ha outras circumstancias que descubirão novidades. De Portugal não tive carta de S. Magestade, nem avizo sobre os negocios, conforme era necessario, porque ficava S. Magestade nas Caldas: ficou meu cunhado por vir com os primeiros: sem duvida trará as ordens juntas: as novas particulares que tive verá V. Ex.^{cia} pelo papel incluso.

No particular de D. Luis tenho dito a V. Ex.^{cia} o que sabia e vi na carta do Rezidente Brasset escrita pelo Secretario Leone: creio que será de dano isto para este pobre fidalgo sobre suas pertençaes, e quanto ás apparenciãs eu o tenho por livre destes tratos de Bruxelas; de sua molher não sei nada, tenho feito o que estava obrigado, não me meto com mais: Deus o ajude. De Lisboa avizão que lhe fizera mercê S. Magestade de seis mil cruzados effectivos cada anno para seu accomodamento, tres mil de pensão nos bispados, os outros tres mil que ainda não estavão consignados; com isto assi poderá dissimular-se o mais até se conhecer com evidencia a verdade destes negocios, que nem são para deixar sem fazer cazo delles, nem para lançar mão das primeiras informações, sem hum exame bem apurado, e com secreto, conforme sua qualidade.

Estimo a advertencia de V. Ex.^{cia} sobre a visita dos embaixadorrs polacos para escuzar a da Rainha se acaso vier por aqui, e V. Ex.^{cia} em não visita-la nem mandar-lhes a carroça, fes o que costuma com seos acertos; mas chegado que o Cardeal quis acomodar o negocio, dê-me V. Ex.^{cia} licensa que diga que se não perdia nisso couza alguma, que quanto mais amigos, mayor opinião: hera abrir caminho para se poder tratar com este Rey, pois se sentê de não buscarmos sua amizade. A chegada de D. João Mascarenhas a essa Corte me alegrou infinito, porque alem de suas partes e calidade e prestimo no serviço de S. Magestade, poderá ser que a seu exemplo busquem outros caminho para seguir suas pizadas, com que todos lhes deveremos este parabem.

Aqui tive avizo que o Barrabas era chegado a Inglaterra para passar a Flandes com titulo de coronel; em bom tempo chega, de melhor vontade entendo que passara a Portugal, se lá o consentirão.

O Principe de Orange se espera cada dia: chegou nova por varias cartas

que o Marichal Gascion (1) desfizera a Lamboy (2), matando e prendendo muita gente, e se aquartelára em parte que se Piquilomini sae de Dumquerque. se perderá a praça, e se ficar, se perderá elle por falta de viveres: não ha outra cousa.

[P. S.] Ao Doutor Antonio Munis peço que me aja por escuzo até o correo que vem; devo-lhe reposta antiga, e ouje não me foi posivel.

A D. João mais não escrevo por cuidar que pode ser partido; se ainda ahí estiver, fará-me V. Ex.^{cia} mercê de me offerecer á sua senhoria.

Biblioteca Nacional, códice 2666, fl. 451.

Sousa Coutinho ao Conde da Vidigueira

1645 — Novembro, 27

Recibi a de V. Ex.^{cia} com o maço de S. Magestade, que Deus guarde, em que se dá conta do socedido no Brasil, assi da huma como da outra parte, porem estes avizos chegão tarde, porquanto chegarão de novo duas naos de Pernambuco, e trazem tais novas que se são certas, devem estar agora os levantados senhores de todas as praças, porque dizem que chegarão a batalha (3) em que os levantados matarão 400 dos hollandezes e o general prezo, e que tinhão os fortes do Rio de São Francisco, Porto Calvo, Cabo de S. Agostinho e o de Nazaret, de que estavam senhores, e que algum destes foi vendido por dinheiro pelo mesmo capitão aos levantados, e que os do Recife e Paraiba só estavam ainda pelos da Companhia. Outros dizem que não he tanto quanto divulgão, e que só o forte do Cabo de S. Augusto tem os portuguezes levantados, que o comprário ao capitão framengo: queixão-se que a gente que o governador da Bahia mandou com pretexto de medear he a que lhes fes a guerra, e que tudo foi paliado, e pozerão em huma *Relação* que tem espalhado per todas as Provincias, que o general prezo fora mandado á Bahia e lá esartejado, e bramão pelas ruas tumultuando o povo contra mym e minha caza, e condenando-me á prizão e a tudo estou aparelhado; e não só se contentão com o que dizem, mas em gazetas tem impresso mil chimeras em que fazem a S. Magestade complice, e que tem aleivosamente quebrado a paz e rompido em guerra declarada, e o que peor he, que o povo e todos elles crem isto e não querem persuadirse a outra couza; e nós não achamos de nossa parte quem nos apoye a verdade que mostramos, porque os framengos, huns pelos outros, tem por infalveis suas razões, e os judeos pelo interesse fomentão ainda mais seu partido, com que o negocio está mui baralhado, e eu muito enfadado, porque lhe considero mais incon-

(1) Jean, Conde de Gassion.

(2) Guilherme de Lamboy, general Imperialista.

(3) A batalha do Monte das Tabocas em 3 de agosto.

venientes do que V. Ex.^{cia} me aponta, e vejo que se os Estados deliberarem mandar armada ao Brasil como dizem, e os da Companhia pretendem, e sairem navios a roubar á nossa costa e Ilhas de Portugal, que será o dano tal, qual Deus não permita. Bem nos bastão os Dunkerkes que por lá andão, e qualquer diversão por pequena que seja tem perigos evidentes, e os que aqui caem são ter-se por certo asi da parte dos Estados como de todos em geral que S. Magestade he o autor desta obra do Brasil. Se elles quizerem proceder como he bem e justiça, fazendo informação primeiro do que ha passado em Pernambuco com todas as circunstancias, não averia lugar para tantos temores, mas vejo que hão de mandar logo continuar a guerra na India quando outra cousa não fação, e que avemos de tornar a novas demandas, e sempre reos, e temo que não admitão a justificação destes papeis, mas antes que delles mesmo tirem mayores consequencias para sua opinião: acuda Deus, e permita elle que destas revoltas soceda huma quietação dezejada para ficarmos sem o cuidado que causão sospeitas falsas e de mal intencionados.

Amenhãa determino hir aos Estados apresentar-lhe os papeis que S. Magestade manda lhes dê originalmente como vem, e propor-lhe as rasões que contem para que vejão quam differente he o caso do que os seos publicão, informão e espalhão por gazetas, tanto em perjuizo do decoro real e amizade que ha entre S. Magestade e estas Provincias; do que resultar avizarei. V. Ex.^{cia} se sirva de avisar por varias vias a S. Magestade que mande ter conta com as praças de suas conquistas, assi no Brasil, como na India e nas Ilhas, porque não haja algum descuido que nos faça mal, que a cautela por demasiada que seja sempre he boa, e entretanto avizarei eu o que alcançar, se me derem lugar a isso, e passar este terremoto que tão acezo anda: e por ventura que haja agora tambem mais lugar a composição: porem emquanto não virmos os socessos, não se pôde afirmar nada, antes prudencialmente falando a apparencia o encontra, que esta gente está muy sintida e doida do Brasil, o que não avia por Angolla e S. Thomé, e como não querem persuadir-se, senão a que S. Magestade he sabedor do levantamento e que o fomentou paliadamente, aqui está o perigo; porque he necessario que ou o socesso dos levantados seja tão bem afurtunado que fiquem senhores livres de todo Pernambuco, e se veja que elles o defendem á sua custa, ou mostrarmos o contrario do que elles á forsa querem presumir e crer por verdadeiro, e fica com mayores duvidas pelas novas dos dous navios que chegarão, pois se falão verdade, se vê que em lugar de compôr, os acometêrão os nossos: encaminhe Deus tudo, pois á sua conta estão estes e todos os negocios de Portugal.

Fico com novo cuidado pela nova de Olivença; pairesse que são justos juizos de Deus, pois dão lugar os nossos a que o inimigo venha cometer-lhe suas praças, deixando passar huma campanha inteira sem se aproveitarem das occasiões que o tempo offerece. Com a ida de S. Magestade poderá ser que se effeitue o que dezejamos. Muito estimarei que V. Ex.^{cia} favoressa quanto poder a pertençaõ de D. Luis, porque tenha que comer e com que

passar com sua familia, e por mais mizerias que sua molher dissesse a V. Ex.^{cia}, não he tanto quanto eu sei que elles padecem.

Pelo Principe de Oranje se espera cada dia: não ha outra cousa.

(*Autographo*). Faça-me V. Ex.^{cia} mercê de mandar dizer a D. Luis, se inda ahí está. que eu lhe não escrevo por me dizerem suas irmans que tinham ordem sua para lhe não escreverem mais athé daqui ir e não podem fazer ouje, porque todos estamos ocupados em fazer e copiar papeis que se hão de dar amenhã aos Estados.

Biblioteca Nacional, códice 2666, fl. 452.

Sousa Coutinho ao Conde da Vidigueira

1645 — Dezembro, 4

Recibi a carta de S. Magestade, ordens e papeis que com ella vinhão sobre os negocios de Pernambuco como ia avizei a V. Ex.^{cia}. Terça feira passada tive audiencia dos Estados: nella lhes apresentei os papeis todos originalmente na forma que S. Magestade me ordenou: propus-lhes algumas razões para justificar os socessos de Pernambuco e excusar o facto do Governador Antonio Telles por aver mandado gente de guerra ao distrito de Pernambuco, e posto que na reposta geral me disserão que se tomaria informação plenaria deste negocio. do Brasil, e que sem ella não averia deliberação alguma, contudo estou informado de particulares que em nenhum modo querem excuzar o que o Governador fes em se fazer árbitro sem lho pedirem, e mandar gente armada a seu districto: e dizem mais que esta acção do Governador foi paliada e que com o pretexto da medeação se quis fazer senhor das terras e praças dos hollandeses, e que assim o provão os da Companhia com razões fundamentais e papeis que dizem tomárão aos de Pernambuco em que consta da intelligencia que avia de parte a parte, e que a esse respeito se rebelárão os moradores, e com promessas mandadas fazer por parte de S. Magestade, e que os soldados que o Governador mandou vieram ajudar aos levantados e não a reduzi-los: que a fortaleza do Cabo de S. Agostinho que o capitão framengo vendeo, que fora vendida aos soldados do Governador e não aos rebelados, e que este mesmo capitão framengo fora induzido a isso e corrompido pelo Governador da Bahia, quando foi lá mandado por embaixador: e que era tanto isto verdade, que despois que lhe vendeo a fortaleza, o tinha o Governador no serviço da guerra com posto de coronel: e que por estas cauzas, que dão por provadas, nem os Estados se persuadem a outra couza, nem dão credito ás razões dos papeis que lhes apresentei, e estimando tudo por pretextos paliados e justificação frivola: e suposto que tem cometido o exame destes papeis, como os que os da Companhia offerecem provar, a Commissarios, contudo tenho alcançado que lie huma figura de negoceação *pro forma*, porquanto as Provincias tem dado 5000 florins á Companhia para ajuda do primeiro socorro que quer mandar,

e a Provincia de Hollanda com a de Zellanda tem offerecido socorro de gente e navios de guerra á sua custa, sem esperar resolução das Provincias todas: e os mesmos Estados dizem que se não ha de estranhar que mandem socorrer a Companhia e castigar os levantados, porque quem offende as Companhias offende os mesmos Estados em seos membros, de que se vê que tem tomado á sua conta o negocio. Isto he o que posso dizer a V. Ex.^{cia} no particular destes movimentos, que vem a ser a pollitica que V. Ex.^{cia} dezeja saber do politico que veyo de Pernambuco, sem ser necessaria a diligencia de Monsieur Brasset, porque isto corre publicamente.

E não para ainda este negocio aqui, porque ouço huns rumores de rompimento geral com Portugal, porque dizem que a tregua está quebrada pelos ministros de S. Magestade e postoque alguns imaginem que não chegará a effeito, por causas que se dão, outros julgão o contrario e cuidão que este cazo do Brasil será hum geral rompimento de guerra, e fundão sua opinião em que as Companhias sempre impedirão a pas e dezeiarão a guerra; a do Occidente porque com os roubos de mar e terra sustentava o seu cabedal, e com a pas o perde: e a do Oriente porque com a guerra tem toda a India por sua, com os cômercios e navegação que nos impedem, e com a pas são os portuguezes os mestres daquella navegação; e como a experiencia lhes tem mostrado esta verdade, dezejão guerra, e provocão os Estados a rompimento, e conforme seu desejo, menos causa lhes bastaria que o socesso de Pernambuco.

Eu me não delibero a crer que os Estados romperão em guerra aberta, (mas não o seguro) e fundo-me em que estão muitos mercadores destas Provincias empenhados em Portugal, e que do comercio do sal tirão muito proveito. Alem desta razão sabemos que o empenho da guerra contra Flandes com a liga de França he grande, e que não consentirá França esta diversão, (alem de ser contra Rey amigo e que convem conservar contra Castella), per que se não diminua o poder das armadas, e fiquem frustados os intentos que leva contra Flandes, e por esta causa instará em impedir tal intento, se os Estados o quizerem levar ávante; mas isto são razões de apparencia, que poderão ter ou não effeito. O que posso affirmar por certo he que os Estados hão de continuar as hostilidades de novo, assi no mar, como no Brasil e India, e que se hão de desculpar com as Companhias, como atégora fizeram, e que com esta capa hão de ver se podem levar a Bahia ou Ceilão: esta opinião tenho por certa, alem da probabilidade e intentos das Companhias, com o que alcansêi que tem escrito os Estados á do Oriente a Amsterdam em que dizem que abrão os olhos e veção que os não enganem os portuguezes na India, como fizeram agora no Brasil aos da Occidental; tire V. Ex.^{cia} disto a consequencia.

Estes são os riscos e perigos em que estamos metidos; não falo nos particulares com que estou ameaçado deste povo, que publicamente pelas praças apregoa que me ha de apedrejar a caza, rouba-la, e não perdoar a alguém della, e outros disem que me hão de prender os Estados, e arrestar-me, com outras liberdades mayores; porque me não dá cuidado o que me pode acon-

tesser, quando com isso se executem os intentos das pertenções de S. Magestade, mas he para muito sentir que hajâmos de sofrer injurias, e não ver logrado o porque as soffremos: a S. Magestade dou conta muito particular de tudo, e lhe digo o que entendo nesta materia, e fico ainda mais satisfeito vendo a copia do que V. Ex.^{cia} escreveu a S. Magestade sobre a pas geral, porque as mesmas razões e fundamentos lhe tenho apontado, (senão com tão boas palavras), na mesma sustancia, e por outras vezes tenho escrito que convem tratar da pas e mais pas, e não sei que fado he este que nos diverte e impede: quem aconselha a S. Magestade que não faça pas, e se embarace com guerras (falando de telhas abaixo) no Brasil e India com os hollandeses, quer ver a India perdida e o Brasil, e em consequencia todo o Reyno; Deus nos acuda e valha.

O tempo não permite mais que grangear amigos e conserva-los e dissimular agravos para sua occasião: se nestes principios nos julgarem os Principes e Republicas por gente cavilozza, nunca se fiarão de nos: importa desmentir o mundo todo com dissimular e socegar em pas, empregando todas as forças, industria e cuidado contra Castella, porque com isto cresserá a reputação, augmentar-se-a o Reyno, e hirá o tempo previnindo o que, ao depois, fôr mais conveniente; isto grito, e digo a S. Magestade, mas meos brados soão pouco.

A V. Ex.^{cia} pesso muito encaressidamente que avize a S. Magestade quanto convem mandar socorrer todas suas conquistas no Oriente e Occidente, porque não lhas achem desprecataadas; e tambem se V. Ex.^{cia} achar ahi ordem para escrever ao Visorey da India por terra, dê-lhe V. Ex.^{cia} conta do que passa para que esteja previnido, assi em Goa, Ceilão e mais partes, como pelos navios que hirão do Reyno, e os que serão hidos ao commercio de outros Reynos, e com a segurança da pas virão cair nas mãos dos hollandezes, que tem escrito á India o de Pernambuco para continuarem novas hostilidades: e se por Veneza se pode escrever, o faça V. Ex.^{cia}, que eu tambem pelas vias que achar o hei de fazer daqui: a prevenção não dana e oxalá que com isso nos seguráramos.

Monsieur Brasset teve hoje audiencia dos Estados em que lhes encomendou a brevidade da hida de seos plenipotenciários para Munster: e de caminho lhes advertio que se não levassem das informações dos da Companhia, que considerassem melhor o pezo de negocio tão grande, e que lhes fazia aquella advertencia, não porque tivesse ordens especiais de seu Rey, mas pelas gerais em que lhe ordena a assistencia em todos os negocios da Coroa de Portugal: e me disse que falando depois ao Secretario Munts na materia, o achára muy azedo, e com ameaços de guerra e mais guerra, e que os da Provincia de Zellanda pedião licença aos Estados para mandar navios a roubar a costa de Portugal; a que o Rezidente lhe respondeu que esperava que tomassem os negocios boa concluzão, e que não era de crer que os Estados dessem tal licença, mas que se chegassem a isso e a divertir a S. Magestade na costa de Portugal, que seu Rey acodiria a isso, e tomaria o negocio á sua conta: o dito Rezidente tem pedido a seu Rey cartas particula-

res e ordens estreitas sobre este negocio, assi para os Estados como para o Príncipe de Oranje, e ao Cardeal Mazarini carta para o Príncipe: V. Ex.^{cia} ajuda a pertençaõ, que agora he o tempo de França entrar a compôr: e pelo referido verá V. Ex.^{cia} em que estado isto vai cá.

Ha muitos tempos que nos não chegão ordenados, e agora com este socesso não ha mercador que queira dar dinheiro, porque estão todos á mira e não sabem o que será, e eu tambem quizera estar previnido e não tenho comodidade, porque falta o dinheiro de muitos mezes: para este caso se a V. Ex.^{cia} lhe pairesse mandar advertir ao embaixador Luis Pereira de Castro para que tenha algum dinheiro a ponto do de S. Magestade para me valer delle se chegar este negocio a rompimento, ou que me mandem sair da Corte, (que postoque o não espero), está tão mal tomado o do Brasil. que de tudo me receo e nada se perde na prevençaõ.

(*Autographo*). Tudo no nosso Reyno são mudanças e não vejo nenhuma que nos alegre. Tirão os velhos e metem mossos em seu lugar em tempo que todos pudéã servir, aquelles nos postos em que estavam, estes na guerra. Isto senhor meu não cauza afeyçaõ no povo; a cauza he de Deus, permita a S. Magestade acudir por ella que he sua, que moralmente falando tormento ha na costa.

Biblioteca Nacional, códice 2666, fl. 487.

Sousa Coutinho a El Rei

1645 — Dezembro, 11

Em carta de 3o do passado (1) dei conta a V. Magestade das novas que os da Companhia Occidental recebêã ultimamente de Pernambuco com a chegada de dous navios que de lá vierã, e vem a ser em sustancia o que elles dizem e publicão e o de que tem feito queixa aos Estados, que o levantamento dos portuguezes moradores em Pernambuco fora fomentado com a intiligencia que avia com o Governador da Bahia; e que os soldados que entrãã em Pernambuco, conduzidos por Henrique Dias e Camaráo, forã mandados de preposito para o effeito do levantamento, e que os que o Governador Antonio Telles da Silva mandou com pretexto de apasiguar, forã ajudar os levantados, porque chegando a armada da Bahia e lançando gente em terra junto ao Cabo de Santo Agostinho, fora esta mesma gente asenheorar-se da fortaleza do Cabo, que o capitão della lhes vendeo, sendo incitado a faze-lo na Bahia pelo Governador no tempo que foi la embaixador e corrompido por dinheiro que lhe derã pela venda, que forã 40 mil cruzados que na ditta armada vierã mandados pelo Governador; e que por este respeito, vendo os do governo de Pernambuco o que passava,

(1) Nem esta carta nem a de 11 de dezembro se encontram no copiadore de Sousa Coutinho.

mandarão o general Lickitarte com oito naos a desfazer a armadilha que tinha chegado da Bahia, que dizem constava de 3 navios grandes, e 8 pataxos, ou caravellas, que no conflito prenderão ao capitão Geronimo Serrão de Paiva e o levirão mal ferido ao Recife, e que no seu navio acharão as ordens que o Governador lhe dera para seguir, que em tudo erão contrarias ás cartas que escrevera aos da Companhia, e dizem mais que os soldados mandados da Bahia são os que fazem a guerra contra a Companhia, matando a quantos encontrão, sem perdoar a nenhum.

Estas são as queixas em geral que os da Companhia apresentarão aos Estados gerais, os quais as remeterão a commissarios para examina-las, e foi isto com tanta preça, que chegando os avizos de Pernambuco em 24 de novembro e vindo de Zellanda os directores a queixar-se, e outros de Amsterdam, que distão desta Corte jornada de hum e dous dias, já em 26 do mez estava o negocio cometido a commissarios; e neste dia me chegou por França a carta de V. Magestade com os papeis (1) que relatavão o socedido no Brazil, os quais V. Magestade me mandou desse originalmente aos Estados, o que fiz em audiencia publica aos 28, lendo-lhes primeiro em latim a oração, cuja copia vai com esta (2), que lhes deixei, e juntamente o capitulo primeiro da carta de V. Magestade em lingoa framenga, por entender que convinha assim ao serviço de V. Magestade e para mais firmeza dos papeis que lhes apresentava da parte de V. Magestade porque não tivessem occasião de dizer. (como depois soube que disserão alguns), que erão papeis fingidos por mym e pelo Conde da Vidigueira para com elles dar alguma escuza aos negocios de Pernambuco. Bem he verdade que de nenhum dos Estados o ouvi, mas de outras pessoas que falão com os Estados, e para prevenir este receyo li a carta de V. Magestade no primeiro capitulo della, de que lhes deixei a copia traduzida em framengo. El Rey de França, o de Inglaterra e outros Príncipes, em semelhantes cazos, escrevem cartas particulares, sem embargo das que mandão a seus embaixadores e das ordens que lhes dão para falar nos negocios de consideração, porque com isso se facelita melhor o credito da negociação, e ficão satisfeitos aqueles a quem se manda dar conta particular. A reposta que me derão foi geral de palavra, como costumão, e fazendosse diligencia com alguns dos Estados para os informar bem do cazo, soube que tinhão remetido aos mesmos commissarios da Companhia o exame dos papeis que lhes prezentei, e continuando com elles sobre as informações, acho todos da opinião dos da Companhia, e tem para si que o negocio de Pernambuco foi induzido pelo Governador da Bahia, e fomentado por ordem de V. Magestade; e se com as razões que se lhes dão em contrario se satisfazem em parte, no particular de mandar Antonio Telles gente armada a Pernambuco, sem lhe ser pedida, nenhum lhe acha sahida, nem quer admitir desculpa.

(1) A carta referida no texto deve ser a de 4 de outubro que vem impressa no *Appendice* visto que por equívoco não entrou na sua altura no texto. Os papeis não se encontram no códice com a carta.

(2) Não vem no códice.

Falou o Doutor Feleciano Dourado, secretario da embaixada, com o presidente dos commissarios para lhe pedir hora para conferencia, e nella queria eu informar aos commissarios todos das circumstancias deste successo de Pernambuco, o qual lhe respondeo que não avia para que cançar em informações porque elles estavam bem informados de tudo, e que já os Estados tinham deliberado a resposta sobre o que lhes avia proposto na audiencia passada: e fingindo o secretario admiração de sua diligencia, lhe perguntou como avião tido tempo de examinar em cinco dias os papeis que lhes dei, traduzi-los a framengo para os entender e mandar copias ás Provincias, e terem dellas rezolução do que avião de fazer, sendo que nas outras propozições dos negocios passados todo o tempo se gastava nestas informações e diligencias, que era o com que se executavão cada dia de seus vagares: respondeu lhe o presidente que tudo estava feito, porque como era negocio que tocava a todos, e a que convinha remedio em breve, que não se dilatava. Replicou-lhe o Secretario que diligencia tão abreviada não podia deixar de ser pelas informações da Companhia, que lhe advirtia que era parte e que tudo o que dizia se achava ser pelo contrario, conforme os papeis que V. Magestade mandou dar aos Estados; que importava que se examinasse este negocio com mayor consideração, e que o melhor seria acabar tudo com huma composição, para que nem as queixas crescessem injustas, nem a desinquietação fosse mayor, nem a perda tão sabida, ao que o presidente lhe respondeo que não quizessemos os portuguezes cuidar que os holandezes erão tontos, ou parvos, porque bem entendião, alem da prova que tinham evidente, que V. Magestade fora sabedor do levantamento de Pernambuco: e advirtindo-o o Secretario de que era esta sua prezunção muito rigurosa e escandalosa, e pedindo lhe vista dos papeis por onde se provava, porque o contrario constava da carta de V. Magestade e dos papeis que dei aos Estados, lhe respondeu que alem de terem cartas por onde fazião prova, que não era necessaria outra que o facto de Pernambuco, porque mandar o Governador gente de guerra, tomarem-se fortalezas, e comprarem-se por dinheiro que o mesmo Governador mandou, que não podia ser sem expressa ordem de V. Magestade: e que pelo menos quando já não fosse mais que obra do mesmo Governador, parecendo-lhe que tinha ocasião e oportunidade de fazer hum grande serviço a V. Magestade senhoreando-se de Pernambuco, que esta prova era a mais evidente, e que a composição estava em que V. Magestade nzesse restituir tudo outra vez á Companhia e que desta maneira se acomodariam as cousas bem. Respondeu-lhe o Secretario, que como podia caber em razão que quizessem obrigar a V. Magestade a que fizesse restituir praças que nem forão tomadas por ordem de V. Magestade, nem estavam em poder de seus vasallos, porque o que os portuguezes levantados tinham feito era causa sua, e não de V. Magestade, e que em caso que V. Magestade lhes mandasse pedir quizessem restituir o que tinham tomado á Companhia, poderião escuzar-se com dizer que aquella empreza lhes custava seu sangue e seu remedio, e que não estão por ella obrigados a V. Magestade; e lhe lembrou mais,

que em tantos annos que aqui se pedia aos Estados mandassem restituir o que pelos da Companhia se tomou em Angola e S. Thomé, (não falando na restituição geral), depois da tregoa la publicada, e com ser notorio o que os da Companhia cometêrão injustamente, e sendo seus subditos a quem elles pôdião fazer restituir o mal tomado, o não fizêrão, dizendo que não podião com as Companhias a respeito de seus privilegios; como pois poderia ser que V. Magestade pudesse restituir, ou fazer restituir, o que nem estava em seu poder, nem dos vasallos de V. Magestade, senão dos subditos da mesma Companhia; e sobre esta reposta lhe disse mais que parecia isto de buscar modo de rompimento, pois se pedião impossiveis, e bem se via ser assim tambem na licença que os de Zellanda procurávão dos Estados para mandar navios a roubar á costa de Portugal e ás Ilhas, como se fazia no tempo de Castella, e lhe tornou a repetir que melhor seria huma compozição do que experimentar novos perigos, e gastos sem proveito. O Estado lhe respondeo que era verdade que os de Zellanda pedirão licença para mandar navios a roubar, mas que os Estados lha negárão, e que no particular de Angola e S. Thomé era de opinião que se castigassem os culpados, e que para a compozição não achava outro meyo melhor que restituir-se o que se tinha tomado em Pernambuco, porque os Estados desejavão e estudavão no modo da acomodação sem rompimento, porem que se não ouvesse effeito o que pedião, que por todas as vias que pudessem procurarião fazer-se restituir; de cujas palavras se vê o sentimento que tem de Pernambuco, e a prezunção que ha em todos geralmente de que o levantamento foi ordenado por intiligencia entre os de Pernambuco e Bahia, com aplauso de V. Magestade. E continuando nestas diligencias, quando entendi que comessávão a fazer traduzir os papeis que lhes dei do portuguez a framengo, por não aver mais que seis dias que lhos dera, me mandárão a reposta, cuja copia invio, pedindo-me nella a mandasse a V. Magestade por difirentes vias.

Podêra responder a estã sua reposta, que pedião a V. Magestade hum imposivel, porque a restituição das praças de Pernambuco que pedem, por dizerem que estão tomadas pelos portuguezes, não he por vasallos de V. Magestade, com que não está V. Magestade obrigado ao que não deve, alem de que elles se encontrão na sua mesma reposta, porque dizem que não querem pôr em duvida o candor e pureza de V. Magestade neste trato e negocio de Pernambuco, mas acrescentão a isto que porem lhe darão inteiro credito quando virem que se restitue o tomado, que se castigão os culpados, que se não socorre nem indirectamente aos levantados, e que lhes tornão a entregar o capitão e mais complices que vendêrão o forte de S. Agostinho. Parece que implica não duvidarem do candor de V. Magestade, e logo pedir tantas cousas juntas, por que se confessão que V. Magestade não intirveo nisto, como pedem a V. Magestade as restituições, e pois as pedem, parece que supoem que V. Magestade pode mandar restituir. Não lhes fiz reposta, porque não tenho ordem de V. Magestade para isso, e como estes incidentes da tomada do forte do Cabo e o mais que elles dizem succedêrão depois dos avizos que V. Magestade me mandou pelos papeis

que dei aos Estados, e não tenho resebido outro avizo de V. Magestade por que me conste a verdade, não me pareceo que convinha responder-lhe, demais que como os Estados me pedem faça remeter por vias esta reposta a V. Magestade, ainda que eu tivera outra que lhes dar, a não aceitarião até não ver o que V. Magestade manda responder a esta sua delles. e tambem porque com tempo em meyo se descobrirá milhor seu intento, para se rezolver o que fôr mais acomodado ao serviço de V. Magestade. Estas forão as cauzas que me movêrão a não fazer reposta *in scriptis* que lhes desse.

Ao Presidente da semana falei tanto que recebi a reposta, e de palavra lhe disse que buscaria vias diferentes para a mandar a V. Magestade na forma que os Estados me encomendavão, e que suposto que pedião nella impossibilidades, a que V. Magestade não estava obrigado, que comtudo tinha por certo que V. Magestade faria o que estivesse em sua mão. Elle me respondeo que assi se entendia, por que ninguem estava obrigado a impossiveis. Disse-lhe tambem que o segundo ponto da reposta em que tomavão á sua conta a protecção de minha pessoa, e casa, que lho agradecia, mas que lhe advirtia que fora escusado, por quanto nem eu lhe pedia tal protecção, como se podia ver da oração que lhes li e deixei, nem os embaixadores a hão mister, porque em qualquer parte os assegura o seu cargo, conforme o direito das gentes: que o que disse aos Estados foi queixar-me da insolencia de seus subditos, que publicamente pelas praças dizião palavras descompostas, ameaçando a minha casa com hum tumulto, e para que elles mandassem castigar este desaforo, lhes fis a queixa, temendo, não a furia popular, posto que he para temer, mas o desprazer e escandalo que causa, e tambem pelo que me mandou responder hum Consilheiro de Estado sobre humas cazas em que estavamos concertados no aluguer, que mandando-lhas pedir para me passar para ellas, respondeo que não queria, porque lhas não fosse queimar o povo amotinado, e fiz-lhe esta advertencia pera que soubessem os Estados o que avia passado, e porque não cuidassem que tinhão feito algum serviço no que se lhes não pedio, e era escusado.

A este mesmo Presidente fiz queixa de aver entendido que os Estados avião escrito aos da Companhia da India a Amsterdam que abrissem os olhos, e que lhes não fizessem os portuguezes no Oriente o que avião feito em Pernambuco, porque isto era dizer-lhes que se previnissent para continuar hostilidades na India, e lhes protestava pelos danos que dellas resultasse ás conquistas de V. Magestade, e que os Estados estavão obrigados a fazer guardar a tregoa na India por huma reposta que do seu conselho me mandárão, e que se o contrario se fizesse, ou no Oriente ou no Brazil, seria quebrar a fé publica, pelo que o advirtia como Presidente que mandar socorrer as praças de Pernambuco, e castigar seus subditos, que não permitia larguesa para fazer hostilidades: ao que me respondeo que não era necessario ter escrito aos da Companhia porquanto huma das suas naos que mandárão á Indja em mayo passado foi dar a Pernambuco desgarrada, e se achou prezente a tudo o que lá passou, e que quando deo á vella para continuar viagem, deixou algum mantimento aos do Recife, e 80 homens e 307 tonela-

das de polvora, e que chegando esta nao á India, avia de dar conta do que passava no Brazil, de que se pode temer que aja lá algum reboliço; e por isto que me disse escrevi logo a Viso Rey da India por Veneza e daqui por terra, e avizei ao Conde Almirante a França, e ao Doutor Antonio de Sousa de Macedo a Londres, que se achassem vias, escrevessem ao Viso Rey para que se prevenisse, que não lhe fâção alguma rebaldaria com o descuido da paz que lá celebrarão, e no particular das hostilidades que os Estados mandavão socorrer Pernambuco e defender suas praças. e castigar os levantados; e eu lhe respondi que era muito bem feito, mas que com esse pretexto não mandassem inquietar as conquistas de V. Magestade, porque seria grande prejuizo para as duas nações, como proveito e oportunidade para o inimigo comum, principalmente sobre materia em que V. Magestade os não tinha offendido, podendo lançar mão da ocasião pelo que os da Companhia tinhão feito nas conquistas de V. Magestade; a que me tornou a dizer que o socorro que mandavão era para segurança das suas praças a que convinha acudir. Queira Deus que assi seja e que deenganadamente me dizia que ninguem se persuadia que este negocio se obrára sem consentimento de V. Magestade. posto que elle tinha para si o contrario, e que somente presumia que o Governador da Bahia, lançando mão da ocasião presente, quis fazer a V. Magestade aquelle serviço, o que desculpei por todos os meyoys que pude.

Falei tambem ao Principe de Orange sobre os mesmos particulares, e me respondeo que a armada que mandavão era a segurar as praças de Pernambuco, e nos discursos que tive com o Presidente, me disse que o Principe era devoto de que não ouvesse rompimento, mas que se tratasse de compozição por outra via: porem como não dão esta repostas por escrito tomada em assento, não ha que fiar muito della; o tempo descobrirá os intentos de cada hum. Em alguns, que com menos paixão falão, ou por mais amigos da verdade, ou por menos interessados na Companhia, acho a mesma lingoagem do Presidente, a saber, que se não deve presumir, nem he para imaginar, que V. Magestade tivesse parte no negocio de Pernambuco, e fundão sua opinião em que não admite a politica de Estado poder-se considerar que estando V. Magestade empenhado com humã guerra tão viva com Castella, e contra hum inimigo tão poderoso, quizesse divertir-se della, rompendo a paz com os aliados no Brasil: porque postoque a ocasião o permitisse. dizem elles que o tempo he mais para dissimular, grangear, e conservar amigos, do que para romper com elles, e fazem prova desta consequencia que intentar no Brazil qualquer cousa deve ser com tenção de a sustentar, e como a deverção he longe, convem mandar soldados e armadas, não huma vez, mas cada dia, e com isto se perdem as ocasiões de fazer a guerra ao castelhano, e he necessario ficar na defensiva, que totalmente he prejudicial ao Reyno, e á reputação das armas de V. Magestade, e ficão os amigos e aliados pouco satisfeitos do que se obra com Castella. Alem deste perigo ha outros inconvenientes que poem na India, porque logo averá lá hostilidades, e tornará a navegação impedir-se com perigo de Ceilão, Goa e Machao, que

he muito para considerar; sobre tudo apontão as comodidades que terá o castelhano para lançar mão desta desavença e poder aproveitar-se; e como todos estes riscos e perigos procedem da primeira causa, que por razão politica se não admite, daqui formão a sua conclusão em dizer que se não deve presumir nem he para imaginar que V. Magestade neste tempo tratasse de divirtir-se fora do Reyno, e contra outrem que não seja Castella, e mais Castella. E alem destes inconvenientes que são forçosos, ainda falarão com mais fundamento se entenderão claramente que V. Magestade não foi sabedor destes negocios, mais que pelo que o Governador da Bahia avizou a V. Magestade do que no Brazil tinha acontecido, que tambem poderá servir de exemplo o que avizou o senhor Infante Dom Duarte, que Deus livre, da tenção dos castelhanos, com estes Estados na pertença da paz que querião celebrar com elles: e vendo agora que ha rompimento com estes Estados, ou ocazião para isso, vem a ser o mesmo que o castelhano pretendia, e nos negocios de Munster poderá esta gente impedir por seus meyoys que V. Magestade não seja admitido a paz geral, para que ficando em guerra com Castella, lhes fique lugar a elles para seu negocio: a materia he de alta consideração e falando por termos humanos, chea de perigos. Eu digo a V. Magestade o que ouço, e o que por aqui falão, para que conste a V. Magestade de tudo o que passa: se passo os lemites de meu officio, he erro nacido do zello do serviço de V. Magestade, e entender que não satisfaço a minha obrigação, se não der conta ainda das menores circumstancias do que vejo e ouço por estas partes.

A reposta que os Estados derão tem algumas difficuldades que nella considero, e como esta gente tudo o que diz e faz he sempre cavilosamente, convem muito que V. Magestade mande considerar o peso deste negocio para evitar o que pode prejudicar, não se fazendo cazo delle. A primeira difficuldade he que pedem a V. Magestade restituição das praças tomadas, castigo dos delinquentes, e impedir a que sejão os levantados socorridos nem indirectamente, supondo que V. Magestade he senhor dellas, ou que os moradores de Pernambuco estão ao arbitrio de V. Magestade: e ou he que estas praças que elles dizem se tomãrão estão presidiadas pelos vasallos de V. Magestade ou não; se estão e não se restituem, fica lugar ao rompimento, como alguns prometem de palavra e he dar lhes por provado o que dizem: e se restituem, ficão os moradores de Pernambuco em pior estado que nunca, perdidos e sem fazendas nem de que vivão: mas se estão as praças pelos moradores levantados, como devem estar, e o capitão framengo que lhas vendeo metidos com elles, e não na Bahia, como aqui dizem, nem a soldo de V. Magestade, ha outro inconveniente, posto que menor, porque se pode escuzar o que pedem com se responder que V. Magestade não tem jurisdicção naquelles levantados, mas está a perigo em que se vai armada contra elles, e não podem sustentar o que tem feito, ficão perdidos. dezemparrando suas fazendas e familias, e se V. Magestade os mandar socorrer, ha perigo de rompimento; com que por todas as vias esta a ocazião na mão para romper a paz, se os Estados acharem que lhes convem, que he o que as Companhias desejão por

seu interesse, a do Occidente porque com o que furta e rouba se sustenta, e a do Oriente por que com as hostilidades tem o commercio de toda a India, impedindo que o não aja para esse Reyno, que he o maior mal que podem fazer, quando não fizerão outro, e como este negocio está com o perigo á porta, he necessario que se remedee com tempo.

Bom será que os levantados estejam senhores das praças tomadas, continuando com a vós da liberdade, e que o capitão, que vendeo o forte do Cabo esteja metido com elles, porque deste modo nunca pode constar que V. Magestade nem seus ministros intirvierão nesta negoceação; e posto que a reposta dos Estados vai tão chea de cautella, que considerando tambem que poderá ser isto assim, diz que se não socorrerá nem indirectamente aos levantados, a terra do Brazil he larga, e pode socorrer-se esta gente de tudo sem que se sinta, como não vão pessoas notoriamente conhecidas, e desta maneira sustentando estes portuguezes levantados o que fizerão com boa ordem, por ventura que dezenganados os da Companhia, e os mesmos Estados, de poder recobrar aquellas capitánias, disistão do intento, e fiquem os moradores seguros que com qualquer pretexto poderão offerece-las a V. Magestade como a seu senhor e Rey natural; e durando mais tempo a guerra entre elles e a Companhia, pode V. Magestade interpor-se como mediador, e consentindo nisso os Estados, pedir pera os moradores perdão geral e que fiquem senhores absolutos de suas fazendas, livres de todas as dívidas que devem aos da Companhia e a particulares, e que se lhes guardem pontualmente as capitulações, assi no foro secular como no da conciencia, deixando-lhes os mosteiros, frades e clerigos na forma que capitularão quando se renderão aquellas capitánias, e que de concerto restituão a V. Magestade Angola e S. Thomé; porque chegado a estes termos, e a que isto tenha effeito, fica V. Magestade senhor de suas conquistas, seus vasallos socegados, livres e quietos, e a Companhia perdida, e quando não queirão aceitar esta composição por muito favoravel para V. Magestade, o tempo descobrirá o de que se possa lançar mão, que os negocios que se tratão em prazos de tempo, o tempo lhes descobre os effeitos; e posto que mandem os Estados socorros, sustentando-sse os moradores fica V. Magestade quieto, e com a composição da paz, que convem se faça brevemente, se segura tudo, e se desmentem sospeitas. Doutra maneira acho que ou a queixa contra V. Magestade ha de continuar aqui, ou que os moradores de Pernambuco. ficarão em perigo, por que posto que a Companhia está acabada de cabedal, derão-lhe os Estados 500.000 florins para ajuda de socorro e os mesmos Estados mandão á sua custa socorrer Pernambuco: a gente e navios que mandão se não sabe ao certo, huns dizem que cinco mil homens, outros tres, outros dous, com 23 navios; o certo he que vão fazendo gente, e preparando navios com muita brevidade, tomando os Estados o negocio muito á sua conta, como dizem elles mesmos: de Zelanda mandarão logo dous navios de socorro para animar a que sustentem a defenção até chegar a armada.

O que me faz cuidar que os Estados se não empenharão muito nisto he

verem que a Companhia tem perdido muito cabedal, sem fructo, e para tornar a seus principios será necessario outro tanto cabedal de novo. Tambem está de pormeyo o gasto que se faz cada anno com os exercitos contra Flandes, porque se mandarem naos e gente ao Brazil, ha mister despeza, e ficará sendo o exercito contra Flandes de menor poder do que o frances quer e procura.

Por outra parte vejo esta gente tão raivosa e tão interessada nesta Companhia que temo tratem de seu negocio por cuidarem que tem ocazião para seu desenho, e que fação algum esforço com que molestem e inquietem as conquistas de V. Magestade. Alguns tem pera si que se não lhes restituem o que pedem, que romperão em guerra, porem eu me persuado que não, posto que o não afirmo, mas tenho por sem duvida que continuarão as hostilidades na India e Brazil na forma que foi atégora, e que com capa das Companhias se hão de desculpar; e se tomarem alguma praça ou navios, não hão de restituir: movo-me a este pensamento por dous respeitos, o primeiro pelo que avizárão aos da Companhia Oriental; o segundo pelo empenho em que estão muitos mercadores destas provincias nesse Reyno, mas isto senhor, não he mais que conjectura. Pelo que esta he a ocazião em que França deve de entrar a mediar *ex officio*, e compôr isto, como cousa de seus amigos alliados, que não convem divertir-se fora de Castella, e por seu meyo tratar-se da composiçãõ muito em forma com paz perpetua; e digo por meyo de França, porque as ordens que V. Magestade me deu para a tratar estão alteradas com este cazo do Brazil, que não querem os Estados difirir, sem primeiro serem restituídos como elles desejião. E ainda para França entrar a tratar desta composiçãõ, ha de ser com industria e destreza, porque conforme me disse o Residente Brasset, negarão os Estados esta interposiçãõ de França se entrasse de repente em esta conjunçãõ a tratar della.

Pelo que Senhor importa que V. Magestade mande socorrer às praças de suas conquistas, não as achem desprecatadas, e juntamente avizar á Bahia o como se hão de aver no negocio de Pernambuco, para que estes Estados, nem os da Companhia, tenham auçãõ de queixa, nem causa de quebra, e ultimamente mandar que a paz se celebre para evitar perigos que sò servem de incomodar as pretenções de V. Magestade em toda a parte. Este he o estado em que os negocios ficão e os perigos que nelles se considerão; V. Magestade mandará ordenar o que fôr mais conveniente a seu serviço.

Biblioteca Nacional, códice 2666, fl. 538 (cópia).

Sousa Coutinho ao Conde da Vidigueira

1645 — Dezembro, 11

Partirão naos para Portugal a semana passada e não ha por hora outras, e porque os Estados são tão pontuais para o que lhes toca que dentro de 8

dias me respondêrão e pedem brevidade, remeto a V. Ex.^{cia} uma via de cartas para S. Magestade de que a geral que toca a negocio vay aberta para que V. Ex.^{cia} a veja e eu escuze nesta outra tanta leitura como nella ha. Seja Deus louvado que muda os tempos, não fiz propozição nenhuma nos passados de que visse reposta em menos de tres ou quatro mezes, e agora em sete dias puderão ler e entender os papeis que lhe dei portuguezes e responder a tudo. com que entra aqui como de molde a diferença que vai de moer a ser mohido. Achará V. Ex.^{cia} huma paternal protecção que os Estados me prometem, tomando a minha queixa por petição para ella: agradei ao presidente da semana a vontade, mas não a obra, e disse-lhe que não fora a furia do povo a que me fizera queixar, senão o dezalumbramento de hum conselheiro de Estado, que estando avindo comigo para me dar humas cazas suas, tratando de me mudar, me faltou com a palavra, mandando-me dizer que não queria que lhe queimassem as suas cazas, estando eu dentro dellas. E por aqui verá V. Ex.^{cia} ao ponto que avemos chegado. Já isto de nos ameassarem com hum jogo de pedradas he cousa tão comum pela posse em que nos deixou meu antecessor, que cuspir no chão basta, e com tudo ha gentes nã nossa terra que cuidão que se folga aqui.

Com o que V. Ex.^{cia} me diz que passou com o Cardeal Masarini, tomei exemplo e de outra audiencia do Principe de Orange faço huma carta a S. Magestade que se vai ao conselho de Estado; inda ha de ser pior tomada que o acordo da India, por que inda que o Principe mo não disse, soube que lho disse a elle hum coronel que veyo de Portugal que S. Magestade cria que tinha nas fronteiras de Alemtejo dez mil Infantes, e dous mil cavallo effectivos, e que tantos pagava, mas que bem joeirados, não erão ametade, e tudo vai na carta.

Com grande cuidado estou esperando novas de Olivença; mao he não aver ganhado no verão mas muito pior será aver perdido no inverno: huma cousa e outra fizerão os francezes, gastando possos de ouro e tempo na empreza de Mardic, para a virem a perder miseravelmente em hum quarto de hora. Inda tenho este por pior governo que o nosso. pois de todo o trabalho desta campanha colhêrão os hollandezes só o fruito, e a bom seguro que o não percão; metêrão em Hulst 18 companhiás de infantaria, e nos arredores a legoa e a meya legoa, nove de cavallaria. Em Mardic na barba dos castelhanos não avia duzentos homens; estava o capitão auzente e offerecendo o General Tromp meter-lhe mais duas companhias, respondêrão que não tinhão que lhes dar de comer e não aguardárão mais que huma carga de mosquetaria; diga V. Ex.^{cia} ao Cardeal que nos não chame nomes.

Os Plenipotenciarios que vão a Munster se vierão hoje despedir de mym; estão de caminho; são tantos que apenas tive cadeiras que lhes dar; prometem maravilhas, mas por mais que me elles digão, não hei de crer que nos deseão incluidos na paz.

Sousa Coutinho ao Conde da Vidigueira

1645 — Dezembro, 18

Muito estimo que haja V. Ex.^{cia} mandado a copia da minha carta a S. Magestade, porque chegarão mais brevemente os avizos de V. Ex.^{cia} que os que tenho mandado por esta via, e tambem espero que chegasse a tempo a carta que inviey no passado para S. Magestade com a reposta que derão os Estados, a qual mandei aberta em falso, para que V. Ex.^{cia} a lesse, e della entendesse o estado em que ficavão aqui os negocios: por hora não ha outra cousa neste particular que esperar-se novo avizo de Pernambuco para saber-se o que lá passa, e os da Companhia vão fazendo gente e mandando navios á formiga para Pernambuco: sabemos de quatro que já são partidos, e outros se aprestão: que numero seja e com quanta gente querem prefazer o socorro, se não dis ao certo, porque elles o encobrem. A verdade he que convem tratar de defender e socorrer as praças das conquistas, como quem espera pelo inimigo descubertamente, porque a cautela não fas mal, e melhor he prevenção demasiada que dano por descuido, e oxalá que nos não fose tanto necessario na India, Brasil, Angola e mais Ilhas; e ainda os navios de carregação que navegão não dou por seguros, porque esta gente he diabolica e se acharem lanço, não o hão de perder, posto que os Estados negarão aos de Zellanda a licença que pedião de hir roubar a costa. Não he este o tempo de sobresaltos, impedimento ás navegações, perigo ás conquistas, e diversão para a guerra de Castella: qualquer destas per sy so valem mais que Pernambuco, quanto mais todas juntas: falo em caso que os levantados ficando senhores da terra a quizessem offerecer a S. Magestade, reconhecendo a vasallagem que devem, porque se elles se não atrevem a sustentar o que fizerão, foi grande erro expõem-se a ficar mais perdidos do que estavão, e arriscar a que por seu respeito paguem as praças de S. Magestade o dano que elles cometêrão inconsiderados. Afirmo a V. Ex.^{cia} que quanto mais considero este negocio menos o alcanço, e cada vez cressem as difficuldades, a mayor empenho. Se S. Magestade estivera em pas com Castella, seguro de suas tramas, com o Reyno opulento com comercios, seos vasallos ricos e pujantes, então não avia que temer, mas agora qualquer embaraço he de infinito prejuizo, e eu o estimo nesta qualidade; queira Deus que me engane e que destes meos receos e temores vejamos grande successos em tudo.

As novas de Portugal folguei de ver, mas he para sentir que para acodir a huma so praça seja necessario hir S. Magestade em pessoa á fronteira e que os aprestos se fação quando o inimigo anda na campanha, porque se se recolhe a Badajos sem dano que mayor guerra. que tanto gasto e tanto abalo infructifero!: permita Nosso Senhor que desta ves se conclua, ou huma vittoria campal que dê gosto, ou passar ávante a Badajoz, pois a gente se ajunta de todo o Reino, e o que quer que he, já agora está feito.

Os Plenipotenciarios dos Estados partirão já para Munster alguns delles, e com isto não ha escusa para deixar de ter effeito algum o Congresso, se não ouver outras razões que o encontrem. Quando se despidirão de mym, me disserão que levavão particularmente encomendados os negocios de S. Magestade: queira Deus que assim seja e que não enganem como no mais, que posto que elles não são a chave do jogo, tem cartas na mão com que podem fazer vazas.

O marquez de Castel Rodrigo mandou hum trombeta com huma carta sua aos Estados na somana passada a 8 do corrente e disia o que V. Ex.^{cia} verá da copia que lhe invio; responderão-lhe que em Munster se tratava da pas e para la differião tudo, e sua reposta verá tambem V. Ex.^{cia} nessoutra copia; o castelhano não se descuida, e nós perdemos tempo e sezão, mas Deus a cuja conta está Portugal obrará de maneira e por meyo a nós incognitos o que fôr mais para seu santo serviço e bem do Reyno, dando em todos os socessos a S. Magestade a fortuna que lhe dezejamos ver e lograr.

O Secretario Pedro Vieira da Silva me escreveu que depois que se vira a carta que escrivi a S. Magestade sobre a hida do Doutor Feliciano Dourado a Osnabrug, se afrouxára neste negocio pelas razões que V. Ex.^{cia} me diria: sirva-se V. Ex.^{cia} avizar-me o que nisto ha, porque escrevendo tambem ao Doutor Feliciano Dourado lhe não fala palavra na ida.

(*Autographo*). Não avizei a V. Ex.^{cia} no passado da vinda do trombeta, porque inda não avia alcançado as copias das cartas; se V. Ex.^{cia} as ouver visto, não perco grande feitio.

Biblioteca Nacional, códice 2666, fol. 494.

Sousa Coutinho ao Conde da Vidigueira

1645 — Dezembro, 25

Ja V. Ex.^{cia} terá visto por extenso o que os Estados responderão, e o que aquí se dis da tenção sua, como dos da Companhia, e o que eu presumo sobre estes negocios; o que de novo tenho alcançado he que os Estados dão aos da Companhia Occidental para socorro, alem de algum dinheiro. tres soldados de cada companhia das que servem na guerra, que chamão companhias vivas, e dizem que chegará o numero a tres mil homens. O pretexto he que mandão acodir aos seos subditos, e segurar suas praças, como tambem a castigar os levantados, mas debaixo desta capa não falta quem cuide que hirão á Bahia; e desta gente tudo se pôde esperar, porque se poderem, não hão de perder lanço; e vão mandando á formiga navios de socorro com que não se pôde saber o numero ao certo.

Monsieur Brasset me disse que tendo tambem noticia destes soldados que os Estados davão, fora falar ao Príncipe de Orange e lhe dissera que das companhias que aquí servem, pagas com o dinheiro e soldo del Rey Christianissimo seu mestre, não consentisse mandar soldados ao Brasil.

porque não seria bem tomado em França que franceses vassallos de seu Rey fossem contra portuguezes: a que o Principe lhe respondeu que os soldados hião ao Brasil para defender as praças que os da Companhia tem em Pernambuco e seu districto. e que das companhias francesas, como erão compostas de varia gente do pays, podião hir os que não fossem francezes: a que lhe replicou o Rezidente que não importava serem as companhias compostas de varia gente, porque bastava serem pagas com o dinheiro del Rey de França e terem os cabos e capitães franceses, alem de que era tirar gente quando he mais necessaria, e quando se não acha: que era materia para se considerar: a que o Principe lhe respondeu que estimava. e lhe agradecia a advertencia. Ao Doutor Antonio de Sousa de Macedo escrevi que se podesse acabar com os Parlamentares que escrevessem aos Estados Gerais e Principe de Oranje sobre os ingrezes e escocezes que aqui servem o mesmo que Monsieur Brasset disse, não seria de pouco effeito, porque pelo menos se veria que todos lhes estranhavão a hostilidade, se he que tem tenção de faze-la com as Companhias como se cuida.

Para S. Magestade fico escrevendo sobre estes particulares e no que vem mandarei huma via a V. Ex.^{cia} para que lha remeta, que convem muito dar conta do que passa por vias que cheguem com brevidade. França pode agora interpor-se neste negocio como entre amigos cuja diversão não convem fora de Castella: V. Ex.^{cia} o deve persuadir a Monsieur Masarini e aos mais, para que cheguemos a concluir huma pas. e fiquemos nella seguros e contentes. Monsieur Brasset tem pedido ordens a seu Rey para tratar nisto com calor e com destreza. como já avizej a V. Ex.^{cia}: não me tem dito que lhe sejam chegadas, e porventura que as tenha, conforme o que V. Ex.^{cia} aviza, mas como hontem chegarão as cartas e hoje he dia de festa, não ouve lugar de nos vermos, nem de se procurar, mas bom será que não tardem antes que esta gente conclua o que pertende.

No particular dos despachos que V. Ex.^{cia} me pede para a India, não tenho mais que essa carta que he copia da que mandei por Veneza, nem são necessarios outros mais que hum avizo e outro duplicados. em que se dê conta ao Visorey do que passa para que esteja alerta, e V. Ex.^{cia} podia faze-los sem outras circumstancias, porque não ha senão relatar o que passou.

O correo que V. Ex.^{cia} tem consertado para levar as cartas, entendo que seria escusado, assi pelos gastos, como porque tão depressa ha elle de chegar como os correos ordinarios que passão: alem de que como os da Companhia do Oriente mandão correos cada ves que lhes importa, logo devião despachar avizos com a primeira advertencia dos Estados; e tambem porque huma nao das que hia para a India arribou a Pernambuco, e assistio a tudo o que lá passou, e quando se fes á vela para continuar sua viagem, deixou 80 homens de socorro, algum mantimento e trinta mil libras de polvora: esta não estará hoje na India e avia de dar conta do que passava no Brasil, asi que os nossos avizos são á ventura, contudo V. Ex.^{cia} fará o que lhe paresser mais acertado.

Sobre o dinheiro de S. Magestade que tem Luis Pereira de Castro, de

que falei a V. Ex.^{cia}, não era para que se me desse para gastos ordinarios, ou para soprir faltas emquanto não chega o com que S. Magestade manda prover, mas que em caso que fosse forçado sair daqui, seria necessario ter algum dinheiro certo de que valer, porque com estes socessos do Brasil não ha ja quem queira fiar, e para este caso he que pedia o provimento, mas vistas as circunstancias chegaremos onde podermos.

A carta de S. Magestade trata somente do que fes o Leganés (1); teme S. Magestade que se retirasse antes de chegar o exercito, e pela copia da carta de Mad_rjíd se vê que estava já em Badajos: se o nosso fôr ávante, como S. Magestade dis, poderá ser que ainda se ganhe o que se perdeu na tardança. Não ha outra cousa.

(*Autographo*). 1.^a o correo chegou ontem, cujo sobre ser dia de Natal foi tãobem de escrever, por isso me não riria das ordens, mas creio que serão vindos conforme ao que Brassete teve a semana passada do Conde de Briana, que agoardava a ver o que S. Ex.^{cia} lhe pedia.

2.^a não dis tal S. Magestade, senão que ficava em Aldea Galega e que lhe parecia que passaria avante.

Biblioteca Nacional, códice 2666, fl. 497.

Sousa Coutinho ao Conde da Vidigueira

1645 — Dezembro, 25

Monsieur Capela, tio do Conde de Arcos, irmão de sua mãe, servio aqui onze annos na guerra, com grande satisfação chegou a ser tenente coronel de hum terço, mas alcançou o desenganar-se ainda em boa idade. Desejou muito passar-se ao serviço de S. Magestade, e eu o desejei tanto como elle, porque he soldado de grande valor e reputação, e sobre isso gentil fidalgo por natureza.

O anno passado escrevi sobre elle a S. Magestade; não tive reposta; não sei se pelo mesmo achaque de outras cartas de que a não tenho tido. se por no Reyno parecer que não convinha este homem pelo sangue que la tem seu, sendo que por isso mesmo eu o inculcava; perguntou-me tantas vezes pela reposta, que não sei se cuidou que era exclusiva. Vindo-sse despedir de mym, e a dizer-me que se hia para não tornar, o quis persuadir a que fosse este inverno a Portugal ver seus parentes, e que contentando-lhe o pays e o serviço, que lhe não podia faltar hum posto honrado, (sei que se contentaria com hum terço) particularmente tendo o Bisconde no governo; pareceo-me que era este o melhor meyo de sem empenhar a S. Magestade fazer elle nesta forma offerta de sua pessoa: respondeo-me, que se hia direito a essa corte, que beijaria as mãos a V. Ex.^{cia} e que faria o que V. Ex.^{cia} lhe aconselhasse ou lhe mandasse. Conforme a esta relação podera V. Ex.^{cia}

(1) O Marquez de Leganéz, general castelhano.

seguir o que melhor lhe parecer: desejo bons officiaes na guerra em Portugal, e emquanto os naturais se fazem, he força passarmos com estrangeiros, inda que este, pelo sangue e pela affeição que nos tem, se dá e o podermos ter por natural nosso.

Biblioteca Nacional, codice 2666, fl. 499.

Sousa Coutinho ao Conde da Vidigueira

1646 — Janeiro, 1

V. Ex.^{cia} me alegra sempre com suas novas que estimo quanto posso, e me anima grandemente nesta tormenta em que me vejo, e das razões desta ultima que recibi o colijo, porque me diz V. Ex.^{cia} que achou muito de que alegrar-se pela resposta que os Estados derão sobre os negocios do Brazil: e como eu a tenho por menos conforme a nossa pertença, e por muy chea de veneno e de ambiguidades e despropositos que pedem e querem, vejo claramente que V. Ex.^{cia} por me consolar a facilita. A razão que tenho para me não dar por satisfeito com ella he que os Estados respondêrão a dous fins, ou para lançar mão da occasião se lhes estiver bem, e romper, se não, com guerra publica, com consentir que as Companhias continuem hostilidades, como de antes fazião, ou para dissimular emquanto não virem commodidade para seu intento: porque he certo que não hão de aquietar, ou se tomem as praças de Pernambuco, ou fiquem no estado em que se achão. E como a nós não convem sobresaltos, diversão, nem inquietação, sempre estamos offerecidos a tudo isto, emquanto a conclusão destes negocios se não compuser muito em forma; e vejo mais que os Estados tem tomado o negocio do Brazil á sua conta, e que ajudão a Companhia com naos, gente e dinheiro, e que já partirão sinco naos de socorro, e vão continuando no que pretendem mandar: e como esta materia he de tanto momento, estou sempre com receos de que passe a mais do que nos convem, que emquanto á Companhia per sy não está em estado que se possa temer, mas chegado que os Estados se disponhão a continuar com as ajudas e socorros, he tornar o negocio a seus principios; e assim emquanto o não vir composto, ou aos Estados fora deste intento, sempre estarei com receos de que tenhamos muito em que entender, tanto com a prevenção das armas nas conquistas, como na pertença desta negoceação; queira Deus abrir lhe hum caminho tão facil que nem tenhamos que temer e que tudo nos soceda a pedir de nosso desejo.

De novo não ha nesse negocio cousa alguma que continuarem com a preparação da armada que determinão mandar, com o governador que ha de prezidir lá e com os coroneis que governem a guerra, que são dous framengos que já lá estiverão, mas os gellos não deixam ir avante esta preparação. Do Brazil tarda aqui recado; tenho para mym que não devem ser certas as novas que de Portugal escrevem a V. Ex.^{cia} sobre este parti-

cular, porque se no Recife e Parayba ouvera aperto, não ouverão deixar de mandar hum e outro avizo, e como tardão, prezumo o contrario. Bem quizera eu-que fora mais do que dizem, porem acho lhe inconvenientes que a seu tempo direy a V. Ex.^{cia}.

A copia da carta que V. Ex.^{cia} pede hirá no que vem, que não ha lugar nem tempo para hir logo: essa para S. Magestade será V. Ex.^{cia} servido mandar encaminhar pelo primeiro que se offerecer, que importa a seo Real serviço.

As novas de Portugal festejei saber; V. Ex.^{cia} tem ahi esse privilegio de receber cada semana cartas de Lisboa e aqui esperamos navios ha dous mezes, sem chegarem. As cartas de S. Magestade não contem cousa de negocio porque são de outubro, e em huma me manda avisar da chegada do galeão da India, e na outra das Cortes que se convocavam para 20 de novembro.

Monsieur Brasset me disse tinha recebido as ordens, e sempre he bom estarem em suas mãos, porque hirá dispondõ conforme achar a opportunidade e mais seguro cãmihno para o intento. V. Ex.^{cia} me manda as cartas por sua via e aqui são os portes largos e poderá enfadar-se: pelo correo vem seguros, que assi guardarão estes senhores honrados a fidelidade no mais, como são pontuais nos correos e cartas que se mandão para qualquer parte, com nas que vem para aqui. Não ha outra cousa de que fazer avizo.

Tratando com Monsieur Brasset sobre a interpozição de França, acha dificuldade em se aqui se aceitar e em isso hum pouco de indecoro para seu Rey, e ainda que a isto respondy que com o mesmo forão embaixadores a Inglaterra e Suecia, que contudo he certo se forão, eu bem creio que até ultimo avizo do Brasil que não ha que tratar de nada; contudo não será mau tirar-se-lhe este escrupulo a Brasset, e estar prevenido para isso.

Com grande inveja me deixa V. Ex.^{cia} cometer tão em besporas de partir; a mercê que quero de V. Ex.^{cia} he que me faça hir daqui e que se não ouver outro meo senão com affirmar que os negocios se perdem em minhas mãos, a troco de me ir tudo me ficará barato. Faça-me V. Ex.^{cia} mercê de me avizar se fica o Doutor Antonio Muniz e em que forma.

Biblioteca de Evora, códice CVI 2-7, fl. 677.

Sousa Coutinho ao Conde da Vidigueira

1646 — Janeiro, 8

Tardão naos de Portugal para sabermos o que lá passa, e se he certa a nova que aqui se publica de huma caravela que chegou a Lisboa da Bahia com avizo de que os portuguezes estavam mestres de Pernambuco e acrescentarão logo que o Recife estava rendido, o que me pairesse desta nova he que deve ser a que V. Ex.^{cia} me mandou na relação das que teve de

Portugal; e como de Pernambuco tardão aqui navios, estamos todos esperando este baque com esta differença, que para esta gente não será estranho, porque assym o considerão muitos e já dão o Recife por perdido; e para nós obra da mão de Deus, obrada por meyo que a discrição humana não alcança. E assi podemos ter confiança que tambem proverá nos futuros, sem embargo de que os ameaços cressem, mas contra o que Deus quer, não valem mãos.

O Rezidente Brasset me mostrou huma carta que neste correo recebeo do Cardeal Mazarini em que lhe diz que avião chegado embarcassões de Portugal com avizo que ouvera grandes luminarias com a chegada de huma grande embarcação da Bahia, por virem boas novas de Pernambuco. Eu o attribui á retirada de Leganez, porque ainda que fora verdade, não convinha mostrar a tenção descuberta com festas pelo caso nesta ocasião, mas dissimular para outra: V. Ex.^{cia} me avize do que nisto ha.

Tambem lhe encomenda a diligencia destes negocios de Portugal e lhe dis que convem compôrem-se, porque de outra maneira, divertindo-se as armas de S. Magestade, seria necessario dobrar o exercito de Catalunha; e dis mais que estava ja o dinheiro jurto para as pagas do exercito que lá milita para a campanha que vem, e que tambem estavam feitos 22.000 homens para continuar a guerra, que se veja que não fazem a pas por necessidade: a isto mesmo faço consequencia que nos hão de assistir em tudo, assy aqui como em Munster, se não por amor, por conveniencia, pelo que lhes está bem e importa. O Rezidente vai tentando huns e outros e espera que lhe abrão caminho em geral, porque se não satisfaz do que alguns particulares nos dizem que convem tratar de composiçãõ por meyo de algum terceiro, e dá por razão que não deve propôr o que lhe hajão de negar, porque seria discredito da Coroa de França, sem primeiro estar inteirado que as Provincias e consentem, ou pelo menos a mayor parte dellas. Bem vejo que esta ordem lhe devia ser assi mandada, e assi vai dispondo e falando a huns e outros, porque nem os Estados querem mostrar-se appetitosos do concerto, nem approvão que nos falemos. mas que outrem o teria: isto he o que se colhe dos amigos em particular; veremos no que pára: entretanto chegarão avisos de Portugal e do Brasil e com mais certeza poderemos informar e tratar do que mais convem ao bem da causa; o certo he assim para esta negoceaçãõ como para a de Munster, não fas ao caso falar-se aos embaixadores e rezidentes, mas esperar dessa cõrte a rezoluçãõ, e ahi he onde se ha procurar o essencial das formalidades para huns e outros partidos; por hora não ha outra cousa.

Não advirtio bem o senhor o que lhe eu disse: a carta que fala nas luminarias (é) de hum particular, mas acressentou que as de Lisboa não erãõ inda abertas, e que era só nova dada pelos passageiros. Afirmo com que o Cardeal escreve sobre nossos particulares. folguey muito de ver falar delles como causa que toca muito a essa coroa. Com elle fallou ontem o Principe de Orange; está achando tudo bem de composiçãõ e não põe duvidas em que os Estados aceitem a mediaçãõ de França, contudo dezendo-lhe Brasset

que começasse S. Alteza a pratica, respondeu que não convinha, mas que o seu voto estava certo. Brasset he amigo até da ministração, e se V. Ex.^{cia} se vir em Portugal antes de minhas cartas, desponha a S. Magestade a que mande huma joya a sua mulher e outra a huma filha, que he com quem meu antecessor queria cazar o nosso secretario, que achava tocar-lhe pelo officio.

Tambem convirá muito informar a S. Magestade agora destas nossas aguias imperiaes que estão em Munster, como acertadamente lhe chama o Doutor Antonio Muniz; convem prover ali. Eu affirmo a V. Ex.^{cia} que quando me chegão as suas cartas, a não ter Monsieur de Castro por sezudo, cuidára que desmanchava hum o que o outro fazia. O Andrade quer que estes negocios daqui seijão perdidos em minhas mãos, e eu para emmenda delles e dos de Munster me offerecy a S. Magestade para trocar os postos, mas a mi é fé que se o tal Andrade servira neste meio desde setembro para ca, que elle renegára do troco.

Biblioteca de Evora, códice CVI 2-7, fl. 679 (cópia).

Sousa Coutinho ao Conde da Vidigueira

1646 — Janeiro, 15

Nestes negocios não ha muita novidade pôr agora, porque nem de Portugal chegão navios, nem de Pernambuco, para se saber o que lá passa; pairesse permissão divina, porque os gellos tem impedido a navegação de maneira que não podem mandar navios em que queirão; mas vão preparando os que detriminão mandar, e fazendo gente á conta dos 700.000 florins que os Estados derão á Companhia de subsidio. Veremos no que pára esta furia, e se chega entretanto algum avizo do Brasil que os tire deste cuidado, porque se os levantados estão senhores do Recife, como alguns pronosticão, ou hão de deixar a empreza, ou accrescentar a gente e navios para nova conquista e para executar os ameaços que tem feito; assi que entretanto não podemos julgar mais que pelas apparencias. A causa he de Deus e acodirá a ella como ás demais que temos visto athégora.

Monsieur Brasset vai continuando com suas diligencias e nesta semana passada propoz de palavra ao prezidente, depois de varias razões de conveniencia, a medeação de França para se tratar de composição nestes nossos negocios, porem não se declarou de todo, mas tentando o vao; o prezidente o propoz na junta, e depois lhe disserão de palavra que o que tinha proposto o desse por escritto para se considerar, a que elle respondeu que tomaria seu conselho primeiro, e que o faria na forma que pedião, se os Estados lhe respondessem por escritto e de maneira que se não discontentasse seu Rey, porque fóra destes termos não seria (1) empenhar a seu Rey em huma cousa em que lhe não differissem e de que ficasse sentido

(1) Palavra ilegivel por efeito da traça.

e queixo: agora se espera o que respondem, com que acabaremos de entender se estão todos da opinião de alguns que dezeirão que haja composição, e chegado a que a Hollanda se redusa, o mais seguirá seu voto. O que devemos procurar he buscar todos os caminhos para que cheguemos á composição, que assim o ordena S. Magestade e assim convem. Queira Deus que tudo venha a concluir-se como dezejamos. Bom he que os ministros dessa coroa instem por este effeito, e como V. Ex.^{cia} tem informado ao Secretario de Estado e ao Cardeal, mais facilmente se obrigarão a isso pelo que a causa tem de justificada, e pelo que convem aos intentos de huns e outros amigos.

O Doutor Niculao Monteiro deenganou-se tarde: em Roma não ha de aver procedimento que nos satisfaça enquanto os Summos Pontifices forem castelhanos, menos que em Portugal obrem as armas de S. Magestade de maneira que as inimigas se deenganem, ou seja com algumas praças de consideração que se ganhem, ou com huma boa vitoria campal.

(*Autographo*). De cinco navios que avizei a V. Ex.^{cia} que mandou a Companhia de socorro, os dous de Zelanda partirão, os tres embarga o gello em Amsterdão com 150 soldados que levavão. Brasset, se conseguir o fim polos meos que leva, não ha duvida que he o mais autorizado para o seu Rey e para o nosso. Nos Estados varião os votos, muitos querem que se abraße a mediação, outros a rejeitão. O Príncipe de Orange está bem inclinado, contudo se por este caminho se não conseguir, bom será que venha ordem para que se escancara e em assemblea se propõe o Christianissimo *mediator*, porque parece que lhe não perdêrão a vergonha, e quando percão esse pouco que tem, fica S. Magestade mais empenhado em nosso favor. Fico escrevendo para Portugal, que conforme o que V. Ex.^{cia} dis, está tanto de caminho que será mandar as cartas na posta que vem.

Biblioteca Nacional, códice 2666, fl. 20.

Sousa Coutinho ao Conde da Vidigueira

1646 — Janeiro, 22

Depois de receber esta ultima de V. Ex.^{cia}, me veyo falar Monsieur Brasset e me tirou da duvida em que estava sobre o que V. Ex.^{cia} me aviza que o Conde de Brianna dissera, que elle avia escrito que tinha assentado commigo o suspender as diligencias athé outro tempo mais conveniente; porque perguntando-lhe que avia escrito desta materia, me respondeu que avizára das instancias que tinha feito e fazia cada dia, mas que entendia que pela reposta que avião dado os Estados, a qual eu tinha mandado a S. Magestade, de que se esperava contra reposta, e juntamente em quanto não chegasse avizo do Brazil perque soubessem a rezolução daquelles negocios e termos em que ficavão, senão differiria a proposito ao que propu-

nha, mas que contudo não deixava de continuar na pretensão sobre a composição, para ver se chegavão a lançar mão da offerta em modo que tivesse effeito: isto he o que dis avizára a França, e nesta conformidade dou conta a V. Ex.^{cia} cada correo do que passa, e não refiro humas cousas por outras, perque seria em prejuizo dos negocios e do que V. Ex.^{cia} ha de procurar ahy sobre os desta embaixada. O que importa he que de lá venhão as ordens a Monsieur Brasset livres e não restrictas, para que em virtude dellas continue nesta commissão descubertamente, fazendo tudo o que fôr necessario, conforme convem á causa; e para que os Estados lhe respondão sem intermissão de tempo, que agora he perigozo o dilatar, perquanto anda esta gente furiosa e os Estados vivem dos povos, e estes estão empenhados na Companhia, e a este respeito odiados com nosco peor que com Castella; e se não se atalharem as rezoluções dos Estados antes que cheguem a deliberar, tem despois inconvenientes e pouca segurança; a nós não escutão livremente, perque entendem e presumem que dissimulamos, e que os enganamos. A composição lia de proceder por meyo de 3.^o, porque isto mesmo querem os melhor intencionados, pelo que vindo ordem a Monsieur Brasset que entre a medear, não só *ex-officio*, mas por conveniencia, interpondo S. Magestade Christianissima o arbitrio com calor para que se aceite, e com instancias apertadas para que se não engeite e exclua, antes se entenda que convem tratar da composição; porque desta maneira nem os Estados poderão recusar o que está bem a todos, nem Monsieur Brasset querer menos que sejam elles os que roguem, porque não pode ser, e poder-se-hão atalhar os inconvenientes de chegar a experimentar males futuros. Occasião ha em que ha de prestimo esperar tempo, nesta me pairesse que a dilação he prejudicial, e emquanto se vão preparando estes meyo, chegarão as novas, que sendo quaiquer que forem, como estão já as cousas em consideração ficão mais faceis para a expedição e deliberação.

No particular dos soldados que vão ao Brasil, se entende que está revogado o intento de mandarem soldados de cada companhia como no principio se tratou, mas que vão os que se fazem com caixa tocada, que cada dia toção por todas as partes e não acodem tantos como elles quizerão; contudo mandão alguns de socorro em naos dos mesmos Estados que lhes dão para isso, com condição que estando as da Companhia preparadas, fiquem em lugar das que vão para guardar a costa, e temo que se encontrarem as nossas embarcações as tomem, porque levão ordem para isso, com pretexto de tomarem os navios que tratarem com os levantados e dos que lhe derem ajuda e favor; e isto basta para se declarar a tenção. V. Ex.^{cia} o advirtirá a S. Magestade com os primeiros que partirem.

Esta tormenta não cessa; com as primeiras novas do Brasil se ha de ver o em que consiste o negocio, porque nós esperamos ou que os de Pernambuco estejam senhores de tudo, ou de parte daquella capitania, e conforme ao estado em que lá estiverem, hão aqui de multiplicar ou deminuir os aprestos; e elles tambem esperão a mesma nova, porque dizem que conforme ao lá socedido se descobrirá a tenção de S. Magestade. Muito im-

portará a prevenção em toda a parte, porque nisso consiste o primeiro lanço de boa fortuna: a S. Magestade o tenho avizado largamente e V. Ex.^{cia} tambem, ponha-lhe Deus a virtude.

Falei ao Principe de Oranje, e em discurso tratando nesta materia me disse que tudo se aquietaria se S. Magestade fizesse repôr as cousas de Pernambuco no estado em que estavam: respondi-lhe que como poderia S. Magestade obrigar aos de Pernambuco que não erão seos subditos? além de que se os da Companhia e todos aqui suspeitavão que S. Magestade entrara nisto, e o mandara fazer, que não era acerto pedir-lho outra ves, porque se elle o fazia, não avia de ser para o tornar a dar, assim que era sem fruto este meyo para nos compormos: que se pedissem a S. Magestade se interposesse neste negocio de Pernambuco para o medear e accomodar entre aquelles portuguezes e os da Companhia, que era outra couza e que isso podia ter caminho: pareceu-lhe bem a resposta: dis que dezeja composição e que convem. Dahi he donde ha de vir o aperto para se obrigar esta gente toda á conclusão, e entretanto veremos o que chega do Brasil para melhor clareza dos intentos.

Deixa V. Ex.^{cia} hum grande substituto em seu lugar, e só na pessoa do Doutor Antonio Moniz de Carvalho concorrião as partes para esse posto, para se sentir menos a falta de V. Ex.^{cia} nelle; eu o festejo de minha parte, para que os negocios vão na forma que os tempos pedem, pois os tratou com V. Ex.^{cia} de seu nascimento. Os embaixadores de Munster avizão que se trata dos salvos condutos per escrito, queira Deus que pegue. Os Plenipotenciarios destes Estados chegarão; forão as carroças dos embaixadores de França e dos nossos a encontra-los, e acompanha-los, de que o Principe me disse se davão os Estados por obrigados; os de Castella dizem os forão vizitar; muito ha que notar e advirtir nisto, grande dissimulação e pessoa está dentro deste lanço.

Biblioteca Nacional, códice 2666, fl. 30.

Sousa Coutinho ao Conde da Vidigueira

1646 — Janeiro, 29

Neste correo não tive carta de V. Ex.^{cia} que me pôs em cuidado, e mandando saber de Monsieur Brasset se acaso vinhão com as suas, me respondeu que não, e que tambem lhe faltava o maço do Conde de Briana, que he o em que lhe costumão vir as que se encaminhão de V. Ex.^{cia} por sua via, mas que recebera avizo do Cardeal Mazarini que se mandava aqui hum gentilhomem a negocios, o qual chegaria tão brevemente como o correo, o que me fas cuidar que por elle me virão as de V. Ex.^{cia}, posto que athégora não he chegado: se esta fôr a causa de me faltarem novas de V. Ex.^{cia}, os sintirei menos, como muito, se fôr per alguma que dê molestia a V. Ex.^{cia}, a quem dezejo muita saude e descanso.

Aqui não ha novidade mais do que já tenho avizado a V. Ex.^{cia} nas pasadas. Os navios que vão de socorro a Pernambuco levão ordem dos Estados e Principe de Oranje para roubar os dos levantados, e daquelles que os favoresserem, pretexto de que se valem para roubar os da Bahia; já avizei a V. Ex.^{cia} no passado desta deliberação, e o torno a repetir com certeza para que V. Ex.^{cia} avize a S. Magestade e que convem mandar ter tento nas embarcações que forem ao Brasil e vierem de lá, porque se cahirem nas mãos desta gente, hão de uzar com ellas o que de antes fazião. Sempre temi este ponto cru de hostilidades que nos hão de fazer á sombra deste pretexto; mas tem o remedio facil com prevenir as praças, e mandar navios artilhados que se defendão, perque faltando o socesso a seos intentos, será cada ves a perda mayor, e desenganar-se-hão. A Companhia não acha gente que queira hir ao Brasil, e recorrem outra ves aos Estados para que lha dem da sua na forma que se intentou, a saber tres homens de cada companhia.

Monsieur Brasset me disse que esperava ordens mais largas para entrar neste negocio; muito importa que venhão gerais e não restrictas, e que tome França á sua conta a accomodação, para que cessem as discordias que se podem temer, haja mão larga contra o castelhano e não se mandem semelhantes ordens nos navios ao Brasil, nem a outras partes, com que fiquem os de Pernambuco senhores do que tem tomado, que he o nosso intento, mas este ultimo ha de ser com mais disfrasse, pelo que tem de pouco proveitozo á Companhia e em consequencia aos Estados; e se França entrar nisto com instancia, e propozer as conveniências qué ha para que assim seja, poderemos esperar bom fim na pertença, ainda que seja dando-se algum dinheiro em satisfção das perdas á Companhia ou comprando Pernambuco, se o quizerem vender, posto que he dura esta pratica para elles, mas o tempo lhes mostrará que lhes ha de ser necessario, por não perder mais do que tem perdido. Se o conseguirmos, será felice socesso, e se não, Deus dará tempo, que por hora nos basta quietação nas conquistas e cõmercios livres e dezempedidos, sem sobresalto, nem hostilidade, e conforme se fôr encaminhando o negocio hirei avizando a V. Ex.^{cia}.

Os da Oriental tiverão avizo da India em hum navio que chegou a Inglaterra que he morto o governador Vandiemem em Batavia, e que havia rompimento com os persas; veremos no que se poem o negocio, que por ventura que comessem a experimentar os males que athégora nos tem feito.

Biblioteca Nacional, códice 2666, fl. 32.

Sousa Coutinho ao Conde da Vidigueira

16.46 — Fevereiro, 5

A somana passada, hum dia depois do correo hido, me mandou Monsieur Brasset a carta de V. Ex.^{cia} de que tinha avizado me faltára; dis-me

V. Ex.^{cia} nella que Jeronimo Nunes escrevia que os hollandeses tinham licença para tomar presas da linha para o sul, avendo eu avizado o contrario: entendendo que no mesmo correo chegaria a V. Ex.^{cia} o meu avizo do que passava nesta materia, e he que pedindo os de Zellanda com instancia huma e outra ves licença aos Estados para roubar, elles lho não concederão, e por estar certo desta resolução o avizei a V. Ex.^{cia}; passados alguns dias fizeram nova instancia, e lhes concederão que os navios (1) que fossem com gente e munições ao Brasil podessem fazer preza nos navios que encontrassem dos portuguezes levantados, e nos dos que os favorecessem. Queixei-me disto a alguns dos Estados, dizendo que he abrir porta a hostilidades, e que com pretexto de que favoresem aos levantados tomarão os navios que encontrarem da Coroa de S. Magestade, a que respondem que não permittem mais que na forma declarada; e logo o avizei a V. Ex.^{cia} no correo que foi o em que V. Ex.^{cia} me avizou e que Jeronimo Nunes dis, de maneira que as cartas se encontrarão no caminho; posto que com a differença da forma da licença, segundei no outro correo, para que V. Ex.^{cia} o avizasse a S. Magestade, visto que aqui está a navegação impedida com os gellos. Bem vejo que esta licença ha de ser mui estendida pelos que a hão de executar, e vem a ser o que temi sempre e o que avizei a S. Magestade, que avião de buscar modo de fazer hostilidades debaixo de algum pretexto, como fazião de antes, mas o remedio está em que não consigão effeito, avendo prevenção em nossos navios, como nas praças de nossas conquistas, que tudo se ha de temer, e nós de tudo acautelar; assi que não faltei de avizar com tempo o que passava, e em que forma e Jeronimo Nunes aviza o que ouve sem estas circumstancias que as não sabe, postoque na sustancia podemos temer que seja como na forma que elle aviza em razão dos que hão de executar, que não hão de guardar lei, nem admittir razão; e do que elle avizou mais a V. Ex.^{cia} do homem que queria hir descobrir grandes cousas, me não tem falado nisso athégora.

A Monsieur Brasset perguntei de quem soubera o negocio aserca do embaixador que se mandaria aqui por custa de S. Magestade na forma que V. Ex.^{cia} me aviza, e respondeu que de Amsterdam lho avizarão seos amigos, assi que não sei como pode ser, nem donde sair isto a que se soubesse; V. Ex.^{cia} teme que de Portugal, tudo pôde ser, mas eu temo que de França, porque ha grandes communicações aqui; quer Deus que não he a materia de tanto grosso, nem aqui ouvi nunca tocar neste ponto, sendo que sabendo-se alguma cousa, logo o publicão, como fasem no demais.

Os negocios vão embrulhados, e quanto mais procuramos atalhar e buscar-lhe remedio, tanto mais cressem as dificuldades, e a colera nesta gente infernal: as instancias fazem-se tanto pela via do Residente como pela minha, que não falto em procurar a composição pelos meyos que posso, insinuando a medeação, como já o fis com o Príncipe de Oranje, e com alguns Estados, e ainda com gente particular que tem voto e fala nas praças com

(1) Nota á margem. Entende-se dos Estados ou Companhias.

authoridade; porem elles não querem acabar de se resolver, e querem que França pessa declaradamente com propozição per escrito, mas o Residente quer (1) primeiro segurar o sim dos mais votos, principalmente das provincias de Hollanda e Zellanda, que he a chave do jogo: isto ha de hir a passos contados, e como V. Ex.^{cia} dis pende tudo do que vier do Brasil; muito importaria serem as novas tais que elles se dezenganem. Monsieur Brasset me disse hontem que falando ao Principe de Oranje lhe dissera que avião falado com elle tres judeos dos interessados na Companhia e que affirmavão que os portuguezes batião o Recife com batarias de artilharia, e que o Conde de Alegrete era chegado a Inglaterra (2) com alguns mercadores de Portugal e muita fazenda para pagar á Companhia as praças que tem no Brasil, mas que elles e os mais não querião compozição alguma, senão a que se contem na reposta que os Estados derão, ou que pelas armas se avião de fazer outra ves senhores de tudo. Destas invenções e chimeras vejo que estão obstinados e que querem tentar a fortuna, mas se a não acharem tão prospera como no tempo dos castelhanos, por ventura que lhes não valha arrependimento, ou tãobem pôde ser lanço de ladrões e abrir caminho á paga, temendo roim nova do Brasil; para huma e outra cousa he necessario ver, sofrendo, esperar, e não dormir; ordene Deus o que fôr de seu santo serviço.

Grande inveja e muitos dezejões da patria me fas V. Ex.^{cia} com sua hida. Dê Deus a V. Ex.^{cia} boa jornada para descanso, que posto que na Corte de Paris tinha V. Ex.^{cia} a estimação de seu valor e prudencia, na patria terá V. Ex.^{cia} os premios de seo merecimento, e eu entre todos muito gosto de os ver tão bem empregados. O Doutor Antonio Monis de Carvalho, que fica residindo no lugar de V. Ex.^{cia}, saberá substitui-lo de maneira que os negocios não sintão falta com a ausencia de V. Ex.^{cia}, porque he tão bom discipulo, que o deixará V. Ex.^{cia} grande mestre: com elle continuarei, não só nos particulares dos negocios, mas em tudo o que fôr para o servir farei com boa vontade, pela grande que lhe tenho de affeição ha muitos tempos.

(Autographo). Leve Deus a V. Ex.^{cia} com huma felecissima viagem; não quero que seja a descansar, por não cair no erro que el Rey D. Sebastião quis ouvesse no epitafio de seu visavô de V. Ex.^{cia}. Pesso muito a V. Ex.^{cia} que a exemplo de França persuada a S. Magestade que bastará aqui hum rezidente, que são muitas as afrontas que aqui se padesse, e são mayores nas pessoas dos embaixadores.

Biblioteca Nacional, códice 2666, fl. 90.

(1) *Nota à margem* — já lhe avizei que foram novas ordens.

(2) *Nota à margem* — Aqui me perguntarão que embaixador vinha de Portugal para Olanda; respondo a tudo a Francisco de Sousa e lhe pergunto se será bem tratar de fazer aqui diligencia para induzirem aos Estados que mandem embaixador a Portugal. ♦

Souza Coutinho ao Conde da Vidigueira

1646 — Fevereiro, 12

Chegou huma nao de Pernambuco dos da Companhia a Inglaterra, onde se perdeu e muita gente que nella vinha; a carga constava de 500 caixas de asuquere, 1007 libras de martim e algum pao Brasil; tem os da Companhia espalhado as novas seguintes.

Que os portuguezes não tinhão obrado cousa alguma contra o Recife, e que querendo o Vidal e Henrique Dias com 300 homens tomar a fortaleza da Ilha de Itamaracã (que quasi tiverão rendido) forão rechaçados, de maneira que se retirarão com perda de 12400 homens, e que na Paraíba lhes fizerão outro tanto, com que os portuguezes de Pernambuco estão retirados na Varsea, onde tinhão feito hum forte em que pozerão sete peças de artilharia; e avizão que os seus estão com grande coraje, e que tinhão no Recife seis companhias e tres na Ilha de Antonio Vaz: que dos hollandezes que se tinhão passado com o governador que vendeo o forte do Cabo de S. Agostinho aos portuguezes, se avião tornado noventa com bandeira alçada em som de guerra, os quais forão bem recebidos; dizem mais que o seu general do mar tomára quatro caravelas que levavão socorro aos levantados, e que acharão cartas de S. Magestade em que mandava ao governador da Bahia continuasse com os progressos; mas nem estas nem as que primeiro dizião que tinhão acabão de apparecer. E dizem tambem que o general do mar era hido com quatro navios para a Bahia a impedir as entradas e saídas aos navios, e roubar os que podesse colher, e que a mesma diligencia se fazia cruzando os mares do Cabo de S. Agostinho; mas que estavam sintidos das crueldades que os portuguezes uzavão sem dar quartel a nenhum hollandes, e que avião tomado o forte do Rio de S. Francisco em que estavam 300 homens, os quais forão todos mandados prisioneiros para a Bahia, e que tambem avião hido a Angolla alguns portuguezes da Bahia que tomárão porto no Rio do Congo, mas que forão bem castigados, porem que tinhão feito hum forte que guarnecêrão com sete peças de artilharia: isto he em summa o que elles dizem e publicão: muitos tem para si que as mais destas novas são fingidas, só por dar a entender aos Estados e povo que tem bom partido para se lhes continuar com o socorro, e para não descair de todo esta machina da Companhia. Outros que não falão tão arrojados, e por ventura com mais verdade, affirmão a tomada da fortaleza do Rio de S. Francisco em que estavam 300 hollandezes, com que os portuguezes ficarão com a campanha livre e segura desde o Cabo de S. Agostinho athe à Bahia, e que por falta de munições e petrechos de guerra não poderão avançar contra o Recife, mas que estavam muy perto em hum arrayal que fizerão, para ver o que o tempo offerecia e descobria; e não falão nas mortes que dizem ouve em Itamaracã e Parahiba, porque por boas conjecturas não tem apparencia de verdade, como assi o das cartas de

S. Magestade que he huma pura velhacaria, e dizem tambem que as caravelas que tomárão, dizendo que levavão socorro aos levantados, que não são senão navios marchantes que hião do Reino carregados de mercadorias para a Bahia e Rio de Janeiro; mas elles os fazem caravelas de socorro para pretexto de fazer justificada a hostilidade, e do que achárão nelles se guarrecêrão. A que se haja de dar credito não sei, porque atégora não ha mais relação que a que elles divulgão, posto que a segunda que se nos mandou de terceira pessoa parese mais adequada. O que fôr se publicará, que isto chegou ainda hontem e não ha tempo para mais circumstancias e clareza. O certo he que se elles poderem, que não hão de perdoar na terra e no mar, e ou seja justo ou injusto, nem os Estados lho hão de provar e estranhar, nem os confesores obrigar a restituição. O que convem he que os nossos fação conta que seu braço he o juis de seu negocio, perque se não se defenderem e offenderem, serão pouco temidos, mais desprezados, e ficarão sem remedio, que daqui tem a experiencia mostrado que não ha que esperar restituições.

Falei a Monsieur Brasset, e me disse que avia falado ao secretario dos Estados, o qual lhe segurára que não avião de mandar nem contra as conquistas de S. Magestade nem contra seos navios, porem eu me não fio destas palavras, porque só os deixarão de fazer quando mais não possão; e disse-me que falando-lhe na composição, lhe dissera o secretario que sobre que cahia esta composição em que França queria entrar a medear, se S. Magestade se escuzava aqui per seu embaixador que não era sabedor nem entrára nestas revoltas de Pernambuco? Respondeu-lhe o Rezidente que para a pas geral, porquanto estavamos em tregua e aviamos tido demanda, como ainda tinhamos sobre varias pertencões, e que por isso queria S. Magestade Christianissima interpor-se á concordata da pas geral para que tudo tomasse assento e ficasse quieto e composto por huma vez; a que o secretario respondeu que restituindo-se primeiro o de Pernambuco, se trataria do mais, e com esta linguagem falão muitos, ou seja para nos amedrontar, ou que queirão tentar a fortuna a ver se podem recuperar o perdido, que tenho por mais certo, e conforme lhes soceder, dar mais ou menos mão á composição. Isto vai ainda cru e estes negocios o tempo os cura e apura.

A memoria que V. Ex.^{cia} me manda está muito ajustada com o que a razão pede, se elles assi o aceitarem, porem ha se de propôr o que convem, digão elles o que quizerem. E se S. Magestade deliberar dar os galleões que V. Ex.^{cia} me dis se lhe hão de pedir a tempo certo, não seria de pequeno effeito nesta ocasião, pelas grandes consequencias que dahi se seguirão, e fora bem que se promettessem debaixo de condição na forma da memoria de V. Ex.^{cia}: trabalhamos e não lus, de Portugal não acabão de chegar novas nem avizo tanto para os negocios e o que se deve obrar por informações certas, como para sabermos o que passa com o inimigo. Deus no-las traga boas e a V. Ex.^{cia} guarde e leve em pas. Essa carta para S. Magestade (1) como a do outro correo, se V. Ex.^{cia} tiver alguma dilação,

(1) Estas cartas faltam no copiadador de Sousa Coutinho.

seja servido encaminha-las com os primeiros que fôrem, porque importa chegarem brevemente. e aqui ainda não ha navegação corrente com os gellos.

Biblioteca Nacional, códice 2666, fl. 92.

Sousa Coutinho a Antonio Moniz de Carvalho

1646 — Fevereiro, 19

No dos negocios vi a memoria que V. Mercê deu ao Conde de Briana; está muito bem feita e tudo nella se relata em forma: e que os Estados tem dado permissão aos navios seus que emprestão á Companhia para roubar aos que fôrem em favor dos levantados he cousa certa, que aquy está a malicia deste jogo. que elles dizem aquy que não mandam fazer hospitalidades, mas somente castigar aos que derem favor e ajuda aos levantados: e com este pretexto hão de roubar quanto deparem. Nós lhe dizemos que fazem bem no que fazem. porque não se lhes pode estranhar esta acção, mas que sendo as ordens gerais e sem lemitação restrictiva, quem ha de ser o juiz das presas que tomarem e danos que fizerem nas conquistas e navios de S. Magestade?; porque sempre hão de dizer que forão tomados por levar socorro aos de Pernambuco, e do mesmo modo devem sentir ahy os ministros dessa coroa, como V. Mercê aviza, mas a esta replica não nos respondem, com que ficão sendo as hospitalidades certas, que he o que não convem e o que pretendemos atallar.

O Residente Braset tem as ordens já em sua mão que V. Mercê lhe fes vir, e fas sua obrigação com grande delegencia, e assy o pode V. Mercê dizer ao Conde de Briana, porem estão as cousas de maneira que não podemos ainda vencer a deficuldade de que venhão a conçeder que seja o arbitrio desta composição e mediação El Rey Cristianissimo, e nisto se trabalha para que se acordem como nós estamos, porque da mesma maneira se fes entre Suecia e Dinamarca, que avido o consentimento de ambas as partes, entrou França a medear: bem he verdade que convinha mais breve effeito neste cazo, porem esta gente está deabolica e não admettem mais que o que se lhes representa. Convem hir madurando isto com arte e paciencia até que cheguemos á despociação de que se pretende: as deligencias não faltão, o tempo mostrará o seu effeito.

Biblioteca de Evora, códice CVI 2-7, fl. 578.

Sousa Coutinho a Moniz de Carvalho

16.46 — Fevereiro, 26

Já avizei a V. Mercê no passado o que se fazia aquy de diligencias sobre os nossos negocios e como Monsieur Brasset trabalhava pella sua parte com grande cuidado, e pella nossa não faltavamos ao que convem impedir: a memoria que V. Mercê mandou, por levar mais cautella e prevençãõ, nem por isso está de peor condiçãõ, antes andou V. Mercê muito acertado em meter todas as duvidas de que nos podemos recear, que com esta gente tudo he necessario e nada aproveita, e no particular das licenças que tem dado aos seus navios que mandãõ ao Brazil, disse tambem em que firma as derãõ, mas isso não he bastante para deixarmos de cuidar, que quer levem licença quer não, hão de roubar e fazer o mal que puderem, achando occasião que lho premita; e estas são as hostilidades e inconvenientes que sempre temy desde o principio, como disse a S. Magestade e ao Conde Almirante quando ahi estava, porque debaxo deste pretexto de dizerem que só levãõ ordem para roubar e castigar os levantados e seus favorecedores, hão de meter em conta todos os navios nossos que encontrarem, *sive juste, sive injuste*, porque depois de tomados hão de affirmar que os achãrãõ na costa de Pernambuco, e que levavãõ socorro aos portuguezes que ally lhes fazem a guerra, pello que sempre he bom o atalhar-se este perigo se pudermos, e melhor que tudo que os nossos navios vão de maneira prevenidos, que se os saltarem, affondãõ, porque com este remedio elles se dezanarãõ.

O que espalhãõ nas *gazetas* não deve admirar que o façãõ, porque só nisto he esta gente livre para fallar o que querem; e não he muito que contra nós o façãõ, quando contra França, a quem estão tão obrigados, e a quem devem o que tem, fazem o mesmo. Agora sahio hum libello infamatorio impresso que dis taes cousas que obrigou a Monsieur Brasset a pedir aos Estados o fizessem recolher, e respondendo-lhe o pensionario de Hollanda que era faze-llo mais publico quando se impedisse, o Rezidente lhe disse que bem via isto, mas que bastava que se entendesse que os Estados não consentiãõ, e não he esta a primeira, nem será a ultima. Jeronimo Nunes acode ao gazeteiro do modo que V. Mercê vê, e não sey se cuidam que em lugar de o obrigar, dá novas que sometãõ, porque he judeo, e de nenhum nos devemos fiar, que todos são huns.

Com as cartas que receby de S. Magestade fuy fallar ao Principe de Orange e mostrar-lhe huma em que S. Magestade me manda continuar aqui nos negocios, pera dezengano-lo de que não vinha outro embaixador como os da Companhia publicavãõ, e lhe fallei claramente que se o desejavãõ para tratar sobre composiçãõ nos particulares do Brazil, que eu tinha as ordens de S. Magestade tão amplas como qualquer podia trazer, alem de que não hera necessario vir embaixador novo para hum caso sobre o qual

estava aquy embaixador tratando, e que se os da Companhia querião composição, como eu a desejava pella conveniencia das duas nações e bem commum, que fizessem abertura e tratariamos da forma della. Respondeo-me que se se puzessem as cousas do Brazil no estado em que estavam, que seria atalhar grandes duvidas. Dei-lhe rezões por onde entendia que os levantados o não farião, pello que se devia antes tratar de algum ajostamento util a ambas as partes. Preguntou-me que meyo achava; disse-lhe que dous se me representavão, a saber: perdão geral áquella gente sem reserva de pessoas, perdoarem-se-lhes todas as dividas que devam á Companhia ou particulares, deixa-los viver livremente em suas povoaçoens e fazendas sem entender com elles, deixar-lhes o exercicio da consciencia livre, e somente terem os da Companhia as forças do mar onde recolherião o que se lhes devesse dos direitos ou dizimas, conforme o pezo ou contraste que fizessem e donde comerciarião com os ditos moradores, vendendo-lhes as fazendas que elles ouvessem mister, mas que achava ainda nisto huma grande duvida e era que entendia que com todas estas circumstancias, nem assy se avia de fiar huns dos outros e sempre avia risco de perigo pellas desconfianças: o segundo meyo me parecia mais ajostado e era o que lhe queria dizer para o intento, que vendendo os da Companhia aquellas capitãias a S. Magestade, se podia fazer hum negocio de muita utilidade para ambas as partes, como mais seguro e mais proveitoso á Companhia, e que este achava que convinha melhor. Respondeo-me que erão tantos os interessados que temia não quizessem lançar mão d'elle; offereci-lhe as rezoens da conveniencia e mostrou que lhe não desagradavão, mas não me segourou cousa alguma; o mesmo reprezentei ao Presidente da semana, que disse o communicaria aos Estados: escrevy continuando com os demais para ver se querem chegar a abertura, e Monsieur Brasset por sua parte não cesa com as mesmas diligencias, levando o povo á medeação por via de França; mas o certo he que não deffirirão athé não verem o que S. Magestade responde á repostas que elles derão em dezembro passado, que mandei ao Conde Almirante e leva Dom João de Menezes.

Aquy tenho dito por vezes aos Estados que se deve mandar embaixador a S. Magestade, e pello que convem, alem de commum, pelo particular dos embaixadores que aquy rezidem, não era menos necessario. No principio destas revoltas se tratou muito de que fosse embaixador, mas como crecêrão, cessarão do intento; não me descuido eu de o solicitar quando posso, e não de agora, mas desde que vim a este pais; e assy o disse ao Principe de Orange, mostrando-lhe que por boa rezão o devião executar para ter lá homem de credito com quem se tratasse por parte de S. Magestade, o qual dizese aos Estados a verdade do que no reyno passava, e ficaria o informador della sem escrupulo, e sem estarem sujeitos a ouvir tantas falcidades quantas aqui cada dia inventam contra nós. Disse-me que era deste voto, mas não acabão, e tenha Vossa Mercê entendido que se não falta por nossa parte de procurar o que está bem ao negocio e serviço de S. Magestade: o que Vossa Mercê dis que será bom que se inculque por parte de França,

este meyo de mandarem embaixador, me parece muito bom, porque nunca nos está mal chegar a effeito.

A vinda de Monsieur de Estrada festejo, e he elle tão agente e amigo que creio nos ajudará sem que lho encomendem. Verei como se despoem o negocio para conforme a isso procurarmos carta de seu Rey para elle, posto que Monsieur Brasset he tão pontual que a nada falta e não quizera que se enfadára; o tempo mostrará o melhor para seguir e procurar.

Não sei em que hajão peccado os suecos, porque Luiz Pereira me avizou que tem feito sua obrigação e mandou a copia da proposição, salvo se me avizam differente que a Vossa Mercê, ou se Francisco de Andrada he o que se teme com suas desconfianças, e emquanto não sey a particularidade, não sei a que devo responder.

Os Estados ainda não responderão ás proposissoens que em Castella se fizerão com os seus plenipotenciarios, porque cada provincia quer deliberar por sy, com que me parece que primeiro que tornem á junta dos Estados, correrá tempo para as armadas se ordenarem para a campanha que vem. Não ha outra cousa.

Biblioteca de Evora, códice CVI 2-7, fl. 636.

Sousa Coutinho a Moniz de Carvalho

1646 — Março, 5

Até agora não tem obrado cousa alguma as diligencias que se fazem sobre restringir as ordens que derão os Estados aos navios que mandarão ao Brazil, porque respondem que não mandão fazer prezas nos navios do Reyno, mas somente contra os levantados e quem lhes der favor, e com isto se descargão: mas não se me tira do sentido que sem embargo de que as levem ou não levem, hão de fazer o que costumão e no resguardo e prevenção com que os nossos navegarem, hão de evitar o dano, ou cahir no perigo. As couzas de Pernambuco estão em ser que dão motivo e animo aos da Companhia para continuar com os aprestos e socorro, e dizem publicamente que lhes basta ser senhores do Recife para dally continuar a guerra e fazer-se senhores outra vez do que perdêrão; e pelos avizos que tem com a ultima nao que se lhes perdeo, ainda estão senhores daquella praça, de Itamaracá e Parahiba, que são as principais, posto que a terra está pelos levantados, que melhor fora estar tudo. Sem embargo disto não desconfio ainda de podermos chegar á composição, tanto pelas instancias com que aquy solecitamos este negocio e pela conviniencia que se segue, que he o que lhe representamos, como porque ainda pode vir nova de que os levantados estão senhores de tudo, porque Deus lhes poz o tempo na mão em não ter hido até gora socorro de concideração com o impedimento dos gellos, mas contudo não seguro nem affirmo que possa ser absolutamente o que digo, porque estes negocios não tem ponto fixo, nem esta gente quer ainda mos-

trar que se leva de boa razão, mas he necessario que os vamos moleficando pouco a pouco por suas vias ordinarias, e entretanto convem que cuidemos sempre o peor e prevenir para o que succeder, que he o mais acertado, até que com o tempo alcancemos nossa pretensão e elles o dezengano.

Muito festejo a vinda do Reverendo Padre Antonio Vieira, porque me será de grande alivio sua companhia, e para dizer tudo, já o cá tomára, para acabar de me alegrar.

No particular dos negocios que Vossa Mercê com elle comonicou para dar comprimento ás ordens de S. Magestade, estimarey que em tudo achem tais acertos que venhamos a conseguir para elles o que desejamos, pellos grandes receos que me ficárão de que se cuide que não observo pontualmente as instruções de S. Magestade. Não me atrevo a dizer outra couza senão que siga Vossa Mercê o que S. Magestade lhe ordenar neste cazo, mas se eu tivera votto nelle, dissera que convinha ao serviço de S. Magestade e tambem dos negocios que tratamos não alterar o caminho que levão, nem mostrar que estamos tão medrozos que nos sujeitamos á valia de França para nossa segurança: porque da rotura da guerra estamos seguros, conforme tenho avizado a S. Magestade, e das hostilidades ou roubos do mar tambem o estaremos, se nos prevenirmos, porque os da Companhia não hão de cessar de roubar se poderem, ainda que França o pessa e os Estados lhe mandem, salvo se virem que he com dano seu, e o que peor he, que o hão de fazer como protesto de que socorrem aos levantados. E da mesma maneira fora de parecer que visto o que já se respondeo pelos ministros dessa coroa sobre mandar-se embaixador, que se não tratasse deste ponto, se he que não esta já em pratica, porque Monsieur Brasset he amigo e faz não só o que se lhe ordena por seus maiores, mas o que lhe disemos e advertimos, e he tão pontual que não começa cousa alguma sem primeiro se vir aconselhar comigo e dizer seu parecer; e como este ministro he corrente e sabe os meyoys por onde se hão de encaminhar as cousas, ninguem pode melhor solecita-las, e seria arriscado, vindo outro a tratar o mesmo negocio, não conseguir effeito e perdermos hum bom amigo que o sabe encaminhar bem. O Padre Antonio Vieira he sojeito de tantas partes, que por onde passar e onde chegar, saberá obrigar a todos para que não só o respeitem, mas que tenham por interesse sua boa companhia e converção. Vossa Mercê o advirta que venha disfarçado, e que se não saiba que he padre da Companhia, porque bastará isso, pelo odio que estes lhes tem, para nos fazerem muito dano.

Movo-me a este parecer que aponto, pelo genero do negocio que tratamos, pela circumstancia delle e pelas noticias em que Monsieur Brasset está informado já de lonje, havendo continuado sobre a composiçãõ e medeaçãõ com tanto calor que mais não pode ser, e como se espera aqui por Monsieur de la Tulleria, que tambem he ministro pratico e de authoridade, que não convem, alem da melhoria que podemos conseguir pelos termos ordinarios, sem alterar, porque será muito danoso ao intento que levamos; porem advirto que isto que digo não he aconselhar, nem dizer a Vossa Mercê

que deixe de executar as ordens de S. Magestade; sómente digo o que me parece e entendo para melhor expedição de nossa pertença do que julgára açertado se tivera voto na materia como ditto tenho, debaixo disto seguirá Vossa Mercê o que achar mais conveniente ao serviço de S. Magestade e bem do negocio.

Muito festejo que o Conde Almirante esteja já em porto donde possa embarcar-se sem mais caminhadas, mas conforme ao que Vossa Mercê me aviza, temo que seja mayor a sua dilação da que elle dezeja, porque se ha de esperar pelos quatro navios que daqy hão de hir, não sei se terá a Pascoa em sua caza; a Monsieur Brasset perguntei com todas as cautelas de segredo por estes navios, disse-me que não sabia em que tempo hirião, porque não corria este negocio por elle, e conforme tenho entendido, não devem estar ainda aparelhados.

Monsieur de Estrada chegou na noite do correo passado, e porque na mesma noite chegarão tambem dous dos plenipotenciarios dos Estados que estavam em Munster, ouve grande reboliço no povo, que, como costuma, começou a publicar que estava feita paz entre França e Castella sem o darem a saber aos aliados, e que as condições erão: cazar o rei de França com a Infanta de Castella, levando em dote as 17 Provincias, e que em troco deixaria as guerras de Italia, largaria mão de Catalunha e não ajudaria Portugal: socedeo que no mesmo dia chegarão correos de Flandes e novas de Bruselas e Anvers por pessoas particulares que de lá vierão, e disserão que se falava neste cazo muito, e que estava a paz feita; e entrou isto tanto na gente popular, e ainda nos do governo e mayores do Estado, que se persuadem a que assy seja.

Dissérão logo que Monsieur de Estrada viera a tratar disto por ordem de seu Rey, para que os Estados o admittissem e ouvessem por bem, com outras chimeras; como até gora foy contra nós, andava o povo cruel, e não pode ser mais que chegarem a esquecer-se de nós e dizer mal dos francezes: nesta acção acabay de co, digo, e dizerem mal dos francezes, e que ou por bem ou por mal convinha ser amigos dos portuguezes: nesta occazião acabay de conhecer quem estes são e a que se levão de seu capricho, e o que mais he, que muitos dos melhores e o mesmo Príncipe de Orange estão tão entrados nisso que ainda não se dão por satisfeitos, mas as diligencias de Monsieur Brasset e d'Estrada tem acodido a tudo e feito entender que hé muy diferente a vinda de huns e outros, e que tudo procedo das novas falças que de Flandes vierão espalhadas de descompôr os amigos, que he o que os austriacos uzão quando não veem outro caminho, com que abrandou mais a tempestade, mas não de todo.

O caso foy que em Munster disserão os mediadores aos de França que os castelhanos dizião que não só querião tratar da paz geral, mas que tinham ordem de seu Rey para declarar que elle se queria pôr nas mãos de sua Irmã a Rainha regente de França e do seu conçelho, porque fiava della que compria tudo com augmento dos Estados de El Rey seu filho, e que não seria em detrimento da Caza em que naçera; respondêrão os francezes que

não tratarião cousa alguma sem serem admetidos os seus aliados, e os mediadores fizerão o reporte, a que os castelhanos disserão que herão contentes disso. Dizem agora os de França que derão logo conta aos de Olanda e mais aliados, mas será o que fôr. Monsieur Servient mandou o seu secretario a essa corte e dous dos Plenipotenciarios destes Estados vierão dar conta, posto que dizem que de outra couza, e o Principe não está muito contente: cada qual trata de seu negocio, he necessario sermos hum Argos em toda a parte: Vossa Mercê não publique isto, mas sirva o avizo para seu governo.

Monsieur de Estrada se partio ontem para Zellanda ja de caminho, e com ordem de que ahy nessa corte se tome asiento com o embaixador dos Estados sobre o ao que elle ca veyo; isto parece cousa nova: do que Vossa Mercê alcançar me avize, se fôr mais de sair armada a campanha.

Biblioteca de Evora, códice CIV 2-7, fl. 63o.

Sousa Coutinho ao Conde da Vidigueira

1646 — Março, 12

Recebi a carta de V. Ex.^{cia} de 24 do passado, que festejei como costume a todas as de V. Ex.^{cia}, e acressentou-sse a esta tê-lla já por fruita nova, se bem senti muito não ver a V. Ex.^{cia} já em sua casa, e que della me mandára novas suas, acompanhadas de muitas ocaziões de servir a V. Ex.^{cia} para que com isso fosse o meu gosto mayor: e pela merce que V. Ex.^{cia} desde lá me deseja fazer, inda desejo mais que se apreze a viagem, mas receyo que não aproveitem as diligencias de V. Ex.^{cia} se forem feitas com afeição, que importa desenganadamente dizer a S. Magestade meu pouco prestimo. Cuidei que o negocio da India o tivesse bem manifestado, que como havia tragado já os castigos, não me fica agora por premio o que o ouvera sido antes, se S. Magestade me ouvera feito a mercê que me fas nas cartas que nestes dias recebi suas, em que se mostra satisfeito de meus serviços e aprova o negocio da India; mas como aquelles senhores que o condenarão quizerão no principio que fosse roim, já que o não puderão fazer, querem que os meyos o ajão sido, por sua honra delles. Não digo a V. Ex.^{cia} quaes são os erros, mas hum he, e o mais principal. aver eu feito huma cousa que ao Embaixador Luiz Pereira de Castro se lhe condena o não o aver leito, e se lhe aprova o faze-la sempre que fosse necessario, e com isto está que se me nega a licença para me hir, e me manda S. Magestade continuar. He verdade que já em parte estou conhecido, pois me mandão para pedagogo o padre Antonio Vieira; pelo menos assim anda publico em Amsterdam e eu tinha prevenido, encomendando-lhe que procurasse não ser conhecido por Jesuita, e aqui não só se sabe, mas até o nome do [com]pánheiro que tras consigo, de que eu não sabia: se fora tam-

b[em] ouvido nesta corte, como na nossa, pudéramos esperar milagres, mas receyo que não faça nenhum. Pera mim he [hum] grande gosto. porque se ouver acertos, serão acertos atreb[ui]n[do]-sse a elle, e se houver erros, terei com quem me consolar. [Por] tudo he muito bom companheiro V. Ex.^{cia} nos faltou em Paris em muito roim tempo, [pois] anda por cá o mundo muito revolto. De Munster terá [já] sabido a proposição de Castella, e a que os Embaixadores de França [de]rão a todos os dos amigos, em que entrarão os nossos ta[m]bem, ou fosse só por esta ocazião, ou com a que dizem na terr[a] aqui dous dos Embaixadores dos Estados, e chegarão no em que Monsieur de Estrada: este dentro de quatro ou [cinco] dias voltou, sem falar mais que ao Principe de Orange os outros inda aqui estão; disse que França e Castella est[av]ão con[certadas] o cazamento feito. e as dezassete provincias o do Hollandezes andão tão furiosos que já lhes não lembra ou pelo menos não faltão nelle, e o que mais agrava o c que o Principe de Orange foi á Assembléa dos Esta[dos] propôs que tinha isto por avizo secreto e certo, e Monsieur perguntando-lhe eu por isto, me respondeo zomban[do] va, mas confessando a proposta do Principe. Bem tudo podem ser traças, Castella querer enganar a França França mostrar que o crê para enganar Hollanda: o tempo o d[esto]brirá; dê Deus a V. Ex.^{cia} no mar e na terra como eu lhe dese[jo].

Biblioteca de Evora, códice CVI 2-12, fl.

Sousa Coutinho a Moniz de Carvalho

16.16 — Abril, 16

Farei diligencia pelo papel que aqui se imprimio contra França, posto que he em framengo, e fa-lo-hei traduzir para vermos por curiosidade as que tem sobre os cazamentos de Castella, e achando-o, o remeterei a Vossa Mercê: outro papel sahio os dias passados, fingido de hum que se achou em Munster em certo mesão, e na meza vierão a discurso em que falavão hum hollandes, hum frances, hum ingles, e não sei se mais algum, e comer-são em forma de dialogo a descobrir couzas maravilhosas; e vem a dar tudo em que o hollandes encomenda muito aos seus que abrão os olhos, e considerem as couzas em que ponto estão, e de que dependem, e remata aconselhando que se querem ser respeitados e ter sempre França por amiga, que não abatão tanto ao castelhano, porque emquanto este fôr formidavel, França os averá mister, e nunca os largará, e nesta forma ha cada dia mil couzas destas.

O que disse o Conde de Briana a V. Mercê e o que Monsieur Brasset dissera aos da Companhia, alli passou, mas estes mercadores ouvem e não respondem, e cuidão que he materia da predistinação o negocio do Brazil.

e que ha de chegar ao que elles querem, sem procederem ás boas obras da composição e conveniencia: governão a negociação pelos termos que sentem a fé; Deus lhes dará o deengano, e praza a sua Divina Magestade que seja mais cedo do que queremos e esperamos.

Tive audiencia dos Estados 4.^a feira passada; propus-lhes em junta o mesmo que lhes dizia em particular: pedi-lhes que nomeassem commissarios para ouvir aos procuradores da Companhia e a mym sobre estes negocios, e tomarmos nelle algum meyo, porque para chegar a termos, e ainda ao que elles mesmos cuidão que se lhes deve, he necessario que haja principio e abertura na forma em que se ha de tratar delles; veremos agora o que diliberão. Disse-lhes tambem que tinha a ratificação por S. Magestade do Tratado da India, e pedi-me mandassem dar a sua para trocarmos, e que pozessem em mão de arbitrio a deçisam do negocio principal do territorio de Galle, conforme o acordo no mesmo tratado: e se por este caminho não comessamos a fazer abertura, Deus lhe ponha a virtude.

Monsieur de Thuilléria será hoje nesta corte porque he chegado a Amsterdam: com sua vinda acabaremos de ver a que montão estas medeações de França, e fico muito alegre de que lhe mandassem ordens para continuar logo nos negocios primeiro que va a França: emcaminhe Deus tudo a hum bom soccesso.

As cartas de Sua Magestade contem o mesmo que V. Mercê recebeo. Não fica agora para nos o dilatar-se este negocio, porque tem os Estados o que esperavão, que era esta reposta; hoje detremino da-lla ao prezidente da semana, e continuar em que ditlirão sobre o principal, de que ainda duvido, enquanto não vier nova de como estão as couzas de Pernambuco, e se vem aviso que está o Recife perdido, dê V. Mercê tudo por negoçado e com menos trabalho.

O Padre Antonio Vieira não he chegado ainda: o Conde estará enfadado em Nantes; folgára eu que tenha elle remettido as minhas cartas a S. Magestade, visto que tardou no partir, porque pedião brevidade; não serve de outro.

P. S. A inclusa me veo de Irlanda dos frades cruzios que por ordem de S. Magestade ali forão, e de que eu nenhuma noticia tinha, e conforme o que me escreveu, dis ahi ficou hum seu companheiro a quem debaixo da cuberta do Conde me parece que escreve; V. Mercê devia abrir a carta; hum masso me mandarão para o procurador geral que ja encaminhei. Dei a carta de S. Magestade ao prezidente: hei medo que com quantos mais sumessões nos virem, mais se ensoberbeção.

Biblioteca de Evora, códice CVI 2-7, fl. 411.

El Rei a Sousa Coutinho

1646 — Setembro, 13

Com a vinda do Padre Antonio Vieira, e com o que me disse por escrito e de palavra muito largamente, entendi o estado dos negocios que ahi tratais, e não era necessario o que me referio para conhecer qual hé o cuidado e suficiencia com que lhe procurais o bom successo.

Tenho resolutu ajuda-lo com tudo o que me advirtio, que hé em sustancia remeter-vos demais das facultades em dinheiro para a compra de Pernambuco, huma cantidade consideravel, para se poderem ahi comprar alguns dos Estados, mandar faser diligencias em França para que entre na mediação com todo calor, e mandá-las tambem fazer na Junta de Munster com os ministros holandeses que ali assistem. Praserá a Deos que com isto tomem melhor caminho negocios tão importantes como estes são. Pello Conselho da Fazenda vos tenho mandado remeter com toda a brevidade o dinheiro da condenação de Guaspar Dias Ferreira, que lhe fareis entregar com tal cautella que em nenhum caso se possa entender que o recebe de mim, pellas roens consequencias que disso pode tirar gente tão suspeitosa como essa; e por esta mesma resão não respondo a algumas cartas suas, mas com summo segredo o podeis sertificar da minha parte que faço toda a estimacão de sua fineza, e que espero fazer-lhe por ella toda a honrra e merçe que o tempo lhe mostrará; assistir-lhe-heis em tudo o que lhe puderdes ser bom com grande cuydado, porque o mereçe seu animo, mas té isto fareis com cautella; se esta e as mais que ficão referidas bastarem para os olandeses conhecerem a pureza e verdade de meu animo.

A Pernambuco era chegado a môr parte do socorro que dahi partio, mas a tempo que já os portugueses levantados havião tomado as fortalezas da eminencia da Ilha de Itamaracá; por minha parte se tem feito as diligencias de que se vos tem avisado para fazer cesar aquela guerra e para dar aos ministros da Companhia aly e nesse lugar toda a justificação. Continuai os negocios da maneira que os hides proseguindo, que se este socorro dos holandeses se baldar (como aqui se cuida), poderá ser que se vos darão melhores respostas.

Biblioteca de Evora, códice CVI 2-3, fl. 19 (cópia).

APENDICE

**Fragmento de huma carta de Francisco de Sousa Coutinho
sobre a sua jornada de Hollanda (1)**

... do mundo, que he descredito de Portugal, porque havendo-se entendido, como era rasão que se entendesse, que forão escolhidos ao taboleiro, como todos os outros que se acharão naquelle Congresso (2), nós viemos a mostrar nelle, que ou não tinhamos homens, ou não tinhamos eleição, e tanto basta, porque o mais não toca a este papel, em que se fallei em materia que pode parecer diversa delle, o fiz pela parte que tive nas juntas em que Francisco de Andrade quiz que eu tivesse voto, com que perverti os tempos, e assim será necessario tornar hum pouco atraz.

De Amsterdam me passei a hum lugar a tres legoas da Haya, havendo mandado a ella em companhia de Francisco de Andrade meu secretario, para notificar aos Estados a minha chegada. No lugar que digo, aguardei quatro ou cinco dias em quanto se preparou o que convinha para a minha entrada: na vespera della me mandarão os Estados o seu Mestre de Cere-monias, bem que lhe não dem elles este nome, porque nem tal officio tem, como nem tambem o de Conductor de Embaixadores; dormio ali aquella noite, e por conta dos Estados fez o gasto della, e do jantar do dia seguinte. Depois delle nos embarcámos em tres ou quatro barcos, e fomos dali a hum lugar que chamão Ruzuic (3), meia legoa de Haya, lugar determinado para a recepção de todos os Embaixadores; ali achei dois dos Estados que me vierão receber á borda d'agoa, e da parte delles me derão as boas vindas. Entrámos em huma carroça do Principe de Orange, como he o costume, e a minha familia e os mais que acompanhavão entrarão em outras, ao numero de trinta ou quarenta. Chegámos á Villa, e pelas ruas principaes della me levárão a humas cazas destinadas para o agazalho de tres

(1) Tal é o titulo d'este papel incompleto na única cópia que conheço. É dirigido ao Rei e que foi escrito muito depois da entrada de Sousa Coutinho na Haia, vê-se por algumas frases como esta: «Monsieur de la Tulliere, com quem depois tive amizade muito particular». Parece ser fragmento do trabalho *Memorias das embaixadas* de Sousa Coutinho, inédito mencionado na *Bibliotheca Lusitana*. É interessante confrontá-lo com a carta de 14 de Julho de 1643 que versa o mesmo assunto, mas que não é tão pormenorizada.

(2) De Munster.

(3) Ryswick.

dias dos Embaixadores. Nestas estava alojado Francisco de Andrade, por se lhe haverem queimado outras em que estava dantes, que os hollandezes temendo segundo incendio, não achou depois do primeiro quem lhe quisesse alugar casas. Nestas me deixárão os dois deputados até á hora da cea, em que me vierão ter companhia.

Estando para nos assentar á mesa, achárão de menos Francisco de Andrade, mandarão-lhe recado, não veio, desculpando-se com pouca saude, mas a causa de não vir foi parecêr-lhe que como Embaixador extraordinario me devia preceder, ainda na sua mesma casa, e sendo eu hospede e por me não deixar desairoso, me disse a mim mesmo que não viéra á mesa: respondi-lhe que fizera muito bem, porque hum de nós era força que ficasse, elle pelo mal que o entendia, e eu porque o não havia de consentir. Estava tão pouco pratico nos estilos, sendo já esta a segunda embaixada, e tendo tres annos de embaixador, que tinha para si, que não só nas funções do officio, mas ainda na sua caza, e na sua carroça, havia de ter por Extraordinario melhor lugar que o Embaixador ordinario. O costume que nisto ha para que V. Magestade fique inteirado delle, e se possa advertir nas *Instrucções*, para que outros não caião em semelhante parvoice, he que o ultimo que chega, ainda que seja ordinario, e o que assiste extraordinario, lhe ha-de preceder na sua caza, e na sua carroça, quero dizer ter o melhor lugar; nas funções publicas o terá o extraordinario na carroça, se fôr do Principe a que assiste, e diante delle, ser o primeiro que falle, coisa que a Francisco de Andrade lhe não entrou nunca, e assim escusei em quanto estivemos em Hollanda hir com elle á função publica.

Ha de mais, que chegado o Embaixador ordinario, se não ha ordem em contrario, assim os negocios que traz, como os que de novo se offerecem, ha-de tratar só por si, e o extraordinario aquelles a que foi. Tambem este ponto não quiz entender Francisco de Andrade, porque succedendo neste tempo tomarem Angola os hollandezes, e tocando-me a mim fazer a queixa, achou-lhe que a havíamos de fazer juntos, ou elle primeiro que eu. Vim facilmente neste segundo partido, como viera em todos os desta qualidade, porque não renovasse comigo, ou eu com elle, as pezadas desavenças que em Inglaterra havia tido com Dom Antão de Almada. Antes deste caso succedeo chegar-me carta de V. Magestade em que me fazia mercê de mandar avisar o nascimento do Senhor Infante Dom Affonso, hoje Principe de Portugal, que Deos guarde por largos e felices annos; o aviso veio a mim, fazer parte delle aos Estados me tocava tambem, quiz Francisco de Andrade que lhe tocasse a elle, vim nisso facilissimamente. He costume tambem dar parte aos Embaixadores dos Principes amigos, convinha da-la ao de França, mais meu amigo que seu, ainda que de poucos dias, mas nem isto me quiz fiar, tardou porem tanto, que sem eu lho dizer, fui ao Embaixador, e dizendo-lhe a mercê que Deos nos havia feito com novos fiadores á successão Real, me respondeo que muitos dias havia o tinha sabido, mas não por aquella via que devia ser, e em que fui obrigado a dizer-lhe que como estavamos dois Embaixadores, tendo-nos hum ao outro,

nos descuidavamos mais, e fazíamos menos que se fora hum só; o que se deve advertir aos Embaixadores para se não descuidarem em materias semelhantes, porque nestas de cortezia e cumprimentos são mais melindrosos os francezes, e todos os naturaes, que o que o he mais entre nós, como logo mostrarei em outro caso.

No quinto dia tive audiencia dos Estados; a forma em que se dá a primeira aos Embaixadores ordinarios, he a com que se dão todas aos extraordinarios, que vem a ser, hirem-no buscar dois Deputados, com acompanhamento de carroças, ou de cortejo, fallando ao modo de Italia. Nas outras audiencias vai o Embaixador ordinario acompanhado só dos seus, e nas suas carroças, e a ellas o vem buscar dois Deputados, e o tornão a levar, e se não recolhem até não ser partida a carroça do Embaixador. A forma com que estão os Estados he huma sala grande, huma mesa muito comprida, redonda nas cabeceiras; ao redor della estão assentados os Estados em tamborettes, e o Presidente no meio em huma cadeira de espaldar; defronte delle tem outra cadeira semelhante o Embaixador; levantão-se todos quando entra, mas não se tira nenhum do seu lugar. Nesta forma fui recebido, e sentado fiz huma oração larga em portuguez, que levava tambem traduzida em flamengo, que os Estados quizerão ouvir ler pelo meu intérprete, e bem que entenderão que a traducção não era muito conforme, houve depois alguns que ma pedirão na mesma lingua portugueza.

Costumão os Estados, em quanto o Embaixador falla, apontar cada hum delles por escrito aquillo que lhe parece digno de se notar, e conferem depois entre si o apontado por todos. Antes de eu hir a Hollanda sabia já este estilo, e não fiquei pouco lisonjeado vendo nas audiencias em que fallava, que erão muitos os que escrevião e apontavão.

Não lhe succedeo assim a Francisco de Andrade, que ignorante do estilo, e muito pago da sua oratoria, em vez de agradecer notarem o que dizia, deo huma grande palmada na mesa, e disse que quando fallava hum Embaixador d'El Rei de Portugal havião de estar todos muito attentos, e não divertidos com as penninhas nas mãos. Caso quasi semelhante, ainda que em diversa materia, me succedeo a mim em outra audiencia, em que já me aproveitava da lingua franceza. Fallo eu, e hum dos Estados, de poucas barbas, estava brincando com hum martelinho; parei huma vez olhando para elle, parecendo-me que bastaria para correção, não bastou com tudo; foi continuando até que eu lhe disse, que quando fallava hum Embaixador não se brincava, que aquillo era cousa para sua casa: e assim como se não approvou o reparo de Francisco de Andrade, se fez tanto caso do meu, que foi o tal Estado muito bem reprehendido.

Satisfeitas as primeiras funções na Haya, parti para Philippine, aonde estava então o Principe de Orange á vista do Sax de Gomte, praça que ganhou no anno seguinte. Fui por agoa, e quasi huma legua do campo avisei ao Principe da minha chegada ali; mandou-me logo visitar, e por ser tarde fiquei ali até o dia seguinte, em que o Principe me mandou buscar nas suas carroças, e a cousa de hum quarto de legoa me veio receber o

Principe, seu filho, que me levou a huma caza que havia aparelhado na forma que permittia a campanha. Erão as dez da manhã quando cheguei: o Principe me veio logo fazer visita, e eu lha tornei no mesmo ponto, e recolhido me visitou o Embaixador de França: sahido elle tornou o Principe, a buscar-me para o jantar, que acabado me recolhi, e a pouco espaço tornei ao Principe para lhe entregar a carta de V. Magestade e dar-lhe conta dos motivos da minha embaixada. Nestas visitas e no jantar se passou tanto tempo, que erão as cinco da tarde quando sahi da ultima, e apenas estava em caza quando o Principe moço me mandou cavallos, e me veio buscar para hir ver o campo. Faltou-me tempo para tornar a visita ao Embaixador de França. e assim sobindo a cavallo me mandei desculpar com elle por hum gentil homem meu, de que parece que não ficou satisfeito, pelo que logo direi, sem embargo das occupações que tive naquelle dia e de me haver de voltar nelle mesmo.

Acabada a campanha se recolheo o Principe a Haya, onde no dia seguinte visitei logo ao Embaixador de França; tardou-me com a paga, que ao meu parecer me devia; com tudo como a experiencia que eu tinha naquelle tempo de pontos semelhantes era pouca, não fiz grande reflexão na tardança. Porem como o costume he que as primeiras visitas dos Embaixadores pagarem-se logo no segundo, ou terceiro dia, reparou primeiro na tardança que eu, o mesmo Secretario da embaixada de França, que era Monsieur Brasset, amigo que começava a ser nosso, e o foi muito mais depois; mandou-me advertir pelo meu Secretario que reparando em que o Embaixador tardava em pagar-me a visita, quisera saber delle a causa, que lhe respondera que ma não devia, que a que eu lhe fizera, fôra pagar-lhe a que elle me havia feito no campo, que quando lhe fizesse outra então ma pagaria: agradeçi a advertencia ao Secretario, porque a não ser ella, podéra, sem o eu entender, haver quebra com aquelle Embaixador que era Monsieur de la Tuilliere (1). com quem depois tive amizade muito particular. E isto he o em que asima digo que mostraria os pontos em que as nações do Norte são mais delicadas que as nossas; he bem verdade, que os dos Embaixadores não são communs a todos, e assim convem que até destes vão industriados, para que não faltem nelles, como eu houvera faltado, se não fora advertido.....

Biblioteca Nacional, códice 1688, fl. 25 (2).

(1) Gaspar de la Thuillerie.

(2) É o segundo de quatro tomos de *Obras Varias*, e contém muitas cartas escritas por Sousa Coutinho de Paris e Roma, onde depois serviu de embaixador. A letra é dos principios do seculo XIX, provindo os volumes da livreria de José da Silva Costa.

**André Salema, Vedor da fazenda da Índia, a El Rei
sobre as desavenças com os holandeses**

1643 — Maio, 8

Depois da partida da naveta, de que foi capitão Luis de Castelbranco, que o fez desta barra em 7 de maio, chegou a ella nos primeiros de abril Pedro Buriel, Embaixador enviado por Antonio Vandinma (*sic*) Governador de Jacatará com a ratificação das tregoa dos Estados de Hollanda, e por ordem do Conde Viso Rey o fui buscar á não donde vinha em 5 do referido mez, e nesta cidade o apozentámos nas milhores casas que se acháráo 18 dias que se nella deteve, com a mayor grandeza e demonstração de amisade que se fez nunca a nenhum outro Embaixador.

Em desembarcando se vio logo com o Conde V. Rey, que á sua instancia no dia seguinte nomeou commissarios para comunicarem com elle as duvidas que representava de não aver publicado a tregoa em Ceilão, que forão o Inquisidor Antonio de Faria Machado, e o Secretario de Estado e a mym, e conferindo por vezes com elle, assi por escrito como de palavra, não ouve convence-lo da opinião que trazia de Galle ser Reyno por si, e como a tal lhe pertencerem as milhores terras de Ceilão, e onde se faz toda ou a mayor parte de canella que aquella Ilha produze, que por a sua Companhia nos aver tomado aquella fortaleza, lhe pertencião e lhas deviamos largar conforme o Tratado da tregoa: e com a tudo o que propunha se lhe mostrar com evidencia não ser como dizia, não ouve chega-lo á razão, por muito que vinha penhorado, para se entender aver o governador de Jacatará escrito a Hollanda que com Galle estava senhor de Ceilão, e assim rezolveo a se embarcar e não publicar aqui a tregoa, e por que o mais que pudera apontar em razão disto conste dos papeis que o Conde manda neste pataxe, delles será prezente a V. Magestade o mais que se obrou no negocio, para V. Magestade o mandar rezolver como fôr mais seu Real serviço.

Em 27 do referido mez de abril se fez o ditto Embaixador á vella desta barra com 8 naos e 4 pataxes, e como não publicou aqui nem em Ceilão a tregoa, avendo-sse feito em Jacatará e Malaca, não só se entende que passará á aquella Ilha e costa de Choromandel a continuar nas hostilidades passadas, mas que o mesmo farão em todas as mais partes da Índia, e que em setembro virião a esta barra de Gôa a esperar as embarcações do Reyno, Mossambique e mais partes, a impedir a partida para o mesmo Reyno a nao e galeão da companhia do Conde Rey, o que será em notavel dano da fazenda de V. Magestade

Pera o que se deve considerar que estão nesta cidade, conforme tenho alcançado, melhoria de oito mil quintais de pimenta, e se esta nassão continuar no serco desta barra, não deve dizistir della até vir repostada da resolução que V. Magestade fôr servido tomar com os Estados de Hollanda, e como he força que tarde tres annos, ou quando menos dous, como a mais

desta droga ha outros tantos que está recolhida em loges, por a terra ser humida e os invernos da India grandes, o mesmo tempo consumirá a mayor parte della.

O mesmo será do salitre, porque ainda que aja embarrilado na casa da polvora, alem do que vai neste pataxe, perto de tres mil quintais, como não possa hir para o Reyno durante o impedimento da barra, e se aja em todo este tempo fazer polvora, e o Estado não tenha rendimento, nem cabedal, com que compre outro, e seja força, alem da que se ha de gastar nas armadas, prover-se Ceilão e as mais fortalezas da India, pois ficando com esta nassão no estado em que de antes estavamos, não ha duvida que no fazimento della se ha despende todo, ou a mayor parte do ditto salitre; ao que se ajunta que nas obras da nao Atalaya e galeão Santo Antonio se tem despendido oitenta mil xerafins, e ficando outros tres annos, não só ficará baldada esta despeza, mas impossibilitadas estas embarcações para fazerem viagem, por terem as ossadas muy fracas para receberem pregadura de novos costados, e outros forros, que he força se lhe faça quando estejam capazes de os receberem, que será o mesmo que faze-las segunda vez de novo.

Pareceo-me tão por menor apontar estes particulares, para que sendo presentes a V. Magestade mandar nelles prover como fôr mais seu Real serviço, e se ter noticia nesse Reyno da grande perda que a fazenda de V. Magestade recebe em a tregoa com os hollandezes não ter effeito na India: não trato da que he força recebão os vasallos de V. Magestade, assim nos grandes empregos que estão feitos para esse Reyno, como no rendimento das Alfandegas deste Estado, e como dependião do comercio do mar que se hia abrindo com a nova destas pazes, parou de todo ponto, e assim ficamos nos mesmos apertos em que de antes estavamos, que por serem tão notorios os não refiro.

E no que toca aos particulares das razões que dão os hollandezes para não publicarem nesta cidade a tregoa, ainda que o Conde V. Rey deve escrever a V. Magestade o que se lhe offerece neste negocio, me pareceo dizer com a experiencia que tenho de 43 annos da India, que Galle nunca foi Reino como dizem, nem do citio em que está a fortaleza se fez caso, senão Dom Jeronimo de Azevedo, sendo general daquella Ilha, para recolhimento dos soldados que adoecião no arrayal que andava daquella banda, mandou fazer no anno de 96 ou 97 huma tranqueira, que pelo tempo adiante fora chamando fortaleza, com algumas taipas e paredes de pouca consideração que se lhe forão acrescentando, sem que por isso se lhe agregasse nenhum dominio, nem jurisdicção, mais que o que fica tendo das mesmas paredes adentro, por aquelle distrito ser sogeto ao Dissava de Mature, de maneira que nem nós perdemos com Galle mais jurisdicção nem dominio do com que o possuímos, nem os mesmos hollandezes nos tomárão mais do que nelle tinhamos, o que avia da serca a dentro, sem que a jurisdicção se estendesse a nenhuma cousa de fora, por ser da Dissava referida.

Como as terras que os hollandezes pedem, sem mais fundamento que

dizerem pertencer-lhe por Galle aver sido Reyno, e elles estarem senhores daquella fortaleza, seja a sustancia daquella Ilha, e onde se faz quazi toda a canella, não parece que convem, por nos não ficar em Ceilão outra couza de que lançar mão, largar-se nenhuma parte dellas, e quando por algumas conveniencias se lhe aja dar nisto alguma cousa, seja em canella nesta cidade, antes que em Ceilão, por se atalharem alguns inconvenientes que se representam de a tomarem naquella Ilha: e parecia-me que mil quintais cada anno, que valem em Flandes melhoria de 1000 cruzados, era contia mui equivalente ás despezas que dizem terem feito com El Rey de Candia, o que se lhes poderá continuar por alguns annos, ou enquanto a tregoa durar, até nas pazes se tomar assento do modo que se ha de ter com esta gente.

E se quizerem largar Galle, he commua opinião dos homens que nisto podem dar parecer, se deve admitir todo o concerto, ainda que por alguns annos se lhe desse nesta cidade mayor contia de canella que a referida, pelo muito que importa ao serviço de V. Magestade lançar esta nassão daquella Ilha.

E posto que parece, que pelo que esta droga pode valer em Europa sejam as somas grandes, se deve advirtir que mil quintais postos em Goa custão á fazenda Real 300 xerafins, porque com a crecença que ha do pezo de Ceilão ao de aqui se paga o frete, e sem os sobre saltos que causa a estada desta gente em Galle, não ha duvida se poderão fazer cada anno, alem da cantidade ordinaria que custuma vir, a que se lhes ouver da dar, ainda que sejam dous mil quintais: e correndo este negocio por quem o saiba dispor, se fará a contia referida sem que a fazenda Real entre com novo cabedal, de maneira que com 600 se poderá fazer a despeza do custo dos 200 quintais, que em Flandes devem importar melhoria de duzentos mil cruzados: com o que parece se ficará dando bastante satisfação aos proveitos que esta nassão pretende ter naquella Ilha, mórmente não lhe sendo possível fazerem por sua via esta canella sem as grandissimas despezas que he força fação, não só no fazimento della, mas com o sustento da gente que hão de ter em Galle, e com a que devem trazer em campo contra os nossos arrayaes em modo que se lhes oponhão, por que senão sendo assim, não poderão nunca fazer nada.

Biblioteca Nacional, códice 2666, fl. 253 (cópia).

**Sousa Coutinho, Andrade Leitão e Rodrigo Botelho ao Conde da Vidigueira
com o acordo da conferencia destes embaixadores
sobre os negocios de Munster**

1643 — Julho, 6

Achando-nos nesta Cidade de Amstardam pera dar á execução as ordens de S. Magestade, que Deus guarde, no tocante a ser admittido na Dieta de Munster, como os mais Principes, na paz universel que nella se trata, nos

sobrevierão algumas duvidas que fõi necessario communicarmos todos, e assi nos pareceo conveniente fazer huma Junta, em que assistio como secretario o doutor João de Guimarães, Rezidente eleito de Suecia, pera tomar-se por escripto o que conferissemos nella por mais conveniente ao serviço de S. Magestade; e porque do que se confirio tivesse V. Ex.^{cia} toda a claresa, nos pareceu inviar a V. Ex.^{cia} copia da dita conferencia que com esta vae, pedindo a V. Ex.^{cia} que com o singular zello e valor com que costuma effectuar os mayores acertos no serviço de S. Magestade, procurando sempre adiantar os particulares de seus Reynos, neste que tanto lhe importa assim pera a paz e bem publico, como pera a estimação de seu credito, seja V. Ex.^{cia} servido com toda a brevidade avisar-nos do que nessa Corte de França se ha obrado acerca de ser admitto Plenipotenciario por parte de S. Magestade, relatando-nos por menor todas as circumstancias, que houver tocantes a este particular, e do que ha resultado da embaixada do Doutor Luiz Pereira de Castro, que figuramos parado em a Arrochela té esperar nova ordem de Portugal, pella alteração que padeseo sua embaixada com a morte do Christianissimo Rey de França, que Deus tem; e como da resolução que sobre este negocio da Dieta se tomar nessa corte pendê seu bom successo, assim no Reyno de Suecia, como com estes Estados de Hollanda, he forsa que não lhe demos principio sem primeiro nos certificarmos do que sobre elle se ha assentado nessa Corte, de que depende todo seu bom successo, assim pello estado das armas em que de presente se acha, como pello affecto com que sempre ha dado calor a nossos particulares, dando tambem principio ao de que tratamos, como V. Ex.^{cia} bem tem alcançado, e hoje lhe promettemos mais felice successo com a assistencia de V. Ex.^{cia}. O Senhor Embaixador Rodrigo Botelho trata de effectuar sua jornada a Suecia, pera o que havemos de pedir aos Estados huma nao de guerra que o ponha no porto de Vtamburg, pera dahi por terra fazer sua jornada a Estacolmo, Corte de Suecia, e ainda que nisso nos demos á mayor pressa, será possivel que antes chegue recado de V. Ex.^{cia}, que será de muita utilidade pera o effecto de sua embaixada, pois he certo que da resolução de França pendem as dos mais Principes nossos aliados. Sirva-se V. Ex.^{cia} com a mayor brevidade avisar-nos do que se ha assentado nessa Corte nos dous pontos principais de que trata nossa conferencia, e ficamos resolutos a tratar do primeiro, que he admitir-se Plenipotenciario por parte de S. Magestade com todas as forsas, até esgotar os meynos mais efficases, e sobre o segundo ponto que he de em defecto do primeiro acompanharmos os Plenipotenciarios dos ditos Principes, escrevemos a S. Magestade dando-lhe as razões que o encontrão, e com sua repostas, que sempre virá a tempo, pella dilação que o caso promete, faremos o que mais conveniente fôr a seu serviço.

Escrevemos ao Senhor Embaixador Luiz Pereira de Castro, pera que sendo presente nessa Corte confira com V. Ex.^{cia} esta materia, e estando em a Arrochella, nos fará V. Ex.^{cia} merce inviar-lhe a carta, pera que dahi nos avise do estado em que se acha. Amanhã parte o Senhor Embaixador

Francisco de Sousa Coutinho pera Aghas (?) e em sua companhia vae o Senhor Embaixador Francisco de Andrada Leitão, e de lá avisarão a V. Ex.^{cia} do que succeder.

ACORDO

Chegando a esta Cidade de Amstardam os Senhores embaixadores Francisco de Sousa Coutinho e Rodrigo Botelho, os veyo ver a ella o Senhor embaixador Francisco de Andrada Leitão, que pelo haver sido de Inglaterra e Olanda, se achava com todas as noticias necessarias pera se obrar no serviço de S. Magestade como mais convem: e porque o estado das cousas do norte teve algumas alterações mui consideraveis despois da sahida delles senhores embaixadores da Cidade de Lisboa, concordarão em dizer que entre elles todos se fizesse huma junta em que me achasse eu João de Guimarães, eleito Rezidente de Suecia, e que ora sirvo de Secretario da embaixada do dito Reyno, pera tomar o que se conferisse nella.

Ouvido o Senhor embaixador Francisco de Andrada Leitão, do conselho de Sua Magestade, seu Dezembargador do Paço e embaixador dos Estados de Olanda, que com o conhecimento e experiencia que tem do que de presente passa nos Reinos do Norte discorre o que nelles havia acerca das causas de Portugal, e considerada a substancia e fundamento de tudo o que refriro, se conferio por todos se devia logo escrever ao Senhor Conde da Vidigueira, embaixador de França, e ao Senhor Luis Pereira de Castro que S. Magestade enviou áquella Corte, que pera que se pudesse obrar em seu serviço com a noticia e certesa do estado presente das cousas, devião avisar do que tinhão as daquella Corte e a altura em que estava a jornada de Musten, (*sic*) aonde se ha de fazer a Dieta: e como admittida a proposta do Plenipotenciario de Portugal, com o mais que se contem na *Instrucção* que S. Magestade mandou dar sobre este particular ao dito embaixador, igual ás mais de Olanda e Suecia, avisando de tudo o que nesta materia passa, com a consideração da morte del Rey Christianissimo, que já poderia ser alterasse sua substancia e circumstancias, assim no tocante ao primeiro ponto da pretensão de ser admittido na Dieta Plenipotenciario do Reyno de Portugal, como no segundo de irem os Embaixadores em companhia daquelles que mandarem os Principes a que são enviados, caso que se não admitta Plenipotenciario, pera que sendo elles Senhores embaixadores inteirados do que de presente passa, poderem continuar em sua missão com a prevenção e cautella que he necessario, visto depender o acerto della prinsipalmente do que se conseguir no Reyno de França, encarecendo-se aos ditos Senhores Embaixadores quanto convem ao serviço de S. Magestade vir a reposta com toda a claresa e particularidade, dando a isto todo o calor e usando da mayor brevidade. E porque Rodrigo Botelho, embaixador de Suecia pedia aos ditos Embaixadores de S. Magestade que por quanto convinha passar áquelle Reyno, e lhe ser pera isso necessario não em que o podesse fazer, e que esta devia ser de guerra pera segurança de sua pessoa e companhia, a qual se costumava pedir aos Senhores Estados e Principe de Orange, se

assentou que assim se fizesse com toda a brevidade, e que no tempo em que se procurava esta não, haveria já com certeza as noticias convenientes de França e dos ditos Estados, pera com ellas poder fazer sua embaixada em execução do que S. Magestade havia mandado.

Apontou o Senhor Embaixador Francisco de Andrada Leitão, que bem vistas e consideradas as palavras de todas as ordens de S. Magestade dadas aos ditos Senhores embaixadores e a elle como tal, em primeiro logar se devia nas embaixadas tratar de ser admittido Plenipotenciario de S. Magestade, usando-se a este fim de todos os meynos possiveis, e do das promessas de dinheiro aos Plenipotenciarios, ou outras pessoas que o prometterem assim effectuar, pello muito que convinha á authoridade do Reyno e ao bem de se alcansar o ser incluído na paz universal, por ser o caminho mais certo de o conseguir, pera o que se devem muito dispor e prevenir os embaixadores enviados a este negocio; e que não querendo vir nisto os Senhores Reys de França, Suecia e Estados de Olanda, por nenhuma maneira podião os embaixadores tratar do segundo ponto de irem em companhia dos Plenipotenciarios dos ditos Reis ao lugar da Dieta como pessoas de sua companhia e séquito, porque considerando a materia com toda a attenção e cuidado devido ás desta qualidade, entendia ser esta ordem passada *com falta de tudo o que refirio, e daquellas noticias que são necessarias pera se tomar nella resolução*, como em cartas suas tinha insinuado a S. Magestade, pera entender os inconvenientes que podião resultar nesta materia.

Disse mais que no passaporte consedido aos Principes pelo Emperador e Rey de Castella, que tem em seu poder, se não conthem o que se refere nas ordens de S. Magestade dadas aos embaixadores, por coanto só diz que levarão os Plenipotenciarios consigo seus criados e familiares, palavras que se virificão nos comensaes de suas casas somente, e não nos embaixadores de S. Magestade, que posto que se fação pera este effeito pessoas particulares, não se podem dizer criados e familiares comensaes, nem os admittirão como taes; e que sendo presos ou detidos na passagem das terras do Imperio pellos ministros delle, he certo que serão sentenciados á morte com a consideração referida, e com outras que não são de menos substancia aos inimigos, como he dizer que os tratados preliminares forão feitos antes da felice aclamação de S. Magestade, e que se não podem estender a caso tam inexcogitado qual foi o de sua aclamação, de que o Emperador e Rey de Castella não cuidarão, nem era possivel cuidar; mayormente entendendo El Rey de Castella não ser obrigado a guardar passaportes áquelles que tem por rebeldes. Acrescentou mais que o pedir passaportes de novo ao Emperador e Rey de Castella pera esse effeito, de mais de ter por impossivel o alcanssa-los, entende será em grande desauthoridade do Reyno e diminuição della com os Principes aliados, vendo chegar a tal ponto a fraqueza de Portugal que se somette a enviar como criados e familiares dos embaixadores doutros Reys os que o são do mesmo Reyno, concorrendo em suas pessoas com a representação da Real de S. Magestade as qualidades e partes pera haverem de ser preferidos e igualados a todos os de

Europa, como sempre foi. E ainda para o intento de melhorar o partido e conseguir os bons effeitos que se esperão dos particulares de suas embaixadas, entende ser este o meyo de se perder a honra e autoridade, que he a com que se devem conservar os imperios dos Principes Soberanos, dando-se por obrigado ao diser assim com o amor e zello que tem do serviço de S. Magestade e desejos fervorosos de adiantar as cousas de seus Reynos; e que nesta conformidade se devia escrever ao dito Senhor, pera que sendo lhe presentes as razões apontadas, mande o que julgar ser mais conveniente a seu Real serviço: e visto e considerado pellos embaixadores Francisco de Sousa Coutinho e Rodrigo Botelho o que em seu parecer apontou o dito embaixador Francisco de Andrada Leitão, disserão que erão do mesmo parecer e assinarão as cartas que da substancia desta conferencia se tirarão, que tudo tomei por escrito; e eu João de Guimarães. Rezidente do Reyno de Suecia e secretario de sua embaixada por S. Magestade, tomei por este termo o que se acordou na dita conferencia pera constar a verdade, e pera da substancia della tirar as copias necessarias e as cartas que serão assinadas por elles senhores embaixadores, a quem li as ordens de S. Magestade no tocante a suas embaixadas que pera isso me derão, e as ouvirão todas em sua conferencia em casa do Embaixador Francisco de Sousa Coutinho, aonde os mais assistirão nesta conferencia, em Amstardam aos cinco dias do mez de julho de mil e seis centos quarenta e trez annos.

Biblioteca Nacional, códice 2665, fl. 232 e 233.

Andre Salema a El Rei sobre as desavenças com os hollandeses

1643 — Dezembro, 1

Vai neste macete a copia da que escrevi a S. Magestade pelo navio de avizo que partio desta cidade em 8 de mayo, e por hir tão fora de menção (1), me pareceo duplica-la nesta occasião.

Ficámos, Senhor, com a tregoa dos hollandezes como se atégora se não estendéra a estas partes. E como se achão nellas tão poderosos, com as muitas naos e gente que trazem nestes mares, de que absolutamente são senhores há muitos annos sem contradição de outras armas, e se não desvellem mais que no modo com que nos acabarão de botar do pouco que na India pessuhimos, consiliando tanto para isso os animos dos Reys della e em particular do Magor e Dialcão (2), que vesinhão com tudo quanto temos de Dio até Cananor, se V. Magestade nos particulares sobre que a duvida pende não fôr servido mandar brevemente tomar resolução com os Estados de Flandes, como o que temos seja em tudo tão limitado para contrastar o

(1) monção.

(2) Hidalcão.

poder desta gente, poder-se-ha com razão temer estale esta machina de pancada, ou se debilite e enfraqueça, de maneira que quando cá cheguem os socorros que nos V. Magestade mandar, não achem a quem socorrer; por que se he verdade, o que os antigos dizião, que o poder e grandeza da India consistia nas fortalezas d'Ormus, Malaca e Gôa, com as duas perdidas, fica facil de entender quão enfraquecida e disabilitada estará a outra, pois o ser e sustancia della dependia do comercio e trato das muitas riquezas e cousas preciosas que vinhão de aquellas, e como ajão faltado de todo com sua perdição, não tem já esta cidade mais que humas sombras mortas do que foi, e de todo o estivera, e com ella o mais da India, se Deus nos não acudir com a milagrosa restituição de V. Magestade a seus Reynos.

Posto que importe tanto á conservação do que V. Magestade tem na India tomar-se assento sobre este negocio, como se tem entendido que ficando esta nassão com algumas terras em Ceilão, nasserá andarmos sempre com elles ás pancadas, pela natural soberba e duminio com que em tudo procede, não servirá sua estada mais que de nova occasião de rompimentos, por quererem trazer assi todos os proveitos da Ilha e particularmente a canella; e como o preço porque a faz a fazenda Real seja mui limitado, hão os hollandezes acressenta-lo em muito dobro pelos grandes interesses que lhe della resultão em suas terras, e os chingalas levar-lha por todas as vias e caminhos que puderem, com o que viremos a ficar sem ella pelo tempo adiante; e por se atalharem estes inconvenientes, e os mais que delles podem resultar, parecia se devia encaminhar o negocio de maneira que sendo possivel, não ficasse esta nassão com nenhuma terra naquella Ilha, ainda que se lhe desse por isso mayor quantidade desta droga do que aponto na carta que aqui vai, e ainda que nesse Reino pareça grande pelo que val em Europa, não será cousa de consideração, nem que faça dano ao Estado, fazendo-sse a conta ao que custa posta nesta cidade á fazenda Real.

E quando se encaminhem a largarem Galle, pois não tendo outras terras, não lhes ficará servindo mais que de despeza, não se deve reparar em tudo o que se lhe der, sendo em canella nos annos que parecer, por que nunca importa tanto, por mais que se estenda, que não valha com muito dobro muito mais o que V. Magestade ha de despende na defenção daquella Ilha: de mais, que como com a guerra desta nassão nella seja forçado faltar a canella em todo, ou mayor parte, será impossivel aver na India sustancia com que lhe acudir, por a grande diminuição a que tem chegado todas as rendas Reays com a falta do comercio, e inda que senão possa dar alcance ao negocio nesta conformidade, porque senão ponha este Estado em contingencia de se perder de todo, se deve concluir com menos prejuizo que fôr possivel, pois dos males forçados se deve abraçar o menor; sobre tudo o que V. Magestade ordenar será sempre o mais acertado.

**El Rei a Sousa Coutinho sobre os actos de hostilidade
commettidos pelos hollandeses na India**

1644 — Março, 4

Pelas copias das cartas da India que serão com esta (1), entenderéis quão alhejos estão os ministros dos Estados de guardarem naquellas partes o assento de tregoa que mandei celebrar com elles, pois não perdem nem huma piquena occasião de poderem fazer dano a meus vasallos: não se alcança aqui a reposta que poderão dar os Estados a tão grandes desaforos, se não fôr a de dizerem que por traição e engano celebrarão comigo simulada tregoa, ou que os ministros da Companhia lhe perdêrão a obediencia, e nem huma nem outra reposta he para ouvir. Confesso-vos que me faz espanto a paciencia de meus ministros, e as finezas e pontualidade com que querem faça guardar palavra a quem ma tem quebrado tantas vezes; o que vos pudera dizer neste particular vos he presente; e como já vos escrevi, fas-me grande asco falar, e ainda ouvir o que por minha parte se tem sofrido aos Estados.....

Biblioteca Nacional, códice 2666, fl. 270 (cópia incompleta);

El Rei ao Conde da Vidigueira sobre a mediação do Rei de França

1645 — Janeiro, 2

Muito bem me pareceo o meyo que me propondes em carta de 13 de novembro do anno passado, sobre El Rey Christianissimo haver de mandar hum embaixador extraordinario a Olanda, a tratar de compôr as duvidas que comigo tem os Estados ou suas Companhias, sobre o que occupão em minhas conquistas, e as ostelidades que ainda nellas continuão, sem embargo da tregoa que comigo çelebrarão.

E porque este negocio he tão grande como sabeis, me pareceo advertir-vos, que o primeiro intento deste embaixador ha de ser persuadir os Estados e Companhias queirão vir em que El Rey Christianissimo seja juiz de nossas contendas, ou pello menos *mediator* e amigavel compositor dellas; e se isto se pudera vencer, era o que convinha a esta Coroa, porque he certo que sempre El Rey seria melhor juiz que os mesmos Estados, cujos ministros, como sabeis, são partes intereçadas nellas; e levado tudo huma vez a França, mandando primeiro parar em todo o genero de hostilidades, se pudera esperar razão e bom sucesso nas cousas de Olanda; e tudo o mais que não fôr isto, tem grandissimos inconvenientes. E não são

(1) Estas cartas devem ser as de André Salema de 8 de maio e 1 de dezembro de 1643. *Vide supra.*

pequenos os de hir hum francês particular mediar per sy só estes negocios a Olanda, porque sempre ha lugar de suspeitas (se não fôr a pessoa muy escolhida e livre de todas ellas), que lhe poderão parecer melhor asombradas algumas das propostas dos mercadores das Companhias, que sobre muitos, são ricos, e homens de grandes inteligencias; mas he tal a sem razão que se me faz em Olanda, que qualquer outro meyo he melhor que deixar tudo nos despachos e sentenças dos Estados, pello que, quando não possais conseguir o primeiro (sobre que fareis toda a instancia), podereis tratar deste segundo, encomendando muito particularmente ao Cardeal, e procurando quanto vos fôr possível, que a pessoa do embaixador seja a de mayor confiança e satisfação que fôr possível; e esta a de levar ordem minha do que ha de fazer, e do a que poderá chegar, alem da *Instrucção* que ha de levar do seu Príncipe; e a Francisco de Sousa Coutinho, ou ao embaixador que aly fôr para este negocio, mandarey eu dar outra *Instrucção* do que deve consentir, e do como deve proceder, levando ambos muito larga, inteira e çerta notiçia de tudo o que ha nestas materias.

Tambem tereis advertido que convem tomar logo ahi assento çerto e ajustado da despeza que hei de fazer com este embaixador, para que nem elle espere salario de mym que o que lhe prometer, nem eu tambem lhe possa faltar com esse, e certo será que alem dessa despeza, muito conforme ao sucesso do negocio ha de ser a merçê que mais deve esperar, de mym; e no arbitramento das despezas, tereis grande respeito ao estado em que se achão as rendas desta Corôa.

De todos os paços que fores dando neste negocio (que tereis per hum dos importantes a meu serviço que ahy se podem offerecer), me hireis dando conta, e eu mandarey se vos fação as repostas e avisos, com a brevidade que convier.

Biblioteca Nacional, códice 7162, fl. 462.

Compendio dos incidentes da India redigido por Sousa Coutinho e que acompanhou a carta de 20 de Fevereiro de 1645 ao Conde da Vidigueira

Despues de la felice aclamacion del Serenissimo Rey de Portugal, vinieron sus Embaxadores a dar parte della a los señores Estados generales, y a tratar de la pas y amistad que entre aquella corona y estas Provincias se conservó siempre en tiempo de los Señores Reys passados.

Celebrosse una tregua por dies años en el de 41, con tantas circunstancias y vinculos de amistad como del capitulado se echa bien de ver, y acordaron en el mismo tratado que dentro de ocho meses imbiaria S. Magestad de Portugal a tratar de pas perpetua.

Las copias deste tratado ratificado por S. Magestad fueron imbiadas a sus conquistas, llegaron a la India Oriental, y Antonio Vandiemem, governador en Batavia por la Compañia Oriental de estos Estados, recibio la capitulacion de la tregua celebrada para que la hisiesse guardar y observar, ces-

sando la guerra y hostilidad entre las dos naciones y dende adelante se correspondiessen con pas y amistad en la forma que entre Portugal y estas Provincias unidas se observa y continua. Hiso luego el governador Vandiem publicarla en Batavia, en Malaca y otras partes; y imbió a Ceylon un Commissario lhamado Pedro Boreel, con orden de que antes de publicar ally la tregua, pidiesse al Governador de Ceylon les dexasse libres las tierras y territorio del ambito de Galle. las quales tierras y territorio dixo le pertenecian per ser Galle un fuerte que ellos ocupavan. y avian tomado a los Portugueses por armas en el año de 38 o 39. Fuele respondido por el Governador general de Ceylon, que las tierras y territorio que pedia no le competian, porquanto los Portugueses no las avian perdido, y estaban señores dellas, como siempre lo avian sido desde 140 años a esta parte; y que juntamente el contracto de la tregua no lo permitia, ni se las dava, pues se avia deliberado que cada qual delas dos naciones quedasse señor de lo que possedesse al tiempo de la publicacion de la tregua, como consta del articulo 7.^o del contracto, que es el ultimo de las condiciones exprimidas por parte de la Compañia Oriental, y no se habló en todos ellos en Galle ni sus territorios, siendo passados quasi tres años que estaban señores de aquel fuerte, quando se celebrou el tratado de la tregua.

Replico el Commissario Boreel que las tierras que pedia pertenecian al fuerte de Galle por tres fundamentos a saber: que Galle avia sido Reyno y como a tal se devian las pertensas y jurisdiccion que pedian; que el tratado de la tregua dava territorio y lo concedia a quien fuesse señor de las fortalezas, como en el cap. 11 y 12 del tratado estava ordenado, y finalmente que lo adquirido por armas era del vencedor, que podia y devia posseder lo con justo titulo. A los tres fundamentos se respondió que Galle no era Reyno, porque no constaba de tal cosa por las historias, y dado caso que lo fuesse, que no se devia considerar lo que passo ha mil años, pero el estado presente en que se hallavan las cosas; y que harto publico y notorio era que los Portugueses estaban señores de Ceylon desde 140 años acá, y en discurso de tantos años já mas se habló ni trato del Reyno de Galle; y tanto era isto verdad, que es sabido que el fuerte de Galle fue obra y fabrica de los Portugueses en el año de 98, poco mas a menos, y jamais el que era capitán del fuerte de Galle tuvo jurisdiccion en las tierras circunvezinas, porque son de otra jurisdiccion, lo que no fuera si Galle uviera sido Reyno; y los Portugueses, que en tantos años estan poseedores de Ceylon, no han mudado el gobierno, ni quitado las jurisdicciones a las tierras, villas o ciudades que las han tenido, y assi se conserva hasta hoje.

De mas que dado caso que actualmente fuesse Reyno, por aver perdido un fuerte. no se pierden las tierras, ni la jurisdiccion, ni el Reyno.

Y quanto al tratado de la tregua, cap. 11 y 12 no dá ni concede territorio, sino a las fortalezas ganadas a aquellos que siguieren la vós de Castilla, o se passaren a su parte, como claramente se puede bien ver de los artigos; y quando ya lo permittieran, *absolute* es en sus terminos, porque es condicion incluida en las que pertenescen a la Compañia Occidental que no pas-

san a la Oriental, cuyas condiciones se assentaron primero en el tratado, y no se trató deste punto ni por pienso.

Y al desir-se que las armas dan possession, se respondió que quando las tierras se ganan por armas, se posseden, sustentan y defenden con ellas, entonces se dise ser adquiridas y que pertenesen al que las ha ganado; lo que en nuestro caso era muy al contrario, porquanto la Compañía Oriental no possedia tierras en Ceylon mas que la fortaleza en la punta de Galle, y al tiempo de la publicacion de la tregua estaban los Portugueses señores de la tierra y campos, como siempre de antes avian estado per espaço de 140 años acá, y no era justo que lo que no perdieron en tiempo de la guerra, se lo quiziessen tomar en tiempo de pas y despues de amigos.

Ni con la verdad destas razones quiso Boreel publicar la tregua en Ceylon. Vino a Goa, adonde el Virey de aquel Estado le hizo bueno y comedido recebimiento, e dados commissarios, se trato de la causa que Boreel trahia a cargo de proponer sobre lo de Ceylon. Y puesto que con firmes e solidas razones se mostrô y declarô com muchos exemplos que no tenia razon ni justicia en lo que pedia, contudo para que se viesse que de parte de los ministros de S. Magestad no faltava menudencia a que no diessen satisfacion, ofrecieron tres medios al Commissario Boreel, para que escogiendo uno dellos se publicasse la tregua y observasse segun el orden de S. Magestade y de los tres Estados, y en el *interim* imbiassen el pleito del territorio a la Europa, para que entre S. Magestad y los tres Estados fuesse decidido, y juzgando que se devia de dar territorio a Galle, se lo dexarian libremente, y quando nô, cessaria el hablar mas en este punto: fueron los seguintes.

1. Que vendessen el fuerte de Galle a los Portugueses por precio entre ellos ajustado, ja que no sacavan fructo de ser señores deste fuerte, y tambien cessarian los inconvenientes de nuevas dudas o contiendas.

2. Que se computassen los gastos echos en Galle, y los pagarian, largando el fuerte.

3. Que se pondrian en deposito el rendimiento de los fructos de la tierra que estava entre el fuerte de Galle y el exercito de los Portugueses, en manos de personas abonadas a eleccion del dicho Boreel, que entretanto imbiassen la causa o question para se decidir por S. Magestade y los señores Estados; y deliberando que se concediesse territorio a Galle, les dexarian las tierras libres y los fructos dellas depositados, y si juzgassen lo contrario, quedaria el deposito para los Portugueses, los quales estarian siempre en possession de la tierra, hasta llegar la diffinitiva por una o otra parte.

El commissario Boreel, sin embargo de tan justificados medios, (y no devidos) no quiso acetar la condicion, porque queria luego la possession de las tierras y otras impertinencias, que bien davan a entender no trahia animo de publicar la tregua, y assi lo hizo denunciando la guerra, sin haser caso de los protestos que le fueron intimados y leidos por parte del Virey de la India; y se bolvio a Ceylon com mano armada a continuar la guerra, como de echo hizo. Y el Governador Vandiemmen enbiô navios de guerra para impe-

dir la barra de Goa, como se hasia hasta alli, con que impiden que ni salgan naos para Portugal, ni entren las de Portugal y otras partes, con que nos impiden el comercio, y con el impedido, nos disminuyen la fuerça y la aumentan al inimigo comun contra Portugal.

Llegaron estas cosas a S. Magestad con queixas que sus vasallos imbiaron. S. Magestad las hizo significar a los señores Estados, y es passado un año que pido imbien los señores Estados cartas a sus subditos a la India para que desistan de las hostilidades que hasen a los Portugueses, dexen libre el puerto de Goa, y los demás, dexen navegar a sus commercios libremente los navios de los Portugueses, y observen la tregua puramente, que va en cinco años es celebrada, y aun no tiene su effeto; y que la question del territorio se decida amigablemente, entre nos, o per un arbitro amigo, y luego tratemos de la pas perpetua, segun lo capitulado y ultima resolucion que los señores Estados han tomado en 1.º de Junio de 644; las quales cartas deven imbiar con los primeros navios que fueren para el Oriente, y darme otras del mesmo theor, para que se imbien con tiempo en las naos que han de partir de Portugal en março venidero, porque si passa el tiempo, aunque despues las den son infructiferas.

Hasta agora no me han respondido en forma y todo son dilaciones, con que se ponen en riesgo las conquistas de S. Magestad, y sus armas con esta diversion de las Compañias no pueden obrar lo que S. Magestad desea; y es de advertir que conviene al bien publico y comun de todos los amigos y aliados que los señores Estados generales obliguen y constrañen a sus subditos en la India Oriental, y otras partes, primeramente guardar y observar la tregua a que estan obligados conforme la capitulacion della, y castigar sus subditos, porque la han violado y quebrantado sin su orden ni mandato; y si no lo hisieren, se seguirá que o los señores Estados lo permiten con otras ordenes en contrario (lo que no se deve persuadir que pueda ser), o que sus subditos son rebeldes, y no obedessen a sus mandatos, y como tales deven ser punidos; para lo qual deven mandar las cartas *effective* en los primeros navios que han de partir para la India, y darnos otras del mesmo theor para imbiar por via de Portugal, y compeller a los de la Compañia que escriban lo mesmo a sus oficiales, si paresca que conviene ser necessario.

Y es de advertir que la pas o tregua fue publicada en Batavia por orden de los tres Estados, y que el Governador Vandiemem la hizo publicar ally y en Malaca y otras partes, lo que bastava para tener cumplido effeto en las demas partes de aquel Estado; y no obstante esto, no la observan y continuan con la guerra mas furiosamente que en tiempo de los Castellanos, queriendo tomarnos en tiempo de amistad y pases lo que en tiempo de la guerra pasada no han podido.

Ultra esta causa es civil, y entre amigos no deve decidir-se con las armas, sino por razon y buena composicion, y la Compañia ni sus oficiales pueden ser jueces della porque son partes, y se lo han protestado muchas vezes los Portugueses. Los daños que desto resultan y sobrevienen a la Corona de Portugal son notoriamente sabidos, porque con esta diversion de

las Compañías no puede S. Magestad haser la guerra viva y offensiva contra Castilla, como el desea, y los amigos y aliados desean; y no solamente es necesario acodir á la defença justa y natural de sus vassallos, pero tambien con la navegacion y comercio impedidos buelve muchos passos atras el intento de S. Magestade, y el enemigo commum queda assistido en esta parte de las Compañías con la guerra y diversion que hasen en la India a S. Magestad, que por esta causa no puede entrar en Castilla con todo su poder y haser la guerra, como desea y es nessessario que sea.

La Francia, entre los intereses que podia esperar, vá a perder mucho con esta diversion que las Compañías hasen a Portugal, porque S. Magestad no puede continuar con la guerra contra Castilla, segun los designios de S. Magestad Christianissima, por acudir a sus vasallos, y es punto este en que se deven considerar circunstancias de alta rason de estado, las quales no se refieren, porque harto se dexan entender.

Y sobre todo es de notar que las armas del Rey Catholico no han llegado ja mas a la extremidad en que de presente se veen, si no despues que Portugal se ha desunido de su dominio, y se ha restituido a su verdadero y legitimo Rey y Señor Don Joan 4.^o, que Dios guarde Rey de Portugal, y si no se ayudaren los progressos de S. Magestad, bolverá Castilla a cobrar forças, y a dar en que entender a los aliados todos por todas partes.

Finalmente, entre otras circunstancias se deve haser grande caso de que si las armas Castellanas entrassen en Portugal, y no podiessen impedir-se-lo, o per falta de soldados pagos, municiones, y artilleria, o de dinero, con que todo se halla que los amigos y aliados estan obligados a imbiar dineros, gente paga, naos de guerra y todo lo necessario para la defença y resistencia contra el inimigo comum, en que los amigos y aliados harian grandes expensas, y les costaria mucho imbiar estos auxilios e socorros; pues si esto es verdade como es, quanto mayor conveniencia es previnir este caso con dexar a S. Magestad lo que es suyo, e dexar sus conquistas libres, no impedir los comercios, y observar la pas, segun el derecho de las gentes enseña, principalmente quando la experiencia ha mostrado lo que obran las armas de S. Magestad a su costa, sin molestar a sus amigos con pedidos ni emprestados, y lo que poderan obrar mas contra el inimigo comun, si le dexan sus conquistas libres como pide, y fuere libre el comercio, sin impedimento y diversion de aquellos que estan obligados a socorrer-lo y no offender-lo.

Otras mas razones hai que desir, las quales dexamos para quando se tratará la causa principal; por agora queremos y pedimos que se mande cessar la hostilidad, desempeñar el puerto de Goa, los comercios se frequenten livremente, y la tregua se observe fielmente segun el tratado, hasta que acá se decida lo que se deve observar con una pas eterna y mui verdadera.

Y para effeito de lo suso dicho, deven los señores Estados imbiar cartas a la India a sus subditos con apretada orden que se cumpla, y darnos otras del mesmo theor para que vayan por orden de S. Magestad, como está dicho, y sea con tiempo que puedan hir de aqui con las primeras naos que fuere para la India y de Portugal en marcio venidero.

Despues de todos estos requerimientos han dado la respuesta de los directores de la Compañía Oriental larga y prolixa, en que pretenden mostrar su derecho, diciendo que Gale todavía es Reyno y como a tal se deven dar los territorios y prerogativas que ha tenido, con otras cosas mas que sirven a otro intento, a que se acudio con desir que aquel negocio y monte de razones competia para la decision de la causa principal y no para el incidente de que tratavamos, a saber cessar la guerra, guardar-se *pro interim* la tregua, hasta decidir-se lo que fuesse de justicia.

Pedieron nuevos medios, no contentos con los primeros, dierense los siguientes: primero que vendan a los Portugueses el fuerte de Galle, y acordando en el precio, se trataria luego tambien en la forma de los pagamentos, que serian en canella, que se dará y entregará en Goa a los factores, o a quien la Compañía ordenare, para ellos la cargar en sus navios alli en Goa, la qual canella será en tantas pagas segun nuestro ajustamiento; y trata-se segunda ves deste medio porque es el mas conveniente que se puede hallar por dos rezones, primera porque por parte de la Compañía se ahorran las costas y expensas que se hasen en Galle e de que no sacan provecho, y de mas desto las costas que se haran para poder tener canella, que todo se deve considerar.

Segunda porque los Portugueses quedan pacíficos en sus tierras, de que son possuidores ha 140 años, y no avra ocasion para poder tener nuevas contiendas y dudas una y otra nacion, con que se evitan futuros peligros, que tambien es para considerar.

Segundo medio:

Que se pondran en deposito los reditos de tres leguas y media de tierra, para la parte de Beligan, que queda al oriente, hasta un Rio que está antes de aquel puerto, y de la parte de Alican, que es al poniente, otro tanto, con circunferencia de otras tres leguas y media; hasiendo-se punto con un compás en la punta del fuerte de Galle, y otra en el suso dicho rio de Beligan de la parte de Galle, viniendo acabar bolviendo por el interior de la tierra en el limite adonde hisieren punto las otras tres leguas y media que se conceden de la parte de Alican, conque se cierra la circunferencia de playa a playa; los quales reditos de las tierras inclusas en la circunferencia dicha se depositaran solamente, assy y de la manera que S. Magestad el Rey de Portugal mi señor las possede per el toambo, quedando siempre los portugueses señores de la possession y dominio, hasta decidir-se la causa principal acá entre S. Magestad y los señores Estados, y quedar dellos señor el que tuviere per su parte la sentencia:

3.º medio.

Que enquanto se trata de la causa principal con los señores Estados sobre el modo de mejor composicion, paz y amistad perpetua, segun los tratados, detreminacion, y prometimientos echos de parte a parte, y enquanto se decide aqui si compite o no territorio a la fortaleza de Galle, se dará a la Compañía Oriental en cada un año, si tanto durare el ajustamento, 500 quintales de canella en Gôa, para que ally se cargue por ella o su orden en sus

navíos, y entretanto que durare la question y no sea decisa la causa principal, no pretenderan en Ceylon cosa alguna, ni haran agravio o molestia alguna a los Portugueses ni a sus cosas; e si la question principal fuere acabada antes de un año, sin embargo dello, se les daran los quinientos quintales de canella por entero; y esto no perjudicará al derecho de las partes para dexar de dar-se a cada una dellas lo que se jurgare en final, quando se tratare de la causa principal.

Y esto echo, trataremos de lo demas, y se hablará de todo particularmente, para llegar al termino de solennisar la pas perpetua como deseamos.

Biblioteca Nacional, códice 2666, fl. 83.

**El Rei ao Conde da Vidigueira
approvando o accordo feito por Sousa Coutinho com os Estados**

1645 — Abril, 29

Com carta de 22 de março me envais copia de hum capitulo de outra de Francisco de Sousa Coutinho, em que vos dá conta da resolução dos Estados geraes sobre a seçassão das hostilidades da Índia, e bem se vê daquelle capitullo que o bom subcesso daquelle negocio (posto que o dar-lhe a canella em Seilão tem gravissimos inconvenientes), se deve todo a vossa boa deligencia. Muito festejada foi aqy esta nova, e vos agradeço o bom dia que me destes com ella; ao Cardeal Masarini, e ao Monsieur Estrada, como se vos diz em outra, mandey agradecer por cartas minhas o que nisso trabalhárão; quererá Deos que com igual subcesso se concluaõ os mais negocios de Olanda; a Francisco de Sousa (de que ainda se não teve aviso) mando ordem para ratificar aquelle accordo, e lhe mando advertir, como já se lhe fez por outras cartas, que para árbitro destas duvidas, quando sem elle não possa concluir a composição, consentiria só em El Rey Christianissimo, e não em nenhuma outra pessoa: levou poderes para tratar tudo, mas não para resolver sem primeiro me dar conta, e ter reposta minha; nesta forma lhe torno agora a mandar escrever; os papeis que vinhão com aquella carta, e o mais que nella me dizeis, folguy muito de ver.

Biblioteca Nacional, códice 7162, fl. 597.

**El Rei ao Conde da Vidigueira
desapprovando o accordo feito por Sousa Coutinho**

1645 — Maio, 31

Em carta de 18 de março referis o que passastes com o Cardeal Masariny sobre as cousas de Munster, sobre as de Roma e sobre a guerra desta

campanha nesta parte; e deixando os primeiros dous pontos sobre que se vos fazem avisos em outras cartas, me pareceo primeiro que tudo dizer-vos quanto ao ultimo, que o acordo que Francisco de Sousa Coutinho fez em Holanda, ajudado de Monsieur Estrada, sobre a cessação das hostilidades no Estado da Índia, foi feito em tal forma, que não só se não adiantarão com meus particulares, mas se atrazarão tanto, que fico mandando dispor com summa brevidade novo socorro ao Reyno de Ceilão, que aquy se cuida se arriscou muito com aquelle modo de capitullação, que por muitas razões tenho sentido, quanto o tempo vos mostrará; de maneira que me meteo este homem em hum grande roido, e pos Ceilão em tal aperto, que ha de ser forçado do dinheiro que tinha destinado para esta campanha tirar o que baste para socorrer aquelle Reyno; e cuidando França que eu estava em paz nas conquistas, e que forrava a despeza que me custava a guerra dellas, me acho com novos gastos e com novos empenhos. Sem embargo disto, pellas cartas e papeis que vos vão por este navio, entendereis que tenho mandado dispôr para esta campanha dez mil iffantes, e mil e quinhentos té dous mil cavallos em Alenteyo, com seu traem de artelharia, que se acabará de juntar brevemente: e tenho mais trez para quatro mil iffantes auxiliares promptos para acudirem a toda a hora, e com este groço, esperando os movimentos do inimigo, e o poder com que se acha, tenho mandado se obre por minha parte o que as occasiões e o tempo permitirem.

Biblioteca Nacional, códice 7162, fl. 622.

El Rei a Sousa Coutinho sobre os successos do Brasil

1645 — Outubro, 4

Agora se recebêrão do Brasil os avisos e papeis que se vos remetem com esta carta; logo os offereçereis, assy oreginalmente como me vierão, aos ministros dos Estados. para que lhes seja presente o procedimento de Antonio Telles nesta parte. No mesmo ponto se lhes despacharão duas caravellas para segurar em ambas o aviso, porque lhe mandey com summo aperto que sem ordem muito expressa dos do governo de Pernambuco, não mande gente alguma aos limites da jurisdicção; e que logo, logo, (se elles assy o quizerem), faça recolher a infantaria que mandou a compôr e reduzir os portuguezes, e declarar por maos vassallos a Henrique Dias, Camarão, e os seus soldados; porque ainda que o intento de Antonio Telles foi tanto em beneficio dos hollandezes, como se vê dos papeis, para que çesse de todo o escrupullo em materia tão perigosa, me pareceo mais conveniente adverti-llo com tais palavras, que se se dilatar hum ponto na execução do resferido, passarão a mayor rigor as demonstrações que com elle hei de mandar uzar; de que té gora não tratey porque, (posto que o mando averiguar por differentes vias), não se alcança que Antonio Telles faltasse á

sua obrigação e ás da boa correspondência que devia ter com os holandezes seus vezinhos. Este subçesso mostra bem que de balde se canção os da Companhia por tirar utilidades do Estado do Brazil, e delles se deixa entender facilmente que cada vez hão de creçer mais os damnos que a Companhia recebe daquella conquista. Por esta razão se tem aquy a occazião presente por muito acomodada para se tratar com os Estados, ou com os da Companhia, queirão largar o Brazil, com a conveniência de que tantas vezes vos mandey advertir. Ponde agora em pratica este negocio, e segio com todo callor, vallendo-vos de hum papel que vos mandey remeter sobre o arbitrio do sal, e de tudo o mais que se vos offerecer, na forma de minhas ordens (de que vos não afastareis), por ver se podeis chegar agora este negocio á conclusão; e de tudo o que passardes me hireis dando conta, sem rezolver nada, ainda que em o concluir com brevidade, sem avizo meu, vos pareça que acertais.

Biblioteca Nacional, códice 7162, fl. 689 (cópia).

Antonio Telles da Silva a El Rei sobre os successos do Brasil

1645 — Outubro, 15

Por duplicadas cartas tenho dado particular conta a V. Magestade das cauzas que me movêrão a defferir ao que se me propôz por os dous deputados que me enviãrão do Arrecife de Pernãobuco os do Conselho Supremo de Holanda que ali rezidem, com occazião de se lhe averem levantado os portuguezes que dominavão, [e] haverem-se-lhe passado as duas tropas de Indios e negros que residião no Rio Real, com Camarão e Henrique Dias, usando do mesmo dezaforo, sem ordem nem obediência alguma, pedindo-me os ditos deputados mandasse recolher a estes inobedientes e atrevidos, e fazer socegar aos tumultuosos moradores, os quais tambem por suas cartas me pedião lhes acudisse, para os não deixar destruir; [e] havendo considerado attentadamente o que por huma e outra parte se me representava, e feito junta de todas as pessôas de mayor juizo e postos, e comunicado com os mesmos deputados dos holandezes os meyo de que poderia uzar para melhor condesçender com suas propostas, e averiguado que convinha que se não dilatasse, e que importava fazer que Camarão e Henrique Dias se recolhessem logo com suas duas tropas de negros e Indios, e que elles o não havião de fazer, como tam culpados no que havião cometido, sem força bastante que os obrigasse e pudesse em cazo de sua contumacia forçar com o castigo a dezistir e recolher-se; e que da mesma maneira se não havião de reduzir os moradores com razões e ordens, antes creceria sua sedição e viria a perder-se o tempo em os persuadir sem redundancia alguma, era sómente precizamente necessario formar hum grosso de infantaria com que mandar acudir a estas dezordens, e faze-llas socegar, e poder castigar aos que o duvidassem, e e que assi ficarião os holandezes satisfeitos, e os Indios

de Camarão, e negros de Henrique Dias recolhidos, ou castigados, e os moradores compostos e socegados.

Tratei com o assento do referido de superar algumas dificuldades por poder apreçar a execução deste meyo, dispondo os possiveis para com elles servir aos vezinhos e aliados nesta occazião, com que lhe tornei a enviar os seus dous deputados, e fis aparelhar alguns dos navios que aqui tinha para acudir a Angola, em cazo que os castelhanos a intentassem, como se dizia, e nelles mandey a Jeronymo Serrão de Paiva e aos mestres de campo Martim Soares e André Vidal, com a infantaria que pude, dando conta por mar e por terra aos do Conselho Supremo de Holanda ao Recife do com que os socorria, e de como tudo hia á sua ordem, para que despussem o que melhor lhes parecesse.

Chegarão as nossas embarcações a Tamandaré, donde logo os cabos dellas e da infantaria o avizarão ao Recife, e avendo despois disto chegado aqui a esta bahia do Rio de Janeiro o general das frotas deste Estado Salvador Correa, lhe pedi quizesse tambem, pois hia de caminho para esse Reino, hir a dar fundo defronte do Arrecife, e offerecer-se aos holandezes para o que elles quizessem de seu servisso para o effeito do que me tinham pedido, como o fes, e se lhe respondeo pelos do Conselho Supremo que lho agardecião, e que podia fazer sua viagem com os galeões e mais frota que trazia, o que logo fes Salvador Correa, e se tornou o cabo das embarcações que primeiro daqui partio com o socorro para o mesmo porto de Tamandaré donde avia saído, acompanhando a frota de Salvador Correa.

Tendo-sse da minha parte proçedido com este bom animo e desejo de poder ajudar e servir aos holandezes, compondo aos moradores com elles, e avendo uzado de hum tam grande primor, sómente afim de seu beneficio, foi a grata recompensa haverem malizozamente tomado por motivo a sedição dos moradores para me poderem mandar pedir lhes acudisse por meyo constrangentes, para me empenharem e fazerem destituir da mayor parte das forças com que me achava, como fiado em nossa amizade e aliança de pazes o fis: e assi poderem melhor e mais a seu salvo cometerem a mais atrás e abominavel acção que jamais se haverá visto, como se verifica de averem antecipadamente prevenido huma armada de onze baixes com o seu proprio general Leitasse (1), com que mandarão assaltar as nossas embarcações que estavam em Tamandaré, onde as mandey a levar-lhe o socorro, e ali as tomárão e queimárão, matando aos mais dos que nellas se achavão, e ainda procurando escapar a nado os não perdoárão, havendo-os os nossos recebido com toda a demonstração de pas e alegria. Foi a paga indigna de refferir-se de raçãoes e premeditadamente assi disposta, e por terra avião tambem lançado algumas grossas tropas de infantaria a degolar as duas que mandey a seu servisso com Martim Soares e André Vidal, havendo prevenido que se lhes negasse e impedisse o sustento ordinario, em cujo extremo, constrangidos da ultima neçezidade o procurárão, e logo forão com

(1) Lichthardt.

armas e violencia dos holandezes atalhados, e para se deffenderem uzado dos meyoS naturaes para poderem chegar a Serinhaem, onde tivessem os mantimentos que se lhe negavão; e foi tal o rigor deste excesso, que chegarão a persuadir-se os nossos que aquelles holandezes e Indios que ali se achavão, devião tambem de estar levantados contra os do Conselho Supremo e mais holandezes que assistião no Arreciffe, [e] havendo-sse ali tomados alguns destes Indios, os mandarão logo os nossos emforçar, parecendo-lhe que com aquelle exemplo se sosegarião os mais de ajudar a Camarão e aos moradores que persistião contra os holandezes.

Nesta forma hião os nossos esperando a reposta das cartas que avião escripto aos do Conselho Supremo do Arreciffe, quando lhes chegou a nova dô succedido ás nossas embarcações em Tamandaré, parecendo-lhe que devião ser alguns navios de Castella, e que era impossivel que fossem de holandezes, a quem elles vinhão a socorrer, e assi tornárão os mestres de campo Martim Soares e André Vidal a escrever outras cartas aos do Conselho Supremo ao Recife, sem averem tido reposta das primeiras, achando-sse confuzos e atalhados; e com tudo, sem dezistirem do intento a que os mandei, de seguirem em tudo e por tudo o que os holandezes do Arreciffe lhe ordenassem, os quais cavilosamente té então lhe não havião enviado reposta nem ordem alguma, antes mandado reforçar com gente e sair-lhe do cabo de Santo Agostinho a empedir poderem os nossos sustentar-se, nem dar hum passo; e vendo-sse sem reposta de suas cartas, e sem a ordem que esperavão dos holandezes do Arreciffe, e totalmente impossibilitados a poder-se sustentar, compelidos deste rigor e experimentando coal era a tenção de os averem procurado, queimando-lhe suas embarcações, não lhe diffirindo a suas cartas e tirando-lhe o sustento, que para se segurarem desta violencia e poderem suprir a extrema neességidade em que se vião, lhes foi forçado arimarem-se ao mesmo prezidio que os holandezes tinhão em Nazaret e de que erão perseguidos, e procurarem reduzi-llos a que os não tratassem como a inimigos, pois somente hião a ajuda-los e seguir suas ordens; e elles não só lhes pareço justificada a proposta, mas achavão-se tam irritados dos termos de seus superiores, que pedirão lhes deixassem passar-se para esta praça, para della o poderem fazer para suas terras: e comtudo proseguirão os nossos [a] atalhar as dezordens que os moradores cometião na campanha, avendo saído com alguns dos seus soldados o mestre de campo André Vidal, chegou incubertamente e prendeo a hum João Fernandes Vieira, que era a cabeça principal dos sediciosos, e trazendo-o já prisioneiro, o alcançou o tumulto e furor popular, e lho tomarão com força e com vozes em motim: juntos forão correndo em demanda dos holandezes que achavão na varzea, e logo André Vidal avizou ao mestre de campo Martim Soares que marchasse com toda a gente para acudirem com ella ao furor do exceço do povo, como fizerão, achando-o já com os holandezes feduzidos a huma caza, e elles todos dispondo a pegar-lhe o fogo a tempo que acudío o mestre de campo André Vidal levando hum trombeta com huma bandeira branca: e ainda assi lhe tirárão os holandezes e lho matárão, e

derão duas pelouradas no seu cavallo, e com tudo chegou aos moradores com a espada na mão, e os fez sosegar e dizistir do insendio e morte que procuravão dar, e derão logo a todos os holandezes, se o ditto André Vidal não fora.

Com tudo isto tornárão os mestres de campo Martim Soares e André Vidal a escrever ao Recife, queixando-sse dos termos que com elles se avião uzado, e de se lhe não haver respondido e de outros exçessos, a que os holandezes lhe responderão com a carta de que com esta vay a copia autentica, mostrando-sse queixosos dos prosedimentos dos nossos, como V. Magestade sendo servido poderá mandar ver.

Hé senhor muy particular o meu sentimento, porque quando me pareço que obraва nesta ocazião com toda a ponderação e acerto em socorrer aos holandezes como a nossos aliados, vizinhos e amigos, veio [a] aver rezultado tudo tanto ao contrario, como experimento da maldade com que se me enviárão os deputados do Recife, para debaixo deste termo chegarem a poder obrar huma tam grande atrosidade como a de queimarem as embarcações que lhe mandey, matando a mayor parte da gente dellas, e mandarem matar á fome ou a ferro com a força de sua infantaria e armas aos mesmos que mandey, e hindo por terra a fazer o que elles lhe mandassem, e não contentes com isto, chegando a fazer-lhes cargo do que refferem em sua carta, que passa tudo tanto ao contrario, como he notorio.

Dizem que tratarão os nossos de peitar a hum dos seus, para lhe entregarem huma das mais importantes fortalezas daquelle Estado, havendo a ultima necessidade da fome a que obrigarão aos nossos, e os muitos actos de hostilidade que com elles fizerão os do cabo de Santo Agostinho a que se arrimassem a elle, para se poderem dellender e não pereçerem.

Dizem que desembarcárão os nossos com hum grande poder de infantaria, lançado em sua jurisdicção, sem seu conhecimento, e com pretexto e fantastica interpretação da carta que me escrevêrão, avendo-çe tomado este asento com approvação dos seus deputados e mandado pouco mais de mil soldados somente, escrevendo-lhe eu por mar e por terra deste socorro que lhes enviava, com particular noticia do que por os servir avia resolvido.

Dizem que foi huma tão poderosa armada nossa á vista da barra do Recife, a qual como relato nesta a S. Magestade, foi a frota de Salvador Correa que hia para esse Reyno, e se deteve ali sómente as oras que os holandezes quizerão, a cujas ordens esteve.

Dizem que lhe invadirão os nossos o forte de Serinhaem muito mais estranhado pela morte de tantos naturaes a sangue frio; em Serinhaem não avia forte, e os que ali se achavão forão os que vierão a impedir aos nossos (de que prezumirão o que reffiro a V. Magestade), e achando que os Indios erão os que assistião aos moradores sediciozos, e a Camarão que os ajudava, mandarão fazer delles justiça, em ajuda e favor dos mesmos holandezes a quem hião socorrer.

Dizem que ultimamente a nossa gente lhes fora dar oppressão ás suas tropas que tinham na campanha, sendo que a socorre-las sómente sahirão e

marcharão a acudir-lhe, como o fizerão, e lhes valêrão para que os sediciosos, as não queimassem no engenho de Torlon e caza em que a ultimo estado as tinham reduzido.

Dizem que haviam sido demonstrações as dos nossos, e cazos contrarios á pas, e prova de hostilidades que mandavão executar contra aquelle governo, e que da sua parte podem com toda a verdade afirmar que nunca mandarão tomar armas em offensa de V. Magestade; o que dispus e fis obrar em socorro dos holandezes he bem notorio do que fica refferido, não só em conformidade da nossa pas inviolavelmente observada, mas procurando dar-lhe satisfação com fazer retirar e castigar a Camarão e Henrique Dias, como me pedirão e secorre-llos contra os mesmos portuguezes para lhos tornar a reduzir a seu dominio; e os actos de hostilidade forão tanto primeiro por elles cometidos, como se vê de terem prevenido armada e de hirem com ella a queimar nossas embarcações, de matarem a gente della e de haverem lançado tropas pela campanha a impedirem aos com que os mandei a socorrer, não só o poderem hir para onde elles lhes ordenassem, mas dilatando-lhes as ordens e repostas de suas cartas, e mandando positivamente impedir-lhe o sustento, para assi os consumirem e acabarem de todo; e se não ouvera escandalizado ao mundo os termos de que tem uzado com suas armas em offença de V. Magestade debaixo da segurança da pas contrahida, assentada e publicada, poderão uzar da afirmação que fazem de que nunca mandarão tomar armas em offença de V. Magestade, sendo que por actos continuos successivamente executados se tem exprimado o contrario. Aqui neste Estado, hindo o Padre Francisco de Vilhena a assentar ao Recife a tregoa, e tirando-lhe por conserto reciproco as nossas tropas que tinhamos então naquella campanha, de que se tinham como por sitiados, pedindo actualmente consertos por seus deputados ao Marquês de Montalvão, que naquelle tempo era vizo rey e capitão geral deste Estado, avendo-se-lhe com effeito cumprido da nossa parte, foi da sua tam differente, que logo avançarão vinte legoas por nossas terras, e com força de armas vierão a tomar a cidade de São Christovão. cabessa da Capitania de Seregipe, que fortificarão e sustentarão, e forão a tomar-nos ao porto e Cappitania do Seará, e com huma armada o Pará e Maranhão, e com outra a ganhar ao porto e fortaleza da nossa Ilha de S. Thomé e asaltar a Cidade de São Paulo de Loanda, cabeça do nosso Reino de Angolla; e depois de ratificadas as mesmas pazes e com som de caixas e trombetas publicadas individualmente em cada huma de nossas conquistas, passarão os holandezes a ganhar (como o fizerão) a nossa fortaleza de Asem na Costa da Mina, e forão debaixo da visita de pas asaltar no Bengo aos nossos moradores e vasallos e subditos de V. Magestade, matando-os e roubando-os de grandes e muy consideraveis sumas de fazendas, e prendendo-os e com publica violencia, embarcando e desterrando aos mais que aqui vierão a parar miseravelmente; e tornando de novo a tomar-nos a cidade de S. Thomé e lançando della e daquella Ilha aos moradores, hindo com seus baixeis a forçar aos da Ilha do Principe, de Anno Bom e ás mais

daquella nossa jurisdição. Tomáram-nos os commercios dos portos de Arda, Calabar e Serra Leoa, e inda perseguindo e fazendo-lhes com força pagar direitos ás nossas embarcações do peixe que tomão na costa e portos de Arguim, na Baya de Santa Anna e Angra dos Ruivos, havendo feito em differentes ocaziões várias prezas de nossas embarcações; e na India quatro annos continuos despois da paz pondo suas naos a impedir o entrar e sair de Goa, e o não podermos commerciar de humas para outras terras nossas, tomando-nos todos os baixéis que pudérão, e huma nao grande de viagem desse Reyno para Goa: e ultimamente hindo com armada e exercito a ganhar-nos a Negumbo em Ceilão e nesta costa feito nos algumas prezas, e acrescentando a tudo isto de novo o que agora me fizerão, tudo contra terras, vassallos e fazendas de V. Magestade, que obrigão a persuadir-me a que ou estes subditos das Companhias tem trato e liança secreta com o inimigo commum castelhano, como tem mostrado por algumas circumstancias da obediencia, ou se separou da jurisdição de subditos dos Estados das Provincias Unidas, sem que a outra alguma couza se possa attribuir tão grande maldade. Sobretudo tenho mandado aos mestres de campo, e tropas do Camarão e Henrique Dias, que logo se recolhão, e tanto que o fizerem, como espero delles, hei de mandar averiguar por huma pesquisa muito exacta os culpados nestes desmanchos, e achando que quebrarão a tregoa e boa correspondencia que he justo e V. Magestade manda se tenha com os holandezes, conforme as ordens que V. Magestade me deu, os farey castigar com todo o rigor.

Biblioteca Nacional, códice 7162, fl. 731 (cópia). Outra cópia desta carta existe na Biblioteca de Evora, códice CVI 2-7, fl. 378.

El Rei aos Estados Geraes sobre os successos do Brasil

1646 — Março, 10

Logo com o primeiro recado que tive das inquietações de Pernambuco, despachei á Baya duas caravellas por segurar o avizo, com ordens apertadas ao governador Antonio Telles da Silva para que no mesmo ponto que as recebeçe, fizesse recolher toda a gente que mandou a capitania de Pernambuco, e declarasse maos vassallos Henriques Dias e Camarão, que sem ordem sua se havião passado com suas tropas áquella capitania, mancomunando sse com os portuguezes levantados em dano dos ministros da Companhia, e fizesse tudo o mais que pellos do governo de Pernambuco lhe fôra pedido, procedendo com elles neste particular e em todos com tal conformidade, que em nenhum tempo e com nenhum pretexto desse ocazião a se poder duvidar da boa correspondencia, onião e amizade entre meus ministros e os da Companhia. Despois com segundo recado seu, porque me constou averem passado aquellas inquietações muito adiante, torney a man-

dar despachar duas caravellas com mais apertadas ordens a Antonio Telles para fazer cessar aquellas sidoções, e de tudo se foi dando conta a Francisco de Sousa Coutinho, meu embaixador ordinario a vossos Altos Poderes, para entenderem por sua via o que nesta ocazião se tinha feito e hia fazendo por minha parte. Agora se recebo com carta sua a copia de huma reposta que vossos Altos Poderes derão a hum requerimento que fes sobre este negocio, e por elle enteny que ao que vossos Altos Poderes querião se fizesse estava muito antecipadamente mandado executar por mym no modo posivel, mas ainda assi, para que vossos Altos Poderes conheção melhor quanto desejo e quanto fasso por concervar a tregoa celebrada entre nós, nomeey aqui hum ministro de toda a importancia e authoridade para pessoalmente hir a Pernambuco fazer recolher com effeito a gente que lá andar, castigar com todo o rigor os que ouverem excedido, e restituir o que tiver chegado a poder de ministros e vassallos meus, e fazer todo o posivel para restituir o que estiver em poder dos portuguezes vassallos dos Estados levantados, em companhia dos quais andão e estão tambem levantados os capitães olandezes que se dis averem lhe entregue por trato a fortaleza de Nazaret: e se me fora posivel outra couza para dar satisfação ao mundo da sinceridade de meu animo, e para mostrar a vossos Altos Poderes a pureza de minha amizade, a fizera, como mandarei fazer sempre tudo o que fôr em ordem a se estreitarem mais os vincolos da pas e união entre meus Reynos e vossos Altos Poderes.

Biblioteca de Evora, códice CIV 2-7, fl. 383 (cópia).

INDICE ONOMASTICO E DE LOGARES

- Abram, Vutel — 149, 179.
 Achem — 156.
 Aghas — *vide* Haya.
 Albuquerque — 221.
 Alça, João — 74.
 Alcantara — 84.
 Aldea Gallega — 348.
 Alemanha — 7, 13, 43, 56, 58, 79, 90, 103, 104, 113, 144, 176, 179, 184, 189, 210, 237, 256, 280, e *vide* Imperador.
 Alemtejo — 40, 168, 344, 393.
 Algarve — 90.
 Alican — 391.
 Almada, D. Antão de — 58, 374.
 Alsacia — 43.
 Alvarez, Dr. Duarte — 221.
 Amsterdam — 8, 9, 10, 12, 16, 24, 32, 33, 36, 40, 53, 55, 59, 70, 74, 78, 82, 84, 86, 89, 91, 92, 95, 101, 102, 111, 119, 120, 122, 128, 129, 131, 139, 162, 164, 165, 168, 181, 188, 194, 203, 210, 222, 229, 237, 239, 240, 242, 260, 264, 273, 274, 276, 288, 290, 299, 300, 303, 305, 308, 310, 311, 317 a 319, 333, 339, 353, 357, 369, 379, 381.
 Andaluzia — 65, 72.
 Andrade Leitão, Dr. Francisco de — 8 a 10, 12, 14, 16 a 20, 22 a 26, 30, 31, 33, 36, 38, 40 a 43, 46, 47, 49 a 51, 53, 55, 57, 61, 62, 67, 71, 75, 80 a 86, 88, 89, 91, 95, 96, 98, a 100, 103, 105 a 110, 112, 113, 115, 118 a 121, 125 a 127, 131 a 133, 136, 146, 147, 150, 153, 155, 156, 159 a 161, 163 a 166, 168 a 173, 175, 176, 179, 180, 189, 191, 200, 202, 204, 205, 209, 219, 220, 229, 230, 234, 238 a 240, 248, 253, 258, 275, 278, 280, 281, 294, 300, 303, 306, 310, 324, 325, 327, 352, 364, 373 a 375, 381 a 383.
 Angola — 46, 59, 68, 71 a 73, 75, 78, 81 a 86, 88 a 91, 93, 95, 96, 100, 106, 110, 111, 114, 119, 127 a 129, 138, 146, 156, 162, 167, 169, 176, 195, 205, 206, 209, 213, 233, 268, 273, 274, 281, 293, 303, 305, 307, 309, 312, 317, 331, 337, 359, 374, 395, 398.
 Angra dos Ruiuos — 399.
 Anvers — 17, 71, 92, 143, 168, 321, 366.
 Aragão — 184, 219.
 Arcebispo de Braga, D. Sebastião de Matos Noronha — 227.
 Arcebispo de Evora — 116.
 Arda — 399.
 Argel — 35, 243, 246.
 Arguim — 399.
 Asem — 398.
 Asia — 13.
 Ataide, D. Luiz de — 173.
 Austria — 43, 187.
 Austria, Casa de — 25, 32, 34, 39, 151, 155, 158, 182, 185 a 188, 199, 201, 197.
 Azamor — 399.
 Azevedo, D. Jeronimo de — 378.
 Badajoz — 63, 79, 84, 90, 92, 290, 321, 345, 348.
 Bahía de S.^{ta} Anna — 399.
 Bahía de Todos os Santos — 181, 193, 283, 294, 321, 326 a 328, 330, 332, 333, 335, 336, 338, 340, 341, 350, 351, 356, 359, 360, 399.
 Bandarra — 64, 71.
 Barão de Brederode — 157.
 Bataglini, Vice Colleitor — 154.
 Batavia — 154, 186, 198, 356, 386, 387, 389.
 Bax, pais de — *vide* Waes.
 Beck, General — 316.
 Beligan — 391.
 Benavente y Benevides, D. Christovão de — 244, 272
 Bengo — 281, 282, 293, 307, 398.

- Binol, Pedro — 73.
 Biscaia — 236.
 Bispo de Elvas — 48.
 Bispo de Lamego — 48, 108, 251.
 Boemia — 5, 11, 42, 48, 253.
 Bordeos — 289, 299.
 Borel, Pedro — 217, 228, 377, 381, 388.
 Borgonha — 21.
 Rotelho de Moraes, Dr. Rodrigo — 9, 12, 17, 20, 23, 25, 44, 48, 60, 79, 87, 91, 92, 99, 107, 139, 148, 153, 157, 171, 180, 187, 189, 191, 210, 211, 220 a 222, 229, 234, 238, 254, 255, 260, 380, 381, 383.
 Bourburg — 178.
 Brabante — 44, 238, 256.
 Bragança, Casa de — 12, 13, 33, 37, 40, 52, 97, 215.
 Brandão, Fernão — 251, 267.
 Brasil — 2, 10, 14, 15, 23, 29, 44, 55, 68, 78, 82, 127 à 130, 138, 139, 142, 146, 162, 167, 176, 177, 193, 195, 203, 205, 211, 224, 231 a 233, 279, 282, 283, 290, 308 a 310, 312 a 314, 316, 317, 319, 320, 322, 324, 326, 328, 331 a 336, 339 a 343, 345, 346, 348, 349, 351, 352, 354, 356 a 359, 362 a 364, 368, 393, 394.
 Brassat — 169, 174, 177, 180, 190, 203, 204, 216 a 218, 226, 298, 310, 311, 313, 316, 317, 319, 323, 325, 329, 334, 343, 346 a 348, 350 a 355, 357, 358, 360, a 366, 368, 376.
 Brederode, Marechal de — 157, 284.
 Bristol — 353.
 Bruxellas — 40, 54, 323, 329, 366.
 Bustor — 301.
 Cabo da Boa Esperança — 163, 164, 253.
 Cabo de S.^{to} Agostinho — 330, 332, 335, 338, 342, 359, 396, 397.
 Cabo Verde — 313.
 Cabral, Fernão — 73.
 Caceres — 84.
 Cadiz — 256.
 Calabar — 399.
 Caldas — 329.
 Camara de Noronha, Domingos — 198, 285, 300, 301, 303, 305.
 Camarão — 335, 393 a 399.
 Cambrai — 143.
 Campo Maior — 168.
 Cananor — 383.
 Candia — 263, 264, 286, 379.
 Cardeal Barberini — 200, 201.
 Cardeal Bichi — 154, 248.
 Cardeal Espada — 154.
 Cardeal Facchinetti — 154.
 Cardeal Gondi — 244.
 Cardeal Mazarini — 55, 93, 100, 106, 121, 126, 130, 140, 159, 169, 174, 177, 178, 190, 196, 204, 208, 211, 216 a 219, 222, 235, 237, 250, 254, 255, 259, 261, 260, 276, 278, 290, 323, 325, 329, 335, 344, 347, 351, 353, 355, 386.
 Cardeal Pamphili — 200.
 Cardeal de Perron — 244, 270, 274.
 Cardeal de Richelieu — 51, 59, 69.
 Cardeal Sacchetti — 154.
 Cardeal Segni — 154.
 Cardeal Infante D. Fernando — 21, 116.
 Cardoso, João Baptista — 215.
 Cartagena — 111.
 Carvalho, Sebastião de — 308.
 Castelbranco, Luiz de — 377.
 Castella — 3, 16, 20, 22, 24, 27, 31, 32, 34, 35, 37, 39, 44, 45, 47, 49, 51, 54, 55, 58, 59, 61, 63, 64, 69, 71, 74, 78, 80, 82, 83, 90, 92, 95, 103, 104, 129, 145, 149, 154, 159, 168, 184, 188, 190, 192, 200, 207, 222, 223, 236 a 238, 250, 270, 271, 275, 277, 286, 316, 318, 321 a 324, 333, 338, 340, 341, 343, 345, 347, 355, 364, 366, 368, 387, 390, 396.
 Castro, Ducado de — 248.
 Catalunha — 6, 63, 79, 90, 120, 159, 180, 189, 190, 222, 235, 238, 242, 248, 260, 282, 294, 295, 297, 300, 351, 366.
 Ceará — 189, 398.
 Ceilão — 145, 168, 170, 174, 177, 186, 188, 189, 192, 198, 202, 203, 216, 217, 219, 222, 223, 228, 255, 258, 159, 265, 266, 273, 281, 285, 287 a 289, 296, 300, 301, 305 a 307, 333, 334, 340, 377 a 379, 384, 387, 388, 392, 393, 399.
 Cesar de Meneses, Pedro — 73, 206, 231, 233, 234, 307.
 Ceuta — 62.
 Charlemont, capitão de — 64, 80, 83.
 Charleville — 61, 64.
 Chigi, Monsenhor — 123.
 China — 13, 60, 163, 164, 188, 189, 198, 285, 305.
 Christianopoli — 222.
 Civita Vecchia — 323.
 Cochim — 276.
 Colombo — 202, 228, 246, 254, 296.
 Colonia — 43, 56, 69, 78, 81, 86, 104, 117, 123, 176, 237.
 Companhia da India Occidental — 2, 27, 28, 29, 55, 59, 75, 78, 85, 86, 89, 93, 95, 101, 115, 124, 128, 129, 131, 138, 139, 142, 145, 151, 161, 167, 169, 181, 191, 192, 199, 202,

- 203, 205 a 207, 212, 223, 226, 231, 232, 235, 249, 260, 264, 276, 377, 279, 281 a 283, 286, 293, 299, 301, 303, 308 a 315, 317, 319 a 322, 326, 328, 330 a 333, 335 a 339, 341 a 343, 345, 346, 349, 352 a 356, 358, 359, 361, 363, 365, 368, 369, 385 a 387, 389, 390, 394.
- Companhia da India Oriental — 27 a 29, 59, 101, 114, 115, 124, 128, 137 a 139, 145, 152, 162, 164, 167, 168, 170, 188, 199, 202, 205, 207, 211, 212, 217, 223, 225, 226, 235, 249, 254, 258 a 260, 263, 264, 267, 273, 285, 286, 294, 295, 299 a 301, 303, 307, 309, 333, 341 a 343, 347, 385 a 391.
- Conde, Antonio — 45.
- Conde de Alegrete — 327, 358.
- Conde de Arcos — 348.
- Conde de Avaux — 64, 84, 86, 89, 93, 94, 103, 105, 107, 108, 113, 119 a 122, 126, 129, 132, 196, 203, 278, 279, 281, 289.
- Conde de Barcelona — 149.
- Conde de Brienne — 265, 316, 317, 348, 353, 355, 361, 368.
- Conde de Castelmelhor — 21, 62, 76, 92.
- Conde de Chavigny — 51.
- Conde d'Estrades — 236, 237, 241, 245 a 248, 252 a 255, 257 a 260, 266, 276, 310, 364, 366 a 368, 392, 393.
- Conde de Ficalho — 215.
- Conde Mathias Galasso — 186, 187, 219, 229.
- Conde de Gassion — 330.
- Conde von Gotz — 265.
- Conde de Guebriant — 99, 91.
- Conde de Harcourt — 253.
- Conde de Hemdem — 215.
- Conde de Isquem — 321.
- Conde de Luxemburgo — 244.
- Conde de Königsmarck — 106.
- Conde Mauricio de Nassau — 60, 71, 76, 77, 111, 176, 177, 181, 231 a 233, 319, 320, 325.
- Conde de Monsanto — *vide* Marquês de Cascaes.
- Conde de Obidos — 14.
- Conde de Peñaranda — 298.
- Conde de Tarouca — 102.
- Conde da Vidigueira — 23, 24, 36, 38, 42, 55, 69, 83 a 87, 99, 109, 111, 136, 147, 149, 151, 153, 159, 160, 186, 210, 214, 220, 240, 244, 250, 284, 336, 340, 362, 363, 366, 369, 381.
- Conde de Villa Franca — 102.
- Conde Duque de Olivares — 262.
- Congo — 46, 59, 359.
- Congresso de Munster — *vide* Dieta de Munster.
- Conselho de Estado — 77.
- Constantinopla — 113, 187.
- Convento das Flamengas Capuchas — 221.
- Cornelis, Pedro — 72, 257.
- Coromandel — 299, 377.
- Correa, Simão — 203.
- Correa de Sá e Benevides, Salvador — 395, 397.
- Corunha — 236.
- Gosta, D. João da — 327.
- Coutinho, frei Luiz — 48.
- Couto Coelho, Diogo de — 215.
- Damado, Padre D. — 45.
- Darmstadt — 43.
- Dartmouth — 253.
- Delft — 165.
- Demostenes — 15, 20, 243, 262.
- Deventer — 151, 175, 176, 179.
- Dias, Henrique — 335, 359, 393 a 395, 398, 399.
- Dias Coimbra, Diogo — 157, 285.
- Dias Ferreira, Gaspar — 215, 251 a 233, 319, 320, 322, 324 a 326, 329, 370.
- Dieta de Munster — 7, 9, 11, 14, 18, 19, 25, 26, 30, 36, 41, 47, 48, 64, 69, 79, 80, 83, 91, 94, 95, 98, 102, 103, 110, 113, 140, 154, 169, 176, 184, 196, 222, 240, 346, 370, 379, 380.
- Dinamarca — 11, 69, 70, 73, 88, 98, 102 a 104, 113, 114, 118, 122, 133, 140, 141, 181, 185, 187, 214, 218, 222, 226, 277, 293, 361.
- Diu — 383.
- Doort — 7, 20, 39, 76.
- Dourado, Dr. Feliciano — 24, 25, 73, 86, 88, 89, 95, 104, 107, 113, 119, 134, 144, 169, 174, 177, 188, 192, 194, 221, 245, 247, 251, 252, 253, 258, 263, 266, 276, 292, 298, 299, 301, 303, 305, 310 a 312, 318, 325, 329, 337, 346, 373.
- Dunas — 60.
- Dunquerque — 16, 36, 73, 178, 253, 267, 299, 291, 293, 297, 300, 330.
- Duque de Alva — 184.
- Duque de Baviera — 28, 51, 81, 86, 184.
- Duque de Bragança — 154.
- Duque de Brézé — 96.
- Duque de Bulhão — 323, 325.
- Duque de Enghien — 186, 188, 301.
- Duque de Longueville — 80, 87, 254, 270, 292, 294, 318, 325.
- Duque de Nevers — 244, 270.
- Duque de Orleans — 55, 56, 143, 280, 290, 291, 298.
- Duque de Saxonia — 184.
- Duquesa de Aveiro — 73.
- Duquesa de la Tremouille — 323, 325.

Eleitor Palatino — *vide* Rei de Boemia.

Elva — 94.

Elvas — 246, 256.

Emden — 218.

Estados Geraes das Provincias Unidas — 2, 3, 4, 6, 8 a 11, 14 a 16, 19, 22, 24, 25, 27, 28, 31, 32, 34, 36 a 38, 44, 46, 47, 50, 51, 55, 57, 59, 62, 63, 68, 72, 75, 77 a 80, 82, 83, 85, 86, 89, 95 a 98, 100, 101, 103, 106, 108, 109, 111, 113 a 116, 118, 119, 122 a 125, 127, 128, 130, 131, 136 a 139, 141, 145, 156, 159 a 152, 155, 156, 160, 161, 163, 169, 174 a 179, 188, 191, 194, 198, 199, 201, 203, 204, 206, 211, 216, 217, 223, 225, 226, 229, 230, 235, 237 a 241, 246, 247, 249, 251, 252, 254, 257, 259, 260, 264, 266, 267, 273, 276, 281 a 283, 285, 289, 288, 290, 297, 299, 303, 304, 306, 308 a 310, 312 a 316, 319 a 322, 328, 329, 301 a 333, 335 a 337, 339, 341 a 346, 349, 352 a 354, 356, 357, 359, 360, 363 a 367, 369, 370, 373, 375, 377, 380, 382, 385, 386, 388 a 391, 394, 399.

Estocolmo — 380.

Europa — 287, 314, 316, 379, 388.

Evora — 142.

Faria, Gaspar de — 278.

Faria Machado, Antonio de — 377.

Fayal — 181, 193.

Fernandes Vieira, João — 396.

Ferreira Fialho, Antonio — 285, 303.

Flandres — 12, 13, 15, 17, 21, 34, 46, 53, 57, 63, 80, 82, 116, 143, 146, 165, 176, 188, 189, 193, 207, 227, 236, 238, 284, 290, 293, 301, 309, 329, 333, 343, 379, 383.

Fontainebleau — 200, 206.

França — 9, 12, 15, 22, 23, 24, 26, 27, 31, 32, 34, 37, 39, 41, 45, 47, 51, 55, 56, 58, 63, 64, 67, 69, 71, 73, 77 a 80, 82, 83, 88, 91, 99, 104, 108, 109, 113, 118, 142, 143, 152 a 154, 161, 165, 176, 177, 179, 181, 186, 188 a 192, 196, 199, 200, 204 a 207, 209, 212, 215, 216, 218, 220, 226, 235, 237, 238, 242, 244, 249, 250, 252, 253, 260, 266, 272 a 274, 276, 281, 289, 290, 292, 297, 298, 313, 316, 318, 319, 325, 333, 336, 340, 343, 343, 347, 350, 354, 356 a 358, 360 a 363, 365, 366, 368 a 370, 380, 382, 385, 390, 393, e *vide* Plenipotenciarios de França.

Franco, Manuel Garcia — 23, 46.

Frankendal — 196.

Friquete — 63.

Frisia — 218.

Galle — 138, 189, 201 a 203, 207, 223, 225, 234, 246, 254, 256, 258, 259, 263, 264, 273,

274, 280 a 283, 286, 287, 295, 369, 377 a 379, 384, 387, 388, 391.

Galliza — 72.

Gante — 16, 37, 315.

Garcia Franco, Manuel — 134, 135, 194.

Glückstadt — 94.

Gnesen — 106.

Goa — 44, 154, 155, 163, 164, 186, 197 a 199, 228, 259, 264, 287, 289, 296, 299, 305, 307, 327, 334, 340, 377, 379, 384, 388 a 391, 399.

Gomes da Fonseca, Manoel — 203, 211, 224.

Gonçalves da Camara, João — 299.

Gotemburgo — 94.

Gramonville, M. de — 278.

Grave, Philippe — 242.

Gravelines — 155, 176, 178, 181, 188, 196.

Greschein — 196.

Guedes Pereira, Manuel — 133, 228, 242, 254, 260, 266.

Gueldrá — 15, 143.

Guimarães, Dr. João de — 380, 381, 383.

Guterres, Duarte — 14, 25, 73, 88, 149, 193, 245.

Hamburgo — 32, 44, 45, 69, 70, 102, 193, 210.

Hatzfeldt, General Melchior — 265.

Haya — 67, 75, 91, 240, 310, 373, 375, 376, 381.

Helvetia — 43.

Hespanha — 4 a 6, 106, 190, 235.

Hesse — 184, 218.

Hidalcão — 383.

Hollanda — 1, 9, 22 a 24, 26, 31, 32, 35, 39, 44, 46, 47, 56, 63, 65, 85, 99, 103, 104, 108, 110, 115, 129, 132 a 134, 142, 150, 152, 153, 158, 160, 164, 167, 207, 208, 214, 215, 223, 231 a 233, 235, 245, 246, 250, 251, 268, 276, 298, 310, 320, 325, 328, 333, 353, 358, 362, 367, 368, 374, 375, 377, 381, 385, 386, 393.

Hollanda, embaixadores de — 81, 83, 86, 105, 108, 109, 118, 125.

Hollanda, provincia de — 27, 32, 41, 44, 50, 91.

Holstein — 94.

Horn, General — 94, 212, 222.

Hulst — 301, 315, 318, 324, 344.

Ilha do Anno Bom — 398.

Ilha de Antonio Vaz — 359.

Ilha do Principe — 268, 398.

Ilha de Santa Elena — 318.

Ilha de S. Thomé — 10, 75, 78, 127, 128, 138, 142, 146, 156, 189, 192, 197, 199, 202, 205, 213, 217, 228, 229, 268, 273, 274, 282, 283, 288, 289, 291, 293, 300, 303, 308, 309, 312, 317, 331, 338, 342, 398.

Ilhas Terceiras — 67, 87, 97, 163, 218.

- Imperador de Allemanha — 21, 54, 103, 113, 157, 158, 173, 176, 182, 187, 253, 305, 318, 382.
- Imperio de Allemanha — 35, 39, 51, 58, 69, 80, 103, 104, 109.
- Imperio Romano — 4.
- India — 2, 7, 29, 41, 44, 66, 101, 106, 114, 115, 137, 138, 142, 145, 154, 156, 162 a 164, 174, 177, 178, 181, 188, 191, 197, 198, 205, 216, 218, 222, 223, 226, 228, 229, 234, 241, 252, 253, 255, 257, a 260, 263 a 266, 273 a 276, 283 a 287, 289, 291, 292, 294 a 296, 299 a 301, 305, 307, 309, 318, 327, 331, 333, 334, 339, 343 a 345, 347, 350, 356, 357, 369, 378, 384, 385, 389, 390, 392, 393, 399.
- Infante D. Afonso de Portugal — 116, 117, 374.
- Infante D. Duarte de Portugal — 24, 182, 185, 230, 231, 284, 289, 318, 341.
- Inglaterra — 22, 32, 45, 67, 69, 70, 81, 99, 102, 105, 119, 140, 141, 163, 178, 192, 218, 222, 234, 253, 278, 318, 326, 329, 350, 356, 358, 359.
- Inquisição — 239.
- Irlanda — 369.
- Italia — 12, 134, 140, 141, 145, 149, 197, 280, 292, 366, 375.
- Itamaracá — 359, 364, 370.
- Jacatará — 285, 299, 303, 377.
- Japão — 189.
- Jesu, frei Estevam de — 215.
- Juliers — 43.
- Junta de Munster — *vide* Dieta de Munster.
- Kunpe — 94.
- Lamboy, General — 330.
- La Motte-Houdancourt, Marechal de — 91, 157, 159, 180, 236.
- Lamp, Alex — 288.
- Lansgravina de Hesse — 184, 218.
- Lemos, capitão Pedro de — 46, 53, 56, 60, 70, 80, 88.
- Leon, M. de — 325.
- Lerida — 179, 180, 188, 190.
- Lichtardt, Almirante — 336, 395.
- Liegia, pais de — 43, 144.
- Limburg — 43.
- Linc — 299.
- Lionne, H. de — 329.
- Lisboa — 9, 20, 42, 44, 51, 56 a 58, 62, 83, 93, 111, 119, 121, 133, 134, 164, 192, 214, 227, 241, 242, 262, 269, 276, 279, 293, 295, 298 a 300, 302, 303, 312, 320, 323, 329, 350, 351, 381.
- Loanda — 398.
- Londres — 119, 178, 253, 274, 276, 340.
- Lopes Coutinho, Diogo — 173.
- Lorena — 43, 297, 309.
- Lubeque — 207.
- Lucena, Francisco de — 88.
- Luis (D.) de Portugal — 11, 38, 39, 45, 49, 80, 81, 83, 102, 110 a 112, 116, 117, 142, 144, 177, 179, 181 a 184, 210, 250, 251, 267, 323, 325, 326, 329, 331, 332.
- Macao — 188, 189, 197, 285, 299 a 301, 340.
- Madrid — 14, 72, 75, 84, 92, 146, 179, 214, 230, 324, 348.
- Maduré — 202, 378.
- Magalhães, G. de — 58.
- Malaca — 156, 377, 384, 387, 389.
- Mar Balcico — 212.
- Maranhão — 9, 75, 78, 127, 128, 138, 142, 146, 156, 179, 189, 213, 234, 398.
- Mardick — 291, 293, 297, 298, 344.
- Marquez de Alemquer, 57.
- Marquez de Brandenburg — 184.
- Marquez de Cascaes — 40, 62, 87, 95, 100, 106, 123, 125, 132, 133, 136, 146, 147, 151, 155, 157, 159, 161, 164 a 168, 175, 178, 184, 200, 210, 211, 220, 222.
- Marquez de Castello Rodrigo — 58, 80, 99, 102, 146, 209, 345.
- Marquez de la Tour — 279.
- Marquez de Leganéz — 348, 351.
- Marquez de Montalvão — 84, 207, 210, 211, 221, 222, 224, 226, 231, 233, 320, 324, 398.
- Marquez de Vilhena — 111.
- Marquez de Rouillac — 176, 179, 200, 236, 246.
- Marquez de Saint-Romain — 189.
- Marquez de Torracusa — 230.
- Marselha — 197, 325.
- Martins, Diogo — 194.
- Massango — 234.
- Mascarenhas, D. João — 329, 330.
- Mascarenhas, D. Philippe — 189, 285.
- Mastrique — 64, 144.
- Mello, Francisco de — 12, 16, 21, 36, 37, 40, 45, 54, 63, 80, 146, 155, 262.
- Mendes Mergulhão, Gonçalo — 17.
- Mendes de Vasconcellos, Joanne — 94.
- Mendonça Furtado, Tristão de — 50, 127, 128, 156, 161, 162, 248, 264, 265.
- Menezes, D. João de — 269, 271, 274, 276, 290, 302, 324, 327, 363.
- Middleburg — 237.
- Milão — 4, 58, 148, 149.
- Mina — 189, 282, 398.
- Moçambique — 377.

- Mogor — 383.
Moguncia — 43, 196.
Monis de Carvalho, Dr. Antonio — 21, 31 a 33, 37, 52, 61, 64, 79, 107, 122, 132, 191, 192, 197, 266, 284, 292, 302, 306, 310, 311, 330, 350, 352, 355, 358.
Monson — 91.
Monteiro, Dr. Nicolao — 221, 244, 247, 259, 269 a 272, 274, 275, 277, 278, 280, 283, 289, 292, 324, 353.
Montijo — 209, 256.
Mosa — 237.
Mota — 297.
Munster — 9 a 11, 20, 22, 23, 26, 28, 31, 36, 37, 41, 43, 48, 50, 54, 59, 64, 67, 69, 71, 75, 78, 79, 81 a 83, 86, 87, 91, 92, 95, 96, 99, 100, 104, 106, 108 a 111, 113, 118, 119, 121, 123 a 127, 131 a 133, 136, 140, 147, 149 a 151, 155, 158, 161, 163, 164, 169, 172, 173, 175, 176, 178, 180, 185, 196, 200, 209, 220, 225, 238, 241, 242, 249, 253 a 255, 266, 269, 274 a 276, 278 a 280, 284, 289, 290, 292, 294, 295, 297, 303, 316, 318, 321, 327, 334, 341, 344, 346, 351, 352, 355, 366, 368, 381, 392.
Muts, Secretario — 127, 311, 334.
Namur — 36, 37, 40.
Nantes — 175, 178, 294, 299, 369.
Napoles — 4, 38, 49, 142, 251.
Nassau, Henrique de — 77.
Nassau, Casa de — 184.
Navarra — 4, 149.
Nazareth — 330, 396, 400.
Negumbo — 219, 222, 228, 258, 285, 296, 300, 307, 399.
Nobrega, Dr. — 266.
Nogueira, João — 34.
Noronha, Thomás de — 314.
Nunes, Jeronimo — 132, 179, 318, 357.
Nunes da Costa, Duarte — 12, 14, 18, 21, 22, 33, 45, 48, 66, 74, 76, 79, 84, 88, 101, 149, 225, 316, 318.
Oliveira — 253, 331, 344.
Olmütz — 113.
Oppenheim — 196.
Ordem de Christo — 239.
Ormuz — 76, 78, 384.
Osnaburg — 79, 157, 292, 303, 311, 346.
Paes Viegas, Antonio — 28.
Palatinado — 28, 43, 51.
Papa Clemente VIII — 244, 270.
Papa Gregorio XIII — 244.
Papa Julio II — 272.
Papa Sixto V — 244, 270.
Pará — 198, 398.
Parahiba — 311, 312, 330, 350, 359, 364.
Paris — 27, 41, 43, 49, 64, 87, 95, 99, 125, 147, 206, 319, 325, 358, 368.
Parlamento de Inglaterra — 70, 222, 293.
Parlamento de Paris — 245.
Passau — 190, 265.
Penim, Monsignor — 226, 228 a 230, 235, 260.
Pereira, Mamede — 54.
Pereira de Castro, Dr. Luiz — 9, 15, 20, 22, 25, 31, 37, 41, 43, 50, 57, 58, 61, 62, 71, 76, 77, 79, 80, 82, 83, 87 a 89, 91 a 93, 96, 99, 100, 103, 105 a 107, 109, 110, 112, 113, 118 a 122, 125, 126, 129, 131 a 133, 146 a 151, 153, 155 a 160, 171, 172, 179, 180, 189, 191, 196, 197, 200, 203, 210, 211, 220, 222, 253, 268, 274, 275, 292, 325, 326, 328, 335, 347, 352, 364, 367, 380, 381.
Pereira de Sande, Jorge — 159.
Pernambuco — 16, 41, 44, 46, 68, 76, 77, 85, 86, 111, 146, 215, 232, 233, 279, 308, 309, 312 a 314, 316, 317, 319, 321, 322, 324, 326 a 328, 330 a 338, 340 a 343, 345, 347, 349 a 352, 354 a 356, 359 a 362, 364, 369, 370, 393, 394, 399, 400.
Persia — 154.
Peru — 111, 112.
Phillippine — 21, 275.
Phillipsburgo — 188, 196.
Picardia — 244.
Piccolomini, Marechal Octavio — 63, 79, 91, 92, 146, 155, 309, 330.
Picini — 33, 48, 58.
Pinto, Manuel Alvares — 71.
Plenipotenciarios de França (Avaux e Servien, q. v.) — 65, 72, 77, 79 a 83, 85, 86, 89, 90, 92, 94, 96, 102, 103, 105, 106, 108, 111, 118, 126, 132, 140, 146, 147, 149, 150, 157, 172, 179, 266, 275, 280, 355, 366 a 368.
Polonia — 11, 107, 182, 185, 197, 210, 324.
Pomerania — 69.
Ponsi, D. Luiza — 75.
Porto — 27, 28, 42, 62, 144.
Porto Calvo — 330.
Portugal — 4 a 7, 10, 11, 14, 16, 17, 24, 32, 34, 45, 49, 51, 56, 57, 59, 63, 65, 67, 69, 75, 76, 78, 86, 87, 93, 95, 102, 104, 108, 113, 114, 128, 129, 132, 138, 142, 145, 149, 151, 153, 157, 158, 168, 169, 173, 175, 176, 180, 184, 186, 189, 191, 199 a 201, 204, 206 a 208, 210, 211, 213, 216, 217, 222 a 224, 227, 229 a 232, 237, 239, 241, 242, 245, 248, 252 a 254, 260 a 262, 265 a 267, 271, 273, 274,

- 276, 277, 269, 281 a 283, 290, 291, 293, 294, 296, 300 a 303, 305, 306, 309, 313 a 316, 318 a 321, 323, 326, 327, 331, 333, 338, 343 a 346, 348 a 353, 357, 358, 360, 366, 373, 380, 382, 387, 389, 390.
- Praga — 265.
- Princesa Anna de Saxe — 184.
- Princesa de Boemia — 165.
- Princesa de Orange, Emilia de Solms — 11, 12, 15, 30, 39, 45, 47, 61, 81, 144, 211, 233.
- Príncipe de Orange, Frederico Henrique — 1, 11, 12, 15, 20 a 23, 26, 31, 36, 38, 45, 47, 57, 59 a 63, 81, 85, 86, 89, 91, 101, 102, 110, 111, 116, 117, 120 a 122, 125, 128, 131, 138, 143 a 146, 149, 150, 153, 155, 157, 169, 171, 174 a 176, 178, 180, 184, 186, 188, 193, 202, 204, 206, 209 a 211, 217, 218, 229, 232, 235, 246, 247, 249, 250, 254 a 257, 266, 269, 273, 276, 279 a 281, 284, 286, 288 a 291, 293, 294, 298 a 301, 304, 312, 315, 316, 318, 324, 326, 329, 332, 335, 340, 344, 346, 347, 351, 353, 355 a 358, 362, 363, 366, 368, 373, 375, 376, 381.
- Príncipe Palatino — 28.
- Príncipe de Parma — 248, 292.
- Príncipe de Polonia, Casimiro — 11.
- Príncipe D. Theodosio — 38, 53, 253.
- Príncipe de Transilvania, Jorge Rákóczy — 103, 104, 113, 123, 125, 155, 187, 219.
- Prior do Crato, D. Antonio — 38, 218, 250.
- Priorado do Crato — 116, 117.
- Provincia de Schone — 212, 222.
- Provincias Unidas — *vide* Estados Geraes.
- Rainha de Boemia — 11, 42, 171, 172, 178.
- Rainha de Castilla, D. Isabel — 71, 129.
- Rainha do Congo, Ginga — 46.
- Rainha de França, D. Ana de Austria — 24, 36, 37, 39, 41, 51, 54, 56, 59, 69, 77, 85, 90, 103, 123, 170, 323, 366.
- Rainha de Inglaterra, Henriqueta Maria — 73, 130, 229.
- Rainha de Portugal, D. Leonor — 224.
- Rainha de Portugal, D. Luisa de Gusmão — 81, 322.
- Rainha de Suecia, Christina — 184.
- Ramires, Lopo — 12, 17, 46, 134, 154, 165, 194, 195, 267, 288.
- Recife — 308, 312, 330, 336, 339, 350, 352, 358, 359, 369, 394 a 396.
- Rei de Boemia — 6, 178, 184.
- Rei de Castilla, D. Fernando o Catholico — 4, 272.
- Rei de Castilla, D. Philippe II — 128, 286.
- Rei de Castilla, D. Philippe IV — 23, 49, 59, 69 a 71, 88, 157, 158, 173, 182, 188, 196, 201, 207, 222, 236, 270, 272, 318, 382, 390.
- Rei do Congo — 232.
- Rei de Dinamarca — 94, 212, 270.
- Rei de França, Henrique III — 128.
- Rei de França, Henrique IV — 126, 244, 270, 271, 275.
- Rei de França, Luiz XII — 4.
- Rei de França, Luiz XIII — 2, 13, 200, 380, 381.
- Rei de França, Luiz XIV — 6, 24, 32, 39, 42, 56, 57, 63, 93, 109, 118, 123, 124, 130, 139 a 141, 146, 148, 150 a 153, 155, 160, 162, 170, 174, 182, 184, 191, 196, 202, 204, 216 a 218, 240 a 242, 248, 253, 259, 261, 273, 276, 279, 292, 310, 313, 317, 336, 346, 353, 354, 360, 361, 366, 385, 390.
- Rei de Inglaterra, Carlos I — 70, 117, 253, 336.
- Rei de Napoles, Fadrigue — 4.
- Rei de Polonia — 106, 181, 183 a 187.
- Rei de Portugal, D. Afonso V — 272.
- Rei de Portugal, D. João I — 224.
- Rei de Portugal, D. João III — 3.
- Rei de Portugal, D. João IV — 3, 4, 6, 7, 13, 14.
- Rei de Portugal, D. Manoel — 3.
- Rei de Portugal, D. Sebastião — 3, 223, 358.
- Rio de Janeiro — 60, 193, 360, 395.
- Rio de S. Francisco — 33, 359.
- Rio Real — 394.
- Rheno — 43.
- Rochela — 54, 62, 93, 286, 380.
- Rocroy — 40.
- Rodrigues de Matos, Balthazar — 135, 194, 195.
- Rodrigues de Matos, Manoel — 134, 165.
- Roma — 49, 106, 108, 117, 134, 142, 153, 154, 181, 200, 210, 211, 221, 227, 243, 244, 247, 248, 250, 251, 255, 256, 259, 261, 267, 270, 272, 274, 275, 277, 278, 280, 281, 289, 290, 314, 323 a 325, 353, 392.
- Rosas — 290.
- Rotterdam — 40, 60, 290.
- Rozario, fr. Antonio do — 120.
- Ruão — 319, 328.
- Ryswick — 373.
- Saavedra, D. Diogo de — 47.
- Saboia — 103.
- Salamanca, D. Miguel de — 238, 318.
- Salema, André — 286, 287, 292, 295, 297, 305, 307.
- Salvaterra — 15, 28, 92.
- Santarem — 120.

- São Cristovão — 398.
São Lucar — 96, 253.
São Malo — 102.
Sapata — 129.
Sarangossa — 219.
Sas de Gand — 21, 157, 176, 178, 180, 186,
188, 193, 211, 376.
Scutum, Samuel — 225.
Sergipe del Rei — 156, 217.
Serinhaem — 396, 397.
Serra Leoa — 397.
Serrão de Paiva, Jeronimo — 336, 395.
Servien, Abel — 92, 121, 122, 132, 146, 147,
190, 230, 248, 281, 367.
Setubal — 24, 90, 221, 242.
Severim, Gaspar Faria — 102.
Severim, João de — 194.
Sevilha — 324.
Skinken — 143.
Soares, Martins — 395 a 397.
Sobserra — 212.
Sousa, D. Lourenço de — 224, 226.
Sousa de Macedo, Dr. Antonio de — 99, 158,
168, 170, 174, 177, 186, 189, 222, 228, 230,
234, 274, 276, 293, 298, 340, 347.
Sousa de Tavares, Dr. Antonio de — 45, 209,
288.
Speyer — 196.
Steli, João — 134.
Strozzi, Philippe — 218.
Suecia — 11, 22, 28, 32, 39, 44, 57, 69, 73, 78,
82, 84, 90, 94, 98, 102 a 104, 108, 122, 123,
133, 134, 140, 141, 155, 180, 187, 196, 211,
214, 218, 226, 249, 277, 286, 311, 318, 350,
361, 380 a 383.
Surrate — 274.
Tabor — 265.
Tamandaré — 395, 396.
Tanger — 62, 65, 72, 102.
Taquete — 33, 48, 58, 61, 66, 84, 88, 93, 100,
148, 153, 154, 224.
Tarragona — 155, 180, 190, 197.
Telles da Silva, Antonio — 328, 332, 335, 336,
393, 399, 400.
Tello de Menezes, D. João — 237, 242, 247.
Thionville — 21, 34, 36, 37, 40, 196.
Thuillerie, Gaspar de la — 107, 119, 126, 132,
226, 365, 369, 376.
Toledo — 116, 151.
Torlon — 398.
Torre de Belem — 221.
Torre de S. Julião — 221.
Torre do Outão — 221.
Torre do Tombo — 220.
Torstensson, General Lennart — 106, 186,
187, 219, 265.
Transilvania — 103, 104, 187.
Tréveris — 43, 56.
Trip, Pedro — 225.
Tromp — 344.
Tuy — 63.
Utrecht — 121.
Ungria — 113, 123, 125, 187, 219.
Valença — 221.
Valverde — 62, 94.
Van Diemen, Governador — 356, 377, 386 a
389.
Van Til, Coronel — 256.
Veneza — 13, 48, 90, 103, 104, 113, 149, 230,
239, 244, 253, 278, 292, 334, 340, 347.
Vianna — 42.
Vice-rei da India — 334, 340, 347, 377, 388.
Vidal, André — 359, 395 a 397.
Vieira, P.º Antonio — 365, 367, 369, 370.
Vieira da Silva, Pedro — 9, 10, 12, 13, 34, 35,
39, 102, 165, 171, 219, 294, 295, 297, 346.
Vienna — 43, 54, 58.
Vilhena, P.º Francisco de — 398.
Villa Nova de Portugal — 92.
Villa Viçosa — 9, 29, 54, 75, 198, 214, 219.
Vismar — 79.
Vu (Wood?) , Guilherme — 88.
Waes, país de — 188, 284, 321.
Worms — 196.
Wosberg — 109.
Zeelanda — 39, 212, 223, 242, 309, 311, 326,
332, 334, 336, 338, 342, 345, 353, 357, 358,
367.
Zurita — 272.

INDICE GERAL

	Pág.
Prefácio	III
Introdução.	VII
Cartas.	I
Apêndice:	
Fragmento de uma carta de Sousa Coutinho sobre a sua jornada de Hollanda	373
Carta de André Salema a El-Rei sobre as desavenças com os hollandezes	377
Accordo dos Embaixadores Sousa Coutinho, Andrade Leitão e Rodrigo Botelho sobre os negocios de Munster.	379
Outra carta de André Salema a El-Rei sobre as desavenças com os hollandezes	384
Carta de El-Rei a Sousa Coutinho sobre os actos de hostilidade commettidos pelos hollandezes na India	385
Carta de El-Rei ao Conde da Vidigueira sobre a mediação do Rei de França. . . .	»
Compendio dos incidentes da India redigido por Sousa Coutinho.	386
Carta de El-Rei ao Conde da Vidigueira approvando o accordo com os Estados.	392
Carta de El-Rei ao mesmo desapprovando o accordo.	»
Carta de El-Rei a Sousa Coutinho sobre os successos do Brasil	393
Carta de Antonio Telles da Silva a El-Rei sobre os successos do Brasil	394
Carta de El-Rei aos Estados Geraes sobre os successos do Brasil	399



ERRATAS

Pág.	Linha	Erros	Emendas
10	32	como	com
15	21	preço	preça
"	26	embaxador	embaxada
17	1	acudiram	acudirem
18	9	das	e ás
20	5	premiças	premiças
"	24	persuadido a	persuadido das
24	3	á villa	á vella
29	1	e practica	a practica
30	27	temo	tomo
"	28	amizada	a mercê
31	9	foi	fiz
"	24	prover	prôvera
32	7	elle	ella
37	4	estas	estes
"	7	nellas	nelles
41	22	os	aos
"	26	estão	está
42	7	10 e 19	10 e 14
44	7	duvidar	cuidar
45	15	sabe	sabia
"	18	primeira que	primeira cousa que
48	32	o veremos	veremos
49	40	pagar	consinar-lhe
50	33	outra)	outra cousa)
51	6	sahido	sabido
"	16	pagão	pegão
52	6	o... melhor	o ser melhor
"	17	por	para
53	5	fiada	fiador
55	13	arriscando a	arriscado á
56	6	a Reno	o Reno
57	2	Marques se Alenquer	Marquês de Alenquer
"	17	obrasse	obre-sse
"	39	virão	vierão
58	21	dirão	dão
60	26	a	o

Pág.	Linha	Erros	Emendas
61	27	a	o
»	»	nella	nelle
»	74	Rio	Reino
64	4	para	fôra
65	26	o ponto	a ponto
67	3	logo	largo
72	15	e pod[eria] V. Magestade ter	<i>elimine-se</i>
»	32	por	para
»	45	muito nelle	muito tento nelle
73	3	3o	35o
»	24	vy	sym
74	8	passado	passador
76	20	de offiçio	do offiçio
77	27	saneado	saneando
»	38	sahir	se vir
78	9	o que	a que
79	21	teve	tive
»	»	vou	vem
»	27	folgará	folgára
80	25	ser	senhor
81	21	fis	fio
83	33	fará	fora
86	7	aceitar	aceitar dinheiro
92	26	3r	2r
94	17	Herno	Horn
96	31	Occidental	Occidental (<i>sic</i>)
97	45	está (?)	esta
105	6	Parece razão de estado,	Pouca razão de estado
»	7	Conheço	conhece
108	4	esa minha	o raminho
109	43	Olanda	Zelanda
113	23, 24	escuros	escuzos
122	8	duvidas	dividas
127	20	que oje estavam	que estavam
128	40	podera	se pode
133	36	sofrimento	soprimento
142	12	pouco	público
143	28	muito neste	muito ter neste
146	23	pano	hum pano
153	45	Lei	Sée
155	12	dous	dous pares
158	»	para	por
»	22	bem	bom
160	44	hum	huma
162	37	se	ou
164	38	se	té
165	15	sinalarmos	sinalar-nos
»	20	e aqui	de aqui
171	24	mais	mas
172	42	verá	crerá
176	6	e Flandes	Flandes e
177	14	4	8
179	17	o nós	a nós

Pág.	Linha	Erros	Emendas
179	21	e	a
184	25	podello	pollo
191	20	em	com
194	40	das sinco	sós sinco
196	nota	Mariz	Mainz
205	11	apaziguadas	apaniguados
206	15	por	para
207	31	melhoram	melhoramento
215	18	ategoro	ategora
218	20	geral	general
"	38	principe	principal
220	10	passou	pecou
"	2 (da nota 1)	a risco	á risca
221	15	mas	nas
225	5	reput[çã]o	reputa[çã]o
228	32	solicitaeas	solicitadas
230	38	direito	dinheiro
231	2	direito	dinheiro
"	"	seder	se der
234	35	migo	amigo
239	11	nos	voz
245	23	que os traduze	quem os traduza
"	31	effeito	affecto
246	25	mi-	mil
"	26	em	e vem
253	35	6oo	600
260	10	justificação	ratificação
262	14	principal	<i>elimine-se</i>
"	15	que	<i>elimine-se</i>
278	8	missões	mercês
"	12	Ossat (?)	Ossat (Mat?)
"	31	Lonte (?)	Lonte (Levante?)
287	39	tinha	tenha
288	4	<i>quisquid</i>	<i>quicquid</i>
"	5	<i>dimiudum</i>	<i>dimidium</i>
289	43	seus	ser
294	40	; foi	foi;
299	17	á India da	da India á
304	35	delles	de V. Ex. ^{cia}
310	17	fl. 275.	fl. 353.
311	7	Guaspar	grafier
320	3	ha	hé
325	23	escrevo	escreve
327	19	calhão	cállão
"	26	não	vão
330	22	S. Augusto	S. Agustinho
331	19	tormento	tormenta
337	12	executavão	excusavão
341	45	toneladas	libras
349	3	podermos	podemos
351	28	e consentem	o consentem
"	39	senhor	V. Ex. ^{cia}
354	25	em que ha	em que he

Pag.	Linha	Erros	Emendas
374	30	achou lhe	achou elle
377	36	Conde Rey	Conde V. Rey
379	25	6 ^o	6 ^o xerafins
388	22	tres	señores
389	35	tres	señores
399	3	na costa	na nossa costa

PLEASE DO NOT REMOVE
CARDS OR SLIPS FROM THIS POCKET

UNIVERSITY OF TORONTO LIBRARY

DP
634
S6A4
1920
v.1

Sousa Coutinho, Francisco de
Correspondência
diplomática de Francisco de
Sousa Coutinho durante a sua
embaixada em Holanda

